

ARQUIVOS DE ZOOLOGIA

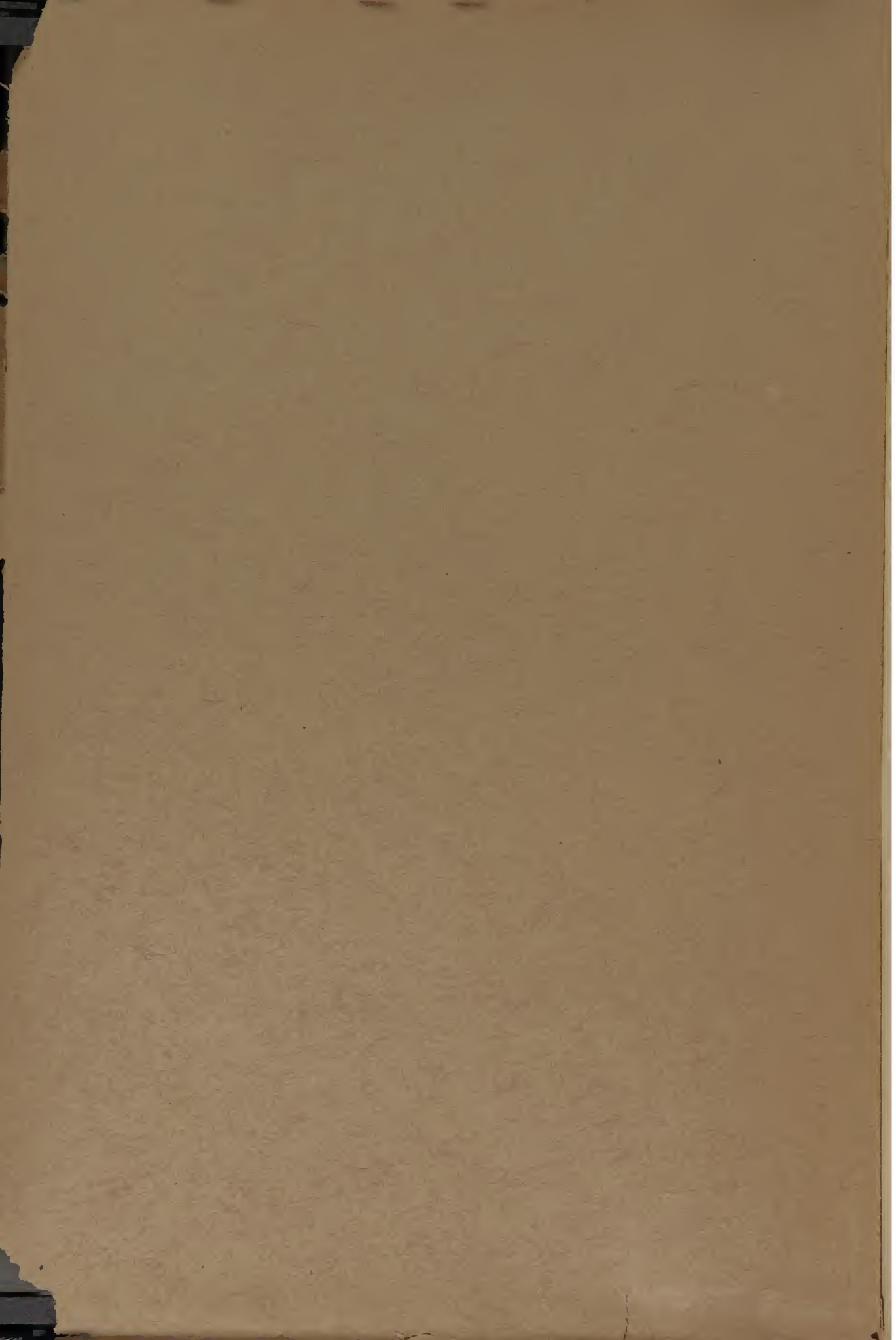
DO

ESTADO DE SÃO PAULO

VOLUME VIII

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA DA SECRETARIA DA AGRICULTURA
SÃO PAULO — BRASIL

1955



ARQUIVOS DE ZOOLOGIA

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

VOLUME VIII

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA DA SECRETARIA DA AGRICULTURA
SÃO PAULO — BRASIL
1955

PREFACIO

Três anos decorridos após o seu início, transpondo obstáculos que desconhecera os seus predecessores, sai hoje a lume o tomo VIII destes "Arquivos de Zoologia". Para o demorado dessa gestação, concorreu a conveniência de apressar a saída de seu imediato na série, constituído unicamente da segunda e última parte da "Lista de Peixes de Agua-doce", de H. W. Fowler, insistentemente reclamada pelos possuidores da primeira.

A época que atravessamos, ninguém o ignora, é particularmente difícil para quaisquer cometimentos editoriais, inclusive, senão principalmente, para os dependentes de verbas orçamentárias, como é o nosso caso. Não obstante, razões temos para acreditar na possibilidade de enviar muito breve para o prelo os primeiros originais do tomo X, para o qual já dispõe o Departamento de Zoologia, prontos ou em via de conclusão, algumas importantes monografias.

São Paulo, 12-VII-1955.

Olivério M. de Oliveira Pinto.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	VII
N.º 1 — PINTO, OLIVÉRIO Súmula histórica e sistemática da Ornitologia de Minas-Gerais	1
N.º 2 — CARRERA, MESSIAS Sôbre a tribo <i>Megapodini</i> (<i>Diptera</i> , <i>Asilidae</i> , <i>Dasy-</i> <i>pogoninae</i>)	53
N.º 3 — TRAVASSOS FILHO, LAURO Redescrição de <i>Corematura</i> Butler, 1876 e de suas duas espécies (<i>Lepidoptera</i> , <i>Ctenuchidae</i>)	89
N.º 4 — MORRETES, F. LANGE DE Novas espécies brasileiras da família <i>Strophocheilidae</i>	109
N.º 5 — VIEIRA, C. Roedores e Lagomorfos do Estado de São Paulo . . .	129
N.º 6 — CARRERA, MESSIAS As espécies neotrópicas do gênero <i>Diogmites</i> (<i>Diptera</i> , <i>Asilidae</i>)	169
N.º 7 — VIEIRA, C. Sôbre uma coleção de Mamíferos do Estado de Alagoas	209
N.º 8 — SOARES, BENEDICTO A. M. e HÉLIA E. M. SOARES Monografia dos gêneros de Opiliões neotrópicos . . .	225
N.º 9 — SAWAYA, MICHEL PEDRO Observações sôbre <i>Catorama herbarium</i> Gorh. (<i>Besouro</i> <i>bibliófago</i>) e respectiva simbiose	305
N.º 10 — TRAVASSOS FILHO, LAURO Notas de Nomenclatura — II. Prioridade de Druce (1898) em alguns gêneros de <i>Ctenuchidae</i> (Lep.) Atribuídos a Hampson (1898)	333
N.º 11 — VIEIRA, C. DA CUNHA Lista remissiva dos Mamíferos do Brasil	341

SÚMULA HISTÓRICA E SISTEMÁTICA

DA

ORNITOLOGIA DE MINAS-GERAIS

por

OLIVÉRIO PINTO

I — PRÓLOGO

Em confronto com os vizinhos Estados do este-meridiano brasileiro, acha-se ainda o de Minas Gerais em situação de grande vantagem no que respeita à ornitologia. Decorre isso da vastidão e desigualdade de seu território, que nunca fôra objeto de exploração metódica sob êsse ponto de vista, e ainda do fato de se encontrarem os informes sôbre a matéria disseminados em contribuições fragmentárias, e fontes de difícil acesso. Estas e outras razões nos levaram anos atrás a uma tentativa de recenseamento avifaunístico dos diferentes distritos zoogeográficos compreendidos nos limites políticos do Estado em questão, como ponto de partida para estudo mais largo sôbre a sua ornitologia. Circunstâncias de vária ordem vieram infelizmente se opôr a que fôsse dado pleno desenvolvimento ao nosso projeto, de que todavia foi passo inicial a expedição zoológica ao trecho mineiro do vale do Rio Doce, por nós realizada em 1940, sob os auspícios do Departamento de Zoológia, da Secretaria da Agricultura de São Paulo.

Ao esboçar o interrompido plano, nosso primeiro cuidado foi inventariar as espécies ornitológicas de cuja ocorrência em Minas Gerais tem-se a prova através dos exemplares ao nosso alcance, ou da literatura técnica do assunto. A lista que hoje resolvemos publicar, resultado dêsse trabalho preparatório, quando para mais não sirva, irá facilitar a outros o estudo mais completo que não temos muita esperança de poder realizar algum dia.

Antes, porém, tanto quanto nô-lo permitem os recursos bibliográficos disponíveis, é de utilidade uma vista d'olhos sôbre a história das explorações ornitológicas realizadas em solo mineiro. É o que faremos a seguir.

II — HISTÓRICO

Com exceção talvez do Espírito Santo, o conhecimento da avifauna de Minas Gerais iniciou-se mais tardiamente do que nos Estados litorâneos com êle limitantes, a Bahia e o Rio de Janeiro muito em particular, os quais, antes mesmo da abertura dos portos do

Brasil às nações estrangeiras (1808), já forneciam espécimes para os museus e gabinetes de história natural. Pelas mesmas razões, ao inverso do que aconteceu nos dois Estados há pouco mencionados, nunca houve em Minas exportação apreciável de exemplares preparados, durante o tempo em que tal comércio fôra permitido.

O primeiro naturalista a percorrer o Estado de Minas com olhos voltados para a avifauna parece ter sido GEORG WILHELM FREIREYSS, que tendo vindo para o Brasil em outubro de 1813, trazido pelo barão de Langsdorff, aceitava no ano seguinte o convite de WILHELM v. ESCHWEGE para uma longa excursão pelo interior da então capitania. Dessa viagem deixou-nos Freireyss minucioso relatório manuscrito, tornado de fácil alcance através da tradução publicada por A. Löfgren (1). Partindo do Rio de Janeiro a 29 de Junho de 1814, a 1.º de agosto transpunham os viajantes o Rio Paraíba, ingressando no território de Minas, rumo a Vila Rica (atual Ouro Preto), onde chegam a 9 de agosto, com passagem por Juiz de Fora (3 de outubro), Barbacena (6 de out.), Congonhas do Campo (8 de out.) e lugares intermédios. A 2 de setembro, seguem para o norte os dois expedicionários, em demanda das minas de chumbo de Abaeté, onde aportam a 18 de setembro, depois de atravessar o Rio São Francisco (13 de setembro) e percorrer longo trecho de sertão bruto. Deixando a "fábrica de chumbo" de Abaeté (11 de outubro), retornam a Vila Rica, onde se demoram cerca de um mês, ao cabo do que (22 de dezembro) seguem em excursão aos índios Puris, aldeados na confluência do Rio Bacalhau com o Piranga (um dos formadores Rio Doce), perto de Sant'Ana dos Ferros, (24 de dezembro). Acompanhados agora pelo Sr. Guido Marlière, diretor dos índios, visitam ainda os Coroados do Presídio de São João Batista, nas margens do Rio Xopotó, afluente septentrional do Rio Pomba. Finda a viagem com essa excursão aos aldeamentos de índios, também minuciosamente relatada por Eschwege (2), já em meados de 1814 se achavam Eschwege e Freireyss de novo no Rio de Janeiro. Não há indícios de que se houvesse colecionado algum material ornitológico durante essa extensa peregrinação; mas, o relatório de Freireyss está cheio de observações sobre as aves que nela mais lhe chamaram a atenção, destacando-se especialmente as referentes ao "galito", curioso tirânida encontrado no trajeto entre o Rio São Francisco e Indaiá, pelo seu autor descrito e figurado como espécie nova, sob o nome de *Muscicapa alector*.

O botânico francês AUGUSTE DE SAINT HILAIRE, que em 1816 (10 de junho) foi trazido ao Rio de Janeiro pelo Duque de Luxemburgo, juntamente com o zoólogo Delalande, assumiu com o prematuro regresso deste último para a Europa o encargo de colecionar também espécimes animais, empreendendo a breve prazo, nesse caráter, longa viagem pelo Estado de Minas Gerais. Tendo como companheiro o Barão de LANGSDORFF e o botânico brasileiro ANTONIO GOMES, nos fins do mesmo ano (7 de dezembro) parte ele do Rio de Janeiro, por terra, em direção a Vila Rica, onde permanece uma quinzena, hospedando-se em casa de Eschwege. Prossegue de-

(1) G. W. Freireyss, *Viagem ao interior do Brasil nos anos de 1814-1815*. Traduzido pelo Dr. Albert Löfgren e publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. XI, 1906, pags. 158-228.

(2) Wilhelm von Eschwege, *Journal von Brasilien*, pte. I, pags. 1-174 (Weimar, 1818). Sobre a vida e obra do Barão de Eschwege cf. o recente livro de Fred. Sommer, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1952.

pois para o norte, passando por Mariana, Itajurú (onde se desliga de Langsdorff, que volta para o Rio), Santa Bárbara, Itabira, Itambé, e alcançando em comêços de abril Vila do Príncipe, onde se detem alguns dias. Deixando êsse lugar (9 de abril de 1817), continua no mesmo rumo, através das matas dos rios Doce e Suçui, até Peçanha, quando visita e observa os índios Coroados, ali aldeados em vários quartéis. Nova jornada leva-o até a Vila do Fanado (depois Minas Novas), de onde sai em excursão (18 de maio) ao povoado de São Miguel, no Rio Jequitinhonha, que navega de canoa águas abaixo, retornando ao Fanado em fins de junho. Prosseguindo, passa por Arassuaí e, rumando agora para oeste, passa por Contendas e transpõe o Rio São Francisco (meados de agosto), ao nível de Salgado (atual Januária). Encaminha-se então para o distrito diamantino, alcançando Tijuco (atual Diamantina), de onde, após a permanência de um mês (30 de outubro), dirige-se, em viagem de regresso, para o sul, passando por Sabará (fins de janeiro), Vila Rica (8 de fevereiro), São João del Rei (22 de fevereiro) e alcançando finalmente o Rio de Janeiro (17 de março de 1818), após 15 meses de ausência.

Ao cabo de cerca de quatro meses de permanência no Rio de Janeiro, inicia St. Hilaire outra viagem a Minas Gerais (26 de janeiro de 1819), em cujo território penetra utilizando desta vez o caminho mais comum, através da baía e do Rio Inhomirim águas acima, galgando a Serra da Estrêla, e atravessando em seguida o Rio Preto (10 de fevereiro), afluente do Paraíba. Fazendo escala em muitos lugarejos do sudeste mineiro, demora-se quase um mês em São João del Rei, impedido de prosseguir pela moléstia e consecutivo falecimento de seu auxiliar francês, de nome Pregent, que contraira paludismo nas margens do vizinho Rio das Mortes, formador septentrional do Rio Grande. Rumando então para oeste, passa por Oliveira, Formiga, Piumi, Araxá e Patrocínio (1.º de maio), quando endireita sua rota para o norte, até Paracatú (15 de maio), onde se demora uns poucos dias, fazendo coleções. Voltando de novo para oeste, não tarda a alcançar o Registro dos Arrepellidos (27 de maio), na fronteira do Estado de Goiás, cujo sul explora durante mais de três meses, em longo itinerário que não cabe aqui pormenorizar. Regressa de novo a Minas, através do Rio Paranaíba (6 de setembro), junto à foz do Rio das Pedras. Transpõe o chamado Triângulo mineiro, visitando a então aldeia de Santa Ana do Rio das Velhas (9 de setembro), Uberaba Legítima (atual Uberlândia) e Uberaba, até atravessar o Rio Grande (24 de setembro de 1819) e penetrar no Estado de São Paulo.

Em todas as suas peregrinações, ao lado da Botânica, alvo principal de suas atenções, parece ter-se também Saint Hilaire ocupado da coleta de espécimes zoológicos, aves inclusive. Todavia, depois da mencionada morte de seu auxiliar nos trabalhos de preparação, muito deve ter diminuído neste terreno a produção do naturalista, cujo material foi totalmente enviado parar o Museu de Paris. Por infelicidade, como era muito de hábito naqueles tempos, só muito excepcionalmente foram os exemplares acompanhados de etiqueta explicativa, ignorando-se por conseguinte a procedência exata e a época de coleta da grande maioria deles. Talvez por isso mesmo, nunca foram objeto de estudo especial.

FRIEDRICH SELLOW é nome que se liga intimamente ao de Freireyss, não só por ter, como êste último, vindo para o Brasil por intermédio do barão GEORGE HEINRICH VON LANGSDORFF, como por haverem juntos tomado parte em expedições de coleta zoológica e botânica, entre as quais se destaca, pela sua importância, a do Príncipe MAXIMILIAN VON WIED NEUWIED. A viagem dêste último pelo este brasileiro não abrangeu porém o território de Minas Gerais, de cuja fronteira septentrional todavia muito se aproximou, ao cortar os sertões do atual Estado da Bahia, na região chamada dos Campos Gerais. Tendo aportado ao Brasil na primavera de 1814, poucos meses depois de seu referido companheiro, só quatro anos mais tarde, ao depois de travar conhecimento com OLFERS e dêste aceitar a companhia e colaboração, iria Sellow palmilhar o solo de Minas. À falta de dados mais precisos para traçar o roteiro dêste ativo colecionador, sabemos (1) que ambos se achavam em Ouro Preto em setembro de 1818, de onde no começo do ano seguinte (4 de abril) alongam as suas excursões até o Rio das Velhas e o de São Francisco, passando por Sabará, Mariana e Serra do Itambé. Na volta, detêm-se em São João del Rei (6 de maio), passam por Campanha (1.º de junho) e rumando depois para o interior de São Paulo, com destino a Ipanema. Segundo Stresemann (2), a quem se devem também informações preciosas sobre a vida e as atividades de Sellow, nada menos de 873 exemplares ornitológicos foram remetidos do Rio para o Museu de Berlim, oriundos dessa excursão. Todavia, deu-se com eles também a triste circunstância de ficarem sem os rótulos indicativos da localidade e época de coleta, talvez retirados após a sua chegada ao destino.

A jornada de J. B. v. SPIX e C. F. v. MARTIUS pelo território de Minas Gerais, parte da viagem memorável que ambos realizaram através do Brasil, o primeiro como zoólogo e o segundo como botânico, antecede de alguns meses a de Sellow e Olfers, não obstante a chegada daqueles ao nosso país (15 de julho de 1817) tenha sido posterior de mais de três anos à dos últimos. Procedendo também de modo inverso, Spix e Martius penetraram em solo mineiro pelo Rio Camanducaia (fevereiro de 1818), vindos de Ipanema, no Estado de São Paulo. Após terem passado pelos numerosos lugares situados neste trecho do sudeste de Minas, como São Vicente, Santa'Ana do Sapucaí, São Gonçalo, Campanha e Rio Verde (atual Três Corações), transpõem o Rio das Mortes e chegam a São João del Rei; todavia, aí pouco se detêm, rumando para Vila Rica, capital da então Capitania, que alcançam ao cabo de poucos dias, tendo transposto durante êste percurso o Rio Paraopeba, afluente da margem oriental do Alto Rio São Francisco. Recebidos amigavelmente em Vila Rica por Eschwege, diretor e engenheiro-chefe das minas, tiveram Spix e Martius o ensejo de ali se encontrar com o capitão Guido Marlière, que lhes deu tôdas as instruções necessárias à desejada visita aos índios aldeados no Rio Xopotó, sob a chefia do último, e tendo o Presídio de São João Batista como centro. Essa excursão, que lhes dera o ensejo de passar em Maria-

(1) Cf. Ign. Urban, *Biographische Skizzen I: Friedrich Sellow*, *Englers Botan. Jahrb.*, VII, p. 177-198 (1893). — Fr. Hoehne, *O Jardim Botânico do Estado de São Paulo*, ed. da Secret. da Agricultura (1941), p. 194-227.

(2) Erwin Stresemann, *Der Naturforscher Friedrich Sellow († 1831) und sein Beitrag zur Kenntnis Brasiliens*, em *Zoologische Jahrbucher*, Abt. f. System., *Bol. LXXVII*, H. 6, pp. 401-425 (16-X-1948).

na, durou de 31 de março a 21 de abril, quando se achavam de novo em Vila Rica. Outra excursão empreendem então Spix e Martius, percorrendo agora as altas serras da vizinhança, aí compreendidos os picos do Itacolomi e Itabira, com passagem, na volta, por Congonhas do Campo, Serra do Caraça, Inficionado e Catas Altas. De volta a Vila Rica, demoram-se apenas o tempo necessário para o prosseguimento da viagem (em 21 de maio) em direção ao distrito diamantino, com escala por Sabará, Caeté, Vila do Príncipe (atual Serro) até, finalmente, o arraial do Tijuco (hoje Diamantina). Deixando Tijuco, cujas redondezas percorreram até Itambé, e de onde procedem alguns dos exemplares ornitológicos mais notáveis colecionados por Spix, dirigem-se os dois naturalistas para Arassuaí, cujas cercanias exploram durante todo o mês de junho, visitando várias localidades (Buriti, Água Suja, Sucuriú de Cima etc). Dirigem-se em seguida (4 de julho) para oeste, atravessando primeiro o Jequitinhonha, passando depois por Formiga e Contendas, para alcançar o Rio São Francisco, que transpõem nas proximidades de Salgado (atual cidade de Januária). Voltando agora para o norte, não tardam a atravessar (meados de agosto) o Rio Carinhanha e pisar o solo da Bahia, onde cessa a parte do itinerário relacionada com o assunto objetivado neste relato. A contribuição trazida dessa viagem à ornitologia de Minas Gerais foi das mais importantes, e acha-se contida nos dois grandes volumes consagrados ao assunto por Spix (1). Conservados no Museu de Munich, os tipos de Spix foram no começo deste século minuciosamente estudado por Hellmayr em trabalho clássico (2).

O naturalista austríaco JOHANNES NATTERER viera para o Brasil, como Martius e Spix, em 1817, acompanhando o séquito da princesa Leopoldina d'Austria, depois primeira imperatriz do Brasil. Todavia, embora quase vinte anos de contínuas viagens o tenham consagrado como o maior dos colecionadores da época pioneira da exploração zoológica de nosso país, de Minas Gerais Natterer cortou apenas a porção mais ocidental, habitualmente chamada Triângulo, tendo vindo de São Paulo, através do Rio Grande (19 de abril de 1823). Sabe-se, pelo diário organizado por Pelzeln, (2) que a permanência de Natterer no Porto do Rio Paraná (nome da época) prolongou-se por mais de um mês, mas não há dados para saber-se si as coleções ali feitas procedem de ambas as margens do grande rio, que então, como hoje, separava São Paulo de Minas Gerais. Mas é mineira a localidade Quartel da Posse (2 de junho), em que passou a caminho de Uberaba Legítima (9 de junho) e de Sant'Ana do Rio das Velhas (11 de junho), que ficava à época na divisa entre Minas e Goiás. Prosseguindo, toca no engenho das Furnas (12 a 15 de junho), à margem do ribeiro do mesmo nome, corta o córrego do Pissarrão (16 de junho), passa no povoado de São Domingos, e transpõe afinal o Rio Paranaíba, limite atual do Estado de Goiás.

No mesmo ano e nas mesmas circunstâncias que trouxeram até nós Spix e Martius, chegou ao Brasil o botânico J. E. POHL, de

(1) J. B. Spix, *Avium species novae, quas in itinere per Brasiliam annis 1817-1820 etc.*, vol. I (1824) e II (1825).

(2) C. E. Hellmayr, *Revision der Spix'schen Typen brasilianischer Vögel*, em *Abhandlungen der K. Bayer. Akad. der Wissens.*, II Kl., XXII Bd. III Abt. München, 1905.

(2) August von Pelzeln, *Zur Ornithologie Brasiliens*, Itinerarium, pags. I-XX (1871)

Viena (4 de novembro de 1817). Todavia, a longa jornada dêste naturalista pelo interior do Brasil, Minas Gerais inclusive, entre comêços de 1818 (15 de fevereiro) e de 1821 (26 de fevereiro), não interessa senão indiretamente à ornitologia, pelas descrições minuciosas dos lugares insertas nos dois volumosos tomos que sôbre ela veio a publicar. (1).

Muito mais obscuro do que o do precedente, pelo menos entre os não ornitologistas, é o nome do naturalista francês EUGÈNE MÉNÉTRIÈS, que também viajou por Minas Gerais, colhendo boa cópia do material com que mais tarde lançaria os fundamentos do estudo das aves pertencentes à grande família dos Formicariídas. Trazido ainda jovem, na qualidade de colecionador, pelo cônsul da Rússia, barão de Langsdorff, por ocasião da última vinda dêste último para o Brasil (fins de 1821), ocupou-se a princípio Ménétrès em atividades que não nos foi possível apurar através das fontes bibliográficas ao alcance; mas é de crêr não se tivesse afastado do Rio de Janeiro, retido pelo seu chefe, cuja grande viagem pelo interior era sempre adiada. Seja como for, a julgar pelo que pôde averiguar Stresemann, só em abril de 1824 vêmo-lo deixar a capital, como companheiro de Langsdorff, numa expedição a Minas Gerais, de que também tomaram parte o botânico LUDWIG RIEDEL e o pintor MORITZ RUGENDAS. O itinerário dessa viagem é ignorado em seus pormenores, mas sabe-se que tendo passado por Ouro Preto durante o mês de julho, no fim do mesmo ano (12 de dezembro) alcançavam ambos Diamantina, onde deram por finda a viagem, retornando ao Rio de Janeiro. Pouco depois desligava-se Ménétrès da comitiva organizada por Langsdorff, regressando a São Petersburgo (fevereiro de 1825).

Ao supramencionado botânico L. Riedel, a quem deve o Brasil tantos assinalados serviços no campo da História Natural, estava reservado o privilégio de ser também companheiro e guia do naturalista estrangeiro que mais longamente se ocupou com a zoologia de Minas Gerais, ao conhecimento de cuja avifauna prestou particularmente importante contribuição, sob certos aspectos não ultrapassada até hoje. Referimo-nos ao dinamarquês WILHELM LUND. Tendo aportado pela primeira vez no Rio de Janeiro pelos fins de 1825 (8 de dezembro), entretêm-se a princípio em investigar os arredores da cidade, de onde procedem alguns exemplares colecionados durante o ano de 1826; mas, já no ano seguinte, fixando-se transitòriamente em Nova Friburgo, intensifica os seus trabalhos de campo, e acrescenta às suas coleções número crescente de espécimes, muitos dos quais acusam como proveniência as fazendas Morro Queimado e Rosário, em que fez demorado estágio. Embora alongasse depois daí a sua excursão, chegando até a Aldeia da Pedra, no Rio Paraíba (julho de 1828), não chegou desta feita a transpôr a fronteira de Minas Gerais, voltando para o Rio, com destino à Europa (janeiro de 1829).

Retornando porém ao Brasil em 1833 (19 de janeiro), empreendeu Lund ao cabo de pouco tempo, na companhia de Riedel, a grande viagem que teve como epílogo a sua definitiva fixação em Lagoa Santa, pequeno povoado do interior de Minas Gerais, próximo

(1) Um extenso resumo, em português, da obra de J. E. Pohl foi publicado por A. Taunay, em Anais do Museu Paulista, Vol. XII (1945).

da margem esquerda do Rio das Velhas. Omitindo os pormenores da parte da jornada relativa ao Estado de São Paulo (1), podemos acompanhar, pelos espécimes ornitológicos colecionados, o roteiro dos dois viajantes no território de Minas Gerais. Entrando pelo Triângulo Mineiro, ficou a marca de sua passagem por Uberaba (31 de julho a 4 de agosto de 1834 e Sant'Ana da Barra do Rio das Velhas (11 a 13 de agosto). Depois de curta digressão pelo sul de Goiás (Catalão), volta muito breve a pisar o solo mineiro, prosseguindo a viagem, com escala por Paracatu (3 a 15 de setembro), Córrego Rico (17 de setembro), Lagoa dos Porcos (18 de setembro), Sant'Ana dos Alegres e Lagoa Dourada (20 de setembro), Fazenda das Lages (26 a 29 de setembro), Abaeté (1 de outubro), Rio São Francisco (2 de outubro), Andrequecé (7 de outubro), até Curvelo (10 a 20 de outubro). De Curvelo viajam para Ouro Preto, onde, convalescente de moléstia séria, se despede Riedel de Lund, que prossegue desde então a sós as suas peripetias. Após duas semanas de parada em Mariana (3 a 17 de janeiro de 1835), retorna Lund a Curvelo, passando então vários meses na fazenda Porteirinhas, como hóspede de Claussen, colono alemão que conhecera no mesmo dia em que chegara à localidade, pela primeira vez. Em outubro de 1835 vemos Lund fixar definitivamente residência em Lagoa Santa, que daí em diante será o teatro de suas operações, até a sua morte, ocorrida em 5 de maio de 1880. Em Lagoa Santa, conquanto as suas atenções se voltassem predominantemente para o estudo das cavernas fossilíferas da região, ocupou-se Lund durante vários anos em coligir exemplares ornitológicos, que ia remetendo para o Museu de Copenhague. Esses exemplares procediam não só dos arredores mesmos do povoado, mas também de vários sítios situados nas proximidades, como a Fazenda Mocambo (maio de 1836 e abril de 1837), Fazenda do Engenho (abril de 1836), Lagoinha (id.), Sumidouro (julho e agosto de 1840, abril de 1842), Lagoa dos Pitos (julho a setembro de 1843, agosto de 1844) e Lapa do Baú (setembro de 1843).

Si muito fez Lund, pessoalmente, pelo progresso da ornitologia brasileira, mais para isso contribuiu ainda chamando para continuá-lo nesta tarefa o Prof. J. T. REINHARDT, do Museu Zoológico de Copenhague. Aportando ao Brasil no fim do primeiro semestre de 1847, segue logo Reinhardt em meados de junho ao encontro de seu compatriota, passando por Juiz de Fora (21 de junho), Nascimento (dia 23), Ressaquinha (dia 25) e Cachoeira do Campo (30 de junho). Chegado a Lagoa Santa, inicia sem demora as suas atividades ornitológicas, rotulando espécimes com o nome dessa localidade já em meados do mês seguinte (17 de julho) e comêços de agosto. Seguindo de certo as instruções de Lund, explora também a vizinha Lagoa dos Pitos (20 e 22 de agosto), a Fazenda Capão (20 de setembro) e a Lagoa do Sumidouro (outubro). Com uma viagem à Europa, interrompe-se a partir dos dois últimos meses de 1847 a sucessão cronológica dos espécimes ornitológicos, que todavia se reata em comêços de outubro de 1850, através de exemplares conseguidos em excursões pelos arredores de Lagoa Santa, entre os quais Lapa Vermelha (maio e julho de 1851), Ribeirão do

(1) Cf. O. Pinto, *Peter W. Lund e sua contribuição à ornitologia brasileira*, em "Papeis Avulsos do Departamento de Zoologia", vol. IX, pgs. 269-283 (1950).

Mato (setembro) e Ribeirão da Raposa (novembro). Algumas peças atestam a permanência de Reinhardt na localidade em questão durante os dois primeiros meses de 1852; mas a partir daí instala-se novo hiato, correspondente com toda probabilidade a uma nova ida para a Europa. Seja como fôr, pois para informação mais precisa há falta de fontes bibliográficas, em novembro de 1854 se acha Reinhardt novamente em Lagoa Santa, rotulando espécimes de Capela Nova (7 de novembro) e Sete Lagoas, os primeiros da longa série que iria ainda reunir no curso do seguinte ano de 1855, visitando novos pontos, como Rio da Casca (5 de abril), Sumidouro (8 de julho, 21 de setembro) e Rio das Velhas (agosto). Exemplares de Toboleiro Grande (15 de outubro), Andrequecé (26-31 de outubro), Ribeirão da Tolda (27 de outubro) e Porto das Barreiras (29 de outubro), atestam excursão mais longa, e última, até Curvelo (22 de outubro), onde se demoraria cerca de um mês, percorrendo de novo os lugarejos próximos. Do ponto de vista da ornitologia, a contribuição pessoal de Reinhardt supera muito a de Lund, por isso que a êle coube estudar todo o material por ambos colecionados, tomando-o como base de sua importantíssima contribuição ao conhecimento da avifauna dos campos do Brasil (1), dada a lume quinze anos mais tarde.

Nos trabalhos de Reinhardt são consignados alguns exemplares colecionados por E. WARMING, demonstrando que êste notável botânico, incidentalmente se ocupou também de ornitologia durante os quase três anos (8 de julho de 1863 a 24 de abril de 1866) que passou em Lagoa Santa, a convite e na companhia de Lund. Para o ornitólogo é de sumo interesse o livro intitulado "Lagoa Santa", em que Warming apresenta o fruto de seus estudos sobre a flora dos campos do interior do Brasil, com fundamento nas demoradas observações por êle feitas naquele povoado e seus arredores. Em tempos mais recentes, a região de Lagoa Santa deve ter fornecido novos exemplares ornitológicos para os museus; mas, faltam-nos dados sobre os respectivos colecionadores, com exceção de R. A. BECKER, que encontramos mencionado por Hellmayr como tendo estado no Rio da Velhas em 1914, a mando, parece, do Museu de Tring.

Outro viajante naturalista a que a ornitologia de Minas deve também contribuição apreciável, é HERMANN BURMEISTER. A despeito de não haver colecionado exemplares, no extenso relato de suas peripetivas pelo território da então província, deixou-nos êle minuciosa narrativa de viagem, com amidiadas referências à avifauna dos lugares em que permaneceu, ou por onde apenas transitou. Particularmente importantes são as notas e observações que teve ocasião de fazer sobre a avifauna das matas do sudeste mineiro, até então praticamente inexploradas sob o ponto de vista que nos ocupa. Burmeister chegou ao Rio de Janeiro em 23 de novembro de 1850; mas, por haver se demorado vários meses em Nova Friburgo (24 de dezembro de 1850 a 9 de abril de 1851), só em comêços do ano seguinte se pôs a caminho, atravessandó os rios São José, Santo Antônio, Dourado e Macuco, para chegar em Cantaga-

(1) J. Reinhardt, *Bidrag til Kundskab om Fuglefaunaen i Brasiliens Campos*, em *Videnskabelige Meddelelser den naturhistoriske Forening Kjöbenhavn*, 1870, pags. 1-124 e 315-454.

lo, de onde prossegue até a Aldeia da Pedra (atual Itaocara), próximo à confluência do Rio Pomba com o Rio Paraíba. Aí se deteve Burmeister vários dias, com o fito de observar os índios Coroados e Puris restantes do antigo aldeamento, e já reduzidos à domesticidade, sob a chefia do franciscano Frei Florido de Castelo. A seguir, atravessa o Rio Paraíba e pouco depois o Rio Pomba, cuja margem septentrional acompanha, alcançando ao cabo de poucos dias a fronteira de Minas Gerais, em Santo António de Pádua (26 de abril). Começa então Burmeister a sua rota pela região densamente florestada do Rio Pomba, passando por vários lugarejos, como Capivari, Laranjal (27 de abril), Santa Rita da Meia Pataca (28 de abril), Fazenda da Cachoeira (29 de abril), até a Vila da Pomba (30 de abril), onde faz um dia de descanso (1 de maio); transpõe, a seguir, a Serra da Mantiqueira, aí chamada de São José (3 de maio), atravessa, perto das cabeceiras, o Rio Xopotó, formador oriental do Rio Doce. No dia imediato, depois de passar o Rio Piranga (outro formador do Doce) junto do arraial a que dera o nome, transpõe o Rio Bacalhau (afluente ocidental do alto Rio Doce), passa por Mainarte (5 de maio), Ourives e Mariana (6 de maio), para chegar em Ouro Preto (7 de maio). Retoma o caminho após trégua de dois dias, e prossegue em marcha célere, fazendo escala em várias localidades, inclusive Sabará (11 de maio) e Sta. Luzia (12 de maio), situadas ambas já à margem do Rio das Velhas, que o viajante não tarda a transpor, sôbre ponte de madeira, antes de chegar finalmente a Lagoa Santa (13 de maio), onde o esperava a recepção cordial de Lund e Reinhardt. Em companhia destes, empreende muitas excursões, quer às grutas, quer à grande Lagoa, que minuciosamente descreve. Prosseguindo a rota prefixada, deixa Lagoa Santa a 3 de junho; mas, pouco havia viajado, quando tem a perna quebrada, em consequência de uma queda de cavalo. Obrigado a modificar os seus projetos de viagem por êste brutal acontecimento, cessam a partir daí as atividades naturalísticas de Burmeister, que se vê na contingência de voltar a Lagoa Santa, de onde só sairá quase dois meses depois (30 de julho), mudando-se para Congonhas, em busca de tratamento. O curso de sua viagem de regresso, ao cabo de três meses e meio (18 de novembro) de permanência em Congonhas, não oferece qualquer interêsse para esta narrativa. Escolhendo caminho direto, apenas faz breve parada em Barbacena (30 de novembro), atravessa os rios Paraibuna (7 de dezembro) e Paraíba, tomando o caminho de Petrópolis (11 de dezembro), e chegando finalmente ao Rio de Janeiro (14 de dezembro). A 15 de janeiro de 1852 regressou Burmeister à Europa, deixando definitivamente o Brasil, cujo solo nunca mais haveria de palmilhar, embora atravessasse mais tarde o oceano, rumo à capital da República Argentina, de cujo museu de História Natural foi diretor durante muitos anos de atividade ininterrupta e fecunda. O livro que nos legou de sua viagem ao Brasil, (1) só agora vertido para nossa língua, dá conta pormenorizada de todos os lugares visitados e peripécias sofridas, registrando as muitas observações que lhe foi dado fazer como naturalista, grande número

(1) Dr. Hermann Burmeister, *Reise nach Brasilien*, Berlin, 1853. Traduzida para o português por Mel. Salvaterra e H. Schoenfeldt, ed. Livraria Martins, vol. XIX da Bibl. Histórica Brasileira (1952).

das quais de interesse especial para o ornitólogo. Em seu resumo sistemático dos animais do Brasil, (2) régio presente com que fez enriquecer a literatura relativa à fauna indígena de Mamíferos e Aves, é apresentada a grande experiência pessoal adquirida por Burmeister durante os anos de permanência em nosso País.

Ao trecho da viagem de FRANCIS CASTELNAU relativo a Minas Gerais não parece ligar-se nenhum fato de importância para a ornitologia. Não obstante, relata-lo-emos em suas grandes linhas, quando mais não seja pelas notas, escassas embora, que contém sobre algumas aves observadas nesta parte de sua longa jornada pela América do Sul (1). Tendo aportado ao Rio de Janeiro em 17 de junho de 1843, trazendo consigo vários auxiliares e companheiros, entre os quais se destacam o médico WEDDELL, e o naturalista DEVILLE, só a 12 de outubro iniciava Castelnau a viagem pelo interior, utilizando o costumeiro itinerário pelo Rio Inhomirim. Nos altos da Serra da Estrêla, em cujo alto interrompem a jornada, estacionam os expedicionários alguns dias (14 e 16 de outubro), durante os quais realizam excursões em torno de Quartéis Novos (atual Petrópolis). Prosseguindo, atravessam os rios Paraíba (6 de outubro) e Paraibuna (8 de outubro), entrando em Minas Gerais, com rumo a Barbacena, em que se demoram perto de uma quinzena (15 a 28 de novembro). Dirigem-se então para Ouro Preto, onde chegam alguns dias após (3 de dezembro), tendo passado antes por Queluz (30 de novembro). O encontro com Claussen facilita aos viajantes excursões proveitosas pelos arredores da velha capital de Minas, onde alongam a sua estada por perto de uma quinzena. Deixando Ouro Preto (17 de dezembro), seguem para Sabará (27 de dezembro), com escala em pontos intermédios, entre os quais merecem destaque as catas e minas que tiveram o ensejo de conhecer, ao passarem por Itabira (18 de dezembro), Congonhas do Campo e Morro Velho (23 a 27 de dezembro). Partindo de Sabará (8 de janeiro de 1844), continuam rumo ao ocidente, passando em Curral del Rei (atual Belo Horizonte) e numerosos lugarejos, como Pitangui (20 de janeiro), situados entre os rios Paraopeba (atravessado a 14 de janeiro) e São Francisco, que transpõem em balsa (25 de janeiro), para continuar no mesmo rumo, através de novos pousos e vilarejos, tais como o arraial de Dores (26 de janeiro) e a povoação de Abaeté (31 de janeiro). Passam depois em São Sebastião (5 de fevereiro), detêm-se dois dias na fazenda Salitre, e mais alguns na vila de Patrocínio (8 a 10 de fevereiro), para fazer pouso mais demorado em Sant'Ana do Rio das Velhas (16 a 20 de fevereiro). Mais alguns dias de marcha levam-nos por fim ao Rio Paranaíba, tendo antes atravessado o seu pequeno afluente Rio das Pedras (22 de fevereiro), próximo do povoado minúsculo da Estiva. Transposto o Paranaíba, limite natural de Minas e Goiás, cessa a parte da viagem relacionada com o assunto presente.

Pelo ano de 1885, pouco depois de haver aportado ao Rio de Janeiro, viajou por Minas Gerais o entomologista francês PIERRE EMILE GOUNELLE, com o fito especial de colecionar beija-flores, de

(2) H. Burmeister, *Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens*, 3 vols., Berlin, 1856.

(1) Da viagem de Fr. Castelnau foi publicada em data recente uma tradução, sob o título "Expedição às Regiões Centrais da América do Sul", Cia. Editora Nacional, série "Brasiliana", vols. 266 e 266A (1949).

que chegou a possuir notável coleção. Não nos foi permitido, por falta de fontes bibliográficas, rastrear por miúdo o itinerário que adotou; mas é possível reconstituí-lo em suas linhas gerais, sabendo-se que naquele ano reunira exemplares no Pico de Itacolomi (ao sul de Ouro Preto) e em Diamantina. Depois daí, é também sabido que peregrinou por outros Estados do Brasil, percorrendo o interior da Bahia (1890), Pernambuco (1892-3), Ceará e Pará, donde é possível que haja regressado para Europa. Em todo o caso, exemplares de beija-flôres, colecionados na Serra do Caraça em abril de 1899, provam que anos depois esteve Gounelle novamente em Minas Gerais, tendo antes jornadeado por São Paulo (1898).

Entrando no século atual, uma das primeiras contribuições a serem assinaladas é a de um antigo correspondente do Museu Paulista, o sr. J. B. DE GODOY, que durante muitos anos residiu em Mariana, sua terra natal, ocupando na coleta de aves os vagares deixados pela sua profissão de farmacêutico. Todavia, a maioria dos exemplares enviados por êle à mencionada instituição, entre os anos de 1900 e 1906, procede da vizinha localidade de Vargem Alegre. Alguns datam de época mais remota, devendo ter sido colecionados nos últimos anos da passada centúria.

Em 1901 chegou ao Brasil o naturalista-colecionador A. ROBERT. Durante vários anos esteve entre nós, percorrendo os Estados litorâneos (Rio, São Paulo, Bahia, Pernambuco) e uma parte de Minas Gerais. Pouca informação podemos obter sôbre as atividades dêste ativo colecionador; mas, pelas referências feitas por C. E. Hellmayr a exemplares por êle coligidos, sabemos que em comêços de 1901 (30 de março) esteve em São Francisco (Serra da Mantiqueira, 1580 metros), passando-se no meado do mesmo ano para a região ocidental extrema do Triângulo, onde explorou os arredores das lavras de Água Suja, e muito particularmente o Rio Jordão (maio e junho de 1901). Também andaram pela mesma localidade o sr. S. A. BAER (1906), antes de se passar para Goiás, e um colecionador de nome ODILO A. DE CARVALHO (1908), de quem o Museu de Munich recebeu espécimes.

Foi também por essa época que fez sua primeira visita a Minas Gerais ERNEST GARBE, o diligente colecionador graças ao qual H. Ihering conseguira o grosso das séries que enriqueciam o velho Museu Paulista. Procedente de Caravelas, no sul da Bahia, e utilizando a via férrea que parte daquela cidade, limitou Garbe suas atividades à região de Teófilo Otoni (outubro e novembro de 1908), com breves paradas nas estações de Mucuri (setembro) e Mairinque (dezembro), aquela na ida e esta na volta da viagem.

É ainda E. Garbe quem o Museu Paulista em abril de 1912 envia ao Rio São Francisco, com a incumbência de coligir material zoológico para as suas coleções. Os exemplares ornitológicos, obtidos durante uma permanência de muitos meses, trazem todos o rótulo de Pirapora, na margem direita do rio, onde a linha férrea tinha à época seu ponto terminal. Muitos anos mais tarde (1925), foi o mesmo lugar visitado pela Sra. E. SNETHLAGE, então ornitologista contratada do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Estendendo sua viagem rio abaixo, Snethlage explorou também as vizinhanças de Januária, onde conseguiu exemplares de um pássaro que depois descreveria como novo.

Ao Museu Paulista, já agora sob a administração da Affonso d'E. Taunay, devemos nova contribuição à ornitologia de Minas, e tanto mais valiosa quanto se refere à avifauna da mata, muito menos conhecida do que a dos campos. Referimo-nos aos trabalhos de PINTO DA FONSECA, iniciados em 1918 nos arredores de Mariana. Em junho do ano seguinte, na qualidade agora de naturalista-colecionador da mencionada instituição, partia Fonseca de Mariana para Ponte Nova, na margem oriental do alto Rio Doce. Tomando aí o ramal da Leopoldina em direção ao arraial de S. Sebastião de Entre Rios, adjacente ao Rio Matipoó, segue em demanda da grande zona florestal ainda então existente na região fronteira mineiro-espiritossantense. Durante cêrca de três meses colecionou Fonseca nas cercanias do arraial, visitando amiudadas vêzes a Fazenda Floresta, situada no meio de extensas matas virgens, e distante do povoado cêrca de duas léguas. Em meados de julho fez uma excursão ao Quartel do Sacramento, coligindo material no rio do mesmo nome, e regressando depois a São Sebastião.

As coleções de Pinto da Fonseca valeram a inclusão de várias espécies na avifauna silvestre de Minas Gerais, tais como *Accipiter superciliosus*, *Chelidoptera tenebrosa*, *Dysithamnus plumbeus*, *Thamnophilus caesius*, *Attila rufus*, *Rhytipterna simplex*, *Tanagra seledon*.

Não se tem notícia de contribuições importantes à ornitologia de Minas durante os anos que se seguiram; o que não exclue as ocasiões poucas em que andaram pelo Estado, em visita mais ou menos demorada, um ou outro interessado nestes estudos. Neste número, merece destaque a Sra. E. Snethlage, já antes referida, que em 1925 coligiu espécimes ao longo do Rio São Francisco, perto de Januária, e no Rio Gualacho, subafluente da margem esquerda do Rio Doce, ao norte de Mariana.

Em 1929 temos a registrar os trabalhos de um habil ornitologista-colecionador, o sr. EMIL KAEMPFER, que durante os anos de 1926 a 1931 percorrerá os Estados orientais e o norte do Brasil, colhendo nada menos de 10.000 exemplares para o American Museum of Natural History, de New York. Do itinerário que dessas atividades publicou a sra. Elsie Naumburg (1), distinta ornitologista sob cuja orientação esteve Kaempfer, ficamos sabendo que êste colecionador se limitara em Minas Gerais a explorar a parte oriental extrema, estagiando sucessivamente em Resplendor (9 a 13 de janeiro), à margem direita do Rio Doce, São Benedito (16 a 22 de janeiro), no baixo Rio Manhuaçu e, finalmente, a Serra de Caparaó. Ê esta o limite natural entre Minas-Gerais e Espírito Santo, e, visto que até então nunca houvera sido visitada por naturalista, parece ter sido o objetivo principal da excursão de Kaempfer a Minas. Depois do Pico da Bandeira (31 de julho, 1 e 29 de agosto), ponto culminante da serra, fez o colecionador estações em vários pontos de altitude decrescente, situados uns no vale do Rio Caparaó, e outros no do Rio São Domingos. Êsses dois rios contravertem nessa região, banhando grandes extensões de campo, que por isso passaram a ser conhecidas pelas denominações de Campos do Caparaó e Campos do São Domingos (10 a 25 de agosto e 5 de setembro).

(1) Elsie Naumburg, *Gazetteer and Maps showing Stations visited by Emil Kaempfer in eastern Brazil and Paraguay*, em Bull. of the American Museum of Natural History, vol. LXVIII, art. VI, pags. 449-469 (1935).

Há cerca de vinte anos, adquiriu o Museu Paulista, de um colecionador alemão de nome JOSÉ BLASER, pequeno lote de espécimes ornitológicos, parte dos quais proveniente do Rio Pandeiro, afluente da margem ocidental do Rio São Francisco, próximo ao norte extremo de Minas. Esse material foi coligido a partir dos últimos dias de dezembro de 1931, até comêços de fevereiro do ano seguinte, e é principalmente constituído de aves aquáticas e ribeirinhas. Posteriormente, deu entrada no mesmo instituto uma centena de exemplares, colecionados em Maria da Fé pelo autor do presente trabalho, durante os últimos dias de 1935 e todo o mês de janeiro de 1936. A composição da avifauna daquela localidade serrana, como era de esperar de sua altitude e situação, provou em tudo análoga à da região paulista de Campos de Jordão, que lhe fica muito próxima. Um casal de *Poospiza lateralis*, espécie muito característica desse distrito montanhoso, parece ser o único documento da ocorrência deste pássaro no Estado de Minas.

A avifauna da região sul-mineira do alto Rio Doce recebeu entre 1933 e 1938 apreciável contribuição da parte de JOÃO MOOJEN, durante o período em que este distinto zoologista, hoje do Museu Nacional, exercera as funções de professor na Escola Superior de Agricultura de Viçosa. O grosso do material colecionado por Moojen procede das cercanias mesmo desta cidade mineira; mas, boa parte dêle foi obtida em excursões a pontos mais distantes, como o Rio Matipoó (julho de 1939), cujas cabeceiras demoram muitas léguas ao norte da dita, e Pirapora (janeiro, 1937), na margem direita do Rio São Francisco. Todo esse material foi ter ao Museu Nacional, consignado a Alípio de Miranda Ribeiro, que se limitara a determiná-lo.

Em 1939, pelo sr. C. LAKO, alguns espécimes ornitológicos foram colecionados para o Serviço Nac. da Febre Amarela, nas vizinhanças do Rio Paraíba, aí compreendidas as localidades de Volta Grande e Porto Novo.

No início do segundo semestre de 1940, por iniciativa nossa, empreendeu o Departamento de Zoologia uma viagem científica ao curso do médio Rio Doce, com o objetivo de investigar a fauna silvestre da região, na previsão, infelizmente prestes a confirmar-se, da completa destruição das matas que a tornaram particularmente famosa. Além do autor do presente estudo, a cujo cargo esteve a organização e andamento dos trabalhos, tomaram parte dessa expedição, como auxiliares e colaboradores, BENEDITO A. M. SOARES, distinto biólogo da mencionada instituição, e A. M. OLALLA, conhecido naturalista-colecionador.

Partindo de São Paulo a 11 de agosto, via Belo Horizonte, já na manhã seguinte nos dirigíamos para a margem direita do Rio Piracicaba, próximo de sua confluência com o Rio Doce, em busca da estação Coronel Fabriciano (antiga Calado), junto à qual, com o nome de Parque Florestal do Rio Doce, havia o govêrno do Estado de Minas resolvido preservar extensa reserva de matas virgens. As coletas ornitológicas foram feitas ora nas matas circun-jacentes à clareira da sede do Parque, numa altitude média de 250 mts., ora na margem oposta do Rio Doce, que se atravessava de canoa, no lugar conhecido por Porto do Bugre. Após permanência de 23 dias (17 de agosto a 9 de setembro), deixou a comitiva o Par-

que Florestal, descendo por via férrea até a estação de Figueira (agora mudada em Presidente Valadares), para localizar-se na Fazenda da Barra (propriedade da Cia. Belgo-Mineira de siderurgia), junto à barra do Rio Suçui Grande, afluente septentrional do Rio Doce. Dez dias de permanência (13 a 24 de setembro) neste local, de modo geral provaram menos rendosos para os colecionadores do que os passados na estação anterior, devendo-se provavelmente isso, em grande parte, à seca intensa que então flagelava todo o sul do Brasil. Da Barra do Suçui retrocedeu a expedição, tomando a condução férrea na vizinha estação de Derribadinha, e interrompendo a viagem em São José da Lagoa (já então chamada Presidente Vargas), na margem septentrional do médio Rio Piracicaba, com a idéia de explorar os resíduos de mata existentes na região montanhosa que lhe fica ao norte. Isso foi feito rumando a comitiva para a Fazenda Boa Esperança, no trajeto do Rio Piçarrão, modesto ribeiro cujas nascentes descem das encostas abruptas que ficam nos altos da Serra da Cacunda, contraforte oriental do maciço de Itabira.

Dessa expedição ao Rio Doce advieram para o Departamento de Zoologia cerca de 1.500 exemplares ornitológicos, ou seja provavelmente, a mais abundante das coleções jamais feitas de material avifaunístico nas matas de Minas Gerais. Não é portanto de admirar que dêle fizessem parte muitas espécies até então não registradas no Estado de que nos ocupamos, como sejam *Herpsilochmus rufomarginatus*, *Ramphocaenus melanurus*, *Chamaeza brevicauda*, *Cotinga maculata*, *Platypsaris rufus*, *Myiobius barbatus*, *M. atricaudus*, *Todirostrum poliocephalum*, *T. plumbeiceps*, *Euscathmornis orbitatus*, *Myiornis auricularis*, *Pogonotriccus eximius*, *Lophotriccus sylvielus*, *Elaenia mesoleuca*, *Pipromorpha rufiventris*, *Chlorophanes spiza*, *Basileuterus rivularis*, *Haplospiza unicolor*.

Em data muito recente, à coleção ornitológica da mesma instituição veio juntar-se uma pequena partida de aves das adjacências de Baependi, fruto de uma excursão realizada durante e segunda quinzena de abril de 1951 pelo sr. E. DENTE, preparador da dita.

III. LISTA REMISSIVA DOS VIAJANTES E COLECIONADORES

	<i>Pgs.</i>		<i>Pgs.</i>
Baer, S. A.	11	Martius, C. F. v.	4
Becker, R. A.	8	Ménétriès, E.	6
Blaser, J.	12	Moojen, J.	13
Burmeister, H.	8	Natterer, J.	5
Carvalho, O. A. de	11	Neuwied, M. v. W.	4
Castelnau, F.	10	Olalla, A. M.	13
Dente, E.	14	Olfers	4
Deville	10	Pinto, O. M. de O.	13
Eschwege, W. v.	2	Pohl, J. E.	5
Fonseca, J. P. da	12	Reinhardt, J. T.	7
Freireyss, G. M.	2	Riedel, L.	6
Garbe, E.	11	Robert, A.	11
Godoy, J. B.	11	Saint'Hilaire, A. de	2
Gomes, A. I.	2	Sellow, F.	4
Gounelle, P. E.	10	Snethlage, E.	11
Kaempfer, E.	12	Soares, B. A. M.	13
Lako, C.	13	Spix, J. B. v.	4
Langsdorff, G. H. v.	2, 4, 6	Warming, E.	8
Lund, W.	6	Weddell	10

IV. LISTA REMISSIVA DAS LOCALIDADES

	<i>Pgs.</i>		<i>Pgs.</i>
Abaeté	2, 7, 10	Mairinque	11
Água Suja	11	Maria da Fé	13
Além Paraíba	13	Mariana	3, 4, 7, 9, 12
Andrequecé	7, 8	Matipoó, Rio	12, 13
Arassuaí	3, 5	Manhuaçu, Rio	12
Araxá	3	Mocambo, Fazenda	7
Arrependidos	3	Morio Velho	10
Bacalháu	2, 9	Mortes, Rio das	3, 4
Baependi	14	Mucuri	11
Bandeira, Pico da	12	Nascimento	7
Barbacena	2, 9, 10	Oliveira	3
Belo Horizonte (v. Curral del Rei)	14	Ourives	9
Boa Esperança, Fazenda	7	Ouro Preto (v. Vila Rica)	12
Cachoeira do Campo	9	Pandeiro, Rio	3, 10
Cachoeira, Fazenda	14	Paranaíba, Rio	3, 7
Cacunda, Serra da	5	Paracatu	4, 10
Caeté	4	Paraopeba, Rio	3, 10
Calado (v. Coronel Fabriciano)	7	Patrocínio	3
Campanha	7	Peçanha	3, 10
Capão, Fazenda	12	Pedras, Rio das	3, 14
Caparaó, Serra do	8	Piçarrão	13, 14
Capela Nova	9	Piracicaba, Rio	9
Capivari	5	Piranga, Rio	11, 13
Carinhanha, Rio	8	Pirapora	10
Casca, Rio da	5	Pitangui	3
Catas Altas	2, 5, 9, 10	Piumi	8, 9
Congonhas do Campo	3, 5	Pomba, Rio	9
Contendas	13	Pomba, Vila da	12
Coronel Fabriciano	7	Ponte Nova	8
Córrego Rico	10	Porto das Barreiras	13
Curral del Rei	7, 8	Porto Novo	5
Curvelo	14	Posse, Quartel da	13
Derribadinha	3, 9, 12, 13	Presidente Valadares	10
Diamantina (v. Tijuco)	10	Presidente Vargas (v. S. José da Lagoa	7
Doce, Rio	10	Queluz	12
Dores	7	Ressaquinha	8
Estiva	3	Resplendor	7
Engenho, Fazenda	12	Ribeirão da Raposa	8
Fanado, Vila do	3, 5	Ribeirão da Tolda	7
Figueira (v. Presidente Valadares)	5	Ribeirão do Mato	4
Floresta, Fazenda	3, 5	Rio Verde	3, 4, 5, 9, 10
Formiga	3, 5	Sabará	12
Furnas	12	Sacramento, Quartel do	3, 5, 11
Grande, Rio	2	Salgado	10
Gualacho, Rio	5	Salitre	7
Indaiá	3, 5, 10	Sant'Ana dos Alegres	2
Inficionado	5, 10	Sant'Ana dos Ferros	3, 5, 7, 10
Itabira	3	Sant'Ana do Rio das Velhas	4
Itacolúmi, Pico de	3, 4, 5	Sant'Ana do Sapucaí	3
Itajuru	11	Santa Bárbara	9
Itambé	2, 7	Santa Luíza	9
Januária (v. Salgado)	7	Santa Rita da Meia Pataca	9
Jordão, Rio	7	Santo Antonio de Pádua	12
Juiz de Fora	7	São Benedito	5
Lages, Fazenda das	7	São Domingos	12
Lagoa dos Pitos	7	São Domingos, Rio	11
Lagoa dos Porcos	7	São Francisco (povoado)	2, 3, 4, 5, 7, 11, 12, 13
Lagoa Dourada	7, 8, 9	São Francisco, Rio	4
Lagoa Santa	7	São Gonçalo	2, 4
Lagoinha	7	São João Batista	3, 4
Lapa do Baú	7	São João del Rei	14
Lapa Vermelha	9	São José da Lagoa	3
Laranjal	9	São Miguel do Jequitinhonha	3
Mainarte	9		

	<i>Pgs.</i>		<i>Pgs.</i>
São Sebastião	10, 12	Uberaba	3, 7
São Vicente	4	Uberaba Legítima	3, 5
Serra do Caraça	5, 10	Uberlândia (v. Uberaba Legítima)	
Serro (v. Vila do Príncipe)		Vargem Alegre	11
Sete Lagoas	8	Velhas, Rio das	4, 7, 8
Suçuí, Rio	3, 14	Viçosa	13
Sumidouro	7	Vila do Príncipe	3, 5
Taboleiro Grande	8	Vila Rica	2, 3, 4, 5, 7, 9, 10
Teófilo Otoni	11	Volta Grande	13
Tijuco	3, 5, 6, 11	Xopotó, Rio	2, 4, 9

V — LISTA SISTEMÁTICA (1)

Ordem RHEIFORMES

Família RHEIDAE

Rhea americana americana (Linné, 1758): nordeste do Brasil (bas. em Marcgrave (2)).

Sabará, Santa Luzia, Lagoa Santa (BURMEISTER); Curvelo, Andrequicé, Lagoa Santa, Taboleiro Grande (REINHARDT).

Ordem TINAMIFORMES

Família TINAMIDAE

Tinamus solitarius (Vieillot, 1819): Paraguay (bas. em Azara).

"Minas Gerais" (IHER. & IHERING); Rio Matipoó (MOOJEN); Rio Doce, Rio Suçuí (*Dept. de Zool.* 1940).

Crypturellus soui albigularis (Brab. & Chubb, 1914): Rio de Janeiro.

"Minas Gerais" (HELLM. & CONOVER); Rio Doce e Barra do Suçuí (*Dept. de Zool.*, 1940).

Crypturellus obsoletus obsoletus (Temminck, 1815): "Brésil" (nada se sabe quanto à proveniência do tipo, podendo conjecturar-se tenha sido enviado de São Paulo, por Sellow).

Lagoa Santa, Lagoa dos Pitos, Sumidouro (REINH.); Vargem Alegre (GODOV, 1900); Viçosa (MOOJEN).

Crypturellus undulatus vermiculatus (Temminck, 1825): "Brésil" (mesmo caso da espécie anterior).

Santana dos Alegres (REINH.); Rio Jordão (ROBERT).

Crypturellus variegatus variegatus (Gmelin, 1789): Cayenne (bas. em Buffon & Daubenton).

São Benedicto, Rio Manhuaçu (HELLM. & CONOVER).

Crypturellus noctivagus noctivagus (Wied, 1820): Muribeca (Espírito Santo, Rio Itabapuaana).

Lagoa dos Pitos (REINH.).

Crypturellus parvirostris (Wagler, 1827): Brasil (restr. à Bahia por Hellmayr, 1929).

Lagoa Santa (REINH.); Pirapora (GARBE, 1912).

Crypturellus tataupa tataupa (Temminck, 1815): Paraguay (bas. em Azara).

Minas Gerais (REINH.); Lagoa Santa (BURM.); Pirapora (GARBE, 1912); Viçosa (MOOJEN); Rio Doce, Rio Piracicaba, Rio Suçuí (*Dept. de Zool.*, 1940).

Rhynchotus rufescens rufescens (Temminck, 1815): "Brésil" (convenc. restr. a São Paulo).

Congonhas (BURM.); Minas Gerais (REINH.); Pirapora (MOOJEN).

(1) Abstração feita de algumas poucas alterações inevitáveis, obedece esta lista à seriação por nós adotada no *Catálogo das Aves do Brasil*, 1.^a (1938) e 2.^a parte (1944).

(2) Comparando exemplares do nordeste brasileiro com os de Minas Gerais, São Paulo e Mato-Grosso, não encontraram Hellmayr & Conover (*Bds. Americas*, I, 1, p. 2, nota) base para separar subspecificamente os últimos dos primeiros.

Nothura maculosa major (Spix, 1825) (1): Tijuco (= Diamantina).

Diamantina, Contendas (SPIX); Lagoa Santa, Curvelo, Pindaibas (REINH.); Água Suja (BAËR); Poços de Caldas (col. ?). (2)

Nothura minor (Spix, 1825): Tijuco (= Diamantina).

Diamantina (SPIX); Lagoa Santa (REINH.); Água Suja (LAUBMANN).

Ordem COLYMBIFORMES

Família COLYMBIDAE

Poliocephalus dominicus speciosus (F. L. Arribalzaga, 1877): Baradero (Argentina, prov. de Buenos Aires).

Lagoa Santa, Lagoa dos Pitos (REINH.); Pirapora (GARBE, 1912).

Podilymbus podiceps antarcticus (Lesson, 1842): Valparaizo (Chile).

Vargem Comprida, perto de Sumidouro (LUND); Vargem Alegre (GODOY).

Ordem PELECANIFORMES

Família PHALACROCORACIDAE

Phalacrocorax olivaceus olivaceus (Humboldt, 1805): Rio Magdalena (Colombia).

Lagoa dos Pitos (REINH.); Pirapora (GARBE, 1912).

Família ANHINGIDAE

Anhinga anhinga anhinga (Linné, 1766): nordeste do Brasil (ex Marcgrave).

Rio Taquaraçu, Sumidouro, Ribeirão do Mato (REINH.).

Ordem CICONIIFORMES

Família ARDEIDAE

Ardea cocoi Linné, 1766: Cayenne.

Rio das Velhas (BURM., REINH.); Lagoa Santa (BURM.); Mairinque (GARBE); Pirapora (GARBE).

Pilherodius pileatus (Boddaert, 1783): Cayenne.

Rio Pomba (BURM.); Lagoa Santa, Andraquecé, Sete Lagoas (REINH.); Pirapora (GARBE).

Butorides striatus striatus (Linné, 1758): Surinam.

Lagoa Santa, Rio Paraopeba, Lagoa dos Pitos, Sete Lagoas (REINH.); Vargem Alegre (GODOY).

Casmerodius albus egretta (Gmelin): Cayenne.

Sumidouro, Lagoa Santa (REINH.); Pirapora (GARBE, MCOJEN).

Leucophohyx thula thula (Molina, 1782): Chile.

Lagoa Santa, Sete Lagoas (REINH.); Pirapora (GARBE).

Nycticorax nycticorax hoactli (Gmelin, 1789): México.

Lagoa dos Pitos, Lagoa do Sumidouro (REINH.).

Tigrisoma lineatum marmoratum (Vieillot, 1817): Paraguay (bas. em Azara).

Lagoa Santa (BURM.); Sete Lagoas (REINH.); Vargem Alegre (GODOY); Mairinque, Pirapora (GARBE); Rio Pandeiro (BLASER).

Família COCHLEARIIDAE

Cochlearius cochlearius cochlearius (Linné, 1766): Cayenne.

Lagoa Santa, Rio Doce, Rio da Casca (REINH.); Pirapora (GARBE).

(1) *Tinamus major* Spix, 1825 (não *Tetrao major* Gmelin, 1789), *Av. Spec. Nov. Bras.*, II, p. 64, pl. 80: "prope pagum Tejuco".

(2) Cf. Hellmayr & Conover, *Catal. Bds. Americas*, pte. I, no. 1, p. 105 (1942).

Família CICONIIDAE

Mycteria americana Linné, 1758: nordeste do Brasil (ex Marcgrave).

Rio São Francisco, Rio das Velhas (REINH.); Pirapora (GARBE).

Jabiru mycteria (Lichtenstein, 1823): local. típica não indicada (Cayenne, por sugestão de Berlepsch).

Rio São Francisco, Rio das Velhas, Lagoa Santa, Sete Lagoas (REINH.); Rio São Francisco (GARBE).

Euxenura galeata (Molina, 1782): Chile.

Rio São Francisco, Lagoa Santa, Sumidouro (REINH.).

Família THRESKIORNITHIDAE

Theristicus caudatus caudatus (Boddaert, 1783): Cayenne.

Entre Paracatu e Rio São Francisco (REINH.); Pirapora (GARBE, 1912).

Phimosus infuscatus nudifrons (Spix, 1825); Rio São Francisco.

Rio São Francisco (SPIX); Lagoa dos Pitos, próximo de Sumidouro (REINH.); Pirapora (GARBE); Rio Pandeiro (BLASER).

Plegadis falcinellus guarana (Linné, 1766): nordeste do Brasil (ex Marcgrave).

Lagoa Santa, Sete Lagoas (REINH.); Pirapora (MOOJEN).

Ajaia ajaia (Linné, 1758): nordeste do Brasil (ex Marcgrave).

Rio São Francisco, Rio das Velhas, Lagoa Santa (REINH.); Pirapora (GARBE).

Ordem ANSERIFORMES

Família ANHIMIDAE

Anhima cornuta (Linné, 1766): nordeste do Brasil (ex Marcgrave).

Rio das Velhas (REINH.); Pirapora (GARBE, 1912).

Família ANATIDAE

Dendrocygna viduata Linné, 1766: Cartagena (Colombia).

Contendas (SPIX); Rio São Francisco, Pirapora (GARBE, MOOJEN).

Dendrocygna autumnalis discolor Sclater & Salvin, 1873: Rio Maroni (Guiana Holandesa).

Mariana (GODOY), Pirapora (GARBE, MOOJEN).

Cairina moschata (Linné, 1758): local. típica não indicada (fix. no Brasil, por Berlepsch & Hartert, 1902).

Sumidouro (REINH.); Pirapora (MOOJEN); Rio Doce (*Dept. de Zool.*).

Anas brasiliensis Gmelin, 1789: nordeste do Brasil (ex Marcgrave).

"E' o pato mais comum na região dos campos por mim vigiados" (REINH.); Rio São Francisco, Pirapora (GARBE, MOOJEN).

Nomonyx dominicus (Linné, 1766): São Domingos (nas Antilhas).

Lagoa Santa (REINH.).

Ordem FALCONIFORMES

Família CATHARTIDAE

Sarcoramphus papa (Linné, 1758): Guiana Holandesa (fixada por Berlepsch, 1908).

Lagoa Santa, Sete Lagoas (REINH.).

Coragyps atratus foetens (Lichtenstein, 1818): Paraguay (ex Azara).

Lagoa Santa (REINH.).

Cathartes aura ruficollis Spix, 1824: Joazeiro (fixada por Pinto, 1938).

Fazenda Engenho, nas proximidades de Lagoa Santa (REINH.); Pirapora (MOOJEN).

Família ACCIPITRIDAE

- Elanus leucurus leucurus** (Vieillot, 1818): Paraguay (ex Azara).
Lagoa Santa (REINH.).
- Elanoides forficatus yetapa** (Vieillot, 1818): Paraguay (ex Azara).
Sete Lagoas, Rio das Velhas (REINH.); Viçosa (MOOJEN); Rio Doce (observ.
iné. do Autor, 1940).
- Leptodon cayanensis** (Latham, 1790): Cayenne (bas. em Buff. & Daubent.).
Lagoa Santa (LUND, REINH.).
- Chondrohierax uncinatus uncinatus** (Temminck, 1822): arredores do Rio de Janeiro (design. por Pinto, 1937).
Teófilo Otoni (GARBE).
- Harpagus bidentatus bidentatus** (Latham, 1790): Cayenne.
Teófilo Otoni (GARBE).
- Harpagus diodon** (Temminck, 1828): Viçosa, Rio Peruípe (Wied).
Minas Gerais (SPIX); Teófilo Otoni (GARBE).
- Ictinia plumbea** (Gmelin, 1878): Cayenne.
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Teófilo Otoni, Rio Matipoó, Rio Suçuí Grande
(PINTO e assist.).
- Rostrhamus sociabilis sociabilis** (Vieillot, 1817): Rio da Prata (ex Azara).
Lagoa do Sumidouro (REINH.).
- Accipiter bicolor pileatus** (Temminck, 1832): Rio Belmonte (Wied).
Pirapora (GARBE); São Miguel (St. HILAIRE).
- Accipiter pectoralis** (Drapiez, 1838): "l'Amérique méridionale".
Viçosa (MOOJEN).
- Accipiter superciliosus superciliosus** (Linné, 1766): Surinam.
Mariana (FONSECA).
- Accipiter erythronemius erythronemius** Kaup, 1850: "Bolivia" (?).
Lagoa Santa (REINH.).
- Heterospizias meridionalis meridionalis** (Latham, 1790): Cayenne.
Lagoa Santa (LUND); Pirapora (GARBE); Viçosa (MOOJEN).
- Buteo albicaudatus albicaudatus** Vieillot, 1816: Paraguay.
Rio São Francisco, Lagoa Santa (LUND, REINH.).
- Buteo magnirostris magnirostris** (Bertoni, 1901): Paraguay.
Rio Matipoó, Maria da Fé (PINTO), Rio Piracicaba, Rio Suçuí Grande (PINTO). (1)
- Buteo leucorrhous** (Quoy & Gaimard, 1824): Rio de Janeiro.
Mariana (GODOY).
- Leucopternis polionota** (Kaup, 1847): São Paulo.
Mariana (FONSECA).
- Leucopternis lacernulata** (Temminck, 1827): "Brésil" (fixada em Viçosa por Pinto,
1838).
Rio Cágado (BURM.); Rio Piracicaba (PINTO e outros).
- Hypomorphnus urubitinga urubitinga** (Gmelin, 1878): nordeste do Brasil (ex Marcgrave).
Sumidouro (REINH.); Pirapora (GARBE).
- Harpia harpyja** (Linné, 1758): Cayenne.
Curvelo (LUND); Fazenda Bebida (REINH.).
- Spizaetus ornatus ornatus** (Daudin, 1800): Cayenne.
Lagoa Santa (REINH.).

(1) Pinto, *Rev. Argent. de Zoogeografia*, IV, p. 132 (1944).

Spizaëtus tyrannus (Wied, 1820): Rio Belmonte.

Entre Sabará e Santa Luzia (BURM.); Vargem Alegre (GODOY).

Geranospiza caerulescens gracilis (Temminck, 1821): leste do Brasil.

Lapa Vermelha (não longe de Lagoa Santa, REINH.); Pirapora (GARBE).

Família FALCONIDAE

Herpetotheres cachinnans queribundus Bangs & Penard, 1919: Pernambuco.

Minas Gerais (SPIX); Pirapora (GARBE).

Micrastur semitorquatus semitorquatus (Vieillot, 1817).

Sumidouro (REINH.); Volta Grande, Porto Novo (exempls. no Depart. de Zool. de São Paulo, col. por Lako).

Micrastur ruficollis ruficollis (Vieillot, 1817): "l'Amérique méridionale" (local. típica fixada no Rio de Janeiro, por Hellmayr, 1921).

Lapa do Baú, Lagoa Santa (REINH.); Mariana (GODOY); Além Paraíba (LAKO).

Daptrius americanus americanus (Boddaert, 1783): Cayenne.

Minas Gerais (WIED).

Milvago chimachima chimachima (Vieillot, 1816): Paraguay (ex Azara).

Campos de Minas Gerais (REINH.); Baependi (DENTE).

Polyborus plancus brasiliensis (Gmelin, 1788): nordeste do Brasil (ex Marcgrave).

Lagoa Santa (BURM.); Viçosa (MOOJEN); São José da Lagoa (PINTO e assist.).

Gampsonyx swainsonii swainsonii Vigors, 1825: Bahia.

Pirapora (GARBE).

Falco albigularis ophryophanes (Salvadori, 1895) (1): Rio Apa (Paraguay).

Lagoa Santa (REINH.); Pirapora (GARBE).

Falco fusco-caerulescens fusco-caerulescens Vieillot, 1817: Paraguay.

Minas Gerais (REINH.); Pirapora (GARBE); Poços de Caldas (fide Hellm., 1921).

Falco sparverius eidos Peters, 1931: Bahia.

Minas Gerais (SPIX); Pirapora (GARBE); Maria da Fé (PINTO); Rio Piracicaba (PINTO e assist.).

Ordem GALLIFORMES

Família CRACIDAE

Crax fasciolata Spix, 1825: Pará.

Pirapora (GARBE).

Crax blumenbachii Spix, 1825: Rio de Janeiro.

Rio Xopotó (BURMEISTER, Reise, p. 309); Mairinque (GARBE).

Penelope obscura bronzina Hellmayr, 1914: Hansa (Sta. Catarina).

Estação do Tunel (2); Viçosa (MOOJEN).

Penelope superciliaris jacupemba Spix, 1825: Rio de Janeiro.

Lagoa Santa, Sumidouro, Lagoa dos Pitos, Curvelo (REINH.); Mairinque, Teófilo Otoni (GARBE); Rio Matipoó (FONSECA); além Paraíba (LAKO).

Penelope ochrogaster Pelzeln, 1870: prox. de Cuiabá.

Pirapora (GARBE, 1912).

Ortalis aracuan aracuan (Spix, 1825): São Domingos.

São Domingos (SPIX); Campos Gerais do norte de Minas (WIED).

Família PHASIANIDAE

Odontophorus capueira capueira (Spix, 1825): Rio de Janeiro, nas proximidades de Minas Gerais.

Minas Gerais (SPIX); Lagoa Santa (BURM., REINH.); Sumidouro, Lagoa dos Pitos, Curvelo (REINH.); Rio Jordão (ROBERT); Viçosa (MOOJEN).

(1) A validade desta raça é defendida por Hellmayr & Conover (*Catal. Birds of the Americas*, pte. 1, no. 4, p. 308), que lhe dão como pátria o planalto centro-brasileiro e adjacências.

(2) Cf. Hellmayr & B. Conover, *Catal. Bds. Amer.*, pte. I, no. 1, pag. 138, nota 1 (1942).

Ordem GRUIFORMES

Família GRUIDAE

Aramus guarauna guarauna (Linné, 1766): Cayenne.
Contendas (SPIX); Pirapora (GARBE).

Família RALLIDAE

Rallus nigricans Vieillot, 1819: Paraguay e Rio da Prata (Azara).
Contendas (SPIX); Lagoa Santa, Fazenda do Engenho, Sumidouro (REINH.);
Santa Fé (ROGERS). (1)

Aramides cajanea cajanea (Müller, 1776): Cayenne.
Lagoa Santa (BURM.); Lagoa dos Pitos, Sumidouro (REINH.); Mairinque (GARBE);
Pirapora (GARBE).

Aramides ypecaha (Vieillot, 1819): Paraguay (Azara).
Contendas (SPIX); Minas Gerais (BURM.); Rio Pandeiro (BLASER).

Aramides saracura (Spix, 1825): local. não indicada (Rio de Janeiro, pátria típica
sugerida por Pinto, 1938).
Lagoa Santa (LUND); Sumidouro (REINH.); Teófilo Otoni (GARBE).

Porzana albicollis albicollis (Vieillot, 1819): Paraguay (Azara).
Lagoa Santa (REINH.); Santa Fé (ROGERS); Mucuri (GARBE); Rio Suçuí (PINTO
e assist.).

Porzana flaviventer flaviventer (Boddaert, 1783): Cayenne.
Lagoa Santa (LUND).

Laterallus melanophaius melanophaius (Vieillot, 1819): Paraguay (Azara).
Minas Gerais (LUND).

Laterallus leucopyrrhus (Vieillot, 1819): Paraguay (Azara).
Minas Gerais (?) (2)

Gallinula chloropus galeata (Lichtenstein, 1818): Paraguay (Azara).
Lagoa do Defunto (REINH.).

Porphyryla martinica (Linné, 1766): Ilha de Martinica.
Minas Gerais (REINH.); Mariana (GODOY); Rio Matipoó (FONSECA).

Porphyryla flavirostris (Gmelin, 1783): Cayenne.
Lagoa Santa (REINH., WARMING).

Família CARIAMIDAE

Cariama cristata (Linné, 1766): nordeste do Brasil (Marcgrave).
Lagoa Santa, Fazenda Carandaí (REINH.); Pirapora (GARBE).

Ordem CHARADRIIFORMES

Família JACANIDAE

Jacana spinosa jacana (Linné, 1766): nordeste do Brasil (Marcgrave).
Minas Gerais (REINH.); Viçosa (MOOJEN); Rio Suçuí (PINTO e assist.).

Família CHARADRIIDAE

Belonopterus chilensis lampronotus (Wagler, 1827): Paraguay (por sugest. de
Peters) (3).
Lagoa Santa, Sete Lagoas (REINH.); Pirapora (GARBE).

(1) Exemplar arrolado no *Catal. of Birds of the Brit. Museum* (vol. XXIII, p. 32), que o terá recebido com a coleção de Salvin & Godman. Vale dizer que Rogers é dos poucos colecionadores de aves sobre cuja estada em Minas Gerais não conseguimos informes.

(2) A única referência a Minas Gerais, aliás pouco segura, é de Sclater & Salvin (*Exot. Orn.*, 1868, p. 111).

(3) *Bull. Mus. Comp. Zool.*, LXV, 1923, p. 296.

- Hoploxypterus cayanensis** (Latham, 1790): Cayenne.
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Sete Lagoas (REINH.).
- Pluvialis dominica dominica** (Müller, 1760): Haiti.
Lagoa Santa (REINH.).
- Charadrius collaris** Vieillot, 1818: Paraguay (Azara).
? Minas Gerais (LUND, REINH.).
- Bartramia longicauda** (Bechstein, 1812): América do Norte.
Andrequecé (REINH.).
- Tringa flavipes** (Gmelin, 1789): New York (Estados Unidos).
Lagoa Santa (LUND).
- Tringa solitaria solitaria** Wilson, 1813: Pennsylvania.
Lagoa Santa (LUND).
- Capella paraguaiae paraguaiae** (Vieillot, 1816): Paraguay (Azara).
Lagoa Santa (BURM.); Minas Gerais (REINH.); Teófilo Otoni (GARBE); Pirapora (GARBE); Baependi (DENTE).
- Capella undulata gigantea** (Temminck, 1826): "Brésil" (fixada em Itararé, sul de São Paulo por Pinto, 1938).
Congonhas (BURM.).
- Himantopus mexicanus melanurus** (Vieillot, 1817) (1), Paraguay (Azara).
Lagoa Santa, Lagoa do Sumidouro (LUND).

Família LARIDAE

- Phaëtusa simplex chloropoda** (Vieillot, 1819): Paraguay (Azara).
Pirapora (GARBE, MOOJEN).
- Sterna superciliaris** Vieillot, 1819: Paraguay (Azara).
Lagoa Santa (LUND, REINH., WARMING); Sumidouro (REINH.); Pirapora (GARBE).

Família RHYNCHOPIDAE

- Rhynchops nigra intercedens** Saunders, 1895: costas merid. do Brasil (fixada em São Paulo por Pinto).
Pirapora (GARBE).

Ordem COLUMBIFORMES

Família COLUMBIDAE

- Columba picazuro marginalis** Naumburg, 1932: Corrente (Rio Paraíba).
Pirapora (GARBE).
- Columba cayennensis silvestris** Vieillot, 1818: Paraguay (Azara).
Minas Gerais (WIED); Lagoa Santa (REINH.).
- Columba plumbea plumbea** Vieillot, 1818: Rio de Janeiro (Delalande).
Sant'Ana dos Alegres, Paracatu (LUND); Lagoa Santa (REINH.); Vargem Alegre (GODOY); Viçosa (MOOJEN).
- Columba plumbea baeri** Hellmayr, 1808: cidade de Goiás.
Rio Jordão (ROBERT).
- Zenaidura auriculata chrysauchenia** Reichenbach Brasil (ubi ?).
Lagoa Santa (BURM., REINH.); Pirapora (MOOJEN).
- Scardafella squammata squammata** (Lesson, 1831): Bahia.
Sertão de Minas (WIED); Paracatu, Curvelo, Rio São Francisco (LUND); Sete Lagoas, Fazenda Carrancas, Taboleiro Grande (REINH.); Rio Pandeiro (BLASER); Pirapora (MOOJEN); Baependi (DENTE).
- Columbigallina talpacoti talpacoti** (Temminck & Knip, 1811); América Meridional (fixada na Bahia por Pinto, 1938).
Lagoa Santa (REINH.); Rio Matipó (FONSECA); Maria da Fé (PINTO); Baependi (DENTE).

(1) Sobre as variações na espécie em solo brasileiro cf. Pinto, *Arquivos de Zoologia*, V, p. 333 (1947).

- Uropelia campestris** Spix, 1825: Bahia.
Paracatu (LUND); Pirapora (GARBE, MOOJEN).
- Claravis pretiosa** (Ferrari-Perez, 1886): Jalapa (Vera Cruz, México).
Lagoa Santa (LUND); Mariana (GODOY); Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Claravis godefrida** (Temminck, 1811): Rio de Janeiro (sugerida por Pinto) (1).
Lagoa Santa (LUND, REINH.).
- Leptotila verreauxi decipiens** Salvadori, 1871: Brasil (ubi ?).
Lagoa Santa, Sete Lagoas, Curvelo (REINH.); Água Suja (ROBERT); Barro Preto (BLASER); Rio Doce, Rio Suçuí, São José da Lagoa (PINTO e assist.).
- Leptotila rufaxilla bahiae** Berlepsch, 1885: Bahia.
Rio Jordão (ROBERT); São Francisco ? (HELLM. & CONOVER).
- Leptotila rufaxilla reichenbachii** (Pelzein, 1879): Ipanema.
Vila da Pomba (BURM.); Viçosa (MOOJEN).
- Oreopeleia violacea violacea** (Temminck & Knip, 1811): América do Sul (Bahia, sugerida por Pinto, 1938).
Rio Jordão (ROBERT); Rio Doce (PINTO e assist.).
- Oreopeleia montana montana** (Linné, 1758) (2): Jamaica.
Lagoa Santa (LUND, REINH.).

Ordem CUCULIFORMES

Família CUCULIDAE

- Coccyzus melacoryphus** Vieillot, 1817: Paraguay (Azara).
Mariana (GODOY); Baependi (DENTE).
- Piaya cayana macroura** Gambel, 1849: Paraguay.
Minas Gerais (REINH.); Maria da Fé (PINTO); Viçosa (MOOJEN); Piracicaba (PINTO e assist.).
- Neomorphus geoffroyi dulcis** Sneathlage, 1927: Rio Doce (Espírito Santo).
Minas Gerais (WIED); Rio Matipó (FONSECA); Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Tapera naevia chochi** (Vieillot, 1817): Paraguay (Azara).
Lagoa Santa (REINH.); Viçosa (MOOJEN).
- Dromococcyx phasianellus** (Spix, 1824): Tonantins (Rio Solimões).
Lagoa Santa, Sumidouro, Rio São Francisco (REINH.).
- Crotophaga ani** Linné, 1758: nordeste do Brasil (Marcgrave).
Minas Gerais (REINH.); Rio Piracicaba, Ipatinga, São José da Lagoa (PINTO e assist.).
- Crotophaga major** Gmelin, 1888: Cayenne.
Rio Suçuí (*Dept. de Zool.*, 1940).
- Guira guira** (Gmelin, 1788): nordeste do Brasil (Marcgrave).
Lagoa Santa (REINH.); Maria da Fé (PINTO); Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).

Ordem PSITTACIFORMES

Família PSITTACIDAE

- Anodorhynchus hyacinthinus maximiliani** (Spix, 1824): Rio das Flechas (Mato-Grosso) (3).
Contentas (ST. HILAIRE); Rio São Francisco (BURM.).

(1) Cf. *Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo*, Vol. VII, p. 311, (1949).

(2) Os exemplares de Lagoa Santa referidos por Reinhardt talvez pertençam a *O. violacea*, espécie que existe seguramente em Minas, mas não é mencionada pelo mesmo autor.

(3) A forma típica teve sua área restringida ao baixo Amazonas por Griscom & Greenway (*Bull. Mus. Compar. Zool.*, LXXXVIII, 1941, p. 139).

- Ara chloroptera** (Linné, 1758): América Meridional (Pernambuco, pátria sugerida por Hellmayr, 1906).
Fazenda Luiz da Mota, perto de Peçanha (St. HILAIRE); Rio Pomba (BURM.); Mairinque (GARBE).
- Ara ararauna** (Linné, 1758): nordeste do Brasil (ex Marcgrave).
Contendas (St. HILAIRE); Rio São Francisco (REINH.).
- Ara maracana** (Vieillot, 1816): Paraguay (Azara).
Lagoa Santa (REINH.); Vargem Alegre (GODOY); Rio Matipoó (MOOJEN); Pirapora (MOOJEN); Rio Doce (PINTO e assist.).
- Ara nobilis longipennis** Neumann, 1931: Rio São Miguel (Goiás).
Rio Pandeiro (BLASER).
- Aratinga leucophthalma leucophthalma** (Müller, 1776): Cayenne.
Tijuco (SPIX); Fazenda Mocambo, Pedra dos Índios, Lagoa Santa (REINH.); Água Suja (BAËR); Teófilo Otoni (GARBE); Rio Matipoó, Rio Sacramento (FONSECA); Pirapora (MOOJEN).
- Aratinga auricapilla aurifrons** Spix, 1824: Minas Gerais.
Minas Gerais (SPIX); Lagoa Santa (REINH.); Rio Doce (PINTO e assist.).
- Aratinga cactorum cactorum** (Kuhl, 1820): sertão da Bahia (Wied).
Contendas (SPIX); Pirapora (GARBE); Rio Pandeiro (BLASER).
- Aratinga aurea aurea** (Gmelin, 1789): Brasil (Bahia, por sugestão de Cherrie & Reichenb.).
Curvelo (LUND); Lagoa Santa (LUND, REINH.); Sete Lagoas, Lagoa Dourada (REINH.); Rio Pandeiro (BLASER).
- Pyrhura cruentata** (Wied, 1820): sudeste do Brasil (Rio de Janeiro, sugerida por Pinto).
Teófilo Otoni (GARBE, 1908); Rio Matipoó (FONSECA); Pirapora (MOOJEN); Rios Doce e Piracicaba (PINTO e assist.).
- Pyrhura frontalis frontalis** (Vieillot, 1823): "Cayenne", local. errônea (Pinto propôs, em substituição, Rio de Janeiro).
Minas Gerais (SPIX); Fazenda Mocambo, Sumidouro (LUND); Lagoa Santa (REINH.); Vargem Alegre (GODOY); Pirapora, Viçosa (MOOJEN).
- Pyrhura leucotis leucotis** (Kuhl, 1820): Brasil (Bahia, suger. por Pinto).
Rio Matipoó (MOOJEN); Rio Doce, Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Forpus crassirostris vividus** Ridgway, 1888 (1): Bahia.
Minas Gerais (SPIX, REINH.); Vargem Alegre (GODOY); Maria da Fé (PINTO); (São José da Lagoa (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Tirica chiriri** (Vieillot, 1817): Paraguay (Azara).
Uberaba, Tijuco, Paracatu (LUND); Lagoa Santa, Sete Lagoas (2), Andrequecé, Curvelo (REINH.); Rio Pandeiro (BLASER); Pirapora (MOOJEN).
- Tirica tirica** (Gmelin, 1888): nordeste do Brasil (ex Marcgrave).
Santa Fé (ROGERS); Teófilo Otoni (GARBE, 1908); Rio Doce (PINTO e assist.).
- Amazona vinacea** (Kuhl, 1820).
Rio Doce (PINTO, observ. inéd.).
- Amazona farinosa farinosa** (Boddaert, 1783): Cayenne.
Rio Pomba (BURM.); Rio Matipoó (FONSECA); Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Amazona aestiva aestiva** (Linné, 1758): América (fixada no sul do Brasil por Hellmayr).
Minas Gerais (WIED); Lagoa Santa, Congonhas (BURM.); Curvelo, Rio São Francisco (REINH.); Pirapora (GARBE).

(1) Sobre as espécies e raças brasileiras do gênero **Forpus** v. Pinto, **Rev. Argent. de Zoogeograf.**, V, pp. 11-19 (1945).

(2) Um exemplar pertencente à antiga exposição pública do Museu Paulista acusa como procedência Sete Lagoas, ignorando-se todavia o respectivo colecionador.

Amazona rhodocorytha (Salvadori, 1850): Brasil (fixada em Belmonte, no sul da Bahia, por Pinto).

Rio Suçuí (PINTO e assist.).

Pionus maximiliani syl (Souancé, 1856).

Lagoa Santa (BURM.); Pirapora (GARBE); Pirapora (MOOJEN); Rio Piracicaba, São José da Lagoa (PINTO e assist.).

Triclaria malachitacea (Spix, 1824): Rio de Janeiro.

Lagoa Santa (BURM.); Rio Matipoó (FONSECA).

Ordem STRIGIFORMES

Família TYTONIDAE

Tyto alba tuidara (Gray, 1929): Brasil (restr. ao Brasil meridional).

Viçosa (MOOJEN).

Família STRIGIDAE

Asio stygius stygius (Wagler, 1832): Minas Gerais (teste Hellmayr, 1910).

Lagoa Santa (LUND); Sumidouro (REINH.).

Rhinoptynx clamator clamator (Vieillot, 1807): Cayenne.

Lagoa Santa (BURM., LUND); Sumidouro, Sete Lagoas, Curvelo (REINH.).

Pulsatrix perspicillata pintoi Kelso, 1939: Rio de Janeiro (1).

Rio São Francisco.

Pulsatrix pulsatrix (Wied, 1820): Ilha da Chave (No Rio Jequitinhonha, Est. da Bahia).

Lagoa Santa (BURM., REINH.).

Pulsatrix koenigswaldiana (Bertoni, 1901): Alto Paraná (Paraguay).

Teófilo Otoni (GARBE).

Otus choliba decussatus (Lichtenstein, 1823): Bahia.

Lagoa Santa (BURM., REINH.); Mariana (GODOY); Pirapora (GARBE); Viçosa (MOOJEN); Rio Suçuí (PINTO e assist.).

Ciccaba hylophilum (Temminck, 1825): Ipanema (Natterer).

"Minas Gerais" (fide KELSO). (2)

Ciccaba borelliana (Bertoni, 1901): Alto Paraná (Paraguay).

Minas Gerais (LUND, REINH.); Congonhas (BURM.).

Ciccaba huhula Daudin, 1800: Cayenne.

Lagoa Santa (LUND); Vargem Alegre (GODOY).

Speotyto cunicularia grallaria (Temminck, 1822): Brasil (fixada em Faxina, sul de S. Paulo, col. Natterer) (3).

Minas Gerais (WIED, SPIX, REINH.); Mariana (GODOY); Viçosa (MOOJEN); Bependi (DENTE).

Glauclidium brasilianum brasilianum (Gmelin, 1788): Ceará (ex Marcgrave), por sugest. de Hellmayr.

Lagoa Santa (LUND); Lagoa dos Pitos (REINH.); Rio Matipoó, Rio Sacramento (FONSECA); Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).

(1) Para o gênero **Pulsatrix** segue-se aqui, sem maior compromisso, a sistemática, distribuição e nomenclatura propostas por L. Kelso, cujas exaustivas investigações sobre as corujas peotrópicas são do conhecimento dos ornitologistas. A ocorrência da presente raça no rio São Francisco (Minas Gerais) baseia-se no testemunho do mesmo autor. Cf. **Biol. Leaflet**, Nos. 10 (1938), 11 (1939), e 33 (1946).

(2) L. Kelso (**A key to species of american Owls**, 1934, p. 55) inclui Minas Gerais na área de dispersão da espécie; Pinto (**Rev. Mus. Paul.**, XXII, 1938, p. 225) particularizou a região de Itatiaia, no sudeste daquele Estado.

(3) V. Hellmayr, **Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser.**, XII, p. 405, nota 2 (1929).

Ordem **CAPRIMULGIFORMES**Família **NYCTIBIIDAE**

- Nyctibius grandis** (Gmelin, 1788): Cayenne.
Lagoa Santa (LUND); Rio Pomba (BURM.); Teófilo Otoni (GARBE).
- Nyctibius aethereus** (Wied, 1820): Rio Mucuri.
Minas Gerais (BURM.); Lagoa Santa (LUND); Teófilo Otoni (GARBE).
- Nyctibius griseus griseus** (Gmelin, 1789): Cayenne.
Mariana (GODOY).

Família **CAPRIMULGIDAE**

- Chordeiles acutipennis** (Boddaert, 1785): Cayenne.
Minas Gerais (BURM.); Lagoa Santa, Curvelo (LUND).
- Nannochordeiles pusillus pusillus** (Gould, 1861): Bahia.
Minas Gerais (ubi ?). (1)
- Podager nacunda nacunda** (Vieillot, 1817): Paraguay (Azara).
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Pirapora (GARBE).
- Macropsalis forcipata** (Nitzsch, 1840): Brasil meridional.
Vargem Alegre (GODOY) (2); Viçosa (MOOJEN).
- Hydropsalis torquata** (Gmelin, 1788): nordeste do Brasil (Marcgrave).
Lagoa Santa (LUND, BURM.); Brumado (REINH.).
- Eleothreptus anomalus** (Gould, 1837): Brasil (fixada no leste de São Paulo, por Pinto, 1938).
Lagoa Santa (REINH.).
- Nyctidromus albicollis derbyanus** (Gould, 1838): Brasil meridional.
Lagoa Santa, Curvelo, Rio São Francisco (LUND); Sete Lagoas (REINH.); Mairinque (GARBE); Rio Matipocó (FONSECA); Viçosa (MOOJEN); Rio Piracicaba, São José da Lagoa (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Caprimulgus rufus rutilus** (Burmeister, 1856): Nova Friburgo (Rio de Janeiro).
Lagoa Santa (LUND); Sete Lagoas (REINH.).
- Nyctiphrynus ocellatus ocellatus** (Tschudi, 1844) (3): Perú.
Lagoa Santa (REINH.).

Ordem **APODIFORMES**Família **APODIDAE**

- Chaetura andrei meridionalis** Hellmayr, 1907: Santiago del Estero (Argentina).
? Minas Gerais (BURM.);
- Chaetura cinereiventris cinereiventris** Sclater, 1862: Bahia (Wied).
Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Streptoprocne zonaris zonaris** (Shaw, 1796): local.? (Chapman suger. Mato-Grosso).
Minas Gerais (WIED); Congonhas (BURM.); Lagoa Santa (LUND, REINH.); Vargem Alegre (GODOY).
- Streptoprocne biscutata** (Sclater, 1865): Ipanema (Natterer).
Minas Gerais (LUND); Mariana (GODOY).
- Reinarda squamata** (Cassin, 1853): Guiana Inglesa.
Minas Gerais (ubi ?) (4).

(1) Cf. Hellmayr, *Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser.*, XII, p. 404 (1929).

(2) Um macho adulto, enviado pelo sr. J. B. Godoy ao Museu Paulista em 1900, e ainda existente na coleção do Departamento de Zoologia.

(3) Com Peters (*Check-list of Birds of the World*; IV, p. 196), deixo pendente de confirmação a raça *N. ocellatus brunnescens* Griscom & Greenway (1937), cujo tipo é do Rio Gongogi (Bahia).

(4) As referências que conhece à ocorrência da espécie em "Minas Gerais" cabem a Iher. & Ihering (*Catal. Faun. Bras.*, Av. 1907, p. 239) e Hellmayr (*Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser.*, XII, 1929, p. 398).

Família TROCHILIDAE

- Ramphodon naevius** (Dumont, 1818): Monte Corcovado (Rio de Janeiro).
Santa Fé (ROGERS).
- Glaucis hirsuta hirsuta** (Gmelin, 1788): nordeste do Brasil (ex Marcgrave).
Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Phaethornis squalidus** (Temminck, 1822): Ipanema (Natterer).
Santa Fé (ROGERS).
- Phaethornis pretrei** (Lesson & Delattre, 1839): Minas Gerais.
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Sete Lagoas (REINH.); Vargem Alegre, Mariana (GODOY); Viçosa (MOOJEN); São José da Lagoa (PINTO e assist.).
- Phaethornis longuemareus idaliae** (Bourcier & Mulsant, 1856) (1): interior do Brasil (sugiro Rio de Janeiro como pátria típica).
Rio Piracicaba, próx. à foz (PINTO e assist.).
- Phaethornis ruber ruber** (Linné, 1758): Guiana Holandesa (ex Edwards).
Minas Gerais (ubi ?) (2).
- Eupetomena macroura macroura** (Gmelin, 1788): Cayenne (ex Brisson).
Confins da Bahia e Minas Gerais (WIED); Minas Gerais (REINH.); Vargem Alegre, Mariana (GODOY); Viçosa (MOOJEN); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Melanotrochilus fuscus** (Vieillot, 1817): Brasil (Bahia, localidade típica suger. por Pinto, 1937).
Lagoa Santa, Sete Lagoas (REINH.); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.), 1940).
- Aphantochroa cirrochloris** (Vieillot, 1818): Brasil (Rio de Janeiro, col. Delalande).
Uberaba (LUND); Lagoa Santa, Sete Lagoas (REINH.); Vargem Alegre (GODOY); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Agyrtrina** (3) **versicolor brevisrostris** (Lesson, 1829): "Guyane" errore (a Bahia foi sugerida por Pinto, como localidade típica).
Minas Gerais (REINH.); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.) (4).
- Agyrtrina fimbriata nigricauda** (Elliot, 1878): Bahia.
Diamantina (GOUNELLE) (5).
- Agyrtrina lactea lactea** (Lesson, 1829): pátria não fixada pelo autor (propomos como tal o Rio de Janeiro).
Lagoa Santa (BURM.); Serra do Caraça (GOUNELLE); Vargem Alegre (GODOY); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).

(1) V. Peters, **Check-List Bds. World**, V, p. 16 (1945).

(2) Minas Gerais é incluída na área da espécie por Iher. & Ihering (**Catal. Faun. Bras., Aves**, 1907, p. 142) sem indicação do autor nem de localidade precisa.

(3) Não nos sentimos ainda preparados para acompanhar Peters (op. cit., p. 62 e n...), quando enfeixa em *Amazilia* Lesson as espécies classicamente distribuídas pelos gêneros *Agyrtrina* Chubb e afins.

(4) Temos sob exame dois exemplares da Fazenda Esperança, a saber uma ♀ adulta e um sem indicação de sexo. A garganta é branca, imaculada, no primeiro, tal como nos indivíduos típicos de *A. brevisrostris*; a do insexuado, talvez por imaturidade, é largamente tingida de verde, aproximando-o dos de *A. versicolor* sensu stricto.

É também de Minas Gerais o tipo de *Thaumantias affinis* Gould, 1855 (*Monogr. Trochil.*, V, pl. 299), sinônimo de *Trochilus versicolor* Vieillot, 1818.

Estavam estas linhas escritas quando, a propósito de um ♂ de Itatiaia, tivemos a oportunidade de estudar mais a fundo a sistemática das formas do grupo *versicolor* e respectiva nomenclatura. Cf. **Papéis Avulsos**, vol. X, pp. 173-5 (1951).

(5) V. Hellmayr, **Novit. Zool.**, XV, p. 75 (1908).

- Hylocharis chrysur** (Shaw, 1812): Paraguay (Azara).
Minas Gerais (ubi ?) (1).
- Hylocharis cyanus cyanus** (Vieillot, 1818): Rio de Janeiro (Delalande col.) (2).
Rio Piracicaba, Rio Doce, Rio Suçuí Grande (PINTO e assist.).
- Hylocharis sapphirina latirostris** (Wied) (3): Belmont (sul da Bahia).
Minas Gerais (LESTE GOULD); Rio Piracicaba, Rio Suçuí Grande (PINTO e assist.).
- Chlorostilbon aureo-ventris pucherani** (Bourcier & Mulsant): Brasil (Rio de Janeiro, localidade típica sugerida por Hellmayr).
Lagoa Santa (BURM.); Santa Fé (ROGERS); Vargem Alegre, Mariana (GODOY); Caxambu (IHERING); Maria da Fé (PINTO); Viçosa (MOOJEN); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Thalurania glaucopsis** (Gmelin, 1788): Brasil (a pátria do tipo seria possivelmente a Bahia).
Lagoa Santa (LUND); Sete Lagoas (REINH.); Vargem Alegre (GODOY); Rio Doce, Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Thalurania furcata eriphile** (Lesson, 1832): Brasil (Rio de Janeiro, pátria típica provável).
Minas Gerais (REINH.); Diamantina (GOUNELLE).
- Colibri serrirostris** (Vieillot, 1817): Brasil (Rio de Janeiro?).
Confins da Bahia e Minas (WIED); Minas Novas (St. HILAIRE); Lagoa Santa (BURM.); cerrados de Minas Gerais (REINH.); Mariana (GODOY); Maria da Fé (PINTO); Baependi (DENTE).
- Anthracothorax nigricollis nigricollis** (Vieillot, 1817): Brasil (provavelmente Rio de Janeiro).
Lagoa Santa, Sete Lagoas (REINH.); Mariana (GODOY).
- Chrysolampis elatus** (Linné, 1766): Cayenne (ex Edwards).
Sete Lagoas (REINH.); Mariana (GODOY).
- Polytmus guainumbi thaumantias** (Linné, 1766): nordeste do Brasil (fixada em Sergipe por Hellmayr, ex Marcgrave).
Sete Lagoas (REINH.).
- Leucochloris albicollis** (Vieillot, 1818): Brasil (= Rio de Janeiro, col. Delalande) (4).
Campos de Minas Gerais (SPIX, REINH.); Maria da Fé (PINTO); Baependi (DENTE).
- Clytolaema rubricauda** (Boddaert, 1783): Brasil (Rio de Janeiro pátria típica escolhida por Hellmayr).
Minas Gerais (LUND); Sete Lagoas (REINH.); Serra do Caraça (GOUNELLE).
- Augastes scutatus** (Temminck, 1823) (5): Brasil.
Serra do Caraça, Pico do Itacolúmi, Diamantina (GOUNELLE).
- Heliothryx aurita auriculata** (Nordmann, 1835): Rio de Janeiro.
Sete Lagoas (REINH.).
- Heliactin bilophum** (Temminck, 1820): Brasil (= Fazenda do Valo, Wied).
Confins da Bahia e Minas Gerais (WIED); campos de Minas Gerais (REINH.); Diamantina (GOUNELLE).
- Heliomaster squamosus** (Temminck, 1838): Brasil (Bahia, pátria típica sugerida por Pinto).
Minas Gerais (REINH.); Mariana (GODOY).

(1) Vários autores, como Ihering (1907), Simon (1921) e Peters (1945), fazem menção a Minas Gerais na área de distribuição desta espécie, mas sem precisar localidades.

(2) Cf. Peters, op. cit., V, p. 53 (1945).

(3) Peters (op. cit., p. 53) não vê razão para que seja mantida a raça este-brasileira.

(4) Em nosso Catal. Av. do Bras. (Rev. Mus. Paul., XXII, 1938, p. 277) propusemos o Estado de São Paulo, como pátria típica; todavia como informa L. Simon (Hist. Nat. Trochil., 1921, p. 315) que o tipo foi levado para o Museu de Paris por Delalande força a fixar a localidade típica da espécie nos arredores da cidade do Rio de Janeiro, único ponto do Brasil visitado pelo referido naturalista.

(5) *Trochilus superbus* Vieillot, 1823 (Tabl. Encycl. Méth. Orn. pte. 2, p. 561) passa a sinônimo, antedatado que é por *T. superbus* Shaw, 1802. Cf. Peters, op. cit., p. 125.

- Calliphlox amethystina** (Boddaert, 1783): Cayenne (ex Daubenton).
Campos gerais de Bahia e Minas Gerais (WIED); Lagoa Santa (BURM.); campos de Minas Gerais (REINH.); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Stephanoxis lalandi lalandi** (Vieillot, 1818): Brasil (implicitamente Rio de Janeiro, col. Delalande) (1)
Minas Gerais (REEVES) (2).
- Lophornis magnificus** (Vieillot, 1817): Brasil (= Sumidouro, no Rio de Janeiro).
Confins de Bahia e Minas (WIED); Uberaba (LUND); Lagoa Santa (BURM.); Vargem Alegre (GODOY); Rio Piracicaba (PINTO e assist.).

Ordem TROGONIFORMES

Família TROGONIDAE

- Trogon strigilatus melanopterus** Swainson, 1837: Brasil (pátria típica, fixada por Griscom & Greenway) (3).
Sertão de Minas (St. HILAIRE, WIED); Viçosa (MOOJEN); Rio Doce, Rio Piracicaba, Rio Suçuí Grande, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Trogon rufus chrysochlorus** Pelzeln (4): Ipanema (Natterer, col.).
Rio Doce, Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Trogon surrucura surrucura** Vieillot, 1817: Paraguai (ex Azara).
Lagoa do Baú (LUND); Rio Jordão (ROBERT).
- Trogon surrucura aurantius** (Spix, 1824): Rio de Janeiro.
Minas Gerais (5); Rio Piracicaba, Rio Suçuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).

Ordem CORACIIFORMES

Família ALCEDINIDAE

- Ceryle torquata torquata** Linné, 1766: México (ex Brisson).
Congonhas (BURM.); Lagoa Santa (LUND); Viçosa (MOOJEN).
- Chloroceryle amazona amazona** Latham, 1790: Cayenne.
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Rio Matipoó (FONSECA).
- Chloroceryle americana mathewsii** Laubmann, 1927 (subst. *Alcedo viridis* Vieillot, 1818): Paraguai (ex Azara).
? Minas Gerais (REINH.); Mariana (GODOY).

Família MOMOTIDAE

- Baryphtengus ruficapillus ruficapillus** (Vieillot, 1818): Paraguai.
Paracatu (LUND); Lagoa Santa (LUND, REINH.); Vargem Alegre (GODOY); Rio Doce, Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).

Ordem PICIFORMES

Família GALBULIDAE

- Galbula rufoviridis rufoviridis** Cabanis, 1851: Brasil.
Paracatu (LUND); Lagoa Santa, Sete Lagoas, Curvelo (REINH.); Rio Matipoó (FONSECA); Rio Doce, Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Brachygalba lugubris melanosterna** Sclater, 1855: Goiás (Behn col.).
São Domingos (LUND); Rio Jordão (ROBERT).

(1) Cf. Simon, *Hist. Nat. Trochil.*, p. 282 (1921).
(2) Teste J. Gould, *Monograph Trochil.*, IV, pl. 208.
(3) *Bull. Mus. Comp. Zool.*, LXXXVIII, p. 181 (1941).
(4) Sobre as raças geográficas de *Trogon rufus* v. Pinto, *Arquivos de Zoologia*, V, p. 373 (1947); *Papéis Avulsos*, IX, p. 104-110 (1950); J. T. Zimmer, *Amer. Mus. Novit.*, no. 1380, p. 26 e ss. (1948).
(5) Cf. Pelzeln, *Zur Orn. Bras.*, p. 403.

Jacamaralcyon tridactyla (Vieillot, 1817): Brasil (= Rio de Janeiro, col. Dalalande) (1).

Minas Gerais (WIED, LUND, REINH.); Lagoa Santa (BURM.); Santa Fé (ROGERS); Rio Matipoó (FONSECA); Rio Piracicaba (PINTO e assist.).

Família BUCCONIDAE

Notharchus macrorhynchus swainsoni Gray, 1846: Brasil Meridional (sugiro o baixo Paraíba, no Estado do Rio de Janeiro, como localidade típica).

Rio Suçuí (PINTO e assist.).

Nystalus maculatus maculatus (Gmelin, 1788): nordeste do Brasil (ex Marcgrave). Pirapora (GARBE); Rio Pandeiro (BLASER).

Nystalus chacuru chacuru (Vieillot, 1816): Paraguai (ex Azara).

Sertão de Bahia e Minas Gerais (WIED); Lagoa Santa (BURM.); Pirapora (GARBE); Maria da Fé (PINTO); Baependi (DENTE).

Malacoptila striata striata (Spix, 1824): Rio de Janeiro (que sugerimos como localidade típica) e Bahia.

Minas Gerais (REINH.); Teófilo Otoni (GARBE); Maria da Fé (PINTO); Rio Doce, Rio Piracicaba (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).

Nonnula rubecula rubecula (Spix, 1824): Malhada (Bahia, perto do Rio São Francisco).

Lagoa Santa, Fazenda Mocambo (LUND).

Chelidoptera tenebrosa brasiliensis Sclater, 1862: Brasil (Bahia, terra típica sugerida por Pinto) (2).

Rio Grande (GARBE); Rio Matipoó, Rio Sacramento (FONSECA); Viçosa (MOOJEN); Rio Doce, Rio Piracicaba (PINTO e assist.).

Família RAMPHASTIDAE

Ramphastos toco albigularis Cabanis, 1862 (3): sul do Brasil (como pátria típica sugiro São Paulo).

Minas Gerais (WIED); Lagoa Santa (BURM.); Sete Lagoas (REINH.); Pirapora (GARBE, MOOJEN).

Ramphastos vitellinus ariel Vigors, 1826: Rio de Janeiro.

Santa Fé (ROGERS); Viçosa (MOOJEN); Rio Piracicaba (PINTO e assist.).

Ramphastos dicolorus Linné, 1766: "Cayenne" (local. errônea, que Hellmayr, 1915, subst. por Rio de Janeiro).

Minas Gerais (BURM.); Morro de Sumidouro (LUND); Lagoa Santa (REINH.).

Baillonius bailloni (Vieillot, 1819): Brasil (o Rio de Janeiro foi sugerido como pátria por Pinto, 1938).

Viçosa (MOOJEN); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).

Pteroglossus aracari wiedii Sturm, 1847: sul do Brasil e Paraguai (Rio de Janeiro, pátria típica sugerida por Pinto) (4).

(1) Em nosso **Catálogo das Aves do Brasil** (Rev. Mus. Paul., XXII, 1938, p. 305) foi sugerido o Estado de São Paulo como localidade restrita. Não obstante, como de uma informação de Pelzeln (**Zur Orn. Bras.**, p. 405) se depreende que o tipo foi colecionado por Delalande, podemos fixar definitivamente no Rio de Janeiro a pátria típica da espécie.

(2) **Rev. do Mus. Paul.**, XIX, p. 162 (1935).

(3) **Ramphastos albigularis** Cabanis, 1862, **Journ. f. Orn.**, X, p. 334. A espécie tendo sido criada para as aves do sul do Brasil e Paraguai (of. J. C. Todd, **Proc. Biol. Soc. Wash.**, LVI, 1943, p. 154) com base na brancura por vezes imaculada da garganta, é plausível adotar-se São Paulo como pátria típica. Não é raro a presença de um banho citrino, bem perceptível, nas aves do Brasil Meridional, inclusive São Paulo; o mesmo acontece em dois machos de Pirapora, os únicos exemplares que conhecemos do Estado de Minas.

(4) Em que pesem as razões apresentadas por Griscom & Greenway (**Bull. Mus. Comp. Zool.**, LXXXVIII, 1941, pp. 196/7), não nos sentimos ainda habilitados a aceitar **P. a. vergens** Griscom & Greenway (**Bull. Mus. Comp. Zool.**, LXXXI, 1937, p. 431) para as aves do Brasil meridional, tendo um macho de Valparaíso (oeste de São Paulo) por tipo. Adotado o Rio de Janeiro como pátria típica de **Pt. wiedii** Sturm, o que nos parece ainda perfeitamente plausível, filiar as populações do referido Estado à raça septentrional, ou à meridional, é simplesmente questão de ponto de vista; porquanto, mesmo as aves do Espírito Santo apresentam já o preto da garganta visivelmente tisonado de chocolate, embora muito menos do que os de São Paulo.

Lagoa Santa (BURM., REINH.); Lagoa dos Pitos (REINH.); Congonhas (BURM.); Santa Fé (ROGERS); Rio Piracicaba (PINTO e assist.).

Pteroglossus castanotis australis Cassin, 1867: Rio Paraná.

Lagoa Santa, Rio São Francisco (REINH.); Uberaba (LUND); Rio Grande (GARBE, 1904).

Selenidera maculirostris maculirostris (Lichtenstein, 1823): Brasil (como pátria típica sugiro São Paulo) (1).

Lagoa Santa (LUND, REINH.); Fazenda do Rosário, Lagoa dos Pitos (LUND); Teófilo Otoni (GARBE).

Família PICIDÆ

Colaptes campestris campestris (Vieillot, 1818): Paraguay (ex Azara).

Sertão de Bahia, Minas Gerais (WIED); Minas Gerais (SPIX, LUND, REINH.); Vargem Alegre (GODOY); Rio Pandeiro (BLASER).

Tripsurus flavifrons (Vieillot, 1818): Brasil (Rio de Janeiro, local. típica sugerida por Pinto, 1938).

Lagoa Santa (LUND); Sete Lagoas (BURM., REINH.); Mariana (GODOY); Teófilo Otoni (GARBE); Rio Sacramento (FONSECA); Viçosa (MOOJEN); Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).

Leuconerpes candidus (Otto, 1796): Cayenne.

Minas Gerais (WIED, SPIX); Lagoa Santa, Rio São Francisco (REINH.); Viçosa (MOOJEN).

Piculus flavigula erythropis (Vieillot, 1818) (2): Brasil (pátria típica fixada no Rio de Janeiro por Pinto).

Sete Lagoas (REINH.); Rio Suçuí (PINTO e assist.).

Piculus aurulentus (Temminck, 1823): Paraguay (ex Azara).

Minas Gerais (BURM.).

Chrysophilus melanochloros melanochloros (Gmelin, 1788): Cayenne.

Vargem Alegre (GODOY); Teófilo Otoni (GARBE); Viçosa (MOOJEN); Baependi (DENTE).

Chrysophilus melanochloros nattereri (Malherbe, 1848): Cuiabá.

Minas Gerais (BURM., REINH.); Pirapora (GARBE); Rio Sacramento (FONSECA); Rio Piracicaba, Rio Suçuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.) (3).

Celeus flavescens flavescens (Gmelin, 1788): Brasil (Rio de Janeiro, fixada por Cory como local. típica).

Minas Gerais (LUND, REINH.); Viçosa (MOOJEN); Rio Piracicaba, Rio Suçuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).

Ceophloeus lineatus lineatus (Linné, 1766): Cayenne.

Lagoa Santa (BURM.); Sumidouro, Sete Lagoas (REINH.).

Ceophloeus lineatus erythropis (Valenciennes, 1826) (4): Brasil (como pátria típica sugiro o Rio de Janeiro).

Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).

(1) A fixação do Estado de São Paulo como localidade típica de **Pteroglossus maculirostris** Lichtenstein é tanto mais plausível quanto é sabido que grande parte do material sul-brasileiro alistado pelo autor da espécie fora remetido de S. Paulo para o Museu de Berlim, por Sellow. Para Todd (*Proc. Biol. Soc. Wash.*, LVI, 1943, p. 162), **S. maculirostris** (Lichtenstein) é especificamente diversa de **S. gouldii** (Natterer).

(2) A razão parece estar com Peters (*Check-List of Birds of the World*, VI, p. 113) quando reduz **Picus erythropis** (Vieill.) a simples variedade geográfica de **E. flavigula** Boddaert.

(3) As aves do Rio Doce e afluentes têm caracteres intermediários entre **C. m. melanochloros** e **C. m. nattereri**, aproximando-se do primeiro na tonalidade mais escura, esverdeada, do amarelo das partes inferiores, e do último na forma lenticular e distribuição espaçada das pintas pretas.

(4) Sobre as relações entre **C. lineatus** e **C. erythropis** cf. Pinto, *Arquivos de Zool. do Est. de São Paulo*, V, pp. 399-400 (1947).

- Scapanus melanoleucos melanoleucos** (Gmelin, 1788): Surinam.
Lagoa Santa (LUND) (1).
- Phloeocastes robustus robustus** (Lichtenstein, 1823): Bahia.
Lagoa Santa (REINH.); Viçosa (MOOJEN); Rio Suçuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Veniliornis passerinus transfluvialis** Hellmayr, 1929: Macaco Sêco, perto de Andaraí (Bahia).
Rio das Velhas (perto da Lagoa Santa), Água Suja (2).
- Veniliornis spilogaster** (Wagler, 1827): Brasil (São Paulo, local. típica sugerida por Pinto).
"Sudeste de Minas" (3).
- Veniliornis maculifrons** (Spix, 1821): Rio de Janeiro.
Lagoa Santa (LUND); Rio Doce, Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Dendrocopos mixtus cancellatus** (Wagler, 1829) (4): "México", errore (São Paulo, pátria típica, segundo Salvadori) (5).
Lagoa Santa, Sete Lagoas (REINH.); Pirapora (GARBE).
- Picumnus cirratus cirratus** Temminck, 1825: Brasil (tenho como pátria típica o Rio de Janeiro).
Minas Gerais (LUND); Sete Lagoas (REINH.); Vargem Alegre (GODOY); Caxambú (IHERING); Maria da Fé (PINTO); Viçosa (MOOJEN); Rio Doce, Rio Piracicaba, Rio Suçuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Picumnus pygmaeus** (Lichtenstein, 1823): Brasil (como pátria, a Bahia foi sugerida por Pinto, 1938).
Lagoa Santa (LUND).
- Picumnus guttifer** Sundevall, 1866: Goiás.
Rio Jordão (ROBERT).

Ordem PASSERIFORMES

Família DENDROCOLAPTIDAE

- Dendrocolaptes platyrostris platyrostris** Spix, 1824: Rio de Janeiro.
Paracatu (LUND); Lagoa Santa, Sete Lagoas (REINH.); Rio das Velhas (6); Rio Jordão (ROBERT); Teófilo Otoni (GARBE, 1908); Rio Piracicaba, Rio Suçuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Xiphocolaptes albicollis albicollis** (Vieillot, 1818): Brasil (= Rio de Janeiro, col. Delalande).
Rio das Velhas (no *Field Mus.*); Teófilo Otoni (GARBE, 1908); Rio Matipó (FONSECA); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Xiphocolaptes franciscanus** Sneath (7), 1927: Brejo Januária (marg. esquerda do Rio São Francisco).
Brejo Januária (SNETHLAGE).
- Lepidocolaptes squamatus squamatus** (Lichtenstein, 1822): São Paulo.
Água Suja (*Mus. de Munich*); Mar de Hespanha (*Mus. de Francfort*); Mariana (GODOY); Rio Matipó (FONSECA); Viçosa (MOOJEN); Rio Suçuí (PINTO e assist.).

(1) Afora Lund, a outra referência a "Minas Gerais" é de Pelzeln (*Zur Orn. Bras.*, III, p. 442).

(2) No Museu de Chicago (ex *Field Mus.*). V. Hellmayr, *Field Museum, Nat. Hist., Zool. Ser.*, XII, p. 413 (1929).

(3) Cf. Pinto, *Rev. Mus. Paul.*, XXII, p. 356 (1938). A ocorrência em solo mineiro aguarda confirmação, embora a espécie tenha sido colecionada na Itatiaia, por E. Holt.

(4) Cf. Peters, *Check-List of Bds. World*, VI, p. 214 (1948).

(5) *Catal. Birds Brit. Mus.*, XVIII, p. 260.

(6) Cf. *Catal. Bds. of the Americas*, vol. IV, p. 265. Exemplar do Museu de Chicago (antes *Field Museum*).

(7) **Xiphocolaptes franciscanus** afigura-se-nos que será, com toda probabilidade, uma raça geográfica de *X. albicollis* que passa a substituir a forma típica na margem ocidental do Rio São Francisco.

- Lepidocolaptes fuscus** (Vieillot, 1818): Brasil (= Rio de Janeiro, col. Delalande).
Rio Jordão (ROBERT); Rio Doce, Rio Piracicaba, Rio Sucuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Lepidocolaptes angustirostris bivittatus** (Lichtenstein, 1822): São Paulo.
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Paracatu (LUND); Rio Grande, Pirapora (GARBE); Baependi (DENTE).
- Campylorhamphus falcularius** (Vieillot, 1822): Brasil (= Serra dos Orgãos, Rio de Janeiro).
Rio Doce (PINTO e assist.).
- Capylorhamphus trochilirostris omissus** Pinto (1), 1933: Bonfim (norte da Bahia).
Pirapora (GARBE).
- Sittasomus griseicapillus sylviellus** (Temminck, 1821): Brasil (= Rio de Janeiro, local. típica sugerida por Hellmayr).
Sete Lagoas (BURM.); Rio São Francisco (ROBERT); Rio das Velhas, Água Suja (teste HELLMAYR); Mariana (GODOY); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Dendrocincla turdina enalincia** Oberholser, 1904 (2): Baurú (Est. São Paulo).
Rio Matipó (FONSECA); Viçosa (MOOJEN); Rio Piracicaba (PINTO e assist.).

Família FURNARIIDAE

- Geobates poecilopterus** (Wied, 1831): Campos Gerais (nos confins de Bahia e Minas).
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Uberaba. Paracatu (LUND).
- Furnarius rufus badius** (Lichtenstein, 1823): São Paulo.
Minas Gerais (REINH.); Paracatu (LUND); Rio das Velhas, Mariana (GODOY); Maria da Fé (PINTO); Rio Piracicaba, Rio Sucuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Furnarius figulus figulus** (Lichtenstein, 1823): Bahia.
Pirapora (GARBE).
- Schoeniophylax phryganophila petersi** Pinto, 1948: Pirapora.
Pirapora (GARBE).
- Synallaxis ruficapilla ruficapilla** Vieillot, 1819: Brasil (= Rio de Janeiro, Delalande, col.).
Mariana (GODOY); Viçosa (MOOJEN); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Synallaxis frontalis frontalis** Pelzeln, 1859: Rio São Francisco (Spix col.).
Rio São Francisco (SPIX) (3); Lagoa Santa (LUND, BURM., REINH.); Córrego Rios, Paracatu (LUND); Sete Lagoas (REINH.); Congonhas (BURM.); Rio Jordão (ROBERT); Pirapora (GARBE); Viçosa (MOOJEN).

(1) A estreita semelhança da plumagem dos exemplares de Bonfim (norte da Bahia) que serviram de base a *C. t. omissus* Pinto (*Bol. Biol., Nov. Ser.*, I, 1933, p. 61) com a de duas fêmeas da Serra de Baturité ultimamente recebidas pelo Dept. de Zoologia, leva-nos ainda uma vez a admitir a possibilidade de ser a mencionada raça idêntica a *C. t. major* Ridgway. Não obstante, às medidas de bico (56 e 61 mm.) acusadas pelos exemplares da Serra de Baturité estão muito longe de alcançar as assinaladas por Hellmayr (*Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser.*, XIII, pte. IV, p. 343 n. b) para a raça nordestina. Por outro lado a plumagem das aves de Bonfim e Baturité, longe de ser semelhante à das do sul da Bahia, legítimas representantes de *C. t. trochilirostris*, é muito mais clara, com as asas e a cauda cor de canela ou ferruginosas (em vez de castanhas escuras). Quanto ao macho de Pirapora, é ele inseparável das fêmeas de Bonfim.

(2) Sobre as variações geográficas em *D. turdina*, aí incluídas as populações da região do Rio Doce, v. Pinto *Arq. Zool.*, V, pp. 417-422 (1947). Pelas razões ali expostas, a raça *enalincia* não é admitida senão com muita reserva.

(3) Embora Spix não informe o trecho do Rio São Francisco em que obteve o seu exemplar, podemos praticamente ter a certeza de que ele deve pertencer ao território de Minas, visto como parece ser colecionado no mesmo lugar *S. spixi*, espécie desconhecida no Estado da Bahia.

- Synallaxis spixi spixi** Sclater, 1856: Brasil (S. Paulo, local. restr.).
? Rio São Francisco (SPIX) (1); Vargem Alegre, Mariana (GODOY); Maria da Fé (PINTO); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Poecilurus scutatus scutatus** Sclater (2), 1859: Brasil (= Bahia, teste Hellmayr).
Água Suja (ROBERT?).
- Certhiaxis cinnamomea russeola** (Vieillot, 1817): Paraguay (ex Azara).
Lagoa Santa (BURM., REINH.); Rio Matipoó (FONSECA); Maria da Fé (PINTO); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Cranioleuca pallida** (Wied, 1831): Campos Gerais (confins de Minas e Bahia (4)).
Campos Gerais (WIED); Mariana (GODOY); Baependi (DENTE).
- Driocistes erythrophthalmus erythrophthalmus** (Wied, 1821): Rio Catolé (sul da Bahia).
Rio Piracicaba (PINTO e assist.) (4).
- Phacellodomus rufifrons rufifrons** (Wied, 1821): Ribeirão da Ressaca (confins de Bahia e Minas).
Paracatu (ST. HILAIRE) (5); Lagoa Santa (LUND); Sete Lagoas (REINH.); Rio das Velhas (*Field Mus.*); Pirapora (GARBE); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Phacellodomus ruber** (Vieillot, 1817): Paraguay (Azara).
Paracatu (ST. HILAIRE); Ribeirão da Tolda (REINH.).
- Anumbius annumbi** (Vieillot, 1817): Paraguay (Azara).
Uberaba (NATTERER); Água Suja (col. ?); Baependi (DENTE).
- Anabazenops fuscus** (Vieillot, 1816): Brasil (local. típica fixada no Rio de Janeiro por Hellmayr).
Mariana (GODOY).
- Philydor atricapillus** (Wied, 1821): Rio Catolé (confins de Bahia e Minas).
Minas Gerais (SPIX); Santa Fé (ROGERS); Mariana (col. ?) (6); Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Philydor lichtensteini** Cabanis & Heine, 1859: Brasil (local. típica fixada em São Paulo, por Pinto, 1938).
Morro Queimado (LUND); Capela Nova (REINH.); Mariana (GODOY); Rio Matipoó (FONSECA); Rio Suçuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Philydor rufus rufus** (Vieillot, 1818): "Brésil".
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Paracatu (LUND).

(1) Nunca mais, depois de Spix, consta que a espécie tenha sido encontrada no Rio São Francisco. Como a espécie no Sul de Goiás (Jaraguá) é representada por *S. s. hypospodia* Sclater, é muito possível que esta seja a raça encontrada no oeste de Minas.

(2) Peters (*Check-List Bds. World*, VII, p. 97) refere a presente forma ao gênero *Poecilurus* Todd, que não é sem hesitação que concordamos em separar de *Synallaxis* Vieillot.

(3) Hellmayr localiza os Campos Gerais a que se refere Wied no sul de Minas, onde a ave sabidamente ocorre; todavia é de objetar-se que aquele naturalista durante sua viagem pelo Brasil, Minas Gerais esteve sempre longe do percurso por ele feito, exceção feita na zona confinante com o sul da Bahia.

(4) É a primeira vez que a espécie foi verificada em Minas Gerais. Os exemplares procedem do Rio Piracicaba, junto à sua confluência com o Rio Doce e têm as características da forma típica, cuja distribuição é tanto mais curiosa quanto uma ♀ de Ubatuba (N. 5438 da col. do Mus. Paul.), colecionada por Garbe, 1905, pertence à mesma forma e não a *ferrugineigula*.

(5) V. A. Ménégau e C. E. Hellmayr, *Mém. Soc. Hist. Nat. d'Autun*, XIX, p. 84 (1906).

(6) A localidade é incluída por Hellmayr (*Catal. Bds. Amer.*, pte. IV, 1925, p. 200) na área de distribuição da espécie, sem mais informações. Acreditamos que, se não houver engano na referência, ela se baseie em exemplar obtido por J. B. Godoy, embora o Catálogo de Ihering seja mudo a esse respeito.

- Automolus leucophthalmus leucophthalmus** (Wied, 1821): Rio Cachoeira (sul da Bahia).
Rio Verde (SPIX); Lagoa Santa (BURM., REINH.); Rio das Velhas (*Mus. Field* e *Mus. Paulista*) (1); Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Hylocryptus rectirostris** (Wied, 1831): Campos Gerais (confins de Bahia e Minas).
Lagoa Santa (REINH.); Fazenda Lages, perto de Sant'Ana dos Alegres (LUND); Rio das Velhas (*Mus. Field*).
- Xenops minutus minutus** (Sparrman, 1788): localid. ? (Rio de Janeiro, pátria típica suger. por Hellmayr, 1925).
Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Xenops rutilans rutilans** Temminck, 1821: pátria típica não indicada (= Bahia, por sugest. de Pinto, 1938).
Sete Lagoas (REINH.); Rio das Velhas (*Mus. Field*); Rio Piracicaba, Rio Suçuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Sclerurus scansor scansor** (Ménétrières, 1835): "Rio de Janeiro e Minas Gerais".
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Rio das Velhas (*Mus. Field*); Mairinque (GARBE, 1908); Rio Matipóó (FONSECA); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Lochmias nematura nematura** (Lichtenstein, 1823): São Paulo.
Lagoa Santa (LUND); Congonhas do Sabará (BURM.); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).

Família FORMICARIIDAE

- Hypoedaleus guttatus leucogaster** Pinto, 1932: Rio Matipóó.
Lagoa Santa, Sete Lagoas (REINH.); Rio Matipóó (FONSECA) (2).
- Mackenziaena leachii** (Such, 1825): Campos dos Goitacazes (no (Est. do Rio de Janeiro).
Serra do Caparaó (KAEMPFER).
- Mackenziaena severa** (Lichtenstein, 1823): São Paulo.
Serra do Caparaó (KAEMPFER) (3).
- Taraba major stagurus** (Lichtenstein, 1823): Bahia.
Rio São Francisco, Curvelo (LUND); Pirapora (GARBE, 1912); Lagoa Santa (WARMING) (4).
- Thamnophilus doliatus capistratus** Lesson, 1840 (5): "Brésil" (= Bahia?).
Campos Gerais (WIED).
- Thamnophilus palliatus palliatus** (Lichtenstein, 1823) (6): Bahia.
Rio Matipóó (FONSECA); Resplendor, São Benedito (KAEMPFER); Rio Piracicaba Rio Doce, Rio Suçuí (PINTO e assist.).

(1) O exemplar do Museu de Chicago (teste Hellmayr) vem das proximidades de Lagoa Santa; o obtido pelo Museu Paulista (pertencente hoje ao Departamento de Zoologia) é de Santa Luzia do Rio das Velhas, e nada consta sobre o respectivo colecionador.

(2) As populações do Rio Matipóó e alto Rio Doce merecem formar raça particular, sob a denominação de *H. guttatus leucogaster* Pinto (Rev. Mus. Paul., XVII, 1932, 2.ª pte., p. 749). Caracteriza-se *H. g. leucogaster* pela cor branca ou apenas levemente ocrácea do crisso e baixo abdome, tal como se vê num macho adulto do Rio Matipóó (Pinto da Fonseca col.), que designamos como tipo. A área de *leucogaster* é ainda incerta, mas alcança o Estado do Espírito Santo. As aves de Lagoa Santa, de onde não conhecemos exemplares, devem pertencer à raça em questão; mas é muito provável que a forma típica da espécie ocorra nas regiões limítrofes com o Estado de São Paulo. Cf. E. Naumburg, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LXXIV, p. 158 (1937); J. L. Peters, Check-list of Birds of the World, VII, p. 154 (1951).

(3) Deve a espécie ocorrer ainda nos campos do Itatiaia, na zona lideira de Minas Gerais com o Rio de Janeiro.

(4) A forma típica, comum no oeste de São Paulo e presente no sul de Goiás, ocorrerá com toda probabilidade no sudoeste de Minas; mas disso não se tem prova material.

(5) É impossível precisar a raça, ou talvez mais de uma, encontrada em solo mineiro, pois que a espécie apenas foi inventariada por Reinhardt (Vidensk. Meddel. etc. nos. 21-23, p. 372) com base no Príncipe Wied (Beitr., III, p. 995), que só esteve nos confins de Minas com a Bahia.

(6) Mrs. Naumburg (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., 1937, LXXIV, p. 184) considera separáveis as populações da Bahia e Espírito Santo, sob *T. palliatus vestitus* (Lesson).

- Thamnophilus punctatus pelzelni** Hellmayr, 1924 (1): Abrilongo (Est. de Mato Grosso, prox. de Chapada).
Resplendor (KAEMPFER); Barra do Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Thamnophilus caerulescens caerulescens** Vieillot, 1816: Paraguay.
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Taboleiro Grande (REINH.); Rio das Velhas (*Field Mus.*); Maria da Fé (PINTO); Rio Caparaó, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Thamnophilus torquatus** Swainson, 1825: Urupé (Est. da Bahia, prox. Recôncavo).
Lagoa Santa (BURM., REINH.) (2).
- Thamnophilus ruficapillus ruficapillus** Vieillot, 1816: Corrientes (sugerido por Hellmayr).
Mariana (LUND); Vargem Alegre (GODOY); Serra do Caparaó (KAEMPFER); Baependi (DENTE).
- Dysithamnus stictothorax** (Temminck, 1823): sul da Bahia.
Mariana (GODOY); Santa Bárbara do Caparaó (KAEMPFER); Rio Piracicaba, Rio Doce, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Dysithamnus mentalis mentalis** (Temminck, 1823): Curitiba.
Lagoa Santa (REINH.); Rio Jordão (ROBERT); Água Suja (CARVALHO); Rio Caparaó, Resplendor, Santa Bárbara do Caparaó (KAEMPFER); Rio Doce, Rio Suçuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Dysithamnus plumbeus plumbeus** (Wied, 1831): Espírito Santo (apud Pinto, 1938).
Rio Matipoó (FONSECA); São Benedito (KAEMPFER); Rio Piracicaba, Rio Doce (PINTO e assist.).
- Thamnomanes caesius caesius** (Temminck, 1820): Espírito Santo.
Rio Matipoó (FONSECA); São Benedito (KAEMPFER); Rio Piracicaba, Rio Doce, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Myrmotherula gularis** (Spix, 1925): Rio de Janeiro (design. de Hellmayr, 1925).
"Minas Gerais" (MÉNÉTRIÈS).
- Myrmotherula axillaris luctuosa** Pelzelni, 1868: sul da Bahia.
Resplendor, São Benedito (KAEMPFER); Rio Piracicaba, Rio Doce, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Myrmotherula urosticta** (Sclater, 1857): sul da Bahia (pátria típica suger. por Pinto, 1938).
São Benedito (KAEMPFER).
- Herpsilochmus pileatus atricapillus** Pelzelni, 1868: Rio Grande (na divisa dos Estados de São Paulo e Minas Gerais).
Lagoa Santa (BURM., REINH.); Sete Lagoas (REINH.); Água Suja (col. ?).
- Herpsilochmus rufimarginatus scapularis** (Wied, 1831) (3): sertão da Bahia.
Resplendor (KAEMPFER); Rio Piracicaba, Rio Doce, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Formicivora serrana** Hellmayr, 1929: Sete Lagoas (perto da Lagoa Santa).
Rio Bacalhau (MÉNÉTRIÈS); Lagoa Santa (LUND); Sete Lagoas (REINH.); Vargem Alegre (GODOY); Rio Gualacho (SNETHLAGE); Rio Matipoó, Rio Sacramento (FONSECA); Serra do Caparaó, Resplendor (KAEMPFER); Rio Piracicaba, Rio Doce, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Formicivora rufa rufa** (Wied, 1831) (4): interior da Bahia.
Congonhas, Lagoa Santa (BURM.); Pirapora (GARBE).

(1) Para Mrs. Naumburg (op. cit.) dever-se-ão referir as aves da região mineira do Rio Doce a *T. punctatus ambiguus* Swainson.

(2) Reinhardt refere a espécie nas vizinhanças de Mariana, com base em observação de Lund; é todavia muito provável que tivesse havido confusão com *T. ruficapillus*.

(3) Cf. E. Naumburg, *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, LXXVI, 1939, p. 248. A julgar pelos exemplares do Rio Doce, a tonalidade mais clara, quase branca, da garganta é a mais saliente das características da raça nordestina.

(4) Sobre a raça das populações mineiras de *Formicivora rufa* vejam-se os nossos comentários em "Arquivos de Zoologia", vol. II, p. 20 e segs..

- Drymophila ferruginea** (Temminck, 1822): vizinhanças do Rio de Janeiro (por sugest. de Hellmayr, 1925).
Rio Caparaó, Santa Bárbara (KAEMPFER).
- Drymophila genei** (Filippi, 1847): Brasil (para pátria típica sugiro a Serra dos Orgãos, no Estado do Rio de Janeiro).
Campos de São Domingos, Cachoeira da Fumaça, Casa Queimada, Gruta da Pedra Menina, Várzea das Congonhas (KAEMPFER).
- Drymophila ochropyga** (Hellmayr, 1906): Ipanema (São Paulo).
Serra do Caparaó (KAEMPFER).
- Drymophila squamata** (Lichtenstein, 1823): Bahia.
Rio Matipoó (FONSECA); Resplendor, São Benedito (KAEMPFER); Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Terenura maculata** (Wied, 1831): Rio de Janeiro (suger. por Hellmayr, 1925).
Resplendor (KAEMPFER); Rio Doce, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Ramphocaenus melanurus melanurus** Vieillot, 1819: arredores do Estado do Rio de Janeiro.
Rio Doce, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Pyriglena leucoptera leucoptera** Vieillot, 1818: arred. do Rio de Janeiro.
Lagoa Santa (LUND); Rio Jordão (ROBERT); Maria da Fé (PINTO); Serra do Caparaó, Santa Bárbara, Resplendor, São Benedito (KAEMPFER); Baependi (DENTE).
- Myrmeciza ruficauda ruficauda** (Wied, 1831): local. típica aceita, sul da Bahia.
Resplendor (KAEMPFER).
- Myrmeciza loricata** (Lichtenstein, 1823): Bahia.
Rio Caparaó, Santa Bárbara (KAEMPFER); Rio Piracicaba, Rio Doce, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Formicarius colma ruficeps** (Spix, 1824): Rio de Janeiro (sugerida por Hellmayr, 1925).
"Minas Gerais" (MÉNÉTRIÈS); Rio Matipoó (FONSECA); Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Chamaeza campanisona campanisona** (Lichtenstein, 1823) (1): São Paulo.
Rio Doce, Rio Suçuí (PINTO e assist.).

Família CONOPOPHAGIDAE

- Conopophaga lineata vulgaris** Ménériès, 1835 (2): Rio de Janeiro.
"Minas Gerais" (MÉNÉTRIÈS); Serra do Caparaó (KAEMPFER); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.) (3); Baependi (DENTE).
- Conopophaga lineata lineata** (Wied, 1831): Conquista (sul da Bahia).
? Paracatu (LUND).
- Conopophaga melanops melanops** (Vieillot, 1818): Rio de Janeiro.
São Benedito (KAEMPFER); Rio Piracicaba, Rio Doce, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Corythopis delalandi** (Lesson, 1830): Rio de Janeiro.
Paracatu, Lagoa Santa (LUND); Resplendor (KAEMPFER).

Família RHINOCRYPTIDAE

- Scytalopus speluncae** (Ménériès, 1835): ? São João del Rei (local. seguramente errônea, pelo que sugiro para pátria típica a Serra dos Orgãos, Estado do Rio de Janeiro).
Serra do Caparaó (KAEMPFER).

(1) Merece seguido, ao nosso ver, o recente exemplo de Peters (**Check-list Bds. World**, VII, p. 244), quando rejeita *Turdus brevicaudus* Vieillot, 1818 para nome desta espécie, visto a anterior (1873) utilização de tal nome para um pássaro das Philipinas, por parte de Boddaert (**Tabl. Pl. Enlum.**, p. 6).

(2) Sobre a distribuição e nomenclatura das duas raças reconhecidas na espécie veja-se Mrs. Naumburg, **Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.**, LXXIV, p. 143 e ss. (1937).

(3) O exemplar da Fazenda Boa Esperança (perto de São José da Lagoa e na região montanhosa circunjacente ao Itabira) é semelhante em tudo aos de leste de São Paulo e Rio de Janeiro.

- Scytalopus indigoticus** (Wied, 1831): sul da Bahia.
? Mariana (1).
- Melanoparela** (2) **torquata rufescens** Hellmayr, 1924: Orissanga (Est. de São Paulo, prox. de Mogi-Mirim).
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Lages (REINH.).
- Família COTINGIDAE**
- Tijuca atra** Férussac, 1829: Serra do Mar, Est. do Rio de Janeiro (suger. por Pinto, 1944).
São Francisco (ROBERT, 1901).
- Ampelion cucullatus** (Swainson, 1821): Rio de Janeiro (suger. por Pinto, 1944).
Serra do Caparaó (PEIXOTO VELHO).
- Cotinga maculata** (Müller, 1776): Rio de Janeiro (suger. por Hellmayr, 1929).
Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Attila rufus rufus** (Vieillot, 1819): vizinhança do Est. do Rio de Janeiro.
Rio Matipóó (FONSECA); Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Casiornis rufa** (Vieillot, 1816): Paraguay.
Mocambo (LUND); Fazenda Roça (REINH.).
- Rhytipterna simplex simplex** (Lichtenstein, 1823): Bahia.
Rio Matipóó (FONSECA); Rio Doce, Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Lipaugus lanioides** (Lesson, 1844): Rio de Janeiro (suger. por Pinto, 1944).
Mariana (GODOY); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Pachyramphus viridis viridis** (Vieillot, 1816): Paraguay.
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Pachyramphus castaneus castaneus** (Jardine & Selby, 1827): Rio de Janeiro. (suger. por Pinto, 1944).
Água Suja (? ROBERT); Serra do Caparaó, Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Pachyramphus polychopterus spixii** (Swainson, 1837): Rio de Janeiro (suger. por Hellmayr, 1929).
Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Pachyramphus marginatus marginatus** (Lichtenstein, 1823): Bahia.
Lagoa Santa (LUND); Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Platypsaris rufus rufus** (Vieillot, 1816): Paraguay.
Rio Doce, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Tityra cayana brasiliensis** (Swainson, 1837): Pernambuco (suger. por Pinto, 1944).
Curvelo, Lagoa Santa (LUND); Teófilo Otoni (GARBE, 1908); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança, Rio Doce, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Tityra inquisitor inquisitor** (Lichtenstein, 1823): São Paulo.
Rio Jordão, Água Suja, Rio São Francisco (ROBERT).
- Procnias nudicollis** (Vieillot, 1817): local. ignorada (como pátria típica sugiro Rio de Janeiro).
Lagoa Santa (LUND); Gouveia (BURTON).
- Pyroderus scutatus scutatus** (Shaw, 1792): tipo de procedência ignorada (proponho o Rio de Janeiro como localidade típica).
Lagoa Santa (REINH.); Uberaba (LUND); Rio Matipóó (MOOJEN); Rio Doce, Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).

(1) Localidade referida por nós no **Catal. das Aves do Brasil**, 1.a parte, p. 532, que lamentamos não ter elementos para agora confirmar.

(2) Sobre a posição deste gênero consulte-se Alex. Wetmore, **Bull. Un. St. Nat. Mus.**, No. 133, p. 292 (1925).

Família PIPRIDAE

Pipra aureola scarlatina Hellmayr, 1915: Fazenda Caioá, perto de Salto Grande do Rio Paranapanema.

Lagoa Santa, Lagoa Dourada (REINH.); Rio Jordão (ROBERT).

Antilophia galeata (Lichtenstein, 1823): São Paulo.

Lagoa Santa, Sete Lagoas, Curvelo (REINH.).

Chiroxiphia caudata (Shaw & Nodder, 1793): Rio de Janeiro (sugerida por Pinto, 1944).

Lagoa Santa (REINH.); Rio das Velhas (BECKER); Santa Fé (ROGERS); Vargem Alegre (GODOY); Maria da Fé (PINTO, 1935); Rio Doce, Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).

Ilicura militaris (Shaw & Nodder, 1808): Rio de Janeiro (sugerida por Hellmayr, 1929).

Lagoa Santa, Sete Lagoas (REINH.); Rio Jordão (ROBERT); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).

Manacus manacus gutturosus (Desmarest, 1806): Rio de Janeiro (sugerida por Pinto, 1944).

Lagoa Santa, Sete Lagoas (REINH.); Mariana (GODOY); Rio Matipoó, Rio Sacramento (FONSECA); Rio Doce, Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).

Schiffornis virescens (Lafresnaye, 1838): Rio de Janeiro.

São Francisco (ROBERT); Rio Piracicaba (PINTO e assist.).

Schiffornis turdinus turdinus (Wied, 1831): Bahia.

Rio Piracicaba (PINTO e assist.).

Neopelma aurifrons aurifrons (Wied, 1831): Camamu (litoral da Bahia).

"Minas Gerais" (AUG. ST. HILAIRE); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança, Rio Doce, Rio Suçuí (PINTO e assist.).

Neopelma aurifrons chrysolophum (Pinto, 1944) (1): Minas Gerais.

Maria da Fé (PINTO).

Neopelma pallescens (Lafresnaye, 1853): Bahia.

Lagoa Santa (REINH.); Água Suja, Rio Jordão (ROBERT); Rio das Velhas (*idem*, ?).

Família TYRANNIDAE

Xolmis cinerea (Vieillot, 1816): Rio de Janeiro (suger. por Hellmayr, 1929).

Lagoa Santa, Barbacena, Paracatu (REINH.); Água Suja (?); Maria da Fé (PINTO); "Minas Gerais" (?) (2).

Xolmis velata (Lichtenstein, 1823): São Paulo.

"Minas Gerais" (REINH.); Pirapora (GARBE); Água Suja (?); Maria da Fé (PINTO); Baependi (DENTE).

Colonia colonus colonus (Vieillot, 1818): Paraguay.

"Minas Gerais" (*Mus. Hein., teste HELLMAYR*); Morro Queimado (LUND); Vargem Alegre (GODOY); Água Suja (?); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).

Gubernetes yetapa (Vieillot, 1818): Paraguay.

Lagoa Santa, Sete Lagoas (REINH.); Vargem Alegre (GODOY); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).

(1) *Catal. Av. Bras.*, 2.a pte., p. 100.

(2) O tipo de *Tyrannus albicollis* Lesson, 1831 (não Vieillot, 1819), existente no Museu de Paris, procede, segundo Hellmayr (*Catal. Bds. Amer.*, V, p. 10), de "Minas Gerais".

Alectrurus tricolor (Vieillot, 1816): Paraguay.

Entre o Rio São Francisco e Indaiá (FREIREYSS) (1); Uberaba (LUND); Lagoa Santa, Sete Lagoas, Vargem Comprida (REINH.); São Romão (2); Baependi (DENTE).

Knipolegus lophotes Hellmayr, 1927: São Paulo.

Congonhas, Lagoa Santa (BURM.); Serra da Piedade, Pico de Itabira (LUND); Chapéu de Uvas (REINH.); Itatiaia (LUEDERW.); Vargem Alegre (GODOY); Rio das Velhas (ROBERT ?); Água Suja (?); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).

Knipolegus nigerrimus (Vieillot, 1818): vizinhanças do Rio de Janeiro.

Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).

Knipolegus aterrimus franciscanus Snethlage, 1928: Brejo Januária (próx. do Rio São Francisco).

Pirapora (GARBE); Brejo Januária (SNETH.).

Knipolegus cyanirostris (Vieillot, 1818): Paraguay.

Lagoa Santa (REINH.); Pirapora (GARBE); Maria da Fé (PINTO).

Muscipipra vetula (Lichtenstein, 1823): São Paulo.

Lagoa Santa (BURM.); Baependi (DENTE).

Fluvicola climazura climazura (Vieillot, 1824): Recôncavo da Bahia, (suger. por Pinto, 1940).

Rio Doce (PINTO, observ. inéd.) (3).

Arundinicola leucocephala (Linné, 1764): Surinam.

Lagoa Santa (REINH.); Rio Matipoó (FONSECA); Baependi (DENTE).

Pyrocephalus rubinus rubinus (Boddaert, 1783): Tefé, no Rio Solimões (suger. por Zimmer, 1941).

Estiva, Paracatu (LUND); Lagoa Santa, Sete Lagoas (REINH.); Rio das Velhas (BECKER ?); Pirapora (GARBE).

Satrapa icterophrys icterophrys (Vieillot, 1818): Paraguay.

Lagoa Santa (REINH.); Vargem Alegre, Mariana (GODOY); Maria da Fé (PINTO); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).

Muscivora tyrannus tyrannus (Linné, 1766): Surinam (suger. por Zimmer, 1937).

Lagoa Santa (LUND, REINH.); Sete Lagoas, Paracatu (LUND); Água Suja (BAËR); Maria da Fé (PINTO); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).

Tyrannus albogularis Burmeister, 1956: Lagoa Santa (suger. por Pinto, 1944).

Lagoa Santa (REINH.); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).

Tyrannus melancholicus melancholicus (Vieillot, 1819): Paraguay.

Rio das Velhas (LUND); Lagoa Santa (REINH.); Vargem Alegre (GODOY); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).

Empidonomus varius varius (Vieillot, 1818): Paraguay.

Rio Matipoó (FONSECA); Rio Suquí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).

Empidonomus aurantio-atro-cristatus aurantio-atro-cristatus (Lafresnaye & D'Orbigny, 1837): Bolívia.

Lagoa Santa, Sete Lagoas (REINH.).

Legatus leucophaeus leucophaeus (Vieillot, 1818): Caiena.

Teófilo Otoni (GARBE).

(1) Cf. *Rev. Inst. Hist. Geogr. de São Paulo*, 1906, p. 186.

(2) Exemplos na coleção do Pe. Maximiliano de Wied Neuwied (Cf. *Beiträge*, III, p. 877). As localidades acima citadas dever-se-ia acrescentar "Lhanozo" (por Lanhoso ?), referida por Pelzeln (*Orn. Bras.*, p. 98) com base num exemplar fornecido por H. Beske, e localizada por Hellmayr em Minas Gerais (cf. *Catal. Bds. Americas*, V, p. 64).

(3) Embora não houvesse podido coleccionar exemplares, verificamos com segurança a presença da lavadeira no Rio Doce, durante a expedição ali realizada pelo Dept. de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo. Uma vez na foz do Rio Piracicaba, e depois na estação de Derribadinha, sempre na praia arenosa do rio.

- Sirystes sibilator sibilator** (Vieillot, 1818): Paraguay.
Lagoa Santa (BURM.); Rio Doce, Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Myiodynastes solitarius** (Vieillot, 1819): Paraguay.
Paracatu (LUNC); Lagoa Santa, Curvelo (REINH.); Vargem Alegre (GODOV); Rio Matipoó (FONSECA); Rio Doce, Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Megarhynchus pitangua pitangua** (Linné, 1766): Rio de Janeiro (suger. por Pinto, 1944).
Lagoa Santa, Uberaba (LUND); Sete Lagoas, Curvelo (REINH.); Rio Piracicaba (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Myiozetetes cayanensis cayanensis** (Linné, 1766): Caiena.
Rio Jordão (ROBERT).
- Myiozetetes cayanensis erythropterus** (Lafresnaye, 1853): Rio de Janeiro (suger. por Pinto, 1944).
Santa Fé (ROGERS).
- Myiozetetes similis pallidiventris** Pinto, 1935: ilha de Madre de Deus (Bahia, Recôncavo).
Lagoa Santa (REINH.); Pirapora (GARBE); Rio Doce, Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Pitangus sulphuratus maximiliani** (Cabanis & Heine, 1859): Bahia.
Congonhas (BURM.); Lagoa Santa (REINH.); Vargem Alegre (GODOV); Rio Pan-deiro (BLASER); Maria da Fé (PINTO); Rio Piracicaba, Rio Suçuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Myiarchus tyrannulus bahiae** Berlepsch & Leverkühn, 1890: Bahia.
Rio das Velhas (ROBERT ?).
- Myiarchus swainsoni swainsoni** Cabanis & Heine, 1859: Ipanema (sugerida por Pinto, 1944).
Maria da Fé (PINTO).
- Myiarchus ferox australis** Hellmayr, 1927: Água Suja (perto de Estrela do Sul, antiga Bagagem).
? Lagoa Santa (LUND); Água Suja (CARVALHO); Rio Sacramento (FONSECA); Rio Piracicaba, Rio Suçuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Myiarchus tuberculifer tricolor** Pelzeln, 1868: Sepitiba (litoral do Rio de Janeiro).
Rio Sacramento (FONSECA); Rio Doce, Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Contopus cinereus cinereus** (Spix, 1825): Rio de Janeiro (fixada por Hellmayr, 1906).
Fazenda Mocambo (LUND); Lagoa Santa (REINH.); Água Suja (?); Rio Matipoó (FONSECA); Rio Piracicaba (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Empidonax euleri euleri** (Cabanis, 1868): Cantagalo.
Sete Lagoas (REINH.); Rio Doce, Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Cnemotriccus fuscatus bimaculatus** (Lafresnaye & D'Orbigny, 1837): Bolívia.
Bagagem.
- Myiobius barbatus mastacalis** (Wied, 1821): Rio Catolé (afluente do Rio Pardo, Estado da Bahia).
Rio Doce, Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Myiobius atricaudus ridgwayi** Berlepsch, 1888: Petrópolis.
Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Myiophobus fasciatus flammiceps** (Temminck, 1822): Rio de Janeiro (suger. Hellmayr, 1925).
Congonhas (BURM.); Tijuco (LUND); Lagoa Santa (REINH.); Vargem Alegre (GODOV); Rio das Velhas (BECKER ?); Pirapora (GARBE); Maria da Fé (PINTO); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).

- Hirundinea bellicosa bellicosa** (Vieillot, 1819): Paraguay.
Lagoa Santa (BURM., LUND, REINH.); Sete Lagoas (REINH.); Santa Luzia (LUND); Ressaquinha, Barbacena (REINH.); Vargem Alegre (GODOY); Rio das Velhas (BECKER ?); Água Suja (col. ?); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Onychorhynchus swainsoni** (Pelzeln, 1858): Rio de Janeiro (suger. por Hellmayr, 1927).
Mairinque, Teófilo Otoni (GARBE).
- Platyrrinchus mystaceus mystaceus** Vieillot, 1818: Paraguay.
Lagoa Santa, Sete Lagoas (REINH.); Maria da Fé (PINTO); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Tolmomyias sulphureus sulphureus** (Spix, 1825): Rio de Janeiro.
Cachoeira do Campo (REINH.); Fazendinha (KAEMPFER); Rio Doce, Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Tolmomyias sulphureus pallescens** (Hartert & Goodson, 1917): Santa Cruz Bolívia).
Pirapora (GARBE, 1912); Água Suja (BECKER ?).
- Rhynchocyclus olivaceus olivaceus** (Temminck, 1820): Rio de Janeiro (suger. por Pinto, 1920).
Rio Matipó (FONSECA); Resplendor, São Benedito (KAEMPFER); Rio Doce, Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Ramphotrigon megacephalus megacephalus** (Swainson, 1836): "Brasil" (sugiro como local. típica a Serra do Mar, no Estado de São Paulo).
Pico da Bandeira (KAEMPFER).
- Todirostrum cinereum coloreum** Ridgway, 1906: Corumbá.
Água Suja (BECKER ?).
- Todirostrum poliocephalum** (Wied), 1831: Rio de Janeiro.
Rio Doce, Fazenda Boa Esperança, Rio Suçuí (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Todirostrum plumbeiceps plumbeiceps** Lafresnaye, 1846: Paraguay.
Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Euscarthmornis orbitatus** (Wied, 1831): Espírito Santo, Rio Doce (suger. por Pinto, 1944).
Rio Doce, Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Euscarthmornis margaritaceiventris margaritaceiventris** (Lafresnaye & D'Orbigny, 1837): Chiquitos (leste da Bolívia).
Pirapora (GARBE).
- Myiornis auricularis cinereicollis** (Wied, 1831): sul da Bahia (sugerida por Pinto, 1944).
Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Pogonotriccus eximius** (Temminck, 1822): Ipanema.
Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Leptotriccus sylviolus** Cabanis & Heine, 1859: Rio de Janeiro (sugerida por Pinto, 1944).
Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Phylloscartes ventralis ventralis** (Temminck, 1824): Ipanema.
Maria da Fé (PINTO).
- Phylloscartes roquettei** Sneathlage, 1928: Brejo Januária (próx. Rio S. Francisco, Minas Gerais).
Brejo Januária (SNETHLAGE).
- Capsiempis flaveola flaveola** (Lichtenstein, 1823): Bahia.
Lapa Vermelha (REINH.).
- Euscarthmus meloryphus meloryphus** Wied, 1831: confins de Bahia e Minas.
Lagoa Santa (LUND); Vargem Alegre (GODOY); Água Suja (BECKER ?).

- Serpophaga subcristata** (Vieillot, 1817): Paraguay.
Furnas (col. ?) (1); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Serpophaga nigricans** (Vieillot, 1817): Paraguay.
Congonhas (BURM.); Lagoa Santa (BURM., REINH.); Baependi (DENTE).
- Elaenia flavogaster flavogaster** (Thunberg, 1822): Rio de Janeiro.
Congonhas (BURM.); Rio das Velhas (BECKER ?); Maria da Fé (PINTO); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Elaenia chiriquensis albivertex** Pelzeln, 1868: Ipanema.
Lagoa Santa (LUND).
- ? **Elaenia albiceps chilensis** Hellmayr, 1927: Curacautin (Chile).
Lagoa Santa (LUND).
- Elaenia mesoleuca** Pelzeln, 1868: Rio Grande do Sul.
Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Elaenia obscura sordida** Zimmer, 1941: Franca (norte do Est. de São Paulo).
Lagoa Santa (LUND); Vargem Alegre (GODOY); Monte Alegre (?); Maria da (PINTO); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Myiopagis viridicata viridicata** (Vieillot, 1817): Paraguay.
Rio das Velhas (BECKER ?).
- Myiopagis caniceps caniceps** (Swainson, 1837): Bahia, reg. do Recôncavo (suger. por Pinto, 1944).
Rio das Velhas (BECKER ?); Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Suiriri suiriri** (Vieillot, 1818): Paraguay.
Pirapora (GARBE).
- Suiriri affinis affinis** (Burmeister, 1856): Lagoa Santa.
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Estiva (LUND); Curvelo, Paracatu (REINH.); Água Suja (?).
- Sublegatus modestus modestus** (Wied, 1831): Camamu (litoral da Bahia).
Lagoa Santa, Paracatu (LUND).
- Phaeomyias murina murina** (Spix, 1825): Joazeiro, no Est. da Bahia (suger. por Pinto, 1944).
Lagoa Santa (LUND); Belo Horizonte (KAEMPFER).
- Camptostoma obsoletum obsoletum** (Temminck, 1824) (2): Curitiba.
Congonhas (BURM.); Lagoa Santa (LUND); Andrequecé, Paracatu (REINH.); Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Xanthomyias virescens virescens** (Temminck, 1824): Curitiba.
Rio Jordão (ROBERT); Água Suja (BECKER ?).
- Phylomyias fasciatus brevirostris** (Spix, 1825): Rio de Janeiro.
Lagoa Santa (LUND); Mariana (GODOY); Rio Doce, Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Leptopogon amaurocephalus amaurocephalus** Tschudi, 1846: São Paulo.
Sete Lagoas (REINH.); Água Suja (BECKER ?); Rio Doce, Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Pipromorpha rufiventris** (Cabanis, 1846): Rio de Janeiro (por sugestão de Pinto, 1944).
Rio Doce, Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).

(1) Localidade registrada por Hellmayr em *Catal. Bds. Americas*, V, p. 383, nota.

(2) Para Hellmayr (*Catal. Bds. Amers.*, V, p. 455) e outros, as populações do este-sententrião brasileiro, inclusive as de Minas Gerais, pertenceriam a uma raça particular. *C. o. cinerascens* (Wied), que não estamos ainda inclinado a reconhecer. Cf. Pinto, *Catal. Av. Bras.*, 2.ª parte, p. 288, nota 2.

Família **OXYRUNCIDAE**

- Oxyruncus cristatus cristatus** (Swainson, 1821): Rio de Janeiro (sugerida por Pinto, 1944).
Mariana (GODOY).

Família **HIRUNDINIDAE**

- Progne chalybea domestica** (Vieillot, 1817): Paraguay.
Vargem Alegre (GODOY); Rio Piracicaba (PINTO).
- Phaeoprogne tapera fusca** (Vieillot, 1817): Paraguay.
Vargem Alegre (GODOY); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Stelgidopteryx ruficollis ruficollis** (Vieillot, 1817): Rio de Janeiro.
Lagoa Santa (REINH.); Vargem Alegre (GODOY); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Alopocheidon fucata** (Temminck, 1822): São Paulo (suger. por Pinto, 1944).
Lagoa Santa, Paracatu (LUND); Maria da Fé (PINTO).
- Pygocheidon cyanoleuca cyanoleuca** (Vieillot, 1817): Paraguay.
Lagoa Santa (BURM., REINH.); Congonhas (BURM.); Vargem Alegre (GODOY); Rio das Velhas (BECKER ?); Maria da Fé (PINTO).
- Iridoprocne albiventer** (Boddaert, 1873): Cayenne.
Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Iridoprocne leucorrhoea** (Vieillot, 1817): Paraguay.
Lagoa Santa (REINH.); Mariana (GODOY).

Família **CORVIDAE**

- Cyanocorax cyanopogon** (Wied, 1821): Rio Cachoeira (Estado da Bahia, prox. de Ilhéus).
Rio das Velhas, Paracatu (LUND); Lagoa Santa, Lagoa dos Pitos (REINH.); Furnas (?); Rio Jordão (ROBERT); Pirapora (GARBE, 1912).

Família **TROGLODYTIDAE**

- Cistothorus platensis polyglottus** (Vieillot, 1819): Paraguay.
Lagoa Santa, Curvelo (LUND).
- Thryothorus leucotis rufiventris** Scater, 1870: Cuiabá (suger. por Pinto, 1944).
Pirapora (GARBE); Água Suja (col. ?).
- Thryothorus genibarbis genibarbis** Swainson, 1837: Bahia (por design. de Hellmayr, 1905).
Rio Doce, Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Troglodytes musculus musculus** Naumann, 1823: Bahia.
Congonhas (BURM.); Lagoa Santa (LUND, REINH.); Curvelo (LUND); Rio Jordão (ROBERT); Água Suja (col. ?); Maria da Fé (PINTO); Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).

Família **MIMIDAE**

- Mimus saturninus frater** Hellmayr, 1903: Ipanema.
Rio Jordão (ROBERT); Água Suja (col. ?); Rio Piracicaba (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Donacobius atricapillus atricapillus** (Linné, 1766): nordeste do Brasil (suger. por Pinto, 1944).
Teófilo Otoni (GARBE); Rio Matipoó, Rio Sacramento (FONSECA); Rio Piracicaba (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).

Família PLOCEIDAE

Passer domesticus domesticus (Linné, 1758) (1): Europa (pátria típica restr., Suécia).
Belo Horizonte, Juiz de Fora.

Família TURDIDAE

Turdus albicollis albicollis Vieillot, 1818: Rio de Janeiro.

Lagoa Santa (BURM.) (2), Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).

Turdus amaurochalinus Cabanis, 1851: Rio G. do Sul (design. por Pinto, 1944).
Lagoa Santa (LUND); Rio das Velhas (BECKER ?); Vargem Alegre, Mariana (GODOY); Maria da Fé (PINTO); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).

Turdus leucomelas leucomelas Vieillot, 1818: Paraguay.

Água Suja (col. ?); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).

Turdus rufiventris rufiventris Vieillot, 1818: Rio de Janeiro (por sugest. de Brabourne & Chubb, 1912).

Vargem Alegre (GODOY); Rio das Velhas, Água Suja (BECKER ?); Maria da Fé (PINTO); Rio Piracicaba, Ipatinga, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).

Platycichla flavipes flavipes (Vieillot, 1818): Rio de Janeiro.

Lagoa Santa (REINH.); Rio Matipoó (FONSECA); Rio Doce; Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).

Família SYLVIDAE

Poliptila dumicola berlepschi Hellmayr, 1901: Rio Grande entre S. Paulo e Minas).
Água Suja (col. ?).

Família MOTACILLIDAE

Anthus lutescens lutescens Pucheran, 1855: Rio de Janeiro.

Paradatu, Lagoa dos Porcos (LUND); Sete Lagoas (REINH.).

Família CYCLARHIDAE

Cyclarhis gujanensis cearensis Baird, 1866: Ceará.

Pirapora (GARBE, 1912); Água Suja (col. ?).

Cyclarhis gujanensis ochrocephala Tschudi, 1845: Brasil meridional.

? Paracatu (3), Mocambo (LUND); Lagoa Santa (REINH.); Vargem Alegre (GODOY); Maria da Fé (PINTO); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).

Família VIREONIDAE

Vireo chivi chivi Vieillot, 1817: Paraguay.

Lagoa Santa (REINH.); Rio Doce, Rio Piracicaba, Rio Suquí (PINTO e assist.).

Hylophilus poicilotis poicilotis Temminck, 1822: Ipanema.

Baependi (DENTE).

Hylophilus poicilotis amaurocephalus (Nordmann, 1835): confins de Bahia e Minas Gerais.

Lagoa Santa (LUND); Água Suja (BECKER ?).

Hylophilus thoracicus thoracicus Temminck, 1822: Rio de Janeiro.

Rio Matipoó (FONSECA); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).

(1) Espécie européia, introduzida em diversos pontos do Brasil e cuja ocorrência em Minas Gerais sabemos através de informação verbal.

(2) Vide a nossa nota em *Catal. das Aves do Brasil*, 2.ª pte., p. 363, nota 1 (1944).

(3) O exemplar de Paracatu abre margem a dúvida, sendo mais provável que deva pertencer a *C. g. cearensis*, como os de Pirapora e Água Suja (referidos por Hellmayr em *Catal. Bds. Amers.*, VIII, p. 204, nota).

Família COEREBIDAE

- Chlorophanes spiza axillaris** Zimmer, 1929: Bahia.
Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Dacnis cayana paraguayensis** Chubb, 1910: Sapucay, no Paraguay (design. por Hellmayr, 1921).
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Córrego Rico, Uberaba (LUND); Sete Lagoas, Nascimento (REINH.); Vargem Alegre (GODOY); Água Suja (col. ?); Rio Doce, Rio Piracicaba, Rio Suçuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Coereba flaveola chloropyga** (Cabanis, 1851): Bahia.
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Uberaba (LUND); Rio das Velhas, Água Suja (1); Vargem Alegre (GODOY); Rio Doce, Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Conirostrum speciosum speciosum** (Temminck, 1824): Rio de Janeiro.
Água Suja (BECKER ?).

Família PARULIDAE

- Parula pitaiyumi pitaiyumi** (Vieillot, 1817): Paraguay.
Uberaba (LUND); Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Geothlypis aequinoctialis velata** Vieillot, 1807: Rio de Janeiro (suger. por E Naumburg, 1930).
Congonhas (BURM.); Uberaba (LUND); Lagoa Santa, Sete Lagoas (REINH.); Rio das Velhas, Água Suja (col. ?); Mariana (GODOY); Pirapora (GARBE); Maria da Fé (PINTO); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Basileuterus flaveolus** (Baird, 1865): Paraguay.
Água Suja (col. ?).
- Basileuterus hypoleucus** Bonaparte, 1850: São Paulo.
Lagoa Santa (LUND); Rio Jordão (ROBERT); Água Suja (BECKER).
- Basileuterus culicivorus auricapillus** (Swainson, 1837): Rio de Janeiro (suger. por Todd, 1929).
Uberaba (LUND); Maria da Fé (PINTO); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Basileuterus rivularis rivularis** (Wied, 1821): Ilhéus (Bahia).
Rio Doce, Rio Piracicaba (PINTO e assist.).

Família TERSINIDAE

- Tersina viridis viridis** (Illiger, 1911): Brasil oriental (apud Hellmayr, 1936).
Teófilo Otoni (GARBE); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).

Família THRAUPIDAE

- Chlorophonia cyanea cyanea** (Thunberg, 1822): Rio de Janeiro.
São João d'el Rei (MÉNÉTRIÈS ?) (2).
- Tanagra musica aureata** Vieillot, 1822: Paraguay.
Rio da Prata, perto de Paracatu (LUND).
- Tanagra xanthogaster xanthogaster** (Sundevall, 1834): Rio de Janeiro (design. por Berlepsch, 1912).
Rio Matipoó (FONSECA); Rio Doce, Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Tanagra chlorotica serrirostris** (Lafresnaye & D'Orbigny, 1837): Guarayo (Bolívia).
Lagoa Santa (LUND).

(1) Localidades referidas por Hellmayr (Catal. Bds. Americas, VIII, p. 287-278).
(2) A localidade foi registrada por Sclater em Proc. Zool. Soc. Lond., XXIV p. 269 (1856).

- Tanagra violacea aurantiicollis** Bertoni, 1901: Puerto Bertoni (Paraguay).
Brumado (REINH.); Rio Doce, Rio Piracicaba, Ipatinga, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Tanagra pectoralis** (Latham, 1801): Rio de Janeiro (suger. por Pinto, 1944).
Lagoa Santa (LUND); Sete Lagoas (REINH.); Água Suja (ccl. ?); Rio Matipoó (FONSECA); Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Pipraeidea melanonota melanonota** (Vieillot, 1819): arredores do Rio de Janeiro.
Maria da Fé (PINTO); Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Tangara seledon** (P. L. S. Müller, 1776): Rio de Janeiro (1).
Rio Matipoó (FONSECA); Rio Doce, Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Tangara cyanoventris** (Vieillot, 1819): "Brésil".
Vargem Alegre, Mariana (GODOY); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Tangara cayana chloroptera** Vieillot, 1819: Castro, no Est. do Paraná (suger. por Pinto, 1944).
Uberaba (LUND); Lagoa Santa, Sete Lagoas, Curvelo (REINH.); Baependi (F. LEX); Rio das Velhas, Água Suja (BECKER ?); Maria da Fé (PINTO); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Stephanophorus diadematus** (Temminck, 1823): Curitiba (suger. por Pinto, 1944).
Itatiaia (HOLT); Maria da Fé (PINTO).
- Thraupis sayaca sayaca** (Linné, 1766): Pernambuco (por sugestão de E. Naumburg, 1924).
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Córrego Rico (LUND); Água Suja (BECKER ?); Vargem Alegre, Mariana (GODOY); Rio Pandeiro (BLASER); Maria da Fé (PINTO); Rio Doce, Rio Piracicaba, Rio Suçuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Thraupis ornata** (Spartman, 1789): Rio de Janeiro (design. por Berlepsch, 1912).
Lagoa Santa (WARMING); Sete Lagoas (REINH.); Vargem Alegre (GODOY); Rio Doce, Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Thraupis palmarum palmarum** (Wied, 1821): Canavieiras (Est. da Bahia).
Rio das Velhas (LUND); Lagoa Santa, Lapa Vermelha (REINH.); Rio Jordão (ROBERT).
- Ramphocelus carbo centralis** Hellmayr, 1920: Água Suja.
Sete Lagoas (REINH.); Rio Jordão (ROBERT); Água Suja (BECKER); Rio Matipoó (MOOJEN); Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Piranga flava saira** (Spix, 1825): Caxias, no Piauí (suger. por Hellmayr, 1929).
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Paracatu (LUND); Barbacena, Sete Lagoas, Curvelo (REINH.); Água Suja (BECKER); Pirapora (GARBE); Maria da Fé (PINTO); Baependi (DENTE).
- Habia rubica rubica** (Vieillot, 1817): Paraguay.
Ressaquinha (REINH.); Teófilo Otoni (GARBE); Rio Doce, Rio Piracicaba, Rio Suçuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Tachyphonus rufus** (Boddaert, 1783): Caiena.
São Domingos (LUND).
- Tachyphonus coronatus** (Vieillot, 1822): Paraguay.
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Sete Lagoas (REINH.); Santa Fé (ROGERS); Vargem Alegre (GODOY); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Tachyphonus cristatus brunneus** (Spix, 1825): Rio de Janeiro.
Rio Matipoó, Rio Sacramento (FONSECA); Rio Doce, Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).

(1) Perpetuando o velho erro de Buffon & Daubenton (Pl. enlum. 32, fig. 1), em nosso *Catálogo das Aves do Brasil*, (2.ª pte., p. 469) foi dada por inadvertência, como localidade típica, Caiena, o que é incompatível com a distribuição da espécie.

- Trichothraupis melanops** (Vieillot, 1818): Paraguay.
Lagoa Santa (REINH.); Rio das Velhas (BECKER ?); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Cypsnagra hirundinacea hirundinacea** (Lesson, 1831): Franca, no Est. de S. Paulo (suger. por Pinto, 1944).
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Sete Lagoas (REINH.); Sant'Ana da Barra do Rio das Velhas, Paracatu (LUND).
- Nemosia pileata paraguayensis** Chubb, 1910: Sapucay (Paraguay).
Paracatu, Mocambo, Lagoa Santa (LUND); Pirapora (GARBE, 1912); Rio Matipó (FONSECA); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Hemithraupis ruficapilla ruficapilla** (Vieillot, 1818): Rio de Janeiro.
Lagoa Santa (REINH.).
- Hemithraupis guira guira** (Linné, 1766): Pernambuco.
Água Suja (BECKER ?).
- Hemithraupis flavicollis insignis** (Sclater, 1856): Rio de Janeiro.
Rio Doce, Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Thlypopsis sordida sordida** (Lafresnaye & D'Orbigny, 1837): Yuracares (Bolívia).
Lagoa Santa (REINH.); Mariana (GODOY); Água Suja (BECKER); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Neothraupis fasciata** (Lichtenstein, 1823): São Paulo.
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Água Suja (col. ?).
- Orchesticus abeillei** (Lesson, 1839): Rio de Janeiro (suger. por Pinto, 1944).
Sete Lagoas (REINH.).
- Cissopis leveriana major** Cabanis, 1851: Rio de Janeiro (suger. por Pinto, 1944).
Uberaba (LUND); Lagoa Santa (LUND, REINH.); Sete Lagoas, Lagoa dos Pitões, Ressaquinha (REINH.); Rio Jordão (ROBERT); Água Suja (?); Rio Piracicaba, Rio Suçuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Schistochlamys ruficapillus ruficapillus** (Vieillot, 1817): Rio de Janeiro.
Lagoa Santa (BURM.); Sete Lagoas (REINH.); Campanha (?); Água Suja (BECKER); Vargem Alegre, Mariana (GODOY); Divinópolis (col. ?); Maria da Fé (PINTO); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Schistochlamys melanopsis olivina** (Sclater, 1864): Cuiabá.
Paracatu (LUND); José Dias (NATTERER); Água Suja, Pissarrão (BECKER ?).

Família ICTERIDAE

- Ostinops decumanus maculosus** Chapmann, 1920: Yungas (Bolívia).
Lagoa Santa (BURM., REINH.); Paracatu (LUND); Pirapora (GARBE); Rio Doce, Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Cacicus haemorrhous affinis** Swainson, 1834: Bahia (suger. por Pinto, 1944).
Santa Fé (ROGERS); Rio das Velhas (BECKER ?); Mariana (GODOY); Rio Matipó (FONSECA); Rio Piracicaba, Rio Suçuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Archiplanus solitarius** (Vieillot, 1816): Paraguay.
Pirapora (GARBE).
- Molothrus bonariensis bonariensis** (Gmelin, 1789): Buenos Aires.
Rio São Francisco, Lagoa Santa (LUND); Vargem Alegre, Mariana (GODOY); Rio das Velhas (BECKER ?); Maria da Fé (PINTO).
- Icterus cayanensis valencio-buenoi** Ihering, 1902: Piracicaba.
Uberaba, Tijuco, Paracatu (LUND); Sete Lagoas (REINH.).
- Icterus jamacaii** (Gmelin, 1788): Ceará (suger. por Hellmayr).
(LUND); Sete Lagoas (REINH.); Rio Pandeiro (BLASER).
Lagoa Santa (BURM., REINH.); Rio Pandeiro (BLASER).

- Gnorimopsar chopi chopi** (Vieillot, 1819): Paraguay e Buenos Aires.
São João del Rei (OLFFERS); Rio Jordão (ROBERT); Lagoa Santa (?); Água Suja (BECKER); Vargem Alegre (GODOY); Maria da Fé (PINTO); Rio Piracicaba (PINTO e assist.).
- Pseudoleistes guirahuro** (Vieillot, 1819): Paraguay.
Sete Lagoas (BURM., LUND); Cascata.
- Família FRINGILLIDAE**
- Saltator maximus maximus** (Müller, 1766): Caiena.
Rio Doce, Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Saltator similis similis** Lafresnaye & D'Orbigny, 1837: Corrientes.
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Sete Lagoas (REINH.); Santa Fé (ROGERS); Vargem Alegre (GODOY); Pirapora (GARBE); Campanha (?); Maria da Fé (PINTO); Rio Doce, Rio Piracicaba, Rio Suçuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Saltator atricollis** Vieillot, 1817: Paraguay.
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Sete Lagoas (BURM.).
- Caryothraustes canadensis brasiliensis** Cabanis, 1851: Bahia.
Rio Piracicaba, Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Pitylus fuliginosus** (Daudin, 1800): Rio de Janeiro (por sugest. de Berlepsch, 1912).
Itatiaia (MIR.-RIBEIRO, LUEDERW., HOLT).
- Paroaria dominicana** (Linné, 1758): pátria típica, aceita, Pernambuco (ex-Marcgrave) (1).
Rio São Francisco, São Romão, Salgado (ST. HILAIRE).
- Cyanocompsa cyanea sterea** Oberholser, 1901: Sapucay (Paraguay).
Lagoa Santa (REINH.); Rio das Pedras (?); Vargem Alegre (GODOY); Rio Matipóó (FONSECA); Rio Suçuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Porphyrospiza caeruleascens** (Wied, 1830): Campos Gerais (confins de Bahia e Minas Gerais).
Furnas (NATTERER) (2).
- Sporophila plumbea plumbea** (Wied, 1830): Campos Gerais (confins de Bahia e Minas Gerais).
Congonhas (BURM.); Lagoa Santa (LUND, REINH.).
- Sporophila leucoptera leucoptera** (Vieillot, 1817): Paraguay (ex Azara).
Lagoa Santa (LUND).
- Sporophila collaris collaris** (Boddaert, 1783): Rio de Janeiro (local. típica design. por Hellmayr, 1904).
Lagoa Santa (LUND).
- Sporophila caeruleascens caeruleascens** (Vieillot, 1817): Rio de Janeiro (col. Delalande).
São Domingos (LUND); Congonhas (BURM.); Maria da Fé (PINTO); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Sporophila nigricollis nigricollis** (Vieillot, 1823): "Brésil" (sugiro para local. típica o Rio de Janeiro).
Lagoa Santa, Curvelo (LUND); Mariana (GODOY); Rio Piracicaba, Rio Suçuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Sporophila bouvreuil bouvreuil** Müller, 1766: Bahia (design. por Hellmayr, 1904).
Lagoa Santa (BURM., LUND); Sete Lagoas (REINH.).
- Oryzoborus crassirostris maximiliani** Cabanis, 1851: Espírito Santo.
Rio Doce (PINTO e outros).

(1) Cf. Pinto, *Rev. Mus. Paul.*, XIX, p. 289 (1935). Sem efeito a indicação posteriormente feita em *Catal. Av. do Brasil*, II, p. 603 (1944).

(2) Cf. Hellmayr, *Catal. Bds. of the Americas*, XI, p. 114.

- Oryzoborus angolensis angolensis** (Linné, 1766): Brasil oriental (design. por Hellmayr, 1906).
Lagoa Santa (REINH.); Água Suja (BECKER); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Volatinia jacarina jacarina** (Linné, 1766): nordeste do Brasil.
Lagoa Santa (REINH.); Maria da Fé (PINTO); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Spinus magellanicus ictericus** (Lichtenstein, 1823): São Paulo.
Distrito Diamantino (SPIX); Lagoa Santa (BURM.); Maria da Fé (PINTO).
- Sicalis citrina citrina** Pelzeln, 1870: Jaguaraiãba (Est. do Paraná).
Mariana (GODOY).
- Sicalis flaveola brasiliensis** (Gmelin, 1789): nordeste do Brasil.
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Sete Lagoas (REINH.); Curvelo (LUND); Santa Fé (ROGERS); Rio Matipoó (FONSECA); Maria da Fé (PINTO); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Sicalis luteola luteiventris** (Meyen, 1834): Altos de Toledo (sudeste do Perú).
Lagoa Santa (REINH.).
- Haplospiza unicolor** Cabanis, 1851: Rio Grande do Sul.
Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.).
- Charitospiza eucosma** Oberholser, 1905: Geral do Valo (fronteira da Bahia com Minas Gerais).
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Sant'Ana dos Alegres, Curvelo, Andrequecé (LUND); Sete Lagoas (REINH.); Congonhas (BURM.); Furnas (NATT.); Pirapora (GARBE).
- Coryphospingus cucullatus rubescens** (Swainson, 1825): Rio de Janeiro.
Uberaba (LUND); Rio Jordão (ROBERT); Água Suja (BECKER).
- Coryphospingus pileatus pileatus** (Wied, 1821): Barra da Vereda (no Rio Pardo, Est. da Bahia).
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Curvelo (LUND); Sete Lagoas (REINH.); Rio Sacramento (FONSECA); Maria da Fé (PINTO); Rio Doce, Rio Piracicaba, Rio Suçuí, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Arremon taciturnus taciturnus** (Hermann, 1783): Caiena.
Rio Suçuí (PINTO e assist.).
- Arremon flavirostris flavirostris** Swainson, 1837: interior da Bahia (suger. por Hellmayr, 1938).
Lagoa Santa (LUND, REINH.); Sete Lagoas (REINH.).
- Myospiza humeralis humeralis** (Bosc, 1792): Caiena.
Uberaba, Curvelo (LUND); Lagoa Santa, Sete Lagoas (REINH.); Água Suja (BECKER); Baependi (DENTE).
- Zonotrichia capensis subtorquata** Swainson, 1837: suburb. do Rio de Janeiro.
Lagoa Santa (BURM.); Rio das Velhas, Água Suja (BECKER ?); Maria da Fé (PINTO); Rio Piracicaba, Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).
- Emberizoides herbicola herbicola** (Vieillot, 1817): Paraguay.
Lagoa Santa (REINH., WARMING); Curvelo (REINH.); Água Suja (BECKER); pendi (DENTE).
- Coryphasiza melanotis** (Temminck 1822): Paraguay.
Taboleiro Grande, Sete Lagoas (REINH.);
- Donacospiza albifrons** (Vieillot, 1817): Paraguay.
Maria da Fé (PINTO); Baependi (DENTE).
- Poospiza cinerea** Bonaparte, 1850: Brasil, (= Minas Gerais).
Lagoa Santa (LUND, REINH., BURM.); Sete Lagoas (REINH.); Vargem Alegre (GODOY).

Pospiza lateralis lateralis (Nordmann, 1835): Rio de Janeiro (suger. por Hellmayr, 1938).

 Maria da Fé (PINTO).

Embernagra platensis platensis (Gmelin, 1789): Buenos Aires.

 Campanha (?); Vargem Alegre (Godoy); Fazenda Boa Esperança (PINTO e assist.); Baependi (DENTE).

SÔBRE A TRIBO *MEGAPODINI* (DIPTERA,
ASILIDAE, *DASYPOGONINAE*)

por

MESSIAS CARRERA

Após ter vindo a lume nossa “Contribuição ao conhecimento dos *Asilidae* Neotropicais”, na qual se tratou exclusivamente das espécies que apresentam um esporão no ápice da tibia anterior, chegou-nos às mãos material procedente de várias regiões da América do Sul, que nos permitiu um estudo mais amplo sôbre a tribo *Megapodini*, por nós estabelecida naquele trabalho. Assim, várias questões que naquela ocasião não nos foi possível resolver, tornam-se agora, segundo supomos, perfeitamente esclarecidas.

Desejamos exprimir nossos vivos agradecimentos, pelo material que nos foi cedido ou emprestado, aos Senhores C. L. FLUKE da Universidade de Wisconsin, H. OLDROYD do Museu Britânico, MARTIN L. ACZÉL do Instituto Miguel Lillo da Argentina, DALCY DE ALBUQUERQUE do Museu Nacional e C. A. CAMPOS SEABRA do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro. Pelos desenhos que ilustram êste tabalho a nossa gratidão à colega MARIA A. V. D'ANDRETTA e pelas valiosas sugestões ao amigo JOHN LANE.

*
**

O critério para a divisão dos *Asilidae* em grandes agrupamentos é ainda bastante artificial e o nosso conceito sôbre êste ponto é parcial e restrito, pois limita-se exclusivamente à fauna Sul Americana. Entretanto, a separação desta família em duas sub-famílias, compreendendo várias tribos, parece-nos o sistema que mais facilidades proporciona para a identificação dos grupos menores. Adotando-o, não deixamos de reconhecer que, enquanto não se puder recorrer aos caracteres fornecidos pelos diversos estádios do desenvolvimento das espécies desta família, ou a outros de igual valor, não haverá possibilidades de se atenuarem os inconvenientes que presentemente se verificam na sistemática dos *Asilidae*.

Os gêneros que integram a tribo *Megapodini*, exceto *Senobasis*, eram incluídos pelos autores antigos entre os *Laphriinae*, denominação esta hoje reduzida à categoria de tribo e na qual, de modo algum, êles podem caber. Hermann (1912 e 1920) grupou-os sob a denominação de *Acanthocneminae* que também não pode prevalecer devido a inexistência de um nome genérico correspondente. Para tais gêneros criamos a tribo *Megapodini* que se distingue pelo conjunto dos seguintes caracteres:

“antenas sem arista; palpos com um só artículo; prosterno reduzido; esporão no ápice das tíbias anteriores presente; asas com célula marginal fechada e peçiolada (exceto em *Senobasis* onde é largamente aberta); genitália dos ♂♂ com o 9.º tergito fundido ao 9.º esternito, formando um anel completo, sem indícios de forceps superiores e com uma rotação permanente de 180 graus; genitália das ♀♀ sem corôa de espinhos”.

Dentre estes caracteres, é exclusivo desta tribo os referentes à constituição da genitália masculina. A fusão do 9.º tergito com o 9.º esternito, de modo a formar um anel completo, constitue um carácter a respeito do qual nunca tivemos conhecimento de sua ocorrência entre os *Asilidae*. Ao que sabemos, êle se encontra nos *Panorpa* (*Mecoptera*) e em alguns *Tipulidae*, o que nos indica uma estrutura possivelmente primitiva entre os dípteros.

O Dr. G. H. Hardy sugeriu-nos em uma de suas cartas, dois modos possíveis através dos quais se teria processado o desenvolvimento desta estrutura, no caso de não ser ela a forma original dos *Asiloidea*, hipótese sôbre a qual êle não conhece indícios nem comprovantes. Em um dos modos, o esternito ter-se-ia reduzido a uma membrana, sôbre a qual o tergito se teria expandido; em outro, teria havido uma simples fusão dos escleritos. No último caso, um espessamento na parede interna dêsse anel revelaria evidentemente o ponto de união das duas peças, mas no primeiro, seria uniforme a espessura do esclerito. Em todos os exemplares que examinamos, tal espessamento não foi verificado, mas sim um resto de membrana onde se situaria o esternito. Contudo, seria obrigatória a existência de um espessamento da quitina, tôda vez que dois escleritos se fundem, para admitir-se uma expansão do tergito sôbre o esternito membranoso.

Na classificação dos *Asilidae*, estabelecida por Hardy, os *Megapodini* não se esquadram com precisão em qualquer das duas sub-famílias ali propostas, pois, nesta tribo, as antenas não têm arista, típico de *Dasygogoninae*, e os palpos são constituídos por um único artículo, característico de *Asilinae*. Procedendo-se a um balanço dos caracteres principais dos *Megapodini*, verifica-se que alguns dêles são predominantes em uma ou outra sub-família. Assim,

antenas sem arista	carácter quase exclusivo de <i>Dasygogoninae</i> ;
palpos com um artículo	carácter exclusivo de <i>Asilinae</i> ;
prosterno reduzido	carácter comum em ambas sub-famílias;
esporão da tíbia anterior	
célula marginal fechada	carácter exclusivo de <i>Dasygogoninae</i> ;
	carácter presente em ambas sub-famílias,
	mas predominante em <i>Asilinae</i> ;
9.º tergito fundido ao	
9.º esternito	carácter exclusivo de <i>Megapodini</i> ;
forceps superiores ausentes	
genitália feminina sem espinhos	carácter predominante em <i>Dasygogoninae</i> ;
	carácter presente em ambas sub-famílias,
	mas predominante em <i>Asilinae</i> .

Os *Megapodini* podem dividir-se em dois grupos de gêneros: um, formado por *Pseudoryclus*, *Doryclus* e *Pseudorus* nos quais a face

(figs. 2, 3 e 4) é profundamente côncava no meio, o terceiro articulo da antena é de forma discoidal e o 8.º segmento do abdômen das ♀♀, formandô o ovipositor, é alongado e bastante largo na base; outro, formado por *Senobasis*, *Megapoda* e *Pronomopsis* nos quais a face (figs. 1, 5 e 6) não apresenta concavidade alguma, o terceiro articulo da antena é claviforme (*Senobasis*) ou fusiforme (*Megapoda* e *Pronomopsis*) e a genitália feminina é curta, sendo o 8.º segmento de comprimento normal.

Vários gêneros de *Asilini* apresentam a genitália feminina com o 8.º segmento alongado, mais ou menos como nos gêneros do primeiro grupo, cujas espécies mostram uma conformação geral do corpo tendente à forma comum dos *Asilini*. Por outro lado, *Senobasis*, com facies de *Saropogonini*, possui, como nesta tribo, a célula marginal aberta; *Megapoda* no aspecto geral do corpo, parece-se com os *Laphriini*.

Tais considerações sugerem certas perguntas que não estamos habilitados a responder. Por exemplo; seriam os *Megapodini* um grupo de transição entre as duas sub-famílias, *Dasyopogoninae* e *Asilinae*? Seria *Senobasis* o gênero mais próximo dos ancestrais dos *Saropogonini*, com os quais apresenta tanta semelhança? *Megapoda* ou *Pronomopsis* dos *Laphriini* e *Pseudoryclus* dos *Asilini*?

Baseados apenas na morfologia externa dos adultos, são por demais precários os indícios que poderiam sugerir uma resposta a estas indagações. Dados mais positivos poderiam talvez ser encontrados na anatomia comparada dos diversos estádios larvais e das pupas, na bionomia e ecologia dos *Asilidae*.

Possivelmente, no futuro, a tribo *Megapodini* seja elevada à categoria de sub-família; no momento, porém, achamos aconselhável manter esta tribo entre os *Dasyopogoninae*, sub-família bastante heterogênea e quase invariavelmente caracterizada pela forma das antenas.

As relações filogenéticas entre os gêneros de *Megapodini*, a julgar pelos caracteres externos dos adultos, os únicos que temos à vista, são indicadas no diagrama abaixo, que apresentamos como simples hipótese.

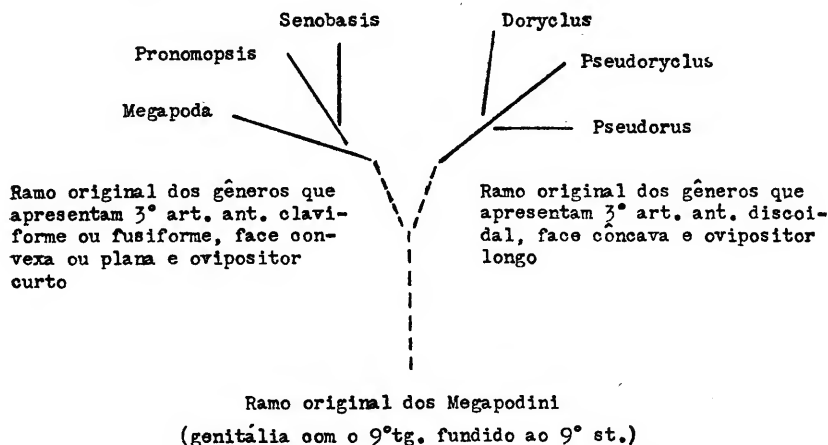
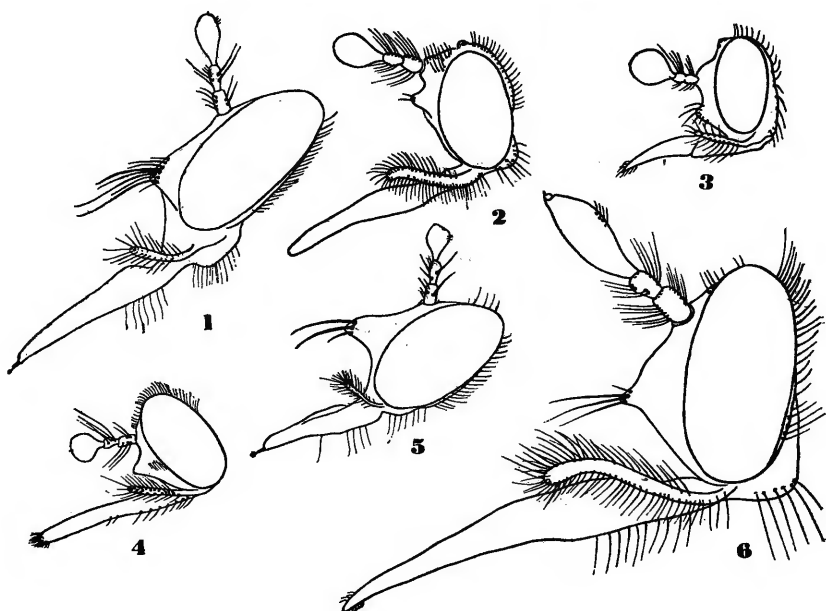


Diagrama das relações filogenéticas entre os gêneros de *Megapodini*

Por êste esquema, verifica-se que os gêneros de *Megapodini* teriam se originado de um tronco comum, o que nos é lícito supor pelos caracteres da genitália dos machos exclusivos da tribo. Dêsse tronco, duas linhas de descendência se teriam formado, uma para *Pseudoryclus* e gêneros afins, outra para *Senobasis-Megapoda*.

Doryclus e *Pseudorus* estão intimamente ligados à *Pseudoryclus*, sendo formas que se especializaram pela aquisição de certos caracteres tais como o espessamento das tíbias e basitarsos posteriores, e gibosidade do mesonoto. Não é possível deixar-se de considerar um ramo original comum e êstes três gêneros.



CABEÇA EM PERFIL

- Figura 1 — *Senobasis mundata* (Wiedemann)
 „ 2 — *Doryclus crassitarsis* (Macquart)
 „ 3 — *Pseudorus d'andrettae* Carrera
 „ 4 — *Pseudoryclus rufiventris* (Roeder)
 „ 5 — *Senobasis bromleyana* Carrera
 „ 6 — *Megapoda labiata* (F.) ?

Pronomopsis e *Senobasis* apresentam certa afinidade na conformação da saliência facial. Em *Pronomopsis* esta é grande e voltada para baixo, mais ou menos como se encontra em *Senobasis bromleyana*. *Megapoda* tem de comum com *Pronomopsis* a forma das antenas. Esta forma, em *Senobasis*, é intermediária entre os dois ramos da tribo *Megapodini*. Êstes três gêneros também devem ter tido uma origem comum, da qual *Megapoda* se diferenciou pelo grande comprimento das pernas e *Pronomopsis* se restringiu às altitudes elevadas.

A sub-família *Dasygoninae*, na América do Sul, compreende sete tribos que podem ser grupadas em três Secções e reconhecidas pela seguinte chave:

- | | |
|---|----------------------------|
| 1 — Prosterno unido ou separado do pronoto (quando separado, a placa inferior pode apresentar uma pequena projeção digitiforme; quando unido, a porção mediana lateral apresenta, às vezes, um estreitamento); esporão no ápice da tibia anterior ausente; cabeça bem mais larga que o tórax, sendo a faixa fronto-facial muito pouco extensa | Secção I <i>Xenomysini</i> |
| — Prosterno unido ao pronoto, mas ocasionalmente emarginado, isto é, a porção mediana lateral estreitada; esporão no ápice da tibia anterior ausente; cabeça de largura normal | Secção II...2 |
| — Prosterno separado do pronoto (exceto no gênero <i>Blepharephium</i> onde é unido); esporão no ápice da tibia anterior presente em muitos gêneros, ausente em outros; cabeça de largura normal | Secção III...5 |
| 2 — Célula marginal aberta, raramente fechada na margem da asa e quase nunca peciolada; genitália das ♀♀ com ou sem coroa de espinhos | 3 |
| — Célula marginal fechada e peciolada; genitália das ♀♀ sem coroa de espinhos | 4 |
| 3 — Fronte e face, ao nível das antenas, nitidamente mais estreitas que o vértice e a margem bucal; genitália das ♀♀ com espinhos | <i>Stichopogonini</i> |
| — Fronte e face, ao nível das antenas, praticamente tão largas quanto o vértice e a borda bucal; genitália das ♀♀ sem espinhos | <i>Laphystiini</i> |
| 4 — Antenas com o terceiro artículo apresentando um minúsculo espinho ou entalhe situado sobre a borda dorsal, às vezes próximo do ápice | <i>Atomosiini</i> |
| — Antenas com o terceiro artículo sem estilo ou com um minúsculo espinho apical | <i>Laphriini</i> |
| 5 — Palpos com um artículo; esporão apical no ápice da tibia anterior sempre presente; célula marginal fechada (exceto <i>Senobasis</i> onde é aberta); genitália dos ♂♂ com o 9.º tergito fundido ao 9.º esternito, formando um anel contínuo e sem forceps superiores; genitália das ♀♀ sem coroa de espinhos | <i>Megapodini</i> |
| — Palpos com dois artículos; esporão no ápice da tibia anterior presente ou ausente; célula marginal aberta; genitália dos ♂♂ com o 9.º tergito separado do 9.º esternito e com forceps superiores desenvolvidos; genitália das ♀♀ com coroa de espinhos | <i>Saropogonini</i> |

Esta chave é uma modificação daquela que publicamos em 1949. Verifica-se por ela que a estrutura do prosterno, antes por nós indicada num sentido invariável, é de estabilidade relativa. Tornou-se imperiosa esta modificação depois do excelente trabalho de A. N. Clements (1951), onde foi demonstrado, com numerosos exemplos, a precária eficiência desse carácter para distinção das tribos, quando considerado isoladamente.

Concordando com o Dr. Clements, não podemos, entretanto, negar a aquela estrutura certo valor na separação dos *Dasygoninae*, pelo menos em nossa região, onde as exceções parecem pouco frequentes.

É na tribo *Xenomysini* que a falibilidade do carácter oferecido pela estrutura do prosterno mais se evidencia. Em uma espécie de *Rhipidocephala*, aparentemente ainda não descrita, a faixa de quitina ligando o prosterno ao pronoto é bastante estreita, ao contrário do que se encontra em *Holcocephala*, em nossa fauna o gênero de *Xenomysini* mais abundante em espécies.

Nas tribos da Secção II o Dr. Clements encontrou o prosterno

estreitado em várias espécies, mas naquelas que examinamos êle se mostrou ligado ao pronoto de maneira muito conspícua. Não conhecemos nenhum caso, nesta secção, em que proterno e pronoto estejam completamente separados, embora existam indícios de redução do proterno nas espécies que o apresentam emarginado e que foram examinadas por Clements.

Nos *Saropogonini*, tribo bastante heterogênea, o proterno é separado do pronoto por uma área membranosa e a única exceção conhecida é a do gênero *Blepharepium*.

Devemos ao Dr. Clements a indicação de um erro que cometemos em nosso trabalho de 1949, qual seja o de não termos consignado para *Blepharepium* a união do proterno com o pronoto, em discordância com todos os outros gêneros da tribo *Saropogonini* que naquela ocasião examinamos, onde êstes escleritos são separados. Êste carácter, entretanto, por si só, não permite retirar-se desta tribo tal gênero, pois êle positivamente é um *Saropogonini*, não só pela formação da genitália de ambos os sexos, como também pela forma das antenas, nervulação das asas e presença de esporão no ápice da tibia anterior.

CHAVE PARA OS GÊNEROS DE *MEGAPODINI*

- | | |
|--|-------------------------------|
| 1 — Face acentuadamente côncava no meio e saliente na borda bucal; ovipositor grande, largo na base e com o ápice fino e dirigido para cima; terceiro articulo das antenas discoidal | 2 |
| — Face sem concavidade mediana; ovipositor curto, cônico-truncado; terceiro articulo das antenas claviforme ou fusiforme | 4 |
| 2 — Mesonoto avançado anteriormente de modo a quase encobrir a cabeça | <i>Pseudorus</i> Walker |
| — Mesonoto plano | 3 |
| 3 — Ápice das tíbias posteriores e basitarso posterior entumecidos e recobertos de densa e grossa pilosidade | <i>Doryclus</i> Jaenicke |
| — Ápice das tíbias posteriores e basitarso posterior não entumecidos e com discreta pilosidade | <i>Pseudoryclus</i> , n. gen. |
| 4 — Célula marginal aberta; região pós-escutelar sem pêlos; 3.º articulo antenal claviforme | <i>Senobasis</i> Macquart |
| — Célula marginal fechada e peciolada; região pós-escutelar com pêlos; 3.º articulo antenal fusiforme | 5 |
| 5 — Face com a borda bucal expandida para baixo em forma de nariz; lados da face com pêlos; pernas não muito longas | <i>Pronomopsis</i> Hermann |
| — Face com a borda bucal pontuda para frente; lados da face sem pêlos; pernas muito longas | <i>Megapoda</i> Macquart |

Presentemente, a distribuição geográfica da tribo *Megapodini* é restrita à Região Neotropical. Embora a exiguidade do material não nos permita considerações a respeito dos centros de endemismo e das rotas de dispersão, apresentamos um mapa da Região Neotropical onde procuramos mostrar a distribuição geográfica dos diversos gêneros.

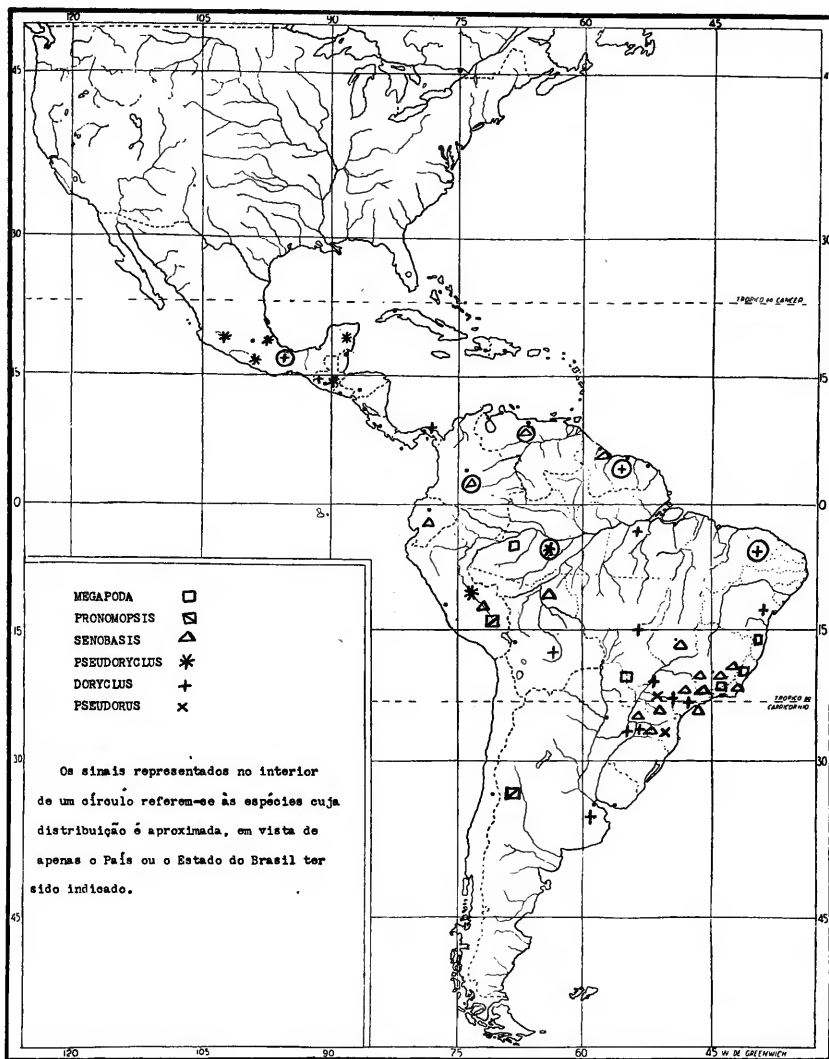
Não se conhecem representantes desta tribo no Chile e nem na Patagonia.

É interessante a distribuição do gênero *Megapoda* que é conhecido da zona florestal da costa Atlântica, entre Rio de Janeiro e Bahia, e surge depois no Sul do Estado de Mato Grosso e no Oeste do Estado do Amazonas. Distribuição semelhante encontramos em

uma espécie da família *Syrphidae*, *Meromacrus ghiliani*, que foi descrita do litoral paulista e por nós constatada no Território do Acre.

O gênero *Pronomopsis* só foi encontrado nos contrafortes orientais da Cordilheira andina.

Senobasis tem larga distribuição pela América do Sul, mas não foi ainda assinalado na América Central e nem no México.



Aparentemente, predomina no México o gênero *Pseudoryclus*. Uma de suas espécies, *bicolor*, só foi assinalada nesse país e na Guatemala; a outra, *rufiventris*, foi descrita do Amazonas e por nós constatada no Perú.

As referências conhecidas sobre a distribuição geográfica do gênero *Pseudorus* são a de Walker, "South América" e a de Schiner, "Brasil". O material que estudamos é todo do Sul do Brasil.

O gênero *Doryclus* é de ampla distribuição, encontrando-se por quase toda a Região Neotropical.

RELAÇÃO DAS ESPÉCIES DE *MEGAPODINI*1. Gênero **Megapoda** Macquart

Macquart, 1834, p. 288

GENÓTIPO: *Laphria labiata* Fabricius, 1805

1. *Megapoda labiata* (Fabricius, 1805), p. 160 (*Laphria*). Brasil (Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Mato Grosso e Amazonas).

Sinônimos: ? *Megapoda cyanea* MACQUART, 1834, p. 288
 ? *Dasybogon rufimanus* PERTY, 1830/4, p. 181

2. Gênero **Pronomopsis** Hermann

Hermann, 1912, p. 18

GENÓTIPO: *Pronomopsis chalybea* Hermann, 1912

1. *Pronomopsis chalybea* Hermann, 1912, p. 19, f. 10 e T. 1 f. 4. Argentina (Mendoza).
2. *Pronomopsis rubripes* Hermann, 1912, p. 20. Peru (Juliaca).

3. Gênero **Senobasis** Macquart

Macquart, 1838, p. 52

GENÓTIPO: *Senobasis analis* Macquart, 1838Sinônimos: *Astylum* RONDANI, 1850, p. 185 (nova sinonímia)GENÓTIPO: *Astylum claviger* Rondani, 1850*Lochites* SCHINER, 1866, p. 671.GENÓTIPO: *Laphria ornata* Wiedemann, 1819*Lochitomyia* BRÈTHES, 1925 (novo nome), p. 105

1. *Senobasis almeidai* Carrera, 1946, p. 121. Brasil (São Paulo)
2. *Senobasis analis* Macquart, 1838, p. 53, T. 5, f. 1. Brasil
3. *Senobasis apicalis* (Schiner, 1867), p. 370 (*Lochites*). Brasil (Paraná).
4. *Senobasis boraceana*, n. sp. Brasil (São Paulo).
5. *Senobasis bromleyana* Carrera, 1949, p. 22. Brasil (São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Paraná).
6. *Senobasis claripennis* (Schiner, 1867), p. 369 (*Lochites*). Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Amazonas).
7. *Senobasis clavigera* (Rondani, 1850), p. 185 (*Astylum*). Venezuela, Colômbia, Equador (Santo Domingo) e Peru (Tingo Maria).
8. *Senobasis flukei*, n. sp. Equador (Santo Domingo).
9. *Senobasis gyrophora* (Schiner, 1868), p. 164 (*Lochites*). Brasil (Santa Catarina).
10. *Senobasis lanei* Carrera, 1949, p. 25. Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro).
11. *Senobasis lopesi* Carrera, 1949, p. 19. Brasil (Rio de Janeiro).

12. *Senobasis mendax* Curran, 1934, p. 333. Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro); Guiana Inglesa (Bartica); Equador (Santo Domingo).
13. *Senobasis mundata* (Wiedemann, 1828), p. 569 (*Dasyopogon*). Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina).
14. *Senobasis ornata* (Wiedemann, 1819), p. 49 (*Laphria*). Brasil.
15. *Senobasis rhombungulata* Carrera, 1949, p. 20. Brasil (Rio de Janeiro).
16. *Senobasis staurophora* (Schiner, 1868), p. 164 (*Lochites*). Colombia.
17. *Senobasis tibialis* Curran, 1934, p. 332. Guiana Inglesa (Bartica).
18. *Senobasis weyrauchi*, n. sp. Peru (Pucalpa).

4. Gênero *Pseudoryclus* nov.

GENÓTIPO: *Megapoda rufiventris* Roeder, 1887

1. *Pseudoryclus bicolor* (Bellardi, 1861), p. 11, T. 1, f. 20 (*Pseudorus*). México (Yucatan); Guatemala.
2. *Pseudoryclus rufiventris* (Roeder, 1887), p. 78 (*Megapoda*). Brasil (Amazonas); Peru (Huancayo).

5. Gênero *Doryclus* Jaennicke

Jaennicke, 1867, p. 366

GENÓTIPO: *Asilus distendens* Wiedmann, 1828

Sinônimos: *Ampyx* WALKER, 1855, p. 564 (praeoc.)

GENÓTIPO: *Ampyx varipennis* Walker, 1855

1. *Doryclus crassitarsis* (Macquart, 1846), p. 70, T. 7, f. 11 (*Megapoda*). Brasil (São Paulo, Santa Catarina, Espírito Santo, Bahia, Ceará); Bolívia (Santa Cruz).
2. *Doryclus distendens* (Wiedemann, 1828), p. 571 (*Asilus*). Brasil (São Paulo, Santa Catarina, Amazonas); Argentina (Misiones, Buenos Aires); Surinam. Panamá. Guatemala. México.

Sinônimos: *Megapoda cyaneiventris* MACQUART, 1846, p. 71, T. 7, f. 12.

Ampyx varipennis WALKER, 1855, p. 564

Doryclus latipes WULP, 1870, p. 216, T. 9, fs. 7-12

Doryclus guentheri ARRIBALZAGA, 1882, p. 186

? *Doryclus panamensis* CURRAN, 1942, p. 56

6. Gênero *Pseudorus* Walker

Walker, 1851, p. 103

GENÓTIPO: *Pseudorus piceus* Walker, 1851.

1. *Pseudorus d'andrettae* Carrera, 1949, p. 15, f. 9. Brasil (São Paulo, Santa Catarina)
2. *Pseudorus hermanni* Carrera, 1949, p. 14. Brasil.
3. *Pseudorus piceus* Walker, 1851, p. 103, T. 4, f. 5-5^a. América meridional.

Megapoda Macquart

Megapoda MACQUART, 1834, p. 288; 1838, p. 59; WALKER, 1855, p. 508; BIGOT, 1857, p. 541; SCHINER, 1866, p. 663; ROEDER, 1887, p. 76; WILLISTON, 1889, p. 256; 1891, p. 77 (part.); KERTÉSZ, 1909, p. 161 (part.); HERMANN, 1912, p. 16; CARRERA, 1949, p. 6.

O próprio Macquart incluiu neste gênero, algum tempo depois de tê-lo criado, espécies não congêneras e Walker, 1855, percebendo este fato, aventou a possibilidade pertencerem tais espécies ao novo gênero que ele descrevia com o nome de *Ampyx*. Em 1866, porém, Schiner não tomou em consideração esta circunstância e colocou *Ampyx* na sinonímia de *Megapoda*. Em 1867, Jaenicke, baseado nos caracteres de *Asilus distendens* Wiedemann, 1828, criou o gênero *Doryclus* que é sinônimo de *Ampyx*, conforme foi verificado por Arribalza (1882). Este autor, entretanto, persistiu no erro de Schiner, considerando apenas uma entidade genérica e preferindo para ela o nome de *Doryclus* por achar serem preocupadas as outras denominações, o que não é exato para o caso de *Megapoda*. Von Roeder (1887) separou estes gêneros, mas ainda não teve conhecimento perfeito dos caracteres de *Megapoda*, pois descreveu nele uma espécie que constitui o genótipo de *Pseudoryclus*, gênero novo por nós proposto páginas à frente.

Megapoda labiata (Fabricius)

Laphria labiata FABRICIUS, 1805, p. 160; WIEDEMANN, 1821, p. 232; 1828, p. 499; WALKER, 1849, p. 371.

Megapoda labiata (F.), MACQUART, 1838, p. 59; WALKER, 1855, p. 509; SCHINER, 1866, p. 690; WULF, 1882, p. 103; ROEDER, 1887, p. 76; WILLISTON, 1889, p. 256; 1891, p. 77; KERTÉSZ, 1909, p. 161; HERMANN, 1912, p. 18; CARRERA, 1949, p. 7, f. 1.

? *Megapoda cyanea* MACQUART, 1834, p. 288; 1838, T. 5, f. 3.

? *Dasygogon rufimanus* PERTY, 1930-4, p. 181, T. 36, f. 6.

Cinco ♂♂ que examinamos desta espécie podem ser divididos em dois grupos pela estrutura da genitália. No primeiro grupo, constituido por três exemplares capturados no Rio de Janeiro (Gávea), no Espírito Santo e na Bahia (Ilhéos), a terminália apresenta os seguintes caracteres: o esclerito em forma de anel (9.º tg. e 9.º st.) é relativamente curto; as placas laterais são um pouco alongadas e levemente pontudas na margem posterior; o aedeagus é pequeno, voltado para cima, em sentido oposto à abertura anal; as duas placas perianais superiores são prolongadas nos cantos laterais, tendo assim cada uma delas a forma triangular. No segundo grupo, constituido por dois exemplares capturados no Rio de Janeiro (Tijuca) e no Amazonas (São Paulo de Olivença), a terminália é diferente: o esclerito em forma de anel é maior; as placas laterais são de contorno circular; o aedeagus é grande e voltado para baixo, abrindo-se pouco acima do proctiger; as placas perianais superiores são retangulares e sem grande prolongamento nos cantos póstero-laterais. Afora as diferenças da terminália, outras há, muito tênues e só com certa atenção perceptíveis, que se encontram na côr dos tarsos e na dos halteres dos espécimes de cada um destes grupos. Assim, nos exemplares do primeiro, os três últimos tarsos das pernas anteriores são um pouco escuros e os halteres pretos; nos exemplares

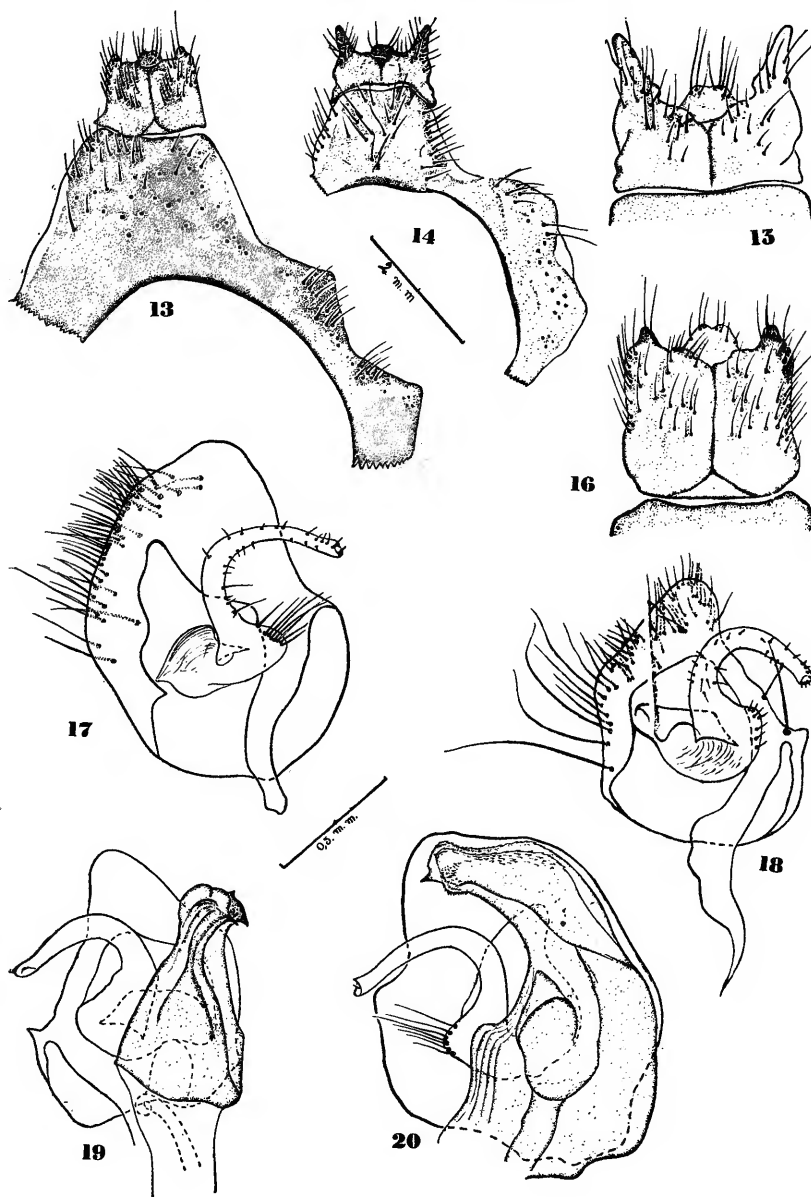
*Megapoda labiata* (F)?

Figura 13 — Genitália do ♂: 9º tg. e 9º st., cuja fusão forma um anel, cortado em um dos lados; apicalmente as placas perianais. Exemplar N.º 62.406

.. 14 — Idem do exemplar N.º 60.214

.. 15 — Placas perianais do exemplar ♂ N.º 60.214

.. 16 — Idem do exemplar ♂ N.º 62.406

.. 17 — Vista interna da placa lateral da genitália do ♂; exemplar N.º 62.406

.. 18 — Idem do exemplar ♂ N.º 60.214.

.. 19 — Aedeagus, junto à placa lateral, do exemplar N.º 60.214

.. 20 — Idem do exemplar N.º 62.406

(As figuras 13 e 14 e de 15 a 20 respectivamente na mesma escala)

do segundo grupo os tarsos das pernas anteriores são avermelhados e os halteres ocráceo-escuros. Tôdas as ♀ ♀ têm os tarsos pretos.

Nas figuras 14, 15, 18 e 19 representamos a forma da terminália dos espécimes do primeiro grupo e nas figuras 13, 16, 17 e 20 a do segundo.

As diferenças de côr nos tarsos e nos halteres não são suficientes para se considerar duas espécies neste material, mas como elas correspondem a formas desiguais de terminália nos ♂ ♂, principalmente na posição do aedeagus que indica posturas diferentes para cada grupo na união dos sexos, acreditamos se trate realmente de duas entidades específicas. Entretanto, não estamos habilitados, no momento, a apontar o tipo de terminália que pertence à *labiata*, *cyanea* ou *rufimana*, razão porque deixamos esta questão pendente de pesquisas futuras.

MATERIAL EXAMINADO: 5 ♂ ♂ e 4 ♀ ♀, sendo os exemplares números 60.213, 60.214, 62.406, 62.455, 62.681 e 62.683 pertencentes à coleção do Departamento de Zoologia.

PROCEDÊNCIA: — Brasil. Estado do Rio de Janeiro: Terezopolis, IV-1938 (S.F.A.); Serra dos Orgãos, X/XII-1940 (Parko); Distrito Federal, Tijuca, I-1951 (C.A.C. Seabra). Estado de Mato Grosso: Maracaju, II-1937. Estado do Espírito Santo, 1906 (Garbe). Estado da Bahia: Ilhéos, São João da Agua Preta, IX/X-1928 (E. May). Estado do Amazonas: São Pau de Olivença, VII-1935 (Zellibor-Hauff).

Pronomopsis Hermann

Pronomopsis HERMANN, 1912, p. 18; CARRERA, 1949, p. 8.

Não conhecemos êste gênero que é constituído por duas espécies, uma da Argentina e outra da Bolívia.

Senobasis Macquart

Senobasis MACQUART, 1838, p. 52; BIGOT, 1857, p. 548; WILLISTON, 1889, pp. 255-256; 1891, pp. 74-75; CURRAN, 1934, p. 332; CARRERA, 1949, p. 16.
Astylum RONDANI 1850, p. 185; KERTÉSZ, 1909, p. 83 (nov. sín.)
Senobasis LOEW, 1851, p. 11; KERTÉSZ, 1909, p. 123 (part.).
Lochites SCHINER, 1866, p. 671; KERTÉSZ, 1909, p. 124.
Lochitomyia BRÈTHES, 1925, p. 105.

Êste gênero foi criado para duas espécies brasileiras, *analis* e *fenestrata*. A primeira foi designada por Curran como genótipo, a segunda não pertence a êste gênero, pois Macquart indica claramente em sua diagnose "jambes antérieures sans ergot" o que a exclue de *Senobasis*, cujas espécies apresentam sempre um esporão na tibia anterior.

O gênero *Astylum* foi criado para uma espécie da Venezuela, *claviger*, sendo seus caracteres alares comparados por Rondani com os de *Dasygogon brachypterus* Macquart, 1838, uma espécie australiana. Isto induziu Kertész a considerá-las congênericas, mas indubitavelmente *brachypterus* é uma espécie muito diferente de *claviger* e não pode ser incluída em *Senobasis*. A espécie de Rondani parece-nos muito afim de *analis* Macquart e talvez sinónimas. Nêste caso, haveria uma sinonímia absoluta dos dois gêneros, devido a igualdade dos genótipos.

Em 1851, Loew corrigiu a denominação de Macquart para *Stenobasis* e indicou duas espécies de Wiedemann, *Laphria ornata*, de 1819, e *Dasyopogon mundatus*, de 1828, como integrantes do gênero de Macquart. Kertész, em seu catálogo, omitiu estas indicações, concordando com Schiner que fez de *ornata* o genótipo do gênero *Lochites*. Provavelmente, passaram despercebidos de Schiner os comentários de Loew e o trabalho de Rondani, pois, só assim se explica ter êle confundido espécies de *Blepharepium* com espécies de *Senobasis*, descrevendo *Senobasis auricineta* que é um verdadeiro *Blepharepium* e criando o gênero *Lochites* para as espécies de *Senobasis*. Desde 1889, com Williston, o gênero *Lochites* deveria ter caído, e não atinamos porque Kertész, tendo conhecido o trabalho de Loew, juntamente com o de Williston, não tenha corrigido o erro de Schiner.

Lochitomyia é uma denominação proposta por Brèthes para substituir *Lochites*, um nome preocupado.

Os caracteres que o gênero *Senobasis* apresenta, em relação aos outros da tribo *Megapodini*, mantem-no numa situação aparentemente isolada, parecendo-nos haver, embora remota, uma certa afinidade com o gênero *Pronomopsis* Hermann, 1912. Esta aproximação se revela apenas na forma da face que, sendo em *Pronomopsis* bastante saliente e voltada para baixo, de certo modo se assemelha àquela de *Senobasis bromleyana*.

A chave para espécies que se segue é uma ampliação, com algumas correções, daquela que publicamos em 1949. Nela não nos foi possível, ainda desta vez, incluir *ornata* (Wiedemann). Esta espécie só poderá ser identificada por comparação com os exemplares típicos. Schiner afirmou que sob esta denominação existiam na coleção Winthem várias espécies reunidas, mas posteriormente não adotou êste ponto de vista, pois confirmou as variações indicadas por Wiedemann quando a descreveu. Tratar-se-a realmente de uma espécie polimorfa ou serão, de fato, várias espécies sob um mesmo nome?

Senobasis fenestrata Macquart, 1838, *modesta* Bigot, 1878, *Lochites asiloides* e *fulvus* Bigot, 1878, são espécies que não pertencem ao gênero *Senobasis*.

Senobasis analis Macquart, 1838, *staurophora* (Schiner 1868) e *tibialis* Curran, 1934, foram incluídas nesta chave pelos caracteres assinalados em suas descrições.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES DE *SENOBASIS*

- | | |
|---|------------------------------|
| 1 — Abdômen inteiramente brilhante | <i>lopesi</i> Carrera |
| — Abdômen fosco, os últimos segmentos às vezes brilhantes ... | 2 |
| 2 — Antenas sempre de coloração escura, no mínimo pardacentas, tendendo para o preto, mas às vezes alguns artículos são mais claros | 3 |
| — Antenas com todos os artículos sempre de côr clara, amarelo-avermelhados ou, no máximo, vermelhos | 12 |
| 3 — Garras com a ponta obtusa | <i>rhombungulata</i> Carrera |
| — Garras pontiagudas | 4 |
| 4 — Mesonoto com as manchas pretas não bi-seccionadas pela pruina clara existente sobre a sutura transversa | 5 |
| — Mesonoto com as manchas pretas bi-seccionadas pela pruina | |

- clara da sutura transversa, quase formando uma cruz com a faixa mediana longitudinal de cor cinzenta 10
- 5 — Face com a borda bucal bastante saliente, em forma de longo nariz *bromleyana* Carrera
— Face plana ou com leve saliência sobre a borda bucal 6
- 6 — Segmentos abdominais anteriores (exceto o primeiro ?) inteiramente de cor amarela *analis* Macquart
— Segmentos abdominais anteriores com manchas pretas dorsais 7
- 7 — Asas nitidamente sombreadas no quarto apical 8
— Asas inteiramente hialinas ou amareladas, praticamente não sombreadas no ápice 9
- 8 — Segmentos do abdômen com mancha preta de forma triangular, ocupando a porção centro-dorsal dos tergitos; espécies de tegumento amarelo-avermelhado *boraceana*, n. sp.
— Segmentos do abdômen com faixas transversais de pruina cinza (♂) ou com extensa mancha preta sobre os tergitos (♀); espécies de tegumento preto *mendax* Curran
- 9 — Segmentos do abdômen com mancha preta de forma triangular, ocupando a porção centro-dorsal dos tergitos; asas amareladas
— Segmentos do abdômen com mancha preta quadrangular; asas vítreas, hialinas *lanei* Carrera
claripennis (Schiner)
- 10 — Abdômen com os tergitos 2-5 revestidos de pruina amarela; pernas amarelo-avermelhadas com marcações pretas; pruina do mesonoto dourada *clavigera* (Rondani)
— Abdômen com os tergitos 2-5 pretos com faixas cinzentas (♂) ou preto com as margens laterais cinzentas (♀); pernas preto-brilhantes com algumas marcações amarelo-avermelhadas; pruina do mesonoto cinzenta 11
- 11 — Palpos e probóscida com pêlos brancos; terminália, tanto do ♂ como da ♀, amarelo-avermelhada; 7.º tergito abdominal das ♀♀ amarelo-avermelhado; tíbias posteriores com o têrço apical, ou mais, amarelo-avermelhado *flukeyi*, n. sp.
— Palpos e probóscida com pêlos pretos; terminália, tanto do ♂ como da ♀, preta; 7.º tergito abdominal das ♀♀ preto; tíbias posteriores com o têrço apical preto *staurophora* (Schiner)
- 12 — Segundo e terceiro segmentos abdominais amarelo-avermelhados, às vezes com manchas escuras irregulares, sem forma definida 13
— Segundo e terceiro segmentos abdominais amarelos, com nítidas manchas escuras e de forma definida 14
- 13 — Espécie pequena (10 mm.); quinto e sexto segmentos abdominais escuros, sem brilho; sétimo e oitavo preto-brilhantes *almeidai* Carrera
— Espécie grande (19 mm.); sexto e sétimo segmentos abdominais pretos com manchas avermelhadas *tibialis* Curran
- 14 — Segundo, terceiro e quarto segmentos abdominais com manchas pretas dorsais de forma quadrangular, sendo todas as margens dos tergitos de cor amarela 15
— Segundo, terceiro e quarto segmentos abdominais com manchas pretas não quadrangulares 16
- 15 — As manchas pretas dos segmentos abdominais são grandes e as margens estreitamente amarelas ou levemente escurecidas; pernas de cor escura *claripennis* (Schiner)
— As manchas pretas dos segmentos abdominais são pequenas e as margens largamente amarelas; pernas de cor clara *apicalis* (Schiner)
- 16 — Tergitos 2-5 do abdômen com grande mancha escura em forma de ferradura, sendo a margem posterior de cada tergito escurecida apenas em parte (Fig. 10) *gyrophora* (Schiner)

- Tergitos 2-5 do abdômen com duas manchas escuras na metade anterior, sendo a margem posterior de cada tergito inteiramente amarelada 17
- 17 — Tergitos 2-5 com duas grandes manchas separadas, dorsais, de côr escura e de forma triangular (Fig. 8) *mundata* (Wied.)
- Tergitos 2-5 com duas pequenas manchas arredondadas, escuras, dorsais e pouco separadas uma das outras (Fig. 9) *weyrauchi*, n. sp.

Senobasis claripennis (Schiner)

Lochites claripennis SCHINER, 1867, p. 369; KERTÉSZ, 1909, p. 125.

Senobasis claripennis (Schiner), WILLISTON, 1891, p. 75; CARRERA, 1949, p. 25.

Nesta espécie as antenas, geralmente escuras, têm o primeiro articulo amarelado e o terceiro, às vèzes, com zonas claras, mas em alguns exemplares a côr clara abrange quase todos os articulos. Schiner comparando *apicalis* com esta espécie, distinguiu-a por caracteres que não nos parecem muito constantes, tais como a cor das antenas, a extensão das manchas pretas do abdômen e o tamanho. Por esta razão, achamos muito provável serem *claripennis* e *apicalis* uma única espécie, tendo prioridade a primeira pelo número da paginação. Entretanto, só comparando-se os tipos se poderá resolver esta questão definitivamente.

MATERIAL EXAMINADO: 9 ♂♂ e 13 ♀♀, pertencendo à coleção do Departamento de Zoologia os exemplares Nos. 21.675, 21.676, 60.160, 111.057 a 111.068 e 103.959 a 103.961. Dois exemplares do Amazonas foram devolvidos à coleção do Museu Britânico.

PROCEDÊNCIA: — Brasil. Estado de São Paulo: São Vicente, Praia das Vacas, I-1945 (M. Carrera); Limeira, VII-1951 (L. Travassos Filho & W. Bockermann). Estado do Rio de Janeiro: Palmeiras, I-1939 (H. S. Lopes); Distrito Federal, Tijuca, III-1950 e I-1951 (C. A. C. Seabra). Estado de Minas Gerais: Arceburgo, Fazenda Fortaleza, XII-1946 (M. P. Barreto); Belo Horizonte, Caixa d'Areia, I-1939 (Martins, Lopes & Mangabeira). Estado do Amazonas: Vila Nova (H. W. Bates).

Senobasis bromleyana Carrera

Senobasis bromleyana CARRERA, 1949, p. 22.

Esta espécie é muito parecida com *mendax* Curran e até certo ponto também com *claripennis* Schiner. Distingue-se de ambas pela projeção da borda bucal (fig. 5) bastante pronunciada; suas asas são levemente escurecidas, não tanto quanto em *mendax*, mas acentuadamente mais escuras que as de *claripennis*.

MATERIAL EXAMINADO: 2 ♂♂ e 6 ♀♀, pertencendo à coleção do Departamento de Zoologia os exemplares com os seguintes Nos. 62.234, 62.266, 62.606, 62.608 e 111.050 a 111.052.

PROCEDÊNCIA: — Brasil. Estado de São Paulo: Campos do Jordão, I-1936 (F. Lane), III-1945, 1.600 mts. (Wygodzinsky), III-1946 (A. Rammalho); Rio Claro, I e II-1947. Estado de Goiás: Campina (Worontzov). Estado do Paraná: Palmo, Distrito de Bituruna, Fazenda Etienne, II-1950 (V. Staviarski).

Senobasis mendax Curran

Senobasis mendax CURRAN, 1934, p. 333; 1934, p. 180, f. 138; CARRERA, 1949, p. 21.

Distingue-se esta espécie entre as suas congêneres pela face plana e pruina cinza dos segmentos abdominais. Nos ♂♂ o abdômen é estreitado nos segmentos medianos e a pruina cinza recobre grande parte basal dos segmentos 2, 3 e 4; nas ♀♀ a pruina cinza reveste as margens laterais dos tergitos 1-6 e a base dos segmentos 2-4 é atravessada apenas por uma estreita faixa cinzenta; os segmentos 7 e 8 são preto-brilhantes.

Quatro espécimes, procedentes do Equador, comparados com parátipos de *mendax* mostraram-se diferentes apenas na coloração das tíbias posteriores que ao invés de pretas são amarelo-avermelhadas nos três-quartos basais.

MATERIAL EXAMINADO: 3 ♂♂ e 7 ♀♀, pertencendo à coleção do Departamento de Zoologia os exemplares Nos. 21.668, 60.163, 60.164 e 111.254 a 111.256.

PROCEDÊNCIA: — Brasil. Estado de São Paulo: Cantareira, XII-1951 (L. Travassos Filho & E. Rabello). Estado do Rio de Janeiro: Itatiaia, 2.000 mts., II-1941 (P. Wichart); Distrito Federal, Tijuca, XII-1950 (C. A. C. Seabra). Guiana Inglesa, Bartica, V e VI-1901 (parátipos). Equador, Santo Domingo, 550 mts., I/III-1941 (D. B. Laddey).

Senobasis flukei, n. sp.

♂ ♀. Comprimento do corpo 12-20 mm.; da asa 11-18 mm.

Cabeça: face pouco saliente na borda bucal, recoberta de pruina cinzenta nos machos e com tonalidade amarelada nas fêmeas; mistax formado por quatro cerdas pretas, sendo duas muito desenvolvidas, e alguns pêlos pretos logo acima de tais cerdas (em um parátipo as duas cerdas desenvolvidas são de cor amarela); fronte com pruina cinza, um pouco amarelada na base das antenas, tendo no meio um espaço nu, mais ou menos oval, de cor preta; calo ocelar castanho-escuro; occipício preto, revestido de pruina cinza, com cerdas e pêlos pretos superiormente, brancos na porção inferior; barba branca; probóscida e palpos pretos, ambos com pêlos brancos, um ou outro pêlo preto nos palpos; antenas pretas ou castanho-escuras, com pequenas cerdas e pêlos pretos.

Tórax: mesonoto (fig. 7) preto-aveludado, com uma faixa longitudinal mediana de pruina cinza que vai até a sutura pré-escutelar e se espalha pelo dorso do escutelo; margem anterior e as laterais revestidas de pruina cinza, um pouco amarelada antes da sutura transversa e dourada sobre os úmeros; no lado interno de cada calo umeral há uma pequena mancha cinzenta e sobre a sutura transversa se estende pruina dessa mesma cor, quase alcançando a faixa mediana longitudinal; cerdas e pêlos pretos, escassos no dorso do mesonoto; cerdas laterais desenvolvidas: uma pré-sutural, uma supra-alar e duas pós-alares; dorso-centrais finas e longas posteriormente; escutelo com a margem preto-aveludada; região pós-escutelar preta, revestida de pruina cinza, mais abundante nas calosidades laterais; pleuras inteiramente recobertas de pruina cinza, exceto em pequena região anterior da mesopleura que apresenta pruina castanho-amarelada, com pêlos pretos na mesopleura e hipopleura e alguns brancos na esternopleura.

Pernas preto-brilhantes, exceto na superfície inferior dos fêmures anteriores e medianos onde, em certa extensão, se encontra a cor amarela, e, também, no terço apical das tíbias posteriores e todo o

basitarso posterior que são amarelo-avermelhados; cerdas muito pequenas, pretas e amarelas; nas partes em que as pernas mostram a cor amarelo-avermelhada as cerdas são tôdas de cor vermelha; pilosidade curta e preta, avermelhada e densa nas regiões claras das pernas posteriores; coxas revestidas de pruina cinza e com pêlos brancos. Garras pretas; pulvilos castanhos.

Asas claras, com o quarto apical escurecido pela presença de densa microtríquia; primeira célula posterior não estreitada; nervuras pretas; na porção basal da nervura costal se encontra longa e densa pilosidade branco-sedosa. Halteres castanho-escuros.

Abdômen do ♂ : primeiro tergido preto; segundo com uma faixa transversa basal, de pruina cinza, uma grande mancha dorsal de forma quadrangular de cor castanho-escura e margens laterais cinzentas; terceiro e quarto com as margens laterais e anterior cinzentas (no quarto tergito, às vezes, a margem anterior não tem pruina cinza), o restante destes tergitos é castanho-amarelado, quase preto na metade apical; quinto tergito castanho-escuro com os cantos ântero-laterais cinzentos; sexto e sétimo castanho-escuros, aveludados; ventre recoberto de pruina cinza e com pêlos brancos; a pilosidade do abdômen é branca nos lados dos tergitos, mais longa nos tergitos anteriores e preta na superfície dorsal. Genitália amarelo-avermelhada com pilosidade avermelhada. Abdômen da ♀ : preto-aveludado, exceto o sétimo segmento que é amarelo-avermelhado; as margens laterais dos tergitos 1-5 estão revestidas de pruina cinza; segundo tergito com uma faixa transversa, basal, de pruina cinzenta; sexto tergito, às vezes, com mancha amarelo-avermelhada, dorsal; pilosidade branca nos lados dos tergitos 1-4, preta no resto; oitavo tergito e a genitália amarelo-avermelhados, brilhantes, com pilosidade avermelhada; ventre revestido de pruina cinza e com pêlos brancos, exceto no sexto e sétimo esternitos que são castanho-escuros, com pêlos brancos e pretos no sexto, com pruina amarelo-avermelhada e pêlos pretos no sétimo.

HOLÓTIPO ♂, alótipo ♀ e 4 parátipos (1 ♂ e 3 ♀♀) depositados na coleção do Departamento de Zoologia sob os números 60.165, 60.166, 60.167 e 60.215, exceto 2 parátipos ♀♀ que foram enviados ao Prof. Dr. C. L. Fluke da Universidade de Wisconsin e ao Dr. Stanley W. Bromley do Bartlett Tree Research Laboratories de Connecticut.

LOCALIDADE TIPO: Equador, Palmar, Menabi, 200 mts. V-1941 (D. B. Laddey); Santo Domingo, 500 mts. XII-1940, II e IV-1941 (D. B. Laddey).

DISCUSSÃO TAXIONÔMICA. — Esta espécie é próxima de *staurophora* (Schiner), da qual se distingue pelos seguintes caracteres: mistax com cerdas pretas (em um parátipo encontramos cerdas amarelas); pilosidade da probóscida e dos palpos de cor branca; região pós-escutelar recoberta de pruina cinza e não preto-brilhante; fêmures anteriores e medianos com extensa mancha amarela na superfície inferior; tibias posteriores amarelo-avermelhadas no têrço apical; basitarso posterior amarelo-avermelhado.

Denominamos esta espécie em homenagem ao Prof. Dr. C. L. Fluke da Universidade de Wisconsin que bondosamente nos ofereceu material para estudo, permitindo a retenção dos tipos nas coleções deste Departamento.

Senobasis clavigera (Rondani) nov. comb.

Astylum claviger RONDANI, 1850, p. 185, T. 4, f. 8; OST. SACK., 1891, p. 417; KERTÉSZ, 1909, p. 83.

Espécie descrita da Venezuela. O material que examinamos é do Equador, Perú e Colômbia. Seus principais caracteres são os seguintes: antenas pretas ou castanho-escuras; palpos pretos com pêlos amarelos. Mesonoto preto-aveludado, com uma faixa longitudinal mediana amarelo-clara que se estende também pelo dorso do escutelo; as margens laterais são recobertas de pruina dourada que se expande pela sutura transversa, terminando em pequena mancha arredondada pouco antes da faixa longitudinal mediana; nos lados internos dos úmeros a cor é amarelo-escuro; cerdas avermelhadas: uma pré-sutural muito desenvolvida, duas ou três supra-alaes e duas pós-alaes; dorso-centrais presentes posteriormente; escutelo com a margem preta; pleuras inteiramente revestidas de pruina amarela. Pernas amarelo-avermelhadas, exceto os tarsos que são pretos; na superfície superior dos fêmures anteriores e medianos há uma faixa preta percorrendo toda a extensão dos fêmures; fêmures posteriores pretos no extremo ápice; tíbias anteriores e medianas mais escuras. Asas hialinas, escuras no quarto apical. Abdômen amarelo, exceto no primeiro tergito que é preto basalmente e com uma pequena mancha preta no meio da borda posterior; também são pretas as margens laterais do sexto tergito e a borda posterior do sétimo; nas ♀♀ o segundo e quinto tergitos apresentam uma pequena mancha escura central. Existem algumas variações na coloração do abdômen: o exemplar do Perú, uma ♀, apresenta o abdômen todo avermelhado, havendo apenas na base do primeiro tergito cor preta; no exemplar da Colômbia, um ♂, o abdômen é mais estreito e com os dois últimos tergitos inteiramente pretos, sendo o ante-penúltimo preto na metade apical.

Provavelmente esta espécie seja sinônima de *analis* Macquart. A diagnose original desta, entretanto, é muito curta e impossibilita uma afirmação categórica, embora os poucos caracteres que assinala concordem com aqueles dados por Rondani para *clavigera*.

Senobasis tibialis Curran, descrita da Guiana Inglesa, também nos parece muito semelhante a *clavigera*, diferindo apenas pela cor avermelhada das antenas e pelas marcações escuras das pernas. Não nos causará surpresa si no futuro se constatar serem estas denominações pertencentes a uma única espécie.

MATERIAL EXAMINADO: 2 ♂♂ e 3 ♀♀, pertencendo à coleção do Departamento de Zoologia os exemplares Nos. 60.168 e 60.169. Os exemplares restantes foram enviados ao Museu Britânico, ao Prof. Dr. W. Weyrauch e ao Prof. Dr. C. L. Fluke.

PROCEDÊNCIA: — Equador, Santo Domingo, 500 mts. XII-1940 e II-1941 (D. B. Laddey); Perú, Tingo Maria, 670 mts. I-1947 (W. Weyrauch); Colômbia, 1924 (Weston).

Senobasis gyrophora (Schiner)

Lochites gyrophorus SCHINER, 1868, p. 164, T. 2, f. 10; KERTÉSZ, 1909, p. 125.
Senobasis gyrophora (Schiner), WILLISTON, 1891, p. 75.

Em 1949, quando tratamos desta espécie, não interpretamos corretamente a diagnose de Schiner, o que nos levou a um engano de identificação que agora corrigimos. De fato, o que naquela ocasião consi-

deramos como *gyrophora*, verificamos tratar-se na realidade de *mundata* (Wiedemann). Esta correção só nos foi possível, quando deparamos com exemplares que correspondiam integralmente à descrição de Schiner, tanto no texto quanto na figura.

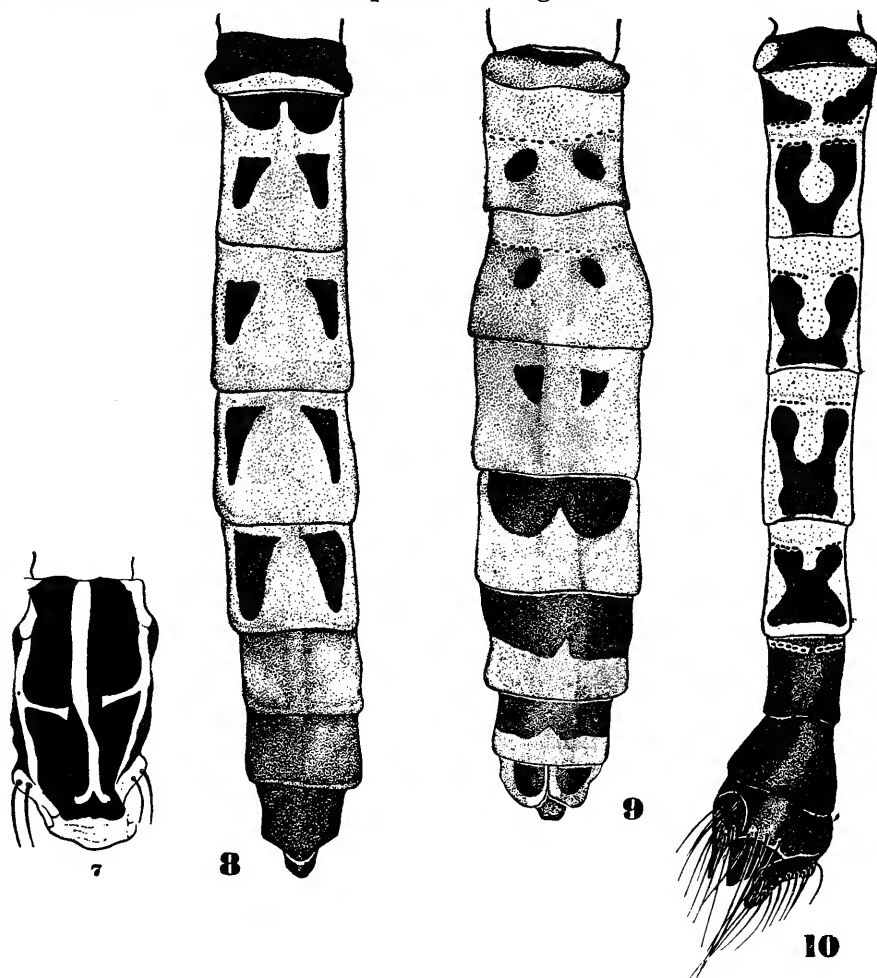


Figura 7 — *Senobasis flukei*, n. sp. — mesonoto
 „ 8 — *Senobasis mundata* (Wiedemann) — mesonoto
 „ 9 — *Senobasis weyrauchi*, n. sp. — abdômen
 „ 10 — *Senobasis gyrophora* (Schiner) — abdômen

O abdômen da ♀ desta espécie apresenta alguns caracteres que a diferenciam do ♂. O quinto, sexto e sétimo tergitos são pretos, foscas; o oitavo é brilhante, preto na base e castanho-claro na metade apical; a pilosidade do sexto, sétimo e oitavo tergitos é curta e preta; o ventre é amarelo-cinza com manchas pretas nos três últimos esternitos; a genitália é amarelo-avermelhada com pilosidade preta e amarela. No resto é semelhante ao ♂, cujo abdômen está representado na figura 10.

MATERIAL EXAMINADO: 1 ♂ e 1 ♀. O ♂, N.º 21.667 pertence à coleção do Departamento de Zoologia; a ♀ ao Museu Britânico.

PROCEDÊNCIA: — Brasil. Estado de Santa Catarina, Nova Teutônia, II-1939 e II-1949 (F. Plaumann).

Senobasis mundata (Wiedemann)

Dasygogon mundatus WIEDEMANN, 1828, p. 560; WALKER, 1854, p. 444; SCHINER, 1866, p. 681; WILLISTON, 1891, p. 67; KERTÉSZ, 1909, p. 130.

Senobasis mundata (Wied.), LOEW, 1851, p. 11.

Senobasis mundata (Wied.), CARRERA, 1949, p. 28.

Senobasis gyrophora CARRERA, 1949 (não Schiner, 1868), p. 29.

A redescritção que em 1949 fizemos para *gyrophora* deve na realidade ser aplicada à *mundata*.

As cores do abdômen (fig. 8) desta espécie são características. Os segmentos medianos 2-6 são amarelo-cinzentos, cada um com duas manchas pretas de forma triangular situadas na metade anterior, dorsalmente; dêsse modo, cada um destes tergitos apresenta a cor amarelo-cinza nas margens laterais, na margem posterior e no meio da margem anterior; o sexto e sétimo tergitos são preto-brilhantes. Em *gyrophora* estas cores se dispõem de modo diferente, sendo pretas as margens laterais e posterior e amarelo a porção central do tergito e o meio da margem anterior.

MATERIAL EXAMINADO: 2 ♂♂ e 4 ♀♀, pertencendo à coleção do Departamento de Zoologia os exemplares Nos. 62.233, 62.268, 111.055 e 111.056.

PROCEDÊNCIA: — Brasil. Estado de São Paulo: Guarujá, I-1941 (Carrera); Serra da Cantareira, Cuca, XII-1940 (Guimarães & Travassos Filho); Ribeira de Iguape (Leonardos). Estado do Rio de Janeiro: Angra dos Reis, XI-1945 (J. Lane). Estado do Paraná: XI-1945 (L. Morretes). Estado de Santa Catarina: Nova Teutônia, XII-1937 (F. Plaumann).

Senobasis weyrauchi, n. sp.

♀. Comprimento do corpo 19 mm.; da asa 16 mm.

Cabeça: face mais saliente na borda bucal que na base das antenas, revestida de pruina amarelada; as cerdas do mistax estão destruídas, mas há a cicatriz de implantação de duas, tendo acima alguns finos pêlos amarelos; fronte preto-brilhante, exceto nos lados e na base das antenas que estão recobertos pela mesma pruina da face; calo ocelar e vértice preto-brilhante, tendo atrás do calo ocelar alguns pêlos curtos e amarelos; occipício inteiramente revestido de pruina amarela, com cerdas e pêlos amarelos, as cerdas em cima, os pêlos em baixo; barba amarela; probóscida preto-brilhante com alguns pêlos amarelos inferiormente; palpos pretos com finas cerdas e pêlos amarelos; antenas amarelas nos dois primeiros artículos onde também existe pilosidade amarela; o terceiro artículo falta.

Tórax inteiramente recoberto de pruina dourada, exceto sôbre as duas largas faixas longitudinais do mesonoto que são pretas, ave-ludadas e separadas no meio por pruina amarelo-cinza; cerdas e pêlos amarelos; uma cerda pré-sutural avermelhada, uma supra-alar e duas pós-alares; dorso-centrais presentes apenas posteriormente; escutelo levemente escurecido no dorso; mesopleura e hipopleura com pêlos.

Pernas amarelo-avermelhadas, com cerdas e pêlos amarelos; os tarsos são mais avermelhados; no ápice da superfície dorsal dos fêmures medianos e posteriores há uma pequena mancha preta; o meio da superfície superior dos fêmures medianos é um pouco escurecido,

como também grande porção basal da superfície superior das tíbias medianas; coxas revestidas de pruina dourada.

Asas vítreas, levemente amareladas; a nervura transversal que fecha posteriormente a quarta célula posterior é angulosa e não em arco ou quase reta como em tôdas as outras espécies conhecidas; na base da nervura costal há pêlos dourados mais longos que aqueles pretos recobrimdo o resto dessa nervura. Halteres amarelo-avermelhados com o capítulo castanho-escuro.

Abdômen (fig. 9) amarelo-avermelhado com manchas pretas: uma transversal na base do primeiro tergito, duas mais ou menos arredondadas na base e outras tantas com a mesma forma na região mediana do segundo, outras duas também arredondadas no meio do terceiro e quarto, duas na mesma região do quinto, porém unidas, e finalmente, uma transversal na base do sexto e sétimo, ocupando mais da metade dêsses tergitos; oitavo tergito brilhante e sem manchas definidas; pilosidade dourada; cerdas da mesma cor nos lados do primeiro segmento; ventre amarelado. Genitália com pilosidade amarela.

HOLÓTIPO ♀ depositado na coleção do Prof. Dr. W. Weyrauch.

LOCALIDADE TIPO: Perú, Pucalpa, 200 mts. (Weyrauch).

DISCUSSÃO TAXIONÔMICA: — As manchas pretas do abdômen distinguem facilmente esta espécie de tôdas as outras do gênero, podendo apenas confundir-se, muito remotamente, com *mundata* (Wiedemann). Os caracteres que diferenciam estas espécies rapidamente são os seguintes: coloração geral do corpo amarelo-avermelhada e não amarelo-cinza como em *mundata*; as manchas pretas do abdômen de *weyrauchi*, n. sp., são arredondadas e situadas quase no meio de cada tergito, ao passo que em *mundata* elas são triangulares, com o ápice dirigido para a margem posterior e, embora situadas dorsalmente, estão afastadas uma da outra, não alcançando as margens laterais nem a posterior; em *weyrauchi* o sexto e sétimo abdominais têm a metade basal preta e a apical amarelo-avermelhada como as margens laterais e não preto-brilhantes como em *mundata*; as cerdas laterais do mesonoto de *weyrauchi* seguem a fórmula 1-1-2 e as de *mundata* 2-2-2; finalmente, esta nova espécie apresenta um número muito reduzido de cerdas dorso-centrais.

Dedicamos esta espécie ao Prof. Dr. W. Weyrauch da Faculdade de Ciências da Universidade de San Marcos em Lima, Perú, que muito gentilmente nos concedeu o privilégio de estudar o material não só da coleção da Universidade como da sua própria.

Senobasis lanei Carrera

Senobasis lanei, CARRERA, 1949, p. 23.

A mancha de forma triangular existente em cada segmento do abdômen torna esta espécie facilmente reconhecível. Essa mancha ocupa quase tôda a margem anterior do tergito, chegando o seu ápice até a margem posterior, sendo as margens laterais e posterior de coloração amarelo-cinza.

MATERIAL EXAMINADO: 2 ♂♂ e 3 ♀♀ pertencentes à coleção do Departamento de Zoologia sob os seguintes Nos. 21.669, 21.672, 62.265, 111.053 e 111.054.

PROCEDÊNCIA: — Brasil. Estado de São Paulo: Campos do Jordão, I-1936, XII-1944 e I-1948 (F. Lane), XII-1945 (J. Lane). Estado do Rio de Janeiro: Itatiaia, Macieiras, 1.800 mts. I-1948 (C. d'Andretta Jr.).

Senobasis boraceana, n. sp.

♀. Comprimento do corpo 19 mm.; da asa 15 mm.

Cabeça: face saliente na borda bucal, revestida de pruina amarela; mistax formado por duas longas cerdas amarelo-claras e alguns finos pêlos brancos um pouco acima; fronte preta, exceto nos lados que estão revestidos pela mesma pruina da face; calo ocelar castanho-escuro; vértice preto-brilhante; occipício preto-aveludado e com cerdas e pêlos pretos superiormente, recobertos de pruina amarela com pilosidade da mesma cor nos três-quartos inferiores; barba amarelada; probóscida castanho-escura com alguns pêlos enegrecidos; palpos pretos com pêlos pretos; antenas pretas no terceiro artículo, ocrácea no primeiro e castanha no segundo; os dois primeiros artigos com cerdas e pêlos pretos.

Tórax revestido de pruina dourada, exceto nas duas largas faixas longitudinais do mesonoto e na margem escutelar que são preto-aveludadas; mesonoto com cerdas e pêlos pretos; uma cerda pré-sutural, duas supra-alares e duas pós-alares; dorso-centrais presentes apenas posteriormente; escutelo dourado no dorso; mesopleura com fina pilosidade amarela; hipopleura com pilosidade preta.

Pernas: coxas recobertas de pruina dourada e com pêlos amarelados; fêmures amarelo-avermelhados na superfície inferior, castanhos na superior; tíbias castanho-escuras, exceto no terço basal das anteriores e medianas e na metade basal das posteriores que são amarelo-avermelhadas; todos os tarsos são pretos; pilosidade preta, exceto na superfície inferior das tíbias posteriores onde é avermelhada; cerdas avermelhadas, algumas pretas nos últimos artigos tarsais. Garras pretas; pulvilos amarelos.

Asas vítreas, claras, exceto no quinto apical e em parte das margens anterior e posterior que são escurecidas pela presença de densa microtríquia; base da nervura costal com pêlos pretos mais longos que os restantes existentes nessa nervura. Halteres amarelo-avermelhados com o capítulo castanho-escuro.

Abdômen amarelo-avermelhado; preto no primeiro tergito (menos os cantos póstero-laterais) e na base do segundo; no meio dos tergitos 2-5 se encontra mancha preta, mais ou menos trapezoidal, que não alcança nenhuma das margens; sexto tergito preto-aveludado, mas com as margens laterais amarelo-avermelhadas; sétimo preto-brilhante, com reflexos metálicos azuis; oitavo como o sétimo, mas tendo nos lados pequena mancha avermelhada; a pilosidade dos cinco primeiros tergitos é preta sobre as regiões pretas e amarela sobre as regiões claras; nos tergitos restantes se encontram pêlos pretos também sobre as regiões de cor amarelo-avermelhada; nos lados do primeiro segmento existem cerdas amarelo-avermelhadas; ventre amarelo, com pruina e finos pêlos amarelados. Genitália avermelhada com pêlos amarelos.

HOLÓTIPO ♀ N.º 21.671 depositado na coleção do Departamento de Zoologia.

LOCALIDADE TIPO: — Brasil. Estado de São Paulo, Boraceia, II-1949 (M. Carrera).

DISCUSSÃO TAXIONÔMICA. — Espécie afim de *lanei* Carrera da qual se distingue pela coloração geral do corpo que é amarelo-avermelhada e não amarelo-cinzeno; pela forma do abdômen que é de lados paralelos; pelas asas hialinas com o ápice escurecido (em *lanei* as asas são inteiramente amareladas); pela cor do sexto tergito abdominal que tem os lados amarelo-avermelhados e não inteiramente preto-aveludado; pela cor do sétimo tergito do abdômen que apresenta brilho azul-metálico; pela escassês de cerdas do mistax que são mais abundantes em *lanei*; pela fronte que é preto-brilhante no meio, sendo nos lados amarela (em *lanei* a fronte é toda castanho-escura); pela presença de uma única cerda pré-sutural e não duas; finalmente pela coloração escura apical das tíbias.

Pseudoryclus, n. gen.

CARACTERES. — Cabeça: face curta, côncava; mistax ausente; fronte pilosa, tão larga quanto a face; calo ocelar com curtos pêlos atrás; occipício com pilosidade abundante; probóscida fina e longa, maior que o diâmetro transverso da cabeça; palpos finos, cilíndricos, tão longos quanto a metade do comprimento da probóscida, inteiramente revestidos de grossos pêlos; antenas com o primeiro artigo cilíndrico, pouco maior que o segundo; o terceiro estreitado na base, muito dilatado no resto, com uma minúscula ponta no ápice, próxima de uma pequena excavação no interior da qual se implanta um espinho de tamanho microscópico; o último artigo é tão longo quanto duas vezes os basais reunidos. Tórax com o mesonoto plano, sendo as cerdas laterais curtas e grossas, quase espiniformes; escutelo pequeno, sem cerdas; região pós-escutelar revestida de compacta penugem e esparsa e fina pilosidade lateralmente. Pernas relativamente longas; esporão apical da tíbia anterior forte e recurvado; basitarso das pernas anteriores grande e com uma saliência na base à qual se encosta o esporão tibial; tíbias posteriores não entumecidas no ápice e com pilosidade esparsa; tarsos das pernas posteriores não entumecidos e com pêlos esparsos. Asas ultrapassando a extremidade do abdômen; célula marginal com pecíolo curto; segunda célula sub-marginal alargada na margem da asa (mais ou menos como em *Doryclus*); quarta célula posterior e anal fechadas e pecioladas. Abdômen como em *Doryclus* e *Pseudorus*.

GENÓTIPO: *Megapoda rufiventris* Roeder, 1887.

Entre os gêneros de *Megapodini* existem dois, *Doryclus* e *Pseudorus*, que são muito afins. *Doryclus* apresenta o mesonoto plano e as pernas posteriores (fig. 12) com entumecimento no ápice das tíbias e no basitarso que estão recobertos por pilosidade muito densa; *Pseudorus* apresenta no mesonoto uma enorme bossa e as tíbias e basitarso das pernas posteriores (fig. 11) não são entumecidos nem recobertos por pilosidade densa. A aparência geral de *Pseudoryclus*, n. gen., é como a destes gêneros, mas com uma mistura dos seus caracteres, isto é, o mesonoto semelhante ao de *Doryclus* e as pernas posteriores semelhantes as de *Pseudorus*. Além destes caracteres podemos acrescentar outros que, embora de importância secundária, servem

contudo para melhor distinguir êstes três gêneros. O primeiro artigo antenal de *Pseudoryclus* é pouco maior e mais delgado que os de *Doryclus* e *Pseudorus*; a segunda célula sub-marginal em *Pseudorus* é pouco alargada na margem da asa, mas em *Doryclus* e *Pseudoryclus* ela é muito larga na margem devido a grande divergência dos dois ramos da terceira nervura longitudinal; o corpo de *Pseudoryclus* apresenta regiões (mesonoto, região pós-escutelar e pleuras) recobertas de uma grosseira e compacta penugem, sendo em *Doryclus* mais fina, como pruina, e em *Pseudorus* quase inexistente, pois de um modo geral o corpo das espécies dêste gênero é quase inteiramente brilhante; em *Pseudorus* há na parte anterior do mesonoto, precisamente sôbre a bossa aí existente, muito curta pilosidade preta que empresta a essa porção do tegumento um aspecto veludoso, o que não se encontra nos dois outros gêneros; as cerdas laterais do mesonoto de *Pseudorus* são finas e apenas se diferenciam dos pêlos aí presentes, mas em *Pseudoryclus* existem cerdas (uma pré-sutural, uma supra-alar e uma pós-alar) que são curtas e grossas, quase como espinhos, o mesmo acontecendo com *Doryclus*.

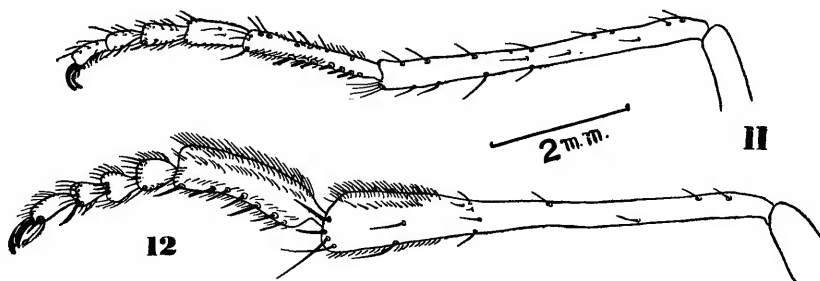


Figura 11 — *Pseudorus d'andrettae* Carrera — perna posterior
 „ 12 — *Doryclus crassitarsis* (Macquart) — perna posterior

Deve ser incluída neste gênero uma outra espécie descrita do México, *Pseudorus bicolor* Bellardi, 1861. Esta espécie apresenta os caracteres genéricos essenciais de *Pseudoryclus* e se distingue muito nitidamente pelo enfuscamento de suas asas, em oposição as de *rufiventris* que são hialinas.

Pseudoryclus rufiventris (Roeder)

Megapoda rufiventris ROEDER, 1887, p. 78; WILLISTON, 1891, p. 77; KERTÉSZ, 1909, p. 161; HERMANN, 1912, p. 18.

REDESCRIBÇÃO. — ♀. Comprimento do corpo 18 mm.; da asa 15 mm.
 Cabeça (fig. 4): face e fronte preto-brilhantes, a face com um aglomerado de pequenos pêlos esbranquiçados nos lados, recobrendo uma área triangular; occipício preto-brilhante, exceto na margem ocular, lateralmente, que está revestida de pruina amarelada, e com abundantes pêlos pretos; probóscida castanha na metade basal, preta na apical; palpos castanho-escuros com pilosidade dourada e alguns pêlos pretos no ápice; antenas castanho-escuras, os dois primeiros artigos com cerdas e pêlos pretos, alguns amarelos na superfície inferior do primeiro, o terceiro preto-fosco.

Tórax: mesonoto preto, com três faixas longitudinais de grossa penugem amarelada; a faixa mediana se estende desde a borda anterior até pouco além da sutura transversa, as laterais se iniciam pouco antes da sutura transversa e terminam na sutura pré-escutelar; cerdas laterais pretas: 1-1-1; pilosidade curta e preta; escutelo preto, com curtos pêlos amarelos; região pós-escutelar revestida de grossa penugem amarelada, deixando na porção mediana uma faixa longitudinal nua, preto-brilhante; pleuras preto-brilhantes; pilosidade da hipopleura esparsa e amarelada; os escleritos situados sobre a coxa posterior estão revestidos de grossa penugem amarelada.

Pernas: coxas avermelhadas com pêlos amarelos; fêmures anteriores amarelos com o quinto apical preto; fêmures medianos e posteriores avermelhados com o ápice escurecido; tíbias anteriores preto-brilhantes com uma faixa longitudinal de curtos pêlos amarelos na superfície ântero-inferior; tíbias medianas e posteriores amarelo-avermelhadas, as medianas levemente mais escuras na metade apical da superfície superior; basitarso das pernas anteriores amarelo-pálido e com pilosidade amarela; basitarsos das pernas medianas e posteriores amarelos, com pêlos pretos nos medianos, amarelos nos posteriores; os quatro últimos tarsos das pernas anteriores são pretos, os das medianas são castanhos e os das posteriores amarelo-avermelhados; cerdas curtas e fortes, tôdas de côr preta; estas cerdas no basitarso posterior forma uma dupla fileira na superfície inferior. Asas levemente amareladas.

Abdômen avermelhado, com ovipositor preto; pilosidade amarela.

MATERIAL EXAMINADO: 1 ♀ da coleção do Departamento de Zoologia, sob o N.º 21.666.

PROCEDÊNCIA: — Perú, Satipo, Huancayo, XI-1941 (Paprzycki).

Doryclus Jaennicke

Doryclus JAENNICKE, 1867, p. 366; WULP, 1870, pp. 214-215; ARRIBALZAGA, 1882, pp. 185-186; OSTEN SACKEN, 1887, p. 182; VON ROEDER, 1887, pp. 76-77; WILLISTON, 1889, p. 256; 1891, p. 77; ALDRICH, 1905, p. 267; KERTÉSZ, 1909, p. 161; HERMANN, 1912, p. 12; CURRAN, 1942, p. 55; CARRERA, 1949, p. 8.

Ampyx WALKER, 1855, p. 564 (præoc.); BIGOT, 1857, p. 540.

Jaennicke criou o gênero *Doryclus* para *Asilus distendens* Wiedemann, 1828, sem ter conhecimento do gênero *Ampyx*, anteriormente estabelecido por Walker para uma espécie com os mesmos caracteres genéricos. Arribalzaga reuniu tais gêneros, mas não usou *Ampyx* por ser um nome preocupado. Consultando-se Neave (1939), verifica-se que também *Doryclus* já fora usado por Rafinesque para *Orthoptera* em 1815, mas tratando-se de um nome "nudum" é dispensável sua abolição.

Dentre as sete espécies incluídas neste gênero, ao nosso ver, apenas duas, *distendens* (Wiedemann, 1828) e *crassitarsis* (Macquart, 1846), são boas, sendo as restantes sinónimas da primeira. Chegamos a esta conclusão, revendo o material que estudamos em 1949, acrescido agora de alguns espécimes de procedências diversas. Esta conclusão, obtida através um raciocínio mais adiante exposto, representa, por assim dizer, um meio termo entre as opiniões extremas que existiam a respeito da sinonímia das espécies de *Doryclus*, pois, enquanto von Roeder considerava iguais a *distendens* tôdas as espécies que

conhecia em 1887 (ponto de vista apoiado depois por Williston, Aldrich, Kertész e Hermann), em 1942, Curran, demonstrou um parecer contrário quando asseverou que

“All the described species in this genus have been placed as synonyms of *distendens* Wiedemann, but it seems almost certain that they are distinct, even though the descriptions leave much to be desired”.

Nossas conclusões não confirmam a opinião de Curran, aproximando-se mais da de von Roeder, e elas nos foram impostas pelos motivos que passamos a expor.

Encontram-se em nosso material espécimes procedentes da Argentina, cujos caracteres adaptam-se aos assinalados para *guentheri* Arribalzaga, 1882, onde o ♂ apresenta asas lípidas e a ♀ asas manchadas. Confrontando-se os caracteres do ♂ de *guentheri* com os de *distendens* e os da ♀ com os de *varipennis* Walker, 1855, cuja descrição foi suplementada por Osten Sacken em 1887, não se encontram elementos para uma nítida separação destas espécies, antes indícios de grande semelhança. Não sendo ainda conhecida a ♀ de *distendens*, nem o ♂ de *varipennis*, pareceu-nos isto indicação positiva de uma igualdade entre estas espécies, não obstante ter Curran examinado uma ♀ que diz ser de *distendens* e na qual as asas mostravam-se escurecidas ao longo das nervuras. Dêsse modo, conseqüente de um dimorfismo sexual, duas denominações, *varipennis* e *guentheri*, seriam eliminadas como sinônimas de *distendens* que tem prioridade.

Quase o mesmo se verifica com *cyaneiventris* (Macquart, 1846) e *latipes* Wulp, 1870. Estas espécies são conhecidas somente pela ♀ e os caracteres de ambas, levando em conta a variabilidade do colorido, constatado em nosso material, também não as separam de *varipennis* ou de *guentheri*. Portanto, estas quatro denominações deverão juntar-se como sinônimas de *distendens*.

Finalmente, *panamensis* Curran, 1942, pela sua diagnose, não nos parece diferente de *distendens* senão por minúcias de coloração nas pernas.

Resta-nos agora tratar de *crassitarsis*, uma espécie menos sujeita às variações que se encontram em *distendens*. Pela série de espécimes que examinamos, tanto os ♂♂ como as ♀♀ apresentam asas igualmente manchadas e a coloração geral do tegumento é avermelhada ou castanho-escura, mas nunca nitidamente preta, como geralmente se encontra em *distendens*.

Sendo a côr do abdômen e das antenas, como também as marcações escuras das pernas, caracteres inconstantes, por isso de valor secundário e de limitada utilidade para a identificação específica, recorremos para uma diferenciação substancial entre *distendens* e *crassitarsis*, não só às manchas das asas, mas também à conformação da genitália masculina. Esta, entretanto, não mostrou uma estrutura muito dissemelhante, havendo apenas uma diferença na posição dos processos que se implantam na superfície interna das placas laterais, servindo como suporte do aedeagus.

Em resumo, estas duas espécies se distinguem do modo seguinte:

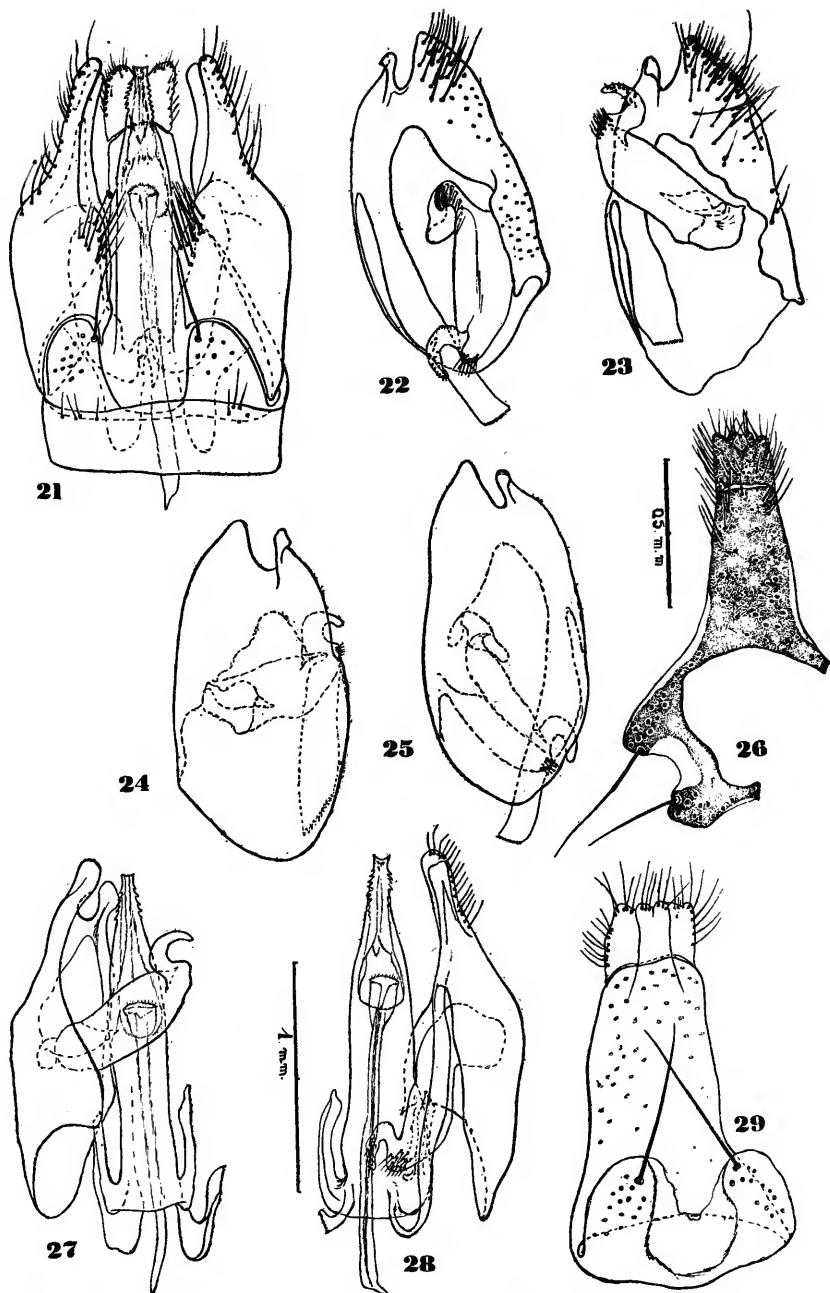


Figura 21 — *Doryclus crassitarsis* (Macquart): genitália do ♂, vista dorsal
 „ 22 — Idem: placa lateral da genitália do ♂, vista interna
 „ 23 — *Doryclus distendens* (Wiedemann): placa lateral da genitália do ♂, vista interna
 „ 24 — Idem, idem, vista externa
 „ 25 — *Doryclus crassitarsis* (Macquart): placa lateral da genitália do ♂, vista externa
 „ 26 — Idem: 9.º tg. e 9.º st. da genitália do ♂, cuja fusão forma um anel, cortado em um dos lados; apicalmente as placas perianais
 „ 27 — *Doryclus distendens* (Wiedemann): aedeagus e placa lateral
 „ 28 — *Doryclus crassitarsis* (Macquart): aedeagus e placa lateral
 „ 29 — Idem: esclerito em forma de anel (9.ºtg. e 9.ºst.) com as placas perianais, vista dorsal
 (As figuras 21 a 25 e 27 a 29 respectivamente na mesma escala).

- Asas límpidas, sem vestígios de manchas (δ), ou apenas um pouco escurecidas ao longo das nervuras, ou com duas faixas transversais escuras, uma quase no meio, outra sôbre o quarto apical da asa (\varnothing); tarsos medianos e posteriores quase sempre pretos, contrastando com as tíbias que são avermelhadas ou ocráceas; abdômen geralmente preto, brilhante e com reflexos azulados, ou às vèzes de côr avermelhada, ocrácea ou castanha; genitália δ com o processo interno da placa lateral cruzando-se com o aedeagus na metade apical dêste (Fig. 27) *distendens*
- Asas castanhas e com manchas transversais amareladas que ocupam a região mediana e, em extensão variável, a base e o ápice da asa (δ \varnothing); tarsos medianos e posteriores avermelhados como as tíbias; abdômen avermelhado ou castanho-escuro, mas nunca nitidamente preto; genitália do δ com o processo interno da placa lateral cruzando-se com o aedeagus na metade basal dêste (Fig. 28) *crassitarsis*

Doryclus distendens (Wiedemann)

- Asilus distendens* WIEDEMANN, 1828, p. 571; SCHINER, 1866, p. 690.
Doryclus distendens (Wied.), JAENNICKE, 1867, p. 366, T. 44, f. 3; ROEDER, 1887, p. 76; WILLISTON, 1889, p. 256; 1891, p. 77; ALDRICH, 1905, p. 268; KERTÉSZ, 1909, p. 161; HERMANN, 1912, p. 12; CURRAN, 1942, p. 56; CARRERA, 1949, p. 9.
Megapoda cyaneiventris MACQUART, 1846, p. 71, T. 7, f. 12; WALKER, 1855, p. 508.
Ampyx varipennis WALKER, 1855, p. 564.
Doryclus varipennis (Walk.), OSTEN SACKEN, 1887, p. 182; CURRAN, 1942, p. 56; CARRERA, 1949, p. 11.
Doryclus latipes WULP, 1870, p. 216, T. 9, fs. 7-12; CURRAN, 1942, p. 56.
Doryclus guentheri ARRIBALZAGA, 1882, p. 186; HERMANN, 1912, p. 12; CARRERA, 1949, p. 13.
Megapoda guentheri (Arribalz.), WILLISTON, 1891, p. 77; KERTÉSZ, 1909, p. 161.
 ? *Doryclus panamensis* CURRAN, 1942, p. 56.

REDESCRIPÇÃO. δ \varnothing . — Comprimento do corpo 9-12 mm.; da asa 10-13 mm.

Cabeça: face amarelo-avermelhada ou vermelho-escura, brilhante, com mancha lateral formada por muito curta pilosidade branca; fronte mais escura que a face, com pêlos pretos atrás das antenas e nos lados; occipício com pilosidade amarelada, em baixo com alguns pêlos pretos; palpos inteiramente avermelhados ou pretos na metade apical e com pilosidade preta e amarela, esta situada basal e inferiormente; antenas vermelhas ou pretas.

Tórax: mesonoto castanho-escuro, com faixas longitudinais de pruina branco-amarelada; a faixa mediana é cuneiforme, dividida em tôda sua extensão por uma linha glabra e terminando muito antes da sutura pré-escutelar; as laterais juntam-se com a mediana anteriormente, afastando-se depois para terminar quase sôbre a sutura pré-escutelar; pilosidade preta; escutelo com curta e escassa pilosidade amarelada; região pós-escutelar com rugosidades transversais, com raros pêlos claros em cima e pruinoseidade esbranquiçada lateral; pleuras avermelhadas, brilhantes, às vezes com manchas pretas, irregulares.

Pernas: as coxas anteriores são de côr avermelhada, as medianas e posteriores preto-brilhantes; tôdas com pruinoseidade clara; fêmures avermelhado-escuros; tíbias anteriores vermelho-escuras ou pretas, as medianas e posteriores inteiramente avermelhadas ou ocráceas; tarsos das pernas anteriores sempre pretos, das medianas e posteriores também pretos e geralmente contrastando com a côr das tíbias, raramente avermelhado-escuros.

Asas inteiramente hialinas nos ♂♂; com duas manchas escuras, uma pouco antes do meio e outra cobrindo quase todo o têrço apical da asa, deixando mais claro, às vezes, o meio de algumas células apicais nas ♀♀.

Abdômen preto com reflexos azul-metálicos, ou vermelho-escuro, ocráceo ou castanho; pilosidade fina, amarelada, pouco abundante; esternitos castanhos. Genitália do ♂ figuras 23, 24 e 27.

MATERIAL EXAMINADO: 4 ♂♂ e 4 ♀♀, sendo os exemplares sob os números 21.663, 21.664, 61.467, 111.048 e 111.049 pertencentes à coleção do Departamento de Zoologia. Os espécimes restantes foram devolvidos ao Museu Britânico e Instituto Miguel Lillo.

PROCEDÊNCIA: — Brasil. Estado de São Paulo: Porto Cabral, Rio Paraná, III-1944 (L. Travassos F.º. M. Carrera & E. Dente); Atibaia, II-1947 (E. Navajas). Estado de Santa Catarina, Nova Teutônia, II-1939, XII-1941 e III-1942 (F. Plaumann). Argentina. Misiones: Iguazu, I/III-1945 (Hayward, Willink & Golbach); Bemberg, I-1945 (Hayward, Willink & Golbach).

Doryclus crassitarsis (Macquart)

Megapoda crassitarsis MACQUART, 1846, p. 70.

Doryclus crassitarsis (Macq.), KERTÉSZ, 1909, p. 162; CURRAN, 1942, p. 56; CARRERA, 1949, p. 10.

Espécie facilmente reconhecível pela cor das asas que são manchadas de castanho, sendo de coloração levemente amarelada na base, na porção mediana e no meio de algumas células. Genitália do ♂ figuras 21, 22, 25, 26, 28 e 29.

MATERIAL EXAMINADO: 3 ♂♂ e 16 ♀♀, pertencendo à coleção do Departamento de Zoologia os exemplares com os seguintes números: 20.046, 21.661, 21.662 e 111.141 a 111.152. Os exemplares restantes foram devolvidos ao Instituto Miguel Lillo, Argentina, Museu Britânico e Museu Nacional, Rio de Janeiro.

PROCEDÊNCIA: — Brasil. Estado de São Paulo: Itaporanga, N. B. Antonina, I-1946 (M. P. Barretto); Sorocaba, III-1948 (W. Bockermann). Estado de Santa Catarina, Nova Teutônia, III-1939 e XII-1942 (F. Plaumann). Estado da Bahia, São Gonçalo dos Campos, I-1946 (E. Becker). Estado do Ceará, II-1934 (Melo Leitão).

Pseudorus Walker

Pseudorus WALKER, 1851, p. 103; BIGOT, 1857, p. 540; HERMANN, 1912, p. 13; CARRERA, 1949, p. 13.

É característico deste gênero a acentuada gibosidade da porção anterior do mesonoto que dirigida para a frente, quase encobre toda a cabeça.

As três espécies que compõem este gênero se separam da seguinte maneira:

- | | |
|---|---------------------------|
| 1 — Duas células sub-marginais | <i>d'andrettæ</i> Carrera |
| — Três células sub-marginais | 2 |
| 2 — Célula marginal largamente aberta | <i>hermanni</i> Carrera |
| — Célula marginal fechada | <i>piccus</i> Walker |

Pseudorus d'andrettae Carrera*Pseudorus d'andrettae* CARRERA, 1949, p. 15.

Um espécime que recebemos de Nova Teutônia, Santa Catarina, discorda dos espécimes típicos pela coloração ocrácea do tegumento, não avermelhada, e pelo tamanho pouco menor.

MATERIAL EXAMINADO: 4 ♀♀ da coleção do Departamento de Zoologia sob os números: 21.665 e 103.955 a 103.957.

PROCEDÊNCIA: — Brasil. Estado de São Paulo, Itaporanga, N. B. Antonina, I-1946 (M. P. Barretto). Estado de Santa Catarina, Nova Teutônia, XI-1948 (F. Plaumann).

ABSTRACT

With material from several localities in South America, obtained since the publication of our "Contribuição ao conhecimento dos Asilidae Neotropicais" (1949), it is now possible to make a more complete study of the tribe *Megapodini* which we created then.

This tribe is distinguished by the following characters: antennal arista absent; palpi with one segment; prosternum isolated from the pronotum by a broad membranous area; apical spur on the front tibiae present; wings with the marginal cell closed (except *Senobasis*); male genitalia with the 9th. tergite fused to the 9th. sternite, forming a complete ring, without upper forceps, and with a permanent rotation of 180°; female genitalia without spines.

Among these, the 9th. tergite fused to the 9th. sternite so as to form a continuous ring, is an exclusive character of *Megapodini*. Probably this character is primitive, since it is found in some species of *Panorpa* (*Mecoptera*) and *Tipulidae*. It should be noted that some characters of this tribe are only present in the subfamily *Dasygogoninae* (absence of arista and upper forceps, presence of tibial spur), another is only present in the *Asilinae* (palpi one-segmented), and the remaining are common to both subfamilies, but predominant in *Asilinae*. These features, perhaps, suggest that *Megapodini* could be a subfamily with intergradating characters between *Dasygogoninae* and *Asilinae*, but this concept must be supported by further researches.

Based on the external morphology a diagram is idealized to show the phylogenetic relations of the genera of *Megapodini*. This tribe may be divided in two groups of genera: a) formed by *Pseudoryclus*, *Doryclus* and *Pseudorus* in which the face is deeply concave in the middle, the third antennal segment discoidal, and the 8th. abdominal segment of the female elongated; b) formed by *Senobasis*, *Megapoda* and *Pronomopsis* in which the face is not concave in the middle, the third antennal segment claviform (*Senobasis*) or fusiform (*Megapoda* and *Pronomopsis*), and the female genitalia short, the 8th. abdominal segment being normal in length. These two groups of genera, having tribal characters in common, principally those of the male genitalia, must have been originated from the same stock. *Pseudorus* and *Doryclus* are specialized forms by the acquisition of a hump on the mesonotum and a thickening of the posterior tibiae and metatarsi. *Pronomopsis* seems to have some affinities with *Senobasis* by the shape of the face, and with *Megapoda* by the shape of the antennae.

The subfamily *Dasygogoninae*, in South America, comprises seven tribes which may be grouped in three Sections. They can be recognized by the following key:

- | | | |
|---|-------------|-------------------|
| 1 — Prosternum contiguous or separated from the pronotum (when contiguous, there is sometimes an emargination of the lateral portion; when separated there is a finger-like projection arising from the lateral margin of the lower sclerite); apical spur on anterior tibiae absent; head very wide and constricted dorso-ventrally in the fronto-facial space | SECTION I | <i>Xenomyzini</i> |
| — Prosternum contiguous to the pronotum, but occasionally emarginated in the lateral portion; apical spur of anterior tibiae absent; head never very wide | SECTION II | 2 |
| — Prosternum reduced, isolated from the pronotum by a broad membranous area (except <i>Blepharepium</i> where the prosternum is contiguous to the pronotum); apical spur on anterior tibiae present in most genera but absent in others; head never very wide | SECTION III | 5 |
- 2 — Marginal cell open, rarely closed in the wing margin and

- almost never petiolated; female genitalia with or without spines 3
- Marginal cell closed and petiolated; female genitalia without spines 4
- 3 — Front and face at level of antennae distinctly narrower than vertex and oral margin; female genitalia with conspicuous spines *Stichopogonini*
- Front and face at level of antennae as wide as vertex and oral margin; female genitalia without spines *Laphystiini*
- 4 — Third antennal segment with a minute spine on its dorsal border, sometimes subapical *Atomosiini*
- Third antennal segment with an apical minute spine or without a spine *Laphriini*
- 5 — Palpi with one segment; apical spur on front tibiae always present; marginal cell closed (except *Senobasis*); male genitalia with the 9th. tergite fused to the 9th. sternite, forming a continuous ring, and without upper forceps; female genitalia without spines *Megapodini*
- Palpi with two segments; apical spur on front tibiae present or absent; marginal cell open; male genitalia with the 9th. tergite separated from the 9th. sternite, not forming a continuous ring, and with developed upper forceps; female genitalia with conspicuous spines *Saropogonini*

The structure of the prosternum, as pointed out by Clements (1951), constitutes an unstable character for distinguishing the tribes when used alone. Agreeing with Clements, it was found that in *Xenomysini* all the species of *Holcocephala* examined have the prosternum conspicuously united to the pronotum, but in one species of *Rhipidocephala*, apparently not described, the prosternum is deeply emarginated. In the tribes of the Section II there is not a single known case in which the prosternum is entirely separated from the pronotum, but in some species an emargination is present, as noted by Clements. In *Saropogonini*, the genus *Blepharepium* shows the prosternum united to the pronotum, in discordance with all the other genera we have examined, in which these sclerites were separated.

However, though the structure of the prosternum is not an infallible character, it seems very helpful for the division of the *Dasytrogoninae*, at least in the Neotropical Region, where exceptions are not so frequent.

We must confess that our concepts, concerning the division of the family in its higher groups, are perforce partial and restricted, since our field of work is limited to the South American fauna.

KEY FOR THE GENERA OF MEGAPODINI

- 1 — Face conspicuously excavated in the middle and projecting in the oral margin; third antennal segment discoidal; ovipositor large and wide at base and directed upwards 2
- Face without median concavity; third antennal segment claviform or fusiform; ovipositor short and tapering, truncate 4
- 2 — Mesonotum projecting anteriorly, almost overlapping the head *Pseudorus* Walker
- Mesonotum slightly convex 3
- 3 — Posterior tibiae in its apical portion and posterior basitarsi thickened and clothed with bristle-hairs *Doryclus* Jaenicke
- Posterior tibiae and posterior basitarsi not thickened and with normal pilosity *Pseudodoryclus*, n. gen.
- 4 — Marginal cell open; post-scutellar region without pile; third antennal segment claviform *Senobasis* Macquart
- Marginal cell closed and petiolated; post-scutellar region pilose; third antennal segment fusiform 5
- 5 — Face with the oral margin expanded downwards, as a nose; sides of the face pilose; legs not very long *Pronomopsis* Hermann
- Face with the oral margin pointed, not expanded downwards; sides of the face without pile; legs very long *Megapoda* Macquart

In the geographical distribution of the tribe *Megapodini* it should be noted that the tribe is not represented in Chile and Patagonia, though exclusively Neotropical. *Megapoda* is known from the forest region of the Atlantic coast, in the South of Mato Grosso, and

in the west of Amazonas State. *Pronomopsis* is restricted to the high altitudes, east of the Andes. *Senobasis* is widespread in South America but unknown in Central America and Mexico. *Pseudoryclus* is predominant in Mexico, from where *bicolor* is only known; the other species of this genus, *rufiventris*, was described from Amazonas and we have found it in Peru. *Pseudorus* has a distribution limited to the meridional portion of South America. *Doryclus* is found in almost all the Neotropical Region.

MEGAPODA — Among the five male specimens examined, three have genital structures different from the other two. With abstraction of these characters the two groups can hardly be separated. In the former three specimens, the last three segments of the anterior tarsi are slightly darker and the halter is black; in the other two, those tarsi are reddish and the halter ochraceous. All the females have the tarsi darkened. The author believes in the specific duality of his material, but he is not able to judge what type of genitalia belongs to *labiata*, *cyanea* or *rufimana*.

PRONOMOPSIS — Unknown to the author.

SENOBASIS — The author is convinced that *Astylum* Rondani, 1850, is a synonym of this genus. The following species must be excluded from *Senobasis*: *fenestrata* Macquart, 1838, *modesta* Bigot, 1878, *asiloides* and *fulvus* (Bigot, 1878). In 1949 the author identified as *gyrophora* (Schiner) what really is *mundata* (Wiedemann).

KEY FOR THE SPECIES OF *SENOBASIS*

- | | |
|--|------------------------------|
| 1 — Abdomen wholly shining | <i>lopesi</i> Carrera |
| — Abdomen only shining on the two or three last segments ... | 2 |
| 2 — Antennae black or dark-brown, rarely clear in some segments | 3 |
| — Antennae clear, reddish-yellow or, at most, red | 12 |
| 3 — Claws rounded at apex | <i>rhombugulaia</i> Carrera |
| — Claws acute at apex | 4 |
| 4 — The elongated black spots of mesonotum not divided by the pollen of the transverse suture | 5 |
| — The elongated black spots of mesonotum almost entirely divided by the pollen of the transverse suture | 10 |
| 5 — Face with the oral margin very protuded, like a nose | <i>bromleyana</i> Carrera |
| — Face gently convex or slightly salient in the oral margin ... | 6 |
| 6 — Anterior abdominal segments (except the first?) wholly yellow | <i>analís</i> Macquart |
| — Anterior abdominal segments with dorsal black spots | 7 |
| 7 — Wings conspicuously dark in the apical fourth | 8 |
| — Wings wholly hyaline or yellowish, practically not dark in the apical fourth | 9 |
| 8 — Abdominal segments with a black triangular spot on the centro-dorsal portion of the tergites; species with reddish integument | <i>boraceana</i> , n. sp. |
| — Abdominal segments with transverse bands of gray pollen (♂) or large black spots on tergites (♀); species with black integument | <i>mendax</i> Curran |
| 9 — Abdominal segments with a black triangular spot on the centro-dorsal portion of the tergites; wings yellowish | <i>lanei</i> Carrera |
| — Abdominal segments with quadrangular spot; wings hyaline, vitreous | <i>claripennis</i> (Schiner) |
| 10 — Abdominal tergites 2-5 clothed with yellow pollen; legs yellow-reddish with black marks; mesonotum with golden pollen ... | <i>clavigera</i> (Rondani) |
| — Abdominal tergites 2-5 black with gray bands (♂) or black with gray lateral margins (♂); legs shining black with yellow-reddish marks; mesonotum with gray pollen | 11 |
| 11 — Palpi and proboscis with white pile; terminalia (♂ ♀) yellow-reddish; female 7th. abdominal tergite yellow-reddish; apical third, or more, of the posterior tibiae yellow-reddish | <i>flukei</i> , n. sp. |
| — Palpi and proboscis with black pile; terminalia (♂ ♀) black; | |

- female 7th. abdominal tergite black; apical third of the posterior tibiae black *staurophora* (Schiner)
- 12 — Second and third abdominal segments yellow-reddish, sometimes with dark spots of indefinite shape 13
 — Second and third abdominal segments yellow-reddish and with conspicuous dark spots of definite shape 14
- 13 — Small species (10 mm.); 5th. and 6th. abdominal segments dark, not shining; the 7th. and 8th. shining black *almeidai* Carrera
 — Large species (19 mm.); 6th. and 7th. abdominal segments black with reddish spots *tibialis* Curran
- 14 — Second, third and fourth abdominal segments with dorsal quadrangular black spots and all the margins of the tergites yellowish 15
 — Second, third and fourth abdominal segments without quadrangular black spots and part of the margins darkened 16
- 15 — The black spots on the abdominal segments are large, the margins narrowly yellow or slightly darkened; legs dark .. *claripennis* (Schiner)
 — The black spots on the abdominal segments are small and the margins widely yellowish; legs light colored *apicalis* (Schiner)
- 16 — Abdominal tergites 2-5 with dark spots horse-shoe-shaped and posterior margins darkened *gyrophora* (Schiner)
 — Abdominal tergites 2-5 with two black spots on the anterior half and the posterior margin yellowish 17
- 17 — Abdominal tergites 2-5 with two large triangular black spots, widely separated on the dorsum *mundata* (Wiedemann)
 — Abdominal tergites 2-5 with two small rounded black spots, almost united on the dorsum *weyrauchi*, n. sp.

All known species of *Senobasis* (except *ornata*) were included in this key. *Senobasis analis*, *staurophora* and *tibialis* were included by the characters mentioned in the original diagnosis.

PSEUDORYCLUS — This genus is erected for *Megapoda rufiventris* Roeder, 1887. It is distinguished from *Doryclus* and *Pseudorus* by the absence of thickness in the posterior tibiae and basitarsi and the absence of a hump on the mesonotum. *Pseudorus bicolor* Bellardi, 1861, from Mexico belongs also to this genus. This species differs from *rufiventris* in having enfuscated wings which are entirely hyaline in *rufiventris*.

DORYCLUS — Among the seven species which were included in this genus, only two, *distendens* (Wiedemann, 1828) and *crassitarsis* (Macquart, 1846), are valid. The author believes the five remaining species are synonyms of *distendens* in which there is sexual dimorphism, the wings of the male being clear hyaline and of the female brown spotted. This conclusion was arrived by the following facts: *distendens* is only known by the male and *varipennis* by the female; it is not possible to distinguish the male of *guentheri* from *distendens* and the female from *varipennis*. *Doryclus cyaneiventris* and *latipes* are also known only by the female sex, and their descriptions are very similar to those of *guentheri* and *varipennis*. In this manner, one is led to believe that all these names belong to a single species in which there is a sexual dimorphism first observed by Arribalzaga when he described *guentheri*.

Doryclus crassitarsis was described by the male sex, and in our collection there are many specimens of the two sexes. In this species the male and the female have the wings largely brown spotted.

These two species may be separated by the following characters:

distendens — limpid wings, without vestiges of spot (δ), or a little darkened along the veins, or with two brown bands, one almost in the middle and the other in the apical fourth of the wings (♀); median and posterior tarsi almost always black, contrasting with the red or ochraceous tibiae; abdomen generally black, shining and with blue metallic reflection, and sometimes reddish, ochraceous or castaneous; male genitalia with the internal process of the lateral plate crossing the aedeagus in its apical half;

crassitarsis — wings brown and with yellowish spots, one transversally on the middle and others, in variable extension, at the base and the apex of the wings (♂ ♀); median and posterior tarsi reddish like the tibiae; abdomen reddish or dark-brown, never deep black; male genitalia with the internal process of the lateral plate crossing the aedeagus in its basal half.

PSEUDORUS — One specimen of *d'andrettae* received from Nova Teutônia differs from the typical specimens in having lighter coloration.

BIBLIOGRAFIA

- ALDRICH, J. M. — 1905 — A Catalogue of North American Diptera. — *Smiths. Misc. Coll.* 46: 1-680
- ARRIBALZAGA, E. L. — 1882 — *Asilides Argentinos.* — *An. Soc. Cient. Argent.* 13: 185-192
- BELLARDI, L. — 1861 — *Saggio di Ditterologia Messicana.* Torino. Part II, 1-93, 2 Pls.
- BIGOT, J. M. F. — 1857 — *Essai d'une classification générale et Synoptique de l'ordre des Insectes Diptères.* — *Ann. Soc. Ent. France*, 5 (2): 517-564
- BIGOT, J. M. F. — 1878 — *Diptères nouveaux ou peu connus*, 10e. Part. — *Ann. Soc. Ent. France*, 8 (5): 401-446
- BRÈTHES, J. — 1925 — *Sur quelques diptères chiliens.* — *Rev. Chil. Hist. Nat.* 28: 104-111 (não consultado)
- BROMLEY, S. W. — 1946 — *The robber flies of Brazil (Asilidae, Diptera).* — *Livro Homenag. R. F. d'Almeida* pp. 103-120, 1 est.
- CARRERA, M. — 1946 — *Nova espécie de Senobasis Macq., 1838 (Diptera, Asilidae).* — *Livro Homenag. R. F. d'Almeida* pp. 121-124
- CARRERA, M. — 1949 — *Contribuição ao conhecimento dos Asilidae Neotropicais (Diptera). I — Sobre as espécies brasileiras com esporão na tibia.* — *Arq. Zool. Est. S. Paulo* 7 (art. 1): 1-148, 210 figs.
- CARRERA, M. — 1950 — *Synoptical keys for the genera of Brazilian "Asilidae" (Diptera).* — *Rev. Brasil. Biol.* 10 (1): 99-111
- CARRERA, M. & D'ANDRETTA, M. A. V. — 1950 — *Asilideos do México.* — *Pap. Avuls.* 9 (12): 159-191
- CLEMENTS, A. N. — 1951 — *The use of the prosternum in classifying Asilidae (Diptera).* — *Proc. Roy. Ent. Soc. London, Ser. B*, 20 (1-2): 10-14
- COLE, F. R. — 1927 — *A study of the terminal abdominal structures of male Diptera.* — *Proc. Calif. Acad. Scienc.* 16: 397-499
- CRAMPTON, G. C. — 1942 — *Guide to the Insects of Connecticut, Part VI. The Diptera or true flies of Connecticut. External morphology* — *State Geol. Nat. Hist. Surv. Conn. Bull. N.º* 64: 10-165
- CURRAN, C. H. — 1934 — *The Diptera of Kartabo Bartica District, British Guiana.* — *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.* 66: 287-523
- CURRAN, C. H. — 1934 — *The Families and Genera of North American Diptera. Asilidae* pp. 167-184
- CURRAN, C. H. — 1942 — *American Diptera.* — *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.* 80: 51-84
- FABRICIUS, J. C. — 1805 — *Systema Antliatorum. Brunsvigae.*
- HARDY, G. H. — 1934-1935 — *The Asilidae of Australia, Part I-IV.* — *Ann. Mag. Nat. Hist.* 13 (10): 498-525, 14 (10): 1-35, 15 (10): 161-187, 16 (10): 405-426
- HARDY, G. H. — 1948 — *On classifying Asilidae.* — *Ent. Month. Mag.* 84: 116-119
- HERMANN, F. — 1912 — *Beiträge zur Kenntnis der südamerikanischen Dipterenfauna: Fam. Asilidae.* — *Nova Acta Abh. Kais, Leop.-Carol. Deuts. Akad. Naturf.* 96: 1-275, Pl. I-V
- HERMANN, F. — 1920 — *Beitrag zur allgemeinen Systematik der Asiliden.* — *Zool. Jahrb. Abt. Syst. Geogr. Biol. der Tiere* 43: 161-194
- JAENNICKE, F. — 1867 — *Neue exotische Dipteren.* — *Abh. Senckenberg. Ges.* 6: 311-408, 2 Pls.
- KERTÉSZ, C. — 1909 — *Catalogus Dipteriorum. Asilidae* 4: 49-313
- LOEW, H. — 1851 — *Bemerkungen über die Familien der Asiliden.* — in *Progr. Realsch. Meseritz* pp. 1-22
- MACQUART, M. J. — 1834 — *Histoire Naturelle des Insectes. — Diptères.* Paris. 1: 275-316
- MACQUART, M. J. — 1838 — *Diptères exotiques ou peu connus* 1, part 2: 14-156, Pls. 2-12
- MACQUART, M. J. — 1846 — *Idem, idem, Supl.* 1: 59-96, Pls. 6-8
- NEAVE, S. A. — 1939-1940 — *Nomenclatur Zoologicus.* London. 4 Vols.

- PERTY, M. — 1830-1834 — Delect. animal. articul. Brasil. pp. 180-182, Pl. 36
- ROEDER, V. VON — 1887 — Ueber die Gattungen *Doryclus* Jaen. und *Megapoda*. Macq. — Berl. Ent. Zeitschr. 31: 76-78
- RONDANI, C. — 1850 — Osservazioni sopra alcune specie de Esapodi Ditteri del Museo Torinese. — Nuov. Annal. Sci. Nat. Bologna, 2 (3): 185-188, T. IV
- SACKEN, C. R. OSTEN — 1887 — Biol. Centr. Amer. Diptera, Asilidae 1: 167-212
- SACKEN, C. R. OSTEN — 1891 — Berl. Ent. Zeitschr. 26: 417 (não consultado)
- SCHINER, J. R. — 1866 — Die Wiedemann'schen Asiliden. — Verh. Zool. — Bot. Ges. Wien, 16: 649-848
- SCHINER, J. R. — 1867 — Neue oder weniger bekannte Asiliden des K. zoologischen Hofcabinetes in Wien. — Verh. Zool. — Bot. Ges. Wien, 17: 355-412
- SCHINER, J. R. — 1868 — Reise der Österreichischen Fregatte Novara. Zool. Diptera, Asilidae, pp. 155-195, Pl. II
- SNOODGRASS, R. E. — 1935 — Principles of Insect Morphology I ed. McGraw — Hill Book Co. New York, pp. I-VI, 1-667
- WALKER, F. — 1849 — List of the specimens of dipterous insects in the collection of the British Museum, 2: 231-484
- WALKER, F. — 1850 — Insecta Saundersiana. Asilidae pp. 84-156, Pls. III-IV
- WALKER, F. — 1854 — List of the specimens of dipterous insects of the collection of the British Museum, 6, Supl. 2: 377-506
- WALKER, F. — 1855 — Idem, idem 7, Supl. 3: 507-778
- WIEDEMANN, C. R. W. — 1819 — Brasilianische zweifl. — Zool. Mag. (não consultado)
- WIEDEMANN, C. R. W. — 1821 — Diptera exotica (não consultado)
- WIEDEMANN, C. R. W. — 1828 — Aussereuropäische zweiflügelige Insecten. Asilidae, 1: 364-572
- WILLISTON, S. W. — 1889 — Notes on Asilidae. — Psyche 5: 255-259
- WILLISTON, S. W. — 1891 — Catalogue of the Described species of South American Asilidae. — Trans. Amer. Ent. Soc. Philad. 18: 67-91
- WULP, F. M. VAN DER — 1870 — Opmerkingen Omtrent Uitlandsche Asiliden. — Tijdsch. Ent. 13: 207-217, Pl. 9
- WULP, F. M. VAN DER — 1882 — Amerikaansche Diptera. — Tijdsch. Ent. 25: 77-136, Pls. 9-10

REDESCRIÇÃO DE *COREMATURA*
BUTLER, 1876 E DE SUAS DUAS ESPÉCIES
(*LEPIDOPTERA CTENUCHIDAE*)

por

LAURO TRAVASSOS FILHO

INTRODUÇÃO.

Em nosso trabalho de 1938, interpretamos como “cones pilosos” certas formações abdominais de *Corematura chrysogastra*. Mais tarde, quando nos foi possível melhor analisar estes órgãos, verificamos que estes “cones pilosos” nada mais são do que os sacos odoríferos abdominais, caráter sexual dos machos, os quais, quando retraídos na cavidade abdominal, mostram aquele aspecto por ficarem com os pêlos justapostos. No presente trabalho corrigimos o erro de interpretação comentado.

Ainda em nosso trabalho de 1938, interpretamos erradamente como “harpa” a porção dorsal da valva, e a isso fomos levados por uma excessiva diafanização das genitálias examinadas. Reestudando o material constatamos o erro, e apresentamos as figuras agora corrigidas.

Outro erro em nosso trabalho de 1938, acha-se na sua estampa I, fig. 1, em que foi por nós apresentado como ♀, o exemplar ♂, n. 14.269 — I.O.C. A verdadeira ♀ de *C. chrysogastra* é figurada no presente trabalho, na fig. 1, da estampa 1.

Mas, êsse reestudo do material do nosso trabalho anterior e seu confronto com novos exemplares, de outras proveniências, veio evidenciar a existência de uma espécie muito próxima a *chrysogastra*, mas de distribuição geográfica mais meridional. Relacionamos êsses exemplares à espécie que GUÉRIN descreveu de um exemplar da Bolívia, com o nome de *postflava*, e que mais tarde foi considerada sinônima de *chrysogastra*, o que se verificou certamente por só terem sido comparadas nos característicos cromáticos, pois são tão semelhantes as duas espécies, que apenas pelos característicos da genitália dos machos podem ser facilmente separadas. Nada podemos dizer quanto às fêmeas, pois só nos foi possível examinar uma, de *chrysogastra*, por nós assim considerada por ser da mesma procedência que uma grande série de machos; acreditamos contudo que as fêmeas das duas espécies devam ser extraordinariamente semelhantes.

Aliás, não é este, em *Ctenuchidae*, o primeiro caso de espécies muito semelhantes voando uma ao norte, mais para a região ama-

zônica, e outra de distribuição mais meridional, bastando para isso citar o trabalho de TRAVASSOS, 1938. Pode-se mesmo dizer que nestes casos, as espécies são macroscópica e cromaticamente indistinguíveis, e só os característicos morfológicos as separaram com facilidade, perdurando contudo a hipótese de uma consideração subespecífica, uma vez que não foi constatada a superposição de áreas geográficas.

As abreviações encontradas significam: *I. O. C.*, para o Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro (Coleção Prof. Lauro Travassos); *M. N.* para o Museu Nacional do Rio de Janeiro; *D. Z.*, para o Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo, cuja coleção é por nós estudada.

Agradecemos ao Prof. Lauro Travassos e ao Museu Nacional do Rio de Janeiro o material cedido para estudo. Somos particularmente gratos ao Sr. ALBERTO BREYER, de Buenos Aires, Argentina, não só pelo empréstimo de seus exemplares para estudo, como pelo exemplar oferecido para a coleção do Departamento de Zoologia, onde recebeu o n. 50.956 da coleção de Lepidoptera, demonstrando assim o seu alto espírito de compreensão pelos estudos de zoologia sistemática, compreensão ainda mais louvável por tratar-se de um colecionador particular, colecionadores estes não raros possuidores de doentio ciúme pelos exemplares que possuem e raramente estudam.

Corematura Butler, 1876

ORTÓTIPO: *Corematura chrysogastra* (Perty, 1834).

Distr. geográfica: América do Sul.

SINÓNÍMIA: *Corematura* Butler, 1876, p. 403 (Tipo: *C. chrysogastra*, Perty); Kirby, 1892, p. 152, n. 144 (cit. sin.); Hampson, 1898, p. 346 (Tipo: *C. chrysogastra*); Zerny, 1912, p. 101 (cit. sin.); Draudt, 1915, p. 121, n. 65 (ed. franc.); Travassos Filho, 1938, pp. 259, 262 (Tipo: *C. chrysogastra* (Perty, 1834)).

DESCRIÇÃO.

Probóscida habitual; palpos voltados para o vertex da cabeça, o terceiro artículo curto e voltado para a frente. Antena bipectinada, apófises curtas na ♀, compridas no ♂, são discretamente dilatadas na extremidade e terminam por uma cerda. Tibias médias e posterior com espinhos moderados. Asas com aspecto habitual, transparentes. Nervulação da asa anterior: R^s pecioladas depois do ângulo superior da célula; R^1 termina no ápice da asa; M^1 parte do ângulo superior da célula; M^2 e M^{3+4} do ângulo inferior da célula; Cu^1 e Cu^2 da célula, bem separadas; nervura *A* habitual. Nervulação da asa posterior: célula grande; $Sc+R^s$ e M^1 partindo do ângulo superior da célula; M^2 e M^{3+4} do ângulo inferior; Cu^1 e Cu^2 da célula, bem separadas; nervuras A^{1+2} e A^3 habituais.

Abdômen bem desenvolvido, discretamente comprimido nos lados dos segmentos 3 e 4, terminando por farto tufo anal no ♂, tufo moderado na ♀; ♂ com órgão odorífero formado por sacos extrovertíveis, ocultos no abdômen quando retraídos.

ESTAMPA 1

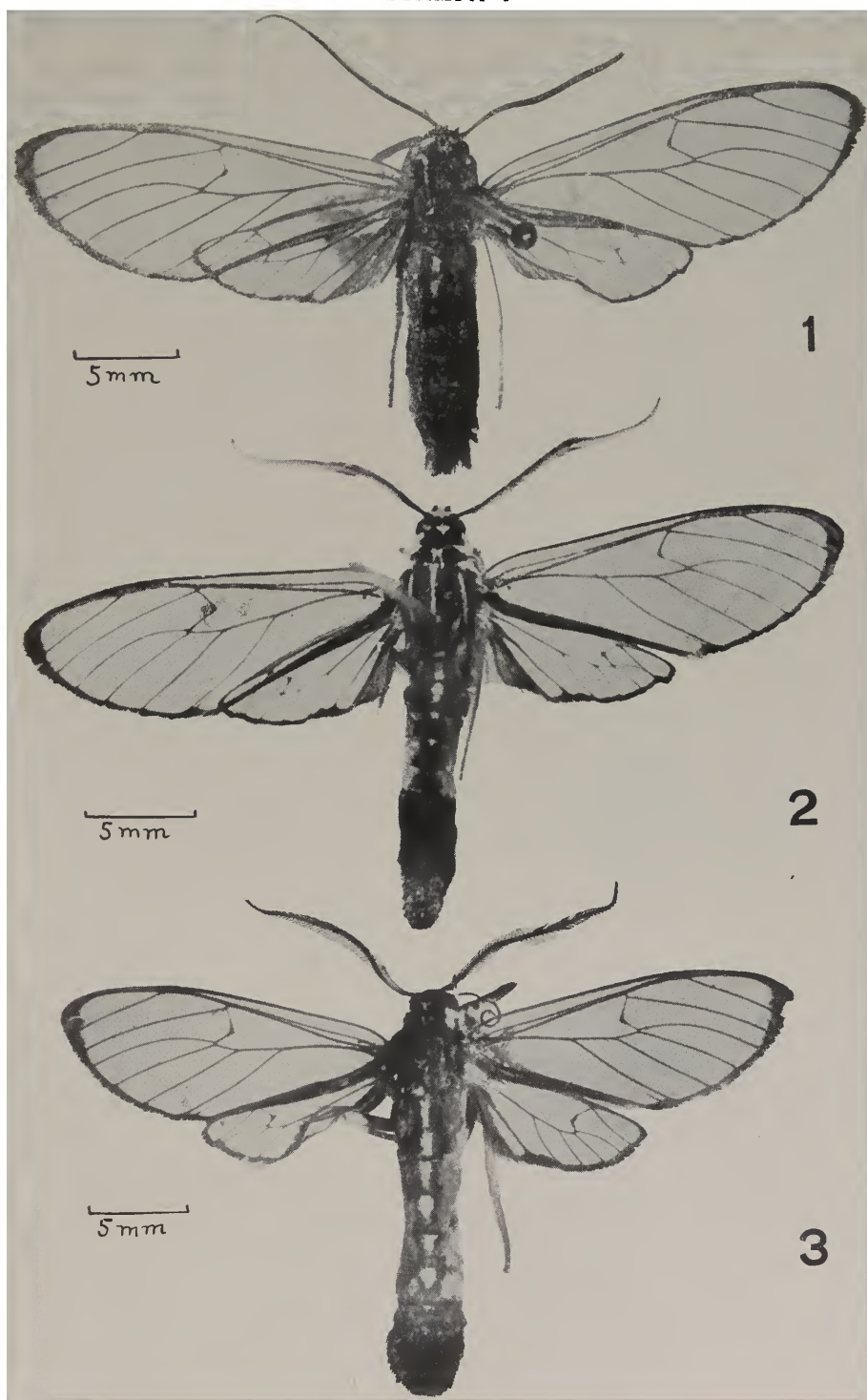
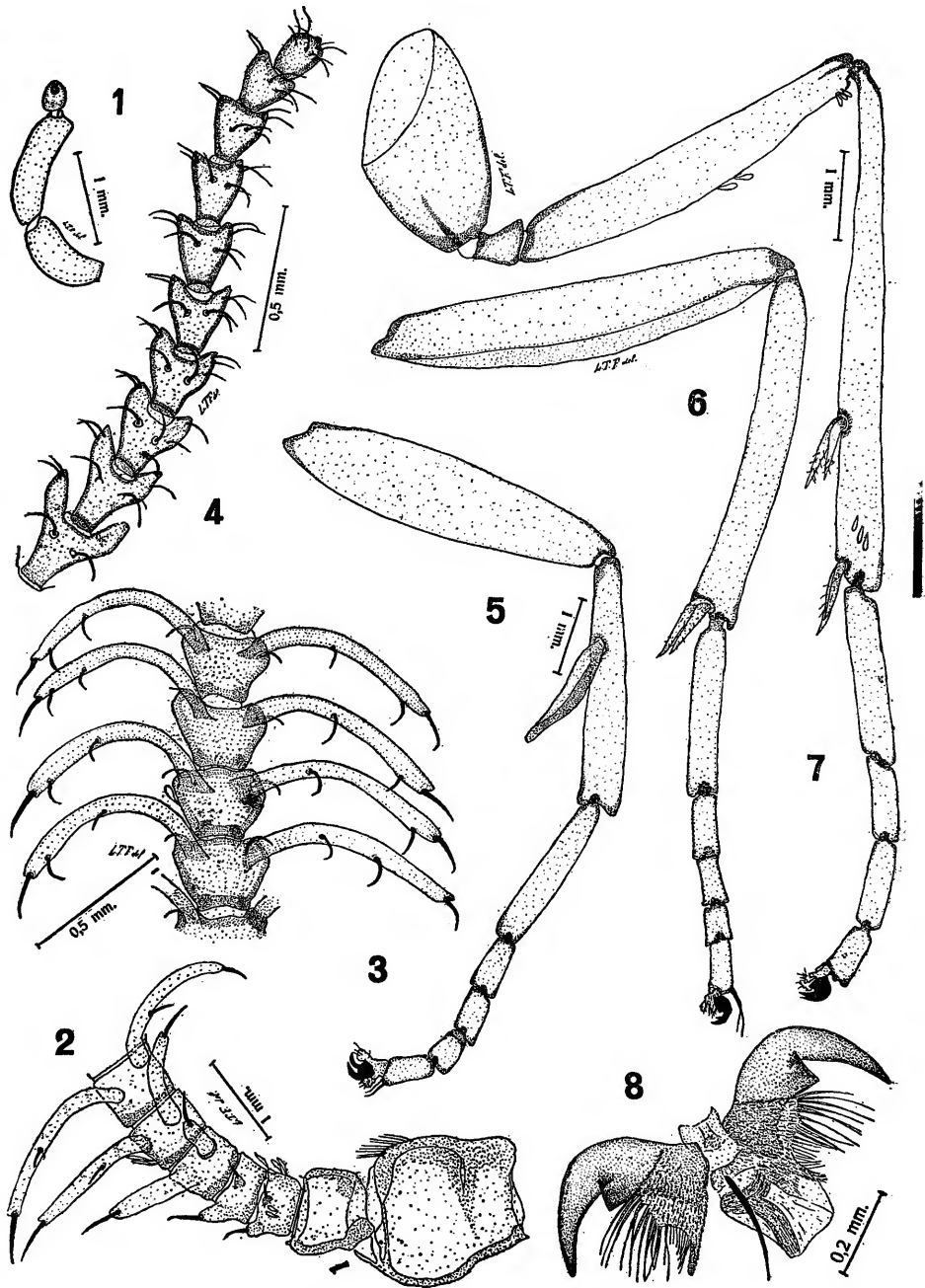


Fig. 1 — *Corematura chrysogastra* — ♀, n. 14.273 — I.O.C.: *allotypus*.
Fig. 2 — *Corematura chrysogastra* — ♂, n. 14.275 — I.O.C.
Fig. 3 — *Corematura postflava* — ♂, n. 50.498 — D.Z.



Corematura chrysogastra:

- Fig. 1 — Palpo labial do ♂.
 „ 2, 3, 4 — ♂, n. 14.323 — I.O.C.: artículos basais, medianos e terminais da antena direita.
 „ 5, 6, 7 — ♂, n. 14.323 — I.O.C.: pernas anterior, média e posterior.
 „ 8 — ♂, detalhe das garras tarsais.

Genitália do ♂ complexa, décimo tergito com o formato de um grosso Y; nono tergito encurtado e chanfrado na base, apresenta expansões que ladeiam o décimo tergito. Valva com a porção superior basal lamelar. *Penis* curto, *vesica* muito grande, *cornutus* com a forma de um grande espinho. Sobre a genitália da ♀ nada se pode adiantar por ser conhecida apenas um exemplar (ver as figuras referentes).

Compreende duas espécies: *Corematura chrysogastra* (Perty, 1834) e *C. postflava* (Guérin, 1844), estudadas a seguir. A outra espécie até então considerada como deste gênero, foi por nós dele afastada, e será objeto de trabalho próximo.

Corematura chrysogastra (Perty, 1834).

HOLÓTIPO: ♂, in Zool. Samm. Bayerischen Sts., München, Alemanha.

ALÓTIPO: ♀, in col. TRAVASSOS, Inst. Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil.

LOCAL. TIPO: Brasil, região amazônica.

DISTR. GEOGR.: *Brasil*, no Estado do Amazonas: região amazônica e nas localidades de São Paulo de Olivença, Rio Preto e S. Jerônimo (Rio Solimões). *Perú*: Juaripuí e Chanchamayo. *Equador*: Archidona.

REFERÊNCIAS E SINONÍMIA:

Glaucoipsis chrysogastra PERTY, 1834, p. 157, est. 31, fg. 10.

Eumomia abdominalis WALKER, 1856, p. 1617-1618, ♂.

Lagaria abdominalis WALKER, 1864, p. 89, ♂.

Corematura chrysogastra BUTLER, 1876, p. 403, n. 1 (cit. sin.); KIRBY, 1892, p. 152, n. 1 (cit. sin. & geog.); HAMPSON, 1898, p. 346-347, n. 763, fg. 162, ♂ (nec Bolívia); ZERNY, 1912, n. 101 (cit. sin. & geog.) (nec Bolívia); DRAUDT, 1915, p. 122 (ed. franc.), fg. 18g (nec Bolívia); TRAVASSOS FILHO, 1938, pp. 260-262, ♂ ♀, fgs. ♂ (fg. ♀ = erro).

DESCRIÇÃO GERAL.

Colorido Geral: dorsalmente preto, com pontos e linhas amarelas; asas transparentes; abdômen com manchas vermelhas laterais; ventralmente amarelo; tufo anal preto, bem desenvolvido nos machos.

Dimensões Gerais: As dimensões apresentadas, comprimento e largura dos principais segmentos do corpo, foram tomadas do seguinte modo: na cabeça o comprimento foi medido na maior distância entre a fronte e o occipício, e a maior largura entre os olhos. No tórax, o maior comprimento foi medido dorsalmente e a largura tomada entre as inserções das asas anteriores; na asa anterior o comprimento foi medido da inserção ao ápice, e a largura tomada em linha perpendicular ao ângulo anal; na asa posterior o comprimento foi tomado também da inserção ao ápice e a largura a maior medida perpendicularmente ao bordo costal. No abdômen o comprimento indicado não inclui o tufo anal, e a largura foi tomada na base, sobre o *tympanum*. As medidas foram feitas em exemplares que não mostravam sinais de compressão; quando faltou condição satisfatória foi indicado "prejudicado"; as dimensões da ♀ foram tomadas do alótipo, único exemplar disponível.

Ex. n.º:	Comprimento por largura, em mm:					
	Cabeça	Tórax	Asa anterior	Asa posterior	Abdômen	Compr. total
♂ — 71.314 — M.N.	1,3 x 2,1	4,0 x prej.	14,8 x 6,0	8,0 x 3,6	9,4 x 2,5	± 15 mm
♂ — 50.500 — D.Z.	1,6 x 2,5	5,0 x 3,7	16,8 x 6,9	9,4 x 4,5	11,0 x 2,7	± 18 mm
♂ — 14.275 — I.O.C.	1,8 x 2,5	4,5 x 3,3	17,4 x 6,5	9,5 x 4,0	10,7 x 3,3	± 17,5 mm
♀ — 14.273 — I.O.C.	1,5 x 2,4	4,7 x prej.	19,0 x 7,2	10,5 x prej.	11,0 x 3,5	± 17,5 mm

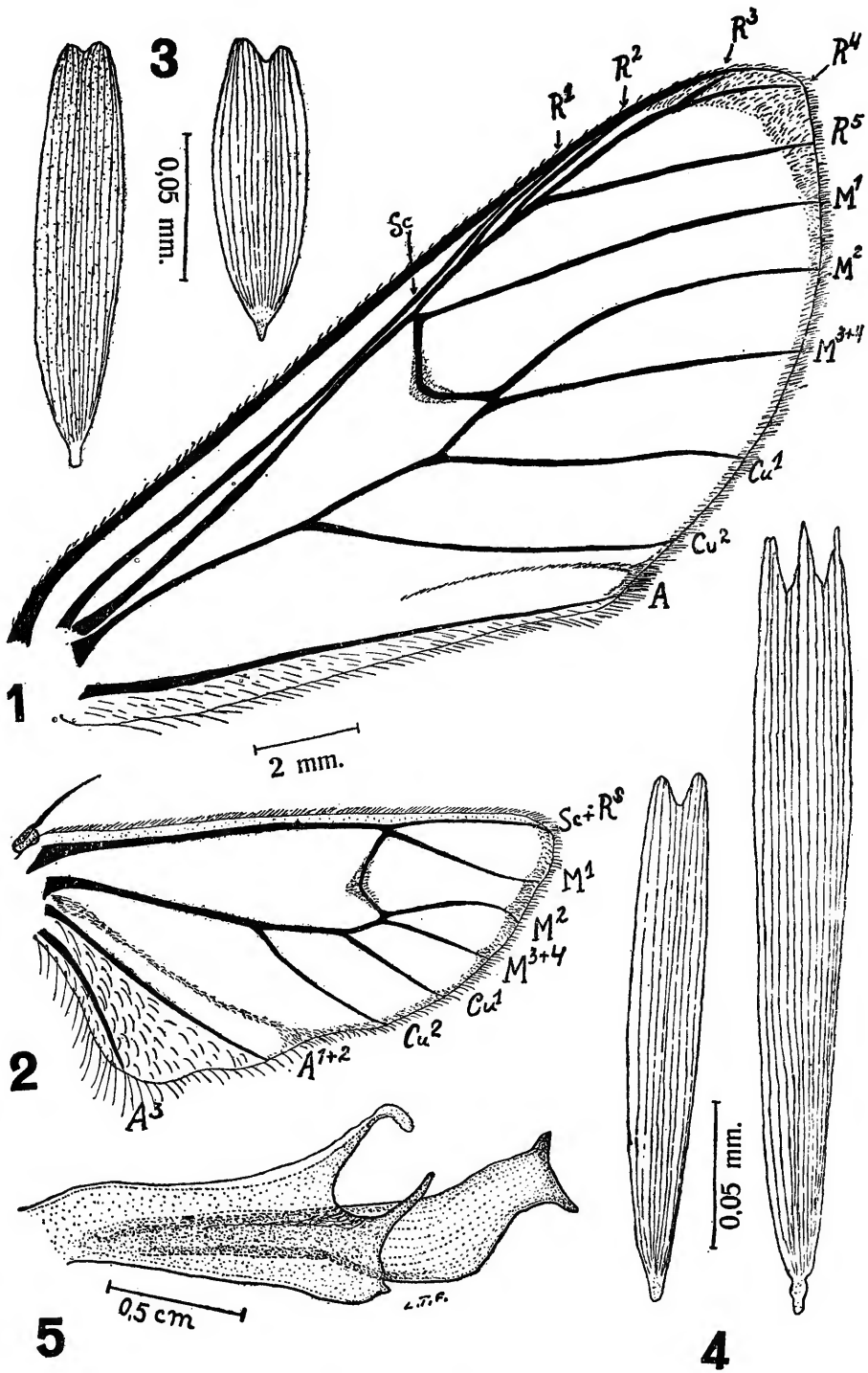
DESCRIBÇÃO DO ♂.

CARACTERES CROMÁTICOS.

A descrição é baseada no exemplar ♂, n. 14.275 — I. O. C., e as variações apresentadas em seguida.

CABEÇA. Vertex preto com uma mancha triangular amarela, que não atinge a linha de inserção das antenas, e cujo vértice está voltado para o tórax; fronte com uma faixa amarela em forma de *U* invertido, limitando uma porção central preta; na metade inferior da fronte há longas escamas amarelas que se entrecruzam na frente; genas e região post-ocular amarelas; antena preto acastanhada brilhante; olhos pretos, ocelos claros; palpos com o primeiro artigo completamente amarelo, o segundo artigo amarelo com faixas pretas laterais, afiladas para a base; terceiro artigo pequeno, completamente preto, como remate das faixas pretas laterais do segundo artigo.

TÓRAX. Dorsalmente preto, com uma linha mediana amarela em todo o comprimento, inclusive no escutelo; há uma rala escamosidade amarela por baixo da extremidade da tégula, após e acima da inserção das asas; lateralmente o tórax tem escamosidade amarela intensa, principalmente junto à inserção das asas, com alguns grupos de escamas pretas de difícil observação. Patagia preta, com duas manchas amarelas na borda anterior, uma externa e outra que ocupa toda a borda interna, mancha esta contígua à da patagia oposta, simulando uma mancha única, mediana; tégula com a porção anterior externa amarela, colorido que se expande pela borda externa, e se continua por uma linha que percorre a tégula pelo meio em todo o seu comprimento, formando uma linha amarela paralela à linha mediana do tórax. Pernas amarelo intenso de um modo geral; perna anterior com as coxas amarelo-pálidas, fêmur com um salpicado de escamas pretas na face interna; tíbia, de tonalidade amarela intensa, apresenta uma escamosidade preta na face externa, junto da inserção ao fêmur; tarsos amarelos, com discreto tom alaranjado, e irregularmente salpicados de escamas pretas nas porções distais dos artigos, principalmente na face interna. Perna média com fêmur e tíbia amarelo intenso, o fêmur apresentando uma estreita faixa de escamas pretas na borda distal e a tíbia apresentando uma escamosidade preta na porção proximal externa, e um salpicado muito esparso por toda a face externa. Perna posterior amarela, fêmur com escamosidade preta rala nas faces interna e externa; tíbia com escamosidade preta na borda posterior, formando uma faixa longitudinal que é mais intensa distalmente e que se continua como linha preta na borda posterior dos tarsos; face interna dos tarsos amarelada, o restante com intenso salpicado preto. Asa anterior transparente, a membrana com tom amarelado, as nervuras com escamosidade preta; a faixa marginal preta é bem nítida.



Corematura chrysogastra ♂ :

Figs. 1, 2 — ♂, n. 14.321 — I.O.C.: asas anterior e posterior.

„ 3, 4 — tipos de escamas das asas.

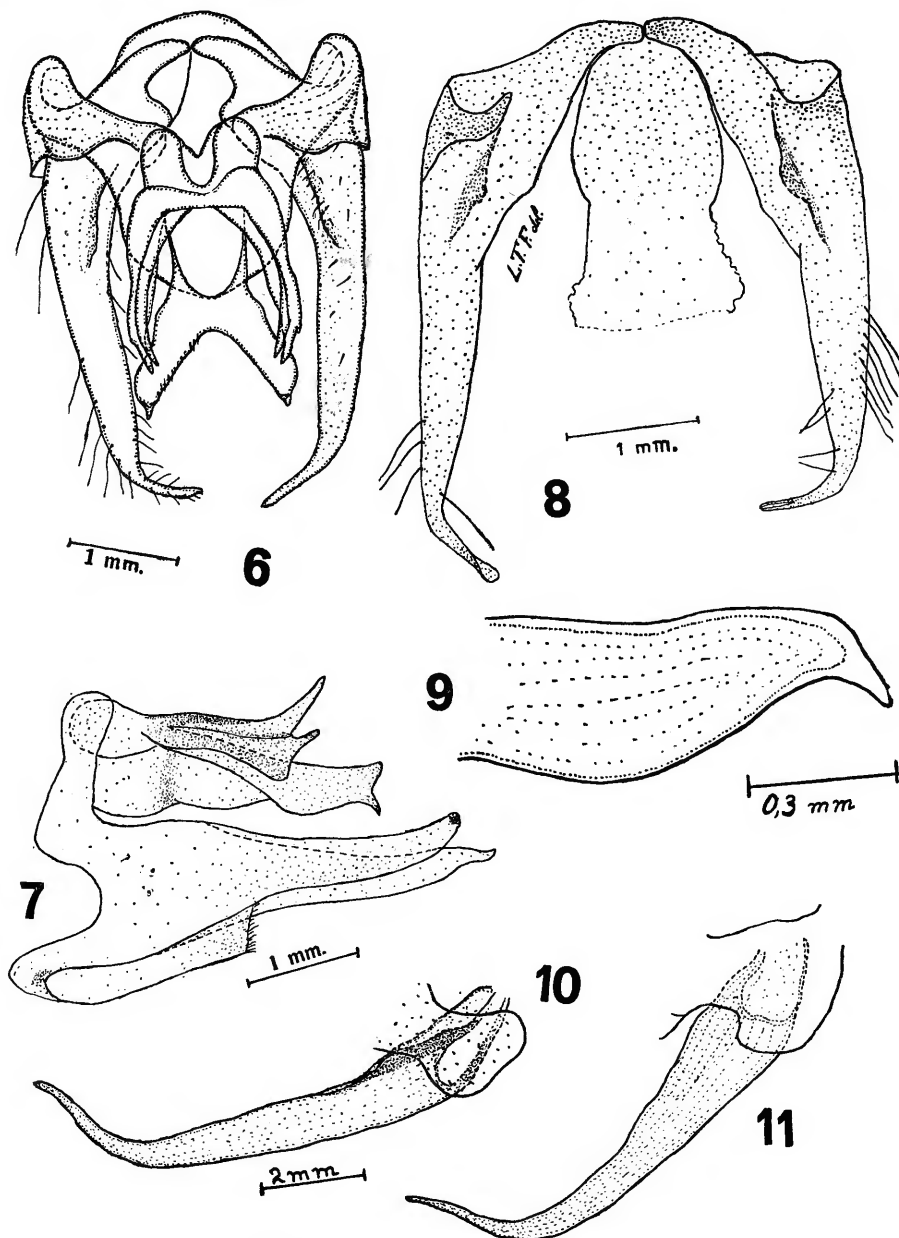
Fig. 5 — ♂, n. 14.322 — I.O.C.: Vista lateral do décimo tergito e expansão do nono.

a partir de pouco mais da metade da borda anterior, contornando a asa até a área anal; na base da asa, junto à inserção, há uma mancha amarela irregular. Face inferior também com escamosidade preta nas nervuras e em toda a faixa marginal, e uma faixa de escamas amarelas na metade basal da área anal; base com escamosidade amarela; retináculo preto, com a base amarelada. Asa posterior transparente, com a membrana ligeiramente amarelada, as nervuras com escamosidade preta. Dorsalmente a borda costal é opaca, com escamosidade pardacenta; na borda externa a faixa marginal é preta; área anal opaca, também preta; na nervura transversal há uma escamosidade mais acentuada, quase formando uma mancha lunular; na base há escamas amareladas. Ventralmente a faixa marginal é preta, tendo, na borda costal, uma risca de escamas amarelas, que quase atinge o ápice; a base da asa e toda a escamosidade anal é amarela, colorido que se insinua pela porção basal da prega membranosa posterior, entre os troncos cubital e anal; as longas escamas da margem interna também são amarelas, mesclando-se com as longas escamas pretas da porção dorsal.

ABDÔMEN. Porção dorsal predominantemente preta; na linha mediana há manchas amarelas que formam linha interrompida dos tergitos 1 a 4; nos tergitos 1 e 2 as manchas amarelas são compridas e contíguas, ao passo que nos tergitos 3 e 4 são representadas por manchas amarelas grosseiramente triangulares, junto à borda proximal de cada tergito; há algumas escamas amarelas na borda proximal do tergito 5, que não chegam a formar mancha. O *tympanum* tem a metade dorsal preta, com algumas escamas amarelas bem dorsais, e a metade ventral é amarela; a porção látero-terminal do tergito 2 tem colorido amarelo com esparsas escamas vermelhas, e na porção amarela há uma mancha preta ao redor do espiráculo; na metade distal do tergito 2 e nos tergitos 3, 4 e 5, a escamosidade lateral é vermelha, restringindo dorsalmente, nos tergitos 3, 4 e 5, o colorido preto à manchas pretas grosseiramente triangulares, em cujas bases acham-se as manchas amarelas já descritas; essa escamosidade vermelha chega até pouco abaixo da linha tergo-esternal, encontrando-se com o colorido amarelo da porção ventral. O tergito 6 é preto, com ralo salpicado de escamas vermelhas que se agrupam em discreta mancha lateral na borda distal; do tergito 6 em diante, incluindo o tufo anal, o colorido é preto brilhante. A porção ventral do abdômen é uniformemente amarela da base até o esternito 6; o esternito 7 é preto, com escamosidade amarela apenas nas margens proximais laterais, ao nível do plano tergo-esternal, como continuação do colorido amarelo dos esternitos precedentes; adiante do esternito 7 começa a farta escamosidade preta que rodeia a genitália, destacando-se dois feixes de longas escamas amarelas, situados na porção correspondente ao esternito 8. As valvas, com farta escamosidade preta, apresentam escamas amarelas na sua porção basal, embora só seja vista quando se expõe a genitália, que é completamente oculta pelo tufo anal preto.

VARIAÇÕES. A escamosidade amarela se mostra variável nas áreas em que se distribue, interferindo assim nas áreas de escamosidade preta; a intensidade da cor amarela também varia, do pálido até muito intensa, quase alaranjada. As faixas pretas laterais da extre-

midade dos palpos podem chegar ao primeiro articulo e a escamosidade amarela pode atingir o terceiro articulo, na frente. A escamosidade preta das pernas pode chegar a formar riscas bem nítidas (ex. n. 50.500 — D.Z.).



Corematura chrysogastra, ♂ :

- Fig. 6 — n. 14.322 — I.O.C.: vista dorsal da genitália (sem o penis).
 „ 7 — n. 14.322 — I.O.C.: vista lateral do décimo tergito, expansões do nono e valvas.
 „ 8 — n. 14.323 — I.O.C.: aspecto das valvas e *juxta*.
 „ 9 — n. 71.315 — M.N.: vista lateral da terminação do décimo tergito.
 „ 10, 11: dois aspectos da mesma valva.

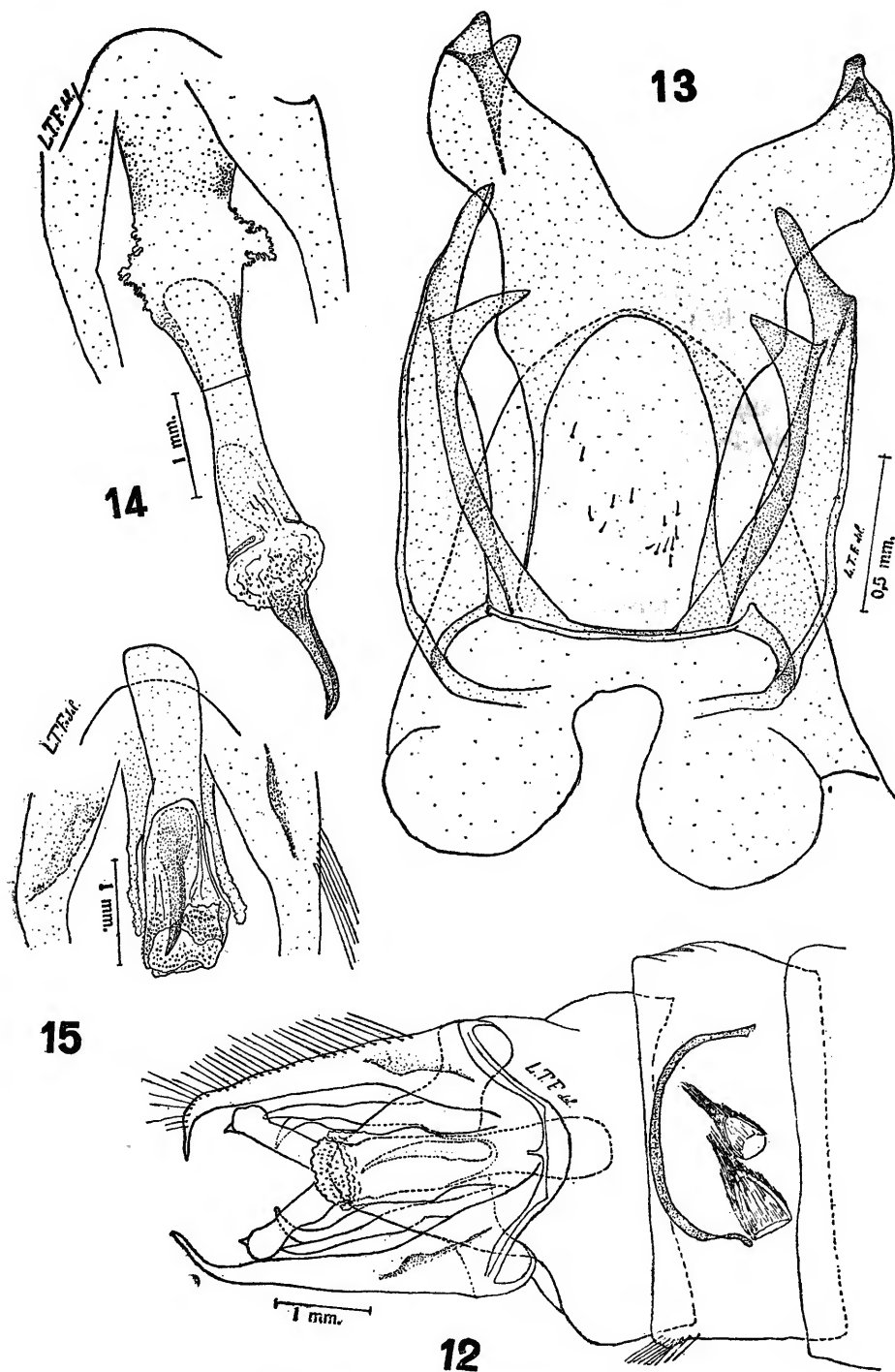
As manchas amarelas dorsais do abdômen variam muito; no ex. 14.270 — I.O.C., há apenas uma pequena mancha amarela no tergito 1, entre o *tympanum*, e relativamente poucas escamas amarelas na porção proximal do tergito 2, não havendo escamas amarelas nos tergitos seguintes. Ao contrário, o ex. n. 71.314-M.N. apresenta nítidas manchas amarelas, quase formando uma linha, até o tergito 6, havendo ainda escamas amarelas na base do tergito 7, formando uma pequena mancha. Entre as variações extremas apresentadas por estes dois exemplares, encontram-se diversos intermediários, sendo mais frequente, na nossa amostra, a presença de manchas amarelas até o tergito 4.

A área de colorido vermelho, nas porções laterais do abdômen, apresenta variações; no ex. 50.501-D.Z. a escamosidade vermelha do tergito 6 ocupa larga área, ao passo que no ex. 50.500-D.Z. há nesse mesmo tergito apenas algumas escamas vermelhas nas bordas látero-distais. Ainda nesse último exemplar a escamosidade vermelha chega a atingir parte das bordas dos esternitos, ao passo que em outros fica restrita à linha espiracular. Em alguns exemplares há escamas vermelhas esparsas no dorso, como que unindo dorsalmente as manchas vermelhas laterais (ex. n. 14.269-I.O.C.), e no ex. n. 1.960 I.O.C. a mancha vermelha do tergito 4 atinge a mancha amarela dorsal, quase a envolvendo.

CARACTERES MORFOLÓGICOS

CABEÇA. Aspecto habitual. Olhos e ocelos habituais. Antenas com 12 a 14 mm de comprimento e cerca de 60 a 62 artículos; cada artículo a partir do terceiro basal, apresenta um par de apófises discretamente claviformes, que atingem o máximo de comprimento do artículo 10 ao artículo 20, quando medem cerca de 0,75 mm de comprimento, passando então a diminuir progressivamente até a extremidade; os últimos artículos são desprovidos de apófises (figs. 2, 3, 4, est. 2); cada apófise apresenta uma pequena cerda terminal, uma subterminal e ainda outra mediana, além de uma discreta pilosidade por toda ela. Palpo com aspecto habitual, sendo o artículo mediano o maior deles; terceiro e último artículo muito reduzido, discretamente voltado para a frente e quase oculto pela escamosidade própria (fig. 1, est. 2). Probóscida habitual, bem desenvolvida.

TÓRAX. Patagia e tégula habituais. Pernas com aspecto habitual; tarsos com garras fortes, que mostram um dente na metade basal, paroníchios com o lobo anterior flabeliforme e lobo posterior pequeno e espinhoso (fig. 8, est. 2); tibia da perna anterior medindo cerca de 3 mm e a epífise cerca de 1,5 mm de comprimento; tibia média com cerca de 4 mm e o par de espinhos apicais medem cerca de 0,8 mm de comprimento; tibia posterior medindo cerca de 5,5 a 6 mm de comprimento, o par de espinhos apicais medindo cerca de 0,8 mm de comprimento, e o par de espinhos sub-apicais com cerca de 1 mm de comprimento (figs. 5, 6, 7, est. 2). Asas transparentes, com o formato apresentado nas figuras 1 e 2, e com diversos tipos de escamas na franja marginal (figs. 3 e 4); células terminais com ligeira pubescência; nervuras revestidas de escamas. Nervulação da asa anterior



Corematura chrysogastra, ♂ :

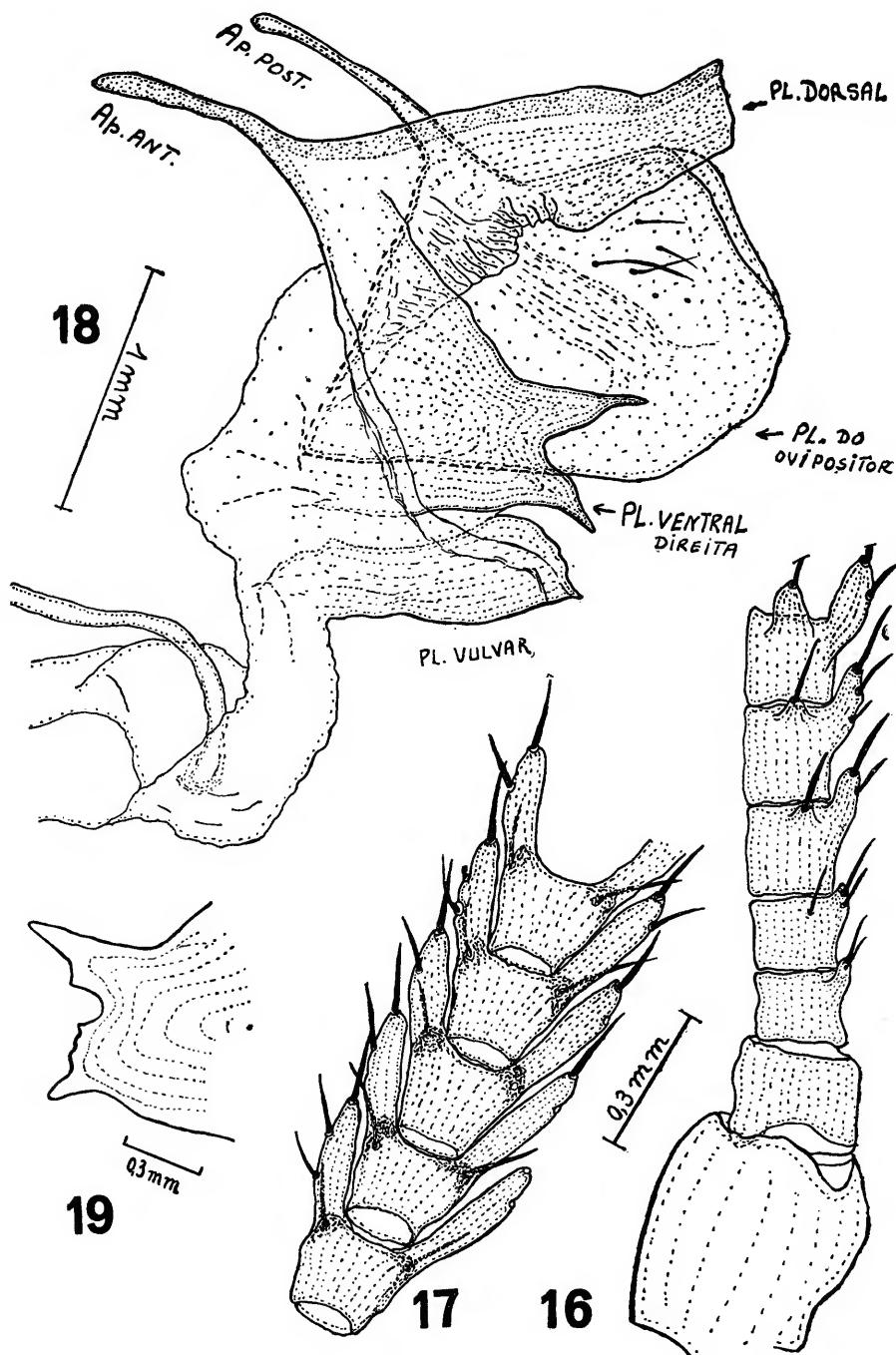
- Fig. 12 — n. 14.322 — I.O.C.: vista ventral da genitália completa e sacos odoríferos.
 „ 13 — n. 14.323 — I.O.C.: vista dorsal do nono e décimo tergitos.
 „ 14 — n. 14.323 — I.O.C.: penis e juxta.
 „ 15 — A mesma peça da fig. anterior, em posição retraída.

(fig. 1): S^c habitual, terminando bem depois da nervura transversal; R^1 , R^2 e R^3 terminam na borda costal; R^4 no ápice da asa e R^5 abaixo dêste. M^1 partindo do ângulo anterior da célula, junto ao tronco radial ou ligeiramente afastada dêste, termina na borda da asa; M^2 , arqueada, e M^{3+4} partindo de origem comum no ângulo inferior da célula, ou ligeiramente afastadas nessa origem, terminam na borda livre externa da asa. Cu^1 com origem abaixo do ângulo inferior da célula, e Cu^2 originando-se aproximadamente no meio do lado inferior da célula, ligeiramente arqueada para cima, termina na borda externa da asa; pregas membranosas discretas, a posterior mais evidente entre Cu^2 e A ; nervura A forte, acompanhando a borda interna, termina no ângulo posterior da asa. Refináculo habitual. Nervura transversal em ângulo reto, com os ramos iguais ou o posterior pouco maior. A escamosidade foi descrita nos caracteres cromáticos.

Asa posterior com o frênulo habitual (fig. 2); nervulação: $Sc+R^5$ inicialmente paralela a borda anterior, tangenciando-a no fim, termina no ângulo anterior da asa; nervura M^1 partindo do ângulo superior da célula, termina livremente na borda externa; M^2 , dirigindo-se para a frente e depois arqueando-se para trás, e M^{3+4} , com origens comuns no ângulo inferior da célula, terminam na borda externa; Cu^1 e Cu^2 com origens bem separadas, originam-se no tronco mediano-cubital e terminam na borda externa da asa; nervura A^{1+2} e A^3 terminam na borda externa da asa, A^3 paralela à borda interna. Nervura transversal habitual, ramo anterior bem maior do que o posterior. Prega membranosa anterior muito discreta, posterior evidenciada pela escamosidade que a recobre. A escamosidade restante foi descrita nos caracteres cromáticos.

ABDÔMEN. Bem desenvolvido, discretamente comprimido lateralmente nos segmentos 3 e 4. Órgão odorífero representado por um par de longos sacos contrácteis e extroversíveis, ocultos no abdômen, e que dele se escapam, quando distendidos, por abertura entre os esternitos 7 e 8, abertura esta habitualmente camuflada pelas escamas dos escleritos. Estes sacos odoríferos, extremamente delicados, são revestidos por longos e delicados pêlos, os quais, quando os sacos se acham retraídos, ficam justapostos, tomando os sacos o aspecto de cones pilosos, como mostra a fotografia (fig. 1, est. 3); quando porém se extrovertem, medindo então cerca de 9 mm, os pêlos se afastam, dando aos sacos aparência de maior diâmetro, deixando ainda ver a delicadeza da membrana e os pequenos cones em que se inserem os longos pêlos (fig. 2, est. 3 — peça diafanizada em creosoto).

GENITÁLIA. Complexa e forte. Décimo tergito (*uncus* dos AA.) alongado e grosso, com formato de um grosso Y, por ser dividido em dois fortes processos, cada um terminando em duas pontas (figs. 5, 6, 7 e 13). Nono tergito (*tegumen*) complexo, encurtado e chanfrado na base, apresenta um par de longas expansões projetadas para trás, que ladeiam o décimo tergito, como que abraçando-o; cada expansão tem a metade inferior mais esclerosada e mais comprida, terminando em ponta afilada dirigida para cima; sôbre esta porção mais esclerosada assenta-se a porção superior, delicada, com a borda dorsal livre quase transparente, e que termina também em ponta afilada dirigida para cima, ficando paralela à ponta da porção inferior. As



Corematura chrysogastra, ♀, n. 14.273 — I.O.C.

Fig. 16, 17 — antena: artigos basais e medianos.

„ 18 — Vista lateral da genitália.

„ 19 — extremidade esquerda da placa ventral (comparar com a fig. 18).

figuras 5, 6 e 7, além de outras em que aparece o nono tergito, mostram a situação do décimo tergito envolvido pelas expansões do nono. Tanto o décimo tergito como estas expansões do *tegumen* podem apresentar variações nas suas extremidades; o décimo pode ter as extremidades do Y terminadas apenas por uma ponta, em geral a ponta inferior, por grande redução ou ausência da outra (fig. 9).

Vinculus encurtado dorso-ventralmente, é bem alargado no sentido transversal; *sacus* discreto, quase ausente, ultrapassado pela base do *penis*, quando este está retraído (fig. 12). Valva com a base alargada no sentido dorso-ventral e esta mesma porção é côncava na sua face interna, de tal modo que a parte dorsal quase laminar, apresenta-se em vista dorsal, como delgada e curta lâmina implantada na valva, simulando uma harpa (como tal foi desenhada e figurada erradamente em nosso trabalho de 1938); a extremidade da valva (figs. 7, 8, 10 e 11) é muito delgada e afilada, com a ponta voltada para dentro, opondo-se à extremidade da outra valva; as figuras mostram diversos aspectos de diversas valvas procurando-se evidenciar a porção dorsal lamelar das bases. As valvas apresentam pequenas variações no formato, particularmente nas extremidades (comparar as figuras).

Penis com cerca de 3 mm de comprimento; *aedoeagus* com a porção livre mais dilatada, com aspecto quase claviforme e a porção distal revestida de pequenos espinhos. *Vesica* muito grande, globosa, com curtos espinhos espalhados por toda superfície; *cornutus* com o formato de um grande e forte espinho, que mede cerca de 1,3 mm de comprimento e que ocupa situação lateral quando a *vesica* está distendida, ficando orientado longitudinalmente no *aedoeagus* quando a *vesica* está retraída, como mostram as figuras 14 e 15. *Juxta* muito alongada, quase a metade do comprimento do *penis*, com a *manica* muito desenvolvida, permitindo grande movimentação do *penis* (fig. 14).

DESCRIÇÃO DA ♀.

Examinamos apenas um exemplar ♀, o alótipo da espécie, n. 14.273 — I.O.C., admitida como sendo desta espécie pela sua proveniência geográfica, a mesma de uma boa série de machos de *chryso-gastra*.

CARACTERES CROMÁTICOS.

Extremamente semelhantes aos do ♂ (fig. 1, est. 1).

Cabeça, tórax e abdômen semelhantes aos do ♂; pernas com escamosidade preta mais acentuada do que o descrito para o ♂; faixa faixa marginal das asas muito estreita, havendo escamas amarelas disseminadas pelo tronco radial e subcostal, formando uma pigmentação amarela na porção costal da faixa marginal; há também escamas amarelas mesclando a escamosidade das nervuras Cu^1 , Cu^2 e M^1 ; há escamas amarelas na margem interna, escamas que se encontram também na faixa marginal até a altura de M^1 ; asa posterior semelhante à do ♂; ventralmente são as asas semelhantes às do ♂. No abdômen, há ventralmente um salpicado de escamas pretas pela

linha mediana, da base até os últimos esternitos, que são totalmente pretos.

CARACTERES MORFOLÓGICOS

Muito semelhantes aos do ♂, tendo aparência mais volumosa.

CABEÇA. Antena esquerda (a direita quebrada) com 65 artículos; as apófises são curtas, iniciam-se no artículo 3, sendo duas a partir do artículo 5, e atingem o máximo de desenvolvimento entre os artículos 20 e 35, quando medem cerca de 0,3 mm de comprimento (figs. 16 e 17), passando então a diminuir progressivamente, os últimos completamente sem apófises.

TÓRAX. Em tudo semelhante ao do ♂, com asas um pouco mais alargadas, mas com nervulação idêntica à do ♂.

ABDÔMEN. Aspecto mais encorpado do que o abdômen do ♂; termina por um curto tufo anal, pouco espesso, mais basto na porção dorsal.

GENITÁLIA. Com aspecto habitual, apresentado na figura 18; placas do ovipositor e placa vulvar simples; placa dorsal estreita; placas ventrais com um recorte característico, a direita com duas pontas agudas, a esquerda com um denteado separando as duas pontas (comparar nas figs. 18 e 19); apófises anterior e posterior habituais. *Bursa copulatrix* relativamente curta e em forma de pêra alargada (fig. 3, est. 3), apresentando *signi bursae* muito alongados e eriçados de espinhos fortes e curtos, sendo mais desenvolvido de um lado, como mostram os desenhos (fig. 4, est. 3).

MATERIAL ESTUDADO.

BRASIL. Estado do Amazonas: São Paulo de Olivença.

Col. L. Travassos, *Inst. Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro*:

Ns. 14.269 a 14.272, 14.323, ♂♂ — agosto, 1935.

Col. Departamento de Zoologia, *Secr. Agric. S. Paulo*:

Ns. 50.500 — 50.501, ♂♂ — agosto, 1935.

Col. A. Breyer, *Buenos Aires, Argentina*:

1 ♂ — agosto, 1935.

Rio Preto:

Col. L. Travassos, *Inst. Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro*:

Ns. 14.274 a 14.276, 14.321-14.322, ♂♂ — setembro, 1935.

N. 14.273, ♀, *allotypus* — setembro, 1935.

Col. Departamento de Zoologia, *Secr. Agric. S. Paulo*:

Ns. 50.502, 50.957, ♂♂ — setembro, 1935.

Col. A. Breyer, *Buenos Aires, Argentina*:

1 ♂ — setembro, 1935.

São Jerônimo (Rio Solimões):

Col. L. Travassos, *Inst. Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro*:

N. 1.960, ♂ — 13 janeiro 1938.

EQUADOR:

Col. Museu Nacional, *Rio de Janeiro*:

Ns. 71.315 — 71.316, ♂♂.

PERU:

Col. Museu Nacional, *Rio de Janeiro*:

Chanchamayo — N. 71.314, ♂.

Juaripuí (N. Peru) — N. 71.796, ♂.

Corematura postflava (Guérin, 1844).

HOLÓTIPO: ♂ ?, in Museu de Paris?

LOCAL. TIPO: Bolívia.

DISTR. GEOGR.: *Bolívia:* região tropical, Rio Goni — 400 m, e Prov. Chaporé — 400 m. *Brasil,* nos Estados de Mato Grosso e São Paulo (Itapura). *Argentina:* Prov. de Corrientes.

REFERÊNCIAS E SINONÍMIA:

Glaucopis postflava GUÉRIN, 1844, p. 501-502.

Dinia postflava KIRBY, 1892, p. 152, n. 6 (cit. sin. & geog.).

COMENTÁRIOS. Após Kirby, 1892, foi esta espécie considerada por Hampson, 1898, como sinônima de *C. chrysogastra*, em virtude de sua grande semelhança cromática, e por falta de satisfatório exame de seus característicos morfológicos.

Os exemplares provenientes da Bolívia — morfológicamente diferentes dos da região amazônica — nos levam a considerá-los como da espécie de Guérin, e os aproveitamos, com os de outras localidades, para redescrevê-la, evidenciando suas diferenças morfológicas, se comparadas com as da espécie de Perty.

Devido à reconsideração de *postflava* como boa espécie, é que retiramos das referências a *chrysogastra* feitas por Hampson, 1898, Zerny, 1912, e Draudt, 1915, a indicação "Bolívia", como se acha páginas atrás, quando estudamos essa espécie.

Contudo, seria necessário o exame do tipo de *postflava* para esclarecer, com absoluta certeza, identidade do nosso material com o de Guérin; tal possibilidade se acha fora de nosso alcance, e não sabemos mesmo se isso será possível algum dia, pois há dúvidas sobre a existência do material de Guérin, provavelmente no Museu de Paris.

DESCRIÇÃO DA ♀.

Colorido Geral: Dorsalmente preto, com linhas e manchas amarelas. Asas transparentes. Ventralmente amarelo. Abdômen com manchas vermelhas lateralmente. Tufo anal preto, bem desenvolvido.

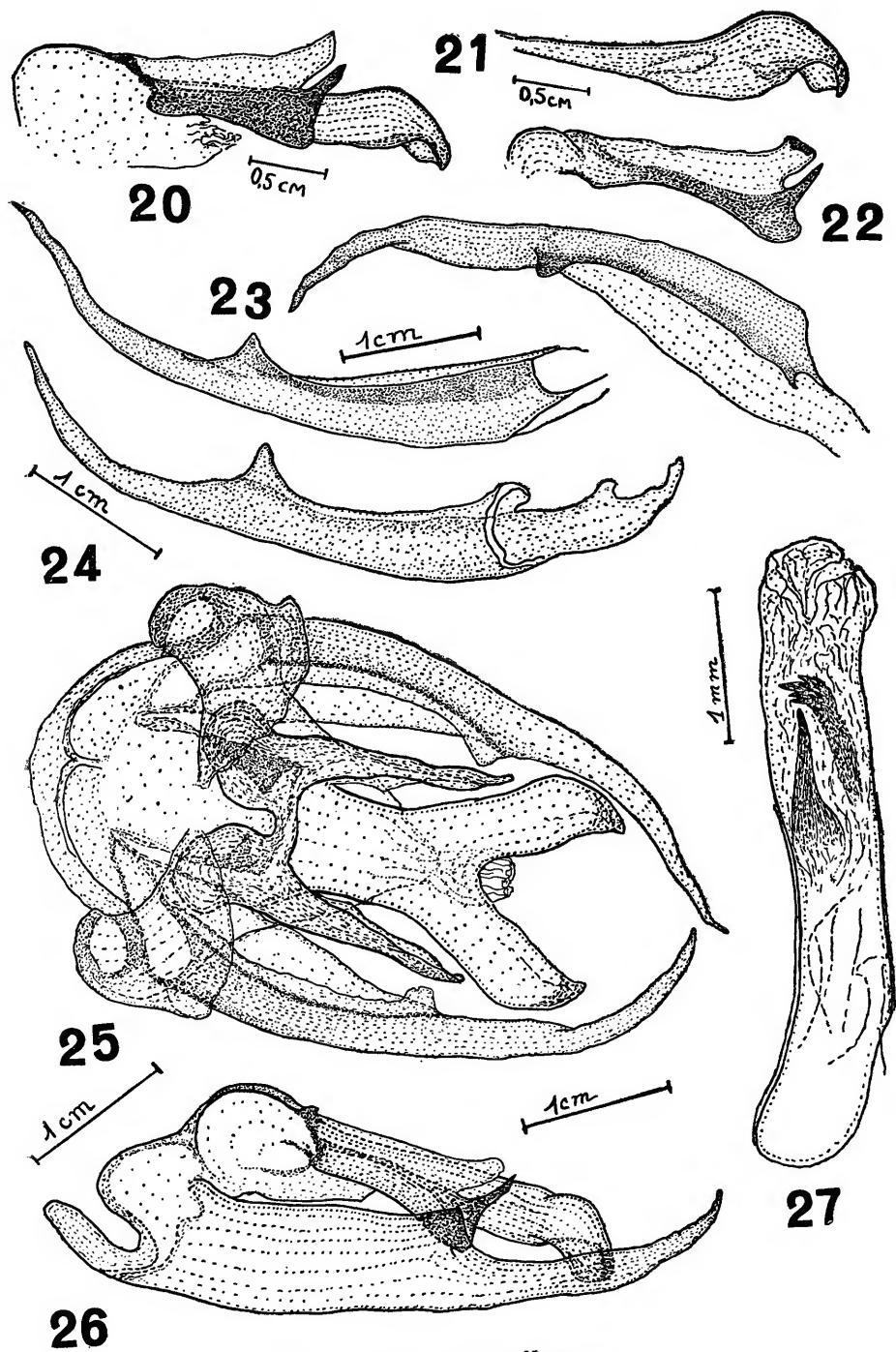
Dimensões Gerais:

Ex. n.º:	Comprimento por largura, em mm:					
	Cabeça	Tórax	Asa anterior	Asa posterior	Abdômen	Compr. total
♂ 50.498 — D.Z.	1,6 x 2,7	4,5 x 3,8	17,0 x 7,0	10,0 x 4,0	14,6 x 4,0	± 21 mm
♂ 50.956 — D.Z.	1,6 x 2,5	4,8 x prej.	17,0 x 6,8	9,5 x 3,5	11,8 x 3,0	± 18 mm
♂ Corrientes, col. Breyer	1,3 x 2,4	4,5 x prej.	16,2 x 6,0	8,5 x 3,2	10,0 x 2,5	± 16 mm

CARACTERES CROMÁTICOS.

A descrição é baseada no ex. n. 50.498 — D.Z., e as variações comentadas em seguida.

CABEÇA. Vertex preto com uma mancha triangular amarela, que não atinge a linha de inserção das antenas, e cujo vértice está voltado para o tórax. Fronte largamente margeada de amarelo, cercado a porção mediana preta. Gena e região post-ocular amarelas. Antena preta. Olho preto, ocelo claro. Palpo com o primeiro artigo completamente amarelo, segundo amarelo com faixas pretas laterais afi-



Corematura postflava, ♂ :

- Fig. 20 — Ex. Breyer, de Corrientes: vista lateral do décimo tergito e da expansão do nono.
 " 21 — n. 50.956 — D.Z.: Vista lateral da extremidade do décimo tergito.
 " 22 — n. 50.956 — D.Z.: Vista lateral da expansão do nono tergito.
 " 23 — n. 50.499 — D.Z.: Valvas direita e esquerda.
 " 24 — Ex. Breyer, da Bolívia: valva esquerda.
 " 25 — Ex. 50.499 — D.Z.: Vista dorsal da genitália, sem o *penis*.
 " 26 — Ex. 50.499 — D.Z.: Vista lateral da genitália, sem o *penis*.
 " 27 — Ex. 50.498 — D.Z.: *Penis*, com a *vesica* retraída.

ladas para a base, mas que não chegam a atingir o primeiro artículo; terceiro pequeno, preto, como remate das faixas pretas laterais do artículo precedente, com discreta escamosidade amarela na frente, em continuação ao amarelo do artículo precedente.

TÓRAX. Dorsalmente preto, com uma linha amarela mediana, muito larga atrás, principalmente no escutelo; há uma rala escamosidade amarela por baixo da extremidade da tégula, acima das inserções das asas. Lateralmente o tórax tem escamosidade amarela, por vezes intensa, principalmente junto à inserção das asas, havendo, de permeio, grupos de escamas pretas, de difícil observação. Patágia preta, com duas manchas amarelas na borda anterior, uma externa, outra que ocupa também a borda interna, mancha esta contígua à da patágia oposta, simulando uma mancha única, mediana. A mancha externa é situada no ângulo anterior externo, ocupando-o largamente, e está em continuação com o amarelo da região post-ocular. Tégula com a porção anterior externa amarela, colorido que se expande pela borda anterior, e se continua por uma linha que percorre a tégula medianamente em todo o seu comprimento, formando linha amarela paralela à linha mediana do tórax; o braço da tégula termina por longas escamas amarelas, em contiguidade com o amarelo da porção látero-inferior do tórax. As pernas são predominantemente amarelas, e o exemplar mostra-se um tanto descamado; há escamosidade preta discreta nos tarsos, mais evidente nos tarsos posteriores.

Asa anterior transparente, a membrana com tom amarelado e as nervuras com escamosidade preta; a faixa marginal preta é bem nítida a partir de pouco mais da metade da borda anterior, contornando a asa até a área anal; na base da asa junto à inserção, há um pequeno ponto amarelo irregular. Face inferior da asa também com escamosidade preta nas nervuras e em toda faixa marginal, havendo escamosidade amarela na base da asa e base do retináculo. Na margem interna há uma mancha amarela, que se prolonga até mais ou menos a metade da margem interna, junto à nervura anal. Asa posterior transparente, membrana ligeiramente amarelada e as nervuras com escamosidade preta; a base da asa é amarela, com uma rala escamosidade amarela distribuída pela área costal até quase a nervura transversal; área anal completamente preta. Ventralmente a faixa marginal é preta, tendo na área costal uma rala escamosidade amarela, mais intensa na base, diminuindo discretamente para o ápice sem atingi-lo. Área anal é amarela desde a origem do tronco cubital e prega membranosa posterior, bem como toda a margem interna, inclusive as longas escamas da franja terminal.

ABDÔMEN. Porção dorsal predominantemente preta. Na linha mediana há manchas amarelas dispostas até o tergito 7, que formam, nos primeiros uma linha; dos tergitos 4 a 6 as manchas são mais arredondadas, ocupando mais da metade de cada tergito; no 7 o amarelo é reduzido a pequena mancha na porção central do tergito. Também há amarelo na metade inferior do *tympanum* e na porção látero-inferior proximal do segmento 2; o amarelo existe ainda na confluência tergo-external dos segmentos 5 e 6. Há escamosidade vermelha largamente expandida na metade látero-distal do segmento

2, e formando larga área lateral, que vai desta porção do tergito 2 ao 6. A escamosidade preta envolve as manchas amarelas medianas expandindo-se nas margens distais de cada segmento, recortando as manchas vermelhas laterais já descritas.

Face ventral uniformemente amarela até o esternito 7, onde há uma pequena mancha preta mediana, mesclada por escamas amarelas; o amarelo ventral mescla-se de certo modo com o vermelho das porções laterais, ao nível da linha tergo-esternal. Tufo anal preto dorsal e lateralmente; ventralmente com uma mescla de escamas amarelas mais agrupadas lateralmente.

VARIAÇÕES. Os demais exemplares desta espécie, que nos foi possível reunir, são semelhantes ao exemplar descrito, havendo variações principalmente nas manchas amarelas dorsais e nas vermelhas laterais do abdômen; comentaremos a seguir as principais variações que apresentam os diversos espécimes. O colorido amarelo do tórax e apêndices pode ser intenso, quase alaranjado.

Ex. 468, Col. A. Breyer: as pernas, si bem que amarelas, tem maior escamosidade preta que o descrito, principalmente na perna posterior. As manchas amarelas dorsais existem até o segmento 7 do abdômen, sendo digno de nota que a mancha do tergito 7 é bem maior do que as três anteriores. O colorido vermelho, reduzido no segmento 2, é muito espalhado para trás, ocupando larga área, dos segmentos 3 a 6. Ventralmente o abdômen é uniformemente amarelo até o esternito 7, havendo neste ligeira escamosidade preta. O tufo anal preto, tem poucas escamas amarelas na sua porção inferior.

Ex. de Corrientes, Col. A. Breyer: as pernas são bem amarelas, e a escamosidade preta está praticamente limitada à perna posterior. O abdômen apresenta manchas amarelas dorsais só até o tergito 6, faltando a do tergito 7. O colorido vermelho lateral do abdômen é bem intenso na porção inferior da margem distal do segmento 2, e muito intenso nos segmentos 3 a 5; no segmento 6 a escamosidade vermelha é marchetada por escamas pretas.

Ex. 50.956 — D.Z.: dorsalmente o abdômen apresenta manchas amarelas até o tergito 7. A mancha vermelha lateral ocupa uma estreita faixa na margem distal do segmento 2, e se expande amplamente dos segmentos 3 a 6.

Ex. 50.499 — D.Z.: bem semelhante ao 50.498, apenas as manchas amarelas dorsais do abdômen são menores do que neste.

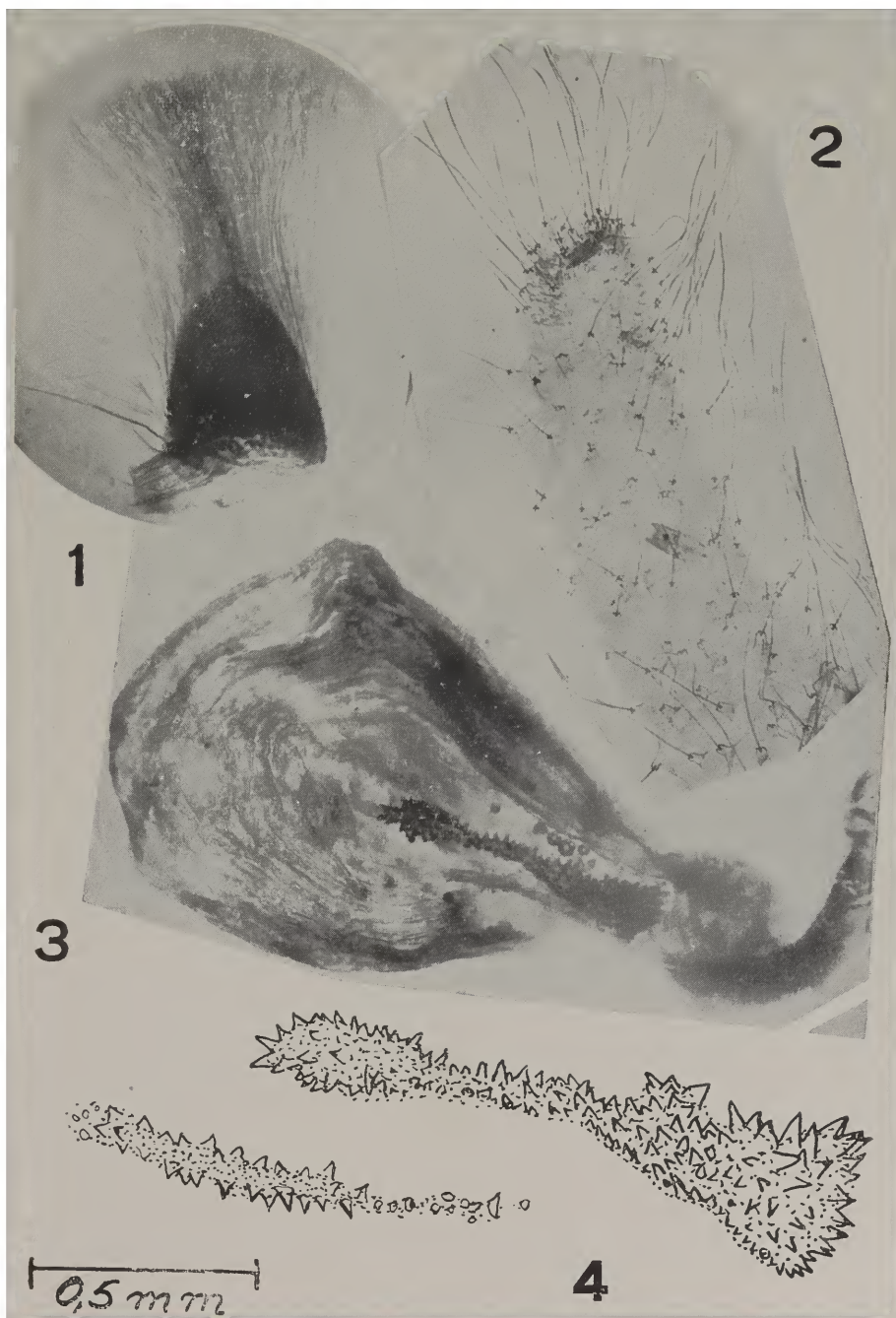
CARACTERES MORFOLÓGICOS

CABEÇA. Com aspecto habitual, em tudo semelhante à de *C. chrysogastra*. Antena com cerca de 13 mm de comprimento e cerca de 58 artículos; cada artículo, a partir do terceiro basal apresenta um par de apófises discretamente claviformes, que atingem o máximo de comprimento entre os artículos 15 e 30, quando chegam a medir cerca de 0,85 mm de comprimento; diminuem então progressivamente até a extremidade, os últimos desprovidos de apófises. Cada apófise apresenta uma pequena cerda terminal, uma subterminal e ainda outra mediana, além de discreta pilosidade por toda ela; palpos com aspecto habitual, sendo o artículo mediano o maior, o terceiro e último muito reduzido e discretamente voltado para a frente e completamente envolvido pela escamosidade própria.

TÓRAX. Patágia e tégula habituais. Pernas com aspecto habitual, tarsos com garras fortes, cada garra com forte dente na metade basal. Tibia da perna anterior medindo cerca de 3 mm de comprimento, a epífise medindo cerca de 1,5 mm de comprimento; tibia média com cerca de 4,2 mm de comprimento e o par de espinhos apicais medindo cerca de 0,6 mm de comprimento; tibia posterior medindo cerca de 5,6 mm de comprimento e os espinhos, tanto apicais como os sub-apicais, com cerca de 0,65 mm de comprimento (medidas do ex. n. 50.498 — D.Z.). Asas transparentes, aspecto e nervulação de ambas as asas como em *C. chrysogastra*.

ABDÔMEN. Habitual. Órgão odorífero em tudo semelhante ao de *C. chrysogastra*.

GENITÁLIA. Complexa e forte. Décimo tergito (*uncus* dos AA) alongado e grosso, com o formato de um grosso Y, por ser dividido em dois fortes processos, cada um terminando por porção escavada inferiormente, como mostram as figuras 20 e 21. Nono tergito (*tegumen*) complexo, incurtado e chanfrado na base, apresenta um par de longas expansões projetadas para trás, que ladeiam o décimo tergito, como que abraçando-o; cada expansão tem a porção inferior mais esclerosada e mais comprida, terminando em ponta afilada, dirigida para cima, tendo o lado oposto terminado em ângulo reto ou formando uma saliência como um calcanhar. Sobre esta porção mais esclerosada, assenta-se a porção superior, delicada, quase transparente, com aspecto membranoso e que termina por uma larga ponta, também dirigida para cima e paralela à porção afilada da porção inferior. As figuras 20, 22, 25 e 26 mostram detalhes e aspectos destas expansões, e a situação do décimo tergito. Tanto o décimo tergito, como estas expansões do *tegumen*, apresentam pequenas variações nas suas extremidades. *Vinculus* encurtado dorso-ventralmente, tem o aspecto que mostram as figuras 25 e 26. *Saccus* muito curto e delicado, pode ser visto também nas figuras 25 e 26. Valva com a metade basal alargada no sentido dorso-ventral, e essa porção é côncava na parte interna, de tal modo que a parte dorsal é quase laminar, e em vista dorsal parece ser uma delgada e comprida lâmina implantada sobre a base da valva, simulando uma harpa, como mostram as figuras 23, 24 e 25 do texto, e figura 2 da estampa 4; a extremidade da valva é muito delgada e afilada, com a ponta voltada para dentro, opondo-se à extremidade da outra valva. As figuras mostram diversos aspectos de diversas valvas, procurando-se evidenciar a porção dorsal lamelar, que ocupa a metade basal, e as discretas variações no formato das pontas. Também a posição dorsal lamelar assume aspecto variado de acôrdo com a inclinação dada à peça ao ser observada. *Penis* com cerca de 4 mm de comprimento, *aedoeagus* com a porção livre pouco dilatada, e a extremidade distal revestida de pequenos espinhos; *vesica* muito grande, globosa, com curtos espinhos espalhados pela superfície, *cornutus* com o formato de forte e grande espinho, que mede cerca de 1 mm de comprimento e que ocupa uma situação lateral quando a *vesica* está distendida (fig. 1, est. 4), ficando orientado longitudinalmente no *aedoeagus* quando a *vesica* está retraída (fig. 27); além do *cornutus*, há na região a êle oposta, uma área esclerosada, constituindo uma placa eriçada de grandes espinhos, com o aspecto peculiar que mostra a figura 1 (est. 4); esta placa



Corematura chrysogastra:

- Fig. 1 — ♂, n. 71.796 — M.N.: Saco odorífero, posição de repouso. Aum. 50 x.
" 2 — ♂, n. 50.957 — D.Z.: extremidade do saco odorífero distendido. Aum. 70 x.
" 3 — ♀, n. 14.273 — I.O.C.: Bursa copulatrix. Aum. 31 x.
" 4 — ♀, n. 14.273 — I.O.C.: Signi bursae (explicação no texto).

ESTAMPA 4



Corematura postflava:

Fig. 1 — ♂, n. 50.956 — D.Z. : *Vesica distendida*. Aum. 53 x.

Fig. 2 — ♂, Col. Breyer, de Corrientes; *Valvas, juxta e penis*. Aum. 20,8 x.

espinhosa, quando a *vesica* está retraída assume uma posição mais ou menos paralela ao *cornutus*, como mostra a figura 27. *Juxta* muito alongada, quase a metade do comprimento do *aedoeagus*, com a *manica* muito desenvolvida, permitindo grande movimentação do *penis*, como mostra a figura 2 (est. 4), na qual tanto a *manica* com a *vesica* estão extrovertidas.

MATERIAL ESTUDADO.

Col. Alberto Breyer, Buenos Aires, Argentina:

BOLÍVIA: Prov. Chaparé — 400 m: 1 ♂.

ARGENTINA: Prov. Corrientes: 1 ♂.

Col. Departamento de Zoologia, Secr. Agricultura, S. Paulo:

BOLÍVIA: Rio Goni — 400 m: N. 50.956, ♂ — 9 julho 1942 (A. Breyer).

BRASIL: Estado de Mato Grosso: N. 50.498, ♂.

Estado de São Paulo — Itapura: N. 50.499, ♂.

DIAGNOSE DIFERENCIAL.

Como se pode ver, comparando os caracteres cromáticos das duas espécies, não é possível separá-las por êste meio.

Parece haver, de um modo geral, uma maior predominância do colorido amarelo em *C. postflava*; assim as manchas amarelas dorso-abdominais em quatro dos exemplares examinados estão presentes até o tergito 7, e no exemplar restante até o tergito 6. Em *C. chrysogastra* a maior parte dos exemplares possui manchas amarelas dorso-abdominais nos tergitos 1 a 4, havendo mesmo um exemplar com amarelo só até o tergito 2; contudo há outro exemplar no qual as manchas amarelas alcançam o tergito 7, embora representada por poucas escamas (ver as "Variações" cromáticas de ambas as espécies).

Orientação mais segura poderá dar a proveniência geográfica aliada à marcação amarela comentada. Sendo um exemplar proveniente da Bolívia para o Sul, com grande aparência da côr amarela, será lícito supor tratar-se de *postflava*; ao contrário, do Perú para o Norte, incluindo naturalmente a região amazônica, com a côr amarela mais discreta, de acôrdo com o comentado, é muito provável tratar-se de *chrysogastra*.

A separação radical é feita com grande facilidade pelo simples confronto da *vesica* do *penis*; nos machos de *postflava*, a *vesica* apresenta uma grande placa espinhosa, muito característica, oposta ao *cornutus*, ao passo que em *chrysogastra* a *vesica* é simples, havendo unicamente o *cornutus*, que se apresenta bem desenvolvido em ambas (comparar as figuras 14, 15 e 27 — texto, e fig. 1, est. 4).

Além desta simples comparação das *vesicas* temõs outra, que consiste no confronto da borda laminar da porção dorsol-basal das valvas; em *chrysogastra* essa porção laminar é muito curta, ao passo que em *postflava* atinge cerca de metade da valva (comparar as figs. 8, 12 e 23, 24, 25).

As terminações do grosso Y formado pelos processos terminais do décimo tergito, também se prestam para separar as espécies em discussão; em *postflava* êsses processos terminam por largas pontas escavadas inferiormente, e em *chrysogastra* as extremidades são orientadas verticalmente, terminando em pontas agudas, em geral duas, às vezes uma (comparar as figs. 7, 9, 13, 20 e 21).

Outras diferenças menores existem, e que podem ser observadas pelo confronto das figuras apresentadas. Do exposto conclue-se que na realidade apenas os característicos morfológicos da genitália permitem fácil e rápida distinção das espécies aqui consideradas. Nada podemos adiantar quanto às fêmeas, pois só examinamos uma, de *chrysoastra*.

Dada a grande diferença de número de exemplares das duas espécies que pudemos obter para estudo, pode supor-se que *postflava* não é espécie muito frequente, o que também serve, de certo modo, para diferenciá-la de *chrysoastra*, abundante na região amazônica; considerando-se seu porte relativamente grande e os seus belos característicos cromáticos, fosse *postflava* espécie frequente e certamente seria bem representada nas coleções de material do Sul como o é *chrysoastra* nas coleções de material do Norte.

BIBLIOGRAFIA

- BUTLER, A. G. — 1876 — Notes on the Lepidoptera of the Fam. *Zygaenidae*. *J. Linn. Soc. London, Zool.*, 12: 342-407, ests.
- DRAUDT, M. — 1915 — *Syntomidae* in Seitz, G. Schmett., II, 6: 33-230, pls. 9-31 (ed. francesa).
- GUÉRIN-MÈNEVILLE, F. — 1844 — Iconographie du Règne Animal, Insectes, 576 pp., 104 ests.
- HAMPSON, G. — 1898 — Cat. of *Syntomidae* in coll. Brit. Mus. *Cat. Lep. Phal.*, 1: 537 pp., 17 pls.
- HORN, W. & KAHLE, I. — 1936-1937 — Über entomologische Sammlungen, Entomologen und Entomo-Museologie. *Ent. Beihefte Berlin-Dahlem*, 2-4: 536 pp., ests.
- KIRBY, W. — 1892 — Syn. Cat. Lep. Heterocera, London, 1: 951 pp.
- PERTY, M. — 1834 — Delectus Animalium Articulorum, pp. 155-165, ests. 29-31.
- TRAVASSOS, L. — 1938 — Contribuição ao conhecimento dos *Euchromiidae*. I. Gênero *Desmotricha* Hampson, 1911. (Lep.). *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, R. Janeiro, 33 (1): 39-48, 7 ests.
- TRAVASSOS FILHO, L. — Contr. ao conhecimento dos *Euchromiidae*. II. Gênero *Corematura* Butler, 1876 (Lep.). *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, R. Janeiro, 33 (2): 259-262, 5 ests.
- WALKER, F. — 1856 — List Lep. Ins. Br. Mus., 7: 1509-1809.
- WALKER, F. — 1864 — List Lep. Ins. Br. Mus., 31 (Suppl. 1) 321 pp.
- ZERNY, H. — 1912 — *Syntomidae*. *Lep. Cat.*, Junk, 7: 179 pp.

ABSTRACT.

In this paper a redescription is presented of the ctenuchid genus *Corematura* Butler, 1876, and of its two species *C. chrysoastra* (Perty, 1834) and *C. postflava* (Guérin, 1844).

C. postflava was originally described from Bolivia, and *C. chrysoastra* from the Amazon valley. None of the types were not seen, but it was found that Bolivian and Amazonian specimens, although practically identical in colour, consistently differed in characters of the genitalia. This led to the consideration of *C. postflava* as a valid species, distinct from *C. chrysoastra*, with which it had been previously synonymized.

A third species (*aliaria* Druce, 1890) until now included in the genus *Corematura*, is here separated from it, and will be the subject of a future note.

NOVAS ESPÉCIES BRASILEIRAS DA FAMÍLIA
STROPHOCHEILIDAE

por

F. LANGE DE MORRETES

Pouco consta na literatura sôbre biologia e anatomia da família *Strophocheilidae*, bem definida e geográficamente bem delimitada, ainda que seus gêneros ou espécies sejam de difícil diagnóstico.

Os animais pertencentes a esta família têm valvas ovais, com espira mais ou menos alongada, tamanho pequeno até grande, pêso alto ou baixo. A concha é sempre mais alta do que larga, com perístoma dos lados livres munido de labro bem acentuado, de bordo recurvo, dentado ou não na parte interior. A abertura é sempre mais alta do que larga. O ápice e o dorso têm escultura variada. A cutícula varia de finíssima a grossa, e é, também, variável na coloração.

Strophocheilidae têm sua sistemática baseada em caracteres conquiliológicos. Nem por isso ela deixará de ter valor real, pois, se a anatomia, como se alega, diferenciou conchas semelhantes, os estudos conquiliológicos aprofundados, como hoje são, conduzem ao mesmo resultado.

Não deixa de ser lógico que a diferenciação da estrutura de uma concha dependa da fisiologia e anatomia diferentes dos organismos específicos. Caracteres conquiliológicos têm o mesmo valor que os anatômicos, porque são forçosamente resultantes dêsses.

Baseado em caracteres conquiliológicos, procurei sistematizar a família *Strophocheilidae*, uma das mais importantes das distribuídas pelo vasto território nacional.

Foram reunidos à família dois gêneros restritos ao Brasil, que ao meu ver dela devem ser excluídos por terem conformação e hábitos especiais: *Gonyostomus* e *Anthinus*.

Durante anos estou reunindo dados biológicos que serão assunto de futura publicação.

Ao olho menos habituado à observação das espécies desta família é difícil a sua separação.

Procurei, como vários autores já o têm feito, basear-me nas voltas nepiônicas para um agrupamento racional das espécies, acrescentando-lhes ainda outros caracteres adicionais.

Êsses estudos levaram-me a criar gêneros e subgêneros, porque, enfim, tôda sistemática, ao meu ver, deve ter também um lado prático, que de maneira alguma se alcançará com uma sistematização para baixo.

Assim elevei vários subgêneros à categoria de gêneros porque têm caracteres suficientes para isso e criei pelo mesmo motivo alguns subgêneros.

Na determinação das espécies o exame microscópico deve ser apoiado, não somente pelas medidas de comprimento, largura, e altura dos diâmetros maior externo e menor interno da abertura, como também pelo peso da concha e pela medida da espessura do seu labro. O ângulo sutural especialmente da última volta e o ângulo apical bem como o desvio bucal do eixo não têm menos importância.

Não se diga que são mais pesadas as conchas de regiões ricas em calcáreos, porque nelas se encontram conchas de consistência compacta ao lado de outras delgadas.

O peso é mais ou menos estável e seu acréscimo geralmente ligado à idade, que, na maior parte das espécies, pode ser constatado pelo aumento da espessura do labro.

Parece-me necessário estabelecer o critério de tamanho dentro da família. Assim, chamo de valvas pequenas as que medem até 70 mm., de médias as que medem mais de 70 até 100 mm. e de grandes as que medem mais de 100 mm.

A observação biológica e a anatomia devem completar os meios de classificação.

A não ser em casos de ameaça de afogamento por enchurradas e de deficiência alimentar em consequência de prisão, não constatei em nenhuma espécie que pude observar, mesmo entre os jovens em repouso, o hábito de abandonar o chão e o de fechar a abertura com muco.

Os *Strophocheilidae* hibernam enterrados no sólo. *Anthinus*, que reputo não pertencentes à família, encontrei, em estado de hibernação, apegados a troncos de árvores.

Somente dois subgêneros da família *Strophocheilidae* são estranhos ao Brasil, ou nele ainda não foram constatados: *Austroborus* Parodiz, 1949, pertencente à Argentina e *Chiliborus* Pilsbry, 1926, ao Chile.

As espécies descritas neste trabalho foram coletadas durante 20 anos e deviam, juntamente com outras, fazer parte duma monografia dos *Strophocheilidae* do Brasil, já anunciada em 1937, que, porém, devido a circunstâncias especiais, deixou de ser realizada.

Ficarão assim estruturados os representantes brasileiros da família

STROPHOCHEILIDAE

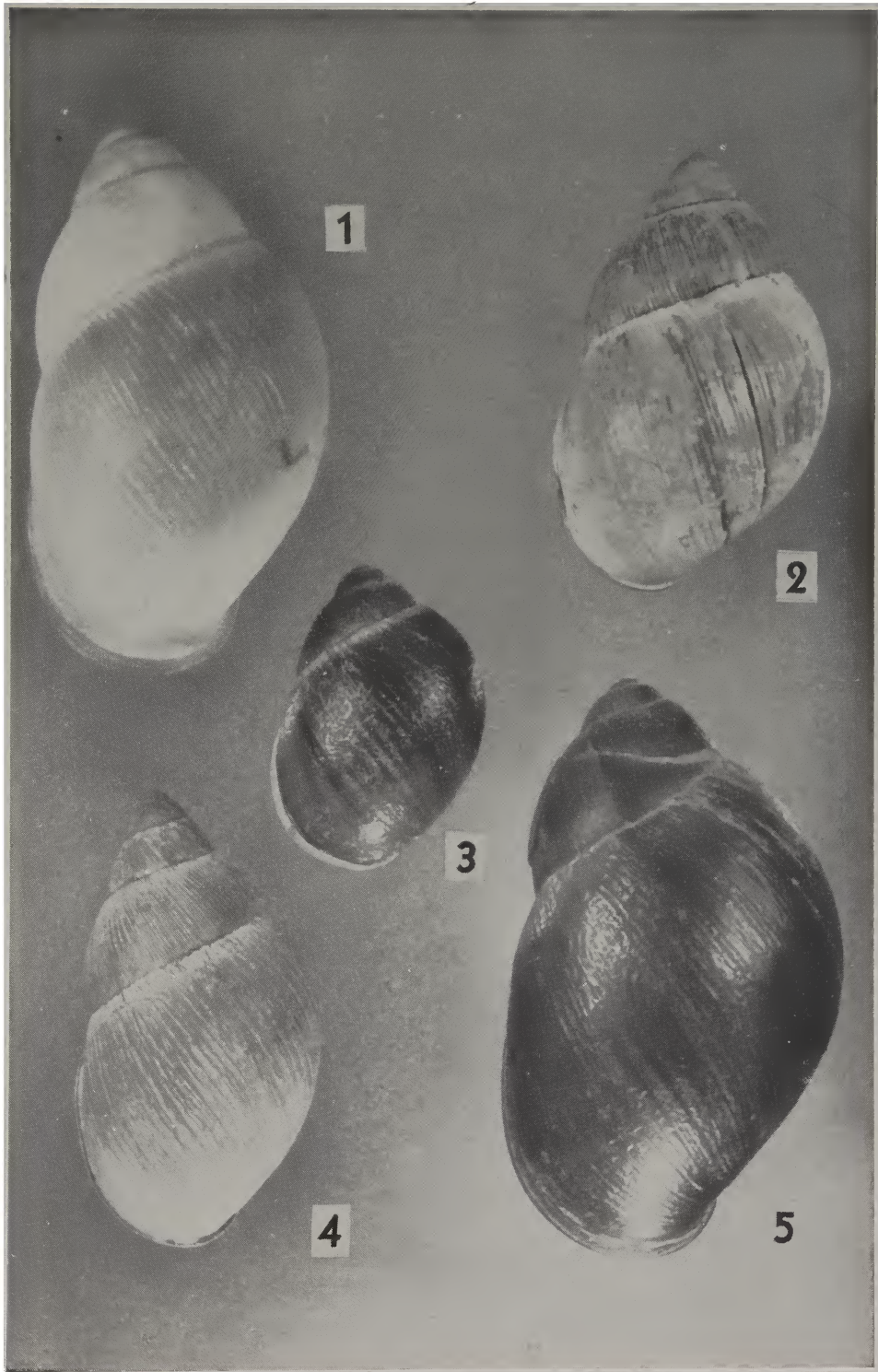
Gênero *Strophocheilus* Spix 1827 (restrito)

Tipo: *Bulimus almeida* Spix, 1827, designado por Martens 1860 (*Strophocheilus*).

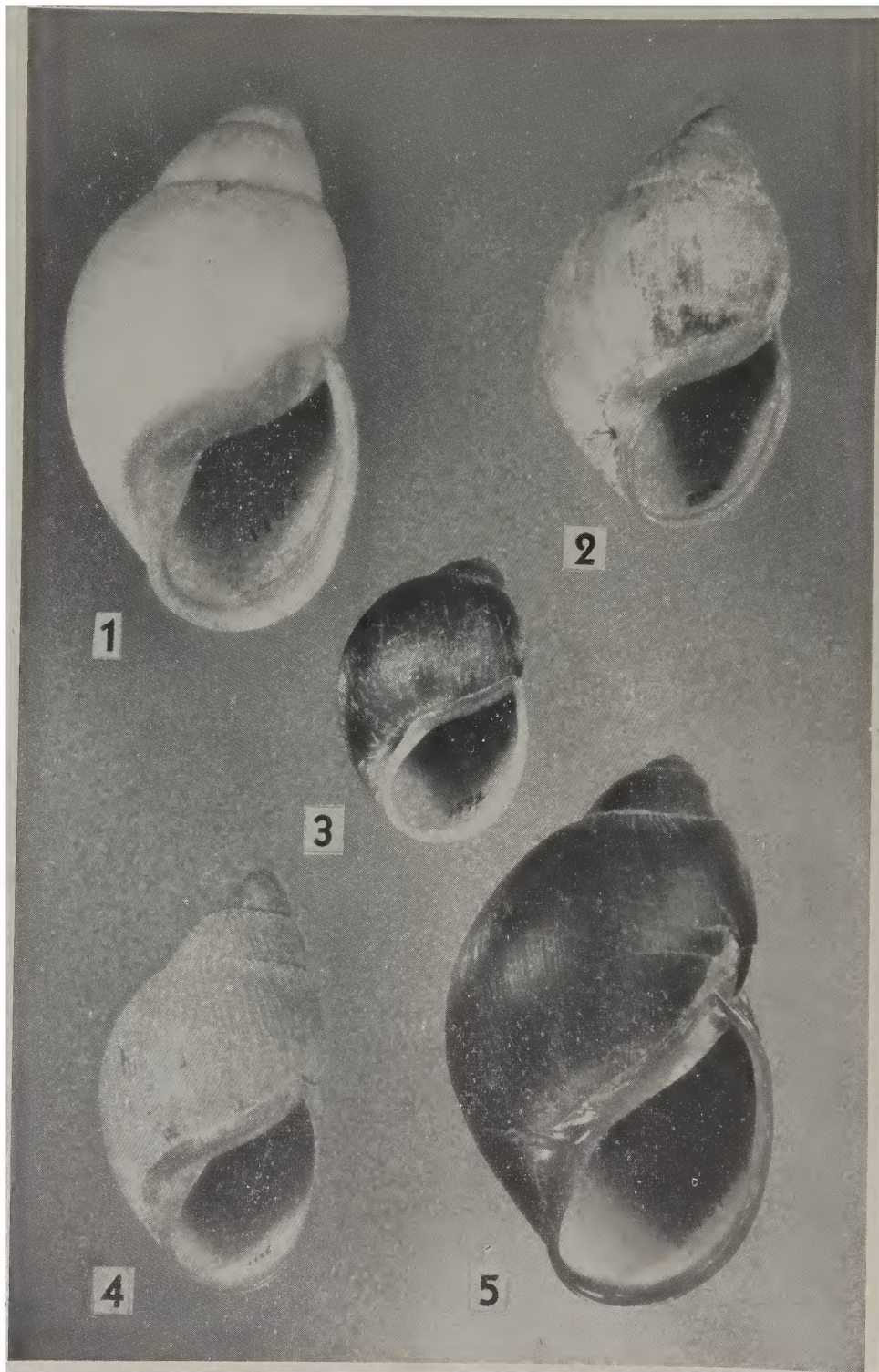
Valvas pequenas até médias; voltas nepiônicas postglabras com finíssimas costelas radiais; voltas postnepiônicas com estrutura enrugada, com cavidades como que malhadas, com ou sem estrias espirais, ápice acuminado, circunvoluções pouco ou bastante convexas; perístoma alho, róseo ou de ambas as côres; labro reflexo e recurvo.

Subgênero *Strophocheilus* s. s.

Valvas pequenas até médias; voltas nepiônicas postglabras com finíssimas costelas radiais; voltas postnepiônicas com estrutura enrugada; com cavidades como que malhadas e sem finas estrias espirais



Estampa I
fig. 1 — *Psiloicus bereniceae* sp. n.
fig. 2 — *Strophocheilus* (*Mirinaba*) *cadeadensis* sp. n.
fig. 3 — *Megalobulimus* (*Megalobulimus*) *rolandianus* sp. n.
fig. 4 — *Strophocheilus* (*Mirinaba*) *curitybanus* sp. n.
fig. 5 — *Strophocheilus* (*Metara*) *cuspidens* sp. n.
fig. 6 — *Strophocheilus* (*Mirinaba*) *antoninensis* sp. n.
fig. 7 — *Megalobulimus* (*Megalobulimus*) *pintoii* sp. n.
fig. 8 — *Megalobulimus* (*Megalobulimus*) *arapotiensis* sp. n.



Estampa II fig. 1 — *Psiloicus bereniceae* sp. n.
fig. 2 — *Strophocheilus* (*Mirinaba*) *cadeadensis* sp. n.
fig. 3 — *Megalobulimus* (*Megalobulimus*) *rolandianus* sp. n.
fig. 4 — *Strophocheilus* (*Mirinaba*) *curitybanus* sp. n.
fig. 5 — *Strophocheilus* (*Metara*) *cuspidens* sp. n.
fig. 6 — *Strophocheilus* (*Mirinaba*) *antoninensis* sp. n.
fig. 7 — *Megalobulimus* (*Megalobulimus*) *pintoii* sp. n.
fig. 8 — *Megalobulimus* (*Megalobulimus*) *arapotiensis* sp. p.

nem vestígio das mesmas, tampouco granulações; ápice acuminado, circunvoluções pouco ou bastante convexas; perístoma dilatado, albo ou róseo.

Subgênero **Mirinaba** sbgen. n.

Tipo: *Strophocheilus erythrosoma* Pilsbry, 1895, designado pelo autor.

Valvas pequenas, voltas nepiônicas postglabras com finíssimas costelas radiais em parte onduladas ou interrompidas, dando impressão de pouco ou bastante malhadas, com finíssimas estrias espirais, pouco ou bastante convexas; perístoma róseo ou albo brilhante, sem dente; tamanho pequeno ou médio; ápice agudo.

Subgênero **Metara** sbgen. n.

Tipo: *Partula unidentata* Sowerby 1825 designado pelo autor.

Valvas pequenas, voltas nepiônicas postglabras com finíssimas costelas radiais, em parte onduladas ou interrompidas, dando impressão de malhadas; voltas postnepiônicas com depressões semelhantes às de *Strophocheilus* s.s. porém com finíssimas estrias espirais atravessando a escultura radial, muitas vezes interruptas mas sem formarem granulações; no lado interno do labro externo um dente alongado, cuspidó ou globuloso; perístoma integral ou parcialmente albo, róseo ou violáceo.

Gênero **Megalobulimus** Miller, 1878

Tipo: *Borus garcia-moreni* Miller, 1878 = *Bulimus popelairianus* Nyst. 1845, estabelecido por monotípia.

Valvas de tamanho pequeno, médio ou grande, geralmente finas; voltas nepiônicas com finas estrias espirais pontuadas, postglabras com costelas bem marcadas com espaço médio ou largo progressivamente crescente; fina granulação que pode alcançar o labro na última circunvolução; voltas postnepiônicas com costelas de crescimento mal perceptíveis, tendo aspecto glabro, epiderme marron escuro uniforme ou com interstícios longitudinais amarelados, lustrosos.

Subgênero **Speironepion** Bequaert, 1948.

Tipo: *Bulimus milleri* Sowerby, 1838, designado pelo autor.

Valvas de tamanho pequeno até médio; voltas embrionais com finas estrias espirais pontuadas; voltas postnepiônicas com faixas espirais paralelas, formadas por finas granulações ou estrias contínuas, limitadas por algumas delas mais unidas; costelas de crescimento no início espaçadas, mal reconhecíveis e irregulares; labro róseo, fino, reflexo e recurvo.

Subgênero **Phaiopharus** sbgen. n.

Tipo: *Helix granulosa* Rang, 1831, designado pelo autor.

Valvas de tamanho médio ou grande, geralmente finas; voltas nepiônicas com finas estrias espirais pontuadas, postglabras com costelas longitudinais bem marcadas, de espaço largo progressivamente

crescente; fina granulação que pode alcançar o labro na última circunvolução; voltas postnepsiônicas com costelas de crescimento mal perceptíveis longitudinais, amareladas, lustrosas ou não; labro geralmente fino e recurvo, côr branca, rósea ou mixta.

Gênero *Psiloicus* gen. n.

Tipo: *Helix oblonga* Müller, 1774, designado pelo autor.

Valvas pequenas, médias e grandes na maioria grossas, calcáreas; voltas embrionais com costelas radiais finas e bem unidas; voltas postnepsiônicas com costelas de crescimento bem marcadas; epiderme finíssima, amarelada sem granulação, quasi sempre despida em animais adultos; vértice mais ou menos agudo, labros grossos albos ou rosados.

Não conheço todos os representantes da família *Strophocheilidae* do Brasil e os que conheço nem todos estão em perfeito estado de conservação, motivo pelo qual poderão as espécies arroladas sofrer alteração de inclusão nos gêneros e subgêneros assim distribuídos dos representantes brasileiros da família *Strophocheilidae*:

Gênero *Strophocheilus* Spix 1827.

Subgênero *Strophocheilus* s.s.

- Strophocheilus* (*Strophocheilus*) *almeida* Spix. 1827.
- Strophocheilus* (*Strophocheilus*) *calus* Pilsbry 1901.
- Strophocheilus* (*Strophocheilus*) *contortuplicatus* (Reeve, 1850).
- Strophocheilus* (*Strophocheilus*) *debilis* Bequaert 1948.
- Strophocheilus* (*Strophocheilus*) *miersi* Da Costa 1904.
- Strophocheilus* (*Strophocheilus*) *pudicus* (Müller, 1774).
- Strophocheilus* (*Strophocheilus*) *roseolabris* Bequaert, 1948.

Subgênero *Mirinaba* Lange de Morretes

- Strophocheilus* (*Mirinaba*) *antoninensis* sp. n.
- Strophocheilus* (*Mirinaba*) *cadeadensis* sp. n.
- Strophocheilus* (*Mirinaba*) *curitibanus* sp. n.
- Strophocheilus* (*Mirinaba*) *erythrosoma* Pilsbry 1895.
- Strophocheilus* (*Mirinaba*) *fusoides* Bequaert 1948.
- Strophocheilus* (*Mirinaba*) *porphyrostoma* Clench & Archer 1930.

Subgênero *Metara* Lange de Morretes

- Strophocheilus* (*Metara*) *cuspidens* sp. n.
- Strophocheilus* (*Metara*) *jaussaudi* (Lange de Morretes, 1937).
- Strophocheilus* (*Metara*) *planidens* (Michelin, 1831).
- Strophocheilus* (*Metara*) *unidentatus* (Sowerby, 1825).

Gênero *Megalobulimus* Miller 1878.

Subgênero *Speironepion* Bequaert 1948.

- Megalobulimus* (*Speironepion*) *iguapensis* (Pilsbry, 1901).
- Megalobulimus* (*Speironepion*) *kronoi* (Ihering, 1901).
- Megalobulimus* (*Speironepion*) *milleri* (Sowerby, 1838).
- Megalobulimus* (*Speironepion*) *pilsbryi* (Ihering, 1900).

Subgênero *Phaiopharus* Lange de Morretes

- Megalobulimus* (*Phaiopharus*) *abreviatus* (Bequaert, 1948).
- Megalobulimus* (*Phaiopharus*) *asritus* (Sowerby, 1838).
- Megalobulimus* (*Phaiopharus*) *bertae* sp. n.
- Megalobulimus* (*Phaiopharus*) *bronni* (Pfeiffer, 1847).

- Megalobulimus* (*Phaiopharus*) *chionostoma* (Mörch, 1852).
Megalobulimus (*Phaiopharus*) *forelli* (Bequaert, 1948).
Megalobulimus (*Phaiopharus*) *fragilior* (Ihering, 1901).
Megalobulimus (*Phaiopharus*) *grandis* (Martens, 1885).
Megalobulimus (*Phaiopharus*) *granulosus* (Rang, 1831).
Megalobulimus (*Phaiopharus*) *gummatus* (Hidalgo, 1870).
Megalobulimus (*Phaiopharus*) *maximus* (Sowerby, 1825).
Megalobulimus (*Phaiopharus*) *ovatus* (Müller, 1774).
Megalobulimus (*Phaiopharus*) *paranaguensis* (Pilsbry & Ihering, 1900).
Megalobulimus (*Phaiopharus*) *pergramulatus* (Pilsbry, 1901).
Megalobulimus (*Phaiopharus*) *proclivis* (Martens, 1888).
Megalobulimus (*Phaiopharus*) *torii* Lange de Morretes, 1937.
Megalobulimus (*Phaiopharus*) *valenciennesii* (Pfeiffer, 1842).
Megalobulimus (*Phaiopharus*) *vestitus* (Pilsbry, 1926).
Megalobulimus (*Phaiopharus*) *yporanganus* (Ihering & Pilsbry, 1901).

Subgênero *Megalobulimus* s. s.

- Megalobulimus* (*Megalobulimus*) *arapotiensis* sp. n.
Megalobulimus (*Megalobulimus*) *cantagallanus* (Rang, 1831).
Megalobulimus (*Megalobulimus*) *capillaceus* (Pfeiffer, 1855).
Megalobulimus (*Megalobulimus*) *cardosoi* sp. n.
Megalobulimus (*Megalobulimus*) *nodai* sp. n.
Megalobulimus (*Megalobulimus*) *oliverai* (Bequaert, 1948).
Megalobulimus (*Megalobulimus*) *oosomus* (Pilsbry, 1895).
Megalobulimus (*Megalobulimus*) *pigmaeus* (Bequaert, 1948).
Megalobulimus (*Megalobulimus*) *pintoii* sp. n.
Megalobulimus (*Megalobulimus*) *popelairianus* (Nyst, 1845).
Megalobulimus (*Megalobulimus*) *rolandianus* sp. n.
Megalobulimus (*Megalobulimus*) *sanctipauli* (Pilsbry & Ihering, 1900).
Megalobulimus (*Megalobulimus*) *terrestris* (Spix, 1827).
Megalobulimus (*Megalobulimus*) *wohlersi* sp. n.

Gênero *Psiloicus* Lange de Morretes gen. n.

- Psiloicus albescens* (Bequaert, 1948).
Psiloicus albus (Bland & Binney, 1872).
Psiloicus bereniceae sp. n.
Psiloicus conicus (Bequaert, 1948).
Psiloicus elongatus (Bequaert, 1948).
Psiloicus haemastomus (Scopoli, 1786).
Psiloicus intertextus (Pilsbry, 1895).
Psiloicus leonardosi sp. n.
Psiloicus musculus (Bequaert, 1948).
Psiloicus oblongus (Müller, 1774).
Psiloicus perelongatus (Bequaert, 1948).

Strophocheilus (*Mirinaba*) *antoninensis* sp. n.

(Estampa, I, II, fig. 6)

TIPOLOCALIDADE: Fazenda Sta. Olímpia, Cachoeira, Município de Antonina.

COLETOR: Autor.

TIPO n.º 1667, na coleção do autor.

PARÁTIPOS: n.ºs. (1668), 1669, 1670, 1671, na coleção do autor; n.º (1668) depositado sob n.º 14.591 no Departamento de Zoologia de São Paulo.

Concha oval-acuminada, pequena, sólida, de 4½ voltas; cutículas côr castanho, com finas estrias espirais microscópicas, com rugosidades e pequena malhação especialmente na parte dorsal e esquerda da última volta; sutura do último giro irregular, um tanto crenulada;

último giro junto à sutura compresso; peristoma reflexo, levemente oblíquo, de igual largura, plano, só na frente um pouco ascendente, em toda a sua extensão vermelho escuro, parte interna desviando pouco da direção axial, porção parietal bem visível mas não grossa, com bordo superior vermelho; eixo maior da abertura superior à metade do comprimento total; interior da concha azul.

Parátipos nos. 14.591-DZSP	(1668)	1669	1670	1671
Comprimento	43	44	44½	45
Largura	24	25	24½	26
Eixo maior externo da abertura	25½	26	25½	26
Eixo menor interno da abertura	9½	9½	9½	9½
Espessura do labro	1	1½	1	2
Pêso	2,8	2,6	2,3	3,7

MATERIAL EXAMINADO: 5 espécimes em perfeito estado de conservação.

Esta concha colhida no Município de Antonina difere de *Strophocheilus erythrosoma* Pilsbry não somente pelo tamanho, mas também pela cor do peristoma e ainda outros caracteres. Difere de *Strophocheilus porphyrostoma* Clench & Archer, que possui da Bahia e do Paraná, pelo tamanho, espessura, forma e cor do labro.

TIPO n.º 1667

Comprimento	42
Largura	22 1/2
Altura	18 1/2
Eixo maior externo da abertura	25
Eixo menor interno da abertura	9
Espessura do labro	1 1/2
Pêso	2,0

***Strophocheilus* (Mirinaba) cadeadensis sp. n**

(Estampas I, II, fig. 2)

TIPOLOCALIDADE: Cadeado, Serra do Mar, junto à Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba, Estado do Paraná.

COLETOR: Ana Henkel.

TIPO: n.º 549, na coleção do autor.

PARÁTIPO: n.º (1585) depositado sob n.º 14.592 no Departamento de Zoologia de São Paulo.

Concha oval-acuminada, não umbilicada, comprimida dorso-ventralmente, de $4\frac{1}{2}$ voltas, última muito oblíqua; cutícula amarelo-olivácea, com estrias transversais microscópicas, em parte enrugada, em parte levemente malhada; abertura alba, brilhante, bastante maior do que a metade do comprimento; arqueada lateralmente e para frente; labro torcido para cima; sutura leve, um tanto crenulada.

MATERIAL EXAMINADO: 2 espécimes bem conservados, colhidos por minha irmã Sra. Ana Henkel em 1935.

Seu aliado mais próximo talvez seja *Strophocheilus erythrosoma* Pilsbry, diferente no entanto dêste nos seguintes caracteres:

- 1 — é mais estreito e alongado.
- 2 — não tem a côr que deu o nome à espécie de Pilsbry.
- 3 — tem perístoma albo com brilho de porcelana e a forma arqueada é bem outra.
- 4 — Não é umbilicada.

MEDIDAS:

TIPO n.º 549

Comprimento	59
Largura	29
Altura	23
Eixo maior externo da abertura	$35\frac{1}{2}$
Eixo menor interno da abertura	$12\frac{1}{2}$
Espessura do labro reflexo	$1\frac{1}{2}$
Pêso	6,8

PARÁTIPO n.º (1585) — 14.592 — DZSP

Comprimento	59
Largura	30
Altura	23
Eixo maior externo da abertura	35
Eixo menor interno da abertura	13
Espessura do labro reflexo	$1\frac{1}{2}$
Pêso	6,8

Strophocheilus (Mirinaba) *curitybanus* sp. n.

(Estampas I, II, fig. 4)

TIPOLOCALIDADE: Pilarzinho, Curitiba.

COLETOR: Autor.

TIPO: n.º 1672, na coleção do autor.

CÓTIPOS: n.ºs. (1673), 1674, 1675 na coleção do autor. n.º (1673) depositado no Departamento de Zoologia de São Paulo sob n.º 14.593.

Concha oval-acuminada, dorso-ventralmente comprimido, delgadíssima, umbilicada de $4\frac{3}{4}$ voltas; cutícula olivácea-amarelada, com estrias microscópicas espirais, face dorsal do último giro finamente malhada na face inferior do mesmo eixo; sutura da penúltima volta pouquíssimo oblíqua, da última muito oblíqua, donde provém o aspecto de gibosidade lateral que toma a concha; abertura maior do que a metade do comprimento da concha; labro finíssimo, reflexo, côr vermelha quase chocolate em tôda a sua extensão, também na porção parietal, parte interna reta na direção do ápice da concha,

parte lateral com forte curvatura na junção parietal, parte frontal elevada e arqueada.

MATERIAL EXAMINADO: 4 espécimes, colhidos sem animal. Tipo perfeito com exclusão de parte da cutícula, cótipo 1674 com ápice e parte frontal do peristômio danificados, cótipo 1675 com pequena parte do labro interno e externo lascados, além de faltar a maior parte da epiderme.

Esta concha difere de *Strophocheilus erythrosoma* Pilsbry e *Strophocheilus porphyrostoma* Clench & Archer pelo aspecto giboso lateral sinistro, pela coloração do peristoma além de outros caracteres.

Tipo n.º 1672

Comprimento	46
Largura	25
Altura	22
Eixo externo maior da abertura	26
Eixo interno menor da abertura	11
Pêso	2,7

Cótipos nos. 14.593 — DZSP	(1673)	1674	1675
Comprimento	45	46	49
Largura	25	25	25
Altura	20½	21	22
Eixo maior externo da abertura	26½	26	27
Eixo menor interno da abertura	11	11	11
Pêso	1,8	1,8	2,8

OBS.: Só os cótipos 1673 e 1675 permitiram medidas precisas do maior eixo exterior da abertura e do comprimento. Os demais estão com os labros levemente alterados o que também reflete na medida da altura.

Strophocheilus (Metara) cuspidens sp. n.

(Estampos I, II, fig. 5)

TIPOLOCALIDADE: ? — Brasil.

COLETOR: ? — Museu da "Olinda Schule".

HOLÓTIPO: n.º 1105, na coleção do autor.

Concha oval-cônica não umbilicada, branca, muito alongada e delgada, de 5 voltas, sendo a última bem oblíqua; cutícula, fina claro-

amarelada, com estriação finíssima transversal; abertura estreita e comprida, maior do que a metade do comprimento total; labro côr de rosa, estreito, fino, reflexo e suavemente arqueado para a frente, alongado na base e na porção lateral inferior, contendo no meio de sua extensão lateral um dente cúspido.

Recebi esta concha, que fazia parte do Museu da "Olinda Schule" em São Paulo, do meu amigo Dr. Hans Krüger, Biólogo de saudosa memória, sem que fôsse possível obter dela procedência precisa. A escola mantinha alunos de tôdas as partes dêste vasto país. Ela é sem dúvida do Brasil. É aliada de *Strophocheilus planidens* (Michelin) e *Strophocheilus jaussaudi* (Lange de Morretes), mas grandemente diferente de ambas pela sua conformação geral, pelo seu tamanho, bem como pela forma do dente.

HOLÓTIPO n.º 1105

Comprimento	68
Largura	29½
Altura	25½
Eixo maior da abertura	38
Eixo menor da abertura	13
Pêso	5,35

Megalobulimus (*Phaiopharus*) *bertae* sp. n.

(Estampas III, IV, fig. 5)

TIPOLOCALIDADE: Viçosa, Estado de Minas Gerais.

COLETOR: Dra. Berta Lange de Morretes.

TIPO: n.º 1678, na coleção do autor.

PARÁTIPOS: n.ºs. 1678-A, 2294, (2294-A), 2294-B, 2294-C e 2294-D na coleção do autor. n.º (2294-A) depositado no Departamento de Zoologias de São Paulo sob n.º 14.594.

Valva de tamanho grande, de 5¼ e 5½ voltas, côr castanho-escuro, até claro, com faixas radiais nigrescentes, irregulares em largura; voltas nepiônicas, postglabra munida de fina granulação disposta em espirais e armadas de fortes costelas radiais espaçadas que do 3½ giro em diante se tornam obsoletas; a granulação toma direção radial na última volta, tornando-se muito tênue e esparsa na aproximação do perístoma; último ¾ de volta com grossas e irregulares estrias de crescimento onduladas e em parte malhadas; perístoma vermelho intenso, um tanto arroxeadado, suave na porção parietal que só é mais proeminente junto ao ângulo do labro externo; labro pouco saliente e de pequena e igual espessura que só é levemente menor junto ao umbigo quase totalmente cerrado; interior arroxeadado.

MATERIAL EXAMINADO: 7 espécimes, colhidos vivos em julho de 1951, por minha filha Dra. Berta Lange de Morretes a quem dedico a espécie.

A espécie, em sua forma geral, lembra *Megalobulimus parana-guensis* (Pilsbry & Ihering), difere no entanto pela escultura do ápice, pela espira mais alongada e demais caracteres. Tem afinidade com *Megalobulimus bronni* (Pfr), do qual difere pelos caracteres assina-

dos, especialmente das marcadas costelas das primeiras voltas, além de suas proporções.

Tipo n.º 1678

Comprimento	108
Largura	68
Altura	53
Diâmetro maior da abertura	66
Diâmetro menor da abertura	30
Voltas	5½
Pêso	33½

Parátipos	Comprimento	Largura	Altura	Maior diâmetro da abertura	Menor diâmetro da abertura	Pêso
1678-A	108	67	53½	65½	29	36
2294	108½	67	54	68½	31	38
(2294-A) 14.594 D Z	108	67	53	68	29	39½
2294-B	107½	67	53	68½	31½	36
2294-C	106	66	53	67	28½	43
2294-D	? 106	67	54	? 68	31	? 37½

OBS.: O parátipo n.º 2294-D tem a parte frontal do labro quebrada, tornando imprecisos o comprimento, o maior diâmetro da abertura e o pêso.

Megalobulimus (*Megalobulimus*) *arapotiensis* sp. n.

(Estampas I, II, fig. 8)

TIPOLOCALIDADE: Fazenda Rio do Peixe, Arapoti (antiga Cachoeirinha) Município de Jaguariaíva, Estado do Paraná.

COLETOR: Felipe Tod, junho de 1935.

HÓLOTIPO: n.º 1521, na coleção do autor.

Concha oval-cônica, não umbilicada, de 5¾ giros, bastante convexos, sutura regular, bem marcada, com faixa subsutural amarelada nos últimos dois giros, côr castanho-amarelado que vai escurecendo para o arroxeadado na proporção do crescimento, deixando borda branca junto ao labro reflexo; periostraco castanho-amarelado; primeiro giro aplanado, branco e liso, os seguintes 2½ munidos de sólidas costelas estritamente espaçadas que nem sempre alcançam a sutura oposta, tornando-se daí em diante irregulares, achatadas, o que dá à concha aspecto glabro; 3.º e 4.º giros com granulação obsoleta ainda cons-

tatável em espiral; perístoma na porção parietal violáceo, passando a róseo no ângulo basal do labro, depois se esvaindo em branco no labro externo; ângulo basal ultrapassando o eixo da concha e formando angulosidade columelar; labro estreito da borda pouco espesso, regularmente arqueado contendo calosidade próximo ao ponto de junção onde sofreu acidente.

MATERIAL EXAMINADO: Um espécime, encontrado morto, mas bem conservado e com pequenas porções de periostraco.

Esta espécie aproxima-se muito de *Bulimus lacunosus* Orbigny de Cochambamba na Bolívia, difere, porém, no tamanho e no perístoma, o que, apoiado pelo afastamento geográfico, me anima a descrevê-la como nova. Pode ser que seja somente uma subespécie da referida concha, que a calosidade do labro marque apenas uma consequência do acidente sofrido, o que só futuramente poderá ser constatado com colheita de novo material.

TIPO n.º 1521

Comprimento	85
Largura	41
Altura	36
Diâmetro maior da abertura	44
Diâmetro menor da abertura	18
Pêso	17

Strophocheilus (*Megalobulimus*) *cardosoi* sp. n.

(Estampas III, IV, fig. 3)

TIPOLOCALIDADE: Município de Murici, Estado de Alagoas.

COLETOR: Paulo de Sá Cardoso.

TIPO: n.º 1592, na coleção do autor.

PARATIPOS: n.ºs. (1593), 1594, 1595, 1596 na coleção do autor. n.º (1593) depositado no Departamento de Zoologia de São Paulo sob n.º 14.595.

Concha oval-acuminada delgada; giros 5, último dilatado e oblíquo; 1½ giros nepiônicos lisos, os restantes munidos de finas costelas regulares que se vão tornando mais espaçada e irregulares nos giros subsequentes dando a impressão de se entrelaçarem formando no último giro parte de aspecto maleado; com espirais de finos pontos que alcançam na metade superior do último giro o perístoma. Ápice obtuso; sutura marcada em parte de aparência levemente crenulada.

Cutícula fina lustrosa; cor marron; junto à sutura estreita faixa amarelada; base, a partir do ângulo superior do labro até 1/3 lateral inferior do perístoma, amarelada. Cor interna plumbo-azulada. Perístoma estreito, pouco reflexo, de cor esbranquiçada. Calus leve.

MATERIAL EXAMINADO: 5 espécimes bem conservados, recebidos do snr. Paulo de Sá Cardoso a quem dedico esta espécie estreitamente ligada a *Strophocheilus capillaceus* (Pfeiffer) do qual difere pelos seguintes caracteres:

- 1 — Granulação finíssima espiralada atingindo na metade superior da última volta o perístoma.

2 — Perístoma cerúleo-acinzentado quase branco.

3 — Coloração interna.

TIPO n.º 1592

Comprimento	58
Largura	38
Altura	35
Eixo externo maior da abertura	37½
Eixo interno menor da abertura	19
Espessura do labro reflexo	2
Pêso	8,9

Parátipos nos. 14.595 — DZSP	(1593)	1594	1595	1596
Comprimento	60½	63	63	63 1/3
Largura	39	40	42	42
Altura	32	35	34	33
Eixo maior externo da abertura	37½	42	40½	41½
Eixo menor interno da abertura	19½	20	20	20
Espessura do labro reflexo	1	1	2	1
Pêso	6,4	7,5	10,3	6,4

Megalobulimus (Megalobulimus) nodai sp. n.

(Estampas III, IV, fig. 2)

TIPOLOCALIDADE: Margens do Rio Nhanpecein, afluente do Rio Piquirí, Estado do Paraná.

COLETOR: Sadamu Noda, julho de 1935.

HOLÓTIPO: n.º 824, na coleção do autor.

Concha oval-acuminada de côr vermelho-arroxeadado, tamanho médio, estreitamente umbilicada e de 5½ giros; a primeira volta lisa, as demais munidas de finas costelas, bem marcantes e pouco espaçadas até o terceiro giro, depois tornando-se irregulares e em parte obsoletas até o labro, mas sempre alcançando de sutura a sutura; terceiro e quarto giro com finas espirais pontuadas; sutura bem marcada, acompanhada de faixas subsutural branca côr que se mostra também na base da concha e acompanha o bordo do labro exterior; epiderme muito fina azeitona-amarelado; labro fino de bordo muito estreito quase no nível da última volta, lateralmente compri-

mido para o eixo da concha, côr de rosa claro; calosidade larga, raza, da mesma côr; interior levemente arroxeadado.

MATERIAL EXAMINADO: um exemplar, bem conservado, exceto a epiderme, da qual sobraram apenas partes.

Dedico esta espécie a meu amigo, Sadamu Noda, de saudosa memória. Viajando em julho de 1935 a pé de Ponta-Grossa à Foz do Iguaçu, colheu-me êle, em tôda a sua longa jornada, moluscos entre os quais êste espécime.

HOLÓTIPO n.º 824

Comprimento	81½
Largura	50
Altura	43
Diâmetro maior da abertura	45
Diâmetros menor da abertura	22
Pêso	28½

Megalobulimus (*Megalobulimus*) *pintoi* sp. n.

(Estampas I, II, fig. 7)

TIPOLOCALIDADE: Cuiabá, Estado de Mato Grosso.

COLETOR: Dr. Olivério Mario de Oliveira Pinto, 1937.

HOLÓTIPO: n.º 832, na coleção do autor.

Concha oval-acuminada, leve, de tamanho médio e 5¾ giros; côr cinza-arroxeadado claro; sutura regular, bem marcada; primeiro giro glabro; costelas radiais muito finas, unidas e suaves em tôda extensão da concha, alcançando de sutura a sutura, espaçando-se lentamente na proporção do crescimento, até o 3½ giro, depois tornando-se mais irregulares, contendo 4.º giro em diante leve malhação mais pronunciada nos últimos ¾ giros; do 3.º giro até além do 4.º finíssima granulação espiral que muitas vêzes se une formando pequenos filetes pouco espaçados; umbigo quase completamente cerrado; periostraco finíssimo nas partes dorsais ficou conservado; oliva-amarelado; perístoma completamente alho, com ângulo basal ultrapassando o eixo vertical da concha; labro fino, regularmente arqueado, com borda estreita; interior quase branco.

MATERIAL EXAMINADO: Um espécime bem conservado, mostrando partes do periostraco, colhido pelo ornitólogo e Diretor do Departamento de Zoologia, Dr. Olivério Mario de Oliveira Pinto, a quem a dedico.

Esta concha está ligada a *Megalobulimus rolandianus* e deve fazer, com ela, parte de grupo biológico afim.

Ela difere do citado não só pela coloração da concha e do perístoma, mas, também, pela escultura mais suave e malhação do último giro.

HOLÓTIPO n.º 832

Comprimento	84
Largura	47
Altura	39

Diâmetro maior da abertura	47½
Diâmetro menor da abertura	21
Pêso	17½

Megalobulimus (Megalobulimus) rolandianus sp. n.

(Estampas I, II, fig. 3)

TIPOLOCALIDADE: Rolândia, Norte do Estado do Paraná.

COLETOR: Srta. Gertrud Altmann.

TIPO: n.º 1589, na coleção do autor.

PARÁTIPOS n.º 1141, (1589-A), 1589-B, 1589-C na coleção do autor. n.º (1589-A) depositado no Departamento de Zoologia de São Paulo sob n.º 14.596.

Parátipos nos. 14.596 — DZSP	1141	(1589-A)	1589-B	1589-C
Comprimento	86	76	73	69½
Largura	44	39	38½	37½
Altura	40	35½	35	34½
Eixo maior da abertura	47½	41	39	39
Eixo menor da abertura	20½	19	18½	18
Pêso	21	14	9	9½

Concha oval-acuminada, tamanho médio, pêso leve, $5\frac{3}{4}$ giros, côr cinza-marron claro, esbranquiçado no último giro; primeiro giro aplanado e liso, giros subsequentes esculpido de costelas radiais irregulares, estreitas ou mais largas, alcançando ou não ambas as suturas intermeiadas de outras finíssimas, granuladas ou crespas; 3.º giro com granulações dispostas em espiral; último giro na parte dorsal com largas costelas irregulares em parte onduladas, atravessando toda concha, com granulações na base muito esparsas até o labro externo junto à sutura, no mais sem granulação; toda a escultura é suave dando impressão de lisa, exceto nas voltas nepiônicas; faixa subsutural mais perceptível no 3.º e 4.º giros; periostraco amarelado; abertura inclinada para o eixo central, com labro fino e borda estreita, formando ângulo basal ultrapassando o eixo vertical da concha seguindo depois em largo arco contínuo e único até sua junção com a volta anterior da concha, côr de rosa claro, também, na rala porção parietal que não apresenta protuberância alguma; umbigo muito estreito.

MATERIAL EXAMINADO: 4 espécimes colhidos em Rolândia pela Srta. Gertrud Altmann e um, sendo o maior de todos, em Londrina pelo snr. Dario Bastos.

O Tipo n.º 1589 encontra-se em perfeito estado de conservação, o Prátipo (1589-A) tem a 3.^a volta ofendida no lado basal, os demais Parátipos de Rolândia n.ºs. 1589-B, 1589-C e 1141 de Londrina sofreram demorada exposição às intempéries, ainda que inteiros não possuem todos os caracteres, servindo apenas para constatar medidas.

TIPO: n.º 1589

Comprimento	78
Largura	45
Altura	40
Eixo maior da abertura	44
Eixo menor da abertura	20
Pêso	16

Megalobulimus (*Megalobulimus*) *wohlersi* sp. n.

(Estampas III, IV, fig. 4)

TIPOLOCALIDADE: Corumbá, Estado de Goiás.

COLETOR: Dr. Armando Wohlers.

HOLÓTIPO: n.º 1126, na coleção do autor.

Concha oval-cônica, tamanho médio, leve, de 6 1/8 giros, finalmente costelada até o último giro que é rudemente costelado; faixa branca subsutural indicada a partir do 3.º giro e larga e grosseiramente crespada no último; com fina granulação radial que na base do 4.º e comêço do 5.º giro é espiralada; a primeira volta é lisa; côr cinza-arroxeadada, no último giro muito clara; perióstraco, só no 4.º giro constatável, azeitona-amarelado; perístoma voltado axialmente, parte labial vivo rosa-claro, parte calosa muito rala e arroxeadada, labro exterior, na parte mediana levemente compresso, fino e de borda estreita.

MATERIAL EXAMINADO: Um espécime bem conservado, porém, só com vestígios de perióstraco, colhido pelo Geólogo, Dr. Armando Wohlers, a quem a dedico.

Esta concha é ligada estreitamente a *Megalobulimus nodai*, tem o labro lateral compresso como ela, o que parece indicar um novo grupo biológico, entre os *Megalobulimus*. Sua última volta tem costelas como *Psiloicus oblongus* e sutura rudemente crespada além disso é menos compacta e globulosa, ultrapassando-a em giros, o que a separa dela.

HOLÓTIPO n.º 1126

Comprimento	85
Largura	47
Altura	41
Diâmetro maior da abertura	47½
Diâmetro menor da abertura	22
Pêso	12½

Psilolicus bereniceae sp. n.

(Estampas I, II, fig. 1)

TIPOLOCALIDADE: Fazenda Berenice, Zona Nhecolândia, Município de Corumbá, Estado de Mato Grosso.

COLETOR: Sra. Berenice Stoll Nogueira, 1949.

TIPO: n.º 1582, na coleção do autor.

PARÁTIPOS: n.ºs. (1582-A), 1582-B na coleção do autor. N.º (1582-A) depositado no Departamento de Zoologia de São Paulo sob n.º 14.597.

Concha pequena oval-acuminada, de $5\frac{1}{2}$ giros, de côr branca porcelana lustrosa; perístoma rosa-aframboezado vivo, projetando-se para a direita; porção parietal bem aparente e da mesma intensidade de côr; labro de borda relativamente grossa para o tamanho da concha; interior puro branco; umbigo estreito; primeira volta lisa seguida de uma e meia voltas munidas de finíssimas costelas, bem unidas e bem regulares, indo da sutura a sutura; nos demais giros elas vão se apagando e se interrompendo, só de espaço em espaço atravessando a concha, dando assim a ela aspecto glabro; a sutura dos últimos dois giros é irregular.

Parátipos nos. 14.597 — DZSP	(1582-A)	1582-B	
Comprimento	63½	62	
Largura	39½	36	
Altura	33	31½	
Diâmetro maior da abertura	37½	36	
Diâmetro menor da abertura	17	17½	
Pêso	13	15	

MATERIAL EXAMINADO: 3 espécimes em perfeito estado dos quais dois tem ligeiros danos no ápice. A concha é afim a *Strophocheilus oblongus musculus* Bequaert.

TIPO n.º 1582

Comprimento	64
Largura	39½
Altura	32
Diâmetro maior da abertura	37
Diâmetro menor da abertura	17½
Pêso	13

Psiloicus leonardosi sp. n.

(Estampas III, IV, fig. 1)

TIPOLOCALIDADE: Margens do Rio Fresco, afluente do Rio Xingú, Estado do Pará.**COLETOR:** Dr. Othon Henry Leonardos.**HOLÓTIPO:** n.º 1107, na coleção do autor.

Concha grande, leve, oval-acuminada, pouco umbilicada, de mais ou menos 5½ giros; costelas de crescimento do ápice bem unidas e tenuíssimas, indo de sutura a sutura até o penúltimo giro; sutura bem marcada e compressa nos dois últimos giros, com margem estreita violeta, acompanhada de faixa clara mais larga até o peristoma; parte dorsal do último giro com larga faixa central de côr avermelhada com costelas de crescimento bem pronunciadas; parte ventral branca e quase lisa, também em tôrno do calus e até o ângulo interno do labro; labro e leve calosidade côr roseo-purpureo; labro na parte frontal largamente arqueado, na parte lateral um pouco comprimido em sua porção superior.

MATERIAL EXAMINADO: um espécime com o ápice danificado no mais bem conservado, possibilitando a sua diagnose.

A concha difere de *Bulimus lorentzianus* Doering, ao qual tem muita afinidade, não só pelo tamanho, mas também pelas faixas estreitas subsuturais violeta-claro e larga avermelhada dorsal da última volta. A direção axial da abertura é característico relevante que a separa de espécies afins. Recebi a concha do Geólogo Dr. Othon Henry Leonardos, e lhe dedico a espécie.

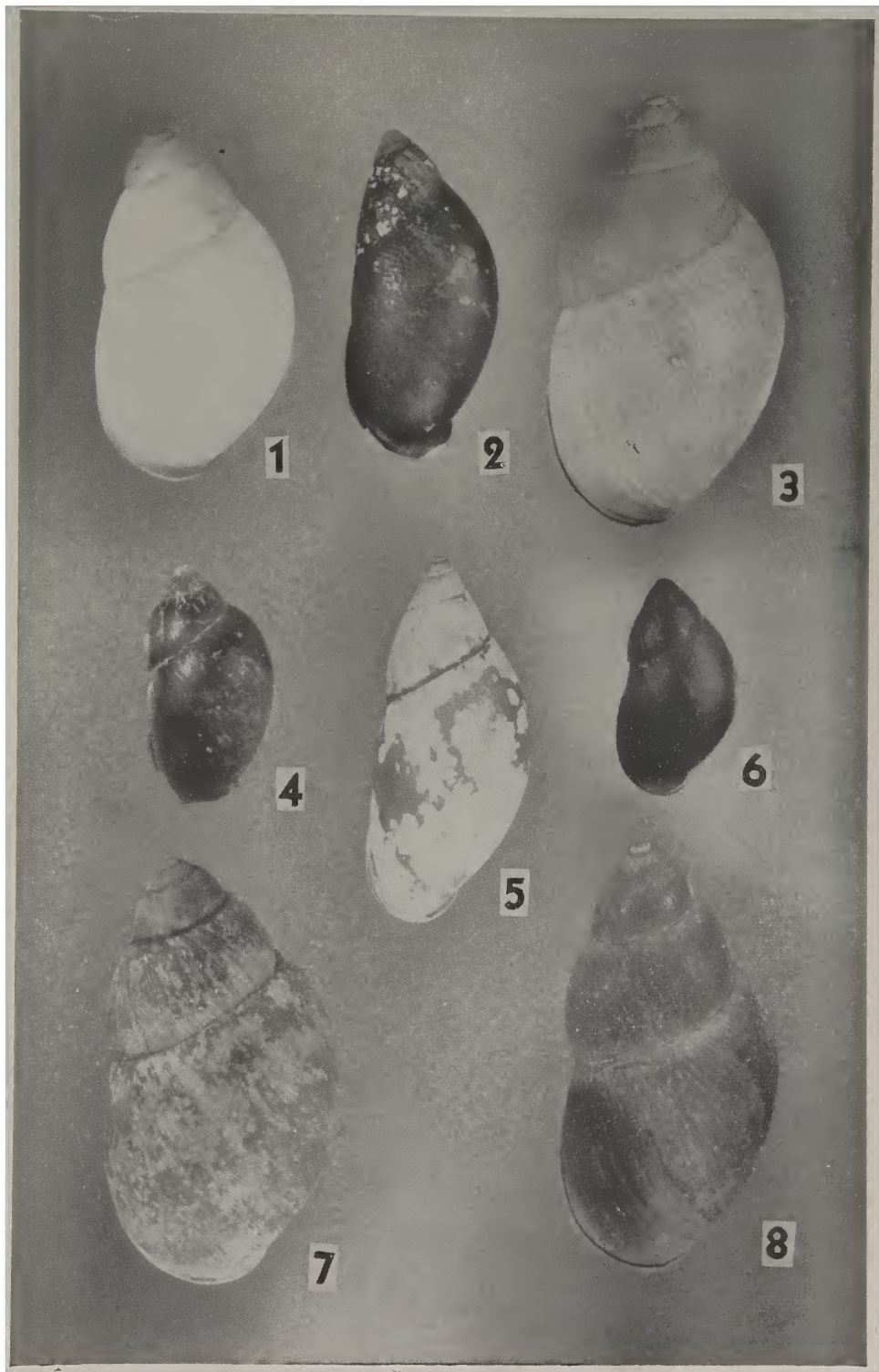
HOLÓTIPO n.º 1107

Comprimento	? 104
Largura	61
Altura	50
Diâmetro maior da abertura	59½
Diâmetro menor da abertura	27
Pêso	37

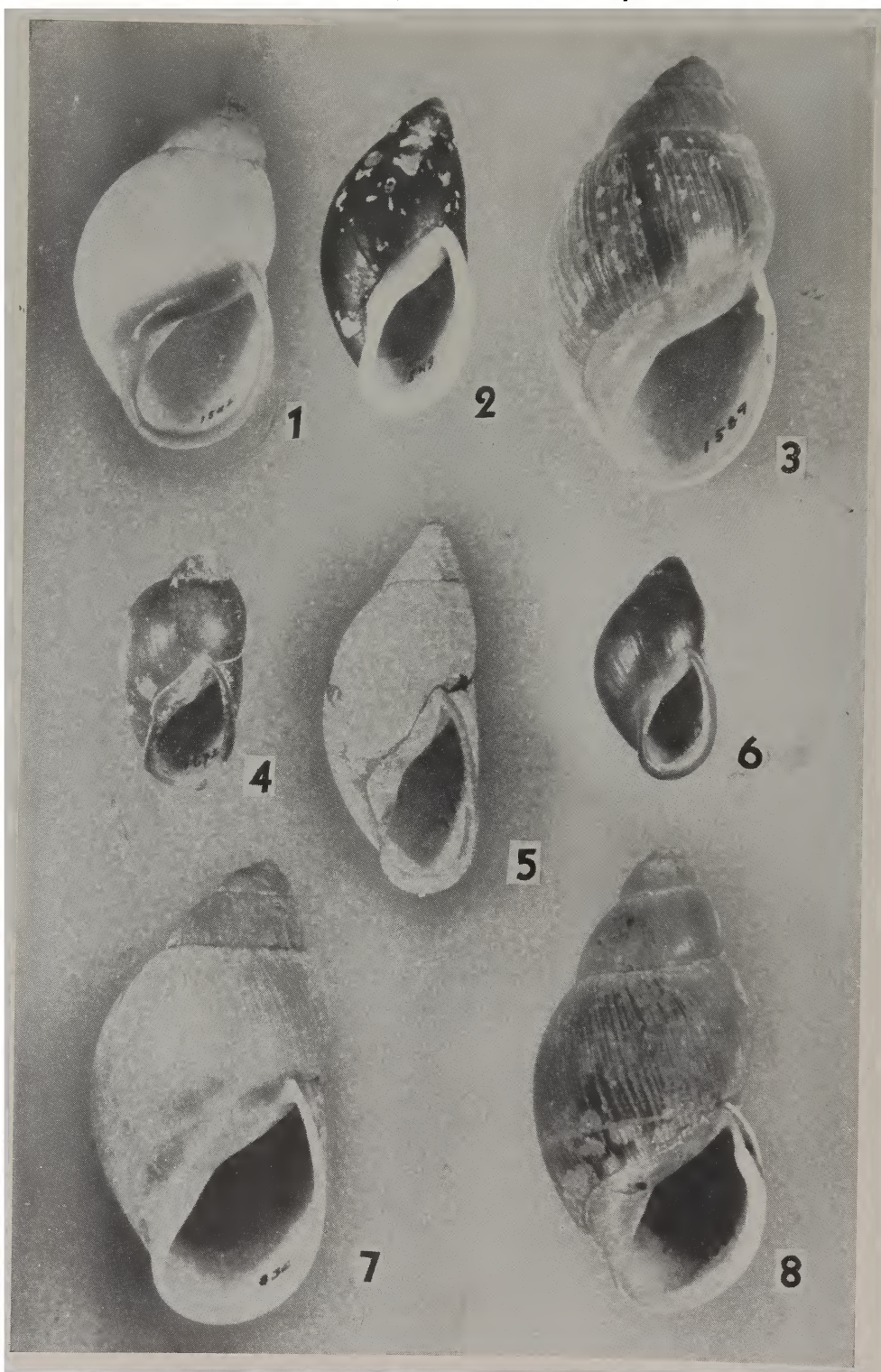
L I T E R A T U R A

- 1827 — Spix, Testacea Fluviatilia Brasiliensis.
 1831 — Michelin, Magazin de Zoologie, Première Année, Première partie.
 1831 — Rang, Ann. du Sci. Nat., vol. XXIV, pp. 50, 53.
 1835 — 1846 — Orbigny, Voyage dans l'Amérique Meridionale, V, part 3, Mollusques, p. 502, *Bulimus lacunosus*.
 1842 — Pfeiffer, Symbolae, II, p. 52.
 1848 — Pfeiffer, Monogr. Helic. II, p. 22.
 1848 — Reeve, Conchologia Iconica, vol. V, *Bulimus*.
 1855 — Pfeiffer, Proceedings Malacological Society London, vol. I, p. 137.
 1860 — Albers-Martens, Die Heliceen, p. 191.
 1870 — Hidalgo, Journal de Conchyliologie, vol. XVIII, p. 41.
 1872 — Hidalgo, Moluscos del viaje al Pacifico, p. 49.
 1876 — Martens, Novitates Conchologicae, vol. V.
 1885 — Martens, Sitzungsberichte naturforschender Freunde in Berlin, p. 148.
 1888 — Martens, Sitzungsber. naturforsch. Freunde, Berlin n.º 4, p. 64.
 1894 — E. A. Smith, Proc. Mal. Soc. London, vol. I, p. 137.
 1895 — Pilsbry, Manual of Conchology, vol. X.
 1900 — Ihering, Proc. Acad. Nat. Sci. Philad., pp. 390, 394.

- 1901 — Pilsbry, Manual of Conchology, vol. XIV.
1901 — Ihering in Pilsbry, Man. of Conch., vol. XIV, pp. 120, 121.
1903 — Da Costa, Proceedings Malac. Soc. London. vol. VI.
1937 — Lange de Morretes, Revista do Museu Paulista, vol. 23.
1939 — Hylton Scott, Revista del Museu de La Plata (n. s.) Tomo I, Zoologia, p. 219.
1948 — Bequaert, Monograph of the Strophocheilidae, Cambridge Mass.
1949 — Lange de Morretes, Ensaio de Catálogo etc. Arquivos Mus. Paranaense, vol. VII,
p. 140, Strophocheilus sp.



Estampa III fig. 1 — *Psiloicus leonardosi* sp. n.
fig. 2 — *Megalobulimus* (*Megalobulimus*) *nodai* sp. n.
fig. 3 — *Megalobulimus* (*Megalobulimus*) *cardosoi* sp. n.
fig. 4 — *Megalobulimus* (*Megalobulimus*) *wohlersi* sp. n.
fig. 5 — *Megalobulimus* (*Phaiopharus*) *bertae* sp. n.



Estampa IV fig. 1 — *Psilolicus leonardosi* sp. n.
fig. 2 — *Megalobulimus* (*Megalobulimus*) *nodai* sp. n.
fig. 3 — *Megalobulimus* (*Megalobulimus*) *cardosoi* sp. n.
fig. 4 — *Megalobulimus* (*Megalobulimus*) *wohlersi* sp. n.
fig. 5 — *Megalobulimus* (*Phaiopharus*) *bertae* sp. n.

ROEDORES E LAGOMORFOS DO ESTADO DE SÃO PAULO

POR

C. VIEIRA

Continuando a revisão dos mamíferos existentes no Estado de São Paulo, tratamos aqui da ordem dos Roedores, em sua maioria constituída de ratos silvestres, e dos Lagomorfos, com uma única forma de lebre selvagem.

Sendo a ordem dos Roedores a mais rica da região Neotrópica, pois só no Brasil foram descritas para mais de 250 formas, seu estudo oferece grandes dificuldades, tornando-se necessário dispôr de enorme material para a identificação segura das formas realmente válidas.

Tratando-se porém de animais geralmente de pequeno porte, quase exclusivamente noturnos e extremamente ariscos, o que torna a sua captura das mais difíceis, não é de admirar que o número de exemplares existentes nas coleções ao nosso dispôr deixe bastante a desejar. Em consequência, esta revisão é forçosamente incompleta, e apenas aproximativo o número de formas nela descritas.

Como nos trabalhos anteriores (1), tomamos por base a coleção de peles e crânios atualmente existentes no Departamento de Zoologia e coletados em localidades situadas dentro dos limites do Estado de São Paulo.

Família LEPORIDAE

Roedores caracterizados pela presença de um par de incisivos muito reduzidos e situados atrás dos grandes incisivos superiores.

$$\text{Fórmula dentária: } i \frac{2}{2} c \frac{0}{0} pm \frac{3}{2} m \frac{3}{3} = 28$$

Família cosmopolita por excelência, só está ausente na Oceânia, sendo na América do Sul representada pelo único gênero *Sylvilagus*.

Gênero SYLVILAGUS Gray

Sylvilagus GRAY, 1887, Annals and Magazine of Natural History, série III, vol. 20, pg. 221.

TIPO: *Lepus sylvaticus* Buchanan

(1) Cf. Vieira, 1944, Os Símios do Estado de São Paulo; Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia, vol. V, pg. 1; Carnívoros do Estado de São Paulo; Arquivos de Zoologia, 1946, vol. V, pg. 135 e Marsupiais e Xenartros do Estado de São Paulo; Arquivos de Zoologia, 1950, vol. VII, pg. 325.

Abrange este gênero numerosas formas e é de vasta distribuição por toda a América do Norte, Central e Meridional.

No Brasil é conhecida uma única espécie *Sylvilagus brasiliensis* (Linnaeus) da qual são consideradas atualmente quatro raças geográficas dentro dos limites do paiz: a raça típica *S. brasiliensis brasiliensis* (Linnaeus), do norte e nordeste do Brasil (1), *S. brasiliensis minensis* Thomas, própria de Minas Gerais e Goiaz; *S. brasiliensis paraguensis* Thomas, do sul de Mato Grosso e *S. brasiliensis tapetillus* Thomas, do Brasil meridional.

Sylvilagus brasiliensis tapetillus Thomas

Nomes vulgares: Lebre, Coelho, Tapeti, Candimba.

Lepus brasiliensis PELZELN, 1883, *Brasilische Säugethiere*, pg. 80 (Ipanema, Estado de São Paulo; Sepitiba, Estado do Rio de Janeiro); idem, HENSEL, 1872, *Abhandl. Akad. Wissensch. Berlin*, pg. 62 (Rio de Janeiro); idem, H. IHERING, 1892; *Os Mamíferos de São Paulo*, Catálogo, pg. 22; idem, 1897, *Revista do Museu Paulista*, tomo II, pg. 151, ilha de São Sebastião, Estado de São Paulo).

Sylvilagus tapetillus THOMAS, 1913, *Annals and Magazine of Natural History*, série VIII, vol. 11, pg. 210 (Estado do Rio de Janeiro).

Sylvilagus brasiliensis tapetillus HERSHKOVITZ, 1950, *Mammals of Northern Colombia* (Leporidae); *Proceed. Unit. States Nat. Museum*, vol. 100, n.º 3265, pg. 368 (São Paulo e Terezópolis).

LOCALIDADE TÍPICA: Porto Real, perto de Rezende, Estado do Rio de Janeiro.

Colorido das partes superiores pardo mesclado de cinzento, que se torna mais intenso ao longo do dorso; partes inferiores esbranquiçadas, ligeiramente lavadas de creme. Na cabeça, a região da nuca é do mesmo colorido do dorso; a fronte até o focinho tem forte colorido pardo-ferrugíneo; a região orbital é esbranquiçada; os lábios o mento e metade da garganta branco puro; peito pardo mesclado de creme; orelhas escuras. Pernas e pés ocráceos na parte anterior e esbranquiçados na posterior. Cauda rudimentar, de colorido igual ao do dorso.

Difere esta raça de todas as outras, em ser de menor tamanho e ter as partes superiores mais escuras.

É bem conhecida por todo o Estado de São Paulo, não sendo porém abundante em parte alguma, talvez devido ao grande número de inimigos naturais que possui.

Dimensões: n.º 3785, ♂, Itatiba, estado de São Paulo: cabeça e corpo 380; pé posterior 80; orelha 60; crânio: comprimento total 73; comprimento cõndilo basal 62; largura zigomática 36; comprimento dos nasais 30; largura interorbital 18; largura da caixa craniana 27; diastema 22.

N.º 3017, ♀, Ipiranga, São Paulo: cabeça e corpo 370; pé posterior 70; orelha 60; crânio: comprimento total 73; comprimento cõndilo basal 64; largura zigomática 36; comprimento dos nasais 30; largura interorbital 17; largura da caixa craniana 26; diastema 22.

(1) *Lepus brasiliensis* de Linnaeus, 1758, *Systema Naturae*, 10a. ed., vol. I, pg. 58 foi baseada no "Tapeti" de Marcgraf, sendo portanto Pernambuco sua localidade típica conforme Thomas, 1911, *Proceed. Zool. Soc. London*, pg. 146.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Nos. 339, 797 e 3017, ♀♀, Ipiranga, São Paulo, Lima col., 1899 e 1911 (peles abertas e crânios).

N.º 265, ♂, Estação do Rio Grande, São Paulo, Lima col., 1916 (pele aberta).

Nos. 3785 e 3786, ♂♂, Itatiba, São Paulo, Lima col., 1916 (peles abertas e crânios).

Nos. 6269 e 6270, ♂♂, Assis, São Paulo, Lima col., 1943 (peles cheias e crânios).

N.º 6479, ♀, Butantã, São Paulo, of Inst. Butantã, 1944 (pele cheia).

Família SCIURIDAE

Uma das maiores famílias de roedores, abrange numerosos gêneros com inúmeras espécies e subespécies distribuídas por quase todo o mundo com exceção de Madagascar, região Australiana e algumas regiões da África e Ásia.

Compreende tanto formas relativamente grandes como minúsculas, de hábitos terrestres ou arbóreos.

Na América do Sul entretanto, são todas formas arbóreas, de colorido uniforme e com grande cauda peluda que quase sempre excede o comprimento da cabeça e corpo juntos.

Dos cinco sub-gêneros em que se subdivide o gênero *Sciurus*, somente *Guerlinguetus* ocorre nos estados meridionais.

Gênero SCIURUS Linnaeus

Sciurus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. edição, vol. I, pg. 63.

Sub-gênero GUERLINGUETUS Gray

Guerlinguetus GRAY, 1821, London Med. Repository, XV, pg. 304.

De pequeno tamanho e colorido uniformemente sombrio; cauda pouco maior que o comprimento da cabeça e do corpo; fêmeas com quatro pares de mamas.

$$\text{Fórmula dentária: } i \frac{1}{1} c \frac{0}{0} pm \frac{1}{1} m \frac{3}{3} = 20$$

Crânio delgado com bem desenvolvido processo post-orbital; um único par de premolares na maxila superior.

Subgênero vastamente disperso por toda a América do Sul, compreende duas espécies no Brasil: *Sciurus aestuans* e *Sciurus ingrami*. Somente este ocorre no Estado de São Paulo.

Sciurus (Guerlinguetus) ingrami ingrami Thomas

Nomes vulgares: Serelepe, Caxinguelê.

Sciurus ingrami THOMAS, 1901, Annals and Magazine of Natural History, série 7, vol. 7, pg. 368.

Sciurus aestuans WIED, 1826, Beitr. Naturg. Brasiliens, II, pg. 341; PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 59 (Ipanema e Rio de Janeiro); idem, GOELDI, 1893, Os Mamíferos do Brasil, pg. 82; H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 19.

Guerlinguetus ingrami O. PINTO, 1931, Revista do Museu Paulista, pg. 295 (São Paulo, Minas Gerais e Paraná).

Guerlinguetus ingrami ingrami MOOJFN, 1942, Boletim do Museu Nacional, pg. 14 (Santa

Tereza, Terezópolis, Itatiaia, Colatina e Viçosa).
Sciurus (Guerlinguetus) ingrami ingrami ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. I, pg. 343.

LOCALIDADE TÍPICA: Tunel, sul de Minas Gerais.

Colorido geral uniformemente pardacento, lavado de oliváceo, ligeiramente mais escuro na nuca e no dorso; mento e garganta esbranquiçados; peito e ventre ocráceos, assim como as partes inferiores dos membros anteriores e posteriores; cauda da mesma cor do dorso na base, tornando-se mais amarelo-olivácea na extremidade.

Esse colorido é variável, muitos exemplares apresentando-se lavados de castanho, em vez de oliváceo.

A outra raça *Sciurus ingrami henseli* M. Ribeiro ocorre no extremo meridional do Brasil e, além de pequenas diferenças cranianas, difere principalmente em ter as partes inferiores brancas e os pelos da cauda esbranquiçados.

Dimensões: n° 6648 ♂, cabeça e corpo 190; cauda 200; pé posterior 40; crânio: comprimento total 50; comprimento côndilo basal 41; largura zigomática 29; maior comprimento dos nasais 14; distância interorbital 16; largura da caixa craniana 22; série molar superior 8.

N° 6738 ♀, cabeça e corpo 208; cauda 213; pé posterior 50; crânio: comprimento total 49; comprimento côndilo basal 40; largura zigomática 30; maior comprimento dos nasais 15; distância interorbital 17; largura da caixa craniana 22; série molar superior 8.

EXEMPLARES DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

- N.º 7 — Piquete, Estado de São Paulo, Lima col., 1901 (pele aberta).
 N.ºs. 1496 e 1497, ♂ ♂, Alto da Serra, Estado de São Paulo, Lima col., 1904 (peles abertas).
 N.ºs. 1833, 1834 e 1837, ♂ ♂; 1835 e 1836, ♀ ♀, Ubatuba, Estado de São Paulo (peles abertas).
 N.º 2098, ♀, São Sebastião, Estado de São Paulo, Garbe col., 1906 (pele cheia).
 N.º 2138, ♂, Campos do Jordão, Estado de São Paulo, Garbe col., 1906 (pele cheia).
 N.º 3733, ♀, Pres. Editácio, Estado de São Paulo, Lima col., 1925 (pele cheia).
 N.ºs. 3737 e 3748, ♀ ♀, Glicério e São Miguel Arcanjo, São Paulo, Lima col., 1929 (peles cheias).
 N.ºs. 5956, 6154, 5155 e 6157, ♂ ♂, Embura, Caraguatatuba e Lins, São Paulo, Olalla col., 1940 (peles cheias).
 N.º 6272, ♀, rio Paranapanema, m. Assis, São Paulo, Lima col., 1943 (pele cheia).
 N.ºs. 6307 e 6308, ♀ ♀, Monte Alegre, São Paulo, Lima col., 1944 (peles cheias).
 N.ºs. 6541 e 6545, ♂ ♂, Iporanga, São Paulo, Dente col., 1944 (peles cheias).
 N.ºs. 6582, 6647, 6648, 6649, ♂ ♂; 6738, ♀; Boracéia, São Paulo, Werner e Dente col., 1945 (peles cheias).

Superfamília MUROIDEA

Família CRICETIDAE

Família bastante heterogênea, engloba a maior parte dos ratos silvestres existentes na região Neotrópica e compreende numerosos gêneros, muitos dos quais possuem vultoso número de espécies e subespécies.

Externamente muito se assemelham aos ratos domésticos da família *Muridae*, exóticos nessa região, diferindo entretanto na estrutura dos dentes e no crânio.

$$\text{Fórmula dentária: } i \frac{1}{1} c \frac{0}{0} m \frac{3}{3} = 16$$

Incisivos não sulcados; cúspides dos molares dispostas caracteristicamente em duas filas longitudinais.

Algumas espécies são de tamanho relativamente grande, outras são muito dequenas, mas quase todas possuem cauda bem desenvolvida que chega mesmo a ser em certos gêneros, maior que o comprimento da cabeça e do corpo juntos.

Compreende no Brasil para mais de 20 gêneros, com talvez mais de uma centena de formas.

Têm sido constatados dentro dos limites do território do Estado de São Paulo, os seguintes gêneros: *Holochilus*, *Nectomys*, *Oryzomys*, *Akodon*, *Oxymycterus*, *Microxus*, *Zygodontomys*, *Thomasomys* e *Hesperomys*.

É esta a chave para os gêneros de *Cricetidae* existentes no Estado de São Paulo:

Comprimento da cauda excedendo o comprimento da cabeça e do corpo juntos	
Pés ligeiramente palmados	
Colorido das partes superiores cinza-ocráceo; partes inferiores amarelo-ocráceo	<i>Nectomys</i>
Colorido das partes superiores pardo-fulvo; partes inferiores branco puro ou branco-amarelado	<i>Holochilus</i>
Pés sem vestígios de membranas entre os dedos	
Cauda com extremidade munida de tufo de pêlos em forma de pincel	<i>Rhipidomys</i>
Cauda sem êsse tufo de pêlos na extremidade	
Coloração das partes superiores cinzenta	<i>Thomasomys</i>
Coloração das partes superiores parda ou pardo-ocrácea	<i>Oryzomys</i>
Comprimento da cauda menor ou do mesmo comprimento da cabeça e do corpo juntos	
Focinho aguçado; crânio com nasais muito alongados	
Tamanho maior (cabeça e corpo com mais de 120 mm); unhas fortes e recurvas nos dedos dos pés	<i>Oxymycterus</i>
Tamanho menor (cabeça e corpo com menos de 120 mm); unhas dos dedos dos pés fracas	<i>Akodon</i>
Focinho normal: crânio sem nasais alongados	
Cauda de comprimento igual ao da cabeça e corpo juntos; coloração das partes superiores pardo-amarelada	<i>Hesperomys</i>
Cauda menor que o comprimento da cabeça e do corpo juntos; coloração das partes superiores pardo-acinzentada	
Menor (cabeça e corpo com 115 mm no máximo); ventre cinza-esbranquiçado	<i>Zygodontomys</i>
Maior (cabeça e corpo com mais de 120 mm); ventre pardo-amarelado	<i>Microxus</i>

Gênero HOLOCHILUS Brandt

Holochilus BRANDT, 1835, Mem. Acad. Imp. Scienc. St. Petesbourg, vol. I, pg. 248.

Tipo, por subsequente designação de Miller e Rehm, 1902: *Mus (Holochilus) leucogaster* Brandt.

Compreende algumas espécies iguais em tamanho às do gênero *Nectomys* e outras bem menores, todas de coloração fulvo intensa ou fulvo acinzentado, pelagem espessa e macia, cauda em geral igual ao comprimento da cabeça e do corpo, às vezes excedendo; escamosa, revestida de escassos pêlos muito curtos. Patas anteriores pequenas, posteriores grandes, com três dedos médios maiores, com fortes unhas e ligeiramente palmados.

Como as espécies do gênero *Nectomys* são de hábitos semiaquáticos, habitando de preferência nas vizinhanças dos banhados e pequenos cursos d'água.

Gênero exclusivamente sul-americano, compreende seis espécies no Brasil, das quais somente duas são constatadas no Estado de São Paulo: *Holochilus physodes physodes* (Lichtenstein) e *Holochilus russatus* (Wagner).

Holochilus physodes physodes (Lichtenstein)

Mus physodes LICHTENSTEIN, 1827, Het geslacht d. Muizen, pg. 139.

Hesperomys physodes PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 71 (Ipanema, São Paulo).

Hesperomys (Holochilus) physodes H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 29.

Holochilus physodes physodes Gyldenstolpe, 1932, A Manual of Neotropical Sigmodont Rodents, pg. 63; ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. I, pg. 262.

LOCALIDADE TÍPICA: Ipanema, São Paulo.

Colorido geral das partes superiores pardo-ferrugíneo, ligeiramente manchado de cinza na cabeça e nuca, tornando-se mais escuro ao longo do dorso, desde o focinho à raiz da cauda.

Partes inferiores branco-amareladas, nitidamente diferenciadas do colorido das partes superiores; mento e garganta quase brancos. Membros anteriores e posteriores pardacentos.

Dimensões: N° 1790, ♂, cabeça e corpo 180; cauda, 220; pé posterior 40; crânio: comprimento total 40; comprimento côndilo basal 37; largura zigomática 21; comprimento dos nasais 15; largura da caixa craniana 15; constrição interorbital 6; série molar superior 7.

N° 584, ♀, cabeça e corpo 150; cauda 200, pé posterior 320; crânio: comprimento total 40; comprimento côndilo basal 37; largura da caixa craniana 15; constrição interorbital 7; série molar superior 6.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 584, ♀, Ribeirão Pires, São Paulo, Garbe col., 1904.

Nos. 1124 e 1125, Itararé, São Paulo, Garbe col., 1903.

N.º 1273, ♂, rio Paranapanema, São Paulo, Garbe col., 1903.

Nos. 1783, 1786 e 1790, ♂ ♂, Alto da Serra, São Paulo, Gunther 1905.

Nos. 1910 e 1947, rio Feio, São Paulo, Garbe col., 1911.

N.º 1178, ♀, Iguape, São Paulo, Krone col., 1903.

Nos. 1841, 1842 e 1894, ♂ ♂, Ubatuba, São Paulo, Garbe col., 1905.

Nos. 2013, 2093, 2147, Ilha de São Sebastião, Garbe col., 1915.

Nos. 2954 e 2955, Ituverava, São Paulo, Garbe col., 1905.

Holochilus russatus (Wagner)

Hesperomys russatus WAGNER, 1880, Abhandl. Akad. Munchen, V, pg. 312; idem, PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 71 (Ipanema, São Paulo).

Holochilus russatus GYLDENTOLPE, 1932, A Manual of Neotropical Sigmodont Rodents, pg. 63; idem, ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. II, pg. 462.

LOCALIDADE TÍPICA: Ipanema, São Paulo.

Menor que a espécie precedente e de coloração fulva mais intensa nas partes superiores.

Estas além de pardo-fulvas, são mescladas de preto, principalmente ao longo do dorso; nos francos esse colorido torna-se alaranjado intenso, contrastando vivamente com o esbranquiçado das partes inferiores. Estas são branco-amareladas no ventre e branco puro no mento e no peito.

Dimensões: N° 6542, ♂, comprimento total 420; cauda 210; pé posterior 50; crânio: comprimento total 43; comprimento côndilo basal 37; largura zigomática 25; comprimento dos nasais 17; largura da caixa craniana 16; constrição interorbital 5; série molar superior 8.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 6542, ♂, Monte Alegre, Estado de São Paulo, J. Lima col., 1944 (pele cheia).
Nos. 6376 e 6432, Estado de São Paulo, oferta Inst. Butantã, 1944 (peles cheias).

Gênero NECTOMYS Peters

Nectomys PETERS, 1861, Abhandlugen K. Akad. Wissenschaft Berlin, pg. 151. Tipo: *Mus squamipes* LICHTENSTEIN (Designado por Miller, 1912).

De tamanho relativamente grande, coloração cinza-ocrácea ou cinza-olivacea; pelagem espessa e macia; pés grandes, com unhas robustas; cauda maior que o comprimento da cabeça e do corpo juntos.

Pés ligeiramente palmados com as primeiras falanges dos dedos providas de delgadas membranas que auxiliam o animal a nadar.

De hábitos semiaquáticos, são encontrados em geral nas vizinhanças de rios e banhados.

É gênero de larga distribuição compreendendo grande número de formas que ocorrem desde a América Central até o extremo sul do Brasil.

Uma única espécie existe no Brasil: *Nectomys squamipes* (Brants) da qual são reconhecidas sete raças. Destas, apenas a raça típica *Nectomys squamipes squamipes* (Brants) ocorre no Estado de São Paulo.

***Nectomys squamipes squamipes* (Brants)**

Mus squamipes BRANTS, 1807, Het geslacht der Muizen, pg. 138.

Hesperomys (Holochilus) robustus BURMEISTER, 1854, Brasilische Säugethiere.

Hesperomys squamipes HENSEL, 1873, Beitrage zur Kenntiss der Säugethiere Sud Brasiliens, pg. 34 (Porto Alegre); GOELDI, 1893, Os Mamíferos do Brasil, pg. 79.

Hesperomys (Nectomys) squamipes H. IHERING, 1892, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 14.

Hesperomys (Nectomys) sciureus H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, pg. 19.

Nectomys squamipes squamipes ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. II, pg. 138; HERSHKOVITZ, 1944, A Systematic Review of the Genus *Nectomys*; Miscell. Publicat. Museum Zool. Univers. Michigan, n.º 58, pg. 38 (São Sebastião, Rio das Pedras, Ipanema e Itararé; Estado de São Paulo).

LOCALIDADE TÍPICA: Ilha de São Sebastião, Estado de São Paulo.

Rato grande, de colorido geral cinza-ocráceo, muito escuro ao longo do dorso, passando gradualmente a amarelado ocráceo nas partes inferiores sendo o ventre muito mais claro.

Cabeça da mesma cor do dorso, mento e garganta esbranquiçados membros anteriores e posteriores da mesma cor; pés recobertos de pelos curtos e esbranquiçados; cauda uniformemente cinzenta, recoberta de pelos curtos e esbranquiçados; cauda uniformemente cinzenta, recoberta de pelos ralos, mais numerosos na parte inferior e na extremidade.

Esta raça é encontrada na zona litorânea do Estado de São Paulo, estendendo-se para o norte até o sul de Minas Gerais e, para o sul, até o Estado do Rio grande do Sul.

Dimensões: N° 2082, ♀, ilha de São Sebastião, São Paulo, cabeça e corpo 190; cauda 220; pé posterior 45; crânio: comprimento cõndilo basal 40; largura zigomática 23; comprimento dos nasais 16; largura da caixa craniana 14; constrição interorbital 8; série molar superior 7.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

- Nos. 634, 2082, 2522, ♀♀; 2087, 2523, 2524, 2083 e 2084, ♂♂; ilha de São Sebastião, Estado de São Paulo, Gunther col., 1905 a 1907 (peles cheias e crânios).
 Nos. 288 e 292, Rio das Pedras, Piracicaba, São Paulo, Zech col., 1896 (peles cheias).
 Nos. 1, 10 e 358, ♂♂, Perus, São Paulo, Bicego col., 1896 (peles cheias).
 Nos. 58 e 143, Piquete, São Paulo, Zech col., 1896 (peles cheias).
 N.º 2958, ♀, Ituverava, São Paulo, Garbe col., 1911 (pele cheia e crânio).
 N.º 1840, ♂, Ubatuba, São Paulo, Grabe col., 1905 (pele cheia e crânio).
 N.º 1019, Iguape, São Paulo, Krone col., 1902 (pele cheia).
 Nos. 1702, 1703 e 2957, ♂♂, Itapura, São Paulo, Garbe col., 1905 (peles cheias).
 Nos. 811, 812 e 2095, ♀♀, Franca, São Paulo, Garbe col., 1910 (peles cheias).
 N.º 5729, ♀, Juquiá, São Paulo, Olalla col., 1940 (pele cheia e crânio).
 N.º 6542, ♂, Monte Alegre, São Paulo, Lima col., 1944 (pele cheia e crânio).
 N.º 6735, ♂, Piedade, São Paulo, Dente col., 1947 (pele cheia e crânio).

Gênero *ORYZOMYS* Baird

Oryzomys BAIRD, 1857, Mammals of North America, pg. 458.

Tipo: *Mus palustris* Harlan.

Gênero bastante heterogêneo de roedores muriformes, em geral de pequeno tamanho e grande cauda, que muitas vezes excede o comprimento da cabeça e do corpo juntos.

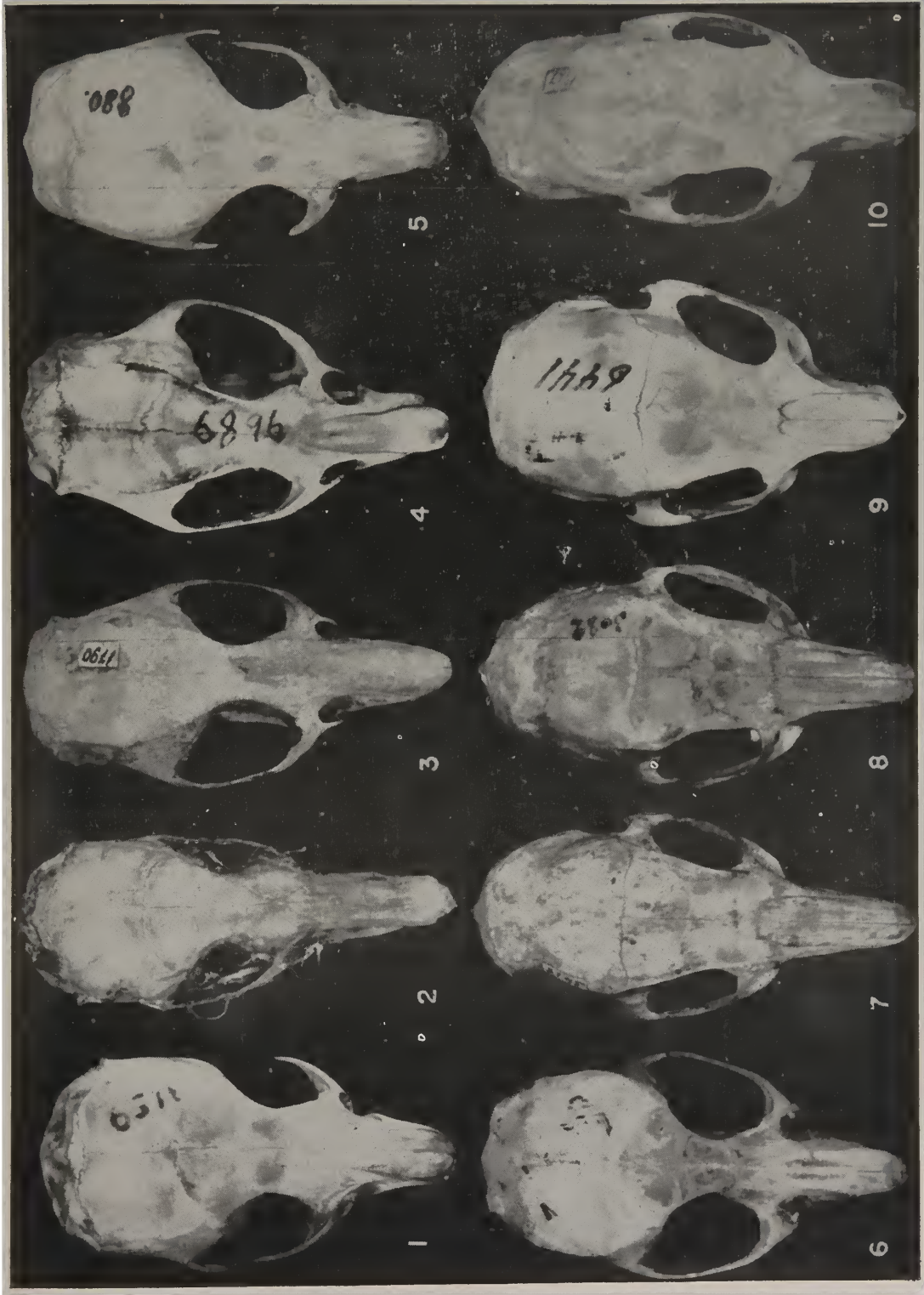
A coloração, às mais das vezes é pardacenta nas partes superiores contrastando fortemente com o colorido esbranquiçado das partes inferiores.

As orelhas, de formas variadas, mas sempre de regular tamanho; pés anteriores pequenos, posteriores bem maiores e com unhas mais fortes.

Pelagem curta e espessa, quase sempre macia; fêmeas com oito mamas.

Crânio delgado, mais ou menos alongado; arcada zigomática estreita, palatal estreito e prolongando-se sempre além dos últimos molares; constrição interorbital muitas vezes muito reduzida.

Quase todos são arborícolas, habitando em geral nas proximidades dos rios e banhados.



ESTAMPA I

- | | |
|----------------------------------|-------------------------------------|
| 1 — <i>Oryzomys ciliurus</i> | 6 — <i>Proechimys iheringii</i> |
| 2 — <i>Oxyomyotis nasutus</i> | 8 — <i>Cercomys cunicularius</i> |
| 3 — <i>Holochilus physodes</i> | 9 — <i>Euryzomatomys guizara</i> |
| | 10 — <i>Kannabateomys amblyonyx</i> |
| 4 — <i>Nectomys squamipes</i> | |
| 5 — <i>Rhipidomys mastacalis</i> | |
| 6 — <i>Akodon nigrita</i> | |



1



2



4



5



3

ESTAMPA II

1 — *Echimys thomasi*
2 — *Proechimys iheringii*
3 — *Euryzgomatomys guirara*

4 — *Microxus iheringii*
5 — *Hesperomys tener*

Entre os gêneros neo-tropicos desta familia, este é o de maior área de distribuição, pois estende-se desde a Patagonia, atravez de toda a América do Sul e Central, até o leste dos Estados Unidos.

Compreende para mais de 180 formas, das quais são conhecidas dentro dos limites do Estado de São Paulo cerca de uma dezena.

Oryzomys angouya (Desmarest)

Mus angouya DESMAREST, 1819, Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle, 2a. ed., pg. 22.
Oryzomys angouya GYLDENSTOLPE, 1932, A Manual of Neotropical Sigmodont Rodents, pg. 24; idem, ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. II, pg.

LOCALIDADE TÍPICA: Paraguai.

Relativamente grande; coloração das partes superiores pardo-ocráceas, mais claras dos lados do corpo.

Partes inferiores cinza-esbranquiçadas.

Dimensões: N.º 1699, ♂, cabeça e corpo 140; cauda 120; pé 30; crânio: comprimento total 32; comprimento côndilo basal 29; largura zigomática 17; constrição interorbital 6; comprimento dos nascals 13' série molar superior 5.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 59, Ilha de São Sebastião, Estado de São Paulo, Bicego col., 1896 (pele cheia).
N.º 1428, ♀, Barretos, Estado de São Paulo, Garbe col., 1904 (pele cheia).
N.º 1699, ♂, Itapura, Estado de São Paulo, Garbe col., 1904 (pele cheia).

Oryzomys subflavus (Wagner)

Hesperomys subflavus WAGNER, 1842, Archiv für Naturgeschichte, I, VIII, pg. 21.
Oryzomys subflavus GYLDENSTOLPE, 1932, A Manual of Neotropical Sigmodont Rodents, pg. 21; idem, ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. II, pg. 353.

LOCALIDADE TÍPICA: Brasil.

Coloração das partes superiores pardo-ferrugíneas, muito escura ao longo da região dorsal.

Partes inferiores brancas, levemente amareladas.

Dimensões: N.º 2690, cabeça e corpo 140; cauda 145; pé 34; crânio: comprimento total 38; comprimento côndilo basal 36; largura zigomática 21; constrição interorbital 7; largura da caixa craniana 16; série molar superior 7.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Nos. 820 e 821, ♂♂, Franca, Estado de São Paulo, Drehr col., 1902.
N.º 6160, ♀, Campestre, município de Lins, Est. São Paulo, 1941.

Oryzomys laticeps intermedius (Leche)

Hesperomys laticeps var. *intermedius* LECHE, 1885, Zoological Jahrbucher, I, pg. 693.
Oryzomys laticeps intermedius GYLDENSTOLPE, 1932, A Manual of Neotropical Sigmodont Rodents, pg. 18; idem, ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, pg. 351.

LOCALIDADE TÍPICA: Taquara, Rio Grande do Sul.

Partes superiores de coloração parda muito escura, tornando-se muito mais clara nos lados do corpo.

Partes inferiores quase inteiramente brancas, apenas com algumas manchas amareladas no mento e no ventre.

Dimensões: N.º 2690, ♂, cabeça e corpo 120; cauda 125; pé 34; crânio: comprimento total 37; comprimento côndilo basal 35; largura zigomática 20; constrição interorbital 7; largura da caixa craniana 15; série molar superior 6.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 2690, ♂, Estado de São Paulo, oferta do Inst. Paulista de Biologia, 1908 (pele cheia).
N.º 7050, ♂, Dois Córregos, Estado de São Paulo; oferta dr. Della Serra, 1950 (pele aberta).

Oryzomys flavescens (Waterhouse)

Mus flavescens WATERHOUSE, 1937, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 19.
Hesperomys (Calomys) longicaudatus H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 19.
Oryzomys flavescens GYLDENSTOLPE, 1932, A Manual of Neotropical Sigmodonts Rodents, pg. 24; ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, pg. 350.

LOCALIDADE TÍPICA: Maldonado, Uruguai.

Espécie de pequeno porte e grande cauda, muito comum no sul do Brasil.

Coloração das partes superiores pardo-escuro, mesclado de amarelo, que é mais vivo nos flancos.

Partes inferiores branco-amareladas, sendo os pêlos de bases escuras.

Orelhas pequenas recobertas de pêlos pardacentos; pés anteriores e posteriores recobertos de pêlos brancos.

Cauda longa, excedendo bem o comprimento da cabeça e do corpo, parda na parte superior e esbranquiçada na inferior.

Dimensões: N.º 1120, ♀, cabeça e corpo 96; cauda 110; crânio: comprimento total 27; comprimento côndilo basal 24; largura zigomática 15; constrição interorbital 5; largura da caixa craniana 7; série molar superior 5.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Nos. 99 e 101, São Lourenço, Rio Grande do Sul, Ensen col., 1896 (peles cheias).
Nos. 1427, 3013, 3027 e 7453, ♀ ♀, Ilha de S. Sebastião, S. Paulo, 1903 e 1952.
Nos. 1117, 1119, 1120, ♂ ♂, Itararé, São Paulo, Garbe col., 1903.
N.º 1026, ♀, Iguape, São Paulo, 1903.
N.º 2072, ♀, Campos do Jordão, São Paulo, 1905.

Oryzomys eliurus (Wagner)

Hesperomys eliurus WAGNER, 1845, Archiv fur Naturgeschichte, XI, n.º 1, pg. 147.
Hesperomys pygmaeus WAGNER, 1845, Archiv fur Naturgeschichte, pg. 147; PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 69 (Ipanema, São Paulo).
Oryzomys eliurus GYLDENSTOLPE, 1932, A Manual of Neotropical Sigmodont Rodents, pg. 12; idem, ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, pg. 350.

LOCALIDADE TÍPICA: Ipanema, São Paulo.

Como o precedente, é de pequeno porte e cauda muito comprida. Coloração das partes superiores pardo-alaranjadas, mais escura no dorso e mais clara nos lados do corpo.

Partes inferiores branco-acinzentadas, ligeiramente lavadas de oliváceo.

Dimensões: N.º 3747, ♂, cabeça e corpo 98; cauda 115; pé 24; crânio: comprimento total 26; comprimento côndilo basal 25; largura zigomática 14; constrição interorbital 4; largura da caixa craniana 6; série molar superior 5.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

- N.º 1787, Alto da Serra, Estado de São Paulo, Gunther col., 1905 (pele cheia).
 Nos. 1845, ♂ e 1846, ♀, Ubatuba, Estado de São Paulo, Garbe col., 1905.
 N.º 1912, ♀, rio Feio, Estado de São Paulo, Gunther col., 1905.
 Nos. 2128 e 1167, ♀ ♀, Campos do Jordão, Estado de S. Paulo, Luderwaldt col., 1906.
 N.º 3747, ♂, São Miguel Arcanjo, Estado de São Paulo, Lima col., 1929.
 N.º 4147, ♂, Mogi das Cruzes, Estado de São Paulo, 1932.
 Nos. 614, 6149 e 6309, ♂ ♂, Butantã, Estado de São Paulo, 1944.

Gênero AKODON Meyer

Akodon MEYER, 1833, Verh. Kaiserl. Leopold. Carol. Akad. Wissenschaft, XVI, pt. II, pg. 599.

TIPO: *Akodon boliviensis* Meyer

Ratos em geral pequenos, de focinho mais ou menos pontudo e cauda relativamente curta, bem menor que o comprimento da cabeça e do corpo reunidos.

Pêlos curtos, espessos e sedosos; coloração sempre uniformemente parda ou acinzentada. Fêmeas com oito mamas.

Crânio delicado; caixa craniana estreita; arcada zigomática estreita e delgada; constrição interorbital relativamente larga; palatal curto, ao nível dos últimos molares; bulas timpânicas pequenas.

Compreende para mais de oitenta espécies e subespécies distribuídas desde a Patagonia até o Perú.

As espécies brasileiras são todas das regiões centrais e meridionais.

No Estado de São Paulo são conhecidas seis formas: *Akodon cursor*, *Akodon serrensis serrensis*, *Akodon obscurus*, *Akodon lasiotis*, *Akodon nigrita* e *Akodon subterraneus*.

Akodon arviculoides cursor (Winge)

- Habrothrix cursor* WINGE, 1885, E. Museo Lundii, I, n.º 3, pg. 25.
Hesperomys orobinus PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 72 (Ipanema, Estado de São Paulo).
Hesperomys (Habrothrix) orobinus H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 20.
Akodon arviculoides cursor GYLDENSTOLPE, 1932, A Manual of Neotropical Sigmodont Rodents, pg. 101; idem, ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, pg. 410.

LOCALIDADE TÍPICA: Lagoa Santa, Minas Gerais.

Pelagem macia; colorido geral das partes superiores pardo, mesclado de cinza; lados do corpo mais pardacentos.

Partes inferiores esbranquiçadas e amareladas, sendo os pêlos ventrais cor de ardósia nas bases.

Membros anteriores e posteriores pardacentos. Cauda mal atingindo a nuca quando dobrada sobre o dorso e escassamente revestida de pêlos.

Orelhas nuas e pardacentas.

Muito comum tanto no litoral como no interior do Estado de São Paulo.

Dimensões: N.º 2910, ♂, cabeça e corpo 120; cauda 74; pé 25; crânio: comprimento total 31; comprimento côndilo basal 27; arcada zigomática 15; comprimento dos nasais 7; largura da caixa craniana 12; constricção interorbital 6; série molar superior 5.

N.º 2908, ♂, cabeça e corpo 120; cauda 74; pé 25; crânio: comprimento total 30; comprimento côndilo basal 27; arcada zigomática 15; comprimento dos nasais 11; largura da caixa craniana 10; constricção interorbital 6; série molar superior 5.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

- N.º 57, Piquete, Estado de São Paulo, 1896 (pele cheia).
 Nos. 562 e 1718, ♂ ♂, Piracicaba, Estado de São Paulo (peles cheias).
 N.º 582, ♀, Bauriü, Estado de São Paulo, Garbe col., 1911 (pele cheia).
 N.º 849, ♀, Serra da Cantareira, Estado de Paulo (pele cheia).
 Nos. 1108 e 1114, ♂ ♂, Itararé, Estado de São Paulo (peles cheias).
 N.º 1179, ♂, Iguape, Estado de São Paulo (pele cheia).
 N.º 1274, ♂, rio Paranapanema, Estado de São Paulo (pele cheia).
 Nos. 1184 e 6280, ♂ ♂, Ubatuba, Estado de São Paulo (peles cheias).
 N.º 1943, ♂, rio Feio, Estado de São Paulo (pele cheia).
 Nos. 2908, 2909, ♂ ♂ e 2910, ♀, Franca, Estado de São Paulo (peles cheias).
 Nos. 2067, 2068, 2069, ♂ ♂, 2070 e 2072, ♀ ♀, Campos do Jordão, Est. de São Paulo.
 Nos. 6388, 6389, 6390 e 6391, ♂ ♂; 6400, 6401 e 6402, ♀ ♀, Butantã, Estado de São Paulo, oferta do Instituto Butantã, 1944 (peles cheias).
 N.º 6444, ♂, Boracéia, Estado de São Paulo, 1946 (pele cheia).
 N.º 6690, ♀, São Paulo, Capital, 1947 (pele cheia).

Akodon subterraneus (Hensel)

- Hesperomys subterraneus* HENSEL, 1873, Abhandl. K. Akad. Wissench., Berlin, pg. 44.
Thaptomys subterraneus GYLDENSTOLPE, 1932, A Manual of Neotropical Sigmodont Rodents, pg. 117.
Akodon subterraneus ELLERMAN, 1940, The Familien and Genera of Living Rodents, vol. II, pg. 414.

LOCALIDADE TÍPICA: Taquara, norte do Estado do Rio Grande do Sul.

De pequeno tamanho como a espécie precedente e de cauda bastante curta.

Partes superiores de coloração pardo-escura; mancha ocrácea mal definida sobre o dorso; cabeça ligeiramente mais acinzentada.

Partes inferiores cinza ordósia uniforme; região ventral levemente pardacenta.

Dimensões: N.º 2169, ♂, cabeça e corpo 85; sauda 43; pé posterior 11; crânio: comprimento total 25; comprimento côndilo basal 24; largura zigomática 16; constrição interorbital 5; largura da caixa craniana 7; série molar superior 5.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Nos. 2129 e 2132, ♂♂, Campos do Jordão, São Paulo; Luderwaldt col., 1906 (peles cheias).
N.º 2169, ♂, Campos do Itatiaia, São Paulo; Luderwaldt col., 1906 (pele cheia).
N.º 1719, ♀, Piracicaba, São Paulo, Garbe col., 1905.

Akodon nigrita (Lichtenstein)

Mus nigrita LICHTENSTEIN, 1829, Darstellung Nauer Säugethiere, VII, pl. XXXV, fig. 1.
Hesperomys fuliginosus PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 70 (Ipanema, São Paulo).
Hesperomys (Habrothrix) fuliginosus H. IHERING, 1894, Ds Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 20.
Thaptomys nigrita GYLDENSTOLPE, 1932, A Manual of Neotropical Sigmodont Rodents, pg. 117.
Akodon nigrita ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, pg. 414.

LOCALIDADE TÍPICA: Rio de Janeiro.

Espécie de pequenas dimensões e adaptada à vida subterrânea; pelagem curta, espessa e sedosa; cauda muito curta e com raros pêlos, quase imperceptíveis.

Unhas bem desenvolvidas, principalmente as dos dedos dos pés anteriores, próprias para escavar.

Coloração das partes superiores pardo-olivácea mesclada de ocráceo, mais escura ao londo do dorso; partes inferiores pardas, mescladas de ardósia, principalmente na região ventral.

Dimensões: N.º 1780, ♀, cabeça e corpo 100; cauda 40; pé posterior 19; crânio: comprimento total 24; comprimento côndilo basal 17; largura zigomática 12; constrição interorbital 5; largura da caixa craniana 10; série molar superior 5.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 1115 e 1116, ♀♀; Itararé, Estado de São Paulo, Garbe col., 1903 (pelas cheias).
Nos. 1780 e 1789, ♀♀; Alto da Serra, Estado de São Paulo, Gunther col., 1905 (peles cheias).
Nos. 2135 e 2136, ♂♂; 2131, a 2133, ♀♀; Campos do Jordão, Estado de São Paulo; Luderwaldt col., 1906 (peles cheias).
N.º 3159, Apiaí, Estado de São Paulo, Garbe col., 1914 (pele cheia).
Nos. 6410 e 6412, ♂♂, Cantareira e Butantã, São Paulo, Capital, oferta, 1944 (peles cheias).
N.º 6045, ♂, Boracéia, Estado de São Paulo, Dente col., 1946.

Akodon lasiotis (Lund)

Mus. lasiotis LUND, 1847, K. Dansk. Vidensk Selsk. Afhandl., VIII, pg. 280.
Thalpomys lasiotis GYLDENSTOLPE, 1932, A Manual of Neotropical Sigmodont Rodents, pg. 115.
Akodon lasiotis ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, pg. 414.

LOCALIDADE TÍPICA: Lagoa Santa, Minas Gerais.

De pequeno tamanho, pelagem mais áspera que a das precedentes espécies; orelhas relativamente grandes.

Colorido geral das partes superiores pardo ocráceo, mesclado de cinzento. Lados do corpo mais claros; partes inferiores branco-acinzentadas.

Dimensões: N.º 3742, ♀, cabeça e corpo 70; cauda 62; pé posterior 16.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 3742, ♀, Brauna, Est. Ferro Noroeste, São Paulo; Lima col., VII-1928 (pele cheia, sem crânio).

Akodon serrensis serrensis Thomas

Akodon serrensis THOMAS, 1902, Annals and Magazine of Natural History, série 7, vol. 9, pg. 61.

Akodon serrensis GYLDENSTOLPE, 1932, A Manual of Neotropical Rodents, pg. 104; idem, ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. II, pg. 412.

LOCALIDADE TÍPICA: Roça Nova, serra do Mar, Paraná.

Menor que a precedente espécie *A. arviculoides*; partes superiores uniformemente cinza mesclada de pardacento e oliváceo.

Lados pardacentos, tornando-se ocráceo nas partes inferiores.

Garganta, peito e ventre ocráceos. Membros anteriores e posteriores da mesma cor do dorso.

Cauda quase tão longa quanto o corpo e quase despida de pêlos.

Dimensões: n.º.1794, ♂, cabeça e corpo 110; cauda 84; pé posterior 22; crânio: comprimento total 30; comprimento côndilo basal 21; arcada zigomática 25; comprimento dos nasais 12; largura da caixa craniana 12; constrição interorbital 6; série molar superior 5.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 1277, ♂, São Sebastião, São Paulo, Garbe col., 1903 (pele cheia).

N.º 1850, ♀, Ubatuba, Gunther col., 1905 (pele cheia).

Nos. 1772, 1773, 1774, 1775, 1794 e 1795, ♂ ♂, Alto da Serra, São Paulo, Garbe col., 1905 (peles cheias).

Nos. 2122, 2124, 2125, ♂ ♂; 2923, ♀, Campos do Jordão, São Paulo; Luderwaldt col., 1906 (peles cheias).

N.º 6548, ♀, São Francisco Xavier, Serra da Mantiqueira, Dente col., 1944 (pele cheia).

Nos. 6567, 6568 e 6569, ♀ ♀, Pinhalsinho, m. Bragança, Lima col., 1945 (peles cheias).

Gênero *OXYMYCTERUS* Waterhouse

Oxymycterus WATERHOUSE, 1837, Proceedings of Zoological Society of London, pg. 21.

TIPO: *Mus nasutus* Waterhouse.

Caracterizado pelo focinho pontudo e móvel, são ratos pequenos de pelagem espessa e macia, adaptados à vida terrícola, cavando buracos, onde se abrigam. Para isso possuem robustos pés com dedos munidos de pontudas e recurvas unhas.

Crânio delgado e estreito com rosto comprido formado de nasais alongados que se estreitam nas extremidades. Caixa craniana um tanto comprida e arredondada; palatal estreito e curto; arcadas zigomáticas finas e não muito altas anteriormente; bulas timpânicas pequenas.

Gênero bastante homogêneo, compreende cerca de vinte espécies, das quais apenas oito tem sido encontradas até agora no Brasil.

Destas apenas cinco são conhecidas em território do Estado de São Paulo: *O. nasutus*, *O. hispidus*, *O. quaestor*, *O. rostellatus* e *O. rufus*.

Oxymycterus nasutus (Waterhouse)

Mus nasutus WATERHOUSE, 1837, Proceedings of Zoological Society of London, pg. 16.

Oxymycterus nasutus PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 74 (Ipanema, São Paulo).

Hesperomys (Oxymycterus) nasutus H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 20.

Oxymycterus nasutus GYLDENSTOLPE, 1932, A Manual of Neotropical Sigmodont Rodents, pg. 74; idem, ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, pg. 422.

LOCALIDADE TÍPICA: Maldonado, Uruguai.

Colorido geral das partes superiores castanho-escuro ao longo do dorso; pardo na cabeça e flancos.

Partes inferiores pardo-amareladas, esbranquiçadas no mento, garganta e peito. Membros anteriores e posteriores, pardos.

Dimensões: n.º 2497, ♂, cabeça e corpo 150; cauda 85; pé posterior 25; crânio: comprimento total 56; comprimento côndilo basal 32; arcada zigomática 15; comprimento dos nasais 12; largura da caixa craniana 12; constrição interorbital 6; série molar superior 5.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 573, ♀, Entre Rios, República Argentina, 1896 (pele cheia).

N.º 2160, ♂, Campos do Itatiaia, São Paulo, 1916 (pele cheia).

N.º 2497, ♂, Castro, Paraná, Garbe col., 1907 (pele cheia).

Oxymycterus hispidus Pictet

Oxymycterus hispidus PICTET, 1843, Memoires de la Societé Physique et d'Histoire Naturelle de Genève, X, pg. 212; idem, GYLDENSTOLPE, 1932, A Manual of Neotropical Sigmodont Rodents, pg. 131; idem, ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, pg. 421.

LOCALIDADE TÍPICA: Bahia.

De tamanho relativamente grande comparado com as outras espécies deste gênero, seu colorido é uniformemente pardo ocráceo desde a nuca até a região lombar; cabeça e focinho de tom mais acinzentado.

Partes inferiores acinzentadas, lavadas de amarelado; mento esbranquiçado. Cauda relativamente comprida, revestida de curtos pêlos em toda sua extensão, formando ligeiro tufo nas extremidades.

Dimensões: n.º 1956, ♂, comprimento total 170; cauda 130; pé

posterior 35; crânio: comprimento total 140; comprimento côndilo basal 36; arcada zigomática 18; comprimento dos nasais 14; largura da caixa craniana 16; constrição interorbital 8; série molar superior 7.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Nos. 1955, 1956 e 1960, ♂♂; 1959, ♀; Ilha Grande, Estado do Rio de Janeiro, Garbe col., 1905 (peles cheias e crânios).
Nos. 3203 e 3204, ♀♀; São Sebastião, Estado de São Paulo, Gunther col., 1905 (peles cheias e crânios).

Oxymycterus quaestor Thomas

Oxymycterus quaestor THOMAS, 1903, Annals and Magazine of Natural History, série 7, vol. 11, pg. 226; idem, GYLDENSTOLPE, 1932, A Manual of Neotropical Sigmodont Rodents, pg. 131; idem, ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. II, pg. 422.

LOCALIDADE TÍPICA: Roça Nova, Paraná.

Uma das maiores espécies brasileiras. Coloração das partes superiores castanho-amareladas, passando gradualmente a pardo-avermelhado nos flancos e na região da base da cauda. Alto da cabeça mais escuro que o dorso.

Orelhas grandes e revestidas de finos pêlos quase negros.

Mento amarelo-esbranquiçado, peito e ventre ocráceos; membros anteriores e posteriores castanho nas faces superiores e amarelados nas inferiores.

Cauda relativamente comprida e revestida de finos pêlos escuros.

Dimensões: n.º 1275, ♂, cabeça e corpo 150; cauda 120; pé posterior 36; crânio: comprimento total 41; comprimento côndilo basal 34; arcada zigomática 17; comprimento dos nasais 15; largura da caixa craniana 15; constrição interorbital 6; série molar superior 6.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Nos. 1275 e 1276, ♂♂, rio Paranapanema, Estado de São Paulo, 1903 (peles cheias).
N.º 3740, ♂, Icatú, Estrada Noroeste, Estado de São Paulo, Lima col., 1928 (pele cheia).

Oxymycterus rostellatus (Wagner)

Hesperomys (Oxymycterus) rostellatus WAGNER, 1842, Archiv. fur Naturgeschichte. I, VIII, pg. 361.
Oxymycterus rostellatus GYLDENSTOLPE, 1932, A Manual of Neotropical Sigmodont Rodents, pg. 128; idem, ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, pg. 422.

LOCALIDADE TÍPICA: Bahia.

Tamanho médio. Colorido geral das partes superiores castanho-escuro, mesclado de pêlos cinza e amarelados.

Partes inferiores amarelo-ferrugíneas, mais vivo no ventre; mento e peito esbranquiçados; cauda curta, revestida de escuros pêlos; par-dacenta na face superior e esbranquiçada na inferior.

Dimensões: n.º 6408, ♀; cabeça e corpo 160; cauda 80; pé posterior 25.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Nos. 6407, 6408 e 6443, ♀ ♀; Butantã, São Paulo, oferta do Instituto Butantã, 1944 (peles cheias, sem crânios).

Oxymycterus rufus (Desmarest)

Mus. rufus DESMAREST, 1819, Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle; 2e. edit.; art. Rat; pg. 23.

Oxymycterus rufus PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 75; idem, GYLDENSTOLPE, 1932, A Manual of Sigmodont Rodents, pg. 129; idem, ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. II, pg. 422.

LOCALIDADE TÍPICA: Paraguai.

Partes superiores de colorido pardo-ferrugíneo vivo; dorso, da nuca à base da cauda, castanho; flancos ferrugíneos.

Partes inferiores pardo-amareladas, com manchas ferrugíneas no peito e no ventre.

Membros anteriores e posteriores pardo-escuros. Cauda relativamente curta, inteiramente pardo-escura.

Dimensões: n.º 569, ♂., cabeça e corpo 150; cauda 110; pé posterior 58; crânio: comprimento total 40; comprimento côndilo basal 37; largura zigomática 16; constrição interorbital 5; comprimento dos nasais 12; série molar superior 7.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 577, Perus, m. São Paulo (Capital), 1896 (pele cheia).

N.º 632, São Sebastião, Estado de São Paulo ((pele cheia).

Nos. 569, 845 e 846, ♂ ♂, Colônia Hansa, Santa Catarina, 1903 (peles cheias).

Gênero **MICROXUS** Thomas

Microxus THOMAS, 1909, Annals and Magazine of Natural History, série 8, vol. 4, pg. 237.

TIPO: *Oxymycterus minimus* Thomas.

Cauda menor que o comprimento da cabeça e corpo; pêlos do corpo espessos e sedosos; olhos reduzidos; orelhas curtas, arredondadas e revestidas de pêlos.

Pés pequenos e fracos; unhas também fracas e não adaptadas à vida terrícola. Fêmeas com seis mamas.

Crânio muito delgado; rosto mais ou menos pontudo; caixa craniana grande e arredondada; arcada zigomática muito estreita e delgada; bulas timpânicas relativamente grandes.

Compreende seis espécies, das quais somente *M. iheringii* ocorre no Estado de São Paulo.

Microxus iheringii (Thomas)

Oxymycterus iheringii THOMAS, 1896, Annals and Magazine of Natural History, série 6, vol. 18, pg. 308.

Microxus iheringii GYLDENSTOLPE, 1932, A Manual of Neotropical Sigmodont Rodents, pg. 134; idem, ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. II, pg. 419.

LOCALIDADE TÍPICA: Taquara do Mundo Novo, Rio Grande do Sul.

Pelagem espessa e macia; orelhas curtas, arredondadas e pardacentas.

Colorido geral das partes superiores uniformemente pardo-acinzentadas; cabeça mais pardacenta e região lombar ligeiramente mais escura.

Partes inferiores pardo-amareladas, mais pardacentas nos flancos e no ventre.

Dimensões: N.º 2162, ♂, cabeça e corpo 120; cauda 75; pé posterior 25; crânio: comprimento total 35; comprimento côndilo basal 30; arcada zigomática 14; comprimento dos nasais 13; largura da caixa craniana 14; constrição interorbital 6; série molar superior 5.

EXEMPLÁRES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 572, São Lourenço, Rio Grande do Sul, Enslin col., 1897 (pele cheia).

Nos. 2073 e 2074, ♀♀, Campos do Jordão, São Paulo, Luderwaldt col., 1905 (peles cheias).

Gênero ZYGODONTOMYS J. A. Allen

N.º 2162, ♂, Campos do Itatiaia, São Paulo, Luderwaldt col., 1906 (pele cheia).

Zygodontomys J. A. ALLEN, 1897, Bulletin of American Museum of Natural History, IX, pg. 38.

TIPO: *Oryzomys cherrie* J. A. Allen.

Assemelha-se no aspecto geral aos ratos do gênero *Akodon*, sendo todos de hábitos terrícolas e de colorido pardacento.

Tamanho médio, pelagem áspera; orelhas de regular tamanho, mais ou menos arredondadas; cauda curta, menor que o comprimento da cabeça e do corpo; pés pequenos; unhas fracas. Fêmeas com oito mamas.

Crânio robusto; região interorbital larga; arcada zigomática fortemente arqueada; palatal alongado, projetando-se além da série molar superior; bulas timpânicas não dilatadas.

Somente uma espécie é conhecida dentro dos limites do Estado de São Paulo.

Zygodontomys lasiurus (Lund)

Mus lasiurus LUND, 1841, K. Dansk Vidensk Selsk Afhandl., VIII, pg. 50.

Zygodontomys lasiurus GYLDENSTOLPE, 1932, A Manual of Neotropical Sigmodont Rodents, pg. 113; idem, ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. II, pg. 418.

LOCALIDADE TÍPICA: Lagoa Santa, Minas Gerais.

Colorido das partes superiores pardo ocráceo, ligeiramente mesclado de cinzento. Os flancos e a região lombar até a base da cauda são mais nitidamente ocráceos.

Partes inferiores cinza-esbranquiçadas com tons ligeiramente côr de arsósia. Membros anteriores e posteriores ocráceos na parte superior e cinza nas inferiores; pés e mãos pardacentos.

Cerdas labiais muito finas, pouco perceptíveis.

Dimensões: N.º 210, ♀, cabeça e corpo 115; cauda 75; pé posterior 24; crânio: comprimento total 29; comprimento côndilo basal 27; largura zigomática 14; comprimento dos nasais 5; largura da caixa craniana 7; constrição interorbital 6; série molar superior 5.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 210, ♀, Ipiranga, São Paulo, Pinder col., 1897.

N.º 557, ♂, Piracicaba, São Paulo, Pinder col., 1897.

Gênero **THOMASOMYS** Coues

Thomasomys COUES, 1884, American Naturalist, XVIII, pg. 1275.

TIPO: *Hesperomys (Rhipidomys) cinereus* Thomas.

De tamanho médio, cauda tão longa quanto a cabeça e o corpo, revestida de pêlos muito curtos entre os anéis, que são bem nítidos.

Orelhas curtas e arredondadas; pelagem curta e macia, sempre de colorido sombrio; pés alongados com dedos munidos de unhas não muito fortes.

Crânio robusto, alongado e de rostro comprido; caixa craniana bem desenvolvida e arredondada; arcada zigomática estreita e fortemente levantada anteriormente; palatal curto e largo.

Compreende grande número de formas na América do Sul, das quais somente uma é constatada no Estado de São Paulo.

Thomasomys dorsalis collinus (Thomas)

Delomys dorsalis collinus THOMAS, 1917, Annals and Magazine of Natural History, série 8, vol. 20, pg. 197; idem, GYLDENSTOLPE, 1932, A Manual of Neotropical Sigmodont Rodents, pg. 61.

Thomasomys dorsalis collinus ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. II, pg. 369.

LOCALIDADE TÍPICA: Itatiaia, Estado do Rio de Janeiro.

Colorido das partes superiores pardo murino, fortemente acinzentado ao longo do dorso.

Flancos pardacentos e partes inferiores branco-acinzentadas, principalmente na região ventral.

Orelhas mais pardo-escuras e membros anteriores e posteriores pardacentos.

Dimensões: N.º 1777, ♂, cabeça e corpo 130; cauda 132; pé posterior 31; crânio: comprimento total 31; comprimento côndilo basal 30; largura zigomática 17; comprimento dos nasais 12; largura da caixa craniana 14; constrição interorbital 6; série molar superior 6.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Nos. 751, 1776, 1777, 1778, ♂ ♂; 1779, 1780 e 1797, ♀ ♀; Alto da Serra, São Paulo, Gunther col., 1905 (peles cheias).

Nos. 2104, 2107, 2109, ♂ ♂; 2110, ♀; Campos do Jordão, Estado de São Paulo, Luderwaldt col., 1900 (peles cheias).

Nos. 2499 e 2500, Monte Alegre, Paraná, Garbe col., 1907 (peles cheias).

Nos. 6370 e 6425, Cantareira, São Paulo, oferta, 1944 (peles cheias).

Gênero **HESPEROMYS** Waterhouse

Hesperomys WATERHOUSE, 1839, Zool. Voy. Beagle, Mammalogie, pg. 75.

TIPO: *Mus bimaculatus* Waterhouse.

De pequeno tamanho; pelagem curta e macia; cauda em geral curta, menor ou apenas do comprimento da cabeça e corpo juntos. Pés fracos e orelhas relativamente pequenas.

Crânio composto de ossos delgados; arcadas zigomáticas fracas; interparietais grandes; palatinos excedendo os últimos molares.

Sòmente *Hesperomys tener* é conhecido no Estado de São Paulo.

Hesperomys tener Winge

Hesperomys tener WINGE, 1888, E. Museo Lundii, n.º 3, pg. 15.

Hesperomys tener GYLDENSTOLPE, 1932, A Manual of Neotropical Sigmodont Rodents, pg. 15.

LOCALIDADE TÍPICA: Lagoa Santa, Estado de Minas Gerais.

Coloração geral pardo-escuro, ligeiramente mesclada de amarelo. Partes superiores pardas, mais escuras ao longo do dorso; cabeça acinzentada; cerdas labiais pretas.

Flancos amarelados; ventre e peito esbranquiçados; membros anteriores e posteriores pardacentos.

Dimensões: n.º 6561, ♂, cabeça e corpo 90; cauda 120; pé posterior 24; crânio: comprimento total 26; comprimento côndilo basal 23; largura zigomática 14; comprimento dos nasais 10; largura da caixa craniana 11; constrição interorbital 4; série molar superior 4.

N.º 6273, ♀, cabeça e corpo 90; cauda 120; pé posterior 25; crânio: comprimento total 25; comprimento côndilo basal 22; largura zigomática 12; comprimento dos nasais 9; largura da caixa craniana 11; constrição interorbital 4; série molar superior 4.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 561, ♂, Piracicaba, São Paulo, 1902 (pele cheia).

N.º 592, ♀, Itatiba, São Paulo, Lima col., 1902 (pele cheia).

Nos. 3771 e 3772, Brama, Noroeste, São Paulo, Lima col., 1928 (peles cheias).

N.º 6421, Tietê, São Paulo, Oferta Butantã, 1944 (pele cheia).

N.º 6561, ♂, Pinhalsinho, m. Bragança, São Paulo, Lima col., 1945 (pele cheia).

Nos. 6444, 6371 e 6373, ♀♀, Butantã, oferta do Butantã, 1944 (peles cheias).

Gênero **RHIPIDOMYS** Tschudi

Rhipidomys TSCHUDI, 1844, Fauna Peruana, Mammalogie, pg. 283.

TIPO: *Hesperomys leucodactylus* Tshudi.

Roedores grandes ou de tamanho médio, com cauda muito longa que excede bastante o comprimento da cabeça e corpo, munida de pequeno tufo de pêlos na extremidade. Cerdas muito longas nos lábios e bochechas.

Caixa craniana relativamente grande e arredondada; região inter-orbital larga e achadata; palatais curtos; bulas timpânicas pequenas.

Adaptados à vida arbórea, tem pés robustos, munidos de dedos com unhas curtas e recurvas.

Do grande número de espécies distribuídas pela América do Sul, apenas três são conhecidas no Brasil. Destas somente *Rhipidomys mastacalis* tem sido encontrada no Estado de São Paulo.

Rhipidomys mastacalis (Lund)

Mus mastacalis LUND, 1841, K. Danske Vidensk Selsk. Afhandl., VIII, pg. 240.

Rhipidomys mastacalis GYLDENSTOLPE, 1932, A Manual of Neotropical Sigmodont Rodents, pg. 49; ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. II, pg. 365.

LOCALIDADE TÍPICA: Lagoa Santa, Minas Gerais.

De tamanho médio; colorido das partes superiores fulvo ao longo do dorso e alto da cabeça, tornando-se acinzentado nos flancos. As longas cerdas dos lábios são pretas.

Partes inferiores inteiramente brancas; mãos e pés pardacentos.

Dimensões: n.º 880, ♂, cabeça e corpo 100; cauda 145; pé posterior 25; crânio: comprimento total 32; comprimento côndilo basal 31; largura zigomática 17; comprimento dos nasais 12; constricção interorbital 5; comprimento palatilar 14; série dos molares superiores 5.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 880, ♂, São Sebastião, São Paulo, 1903 (pele cheia).

Família MURIDAE

Como os ratos da precedente família, não possuem premolares, mas somente três verdadeiros molares de cada lado, cujas cúspides são dispostas em três filas longitudinais.

$$\text{Fórmula dentária: } i \frac{1}{1} c \frac{0}{0} m \frac{3}{3} = 16$$

É representada na América do Sul unicamente por espécies exóticas importadas do Velho Mundo e espalhadas por tôdas as regiões atualmente habitadas do continente.

Gênero RATTUS Fischer

Rattus FISCHER, 1803, Das Nationalmuseum der Naturgeschichte zu Paris, vol. II, pg. 128.

TIPO: *Mus decumanus* Pallas = *Mus norvegicus* Berkenhout.

Gênero cosmopolita, compreende para mais de 500 espécies distribuídas por quase tôdas as regiões do globo.

No Brasil aclimataram-se apenas três espécies, das quais, tôdas elas encontradas no Estado de São Paulo.

Rattus norvegicus norvegicus (Berkenhout)

Ratazana, Rato-de-esgoto.

- Mus norvegicus* BERKENHOUT, 1769, Outlines Nat. Hist. Great Britain & Ireland, I, pg. 5.
Mus decumanus PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 75; idem, GOELDI, 1893, Os Mamíferos do Brasil, pg. 80; idem, H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 21.
Rattus norvegicus norvegicus ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. II, pg. 183.

LOCALIDADE TÍPICA: Grã Bretanha.

É esta a maior das formas de rato doméstico existente no Brasil. Colorido das partes superiores pardo acinzentado; longos pêlos pretos ao longo do dorso. Partes inferiores cinza-esbranquiçadas, claro no ventre.

Cauda alcançando apenas a nuca, quando dobrada sôbre o dorso.

Dimensões: N.º 6828, ♂, cabeça e corpo 250; cauda 227; pé 48; crânio: comprimento total 50; comprimento côndilo basal 48; largura zigomática 28; comprimento dos nasais 20; constrição interorbital 7; série molar superior 7.

Dimensões: N.º 1793, ♂, cabeça e corpo 225; cauda 170; pé 42; crânio: comprimento total 46; comprimento côndilo basal 42; largura zigomática 22; comprimento dos nasais 20; constrição interorbital 6; série molar superior 6.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Nos. 4, 60, 92, 142, 1793 e 4284, ♂ ♂; 6362, 6363, 6380, 6386 e 6823, ♀ ♀; São Paulo, Capital (peles cheias).

Rattus rattus rattus (Linnaeus)

Rato de casa

- Mus rattus* LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., vol. I, pg. 61.
Mus rattus H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 21.
Rattus rattus rattus ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. II, pg. 174.

LOCALIDADE TÍPICA: Upsala, Suécia.

Espécie menor que a precedente, distingue-se imediatamente em ter o focinho mais aguçado e a cauda muito mais comprida, excedendo a extremidade do focinho quando dobrada sôbre o dorso.

Partes superiores variando do preto ardósia ao cinza-pardacento. Partes inferiores uniformemente cinzentas.

Dimensões: n.º 6378, ♂, cabeça e corpo 180; cauda 100; pé 35; crânio: comprimento total 43; comprimento côndilo basal 41; largura zigomática 20; comprimento dos nasais 16; constrição interorbital 6; série molar superior 7.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 67, Ilha de São Sebastião, Est. de São Paulo.

Nos. 68 e 69, Piquete, Est. São Paulo.

N.º 158, Itapetininga, Est. São Paulo.

N.º 3809, Valparaízo, Est. São Paulo.

N.º 3808, Araraquara, Est. São Paulo.

Nos. 6436, 6437, 6377 e 6378, ♂ ♂, São Paulo, Capital.

Rattus rattus alexandrinus (E. Geoffroy)

Mus alexandrinus E. GEOFFROY, 1803, Catalogue des Mammifères du Museum d'Histoire Naturelle de Paris, pg. 192.

Mus alexandrinus H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 21.

Rattus rattus alexandrinus ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. II, pg. 175.

LOCALIDADE TÍPICA: Alexandria, Egito.

Semelhante ao precedente nas dimensões do corpo e da cauda, diferindo porém no colorido do dorso e das partes inferiores.

Partes superiores pardo-acinzentadas, bem mais claras que as da precedente raça; partes inferiores contrastando vivamente com a coloração branco-amarelada das partes inferiores.

Dimensões: N.º 6381, ♀; cabeça e corpo 160; cauda 225; pé 35; crânio: comprimento total 40; comprimento côndilo basal 38; largura zigomática 20; comprimento dos nasais 15; constrição interorbital 6; série molar superior 6.

N.º 6349, ♀; cabeça e corpo 160; cauda 225; pé 25; crânio: comprimento total 40; comprimento côndilo basal 38; largura zigomática 20; comprimento dos nasais 15; constrição interorbital 7; série molar superior 7.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 3823, ♂, Itatiba.

Nos. 6193, 6556, ♂ ♂, Monte Alegre, Estado de São Paulo.

Nos. 6454, 6364, 6381 e 6349, ♀ ♀, São Paulo, Capital.

Gênero **MUS** Linnaeus

Mus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., vol. I, pg. 59.

Como o precedente, este gênero abrange grande numero de espécies das quais somente uma é cosmopolita.

Ratos de diminuto tamanho, caracterizam-se pelas orelhas relativamente bem desenvolvidas, cauda do mesmo comprimento do corpo e cabeça juntos; pelagem macia; mamas em número de 10.

Mus musculus musculus Linnaeus

Camondongo

Mus musculus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., vol. II, pg. 62.

Drymomys musculus PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 73 (Ipanema, Est. São Paulo); idem, H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg.

Mus musculus musculus ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. II, pg. 243.

A coloração geral das partes superiores varia do cinza-ardósia ao cinza-pardacento, sendo sempre mais escura ao longo do dorso; lados do corpo mais claros; passando ao cinza-crème no peito e no ventre.

Dimensões: N.º 6275, ♂; cabeça e corpo 80; cauda 70; pé 16; crânio: comprimento total 20; comprimento côndilo basal 19; largura zigomática 10; comprimento dos nasais 9; constrição interorbital 4; série molar superior 4.

N.º 1854, ♀, cabeça e corpo 80; cauda 70; pé 16; crânio: comprimento total 20; comprimento côndilo basal 19; largura zigomática 10; comprimento dos nasais 9; constrição interorbital 4; série molar superior 4.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Nos. 584, ♂ e 549, ♀, Piracicaba, Est. São Paulo.

Nos. 552, 975, 3211, ♂♂; 6275, 6414 e 6417, ♀♀; São Paulo, Capital.

Nos. 6564, 6565 e 6566, ♂♂; Monte Alegre, Est. São Paulo.

Superfamília ERETHIZONTOIDEA

Família ERETHIZONTIDAE

Pequena família de roedores de formas robustas e pêlos modificados total ou parcialmente em agudos espinhos.

Pés adaptados à vida arbórea; cauda mais ou menos longa e às vezes prensil.

Crânio com ossos frontais muito largos; bulas timpânicas proeminentes; molares munidos de raízes e com dobras reentrantes muito largas.

$$\text{Fórmula dentária: } i \frac{1}{1} \frac{0}{0} c \frac{1}{1} \frac{pm}{0} \frac{1}{1} \frac{m}{1} \frac{3}{3} = 20$$

Largamente distribuída por toda a América, compreende dois gêneros no Brasil: *Chaetomys* e *Coendou*, ocorrendo somente este no Estado de São Paulo.

Gênero COENDOU Lacépède

Coendou LACÉPÈDE, 1799, Tableau des Divisions des Mammifères, pg. 11.

Tipo: *Hystrix prehensilis* Linnaeus (por subsequente designação de Palmer, 1904).

Corpo completamente recoberto de espinhos ou apenas com espinhos entremeados entre os pêlos; pés com quatro dedos munidos de longas e recurvas unhas e largas palmas, adaptados à vida arbórea; pé posterior com polegar rudimentar representado por pequeno tubérculo sem unha; cauda prensil, quase sempre mais curta que o comprimento da cabeça e do corpo, e com a parte superior da extremidade nua, enrolando-se para cima, ao contrário do que em geral acontece com os outros mamíferos de cauda prensil.

Crânio largo, com os frontais entumecidos; nasais curtos e lar-

gamente abertos; palatal largo; bulas timpânicas muito desenvolvidas apresentando grande proeminência; arcadas zigomáticas relativamente fracas.

Compreende cerca de 30 formas, das quais somente *Coendou villosus* existe no Estado de São Paulo.

Coendou villosus (Cuvier)

Nome vulgar: Ouriço-caxeiro

Sphiggurus villosus CUVIER, 1822, Mémoires du Museum, IX, pg. 434.

Cercolabes villosus PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 76; idem, GOELDI, 1893, Os Mamíferos do Brasil, pg. 88 (Rio de Janeiro e Ipanema).

Sphiggurus villosus H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 22.

Coendou villosus ELLERMAN, The Families and Genera of Living Rodents, vol. I, pg. 188.

LOCALIDADE TÍPICA: Brasil.

Colorido geral pardo-acinzentado que se torna mais claro nas partes inferiores. Os espinhos curtos que se entremeiam por entre os compridos pêlos das partes superiores são amarelos, com extremidades pardas; ao longo do dorso, até a metade da cauda, na cabeça e pescoço, predominam espinhos pretos na base e pardos nas extremidades. Mento, garganta e ventre completamente destituídos de espinhos e revestidos somente de curtos e sedosos pêlos pardo-amarelados que se tornam mais rijos e ferrugíneos na região anal e na metade inferior da cauda, cuja extremidade é nua superiormente e revestida de pêlos inteiramente negros. Plantas dos pés negras; compridas cerdas também negras no focinho.

Dimensões: N.º 6282, ♂, cabeça e corpo 365; cauda 328; pé posterior 80; crânio: comprimento total 78; comprimento côndilo basal 74; largura interorbital 24; comprimento palatilar 33; série molar superior 18.

N.º 6283, ♀, cabeça e corpo 350; cauda 265; pé posterior 70; crânio: comprimento total 70; comprimento côndilo basal 67; largura interorbital 24; comprimento palatilar 24; série molar superior 17.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 328, Osasco, São Paulo, J. Lima col., 1899 (pele aberta).

Nos. 1816, 1819, ♂♂; 1818, ♀, Ubatuba, São Paulo, Garbe col., 1905 (peles abertas).

N.º 6271, ♂, m. Assis, Estado de São Paulo, Lima col., 1943 (pele cheia).

Nos. 6282, ♂, e 6283, ♀, Mogi das Cruzes, São Paulo, Lima col., 1943 (peles cheias).

N.º 6677, ♂, Botucatu, São Paulo, Werner col., 1947 (pele cheia).

Superfamília CAVIOIDEA

Família CAVIIDAE

Sub-família HYDROCHOERINAE

Constituída pelos maiores roedores atualmente vivos e com o aspecto de uma gigantesca *Cavia*.

São de hábitos semi-aquáticos, compreendendo a família o único

gênero *Hydrochoerus* de larga distribuição por toda a América do Sul, do Paraná ao norte da Argentina.

Gênero **HYDROCHOERUS** Brisson

Hydrochoerus BRISSON, 1762, Regnum Animale, 2a. ed., pg. 117.

TIPO, por subseqüente designação de Palmer, 1904, *Sus hydrochoerus* Linnaeus.

Cabeça grande; focinho obtuso; orelhas e olhos pequenos; corpo robusto, revestido de pêlos longos e ásperos.

Membros curtos; pés semi-palmados, tendo os anteriores 4 dedos e os posteriores 3, todos munidos de fortes cascos achatados; cauda achatada.

Crânio robusto, constituído por ossos espessos; processo paraoccipital muito desenvolvido; frontais e nasais longos; occipitais muito estreitos; bulas timpânicas relativamente pequenas; palatal muito alongado, estreitando-se anteriormente; arcada zigomática muito reforçada.

Incisivos muito grandes, com leve sulco mediano; molares de diferentes tamanhos, sulcados transversalmente, sendo o último maior.

Duas espécies apenas: *Hydrochoerus hydrochoeris* (Linnaeus), própria da América do Sul, e *Hydrochoerus isthmicus* Goldmann, do Panamá.

Hydrochoerus hydrochoeris hydrochoeris (Linnaeus)

Nome vulgar: Capivara

Sus hydrochoeris LINNAEUS, 1766, Systema 12a. edição, pg. 103.

Hydrochoeris capybara EXRLBEN, 1777, Systema Regnum Animale, pg. 199; idem, PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 78; idem, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 22.

Hydrochoerus hydrochoeris ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. I, pg. 253.

LOÇALIDADE TÍPICA: Pernambuco (Designada por Tate, 1935, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 68, pg. 354).

Colorido geral das partes superiores pardo-castanho, bastante variável com a idade.

Pêlos do dorso muito alongados e ásperos, às vezes bastante ralos. Partes inferiores, pardo-amareladas.

Dimensões cranianas: N.º 3279, ♂, comprimento total 250; comprimento cõndilo basal 220; largura zigomática 145; comprimento dos nasais 90; constrição interorbital 72; comprimento palatilar 68; série molar superior 85.

N.º 2246, ♀, comprimento total 250; comprimento cõndilo basal 220; largura zigomática 130; comprimento dos nasais 90; constrição interorbital 71; comprimento palatilar 70; série molar superior 85.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

- N.º 3116, ♂, rio São Francisco, Pirapora, Minas Gerais, Garbe col., 1913 (pele aberta e crânio).
 N.º 3259, ♀, rio Matipó, Minas Gerais, P. Fonseca col., 1919 (pele aberta e crânio).
 N.º 3786, ♂, rio Piquiri, Mato Grosso, Lima col., 1930 (pele aberta).
 Nos. 679, 2348 e 3279, ♂ ♂, Estado de São Paulo (crânios).
 N.º 2246, ♀, Colatina, Espírito Santo (crânio).

Sub-família CAVIINAE

Constituída por roedores de tamanho médio; formas robustas; cabeça grande; focinho truncado; patas anteriores munidas de quatro dedos, posteriores com três dedos; cauda curtíssima ou inteiramente ausente.

$$\text{Fórmula dentária: } i \frac{1}{1} c \frac{0}{0} m \frac{4}{4} = 20$$

Família exclusivamente neo-tropical, é representada no Brasil pelos gêneros *Cavia*, *Galea* e *Kerodon*, dos quais somente *Cavia* é encontrado no Estado de São Paulo.

Gênero *CAVIA* Pallas

Cavia PALLAS, 1766, Miscellanea Zoológica, pg. 130.

TIPO: *Mus porcellus* Linnaeus.

Tamanho médio; pernas curtas; patas posteriores alongadas e com três dedos munidos de aguçadas unhas; orelhas curtas e arredondadas; coloração quase sempre uniforme.

Crânio robusto; crista sagital desenvolvida nos adultos; bulas timpânicas grandes; palatal muito curto.

Molares superiores divididos em dois lobos, tendo o posterior profundo entalhe externo.

Compreende doze espécies na América do Sul, das quais, apenas três ocorrem no Brasil. No Estado de São Paulo, somente é conhecida *Cavia aperea*, da qual distinguem-se duas raças: *C. aperea aperea* e *C. aperea azarae*.

Cavia aperea aperea Erxleben

Nome vulgar: Preá, Coelho

Cavia aperea ERXLEBEN, 1777, Systema Regni Animalis, I, pg. 348.

Cavia leucopyga BRANDT, 1835, Mémoires Cadem. St. Petesbourg, 6, III, pg. 436; idem,

H. IHERING, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 21.

Cavia aperea aperea ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, pg. 241.

LOCALIDADE TÍPICA: Brasil.

Colorido geral pardo mesclado de cinzento nas partes superiores, tornando-se amarelo-esbranquiçado nas inferiores. Os compridos pêlos que existem ao longo do dorso e por sobre a cabeça e focinho, são

muito escuros; mento pardo-esbranquiçado; peito e ventre amarelo-esbranquiçados; na garganta, uma faixa da mesma cor da nuca, formando um colar; entre esse colar e o peito, uma mancha branca mais nítida nos machos adultos; Pernas da mesma cor do dorso; palmas dos pés anteriores e posteriores, pretas; dedos com unhas fortes e aguçadas.

É a maior forma do gênero, ocorrendo desde Pernambuco, através dos estados de Minas Gerais e Bahia até o interior dos estados do Rio de Janeiro e norte de São Paulo.

Dimensões: N.º 6162, ♂, comprimento total 229; pé posterior 50; crânio: comprimento total 61; comprimento côndilo basal 53; largura zigomática 32; comprimento dos nasais 22; constrição interorbital 15; comprimento palatilar 27; série molar superior 16.

N.º 6163, ♀, comprimento total 229; pé posterior 50; crânio: comprimento total 65; comprimento côndilo basal 55; largura zigomática 38; comprimento dos nasais 20; constrição interorbital 15; comprimento palatilar 27; série molar superior 16.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

- N.º 672, ♂, Franca, Estado de São Paulo, Dreher col., 1902 (pele cheia).
 Nos. 1832 e 1893, ♀♀, Ubatuba, Estado de São Paulo, Garbe col., 1922 (peles cheias).
 N.º 4214, Olímpia, Estado de São Paulo, Garbe col., 1917 (pele cheia).
 Nos. 6162, ♂ e 6163, ♀, Campestre, município de Lins, Estado de São Paulo, Olalla col., 1941 (peles cheias).
 N.º 6383, Córrego Fundo, Estado de São Paulo, oferta Butantã, 1944 (pele cheia).
 N.º 7263, ♀, Baependi, Estado de Minas Gerais, Dente col., 1951 (pele cheia).
 Nos. 1974, ♂, e 3018, ♀, São João da Barra, Estado do Rio de Janeiro, Garbe col., 1911 (peles cheias).

Cavia aperea azarae Lichtenstein

- Cavia azarae* LICHTENSTEIN, 1823, Verzeichniss der Doubletten des Zoologischen Mus. Kon. Univers. Berlin, pg. 3.
Cavia fulgida WAGLER, 1831, Isis, 24 (Heft 4), pg. 511; localidade típica: "rio Amazonas". (1)
Cavia aperea PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 79 (Ipanema, São Paulo).
Cavia rufescens LUND, 1841, Danske Vidensk. Selsk. Naturvidensk.; VIII, pg. 284; localidade típica: Lagoa Santa, Estado de Minas Gerais.
Cavia aperea azarae TATE, 1935, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 68, pg. 433; idem, ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. I, pg. 241.

LOCALIDADE TÍPICA: Ipanema, São Paulo (Designada por Tate, 1935, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 58, pg. 342).

De tamanho pouco menor, difere da espécie precedente também no colorido das partes inferiores, que são quase inteiramente amarelo-pardacentas em vez de amarelo-esbranquiçadas.

Colorido geral das partes superiores pardo-escuro, mesclado de cinza-grisalho, coloração essa uniforme ao longo de todo o dorso e cabeça até a ponta do focinho.

Partes inferiores amarelo-pardacentas na garganta, peito e ven-

(1) Wagler descreveu sua espécie baseado num exemplar colecionado por Spix e suposto proveniente do Amazonas. Conforme Thomas, 1901 (Annals and Magazine, série 7, vol. 8, pg. 159) evidentemente houve engano de rótulo, pois esta forma não é amazônica.

tre; ligeiro colar no pescoço da mesma cor do dorso; mãos e pés pretos.

Esta raça ocorre desde o Estado do Espírito Santo e leste do Estado de Minas Gerais até os estados de Paraná e Santa Catarina.

Dimensões: N.º 6260, ♂, comprimento total 260; pé 45; crânio: maior comprimento 60; comprimento côndilo basal 52; largura zigomática 33; comprimento dos nasais 20; constrição interorbital 12; comprimento palatilar 26; série dos molares superiores 14.

N.º 6306, ♀, comprimento total 260; pé 45; crânio: comprimento total 60; comprimento côndilo basal 52; largura zigomática 33; comprimento dos nasais 20; constrição interorbital 12; comprimento palatilar 26; série molar superior 14.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 146, ♂, Piquete, São Paulo, Zech col., 1897 (pele cheia).

Nos. 2078 e 2079, ♀ ♀, Campos do Jordão, São Paulo, 1905 (peles cheias).

Nos. 3822 e 3877, ♂ ♂, Itatiba, São Paulo, Vieira e Lima col., 1933 (peles cheias).

Nos. 6260, 6305, ♂ ♂ e 6306, ♀, Monte Alegre, São Paulo, Lima col., 1944 (peles cheias).

Família DASYPROCTIDAE

Roedores relativamente grandes, de formas esbeltas; pernas compridas e finas; pés anteriores com cinco dedos, dos quais somente quatro são funcionais; pés posteriores com quatro dedos munidos de fortes unhas com aparência de pequenos cascos; cauda rudimentar, quase oculta por entre os compridos e ásperos pêlos do trazeiro.

$$\text{Fórmula dentária: } i \frac{1}{1} c \frac{0}{0} pm \frac{1}{1} m \frac{3}{3} = 20$$

Molares hypsodontes, com raízes incompletas.

Cabeça grande, focinho truncado; olhos grandes e orelhas curtas e arredondadas. É largamente distribuída por toda a região neo-tropical, do México até o Paraguai e norte da Argentina.

Compreende apenas os dois gêneros *Dasyprocta* e *Myoprocta*, ambos bem representados no Brasil.

Gênero DASYPROCTA Illiger

Dasyprocta ILLIGER, 1811, Prodr. Syst. Mammal. et Avium, pg. 93.

TIPO, por subsequente designação de Thomas, 1903: *Mus aguti* Linnaeus.

Formas esbeltas, adaptadas à corrida e ao salto; membros posteriores alongados, com três dedos munidos de unhas em forma de cascos, sendo o dedo do centro o maior, membros anteriores mais curtos e com quatro dedos funcionais e um quinto atrofiado, com unhas do mesmo formato. Pêlos da parte posterior do corpo compridos e ásperos; cauda muito reduzida.

Crânio com frontais largos, mais longos, que os nasais; leve crista sagital desenvolvida nos adultos. Abrange este gênero para mais

de quarenta formas distribuídas pelas Antilhas, América Central e do Sul.

No Brasil são consideradas uma dezena de formas, das quais somente duas espécies ocorrem no Estado de São Paulo.

Dasyprocta azarae azarae Lichtenstein

Nome vulgar: Cutia

Dasyprocta azarae LICHTENSTEIN, 1823, Verzeichniss der Doubletten des Zool. Mus., Berlin, pg. 3.

Dasyprocta azarae PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 78 (Ipanema, São Paulo); idem, GOELDI, 1893, Os Mamíferos do Brasil, pg. 93.

Dasyprocta azarae azarae ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. I, pg. 194.

LOCALIDADE TÍPICA: "Provincia de São Paulo".

Coloração geral cinza olivácea mesclada de amarelo. Os pelos das partes superiores são de duas cores: cinza muito escuro na base e amarelo nas extremidades, passando a ser inteiramente amarelos na cabeça, peito e ventre. Predominam na nuca e região lombar pêlos mais escuros que se tornam mais claros até a cauda. Mento e garganta esbranquiçados como o ventre. Patas anteriores e posteriores inteiramente pretas; a reduzida cauda também preta. Esse colorido geral é porém variável, apresentando-se às vezes mais intensamente amarelado.

Esta espécie é bastante comum por todo o interior do Estado de São Paulo, não ocorrendo no litoral onde é substituída por *Dasyprocta agutti* Linnaeus. Tem vasta distribuição, sendo encontrada em todos os estados do Sul do Brasil e Brasil Central onde ocorre a raça *Dasyprocta azarae aurea* Cope, de colorido muito mais amarelo vivo.

Dimensões: N.º 2985, ♂, cabeça e corpo 510; pé posterior 120; cauda 25; crânio: comprimento total 102; comprimento côndilo basal 86; largura interorbital 30; comprimento palatilar 41; série molar superior 19.

N.º 5911, ♀, cabeça e corpo 510; pé posterior 120; cauda 25; crânio: comprimento total 105; comprimento côndilo basal 86; largura interorbital 30; comprimento platilar 44; série molar superior 21.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 795, Franca, Estado de São Paulo, Drehr col., 1902 (pele aberta).

N.º 1928, ♀, Itapura, Estado de São Paulo, Garbe col., 1908 (pele aberta).

Nos. 2893, 2895, ♂ ♂; 2984, ♀; Ituverava, Estado de São Paulo, Garbe col., 1911 (peles abertas).

N.º 3713, Porto Epitácio, Est. São Paulo, Lima col., 1926 (pele aberta).

Nos. 5910, ♂, 5911, ♀, Município de Lins, Est. São Paulo, Olalla col., II-1941 (peles cheias).

Dasyprocta aguti aguti (Linnaeus)

Nome vulgar: "Cutia".

Mus aguti LINNAEUS, 1766, Systema Naturae, 12a. ed, pg. 80.

Dasyprocta aguti GOELDI, 1893, Os Mamíferos do Brasil, pg. 92; idem, H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 22.

Dasyprocta aguti aguti ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, pg. 193.

LOCALIDADE TÍPICA: Brasil.

Colorido geral cinzento mesclado de amarelo-avermelhado; cabeça da ponta do focinho à região lombar, cinza-escuro mesclado de amarelo que se torna mais amarelo até apresentar-se inteiramente amarelo-avermelhado na região trazeira; membros anteriores e posteriores cinza escuro que passa a preto nos pés; Partes inferiores ligeiramente oliváceas mescladas de amarelo, colorido esse que se torna francamente amarelo desde a garganta até a região anal; cauda rudimentar, preta. Como na espécie precedente a coloração é variável com a idade, apresentando os exemplares mais jovens colorido geral muito mais avermelhado.

Esta forma é conhecida desde o norte do Brasil, por toda a região costeira até o litoral do Estado de São Paulo e Paraná.

Dimensões: N.º 5938, ♂, cabeça e corpo 495; cauda 16; pé posterior 122; crânio: comprimento total 100; comprimento côndilo basal 80; largura interorbital 27; comprimento palatilar 37; série molar superior 20.

N.º 5937, ♀, cabeça e corpo 489; cauda 14; pé posterior 123; crânio: comprimento total 100; comprimento côndilo basal 78; largura interorbital 30; comprimento palatilar 37; série molar superior 20.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Nos. 1891, ♂ e 1892, ♀; Ubatuba, São Paulo, Garbo col., 1908 (peles abertas).

N.º 6783, São Sebastião, São Paulo, comprado. VI-1949 (pele aberta).

Nos. 3724 e 3725, ♀♀, Teófilo Otoni, Minas Gerais, Garbe col., V-1906 (peles abertas).

Nos. 2238, ♂, e 2239, ♀, Colatina, Espírito Santo, Garbe col., V-1906 (peles abertas).

Nos. 5935 e 5938, ♂♂; 5934, 5936 e 5937, ♀♀; Rio Doce, Espírito Santo, Olalla col., VII-1940 (peles cheias).

Nos. 3827, 3828 e 3829, Bahia (sul); Camargo col., 1933 (peles abertas).

Família CUNICULIDAE

Caracterizada principalmente pelo crânio cuja estrutura é inteiramente diferente da de qualquer outro roedor neo-tropical: seus ossos maxilares e jugais são enormemente expandidos formando uma intumescência óssea cuja superfície se torna rugosa à medida que o animal envelhece. Essa intumescência é profundamente côncava internamente.

A dentição é igual à da família *Dasypodidae*, sendo os molares hipsodentes, com raízes incompletas e caracterizados por profundas dobras; incisivos não muito desenvolvidos.

São dos maiores membros da ordem e, como as cutias, são exclusivamente neo-tropicais, estendendo-se do sul do México até o Paraguai e Brasil meridional.

Compreende o único gênero *Cuniculus*, com uma única espécie no Brasil.

Gênero CUNICULUS Brisson

Cuniculus BRISSON, 1762, Regnum Animale; 2a. ed., pg. 3.

TIPO: *Mus paca* Linnaeus, por subsequente designação de Hollister, 1913. (Proceed. Zool. Society Washington, XXVI, pag. 79).

Formas robustas, pelagem curta e espessa; pernas curtas; pés anteriores com cinco dedos, dos quais um é muito reduzido; pés posteriores com três dedos bem desenvolvidos e dois reduzidos, munidos de aguçadas unhas em forma de pequenos cascos.

Coloração das partes superiores sempre de fundo escuro, pontilhado de manchas brancas longitudinais; cauda muito reduzida e orelhas curtas e arredondadas.

Compreende cerca de dez formas, das quais apenas duas são até agora conhecidas no Brasil: *Cuniculus paca paca* e *Cuniculus paca mexianae* de Marajó e ilhas próximas.

Cuniculus paca paca (Linnaeus)

Nome vulgar: "Paca".

Mus paca LINNAEUS, 1766, Systema Naturae, 12a. ed., I, pg. 81.

Coelogenys paca PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 78 (Rio de Janeiro e Ipanema); idem, H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 22.

Cuniculus paca paca ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. I, pg. 225.

LOCALIDADE TÍPICA: Guiana Francesa, fixada por Hollister em 1913 (Proceed. Biol. Soc. Washington, n. 24, pg. 79).

De colorido geral pardo-escuro nas partes superiores do corpo e esbranquiçado nas inferiores; nos flancos correm três a quatro listras brancas, sendo a do meio mais viva e quase contínua. Membros anteriores e posteriores de cor parda muito clara. Mento, garganta e ventre, esbranquiçados.

Dimensões: n.º 5913, ♂, cabeça e corpo 585; cauda 15; pé posterior 104; crânio: comprimento total 138; comprimento côndilo basal 126; largura zigomática 95; comprimento dos nasais 50; constrição interorbital 41; comprimento palatilar 65; série molar superior 27.

N.º 5912, ♀, cabeça e corpo 624; cauda 17; pé posterior 104; crânio: comprimento total 137; comprimento côndilo basal 127; largura zigomática 82; comprimento dos nasais 37; constrição interorbital 40; comprimento palatilar 69; série molar superior 30.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 2986, ♂, Ituverava, Estado de São Paulo, Garbe col., 1911 (pele aberta).

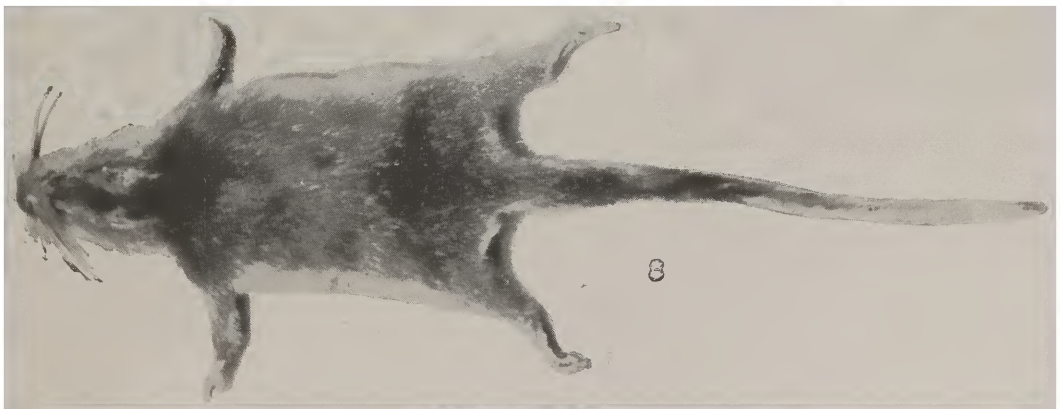
Nos. 5912, ♂ e 5913, ♀; Barra do rio Dourado, Estado de São Paulo; Olalla col., II-1941 (peles abertas).

N.º 5939, ♂, rio Doce, baixo Piracicaba, Minas Gerais, Olalla col., VII-1940 (pele aberta).

Superfamília OCTODONTOIDEA

Família ECHIMYIDAE

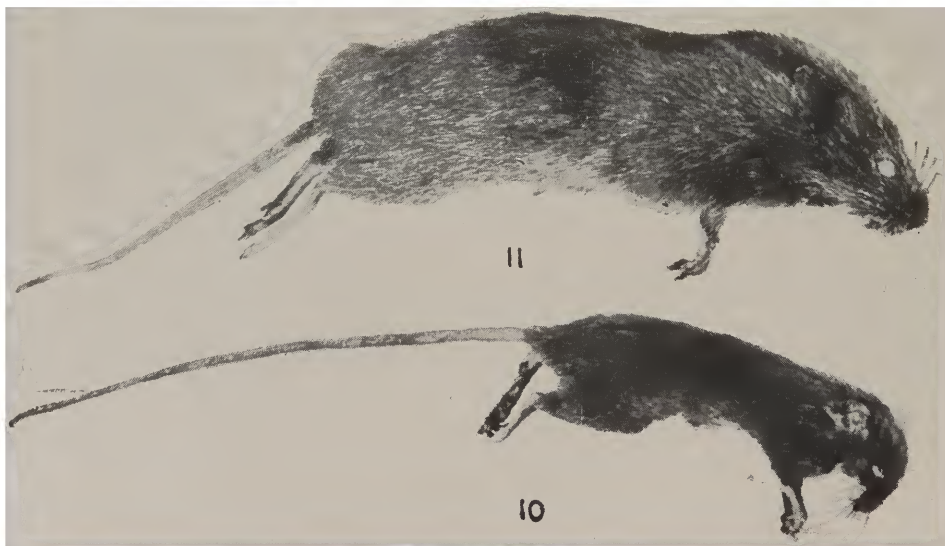
Roedores de forma murina, caracterizados externamente por uma pelagem quase sempre áspera, que às vezes chega mesmo a quase a se transformar em espinhos. Cauda geralmente comprida e raramente nua.



ESTAMPA III

6 — *Akodon nigrita*
7 — *Oxymycterus quaestor*

8 — *Kannabateomys amblyonyx*
9 — *Cercomys cunicularius*



ESTAMPA IV

10 — *Rhipidomys mastacalis*
11 — *Zygodontomys lasiurus*
12 — *Nectomys squamipes*

13 — *Holochilus physodes*
14 — *Oryzomys eliurus*

Algumas espécies são relativamente grandes, mas a maioria não apresenta grandes dimensões.

$$\text{Fórmula dentária: } i \frac{1}{1} c \frac{0}{0} pm \frac{1}{1} m \frac{3}{3} = 20$$

Crânio com bula timpânica muito desenvolvida; processo para-occipital recurvado anteriormente sob a bula; ossos frontais largos.

Família de vasta distribuição por toda a região Neo-tropical, compreende numerosas formas adaptadas tanto à vida arbórea como à terrestre e encontradas desde a América Central e as Antilhas até o extremo sul da Argentina.

No Estado de São Paulo são constatados os seguintes gêneros: *Proechimys*, *Echimys*, *Cercomys*, *Euryzygomatomys* e *Kannabateomys*.

Chave para os gêneros encontrados no Estado de São Paulo:

- Cauda muito curta (com 55 mm.) *Euryzygomatomys*
- Cauda longa (com 165 a 250 mm.)
- Pêlos do dorso macios; cauda abundantemente provida de pêlos *Cercomys*
- Pêlos do dorso ásperos; cauda pouco provida de pêlos
- Cauda muito longa, excedendo em comprimento a cabeça e o corpo *Kannabateomys*
- Cauda menor que o comprimento da cabeça e do corpo
- Maiores (Comprimento da cabeça e do corpo (280 mm.) *Echimys*
- Menores (Comprimento da cabeça e do corpo (220 mm.) *Proechimys*

Gênero **EURYZYGOMATOMYS** Goeldi

Euryzygomatomys E. GOELDI, 1901, Boletim do Museu Paraense, vol. III, pg. 179.

TIPO: *Echimys spinosus* Desmarest.

O principal característico deste gênero é a cauda curta, cujo comprimento não excede a um terço do comprimento do corpo e cabeça juntos.

Focinho rombo, pelagem áspera, principalmente no dorso; orelhas pequenas e arredondadas; cerdas dos lábios curtas e pouco rijas.

Pernas curtas; pés posteriores longos e estreitos com os três dedos médios mais longos e munidos de unhas mais fortes.

Crânio largo; arcada zigomática muito espessa; bulas timpânicas proeminentes; ossos nasais curtos e largos.

Gênero limitado à América do Sul, compreende apenas duas espécies das quais uma é constatada no Estado de São Paulo.

Euryzygomatomys guiana (Brandt)

Hypudaeus guiana BRANDT, 1835, Mém. Acad. Sci. St. Petesbourg, 6, pt. 2, pg. 432, pl. 14.
Euryzygomatomys guiana TATE, 1935, Bulletin of American Museum of Natural History, vol. 68, pg. 405; idem, ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. II, pg. 125.

LOCALIDADE TÍPICA: Ipanema, Estado de São Paulo.

Colorido das partes superiores pardo-cinzentado; mais escuro na cabeça e ao longo do dorso; partes inferiores pardo-esbranquiçadas no mento e na garganta; flancos pardacentos; branco puro no ventre e no peito, assim como no dorso inferior dos membros anteriores e posteriores; pés pardacentos, com dedos munidos de unhas fracas e pouco recurvas; cauda nua, escamosa, com alguns raros pêlos.

Dimensões: n.º 6441, ♂, cabeça e corpo 180; cauda 55; pé posterior 30; crânio: comprimento total 43; comprimento côndilo basal 40; largura zigomática 26; comprimento dos nasais 13; constrição interorbital 10; série molar superior 9.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 6148, ♂, Angra dos Reis, Dr. Travassos col., perm. Museu Nacional, 1942 (pele cheia). Nos. 6684 e 6441, ♂ ♂, Estado de São Paulo, of. Inst. Butantã, 1944 (peles cheias e crânios). N.º 6382, ♂, Limeira, Estado de São Paulo, of. Inst. Butantã, 1944 (pele cheia e crânio).

Gênero **ECHIMYS** Cuvier

Echimys CUVIER, 1809, Bull. Soc. Philom, XXIV, pg. 394.

TIPO: *Myoxus chrysurus* Zimmermann.

Compreende no Brasil as maiores formas desta família.

Ratos grandes, de pelagem espessa e áspera, cujos pêlos do dorso chegam mesmo em várias espécies a serem rijos como espinhos. Pés mais largos que os dos gêneros precedentes, com dedos munidos de unhas bem desenvolvidas.

Echimys nigrispina (Wagner)

Loncheres nigrispina WAGNER, 1842, Archiv fur Naturgeschichte, pg. 361; idem, PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 63 (Ipanema, São Paulo); idem. H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 21.

Echimys nigrispina ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, pg. 112.

LOCALIDADE TIPO: Ipanema, Estado de São Paulo.

Colorido geral pardo-avermelhado nas partes superiores, passando a pardo-esbranquiçado nas inferiores. Cabeça e dorso mais escuros; as compridas cerdas do focinho, pretas; mento, peito e ventre, pardo-esbranquiçados; membros anteriores e posteriores, pardo-avermelhados superiormente e brancos inferiormente; pés esbranquiçados; cauda da mesma cor do corpo.

Dimensões: n.º 1949, ♀, cabeça e corpo 230; cauda 220; pé posterior 40; crânio: comprimento total 55; largura zigomática 25; comprimento côndilo basal 50; comprimento dos nasais 18; constrição interorbital 10; série molar superior 11.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Nos. 664, 665 e 666, ♂ ♂, Itatiba, Estado de São Paulo, Lima col., 1902 (peles cheias).
 Nos. 1949, 1950, 1951, 1952, 1953 e 1954, ♀ ♀, Estado de São Paulo; Luderwaldt col., 1905 (peles cheias).
 N.º 3738, ♀, Estrada de Ferro Noroeste, Estado de São Paulo, Lima col., 1928 (pele aberta).

Echimys thomasi (H. Ihering)

Mesomys thomasi H. IHERING, 1897, Revista do Museu Paulista, vol. 3, pg. 171.
Echimys thomasi ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, pg. 112.

LOCALIDADE TÍPICA: Ilha de São Sebastião, Estado de São Paulo.

Coloração geral pardo-arruivada, muito escura ao longo do dorso e mais clara dos lados. Partes inferiores pardo-cinza claro, exceto na garganta, que é mais arruivada. Orelhas curtas, quase nuas, membros anteriores e posteriores da mesma cor do dorso; cauda longa, pouco menor que o comprimento da cabeça e do corpo revestida de pêlos em tôda sua extensão e formando um tufo em forma de pincel na extremidade.

Como as espécies do gênero *Proechimys*, êste roedor também tem a particularidade de desprender a cauda com muita facilidade, apresentando-se frequentemente sem êsse apêndice, o que ocasionou certa confusão em sua identificação.

Dimensões: N.º 3198, ♀, cabeça e corpo 290; cauda 240; pé posterior 42; crânio: comprimento total 52; comprimento côndilo basal 46; largura zigomática 27; comprimento dos nasais 18; série molar superior 11; constrição interorbital 12.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Nos. 45, 47, 532, 2149 e 3197, ♂ ♂; 2148, 2151, 3196, 3198, 6431 e 6433, ♀ ♀, ilha de São Sebastião, Estado de São Paulo; Bicego e Gunther col., 1896 e 1915.

Gênero *KANNABATEOMYS* Jentink

Kannabateomys JENTINK, 1891, Notes on Leyden Museum, XIII, pg. 109.

TIPO: *Dactylomys amblyonyx* Wagner.

Tamanho médio, pelagem espessa e macia; cerdas do focinho extremamente alongadas; orelhas curtas e arredondadas; cauda muito longa excedendo em comprimento o corpo e o cabeça, revestida de pêlos ralos em toda a sua extensão.

Membros anteriores e posteriores curtos, com pés largos, adaptados à vida arbórea.

Crânio muito robusto; nasais relativamente curtos; palatal estreito, comprimido anteriormente; bulas timpânicas grandes.

Êste gênero é restrito ao Paraguai e Brasil meridional, compreendendo apenas duas formas.

Kannabateomys amblyonyx amblyonyx (Wagner)

Nome vulgar: "Rato-da-taquara".

Dactylomys amblyonyx WAGNER, 1845, Archiv für Naturgeschichte, pg. 146; idem, PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 65 (Ipanema, São Paulo); idem, H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 21.

Kannabateomys amblyonyx amblyonyx ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. II, pg. 137.

LOCALIDADE TÍPICA: Ipanema, Estado de São Paulo.

Colorido das partes superiores, pardo mesclado de cinza, ligeiramente lavado de oliváceo, mais escuro na cabeça; as compridas cerdas do focinho pretas; partes inferiores esbranquiçadas, colorido êste que se estende das narinas e mento até a região ventral; membros anteriores e posteriores da mesma cor do dorso superiormente esbranquiçados inferiormente; pêlos da cauda da mesma cor do dorso na parte basal e pardacento até a extremidade onde forma um tufo em forma de pincel.

Dimensões: n.º 1822, ♂, cabeça e corpo 230; cauda 250; pé posterior 50; crânio: comprimento total 60; comprimento côndilo basal 55; comprimento dos nasais 19; largura zigomática 30; constrição interorbital 15; série molar superior 16.

N.º 1830, ♀, cabeça e corpo 250; cauda 270; pé posterior 50; crânio comprimento total 64; comprimento côndilo basal 55; largura zigomática 30; comprimento dos nasais 20; constrição interorbital 17; série molar superior 16.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Nos. 63, 138, 144 e 145, Piquete, Estado de São Paulo, Zech col., 1896 (peles abertas).

Nos. 1821, 1822, 1823, 1824 e 1825, ♂ ♂; 1826, 1827, 1828, 1829 e 1830, ♀ ♀; Ubatuba, Estado São Paulo, Garbe col., 1925 (peles abertas).

Gênero **PROECHIMYS** J. A. Allen

Proechimys J. A. ALLEN, 1899, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. XII, pg. 257.

TIPO, por designação original, *Echimys trinitatis* J. A. Allen.

Roedores de tamanho médio, cauda longa, igual ou mais curta que o comprimento da cabeça e do corpo, escamosa e munida de raros pêlos; pelagem áspera, com os pêlos do dorso semi-rijos como espinhos; pés compridos e estreitos, com dedos médios mais desenvolvidos; unhas moderadas.

Crânio alongado, com arcada zigomática de largura variável; processo post-orbital sempre presente; bulas timpânicas grandes.

Gênero de larga distribuição por tôda a região Neo-tropical, compreende para mais de cinquenta formas, das quais somente uma é constatada no Estado de São Paulo.

Proechimys iheringi iheringi Thomas

Proechimys iheringi THOMAS, 1911, Ann. Mag. Nat. History, série 8, vol. 8, pg. 252.

LOCALIDADE TÍPICA: Ilha de São Sebastião, Estado de São Paulo.

Colorido das partes superiores pardo-acinzentado, mais escuro nos pêlos do dorso; partes inferiores brancas, do mento à região anal; membros anteriores e posteriores, mãos e pés, brancos, com unhas fracas; cauda menor que o comprimento da cabeça e do corpo, pardo-escuro na parte superior e esbranquiçada inferiormente, com raros pêlos por entre as escamas.

Dimensões: n.º 2095, ♀, cabeça e corpo 205; cauda 180; pé posterior 46; crânio: maior comprimento 53; comprimento côndilo basal 42; largura zigomática 26; comprimento dos nasais 19; constrição interorbital 11; série molar 8.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Nos. 221, 2096, 2097, 2144, 3701, ♂♂; 2095, 3200, 2146 e 3201, ♀♀; ilha de São Sebastião, Estado de São Paulo, Gunther e Garbe col., 1905 e 1915 (peles cheias).
Nos. 1838 ♂ e 1839 ♀, Ubatuba, Estado de São Paulo, Garbe col., 1905 (peles abertas).
Nos. 1962 e 1963, ♂♂; Ilha Grande, Estado do Rio, Garbe col., 1905 (peles abertas).
Nos. 1792 e 1793, ♂, Alto da Serra, Estado de São Paulo, Gunther col., 1905 (peles abertas).

Gênero CERCOMYS Cuvier

Cercomys CUVIER, 1829, Histoire Naturelle des Mammifères, III, pl. 60.

TIPO: *Cercomys cunicularius* Cuvier.

Roedores de tamanho médio, caracterizados pela cauda pouco mais curta que o comprimento da cabeça e do corpo, e abundantemente provida de pêlos em toda sua extensão. Orelhas relativamente curtas e arredondadas; pelagem macia mesmo no dorso; pés compridos, com dedos médios mais desenvolvidos; unhas relativamente fracas.

Crânio largo, arcada zigomática relativamente estreita; bulas timpânicas grandes.

Gênero de distribuição muito mais limitada que a do precedente, estende-se do norte e nordeste do Brasil até o Paraguai, compreendendo várias formas, das quais somente uma tem sido encontrada no norte do Estado de São Paulo.

Cercomys cunicularius cunicularius Cuvier

Cercomys cunicularius CUVIER, 1829, Histoire Naturelle des Mammifères, III, pg. 276.
Cercomys cunicularius WATERHOUSE, 1848, A Natural History of the Mammalia, vol. II, Rodentia, pg. 305.
Cercomys cunicularius cunicularius ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. II, pg. 124.

LOCALIDADE TÍPICA: rio São Francisco, Minas Gerais.

Colorido geral pardo-acinzentado, muito claro dos lados e bastante escuro ao longo do dorso; membros anteriores e posteriores cinza muito claro; pés esbranquiçados; mento e garganta esbranquiçados, sendo esta atravessada por um colar pardo-cinza; ventre

branco, ligeiramente crême; pêlos e cauda escuros, mesclados de pêlos esbranquiçados.

Dimensões: n.º 3083, ♂, cabeça e corpo 190; cauda 135; pé posterior 35; crânio: comprimento total 52; comprimento côneilo basal 45; largura zigomática 27; comprimento dos nasais 18; constrição interorbital 14; série molar superior 5.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Nos. 3082 e 3083, ♂ ♂; Pirapora, Minas Gerais, Garbe col., 1908 (peles cheias).
N.º 2092, ♀, Franca, Estado de São Paulo, Garbe col., 1910 (pele cheia).

BIBLIOGRAFIA

- 1826 — WIED-NEUWIED; Beitrage zur Naturgeschichte von Brasiliens, vol. II, Mammalia.
- 1839 — WATERHOUSE, C. R.; The Zoology of the voyage of H.M.S. Beagle, part. II, Mammalia.
- 1848 — WATERHOUSE, C. R.; A Natural History of the Mammalia, vol. III; Rodentia.
- 1883 — PELZELN; Brasilische Säugethiere; Resultate von Johan Natterer Reisen in den Jahren 1817, bis 1835.
- 1889 — COPE, E. D.; On the Mammalia obtained in Southern Brazil; American Naturalist, vol. 23, n.º 266, pg. 128.
- 1892 — H. IHERING; Os Mamíferos do Rio Grande do Sul; Anuário do Estado do Rio Grande do Sul para 1893; vol. IX; Porto Alegre.
- 1893 — GOELDI E.; Os Mamíferos do Brasil; Monografias brasileiras, vol. I.
- 1894 — IHERING, H.; Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo.
- 1904-1905 — TROUESSART, E. L.; Catalogue Mammalium tam Viventum quam Fossilium, Supplementum.
- 1907 — MIRANDA RIBEIRO; Vertebrados do Itatiaia; Arquivos do Museu Nacional, vol. XIV, pg. 165.
- 1931 — OLIVÉRIO PINTO; Ensaio sôbre a fauna de ciurídeos do Brasil; Revista do Museu Paulista, vol. 17, pg. 263.
- 1932 — GLYDENSTOLPE, NILS; A Manual of Neotropical Sigmodont Rodents; Kungl. Vetenskapsakad. Handlingar, vol. II, n.º 3.
- 1935 — TATE, G. H.; Taxonomy of Neotropical Hystricoid Rodents; Bulletin of American Museum of Natural History, vol. LXVIII, pg. 295.
- 1940 — ELLERMAN, J. R.; The Families and Genera of Living Rodents, vol. I e II; British Museum.
- CABRERA E YEPES; Mamíferos sud-americanos; História Natural Ediar; Buenos-Aires.
- 1942 — MOOJEN, J.; Sôbre os ciurídeos do Museu Nacional, Depart. de Zoologia e Museu Goeldi; Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro; nova série, n.º 1.
- 1944 — HERSHKOVITZ, P.; A Systematic review of Neotropical water rats of the Genus *Neotomys*; Miscell. Publicat. Mus. Zool. Univers. Michigan, n.º 58, pg. 1.
- 1945 — SIMPSON, G. G.; The principles of classification and a classification of Mammals; Bulletin of American Museum of Natural History, vol. 85.
- 1947 — DAVIS, D. E.; Notes on the life of some brazilian Mammals; Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, n.º 76, pg. 1.
- 1948 — MOOJEN, J.; Speciation in the Brazilian spiny Rats (genus *Proechimys*); Univers. Kansas Publicat. Museum Nat. History, vol. 1, n.º 19.
- 1950 — HERSHKOVITZ, P.; Mammals of Northern Colombia (*Leporidae*); Proceed. Unit. States Nat. Museum; vol. 100, n.º 3265, pg. 327.

AS ESPÉCIES NEOTRÓPICAS DO GÊNERO
DIOGMITES (DIPTERA, ASILIDAE)

POR

MESSIAS CARRERA

Dispondo de material suficientemente representativo do gênero *Diogmites* Loew, 1866, resolvemos tentar uma revisão de suas espécies, não só para verificar suas relações filogenéticas, como também para proporcionar facilidades ao reconhecimento das mesmas, dentre a multiforme fauna asilidológica neotropical.

Este trabalho tornou-se viável graças ao material que nos foi cedido ou emprestado por várias pessoas e instituições. A elas, portanto, rendemos o tributo de nossa gratidão e os nossos maiores agradecimentos, especialmente aos Senhores H. OLDROYD do Museu Britânico, C. L. FLUKE da Universidade de Wisconsin, STANLEY W. BROMLEY do Bartlett Tree Research Laboratories, Connecticut, MARTIN L. ACZÉL do Instituto Miguel Lillo, Tucuman, JUAN M. BOSQ do Instituto da Sanidad Vegetal, Argentina, Rvmo. Pde. JOSÉ MARIA ARNAU, HECTOR C. HEPPER, Argentina, e DALCY DE ALBUQUERQUE do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Pelos retoques feitos aos desenhos que ilustram este trabalho estendemos nossos agradecimentos à colega Senhora MARIA A. V. d'ANDRETA.

Diogmites Loew

Diogmites LOEW, 1866, p. 21 (Cent. VII N.º 36, nota); OSTEN SACKEN, 1878, p. 72 e 232; 1887, p. 173; COQUILLET, 1910, p. 533; ENGEL, 1929, p. 469; HARDY, 1930, p. 257; CURRAN, 1934, p. 171; BROMLEY, 1936, p. 225; CARRERA, 1948, p. 115; 1949, p. 62.

Deromyia AUTORES (não PHILIPPI, 1865): WULF, 1882, p. 91; WILLISTON, 1883, p. 23; 1889, p. 256; 1891, p. 75 (p. part.); 1901, p. 310; ALDRICH, 1905, p. 264; WILLISTON, 1908, p. 201; BACK, 1909, p. 352; KERTÉSZ, 1909, p. 114 (p. part.); McATEE & BAKS, 1920, p. 20; MALLOCH, 1928, p. 299; BROMLEY, 1929, p. 278; in CURRAN, 1934, p. 334.

CARACTERES. — Face nunca tão larga quanto a largura de um olho, plana em cima, pouco saliente na borda bucal; mistax formado por cerdas que se situam na margem da boca ou ocupam, no máximo, o terço inferior da face; fronte um pouco alargada no meio, pilosidade lateral raramente abundante; calo ocelar com um par de cerdas desenvolvidas; probóscida alongada, fina no ápice, segundo artículo palpal unido ao primeiro sem formar ângulo; terceiro artículo antenal fusiforme, tão longo ou maior que os basais reunidos, com pilosidade na borda dorsal e um minúsculo espinho no ápice. Tórax com pilosidade pouco abundante; cerdas laterais desenvolvidas; dor-

so-centrais geralmente longas, mas às vezes curtas ou completamente atrofiadas; escutelo com um par de cerdas marginais. Pernas robustas, os fêmures nunca muito entumecidos; tíbias anteriores com um esporão apical; garras pontiagudas; pulvilos raramente menores que a metade das garras. Asas quase nunca ultrapassando o ápice do abdômen; quarta célula posterior fechada e peciolada. Abdômen geralmente mais largo na base, mas a forma clavada se encontra em muitas espécies; pilosidade nunca densa. Genitália do ♂ saliente, de tamanho moderado e com uma torção de 45 graus, aproximadamente; genitália da ♀ com espinhos.

Genótipo: *Diogmites platypterus* Loew, 1866, por designação de Coquillett, 1910.

Diogmites é um gênero exclusivamente americano, excetuando-se o Chile, de onde não se conhece nenhuma espécie. Bromley (1936), estudando os representantes da Região Neártica, consolidou sua posição, fixando-lhe os caracteres e distinguindo-o, de modo irrefutável, de *Deromyia* Philippi, 1865, com o qual, por muito tempo, foi confundido.

Na Região Neotrópica, *Diogmites* é o gênero da sub-família *Dasygogoninae* mais abundante em espécies. Grande parte destas foi descrita pelos autores antigos em *Dasygogon* Meigen, 1803, e outras, mais recentemente, foram incluídas em *Deromyia*. Atualmente, conhece-se dessa região 49 espécies, sendo 26 da América do Sul, 6 da América Central e 17 do México. No material que serviu para este estudo encontramos 30 espécies; as 19 por nós desconhecidas são 11 originárias do México, 2 da América Central e 6 da América do Sul, entre estas, *rufibasis* Bigot, 1878 e *lineola* Bromley, 1934, do Brasil.

Na divisão geral dos *Asilidae*, *Diogmites* pertence à sub-família *Dasygogoninae* pela forma das antenas e palpos com dois artículos. Nesta sub-família ele deve ser incluído na tribo *Saropogonini*, pois apresenta prosterno separado do pronoto, célula marginal aberta, genitália dos machos com forceps superiores desenvolvidos, 9º tergito separado do 9º esternito e genitália das fêmeas com espinhos no 9º tergito.

As relações filogenéticas de *Diogmites* são evidentes, de um lado, com *Neodiogmites* Carrera, 1949, de outro, com *Allopogon* Schiner, 1866 e *Neolaparus* Williston, 1889. O gênero, entretanto, com o qual ele mantém mais íntima afinidade é *Neodiogmites*, intermediário na transição *Diogmites-Lastauroides* Carrera, 1949, do qual se distingue pela ausência de longa pilosidade nos primeiros segmentos abdominais e forma da face.

Allopogon se separa de *Diogmites* pela extrema largura da face, tão larga quanto um olho, o que corresponde a um terço do diâmetro transversal da cabeça, e pulvilos posteriores que chegam apenas até a metade das garras.

Neolaparus, possuindo a quarta célula posterior aberta e terceiro artículo antenal não fusiforme, mas delgado e com uma pequena cavidade no ápice, pode facilmente ser distinguido de *Diogmites*.

As espécies de *Diogmites* mostram entre si uma forma característica e homogênea. Para diferenciá-las é necessário recorrer-se às cores do corpo, o que dificulta sobremaneira a distinção das espécies afins. Devido a isto, muitas vezes, certo estarmos ante duas entidades es-

pecíficas, temos dificuldade em enunciar o modo pelo qual elas podem ser reconhecidas. A este respeito é muito apropriada para as espécies neotrópicas a observação feita por Bromley (1936) para a fauna Neártica:

“individuals of *Diogmites* look alike but prove to be different species”.

Foi, pois, baseados nos caracteres cromáticos que organizamos a chave para espécies. Nela destacamos, inicialmente, três grupos: no primeiro colocamos as espécies que apresentam tegumento quase inteiramente preto, sendo os segmentos abdominais posteriores brilhantes; no segundo, as espécies cujo corpo é inteiramente revestido de pruina cinza, ou com faixas transversais dessa cor nos segmentos do abdômen; no terceiro, aquelas cujo corpo é castanho, ocráceo, amarelo-avermelhado ou, pelo menos, com a coloração geral tendente ao amarelo. Neste último agrupamento, o maior, as espécies que apresentam as faixas longitudinais do mesonoto pretas e muito nítidas foram separadas daquelas que as possuem de cor castanha e praticamente indistintas. As espécies que possuem nítidas faixas no menosoto podem ainda ser sub-divididas em dois grupos: as que apresentam uma linha clara ou mancha fusiforme de pruina amarela duplicando a faixa mediana na sua porção anterior, e as que apresentam essa faixa indivisa. Dentro destes agrupamentos, que abrangem várias espécies, recorreremos, para separá-las, aos caracteres cromáticos que se encontram nas asas, no abdômen, nas pernas e na pilosidade dos palpos.

ELENCO DAS ESPÉCIES NEOTRÓPICAS DE *DIOGMITES*

- | | |
|--|------------------------------------|
| 1. <i>aberrans</i> (Wiedemann, 1821)
= <i>examinans</i> (Walker, 1851) | América meridional |
| 2. <i>affinis</i> (Bellardi, 1861) | México |
| 3. <i>alvesi</i> Carrera, 1949 | Brasil (Rio Grande do Norte) |
| 4. <i>amethystinus</i> , n. sp. | Colômbia |
| 5. <i>angustiventris</i> (Macquart, 1846) | México |
| 6. <i>anomalus</i> Carrera, 1947 | Brasil (S. Paulo), Paraguai |
| 7. <i>atriapex</i> , n. sp. | Argentina |
| 8. <i>bellardi</i> (Bromley, 1929) | México |
| 9. <i>bigoti</i> (Bellardi, 1861) | México |
| 10. <i>bifasciatus</i> Carrera, 1949 | Brasil (S. Paulo) |
| 11. <i>bilineatus</i> Loew, 1866 | Cuba |
| 12. <i>bimaculatus</i> (Bromley, 1929) | México |
| 13. <i>bromleyi</i> Carrera, 1949 | Brasil (Minas Gerais) |
| 14. <i>brunneus</i> (Fabricius, 1787) | Guiana Francesa |
| 15. <i>castaneus</i> (Macquart, 1838) | Brasil (Pará, Amazonas) |
| 16. <i>coffeatus</i> (Wiedemann, 1819) | Brasil (S. Paulo, Rio de Janeiro) |
| 17. <i>craverii</i> (Bellardi, 1861) | México |
| 18. <i>cuantilensis</i> (Bellardi, 1861) | México, América Central |
| 19. <i>dubius</i> (Bellardi, 1861) | México, América Central |
| 20. <i>ferrugineus</i> (Arribalzaga, 1880)
= <i>placidus</i> (Wulp, 1882) | Argentina, Brasil (Mato Grosso) |
| 21. <i>goniostigma</i> (Bellardi, 1861) | México |
| 22. <i>heydenii</i> (Jaenicke, 1867) | Argentina |
| 23. <i>imitator</i> , n. sp. | Brasil (Pará), Venezuela, Colômbia |
| 24. <i>inclusus</i> (Walker, 1851)
= <i>parvus</i> Carrera, 1948 | Brasil (Pará) |
| 25. <i>infumatus</i> (Arribalzaga, 1880) | Argentina |
| 26. <i>intactus</i> (Wiedemann, 1828) | América meridional, México |
| 27. <i>jalapensis</i> (Bellardi, 1861) | México, América Central |

28. <i>lindigii</i> (Schiner, 1868)	Equador, Costa Rica
29. <i>lineola</i> (Bromley, 1934)	Brasil (Mato Grosso)
30. <i>litoralis</i> (Curran, 1930)	Panamá
31. <i>maculatus</i> Curran, 1934	Equador
32. <i>memnon</i> Osten Sacken, 1887	Panamá, Costa Rica
33. <i>nigripennis</i> (Macquart, 1847)	México
34. <i>nigripes</i> (Bellardi, 1861)	México
35. <i>obscurus</i> Carrera, 1949	Brasil (Goiás)
36. <i>pseudojalapensis</i> (Bellardi, 1862)	México
37. <i>reticulatus</i> (Fabricius, 1805)	
= <i>nigricauda</i> (Curran, 1926)	Brasil (Amazonas), Guiana Inglesa
38. <i>rubescens</i> (Bellardi, 1861)	México
39. <i>rufibasus</i> Bigot, 1878	Brasil
40. <i>rufipalpis</i> (Macquart, 1838)	Guiana Francesa, Brasil (Amazonas)
41. <i>sallei</i> (Bellardi, 1861)	México
42. <i>superbus</i> , n. sp.	Costa Rica
43. <i>tau</i> Osten Sacken, 1887	Panamá, Costa Rica
44. <i>ternatus</i> Loew, 1866	Cuba
45. <i>tricolor</i> (Bellardi, 1861)	México
46. <i>virescens</i> (Bellardi, 1861)	México
47. <i>vulgaris</i> Carrera, 1947	Brasil (São Paulo, Goiás)
48. <i>winthemi</i> (Wiedemann, 1821)	Brasil (S. Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais), Colômbia
49. <i>wigodzinskyi</i> Carrera, 1949	Brasil (Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte)

CHAVE PARA AS ESPÉCIES ESTUDADAS

- 1 Abdômen preto, os três últimos segmentos brilhantes; pilosidade dos palpos sempre preta 2
- Abdômen de cor diferente, si os últimos segmentos forem preto-brilhantes os segmentos anteriores são amarelo-avermelhados ou com faixas transversais amarelas; pilosidade dos palpos preta ou não ... 4
- 2 Asas hialinas, apenas enfuscadas no ápice; primeiro e segundo artículos antenais amarelo-escuros, o terceiro castanho-escuro (fig. 1) *superbus*, n. sp.
- Asas amareladas ou escuras com reflexos de cor violeta; antenas inteiramente pretas 3
- 3 Pernas inteiramente pretas; faixas pretas do mesonoto (fig. 2) separadas por pruina cinza; asas escuras com intensos reflexos de cor violeta *amethistinus*, n. sp.
- Pernas avermelhadas ou ferruginosas; faixas pretas do mesonoto (fig. 3) separadas por pruina amarela; asas amareladas .. *coffeatus* (Wiedemann)
- 4 Abdômen com pruina cinzenta, recobrimdo-o inteiramente ou formando faixas transversais, os últimos segmentos nunca preto-brilhantes 5
- Abdômen amarelo-avermelhado, ocráceo ou ferruginoso, sem pruina cinza (raramente presente nas margens laterais dos tergitos); os últimos segmentos preto-brilhantes ou não 7
- 5 Asas amarelas; segmentos abdominais (fig. 5) anteriores com largas faixas cinzentas, os três ou quatro últimos preto-foscas; tórax amarelo-avermelhado com faixas castanhas no mesonoto, às vezes pouco nítidas *reticulatus* (Fabricius)
- Asas hialinas, claras, não amarelas; abdômen inteiramente recoberto de pruina cinza ou com faixas cinzentas nas margens laterais e posterior de todos os tergitos; tórax cinzento com nítidas faixas escuras no mesonoto 6
- 6 Abdômen inteiramente revestido de pruina cinza; palpos pretos com pêlos pretos *virescens* (Bellardi)
- Abdômen (fig. 6) com pruina cinza na borda posterior de todos os segmentos; palpos castanhos com pêlos amarelados *litoralis* (Curran)

- 7 Mesonoto com faixas longitudinais de cor castanho-clara, às vezes pouco distintas e sem nítido contraste com a cor do fundo que é pouco mais pálido 8
 Mesonoto com faixas longitudinais pretas ou castanho-escuras, em nítido contraste com a cor do fundo que pode ser amarelo-vivo ou amarelo-cinza (às vezes estas faixas são coalescentes) 12
- 8 Asas hialinas, levemente escurecidas no ápice 9
 Asas amarelas ou com intenso sombreado pardacento ao longo das nervuras, ficando claro apenas o meio das células 10
- 9 Tergitos do abdômen ferruginosos ou ocráceos, com alguma pruina cinza nas margens laterais e uma estria preta, longitudinal, em cada lado do tergito (fig. 7) *ferrugineus* (Arribalzaga)
 Tergitos do abdômen inteiramente amarelados, exceto os dois últimos que são castanho-escuros *aberrans* (Wiedemann)
 Tergitos do abdômen castanhos, exceto nos lados, na margem posterior e na porção dorso-central-anterior de cada tergito onde é amarelo-claro (fig. 8) *alvesi* Carrera
- 10 Asas amarelas 11
 Asas com as nervuras marginadas de castanho; abdômen castanho-escuro, unicolor *obscurus* Carrera
- 11 Abdômen amarelo-avermelhado, revestido de pilosidade amarela; palpos com pêlos pretos ou castanhos-escuros (fig. 9) *castaneus* (Macquart)
 Abdômen (fig. 5) preto ou castanho-escuro, amarelo na margem posterior dos três primeiros tergitos; palpos com pêlos amarelos *reticulatus* (Fabricius)
- 12 Cerdas dorso-centrais atrofiadas, não se diferenciando da pilosidade existente no mesonoto 13
 Cerdas dorso-centrais desenvolvidas, ou pelo menos diferenciadas, posteriormente, da pilosidade existente no mesonoto 14
- 13 Cada tergito do abdômen (fig. 10) com mancha arredondada, central, pequena e de cor escura; margens laterais e posterior de cada segmento abdominal amarelo-cinza; pulvilos posteriores chegando até a metade das garras *anomalus* Carrera
 Cada tergito do abdômen (fig. 12) com mancha de cor escura largamente dividida no meio por amarelo; margens laterais e posterior de cada segmento abdominal amarelo-vivo; pulvilos posteriores grandes *intactus* (Wiedemann)
- 14 Faixa longitudinal mediana do mesonoto nitidamente dividida na extremidade anterior por uma pequena mancha fusiforme de cor amarela 15
 Faixa longitudinal mediana do mesonoto não dividida na extremidade anterior por mancha fusiforme de cor amarela 21
- 15 Todos os tergitos abdominais (fig. 14) pretos na metade anterior e amarelos na posterior *lindigii* (Schiner)
 Abdômen amarelo-avermelhado, unicolor ou com os últimos tergitos mais escuros 16
- 16 Palpos com pêlos amarelos; abdômen amarelo-avermelhado, às vezes, um pouco mais escuro nos últimos segmentos 17
 Palpos com pêlos pretos, às vezes com alguns pêlos amarelos em mistura; abdômen com os segmentos anteriores amarelos, manchados ou não, os três últimos intensamente pretos 19
- 17 Abdômen com os lados paralelos *cuantlensis* (Bellardi)
 Abdômen coarctado 18
- 18 Abdômen com pilosidade amarela predominante; tergitos abdominais 2-4 amarelo-avermelhados com a margem posterior amarelo-claro, tergitos 5-7 avermelhados; asas amareladas, mais intenso basalmente (fig. 15) *rufipalpis* (Macquart)
 Abdômen com pilosidade preta predominante; tergitos abdominais 2-3 amarelos ou castanhos com a margem posterior amarela, 4.º ter-

- gito invariavelmente castanho com a margem posterior amarela, tergitos 5-7 castanho-avermelhados, brilhantes, às vezes com a margem posterior mais clara; asas uniforme e levemente amareladas *imitator*, n. sp.
- 19 Mesonoto (fig. 16) com a região pré-escutelar escurecida; tergitos abdominais 2-3 (fig. 17) com uma grande mancha escura, central e de forma triangular *bifasciatus* Carrera
- Mesonoto com a região pré-escutelar clara; tergitos abdominais 2-3 sem mancha escura central (os lados desses tergitos às vezes são escurecidos) 20
- 20 Quarto tergito abdominal avermelhado; tergitos 5-7 completamente preto-foscas (fig. 18) *atriapex*, n. sp.
- Quarto tergito abdominal amarelo com faixa transversal escura que não alcança nenhuma das margens; tergitos 5-7 pretos com a margem posterior amarela ou com pêlos amarelos lateralmente (fig. 19) *vulgaris* Carrera
- 21 Segundo e terceiro segmentos do abdômen amarelo-avermelhados, quinto e sexto inteiramente pretos ou amarelo-avermelhados com manchas pretas 22
- Abdômen com diferente disposição de cores 23
- 22 Tergitos abdominais 4-7 inteiramente pretos; palpos com pêlos amarelos (fig. 20) *angustiventris* (Macquart)
- Tergitos abdominais 4-7 amarelo-avermelhados, havendo no quinto e sexto manchas pretas; palpos com pêlos pretos *bimaculatus* (Bromley)
- 23 Abdômen unicolor, ferruginoso, castanho-escuro ou amarelo-avermelhado, às vezes com o ápice preto, mas as margens laterais são sempre da mesma cor que o dorso 24
- Margens laterais do abdômen sempre de cor diferente da dorsal 26
- 24 Abdômen amarelo-avermelhado ou castanho-escuro com o ápice preto; tíbias posteriores amarelo-avermelhadas com o terço apical preto; pilosidade dos palpos inteiramente preta (fig. 21) *winthemi* (Wiedemann)
- Abdômen ferruginoso; tíbias posteriores avermelhadas; pilosidade dos palpos preta com mistura de alguns pêlos amarelos 25
- 25 Faixas longitudinais do mesonoto unidas; asas intensamente escurecidas no ápice e margem posterior *tau* Osten Sacken
- Faixas longitudinais do mesonoto nitidamente separadas; asas levemente escurecidas no ápice e margem posterior *ternatus* Loew
- 26 Mancha castanho-escura de cada tergito abdominal dividida em duas partes por uma zona mais clara central 27
- Porção central de cada tergito do abdômen castanho-escura, sem zona mais clara central 28
- 27 Manchas laterais do mesonoto (fig. 8) obsoletas; palpos com pilosidade amarelo-avermelhada *alvesi* Carrera
- Manchas laterais do mesonoto distintas e grandes; palpos com pilosidade preta. (fig. 22) *bromleyi* Carrera
- 28 Abdômen (fig. 24) vermelho-laranja com as margens laterais revestidas de pruina cinza; mesonoto (fig. 23) castanho-claro com faixas longitudinais castanho mais escuro, sendo as laterais muito estreitas e alongadas *wygodzinskyi* Carrera
- Abdômen preto, castanho ou ocráceo, com as margens laterais e posterior amarelas; mesonoto dourado com faixas longitudinais pretas, sendo as laterais bastante largas 29
- 29 Abdômen castanho ou ocráceo; manchas escuras dos tergitos indistintas; fêmures posteriores inteiramente amarelos (fig. 25) *inclusus* Walker
- Abdômen preto com as margens laterais e posterior amarelas; fêmures posteriores amarelos e com uma alongada mancha castanha na superfície superior 30

- 30 Palpos com pêlos pretos; tíbias posteriores amarelas com o terço apical preto *jalapensis* (Bellardi)
 Palpos com pêlos amarelos; tíbias posteriores avermelhadas, apenas amarelas na extremidade basal (fig. 26) *dubius* (Bellardi)

Não foram incluídas nesta chave as espécies não representadas em nosso material, mas através de suas descrições retiramos alguns dados que permitem relacioná-las àquelas que estudamos.

Diogmites affinis (Bellardi, 1861), México. Pelos caracteres assinalados na diagnose original, esta espécie deve ser incluída entre aquelas que apresentam faixas pretas em contraste com o fundo amarelo do mesonoto, sendo a faixa mediana dividida longitudinalmente. É uma espécie afim de *dubius* (Bellardi), da qual se distingue pela presença de faixas amarelas somente nas margens posteriores dos segmentos abdominais 2—4 e não em todos êles.

Diogmites bellardi (Bromley, 1929), México. Espécie que também pertence ao grupo daquelas com nítidas faixas pretas no mesonoto. Como *rubescens* (Bellardi) o seu abdômen é inteiramente avermelhado.

Diogmites bigoti (Bellardi, 1861), México. Contando apenas com a diagonal original, bastante falha, é impossível relacionar-se esta espécie com as outras do gênero.

Diogmites bilineatus (Loew, 1866), Cuba. Segunda Bromley (1929), esta espécie se distingue de *ternatus* Loew, pelas faixas pretas no mesonoto, duas em *bilineatus* e três em *ternatus*.

Diogmites brunneus (Fabricius, 1787), Guiana Francesa. Há uma certa confusão em torno desta espécie. Wiedemann (1828) confirmou sua ocorrência na Guiana Francesa, mas Macquart (1838) a ela se refere de material procedente de Philadelphia, Estados Unidos, o que é posto em dúvida por Osten Sacken (1878); Walker (1849) assinala-a no Brasil e Bromley (1934) na Venezuela. As suas relações com as outras espécies do gênero só podem ser verificadas pelo exame dos espécimes tipos. Schiner (1866), que estudou o material trabalhado por Wiedemann, afirma pertencer ela a um grupo de muitas espécies no qual, as mais aparentadas, são difíceis de distinguir. As marcas do abdômen de *brunneus*, pelas descrições que computamos, são mais ou menos como aquelas existentes em *lineola* (Bromley), *maculatus* Curran e *bromleyi* Carrera.

Diogmites craverii (Bellardi, 1861), México. Esta espécie pertence ao grupo das que apresentam nítidas faixas pretas no mesonoto, sendo a mediana indivisa; o abdômen é "flavo-castaneo, subunicolore; segmentis omnibus ad margines laterales nigro-fusco-unimaculatis".

Diogmites goniostigma (Bellardi, 1861), México. Segundo Bellardi é próxima de *jalapensis* (Bellardi), da qual se distingue pela fusão das faixas longitudinais do mesonoto anteriormente. Este caráter também foi atribuído por Osten Sacken a uma de suas espécies, *tau*, mas não acreditamos em sua eficiência e o consideramos decorrente de exemplares pouco perfeitos.

Diogmites heydeni (Jaennicke, 1867), Argentina. Espécie próxima de *atriapex*, n. sp., da qual se distingue pela coloração do abdômen que é inteiramente avermelhada com a margem posterior dos segmentos mais clara.

Diogmites infumatus (Arribalzaga, 1880), Argentina. Esta espécie se distingue dentre todos os *Diogmites* pelo que foi assinalado em sua diagnose original: "asas enfumaçadas na metade anterior, mais claras na posterior, quase límpidas em grande parte das células discal, quarta e quinta posteriores e anal".

Diogmites lineola (Bromley, 1934), Brasil. Espécie com faixas castanho-escuras no mesonoto e caracterizada principalmente pelas marcações do abdômen, onde os tergitos são amarelados nas margens laterais e posterior e pretos no resto, exceto na porção central que é alaranjada. Esta mancha alaranjada central forma ao longo do abdômen uma faixa que progressivamente diminui de extensão desde a base até o ápice.

Diogmites maculatus Curran, 1934, Equador. Espécie encontrada em uma ilha do Golfo de Guayaquil. O seu abdômen apresenta, em cada tergito, manchas laterais pretas e sub-quadradas, provavelmente dispostas de modo semelhante as que se encontram em *alvesi*, *bromleyi*, *lineola* e *brunneus*.

Diogmites memnon Osten Sacken, 1887, Panamá. Esta espécie pertence ao grupo daquelas que apresentam o abdômen preto, com os três últimos segmentos brilhantes. Os caracteres assinalados em sua diagnose original indicam certa afinidade com *coffeatus* (Wiedemann), da qual se distingue, principalmente, pela coloração das asas e do abdômen. As asas de *memnon* são amarelas na porção ântero-basal e um pouco enfumaçadas na metade apical e margem posterior, o que não acontece em *coffeatus* cujas asas são inteiramente amarelas. Além disto, não se encontra em *coffeatus* pruina castanha nos três primeiros tergitos do abdômen, nem manchas amarelo-pruinosas nos cantos posteriores desses mesmos tergitos.

Diogmites nigripennis (Macquart, 1847), México. Pertence também ao grupo daquelas cujo abdômen é preto. Suas asas são violáceas, caráter que a aproxima de *amethistinus*, n. sp., da qual se distingue pela cor preta das cerdas do mistax, cor preta dos halteres e ausência de pruina cinza no abdômen.

Diogmites nigripes (Bellardi, 1861), México. Os caracteres assinalados para esta espécie indicam certa semelhança com *memnon*. Osten Sacken, porém, examinou o tipo de *nigripes* e não reconheceu igualdade específica entre ambas.

Diogmites pseudojalapensis (Bellardi, 1862), México. Espécie muito semelhante, senão sinónima, a *jalapensis* (Bellardi), pois, ambas, através de suas diagnoses são inseparáveis.

Diogmites rubescens (Bellardi, 1861), México. Nesta espécie, a faixa preta mediana do mesonoto torna-se avermelhada anteriormente; o abdômen é todo avermelhado e um pouco mais estreito no segundo segmento.

Diogmites rufibasis Bigot, 1878, Brasil. Embora a diagnose original revele, de fato, tratar-se de um *Diogmites*, não sonseguimos estabelecer as suas relações com as outras espécies do gênero.

Diogmites sallei (Bellardi, 1861), México. Esta espécie pertence ao grupo daquelas nas quais as faixas longitudinais do mesonoto são castanho-escuras e nítidas. Segundo Osten Sacken, que examinou o tipo, as suas asas são bastante escurecidas.

Diogmites tricolor (Bellardi, 1861), México. Próxima de *rufipalpis* (Macquart), dela se distinguindo pelas faixas longitudinais do mesonoto pouco nítidas e pela cor dos tergitos do abdômen que são pretos com as margens amarelas.

Provavelmente, muitas espécies de *Diogmites* permaneçam ainda no antigo gênero *Dasygogon* de onde dificilmente poderão ser retiradas sem um prévio exame dos espécimes tipos. Outras, têm sido incluídas em *Diogmites* erradamente, devendo figurar em gêneros diferentes, tais como *Saropogon bicolor* Jaennicke, 1867, que é um *Lastaurus* ou *Lastauroides*, *Diogmites notatus* Bigot, 1878, que sem dúvida é um *Senobasis* e *Deromyia weyenberghi* Wulp, 1882, que é um *Allopogon*.

Diogmites superbus, n. sp.

♂. — Comprimento do corpo 17 mm; da asa 14 mm.

Cabeça: face revestida de pruina amarelo-clara; mistax branco-amarelado; fronte recoberta de pruina dourada, com alguns pequenos pêlos pretos nas margens oculares; calo ocelar castanho-escuro, com duas pequenas cerdas pretas; vértice castanho-escuro; occipício preto, com pruina amarela; cerdas occipitais superiores pretas, as da margem orbital pretas em cima e amarelas nos dois-térços inferiores; barba amarelada, probóscida preta, palpos pretos, com cerdas e pêlos pretos; antenas ocráceas nos dois primeiros artículos, castanho-escura no terceiro, com pequenas cerdas e pêlos pretos.

Tórax revestido de pruina dourada, com três faixas pretas longitudinais no mesonoto; a faixa mediana não encobre o pronoto, termina antes da sutura pré-escutelar e não apresenta qualquer indicio de divisão longitudinal; as faixas laterais, seccionadas pela pruina amarela da sutura transversa, formam duas manchas, sendo a anterior arredondada e a posterior cuneiforme; pilosidade preta; cerdas pretas: duas umerais, três pré-suturais, duas supra-alares e duas pós-alares; dorso-centrais desenvolvidas, principalmente as posteriores; escutelo com pruina dourada no dorso, escuro marginalmente e com duas cerdas pretas; região pós-escutelar revestida de pruina dourada, pouco mais escuro na porção mediana; pleuras recobertas de pruina amarela, com mancha escura sobre a mesopleura onde há também alguns curtos pêlos pretos; esternopleura com escassos pêlos dourados; cerdas hipopleurais pretas.

Pernas: coxas recobertas de pruina cinza, com cerdas e pêlos amarelados; fêmures amarelo-escuros, os posteriores pouco mais escuros basalmente e pretos no ápice; tíbias com a mesma cor dos fêmures, exceto as posteriores que são castanho-escuras basalmente e

pretas na metade apical; basitarsos das pernas anteriores e medianas com a mesma cor das tíbias, mas pretos no ápice; os quatro últimos tarsos inteiramente pretos; todos os tarsos posteriores são pretos; pilosidade preta, exceto na superfície inferior das tíbias anteriores e posteriores onde há compacta pilosidade amarela; cerdas pretas. Garras pretas; pulvilos amarelados.

Asas hialinas, com o quarto apical e parte da margem posterior nitidamente escurecidos por microtríquia; nervuras pretas. Halteres amarelados no pedúnculo, castanhos no capítulo.



Figura 1 — *Diogmites superbus*, n. sp., abdômen.

Abdômen (fig. 1) preto, com pruína cinza nas margens laterais de todos os tergitos e na porção basal do segundo; a porção centro-dorsal dos tergitos 1-4 preto-fosco e a dos tergitos 5-7 preto-brilhante; pilosidade preta e curta; cerdas e pêlos laterais do primeiro segmento amarelos; ventre preto, recoberto de pruína cinza e com esparsa pilosidade amarela. Genitália preto-brilhante com cerdas pretas e avermelhadas.

♀ — Desconhecida.

HOLÓTIPO ♂ depositado na coleção do Departamento de Zoologia sob o número 23.892.

LOCALIDADE TIPO: Costa Rica, Turrialba, 620 metros, maio de 1946 (H.B. & F.M. Brown).

DISCUSSÃO TAXIONÔMICA. Espécie afim de *coffeatus* (Wiedemann), mas facilmente separável pelos seguintes caracteres: pruína amarela nas pleuras, faixas longitudinais do mesonoto nitidamente separadas umas das outras, asas não amareladas e distribuição da pruína cinza sobre o abdômen (vide figuras 1 e 4). Há ainda alguma semelhança desta espécie com *memnon* Osten Sacken, *nigripes* e *jalapensis* (Bellardi). Distingue-se de *memnon* pela coloração das asas e das pernas; de *nigripes* pela cor dos fêmures e do abdômen; de *jalapensis* pela ausência de pruína amarela no abdômen e pela maior extensão da cor preta nas pernas.

Diogmites amethistinus, n. sp.

♂. — Comprimento do corpo 21 mm; da asa 17mm.

Cabeça: face revestida de pruína branca; mistax branco; fronte com pruína cinza-acastanhada e com pilosidade preta nos lados e

nas margens oculares; calo ocelar preto e com duas cerdas pretas; vértice preto-veludoso e com pêlos pretos lateralmente; occipício preto, com esparsa pruina cinza no centro e argêntea nas margens orbitais; cerdas occipitais superiores pretas, na metade inferior brancas; probóscida preto-brilhante e com pêlos pretos; palpos pretos, com cerdas e pêlos inteiramente pretos; antenas pretas com cerdas e pêlos pretos.

Tórax (fig. 2) preto, com pruina cinza sôbre o pronoto; pruina cinza encontra-se ainda nos espaços entre as faixas longitudinais e margens laterais do mesonoto, no dorso do escutelo, nas pleuras e na região pós-escutelar; as faixas longitudinais do mesonoto são preto-aveludadas, a mediana termina antes da sutura pré-escutelar e não apresenta qualquer vestígio de divisão longitudinal; as laterais são nitidamente seccionadas pela pruina cinza da sutura transversa, formando duas manchas, a anterior arredondada e a posterior cuneiforme; pilosidade curta e preta; cerdas pretas: três pequenas ume-rais, três pré-suturais, duas supra-alares e duas pós-alares; dorso-centrais desenvolvidas, principalmente as posteriores; escutelo preto na margem, onde se acham duas cerdas pretas, e com pruina cinza no dorso; mesopleura e esternopleura com regiões escuras, sem pruina cinza; cerdas hipopleurais pretas.



Figura 2 — *Diognites amethistinus*, n. sp., mesonoto.

Pernas: coxas recobertas de pruina cinza com cerdas da mesma côr, exceto na superfície inferior das tibias anteriores e posteriores onde há compacta pilosidade castanha. Garras pretas; pulvilos branco-amarelados.

Asas de côr castanho-escuro, com intensos reflexos violáceos; ângulo anal completamente hialino; nervuras pretas; microtríquia, sem alterar a coloração geral das asas, presente no têrço apical e em parte da margem posterior. Halteres amarelos, avermelhados no capítulo.

Abdômen preto; os quatro primeiros tergitos inteiramente revestidos de pruina cinza que se estende também pelas margens laterais dos tergitos seguintes; os três últimos tergitos brilhantes dorsalmente; pilosidade preta, grossa; cerdas laterais do primeiro segmento e da genitália pretas; ventre totalmente recoberto de pruina cinza e com pilosidade preta, fina, longa e esparsa no primeiro esternito. Genitália preto-brilhante.

♀ — Desconhecida.

HOLÓTIPO ♂ depositado na coleção do Dr. Stanley W. Bromley.
LOCALIDADE TIPO: Colômbia, Dept. Meta, Restrepo, 500 metros, 1936 (J. Bequaert).

DISCUSSÃO TAXIONÔMICA. Também esta espécie é afim de *coffeatus* (Wiedemann). Distingue-se pela pruina cinza do mesonoto, pela côr violácea das asas e pela pruina cinza do abdômen que reveste inteiramente os quatro primeiros tergitos. Estes mesmos caracteres servem para separar esta espécie de *superbus*, n.sp. descrita acima. Pelos reflexos violáceos das asas, esta espécie se assemelha um pouco a *nigripennis* (Macquart), mas dela se distingue pelo mistax de côr branca e não preta, pela presença de pruina cinza no abdômen e pela côr dos halteres que são amarelos e não pretos. A coloração das asas, a pruina cinza sôbre o mesonoto e abdômen, a côr inteiramente preta das pernas, além de outras minúcias, separam facilmente esta espécie de *memnon* e *nigripes*, com as quais, talvez, possam ser confundidas.

Diogmites coffeatus (Wiedemann)

Dasygogon coffeatus WIEDEMANN, 1819, p. 49; 1821, p. 217; 1828, p. 374; WALKER, 1854, p. 444; SCHINER, 1866, p. 676; WILLISTON, 1891, p. 76; KERTÉSZ, 1900, p. 127; BROMLEY, 1946, p. 107.

Deromyia coffeata (Wiedemann), CURRAN, 1926, p. 259.

Diogmites coffeatus (Wiedemann), CARRERA, 1949, p. 65.

Fácilmente se reconhece esta espécie pelos seguintes caracteres: mistax branco; palpos pretos com pêlos pretos; antenas pretas; meso-



Figura 3 — *Diogmites coffeatus* (Wiedemann), mesonoto.

Figura 4 — *Diogmites coffeatus* (Wiedemann), abdômen.

noto (fig. 3) com três faixas longitudinais pretas que em certos pontos se fundem e em outros se separam por linhas de pruina amarela; esta pruina amarela se expande anteriormente, formando nos lados dos calos umerais duas grandes manchas triangulares; as margens laterais do mesonoto, assim como as pleuras e o escutelo estão revisitados de pruina côr de café; dorso-centrais desenvolvidas; fêmures e tíbias pretos ou escuros em cima e amarelados em baixo; tarsos amarelados; asas amarelas; abdômen (fig. 4) preto, com um fino friso amarelado na margem posterior do segundo e terceiro segmentos, onde também existe, em cada canto pótero-lateral, mancha de pruina cinza, às vêzes se estendendo também pelo dorso dêsse tergitos; os três ou quatro últimos segmentos abdominais preto-brilhantes; nos ♂♂ os lados dos três primeiros tergitos abdominais apresentam pilosidade branca conspícua; genitália dos ♂♂ amarela.

As espécies que mais afinidades apresentam com *coffeatus* são *superbus* e *amethistinus*, aqui descritas páginas atrás. Delas se distingue pela cor amarela das asas e distribuição de pruina cinza no abdômen. Em *superbus* as asas são hialinas, escurecidas no ápice e em parte da margem posterior; a pruina cinza do abdômen reveste todas as margens laterais dos segmentos. Em *amethistinus* as asas são castanho-escuras com intensos reflexos violáceos; a pruina cinza do abdômen recobre inteiramente os quatro primeiros segmentos e as margens laterais dos segmentos seguintes.

Há ainda grande semelhança de *coffeatus* com *nigripes* do México, pois ambas apresentam coloração geral preta e asas amareladas, além de outros caracteres que são mais ou menos concordantes. Pela diagnose de *nigripes*, a diferença entre estas duas espécies só é verificada na coloração das pernas. Em *coffeatus* os fêmures e as tibias são pretos ou, em alguns exemplares, pretos na superfície superior e amarelos na inferior; os tarsos são todos amarelos. Em *nigripes* as pernas são pretas, mas há a seguinte diferença indicada em sua diagnose: "apice femorum, basi tibiaram et basi lata omnium articularum tarsorum rufescentibus".

Outra espécie que poderia eventualmente ser confundida com *coffeatus* é *reticulatus* (Fabricius). Ambas possuem as asas amarelas, mas o tórax e o abdômen têm marcações diferentes.

Distribuição. Brasil. Estado de São Paulo, Mogi das Cruzes, II-1938 e I-1939 (M. Carrera), 3 ♂♂ e 3 ♀♀. Estado do Rio de Janeiro: Nova Friburgo, 900 metros, I-1946 (Wygodzinsky), 1 ♂ e 1 ♀; Terezópolis, IV-1938 (S.F.A.), 1 ♀; Palmeiras, I-1939 (H.S. Lopes), 1 ♀; Itatiaia, 700 metros, I-1948 (J.F. Zikan), 1 ♀; Distrito Federal, IV-1938 (S.F.A.), 1 ♀. Estado de Minas Gerais: Mariana, III-1919 (Fonseca), 1 ♀; Cambuquira, II-1941 (Lopes & Gomes), 3 ♀♀. Todos os espécimes pertencem à coleção do Departamento de Zoologia e estão registrados sob os números: 21.752, 62.227, 62.244, 62.270, 62.272, a 62.275 e 111.102 a 111.109.

Diogmites reticulatus (Fabricius)

Laphria reticulata FABRICIUS, 1805, p. 160.

Dasybogon reticulatus (Fabricius), WIEDEMANN, 1821, p. 217; 1828, p. 378; WALKER, 1854, p. 445; SCHINER, 1866, p. 677; WILLISTON, 1891, p. 67; KERTÉSZ, 1909, p. 131.

Deromyia nigricauda CURRAN, 1926, p. 259; BROMLEY, in CURRAN, 1934, p. 335.

Diogmites nigricauda (Curran), CARRERA, 1949, p. 66.

No decorrer dos nossos estudos identificamos um espécime da região amazônica como *reticulatus* em vista da concordância dos seus caracteres com os assinalados nas diagnoses de Fabricius e Wiedemann. Ao compararmos este exemplar com outros da nossa coleção, procedentes da região típica (Guiana Inglesa) e anteriormente identificados por Bromley como *nigricauda*, verificamos absoluta igualdade dos mesmos, pois recorrendo a diagnose desta última pudemos nela enquadrar, sem dificuldade alguma, o nosso espécime da Amazônia. Esta sinonímia não nos oferece dúvida, embora reconheçamos ser a diagnose de Fabricius curta e insuficiente. Considerando-se, porém, a redescritção de Wiedemann, muito mais esclarecedora e, certamente, baseada no material tipo que se encontra no Museu de Copenhague, a outra conclusão, senão aquela, se chegará.

A única espécie com a qual *reticulatus* apresenta alguma semelhança é *coffeatus*. Ambas, entretanto, serão facilmente reconhecidas se atentarmos para a coloração castanho-avermelhada do tórax e das pernas de *reticulatus*, bem como as largas faixas de pruina cinza que ela apresenta nos segmentos abdominais (fig. 5) anteriores e a cor preto-fosca dos segmentos posteriores.



Figura 5 — *Diogmites reticulatus* (Fabricius), abdômen.

Distribuição. Guiana Inglesa, Bartica District, VI e VII-1901 (C. W. Johnson), 2 ♀♀; 1908 (K.S. Wise), preando uma Odonata, 1 ♀. Brasil, Estado do Amazonas, Gaumona? 1933 (E. Le Moults.), 1 ♀. Os dois primeiros exemplares pertencem à coleção do Departamento de Zoologia, onde se acham registrados sob os números 20.055 e 20.056; os dois seguintes à coleção do Museu Britânico.

Diogmites virescens (Bellardi)

Dasyogon (*Saropogon*) *virescens* BELLARDI, 1861, p. 69.

Deromyia virescens (Bellardi), ALDRICH, 1905, p. 266; KERTÉSZ, 1909, p. 117.

Espécie de tamanho médio e facilmente reconhecível pela pruina cinza que reveste todo o seu corpo, nítidas faixas pretas no menosoto, pernas amarelo-avermelhadas e palpos pretos com pêlos pretos.

É afim de *litoralis* (Curran), da qual se distingue pela ausência de faixas transversais cinzentas na margem posterior dos segmentos do abdômen e palpos pretos com pilosidade preta.

Distribuição. México (ex-coll. W.W. Saunders), 1 ♀. Coleção do Museu Britânico.

Diogmites litoralis (Curran)

Deromyia litoralis CURRAN, 1930, p. 425.

Como bem ponderou Curran, esta espécie é inconfundível entre todas as outras do gênero. Sua aparência geral não é a de um *Diogmites*, parecendo-nos, quando vista de relance, a *Allopogon tessellatus* (Wiedemann). Examinada, porém, detidamente verifica-se a presença de todos os caracteres de *Diogmites* e a relação de parentesco que ela mantém com *virescens*. Distingue-se *litoralis* pela cor castanha

dos palpos onde se encontra pilosidade amarelada e pelo abdômen (fig. 6) que apresenta, em cada segmento, mancha castanha mediana com a pruina cinza nas margens.



Figura 6 — *Diogmites litoralis* (Curran), abdômen.

Distribuição. Panamá, X-1896 (Rosenberg), 1 ♂ e 2 ♀♀; 1924, St. George Exped. (L.E. Cheesman), 3 ♂♂. Coleção do Museu Britânico.

Diogmites ferrugineus (Arribalzaga)

Alloponon ferrugineus ARRIBALZAGA, 1880, p. 182; 1882, p. 137; WILLISTON, 1891, p. 73; KERTÉSZ, 1909, p. 118.

Deromyia placida WULF, 1882, p. 94; WILLISTON, 1891, p. 75; KERTÉSZ, 1909, p. 117.

Alloponon placidus (Wulp), CARRERA, 1949, p. 45.

Diogmites placidus (Wulp), ENGEL, 1929, p. 469.

O mesonoto (fig. 7) desta espécie é castanho, mas às vezes recoberto de pruina acinzentada, contrastando com a cor escura do abdômen. As faixas longitudinais do mesonoto são de cor castanha e geralmente pouco nítidas, sem contraste conspícuo com a coloração geral do tórax. O abdômen é ocráceo, mas às vezes escuro, ferruginoso; as margens laterais dos tergitos estão recobertas de pruina cinza ou amarelada, havendo uma estria preta paralela a essas margens que separa a cor ocrácea dorsal da cinza lateral; em alguns exemplares esta estria é pouco nítida e em outros a pruina cinza lateral se estende por todo o abdômen que se torna então mais claro.

É uma espécie próxima de *wygodzinskyi* Carrera e *winthemi* (Wiedemann) das quais se distingue pela cor do abdômen e pela cor das faixas longitudinais do mesonoto. Há também alguma afinidade com *castaneus* (Macquart), mas em *ferrugineus* as asas são hialinas e o abdômen não possui pilosidade amarela.

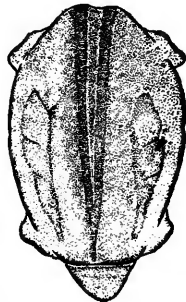


Figura 7 — *Diogmites ferrugineus* (Arribalzaga), mesonoto.

Quando van der Wulp descreveu *Deromyia placida* assinalou a cor "testaceo immaculato" para o abdômen desta espécie porque, naturalmente, teve em mãos exemplares nos quais a pruina cinza esconde as estrias laterais. A quantidade de espécimes que examinamos mostrou-nos que as estrias escuras laterais do abdômen têm a sua nitidez dependente da pruina cinza que aí existe, sendo completamente escondidas quando esta pruina é abundante.

Distribuição. Argentina. Jujuy: Calilegua, II-1950 (Willink & Monrós); Palpalá, II-1949 (M. Aczél); Salta: Angastaco, I-1950 (Willink & Monrós), Ruiz de los Llanos, II-1947 (R. Golbach), Molinos, I-1950 (Hayward), Seclantas, I-1950 (Willink & Monrós), Guemes, II-1950 (Willink & Monrós), Araguay, II-1950 (R. Golbach); Santiago del Estero: Rio Salado (Wagner), B. Quiroga, IV-1946 (Monrós); Chaco: Colonia Benitez, XII-1948 (R. Golbach); Formosa: I-1948 (Romano); Catamarca: Hualfin, II-1949 (Ares); Tucuman: San Pedro de Colalao, I-II-1949 (Arnau), Amaicha del Valle, II-1947, Villa Padre Monte, I-II-1948 (R. Golbach), Reserva Florestal, XII-1947, Saladillo, IV-1947 (Arias); La Rioja: Patquia, XII-1932 e II-1933 (Hayward), Zelaya, XI-1946 (H.C. Hepper); Misiones: El Dorado, VI-1948 (F. Luna); Cordoba: XII-1948 (Pde. Lopes), San Martin, I-1950; Mendoza (King) (F. & M. Edwards); Neuquen: Zapala, XII-1946 (Hayward & Willink); 40 ♂♂ e 53 ♀♀. Brasil, Mato Grosso, Salobra, X-1938 (Com. I.O.C.), 1 ♂. Pertencem à coleção do Departamento de Zoologia 25 exemplares registrados sob os números 23.893 a 23.917, 111.140, 111.264 e 111.265; à coleção do Instituto Miguel Lillo 47 exemplares; à coleção Arnau 9 exemplares; à coleção Hepper 4 exemplares e à coleção do Museu Britânico 5 exemplares.

Diogmites aberrans (Wiedemann)

- Dasygogon aberrans* WIEDEMANN, 1821, p. 223; 1828, p. 389; WALKER, 1854, p. 443; SCHINER, 1866, p. 678; WILLISTON, 1891, p. 67; KERTÉSZ, 1909, p. 125.
Deromyia aberrans (Wiedemann), BROMLEY in CURRAN, 1934, p. 335.
Diogmites aberrans (Wiedemann), CARRERA, 1949, p. 82; BROMLEY, 1946, p. 107.
Dasygogon examinans WALKER, 1851, p. 90; 1854, p. 433; WILLISTON, 1891, p. 76; KERTÉSZ, 1909, p. 127; BROMLEY, 1946, p. 107.
Deromyia examinans (Walker), BROMLEY in CURRAN, 1934, p. 335.
Diogmites examinans (Walker), CARRERA, 1948, p. 116; 1949, p. 82.

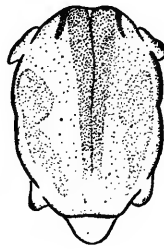
Deve-se a Bromley (1934) a sinonímia de *examinans* com *aberrans*. A princípio duvidamos da sua exatidão, mas o estudo do material em nossas mãos comprova-a perfeitamente.

Esta espécie pertence ao grupo daquelas em que o mesonoto não mostra faixas pretas longitudinais em contraste com o fundo amarelo. O abdômen é praticamente unicolor, amarelo-avermelhado, castanho-escuro nos dois últimos segmentos; as asas são hialinas, com leve tonalidade amarelada. De um modo geral poderia ser confundida com *castaneus* (Macquart) ou com *inclusus* (Walker). Distingue-se perfeitamente da primeira pela cor mais clara das asas e pelos artícuos tarsais que embora um pouco mais escuros, não são pretos; da segunda pela coloração do mesonoto.

Distribuição. Equador, Chimbo, 1.000 metros, VIII-1897 (Rosenberg, 1 ♂. Coleção do Museu Britânico.

Diogmites alvesi Carrera*Diogmites alvesi* CARRERA, 1949, p. 79.

Espécie pequena, com as faixas laterais do mesonoto (fig. 8) obsoletas, a mediana castanha, se distinguindo da cor do fundo apenas pela sua tonalidade mais escura; abdômen castanho com as margens laterais e posteriores dos segmentos amarelo-clara, cor esta que se encontra também na porção central de cada tergito.

Figura 8 — *Diogmites alvesi* Carrera, mesonoto.

Pela disposição das cores do abdômen, parece-nos afim de *maculatus* Curran, da qual se distingue por ter a pilosidade dos palpos amarela e tergitos abdominais amarelo nas margens e na porção dorso-central.

Distribuição. Brasil, Rio Grande do Norte, Natal, III-1939 (D.C. Alves), 1 ♂. Coleção do Departamento de Zoologia sob o número 111.039.

Diogmites obscurus Carrera*Diogmites obscurus* CARRERA, 1949, p. 67.

A coloração pardacenta ao longo das nervuras das asas nesta espécie a separa de todas as que conhecemos. Ela é, entretanto, afim de *castaneus* (Macquart) da qual se distingue, além do caráter que acima ficou dito, pela ausência de pilosidade amarelo-avermelhada no abdômen.

Distribuição. Brasil, Goiás, XII-1933 (R. Spitz), 1 ♂. Coleção do Departamento de Zoologia sob o número 62.271.

Diogmites castaneus (Macquart)*Dasybogon castaneus* MACQUART, 1838; p. 35; WALKER, 1849, p. 338; 1854, p. 431; WILLISTON, 1891, p. 76.*Oligopogon castaneus* (Macquart), KERTÉSZ, 1909, p. 62; BROMLEY, 1946, p. 105.*Diogmites castaneus* (Macquart), CARRERA, 1948, p. 118; 1949, p. 85.

Espécie inconfundível entre as suas congêneres pela uniforme coloração castanho-avermelhada do seu corpo, exceto nos três últimos artículos tarsais que são pretos; pilosidade amarelo-avermelhada do abdômen, mais ou menos longa lateralmente; asas amarelas; mesonoto (fig. 9) com faixas longitudinais castanhas apenas mais escuras que a cor do fundo.

É afim de *rufipalpis* (Macquart) e, mais longinquamente, de *obs-*

curus Carrera e *aberrans* (Wiedemann). Distingue-se de *rufipalpis* pelas faixas do mesonoto que não são pretas e pilosidade dos palpos que é preta ou castanho-escuro. De *obscurus* e *aberrans* pela forte coloração amarela das asas.

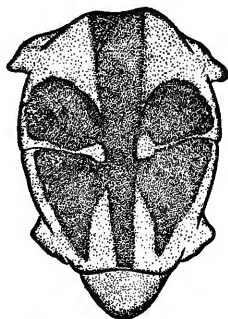


Figura 9 — *Diogmites castaneus* (Macquart), mesonoto.

Distribuição. Brasil. Estado do Pará: Rio Cuminá, Cachoeira do Tronco, IX-1936 (Almeida), 1 ♂; Belem, Utinga, IX-1938 (Damasceño), 1 ♀. Estado do Amazonas, Manicoré IX-1945 (Parko), 3 ♀♀; VI-1950 (J. C. M. Carvalho), 1 ♀; Amazonas, 1915, 1 ♂. Colômbia, 1920 (A. Balfour), 1 ♀. Peru, Iquitos, I-1929 (E. Le Moul.), 2 ♀♀. Os dois primeiros exemplares pertencem à coleção do Departamento de Zoologia, onde estão registrados sob os números 111.072 e 111.073, os quatro seguintes à coleção do Museu Nacional do Rio de Janeiro e os quatro últimos à coleção do Museu Britânico.

Diogmites anomalus Carrera

Diogmites anomalus CARRERA, 1947, p. 40; 1949, p. 68.

O tamanho reduzido dos pulvilos posteriores é um caráter que distingue esta espécie de todas as outras do gênero e a aproxima das espécies de *Allopogon*, onde não pode ser incluída pela pequena largura da face (menos que a largura de um olho) e pela ausência de pilosidade acima do mistax. Outro caráter que lhe é exclusivo, exceto *intactus* (Wiedemann) que também o apresenta, é a atrofia das cerdas dorso-centrais.



Figura 10 — *Diogmites anomalus* Carrera, abdômen.

Há uma variação na cor geral do corpo de *anomalus*; amarelo-claro ou avermelhada, sempre, porém, com manchas castanhas nos tergitos abdominais (fig. 10).

Distribuição. Brasil, São Paulo, Capital (Ipiranga), I-1940 (F. Lane), 1 ♀. Paraguai, Assunção, II-1944 (Miss. Cient. Bras.), 1 ♀. Ambos da coleção do Departamento de Zoologia sob os números 62.229 e 103.949.

Diogmites intactus (Wiedemann)

Dasyopogon intactus WIEDEMANN, 1828, p. 371; WALKER, 1854, p. 445; SCHINER, 1866, p. 676; WILLISTON, 1891, p. 76; KERTÉSZ, 1909, p. 129.

Diogmites intactus (Wiedemann), CARRERA, 1949, p. 72; CARRERA & D'ANDRETTA, 1950, p. 162.

REDESCRIÇÃO. ♀ : comprimento do corpo 21 mm; da asa 16 mm.

Face revestida de pruina amarelo-clara; mistax formado por cerdas brancas; fronte com pruina amarela, mais escura que a da face; vértice castanho, com alguns curtos pêlos pretos nos lados; occi-



Figura 11 — *Diogmites intactus* (Wiedemann), mesonoto.
Figura 12 — *Diogmites intactus* (Wiedemann), abdômen.

pício revestido de pruina amarela nas margens orbitais e castanha na porção central; cerdas occipitais amarelas; probóscida e palpos pretos, éstes com cerdas castanho-escuras ou amarelo-avermelhadas; antenas avermelhadas com cerdas e pêlos pretos, curtos. Tórax (fig. 11) amarelo-claro; mesonoto com faixas longitudinais castanho-escuras, a mediana não dividida e terminando na sutura pré-escutelar; as laterais pouco separadas pela pruina da sutura transversa; nos interstícios destas faixas a pruina é castanho-clara; cerdas laterais pretas e desenvolvidas; dorso-centrais atrofiadas, não se distinguindo da forte pilosidade que reveste esparsamente o mesonoto; escutelo recoberto de pruina amarela; cerdas metapleurais amarelas. Pernas amarelas, mais escuras nos últimos artigos tarsais, principalmente nos das pernas posteriores; pulvilos desenvolvidos. Asas hialinas, levemente sombreadas no ápice e margem posterior. Abdômen (fig. 12) amarelo nas margens posteriores dos segmentos e amarelo-cinza nas margens laterais, havendo nos três-quartos anteriores dos tergitos 2-6 grande mancha transversal que é castanho-escuro nos lados e castanho-clara no meio; tergitos 7-8 amarelo-avermelhados, brilhantes; pilosidade curta e preta; ventre castanho-escuro.

Juntamente com *anomalus* esta espécie não apresenta cerdas dorso-centrais desenvolvidas, mas qualquer confusão entre ambas não é possível pela grande diferença das cores do abdômen. A espécie que mais se aproxima de *intactus* é *lindigii* (Schiner) da qual facilmente se distingue, não só pela atrofia das cerdas dorso-centrais, como também pelas manchas escuras dos segmentos abdominais que em *lindigii* são ininterruptas e cobrem os três-quartos anteriores das margens laterais de cada tergito, o que não acontece com *intactus*, onde as margens laterais são inteiramente claras.

Distribuição. México, Apatzingan, Michoacan, VIII-1941 (Haag), 1 ♀. Coleção do Departamento de Zoologia sob o número 20.006.

Diogmites lindigii (Schiner)

Dasyopogon lindigii SCHINER, 1868, p. 165.

Diogmites lindigii (Schiner), OSTEN SACKEN, 1887, p. 174.

Deromyia lindigii (Schiner), WILLISTON, 1891, p. 75; ALDRICH, 1905, p. 265; KERTÉSZ, 1909, p. 116.

REDESCRIÇÃO. ♂ ♀ : comprimento do corpo 13-17 mm; da asa 11-14 mm.

Face revestida de pruina amarela; mistax amarelo-avermelhado; fronte com pruina amarela mais escura que a da face, às vezes muito escura; occipício preto com pruina amarela; cerdas occipitais superiores pretas e as da corôa orbital amarelas; barba amarela; probóscida preta; palpos amarelo-avermelhados com pilosidade da mesma côr; antenas amarelo-avermelhadas com curta pilosidade preta. Tórax (fig. 13) revestido de pruina amarela; mesonoto com três faixas pretas longitudinais, a mediana dividida na extremidade anterior por uma mancha fusiforme de pruina amarela e terminando muito antes da sutura pré-escutelar; faixas laterais separadas pela pruina amarela da sutura transversa, formando duas manchas, a anterior arredondada, a posterior cuneiforme; cerdas pretas; dorso-centrais desenvolvidas; escutelo amarelo com cerdas pretas; pleuras com uma faixa preta vertical, se estendendo pela parte anterior da mesopleura e terminando na porção compreendida pelas coxas anteriores e medianas; outra sombra escura, pequena, situada no esclerito que fica acima da coxa posterior. Pernas amarelo-avermelhadas, mais escuras no ápice dos artículos tarsais; pulvilos posteriores desenvolvidos. Asas levemente amareladas, com enfuscamento no ápice e margem posterior. Abdômen (fig. 14) estreitado no segundo segmento, às vezes muito pouco; todos os tergitos apresentam uma larga faixa preta transversal, cobrindo os três-quartos anteriores, sendo o quarto posterior de côr amarelo-claro; estas faixas pretas se estendem de uma a outra margem lateral de cada tergito, o mesmo acontecendo com as faixas amarelas; no segundo tergito, o mais alongado de todos, o quarto basal é também amarelo e a faixa preta, ocupando a porção mediana do tergito, é curva na borda posterior e mais clara no meio, em alguns exemplares de modo mais acentuado que em outros; pilosidade preta no dorso de cada tergito, amarela no resto; ventre amarelado na metade anterior, acompanhando as cores dorsais na posterior. Genitália amarelo-avermelhada com pilosidade amarela.

As espécies mais próximas de *lindigii* são *intactus*, *rufipalpis* (Macquart) e *imitador*, n. sp. Delas se separa facilmente pelas cores do abdômen. Cada tergito abdominal de *lindigii* apresenta duas cores: preta na metade anterior e amarela na posterior. Em *intactus*, a parte escura de cada tergito abdominal se reduz a duas manchas dorsais, pois ela não alcança as margens laterais e no centro é separada por amarelo; em *rufipalpis* o abdômen é quase unicolor, sendo os tergitos amarelo-avermelhados com a margem posterior finamente bordejada de amarelo-claro; em *imitador*, o abdômen apresenta faixas escuras (não pretas), pouco nítidas, nos tergitos anteriores, sendo os tergitos posteriores inteiramente castanhos, brilhantes.

É interessante assinalar que *Diogmites lindigii*, pela forma e côr do abdômen, quando vista de relance tem o aspecto de um pequeno *Blepharepium*.



Figura 13 — *Diogmites lindigii* (Schiner), mesonoto.
Figura 14 — *Diogmites lindigii* (Schiner), abdômen.

Distribuição. Costa Rica, S. Isidro, V-1946 (F. M. & H. Brown), 1 ♀. Equador, Paramba, II e IV-1897 (Rosenberg), 1 ♂ e 1 ♀. O primeiro exemplar pertence à coleção do Departamento de Zoologia, onde está registrado sob o número 23.918; os dois exemplares restantes pertencem à coleção do Museu Britânico.

Diogmites cuantlensis (Bellardi)

Dasybogon (*Saropogon*) *cuantlensis* BELLARDI, 1861, p. 67.

Diogmites cuantlensis (Bellardi), OSTEN SACKEN, 1887, p. 175; CARRERA & D'ANDRETTA, 1950, p. 163.

Deromyia cuantlensis (Bellardi), ALDRICH, 1905, p. 264; KERTÉSZ, 1909, p. 115.

Esta espécie se distingue de *rubescens* (Bellardi) pelo abdômen que é castanho-amarelado e de lados paralelos e pelo mesonoto que possui faixa longitudinal mediana inteiramente preta. Distingue-se de *rufipalpis* (Macquart) pelas asas que são hialinas, pleuras sem faixas verticais escuras e abdômen de lados paralelo com as margens laterais pouco mais claras.

Distribuição. México, Yucatan, Chichen Itza (Thompson), 1 exemplar com a extremidade do abdômen quebrada. Coleção do Departamento de Zoologia sob o número 20.008.

Diogmites rufipalpis (Macquart)

Dasygogon rufipalpis MACQUART, 1838, p. 38, T. 3, f. 2; WALKER, 1854, p. 432; WILLISTON, 1891, p. 76; KERTÉSZ, 1909, p. 131.

REDESCRIÇÃO. ♀: comprimento do corpo 16 mm; da asa 14 mm.

Face e fronte amarelo-douradas; mistax amarelo; vértice escuro; occipício revestido de pruina amarela; cerdas occipitais superiores pretas, inferiores amarelas; barba amarela; probóscida castanha, mais escura no ápice; palpos amarelos com pêlos da mesma cor; antenas amarelo-avermelhadas com curta pilosidade preta. Tórax (fig. 15) revestido de pruina amarelo-dourada; mesonoto com três faixas castanho-escuras; a mediana dividida anteriormente por pruina amarela e terminando muito antes da sutura pré-escutelar; as laterais são levemente separadas pela pruina da sutura transversa e se estendem desde os calos umerais até os pós-alares; cerdas pretas; dorso-centrais desenvolvidas; escutelo amarelo-dourado no dorso, mais escuro na margem; pleuras com uma faixa vertical preta se estendendo desde a mesopleura até a porção compreendida entre as



Figura 15 — *Diogmites rufipalpis* (Macquart), mesonoto.

coxas anteriores e medianas; uma sombra escura se encontra acima da coxa posterior; cerdas metapleurais pretas. Pernas avermelhadas, um pouco mais claras nos fêmures anteriores; pilosidade curta e preta, amarela e compacta na superfície inferior das tíbias anteriores e posteriores; pulvilos posteriores desenvolvidos. Asas amarelas, mais intensamente na margem anterior e na base. Abdômen estreitado no segundo segmento; amarelo-avermelhado e com a margem posterior dos tergitos 2-4 amarelo-claro; primeiro tergito preto, com pruina amarelada e cerdas pretas laterais; tergitos 6-7 brilhantes; pilosidade amarela em mistura com preta, esta última de modo mais abundante nos três primeiros tergitos; ventre amarelo, com abundante pilosidade da mesma cor.

Esta espécie é próxima de *rubescens* (Bellardi) da qual se distingue pela faixa mediana do mesonoto que não se torna avermelhada anteriormente e pela margem posterior dos tergitos abdominais 2-4 que é amarela.

Diogmites cuantlensis (Bellardi), com a qual *rufipalpis* se assemelha um pouco, é distinta porque possui asas hialinas, faixas pretas verticais das pleuras praticamente inexistentes e abdômen de lados paralelos com as margens laterais pouco mais claras.

Distribuição. Brasil, Amazonas (H. W. Bates), 1 ♀. Coleção do Museu Britânico.

Diogmites imitator, n. sp.

♂ ♀. Comprimento do corpo 12-14 mm; da asa 11-12 mm.

Cabeça: face revestida de pruina amarela; mistax constituído por finas cerdas amarelas, pouco numerosas; fronte com pruina amarela, pouco mais escura que a da face e com alguns curtos pêlos claros lateralmente; calo ocelar castanho-escuro e com duas pequenas cerdas pretas; vértice da mesma côr que o calo ocelar; occipício inteiramente recoberto de pruina amarela, um pouco mais escura em cima, com cerdas pretas na porção superior e amarelas na inferior, onde formam a corôa occipital; barba amarela; probóscida castanho-escuro na metade apical, ocrácea na basal; palpos amarelos e com pilosidade da mesma côr; antenas amarelo-avermelhadas, com curta pilosidade preta estendendo-se por quase tôda a borda superior do terceiro artículo.

Tórax revestido de pruina amarelo-dourada; pronoto com pequenas cerdas amarelas; mesonoto com três faixas pretas, sendo a mediana dividida longitudinalmente por uma linha de pruina amarela, anteriormente esta linha se alarga e assume o aspecto de mancha fusiforme; a faixa mediana se estende pelo pronoto e termina antes da sutura pré-escutelar; as faixas laterais alcançam os calos pós-alares e às vêzes são nitidamente separadas pela pruina da sutura transversa; cerdas pretas: três pré-suturais, duas supra-alares e duas pós-alares; dorso-centrais desenvolvidas; escutelo dourado e com duas cerdas pretas marginais; região pós-escutelar dourada; pleuras com duas sombras escuras: uma vertical, descendo da mesopleura até a região entre as coxas anteriores e medianas, e outra pequena situada na região entre as coxas medianas e posteriores; cerdas metapleurais pretas.

Pernas amarelas, levemente mais escuras no ápice dos tarsos; coxas revestidas de pruina amarela, com cerdas e pêlos amarelos; no resto das pernas a pilosidade é curta e preta; cerdas pequenas, pretas; garras pretas; pulvilos amarelos.

Asas levemente amareladas, com microtríquia no ápice e borda posterior. Halteres amarelo-avermelhados, escuros no capítulo.

Abdômen mais estreito no segundo segmento, amarelo-avermelhado pruinoso nos quatro primeiros segmentos, castanho-brilhantes nos segmentos restantes; nos ♂♂ os cantos póstero-laterais dos tergitos 2-4 são amarelo-claros; nas ♀♀ as margens posteriores de todos os tergitos são mais claras; pilosidade curta, preta no dorso, amarela nos cantos posteriores e margens laterais; ventre amarelo-ocráceo, com pruina clara e pilosidade curta, amarelada. Genitália do ♂ amarelo-avermelhada e com grossa pilosidade amarela; a da ♀ com espinhos vermelhos.

HOLÓTIPO ♂, alótipo ♀ e um parátipo ♀ depositados na coleção do Museu Britânico; um parátipo ♂ depositado na coleção do Dr. Stanley W. Bromley.

LOCALIDADE TIPO: Brasil, Estado do Pará, I-1896 (E. E. Austen).

LOCALIDADES ADICIONAIS: Colômbia, Magdalena Valley, El Banco (C. Allen), parátipo ♀; Venezuela, Caura Val. (C.W. Johnson), parátipo ♂.

DISCUSSÃO TAXIONÔMICA: Esta espécie é afim de *rufipalpis* (Macquart), *inclusus* (Walker) e *aberrans* (Wiedemann). Distingue-se de *rufipalpis* pelo seu tamanho menor, pela coloração das asas que são muito fracamente amareladas e pela cor do abdômen que é mais escuro nos segmentos apicais; distingue-se de *inclusus* pela forma e coloração do abdômen e pela faixa mediana do mesonoto que se divide anteriormente; distingue-se de *aberrans* pelas faixas pretas do mesonoto.

Diogmites bifasciatus Carrera

Diogmites bifasciatus CARRERA, 1949, p. 72.

Próxima de *angustiventris* (Macquart), da qual se distingue facilmente pelas manchas escuras, triangulares, que ocupam a porção central dos tergitos 2-3, tergitos estes que são amarelo-avermelhados. Os $\delta \delta$ apresentam estas manchas mais estensas e têm o corpo mais delgado que as $\varphi \varphi$. As pleuras são amarelas com manchas escuras e as pernas são quase inteiramente amarelo-claras.

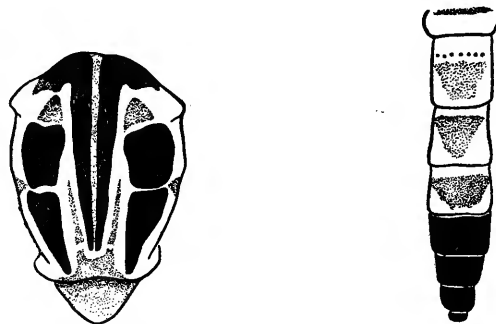


Figura 16 — *Diogmites bifasciatus* Carrera, mesonoto.
Figura 17 — *Diogmites bifasciatus* Carrera, abdômen.

Distingue-se, também de *vulgaris* Carrera, com a qual apresenta alguma semelhança, pelas manchas dos tergitos abdominais 2-3 que são centrais e não divididas; pela faixa mediana do mesonoto que se estende até a sutura pré-escutelar e escurece também o escutelo (essa faixa, em *vulgaris*, termina antes da sutura pré-escutelar) (fig. 16 e 17).

Distribuição. Brasil, São Paulo, Juquiá, I e X-1939 (J. Lane), 1 δ e 1 φ ; Guarujá, I-1941 (Carrera), 1 φ .

Diogmites atriapex, n. sp.

φ . — Comprimento do corpo 20 mm; da asa 15 mm.

Cabeça: face recoberta de pruina amarelada; mistax branco; fronte com a mesma pruina da face, um pouco escurecida e com pequenos pêlos pretos nas margens oculares; calo ocelar escuro, com duas cerdas pretas, não muito longas; vértice escuro; occipício revestido de pruina dourada, com cerdas pretas na metade superior; cerdas e pêlos amarelos na inferior; probóscida preta; palpos ama-

relo-avermelhados, com cerdas pretas e alguns pêlos amarelos basalmente; antenas amarelo-avermelhadas, com curta pilosidade preta.

Tórax: pronoto revestido de pruina dourada, com pêlos pretos anteriormente e amarelos nos lados; mesonoto com pruina dourada e três faixas pretas longitudinais; a mediana se estendendo pelo pronoto em uma tonalidade muito mais clara e terminando antes da sutura pré-escutelar, dividida anteriormente por uma linha de pruina amarela; as laterais são alongadas e seccionadas pela pruina da sutura transversa; a pruina que recobre os espaços entre as faixas, sob certa incidência luminosa, torna-se mais escura; pilosidade preta, esparsa; cerdas pretas: três pré-suturais, duas supra-alares e duas pós-alares; dorso-centrais desenvolvidas posteriormente; escutelo recoberto de pruina dourada e com cerdas marginais pretas; região pós-escutelar dourada; pleuras inteiramente revestidas de pruina dourada; cerdas metapleurais pretas.



Figura 18 — *Diogmites atriapex*, n. sp., abdômen.

Pernas amarelo-avermelhadas, ferruginosos os dois últimos artícu-los tarsais; pilosidade curta e preta, exceto na superfície anterior das tíbias anteriores e posteriores onde há compacta pilosidade amarelo-dourada que se estende um pouco pelos basitarsos; cerdas pretas; garras pretas; pulvilos amarelos.

Asas hialinas, com microtíquia escurecendo levemente o térço apical e margem posterior. Halteres amarelo-avermelhados, mais claros no pedúnculo.

Abdômen (fig. 18) um pouco mais estreito no segundo segmento, amarelo-avermelhado nos quatro primeiros tergitos, preto nos restantes; margens laterais dos tergitos 1-6 com pruina amarela muito discreta; pilosidade preta, curta; cerdas laterais do primeiro segmento pretas; ventre castanho, revestido de pruina cinzenta e curta pilosidade amarelada. Genitália com pilosidade amarela e espinhos castanhos.

♂. — Desconhecido.

HOLÓTIPO ♀ depositado na coleção do Instituto Miguel Lillo, Tucuman, Argentina.

LOCALIDADE TIPO: Argentina, Provincia de Santa Fé, Tartagal, III-1946 (Hayward & Willink).

DISCUSSÃO TAXIONÔMICA: Espécie próxima de *heydeni* Jaennicke, com a qual muito se assemelha a julgar pela figura que a representa

na diagnose original. Distingue-se, entretanto, facilmente, pela cor preta dos três últimos segmentos do abdômen, pela cerdosidade preta dos palpos e pela cor amarelo-avermelhada dos tarsos, exceto os dois últimos artículos que são ferruginosos (em *heydeni* os tarsos são pretos no ápice).

Há alguma semelhança desta espécie com *angustiventris* (Macquart), *bifasciatus* e *vulgaris* Carrera, mas distingue-se de todas elas pelas cores do abdômen: amarelo-avermelhado nos quatro primeiros tergitos e preto nos seguintes. Em *angustiventris* o abdômen é amarelo somente no segundo e terceiro segmentos e os palpos têm pêlos amarelos; em *bifasciatus* os tergitos abdominais 2-3 são amarelos com manchas centrais, triangulares e escuras, sendo a faixa mediana do mesonoto prolongada até a sutura pré-escutelar; em *vulgaris* os tergitos abdominais 2-3 apresentam manchas escuras laterais e os tergitos seguintes são pretos, mas geralmente com as margens posteriores amarelas.

Diognites vulgaris Carrera

Diognites lindigii CARRERA, 1947 (não Schiner, 1868), p. 39.

Diognites vulgaris CARRERA, 1947, p. 266; 1949, p. 69.

Esta espécie varia nas manchas do abdômen (fig. 19). O segundo



Figura 19 — *Diognites vulgaris* Carrera, abdômen.

e terceiro tergitos, às vezes são amarelos com manchas escuras laterais de extensão irregular e os tergitos restantes, ora são inteiramente pretos, ora com as margens posteriores amarelas. O quarto tergito abdominal, entretanto, nunca é inteiramente amarelo, havendo sempre mancha escura central que não alcança nenhuma das margens. O tamanho também é muito variável, estando compreendido entre 10 e 19 milímetros.

É uma espécie próxima de *bifasciatus* da qual se distingue pela faixa mediana do mesonoto que não chega até a sutura pré-escutelar e pelas manchas escuras do segundo e terceiro segmentos abdominais que nunca ocupam o centro do tergito.

Distribuição. Brasil. Estado de São Paulo: Guatapará, I-1945 (Carrera); Cidade Jardim, XII-1940 (Carrera), XII-1945 (M.P. Barreto); Capital, I-1941 (D'Amico), II-1944 (L. Travassos Filho), XI-1944 (O. Pinto); Osasco II-1951 (Carrera & d'Andretta); São José dos Campos, XII-1934 (H.S. Lopes); Onda Verde, Faz. São João, I-1946 (F. Lane); Rio Claro, I-1941 (Pde. Pereira), 11 ♂♂ e 16 ♀♀. Estado de

Minas Gerais: Pouso Alegre, I-1946 (Pde. Pereira), 1 ♂ e 1 ♀. Estado de Mato Grosso: São Domingos, XI-1949 (W. Bockermann), 1 ♀. Estado de Goiás: Campina, XII-1935, I-1936, II-1936 (R. Spitz), 2 ♂ ♂ e 3 ♀ ♀. Todos estes exemplares pertencem à coleção do Departamento de Zoologia, onde estão registrados sob os números 20.043, 21.748, a 21.750, 62.224, 62.276, 62.277, 62.279, 62.314, 62.316, a 62.324, 62.340, 111.025 a 111.038.

Diogmites angustiventris (Macquart)

Dasygogon angustiventris MACQUART, 1846, p. 65, T. 6, f. 9; WALKER, 1854, p. 438.

REDESCRIBÇÃO. ♂ : comprimento do corpo 18 mm; da asa 15 mm. Face e fronte amarelo-claro; calo ocelar castanho, com pequenas cerdas pretas; occipício revestido de pruina amarela, sendo aver-



Figura 20 — *Diogmites angustiventris* (Macquart), abdômen.

melhadas as cerdas da coroa occipital; palpos avermelhados com pêlos da mesma cor; mistax amarelo-esbranquiçado; antenas amarelo-avermelhadas, mais claras no primeiro artícolo. Tórax revestido de pruina amarela, sendo nas pleuras de uma tonalidade mais clara; mesonoto com três faixas longitudinais pretas, largamente separadas; a faixa mediana é pouco mais clara anteriormente, estende-se pelo pronoto, mas não alcança a sutura pré-escutelar e não apresenta qualquer indício de divisão longitudinal; as faixas laterais são grandes e separadas pela pruina da sutura transversa; cerdas pretas; dorso-centrais posteriores desenvolvidas; escutelo revestido de pruina amarela com duas cerdas pretas. Pernas amarelas; os fêmures posteriores com uma alongada mancha castanha na superfície anterior; as tíbias posteriores são escuras nos três-quartos apicais; o ápice das outras tíbias e o ápice de todos os tarsos são escuros. Asas hialinas, levemente escurecidas na porção apical. Halteres amarelo-avermelhados. Abdômen (fig. 20.) um pouco mais estreito no segundo e terceiro segmentos; primeiro tergito escuro, segundo e terceiro amarelos, 4-7 pretos, foscos; pilosidade preta; ventre ocráceo, mais escuro na metade posterior. Genitália amarelo-avermelhada, com cerdas amarelas e pilosidade preta.

Esta espécie foi considerada por Kertész (1909) como sinónima de *winthemi* (Wiedemann). Entretanto, a figura de Macquart para a sua espécie, comparada com a de Wiedemann para *winthemi*, mostra grande dissemelhança. A faixa mediana do mesonoto de *angusti-*

ventris não chega até a sutura pré-escutelar como em *winthemi*, e o abdômen é amarelo-claro, tornando-se abruptamente preto do quarto ao sétimo segmento, o que não acontece com *winthemi* onde o abdômen é quase inteiramente avermelhado, às vezes muito escuro, e só enegrecido no último tergito.

A espécie mais próxima de *angustiventris* é *bimaculatus* (Bromley), da qual se separa pela cor amarela da pilosidade dos palpos e cor do abdômen onde os tergitos 4-7 são inteiramente pretos.

Há, ainda, certa afinidade de *angustiventris* com *bifasciatus*, *vulgaris* e *atriapex*, mas delas se distingue pela faixa preta mediana do mesonoto que não se divide anteriormente. Além disso, *bifasciatus* e *vulgaris* apresentam manchas escuras nos tergitos abdominais anteriores, sendo em *angustiventris* inteiramente amarelos. Em *atriapex*, onde os tergitos abdominais anteriores são também inteiramente amarelos, os palpos estão guarnecidos de pêlos pretos e os segmentos 5-7 do abdômen são pretos, sendo o quarto amarelo como os anteriores e não preto como em *angustiventris*.

Distribuição. México (ex-coll. W. W. Saunders), 1 ♂. Coleção do Museu Britânico.

Diogmites bimaculatus (Bromley)

Deromyia bimaculata BROMLEY, 1929, p. 46.

O exemplar que examinamos discorda da diagnose original apenas nas duas manchas pretas do quinto tergito do abdômen, havendo em lugar dessas manchas uma faixa preta transversal, ocupando mais da metade anterior do tergito. No sexto tergito existe ainda outra faixa semelhante a que existe no quinto, mas muito mais estreita. Estas faixas se continuam pelos esternitos correspondentes. No resto é absolutamente igual à descrição original. Estas diferenças, insuficientes para se erigir uma nova espécie, acentuam a afinidade de *bimaculatus* com *angustiventris*. Distinguem-se estas espécies porque *bimaculatus* tem pêlos pretos nos palpos e abdômen com manchas ou faixas pretas no quinto e sexto tergitos; *angustiventris* têm pêlos avermelhados nos palpos e abdômen preto nos tergitos 4-7.

Distribuição. México, Cuernavaca, VI-1917, 1 ♂. Coleção do Museu Britânico.

Diogmites winthemi (Wiedemann)

Dasybogon winthemi WIEDEMANN, 1821, p. 223; 1828, p. 387, T. 6, f. 2; WALKER, 1849, p. 332; 1854, p. 432; SCHINER, 1866, p. 678.

Deromyia winthemi (Wiedemann), WULP, 1882, p. 93; WILLISTON, 1883, p. 24, T. 2, f. 6; 1891, p. 75; ALDRICH, 1905, p. 265; KERTÉSZ, 1909, p. 118.

Diogmites winthemi (Wiedemann), OSTEN SACKEN, 1887, p. 177; BROMLEY, 1946, p. 107; CARRERA, 1949, p. 73.

Espécie facilmente reconhecível pelos seguintes caracteres: palpos com pêlos pretos; antenas amarelo-avermelhadas com o ápice do terceiro artículo mais escuro; faixas longitudinais do mesonoto (fig. 21) pretas em nítido contraste com o amarelo-dourado dos interstícios; a faixa mediana indivisa longitudinalmente e alcançando, em alguns exemplares de modo muito conspicuo, a sutura pré-escutelar; abdômen amarelo-avermelhado ou castanho, às vezes muito escuro, com:

os dois últimos segmentos manchados ou inteiramente preto-brilhan-tes; as pernas são amarelo-avermelhadas, nas anteriores os dois últi-mos artículos tarsais são inteiramente pretos, nas posteriores a cor preta se encontra no ápice dos fêmures, no quarto apical das tíbias, no ápice do basitarso e sôbre todos os tarsos restantes.

As cores do abdômen separam-na nitidamente de *angustiventris*; as faixas pretas do mesonoto separam-na de *ferrugineus*, *wigodzinskyi* e *aberrans*, espécies com as quais eventualmente poderiam ser con-fundidas pela forma do abdômen, mas nestas espécies as faixas do mesonoto são diluídas, confusas ou de cor tendente ao castanho.



Figura 21 — *Diogmites winthemi* (Wiedemann), mesonoto.

Distribuição. Brasil. Estado de São Paulo: Mogi das Cruses, II-1940 (Carrera); Embu, II-1946 (F. Lane); Cidade Jardim, I-1945 (M. P. Barretto), 1 ♂ e 2 ♀. Estado de Minas Gerais: Cambuquira, I-1938 (S.F.A.), 2 ♀. Estado do Rio de Janeiro: Petrópolis, 1930 (Vogel); Jacarépaguá, XI-1932 (H.S. Lopes); Angra dos Reis, Japuiba, I-1935 (D. Mendes), 1 ♂ e 4 ♀. Distrito Federal, X-1937, XII-1937, IV-1938, III-1940 (S. F. A.), 2 ♂ e 4 ♀. Colômbia, Restrepo (P. C. A. Antunes), 1 ♀. Todos os exemplares pertencem à coleção do Departamento de Zoologia, onde estão registrados sob os números 62.228, 62.232, 62.326, 111.110 a 111.122.

Diogmites tau Osten Sacken

Diogmites tau OSTEN SACKEN, 1887, p. 176, T. 3, f. 11.

Deromyia tau (Osten Sacken), ALDRICH, 1905, p. 265; KERTÉSZ, 1900, p. 117.

É duvidosa esta nossa identificação. O exemplar que examinamos difere da diagnose original em alguns pormenores, tais como a pilosidade dos palpos que é amarela em mistura com pêlos pretos e a pequena separação das faixas do mesonoto por pruina amarelada. Em *tau*, segundo a descrição, estas faixas se juntam, mas em nosso exemplar elas estão um pouco separadas, não tanto quanto se verifica em outras espécies, como em *jalapensis* ou *dubius* (Bellardi).

Segundo Osten Sacken, o caráter principal desta espécie é precisamente a coalescência das faixas longitudinais do mesonoto, entretanto, somos de parecer que a fusão destas faixas seja consequência de atrito ou deposição de materia graxa, que destrua ou esconda a pruina amarela que existiria entre elas.

Distribuição. Costa Rica, Hda. El Rodeo, 900 metros, VI-1946 (H. H. & F. M. Brown), 1 ♀. Coleção do Departamento de Zoologia. Exemplar número 23.919.

Diogmites ternatus Loew

Diogmites ternatus LOEW, 1866, p. 22.

Deromyia ternata (Loew), WILLISTON, 1883, p. 25; ALDRICH, 1905, p. 265; KERTÉSZ, 1909, p. 117; BROMLEY, 1929, p. 278.

Esta espécie é muito parecida com *dubius* (Bellardi) da qual se distingue pela coloração preta das cerdas dos palpos e pela cor vermelho-ferruginosa do abdômen com as margens posteriores dos segmentos um pouco mais claras.

Distribuição. Cuba, Havana, 1933 (E. Le Mout.), 1 ♂ e 1 ♀. Coleção do Museu Britânico.

Diogmites bromleyi Carrera

Diogmites bromleyi, CARRERA, 1949, p. 78.

Parecida com *lineola* (Bromley). Nesta, entretanto, as manchas claras dos segmentos abdominais (fig 22) são grandes e nítidas e o abdômen é largo na base, o que não acontece com *bromleyi*, onde o abdômen é de lados paralelos com manchas centrais, claras, mas muito diluídas.



Figura 22 — *Diogmites bromleyi* Carrera, abdômen.

As faixas longitudinais do mesonoto de *bromleyi* são castanho-escuras ou pretas, sendo as laterais estreitas e alongadas. Em *wygodzinskyi* as faixas laterais do mesonoto também são alongadas e estreitas, mas seu abdômen é vermelho-laranja com os lados cinzentos, o que não ocorre em *bromleyi*.

Há uma certa semelhança nas cores do abdômen de *bromleyi* e *brunneus* (Fabricius), mas a faixa mediana do mesonoto de *bromleyi* não se divide longitudinalmente como em *brunneus*.

Distribuição. Brasil. Estado de Minas Gerais: Cambuquira, II-1941 (Lopes & Gomes), 2 ♂♂ e 3 ♀♀. Estado de Goiás: Campina, II-1936 (R. Spitz), 1 ♂. Coleção do Departamento de Zoologia. Exemplares números 62.278, 111.210 a 111.214.

Diogmites wygodzinskyi Carrera

Diogmites wygodzinskyi CARRERA, 1949, p. 77.

As marcações pretas nos lados dos tergitos abdominais desta espécie lembram um caráter que já assinalamos para *ferrugineus*. Em

wygodzinskyi, o abdômen é vermelho-laranja com as margens laterais revestidas de pruina cinza, havendo aí uma estria preta que separa a cor cinza da vermelho-laranja; esta estria preta é inclinada e alcança a metade anterior de cada tergito. Em *ferrugineus* o abdômen é ocráceo e a estria preta lateral é muito mais longa, quase do mesmo comprimento do tergito. Além disso, as faixas longitudinais do mesonoto são muito diferentes em cada uma destas espécies (figs. 23 e 24).

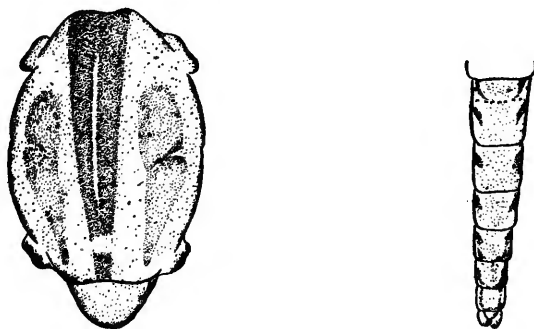


Figura 23 — *Diogmites wygodzinskyi* Carrera, mesonoto.

Figura 24 — *Diogmites wygodzinskyi* Carrera, abdômen.

Distribuição. Brasil. Estado do Rio de Janeiro: quilômetro 47 da antiga Estrada Rio-S. Paulo, XII-1943, XI-1946, XII-1946 (Wygodzinsky), I-1944 (Braga), III-1944 (D. Mendes), X-1946 (J. Miranda), XII-1946 (W. Zikan), 3 ♂♂ e 4 ♀♀. Estado do Rio Grande do Norte: Ceará-Mirim, X-1940 (D. C. Alves), 2 ♀♀. Todos estes exemplares pertencem à coleção do Departamento de Zoologia, onde estão registrados sob os números 111.123 a 111.127 e 111.261 a 111.263.

Diogmites inclusus (Walker)

Dasybogon inclusus WALKER, 1851, p. 95; 1854, p. 433; WILLISTON, 1891, p. 76; KERTÉSZ, 1909, p. 128; BROMLEY, 1946, p. 107.

Diogmites inclusus (Walker), CARRERA, 1948, p. 119; 1949, p. 76.

Diogmites parvus CARRERA, 1948, p. 120; 1949, p. 75.

Com material mais abundante, procedente da região amazônica, de onde *inclusus* e *parvus* foram descritas, constatamos a igualdade entre ambas, anteriormente por nós consideradas espécies distintas.

A coloração dos segmentos abdominais desta espécie não é constante, sendo as manchas escuras, às vezes, pouco distinguíveis da coloração geral do abdômen por serem muito diluídas, às vezes, muito nítidas, mas só nos segmentos posteriores. Em alguns exemplares as faixas pretas do mesonoto (fig. 25) são fundidas, ou pelo menos não se separam perfeitamente.

É muito parecida com *aberrans*, da qual se distingue pelo contraste existente entre as faixas pretas e o fundo dourado do mesonoto e também pela cor do abdômen. Em *aberrans* as faixas do mesonoto são indistintas e os dois últimos segmentos abdominais são pretos.

Assemelha-se também a *imitator*, mas dela se distingue pela faixa mediana do mesonoto que é indivisa.

Distribuição. Brasil. Estado do Pará: Santarém (H. W. Bates), 1 ♂; Rio Amazonas (H. W. Bates), 1 ♂ e 2 ♀♀; Gurupá, I-1896 (E. E. Austen), 2 ♀♀. Estado do Amazonas: Paritins, II-1896 (E. E. Austen), 1 ♀; Manaus, II-1896 (E. E. Austen), 1 ♀. Venezuela, Caura



Figura 25 — *Diogmites inclusus* (Walker), mesonoto.

Val. (C. W. Johnson), 1 ♂. Este último exemplar pertence à coleção do Dr. Stanley W. Bromley e os restantes à coleção do Museu Britânico.

Diogmites jalapensis (Bellardi)

Dasygogon (*Saropogon*) *jalapensis* BELLARDI, 1861, p. 65, T. 2, f. 5.

Deromyia jalapensis (Bellardi), WILLISTON, 1901, p. 311; ALDRICH, 1905, p. 264; KERTÉSZ, 1909, p. 116.

Diogmites jalapensis (Bellardi), OSTEN SACKEN, 1887, p. 177; CARRERA & D'ANDRETTA, 1950, p. 165.

Pertence esta espécie ao grupo daquelas em que o mesonoto apresenta faixas pretas longitudinais em nítido contraste com a pruina amarelo-dourada que reveste as margens laterais e os espaços entre tais faixas, sendo a mediana indivisa anteriormente.

Seus principais caracteres, além dos acima assinalados, são os seguintes: palpos com pêlos pretos; cerdas dorso-centrais desenvolvidas; asas hialinas com sombra escura no ápice e margem posterior; sexto e sétimo tergitos abdominais preto-brilhantes; tíbias posteriores amarelas com o terço apical preto.

É afim de *dubius*, da qual se distingue pelo tamanho que é menor, pela cor da pilosidade dos palpos e pela cor das tíbias posteriores.

Distribuição. Panamá, Chiriquicito, III-1917 (C. B. Williams), 1 ♂ e 1 ♀. Coleção do Museu Britânico.

Diogmites dubius (Bellardi)

Dasygogon (*Saropogon*) *dubius* BELLARDI, 1861, p. 74.

Deromyia dubia (Bellardi), ALDRICH, 1905, p. 264; KERTÉSZ, 1909, p. 115.

Diogmites dubius (Bellardi), OSTEN SACKEN, 1887, p. 178.

Esta espécie pertence ao mesmo grupo de *jalapensis*, com a qual é muito aparentada, distinguindo-se, porém, pelo seu maior tamanho, palpos amarelo-avermelhados com pilosidade da mesma cor e tíbias posteriores castanho-escuras, um pouco mais claras basalmente.

As faixas longitudinais do mesonoto (fig. 26) de *dubius* são muito nítidas, a mediana se estende pelo pronoto e não chega até a sutura pré-escutelar; as laterais são divididas em duas pela pruína da sutura transversa; o escutelo é castanho; a mesopleura apresenta mancha castanha; o abdômen é preto-veludoso com um friso amarelo, estreito, na margem posterior dos segmentos; nas margens laterais do abdômen há pruína amarela que se dilata nos cantos póste-



Figura 26 — *Diogmites dubius* (Bellardi), mesonoto.

ro-laterais e na base do segundo tergito, onde, dorsalmente, ela avança em forma de faixa transversal que se interrompe no meio.

Distribuição. Costa Rica, Pejivall, V-1924 (Lankester), 1 ♂. Panamá, St. George Exp. 1924 (L. E. Cheesman), 1 ♀. Ambos da coleção do Museu Britânico.

A B S T R A C T

The Neotropical species of *Diogmites* Loew, 1866 are studied in this work. This genus, in the Region under consideration, comprises 49 described species of which 30 were found in the material at hand. The list of species shows that 26 belong to South America, 6 to Central America, and 17 to Mexico. The Author, was not able to recognize 6 species from South America, 2 from Central America, and 11 from Mexico.

Diogmites belongs to the *Saropogonini* and is related to *Neodiogmites* Carrera, 1949, *Allopopon* Schiner, 1866, and *Neolaparus* Williston, 1889. From *Neodiogmites*, which is an intermediate genus between *Diogmites* and the *Lastaurus* complex, *Diogmites* is separated by the lack of long pilosity on the anterior abdominal segments and by the shape of the face.

In *Allopopon* the face is very wide and the posterior pulvilli are short, and in *Neolaparus* the fourth posterior cell is open and the third antennal segment is elongated. These characters are not present in *Diogmites*.

Four new species are described in this paper: *superbus* from Costa Rica; *amethystinus* from Colombia, *imitator* from Brasil, Venezuela and Colombia, and *atriapex* from Argentina.

Redescriptions are given for the following species: *reticulatus* (Fabricius, 1805), *intactus* (Wiedemann, 1828), *lindigii* (Schiner, 1868), *rufipalpis* (Macquart, 1838), and *angustiventris* (Macquart, 1846). This last species is here revalidated and separated from *winthemi* (Wiedemann, 1821).

Diogmites nigricauda (Curran, 1926) is a synonym of *reticulatus* (Fabricius, 1805); *placidus* (Wulp, 1882) is the same as *ferrugineus* (Arribalzaga, 1880); *parvus* Carrera, 1948 is equal to *inclusus* (Walker, 1851), and *examinans* (Walker, 1851) is really a synonym of *aberrans* (Wiedemann, 1821).

Some species, which have been considered as *Diogmites*, must be transferred to other genera: *Saropogon bicolor* Jaenicke, 1867 is a *Lastaurus* or *Lastauroides*; *Diogmites notatus* Bigot, 1878 is undoubtedly a *Senobasis*; *Deromyia weyenberghi* Wulp, 1882 is an *Allopopon*.

As the species of *Diogmites* are very homogeneous in shape, the following key was based only on chromatic characters. Sometimes it is very difficult to distinguish one

species from another, and in this respect what was stated by Bromley for the Nearctic fauna is very appropriate for the Neotropical species: "individuals of *Diogmites* look alike but prove to be different species".

KEY FOR THE STUDIED SPECIES OF *DIOGMITES*

- | | |
|---|----------------------------------|
| 1 — Abdomen black, shining in the last three segments; palpi always with black hairs | 2 |
| — Abdomen of different color, if shining apically, the preceding segments are yellow-reddish or with transverse yellow bands; palpi with black hairs or not | 4 |
| 2 — Wings hyaline, slightly infuscated at apex; first and second antennal segments ochraceous, the third dark-brown (fig. 1) | <i>superbus</i> , n. sp. |
| — Wings yellow or dark-brown with violaceous reflections; antennae completely black | 3 |
| 3 — Legs completely black; the black stripe on mesonotum separated by gray pollen; wings with violaceous reflection (fig. 2) | <i>amethystinus</i> , n. sp. |
| — Legs reddish or ferruginous; the black stripes on mesonotum separated by yellow pollen; wings yellow (fig. 3) | <i>coffeatus</i> (Wiedemann) |
| 4 — Abdomen entirely clothed with gray pollen or with gray pollen forming wide transversal bands, the last segments never shining black | 5 |
| — Abdomen yellow-reddish, ochraceous or ferruginous, without gray pollen forming transversal bands (only present in the lateral margin of some species), the last segments sometimes black, shining or fuscous | 7 |
| 5 — Wings yellow; anterior abdominal segments with wide gray bands, but the last three, dull-black; thorax yellow reddish, the mesonotum with brown stripes, which sometimes are not distinct (fig. 5) | <i>reticulatus</i> (Fabricius) |
| — Wings not yellow, but clear hyaline; abdomen entirely clothed with gray pollen or the pollen present in the lateral and posterior margins of tergites; thorax grayish with distinct dark stripes on mesonotum | 6 |
| 6 — Abdomen entirely clothed with gray pollen; palpi black with black hairs | <i>virescens</i> (Bellardi) |
| — Abdomen with gray pollen in the lateral and posterior margins of tergites only; palpi brown with yellowish hairs (fig. 6) .. | <i>litoralis</i> (Curran) |
| 7 — Mesonotum with the longitudinal stripes not contrasting with ground color which may be reddish-brown or ochraceous | 8 |
| — Mesonotum with distinct black or brown longitudinal stripes, contrasting with the ground color which may be yellow or yellowish-gray (sometimes the stripes seem fused together) .. | 12 |
| 8 — Wings hyaline, slightly darkened at apex | 9 |
| — Wings yellow or with a deep brown shadow along the veins, becoming paler in the middle of the cells | 10 |
| 9 — Abdomen ferruginous or ochraceous with gray pollen on the lateral borders and a black longitudinal stripe parallel to each (fig. 7) | <i>ferrugineus</i> (Arribalzaga) |
| — Abdomen yellowish, except the last two segments which are dark-brown | <i>aberrans</i> (Wiedemann) |
| — Abdomen brown, but clear yellow on the sides, posterior margin and middle of each tergite (fig. 8) | <i>alvesi</i> Carrera |
| 10 — Wings with a brown shadow along the veins; abdomen brown, unicolorous | <i>obscurus</i> Carrera |
| — Wings yellow | 11 |

- 11 — Abdomen yellow-reddish, clothed with yellow hairs; palpi with black or dark-brown hairs (fig. 9) *castaneus* (Macquart)
 — Abdomen black or dark-brown, yellow in the posterior margin of the first three tergites; palpi with yellow hairs (fig. 5) *reticulatus* (Fabricius)
- 12 — Dorso-central bristles undeveloped, as long as the pilosity of mesonotum 13
 — Dorso-central bristles well developed or, at least, differentiated from the posterior pilosity of mesonotum 14
- 13 — Each abdominal tergite with a central round dark spot and with the lateral and posterior margins grayish-yellow; posterior pulvilli small (fig. 10) *anomalus* Carrera
 — Each abdominal tergite with a central dark spot which is divided in the middle by the yellow color from the posterior margin; posterior pulvilli large (fig. 12) *intactus* (Wiedemann)
- 14 — Longitudinal median stripe of mesonotum distinctly divided anteriorly by a line or fusiform yellow spot 15
 — Longitudinal median stripe of mesonotum not divided at all 21
- 15 — Abdominal segments black on the anterior half and yellow on the posterior (fig. 14) *lindigii* (Schiner)
 — Abdomen yellow-reddish, even-colored or the last segments darker 16
- 16 — Palpi with yellow hairs; abdomen reddish-yellow, sometimes darker in the last segments 17
 — Palpi with black hairs, sometimes mixed with yellow; anterior abdominal segments yellow, spotted or not, but the last three black 19
- 17 — Abdomen parallel-sided *cuantlensis* (Bellardi)
 — Abdomen claviform 18
- 18 — Abdomen predominantly with yellow pilosity; second, third and fourth tergites reddish-yellow with paler posterior margin; fifth, sixth and seventh tergites reddish; wings yellow, basally more intensely colored (fig. 15) *rufipalpis* (Macquart)
 — Abdomen predominantly with black pilosity; second and third tergites yellow or brown with clear yellow posterior margin; fourth tergite always brown with yellow posterior margin; fifth, sixth and seventh reddish-brown, shining, sometimes with paler posterior margin; wings uniformly light yellow *imitator*, n. sp.
- 19 — Mesonotum darkened before the scutellum; second and third abdominal tergites with a triangular median dark spot (figs. 16-17) *bifasciatus* Carrera
 — Mesonotum paler before the scutellum; second and third abdominal tergites unspotted or with the spots placed laterally ... 20
- 20 — Second and third abdominal tergites without spots; the fourth reddish; the fifth to seventh completely dull-black (fig. 18) *atriapex*, n. sp.
 — Second and third abdominal tergites usually with lateral spots; the fourth yellow with a dark band which does not reach the margins; the fifth to seventh black, except the posterior margin which is yellow, and with yellow hairs laterally (fig. 19) *vulgaris* Carrera
- 21 — Second and third abdominal segments reddish-yellow, the fifth and sixth wholly black or reddish-yellow with black spots or bands 22
 — Abdomen differently colored 23
- 22 — Palpi with yellow hairs; abdominal tergites four to seven completely black (fig. 20) *angustiventris* (Macquart)
 — Palpi with black hairs; abdominal tergites four to seven reddish-yellow, with black spots or black bands *bimaculatus* (Bromley)

- 23 — Abdomen even-colored ferruginous, dark-brown or reddish-yellow, sometimes black at apex, but the lateral margins always of the same color as the dorsum 24
 — Lateral margins of the abdomen differently colored than the dorsum 26
- 24 — Abdomen reddish-yellow or dark-brown with black apex; posterior tibiae reddish-yellow with the apical third black; palpi with black hairs (fig. 21) *winthemi* (Wiedemann)
 — Abdomen ferruginous; posterior tibiae reddish; palpi with mixed yellow and black hairs 25
- 25 — Mesonotum with the longitudinal stripes indistinctly separated; wings deeply darkened at apex and posterior margin *tau* Osten Sacken
 — Mesonotum with the longitudinal stripes distinctly separated; wings slightly darkened at apex and posterior margin *ternatus* Loew
- 26 — The dark-brown spot of each abdominal tergite interrupted in the middle by a paler spot 27
 — The central dark-brown portion of each abdominal tergite not interrupted by any paler spot 28
- 27 — Palpi with reddish-yellow pilosity; mesonotum with obsolete lateral stripes (fig. 8) *alvesi* Carrera
 — Palpi with black pilosity; mesonotum with distinct and large lateral stripes (fig. 22) *bromleyi* Carrera
- 28 — Abdomen reddish-orange, the lateral margins clothed with gray pollen; mesonotum light-brown with brown longitudinal stripes, the lateral ones narrow and elongated (figs. 23-24) *wygodzinskyi* Carrera
 — Abdomen black, brown or yellow with the lateral and posterior margins lighter; mesonotum golden with black longitudinal stripes, the lateral ones very wide 29
- 29 — Abdomen brown or yellow with indistinct dark spots on the tergites; posterior femora completely yellow (fig. 25) *inclusus* (Walker)
 — Abdomen black with lateral and posterior margins yellow; posterior femora yellow with a large brown spot on the upper surface 30
- 30 — Palpi with black pilosity; posterior tibiae yellow but black on apical third *jalapensis* (Bellardi)
 — Palpi with yellow pilosity; posterior tibiae reddish but yellow on the basal portion (fig. 26) *dubius* (Bellardi)

The following species, not included in this key, were not seen by the Author: *affinis*, *bigoti*, *craverii*, *goniostigma nigripes*, *rubescens*, *sallei*, *tricolor* (all of Bellardi, 1861), *pseudojalapensis* (Bellardi, 1862), *bellardi* (Bromley, 1929), and *nigripennis* (Macquart, 1847) from Mexico; *bilineatus* Loew, 1866, from Cuba; *memnon* Osten Sacken, 1887, from Panama; *brunneus* (Fabricius, 1787), from French Guiana; *heydeni* (Jaenicke, 1867) and *infumatus* (Arribalzaga, 1880), from Argentina; *maculatus* Curran, 1934, from Ecuador; *lineola* (Bromley, 1934), and *rufibasis* Bigot, 1878, from Brasil.

BIBLIOGRAFIA

- ALDRICH, J. M. — 1905 — A Catalogue of North American Diptera — Smiths. Misc. Coll. 46:1-680.
- ARRIBALZAGA, E. L. — 1880 — Asilides Argentinos — An. Soc. Cient. Argent. 9:26-33 e 174-185.
- ARRIBALZAGA, E. L. — 1881 — Idem, Idem 11:17-18.
- BACK, E. A. — 1909 — The Robber-flies of America, North of Mexico, belonging to the subfamilies Leptogastrinae and Dasypogoninae — Trans. Amer. Ent. Soc. 35:137-400.
- BELLARDI, L. — 1861 — Saggio di Ditterologia Messicana, Torino. Parte II, pp. 1-93.
- BELLARDI, L. — 1862 — Idem, Apêndice, pp. 1-28.
- BIGOT, J. M. F. — 1878 — Diptères nouveaux ou peu connus, 10e. part. — Ann. Soc. Ent. France 8 (5):401-446.
- BROMLEY, S. W. — 1929 — New Asilidae from Mexico (Diptera) — Psyche 36:45-47.
- BROMLEY, S. W. — 1929 — The Asilidae of Cuba (Diptera) — Ann. Ent. Soc. Amer. 22:272-294.
- BROMLEY, S. W. — 1934 — in Curran, Diptera of Kartabo, British Guiana — Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. 66:287-523.
- BROMLEY, S. W. — 1936 — The genus *Diogmites* in the United States of America with descriptions of new species (Diptera, Asilidae) — Journ. N. Y. Ent. Soc. 44:225-237.
- BROMLEY, S. W. — 1946 — The robber flies of Brasil (Asilidae, Diptera) — Livro Homenag. R. F. d'Almeida pp. 103-120.
- CARRERA, M. — 1947 — Asilídeos coligidos no Paraguai pela Missão Científica Brasileira (Diptera) — Pap. Avuls. 8:39-48.
- CARRERA, M. — 1948 — Sôbre as espécies de *Diogmites* da fauna Amazônica (Diptera, Asilidae) — Bol. Mus. Paraense E. Goeldi, 10:115-122.
- CARRERA, M. — 1949 — Contribuição ao conhecimento dos Asilidae neotropicais (Diptera). I — Sôbre as espécies brasileiras com esporão na tibia — Arq. Zool. Est. S. Paulo 7:1-148.
- CARRERA, M. & D'ANDRETTA, M. A. V. — 1950 — Asilídeos do México (Diptera) — Pap. Avuls. 9:159-191.
- COQUILLET, D. W. — 1910 — The type species of the North American genera of Diptera — Proc. U. S. Nat. Mus. 37:499-647.
- CURRAN, C. H. — 1926 — Description of four new Neotropical Diptera — Trans. Ent. Soc. Philad. 51:259-261.

- CURRAN, C. H. — 1930 — New American Asilidae (Diptera) — Amer. Mus. Nov. N.º 425:1-21.
- CURRAN, C. H. — 1934 — The Families and Genera of North American Diptera. (Asilidae) pp. 167-184.
- CURRAN, C. H. — 1934 — New American Asilidae (Diptera) part III — Amer. Mus. Nov. N.º 752:1-18.
- ENGEL, E. O. — 1929 — Die Ausbeute der deutschen Chaco-Expedition 1925/6. Asilidae (Diptera) — Konowia 8, H. 4, pp. 457-474.
- FABRICIUS, J. C. — 1787 — Mantissa Insectorum. 2 Vols.
- FABRICIUS, J. C. — 1805 — Systema Antliatorum. Brunsvigae.
- HARDY, G. H. — 1930 — Fifth contribution towards a new classification of Australian Asilidae (Diptera) — Proc. Linn. Soc. N. S. W. 55:249-260.
- JAENNICKE, F. — 1867 — Neue exotische Dipteren — Abh. Senckenberg. Ges. 6:311-408.
- KERTÉSZ, C. — 1909 — Catalogue Dipterorum. Asilidae, 4:49-313.
- LOEW, H. — 1865-72 — Diptera Americae Septentrionalis indigena, Cent. VII, pp. 61-114.
- MACQUART, M. J. — 1838 — Diptères exotiques nouveaux ou peu connus I, part. 2:14-156.
- MACQUART, M. J. — 1846 — Idem, suppl. 1:59-96.
- MACQUART, M. J. — 1847 — Idem, suppl. 2:32-46.
- MC ATEE, W. L. & BANKS, N. — 1920 — District of Columbia Diptera: Asilidae — Proc. Ent. Soc. Wash. 22:13-33.
- PHILIPPI, R. A. — 1865 — Aufzählung der chilenischen Dipteren — Verh. zool.-bot. Ges. Wien 15: 595-792
- SACKEN, C. R. OSTEN — 1878 — Catalogue of the described Diptera of North America, Ed. II — Smith. Misc. Coll. (270), pp. I-XLVI, 1-276.
- SACKEN, C. R. OSTEN — 1887 — Biol. Centr. Amer. Asilidae, 1:167-212.
- SCHINER, J. R. — 1866 — Die Wiedemann'schen Asiliden — Verh. zool.-bot. Ges. Wien 16:649-848.
- SCHINER, J. R. — 1868 — Reise der Österreichischen Fregatte Novara. Zool. Diptera., Asilidae 155-195.
- WALKER, F. — 1849 — List of the specimens of dipterous insects in the collection of the British Museum 2:231-484.
- WALKER, F. — 1851 — Insecta Saundersiana Part II, Asilidae pp. 84-156.
- WALKER, F. — 1854 — List of the specimens of dipterous insects in the collection of the British Museum 6, suppl. 2:377-506.
- WIEDEMANN, C. R. W. — 1819 — Brasilianische zweiflugler — Zool. Mag.
- WIEDEMANN, C. R. W. — 1821 — Diptera exótica.
- WIEDEMANN, C. R. W. — 1828 — Aussereuropäische zweiflügelige Insecten, Asilidae., 1:364-572.
- WILLISTON, S. W. — 1883 — On the North American Asilidae (Dasypogoninae, Laphrinae), with a new genus of Syrphidae — Trans. Amer. Ent. Soc. Philad. 11:1-35.
- WILLISTON, S. W. — 1889 — Notes on Asilidae — Psyche 5:255-259.
- WILLISTON, S. W. 1891 — Catalogue of the described species of South American Asilidae — Trans. Amer. Ent. Soc. 18:67-91.

- WILLISTON, S. W. — 1901 — Biol. Centr. Amer. Diptera, Supl. 1:298-332.
- WILLISTON, S. W. — 1908 — Manual of North American Diptera ed. II — Asilidae, pp. 192-204.
- WULP, F. M. VAN DER — 1882 — Amerikaansche Diptera — Tijdsch. Ent. 25:77-136.
- WULP, F. M. VAN DER — 1884 — Nalezing over Amerikaansche Diptera — Tijdsch. Ent. 27:207-208.

SÔBRE UMA COLEÇÃO DE MAMÍFEROS DO ESTADO DE ALAGOAS

por

C. VIEIRA

Versa o presente trabalho sobre o material mastozoológico colecionado pelas duas expedições científicas realizadas nos anos de 1951 e 1952 pelo Departamento de Zoologia no Estado de Alagoas, nordeste do Brasil, e chefiadas respectivamente pelo Dr. Olivério Pinto, Diretor e Carlos C. Andrade, Chefe de Divisão. Consta ele de mais de 150 exemplares, pertencentes a 27 espécies, distribuídas pelas seguintes ordens e famílias:

PRIMATAS

Callithricidae

Callithrix jacchus (Linnaeus)

QUIROPTEROS

Emballonuridae

Rhynchiscus naso (Wied)

Phyllostomidae

Phyllostomus hastatus hastatus (Pallas)

Phyllostomus elongatum (E. Geoffroy)

Lonchophylla mordax (Thomas)

Artibeus jamaicensis lituratus (Lichtenstein)

Artibeus quadrivittatus Peters

Trachops cirrhosus (Spix)

Carollia perspicillata perspicillata (Linnaeus)

Molossidae

Molossus rufus (E. Geoffroy)

LAGOMORFOS

Leporidae

Sylvilagus brasiliensis brasiliensis (Linnaeus)

ROEDORES

Dasyproctidae

Dasyprocta prymnolopha Wagler

Erethizontidae

Coendou prehensilis prehensilis Linnaeus

Caviidae

Kerodon rupestris (Wied)
Galea spixii (Wagler)

Sciuridae

Sciurus alphonsei alphonsei Thomas

Crecetidae

Holochilus sciureus Wagner
Oxymycterus angularis Thomas

Muridae

Rattus rattus frugivorus Rafinesque

CARNÍVOROS

Procyonidae

Nasua nasua nasua Linnaeus
Potos flavus nocturnus (Wied)

DESDENTADOS

Dasypodidae

Dasypus novemcinctus novemcinctus Linnaeus

Bradypodidae

Bradypus tridactylus tridactylus Linnaeus

Myrmecophagidae

Tamandua tetradactyla tetradactyla (Linnaeus)
Cyclopes didactylus didactylus (Linnaeus)

ARTIODÁCTILOS

Tayassuidae

Tayassu tajacu (Linnaeus)

MARSUPIAIS

Didelphis marsupialis Linnaeus
Caluromys philander philander (Linnaeus)
Marmosa murina murina Linnaeus

PRIMATAS

CALLITHRICIDAE

Callithrix jacchus (Linnaeus)

Nome local: "Sagui"

Simia jacchus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, vol. I, pg. 27; localidade típica: Pernambuco.

Callithrix jacchus THOMAS, 1910, On Mammals collected in Ceará; Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 6, pg. 500 (Ipú, Ceará); idem, MOOJFN, 1943, Alguns mamíferos colecionados no Nordeste; Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro; Zoologia, n.º 1, pg. 4 (Serra do Arararipe e Crato, Ceará).

1 ♂ de São Miguel, X-1951; 5 ♂♂ e 8 ♀♀ de Mangabeiras, X-1952 (peles cheias).

Muito comum por todo litoral norte do Brasil, do Pará ao Recôncavo baiano, foi um dos primeiros membros desta família conhecidos na Europa, tendo sido descrito por Marcgrave sob o nome de "Cagui-minor". (1)

É uma das maiores espécies do gênero, medindo pouco mais de 20 centímetros de comprimento, não compreendendo a cauda que tem mais de 30 centímetros.

Sua coloração geral é de fundo cinza pardacento, tarjada de faixas transversais esbranquiçadas que se prolongam ao longo da cauda, até sua extremidade.

A cabeça é quase negra com exceção duma mancha branca sobre o focinho; as orelhas são guarnecidas de tufo de pelos brancos que se apresentam às vezes ligeiramente chiviscados de cinza.

Conforme já notou Thomas (2) a coloração da nuca é muito variável, apresentando-se às vezes esbranquiçada em vez de cinzenta.

Assim, dentre estes 14 exemplares, cinco estão nesse caso, apresentando os pêlos da nuca inteiramente brancos, ligeiramente lavados de pardamento.

A descrição de *Jacchus albicollis* de Spix (3) citado por tantos autores como espécie distinta de *C. jacchus*, sem dúvida foi baseada num exemplar sujeito a esta variação individual.

QUIROPTÉROS

EMBALLONURIDAE

Rhynchiscus naso (Wied)

Vespertilio naso WIED, 1820, Reise nach Brasilien, pg. 251; localidade típica: rio Mucuri, Minas Gerais.

10 ♀ ♀ de Mangabeiras, X-1952 (exemplares em álcool)

Pela primeira vez é notificado este diminuto e singular morcego de focinho saliente, em forma de pequenina tromba, no Nordeste brasileiro.

Confirma-se assim, mais uma vez, sua vasta área de dispersão através de quase todo o continente sul-americano, da Colombia ao litoral do norte do Brasil até as matas costeiras do Estado do Espírito Santo.

PHYLLOSTOMIDAE

Phyllostomus hastatus hastatus (Pallas)

Phyllostomus hastatus hastatus (Pallas)
Vespertilio hastatus PALLAS, 1767, Spicileg. Zool., III, pg. 7; localidade típica: América do Sul.

(1) Marcgrave, 1648, *História Natural do Brasil*, 1. VIII, pg. 227 (edição do Museu Paulista).

(2) *On Mammals of Ceará*, Annals and Magazine of Natural History, série VIII, vol. 6, pg. 500.

(3) *Simiarum et Vespertilionum brasiliensium species novae*, 1823, pg. 33, pl. XXV.

1 ♀ de Canoas, rio Largo; X-1951 (exemplar em alcool)

Uma das maiores espécies desta família, é também de larga distribuição, do Perú até o sul do Brasil, onde tem sido colecionado no interior do Estado de São Paulo.

Phyllostomus elongatum (E. Geoffroy)

Phyllostomus elongatum E. Geoffroy, 1810, Annales du Museum, XV, pg. 182; localidade típica: desconhecida, provavelmente Bahia.

1 ♂ de Canoas, rio Largo, XI-1951 (exemplar em alcool)

Muito menor que a espécie precedente tem o apêndice foliáceo mais comprido e com a extremidade mais aguçada.

É encontrado no Amazonas e Pará, parecendo ser comum no Recôncavo baiano de onde o Departamento de Zoologia tem recebido ultimamente inumeros exemplares.

Lonchophylla mordax (Thomas)

Lonchophylla mordax THOMAS, 1903, Annals and Magazine of Natural History, série VII, vol. 12, pg. 459; localidade típica: Lamarão, Bahia.

2 ♂ ♂ de Canoas, rio Largo; XI-1951 (exemplares em alcool)
8 ♂ ♂ e 8 ♀ ♀ de Mangabeiras; X-1952.

Pequeno morcego insetívoro caracterizado pelo focinho muito alongado e língua comprida e extensível, munida de longas papilas filiformes que o auxiliam a colher insetos na corola das flores.

Eram conhecidos apenas exemplares provenientes do interior da Bahia (Lamarão e Cidade da Barra); estes espécimes do litoral alagoano atestam sua dispersão muito mais para o norte.

Artibeus jamaicensis lituratus (Lichtenstein)

Phyllostomus lituratus LICHTENSTEIN, 1823, Verzeichniss der Doubletten des Zoologischer Mus. Univ. Berlin, pg. 3; localidade típica: Paraguai.

Artibeus jamaicensis lituratus THOMAS, 1910, On Mammals from Ceará; Annals and Magazine of Natural History; série VIII, vol. 8, pg. 500 (Serra de Ibiapaba, Ceará).

1 ♂ de Canoas, rio Largo; X-1951 (exemplares em alcool)

Grande morcego frugívoro encontrado por todas as regiões tropicais e sub-tropicais da América.

É bastante comum no Brasil meridional, principalmente no Estado de São Paulo.

Artibeus quadrivittatus (Peters)

Artibeus quadrivittatus PETERS, 1865, Monatsb. K. Preuss Akad. Wissench. Berlin, pg. 358; localidade típica: Surinam.

1 ♀ de Mangabeiras; X-1952 (exemplares em alcool)

É a menor espécie do gênero, caracterizando-se por quatro listas esbranquiçadas na cabeça.

Apenas dois exemplares obtidos no Brasil, provenientes do Acre e da Bahia, figuravam até agora nas coleções do Departamento de Zoologia.

Trachops cirrhosus (Spix)

Vampyrus cirrhosus SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium species novae, pg. 64, pl. 36, fig. 3; localidade típica: Pernambuco.

4 ♀ ♀ de Canoas, rio Largo; XI-1951 (exemplares em alcool)

Deste original morcego, cujo principal característico são as numerosas verrugas existentes nos lábios, já possuía o Departamento de Zoologia muitos exemplares provenientes dos estados do Pará e Espírito Santo.

Parece não ocorrer mais ao sul deste ultimo Estado.

Carollia perspicillata perspicillata (Linnaeus)

Vespertilio perspicillatus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., pg. 31.
Hemiderma perspicillatum THOMAS, 1910, On Mammals from Ceará; Annals and Magazine of Natural History, série VIII, vol. 6, pg. 500 (São Paulo, serra de Ibiapaba, Ceará). (1)

6 ♂ ♂ e 5 ♀ ♀ de Mangabeiras; X-1952 (exemplares em alcool)

Este morcego frugívoro, tem sido encontrado com frequência por quase todas as expedições realizadas na América do Sul em procura de mamíferos.

O Departamento de Zoologia possui inumeros exemplares obtidos desde a Amazônia até o Estado de Santa Catarina.

MOLOSSIDAE

Molossus rufus (E. Geoffroy)

Molossus rufus E. GEOFFROY, 1805, Annales du Museum, VI, pg. 154; localidade típica: "América do Sul".

2 ♀ ♀ de Canoas, rio Largo; XI-1951. (exemplares em alcool)

Das duas espécies do gênero *Molossus* é esta a maior e a mais rara.

Pela primeira vez é constatada no Nordeste.

LAGOMORFOS

LEPORIDAE

Sylvilagus brasiliensis brasiliensis (Linnaeus)

Nome local: "Lebre"

Lepus brasiliensis LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. edição, vol. I, pg. 58; localidade típica: Pernambuco.

(1) O gênero *Carollia* de Gray, 1833, que tinha sido considerado invalidado por *Carolia* de Cantraine, um gênero de molusco, foi reconhecido ter prioridade sobre este. V. Sanborn, 1949, Journal of Mammalogy, vol. 30, n.º 3, pg. 281.

Lepus brasiliensis THOMAS, 1913, Annals and Magazine of Natural History, ser. VIII, vol. 11, pg. 209 (Lamarão, Bahia).

Sylvilagus brasiliensis brasiliensis MOOJEN, 1943, Alguns mamíferos do nordeste; Boletim do Museu Nacional; Zoologia, n.º 1, pg. 6 (Poção, Pernambuco).

1 ♀ de Quebrangulo; XI-1951 (pele cheia e crânio)

Esta raça típica difere na coloração geral mais escura e no tamanho pouco menor de *S. brasiliensis minensis* do Brasil Central.

É peculiar ao norte e nordeste brasileiro.

ROEDORES

DASYPROCTIDAE

Dasyprocta prymnolopha (Wagler)

Nome local: Cutia

Dasyprocta prymnolopha WAGLER, 1832, Isis, pg. 619; localidade típica: Guiana.

Dasyprocta prymnolopha MOOJEN, 1942, Alguns mamíferos do Nordeste; Revista do Museu Nacional, Zoologia, pg. 7 (Crato, Ceará).

1 ♀ de Canoas, XI-1951 (pele cheia e crânio)

Assemelha-se no colorido geral a *Dasyprocta aguti* do litoral do Brasil meridional, mas suas partes trazeiras são de coloração vermelho-ferrugineo vivo, com larga faixa escura mediana.

É conhecida desde a zona costeira do Pará (1) até a Bahia.

ERETHIZONTIDAE

Coendou prehensilis prehensilis (Linnaeus)

Nome local: Coendu

Hystrix prehensilis LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. edição, pg. 76; localidade típica: Pernambuco.

Coendou prehensilis prehensilis ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. I, pg. 186.

1 ♂ de Mangabeiras; XI-1952 (pele aberta e crânio)

Das numerosas e controvertidas espécies de ouriços neo-tropicais é esta uma das maiores, sendo completamente revestida de espinhos que se apresentam no dorso ora mais escuros, ora quase inteiramente amarelados como neste exemplar do sul de Alagoas.

CAVIIDAE

Kerodon rupestris (Wied)

Nome local: Mocó

Cavia rupestris WIED, 1820, Isis, band VI, haft 1, pg. 43; localidade típica: Belmonte, Bahia.

Kerodon rupestris ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. I, pg. 247; idem, MOOJEN, 1943, Alguns mamíferos do Nordeste; Boletim do Museu Nacional, Zoologia, n.º 1, pg. 7 (Mulungu, Paraíba; Monte Alegre e Poção, Pernambuco).

(1) Goeldi e Hagmann, 1906, *Pródromo dum Catálogo da coleção de mamíferos no Museu do Pará*; Boletim Museu Goeldi, vol. IV, pg. 73.

1 ♂ e 1 ♀ de Quebrangulo, litoral sul de Alagoas; XI-1951 (peles cheias e crânios)

Inteiramente semelhantes aos exemplares do norte da Bahia (Vila-Nova e Joazeiro) existentes na coleção do Departamento de Zoologia e colecionados por Garbe em 1908.

Os mocós da zona limitrofe entre os estados de Minas Gerais e Bahia (Januária e Pirapóira, rio. São Francisco) e de região mais a oeste, margens do rio São Domingos, afluente do Tocantins, no interior de Goiás, entretanto, diferem bastante: sua coloração geral é mais escura, a cabeça é lavada de ferrugíneo desde a nuca até a extremidade do focinho, inclusive as orelhas; a parte trazeira é fortemente ferrugínea e os membros anteriores e posteriores são da mesma cor, o que não acontece com estes exemplares do nordeste.

São também maiores, apresentando o crânio notáveis diferenças.

A forma do Brasil central evidentemente é outra, bastante diversa da existente no norte e nordeste.

A área de dispersão de *Kerodon rupestris* parece não estender-se para o norte além do sul do estado do Maranhão, pois é desconhecido no Pará. (1)

Galea spixii (Wagler)

Nome local: Preá

Cavia spixii WAGLER, 1831, Isis, vol. 24, pg. 512; localidade típica: Campos de São Felipe, perto de Januária, Minas Gerais.

Kerodon spixii THOMAS, 1910, On Mammals from Ceará; Annals and Magazine of Natural History, ser. VIII, vol. 6, pg. 502 (Ipú e São Paulo, serra de Ibiapaba, Ceará).

Galea spixii MOOJFN, 1943, Alguns mamíferos do Nordeste; Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro; Zoologia, n.º 1, pg. 8 (Poção, Pernambuco; Crato, Ceará).

1 ♂ e 1 ♀ jovem de São Miguel; XI-1951; 1 ♂ de Mangabeira, XI-1952 (peles cheias e crânios)

Como os mocós, são estas preás comuns por todo o Nordeste, do Ceará ao Sul da Bahia.

Bem menores que as espécies de preás do genero *Cavia*, distinguem-se destas principalmente em terem os molares mais simplificados, com uma única dobra separando os dois lóbulos de cada dente. Também é característica a mancha branca situada logo atrás das orelhas.

No interior do Estado da Bahia, às margens do rio São Francisco e nas regiões limítrofes com Goiás e Minas, ocorre *Galea wellsi*, espécie bem menor.

SCIURIDAE

Sciurus alphonsei alphonsei (Thomas)

Nome local: Cateté

Sciurus alphonsei THOMAS, 1906, Annals and Magazine of Natural History; ser. 7, vol. 18, pg. 442; localidade típica: São Lourenço, Pernambuco.

(1) Goeldi e Hegmann, 1906, Boletim do Museu Goeldi, tomo IV, pg. 75.

- Guerlinguetus alphonsei alphonsei* J. A. ALLEN, 1915, Review of South-american *Sciuridae*; (Bulletin of American Museum of Natural History, vol. 34, pg. 261 (Pernambuco).
Guerlinguetus aestuans alphonsei OLIVÉRIO PINTO, 1931, Ensaio sobre a fauna de ciurideos do Brasil; Revista do Museu Paulista, tomo XVII, parte I, pg. 293 (Vila Nova, Bahia e Rio Doce, Espírito Santo).
Sciurus alphonsei alphonsei ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. I, pg. 243.

4 ♂♂ de São Miguel; XI-1952; 4 ♂♂ e 3 ♀♀ de Mangabeiras;

E' a única espécie desta família que existe na região costeira do Nordeste brasileiro.

Difere da espécie sulina *Sciurus ingrami* em ser pouco menor e de coloração geral mais acinzentada.

Para o norte, até a região do baixo Tocantins, no estado do Pará, ocorre a outra raça *Sciurus alphonsei paraensis*, de coloração muito mais ocrácea tanto nas partes superiores como nas inferiores.

CRICETIDAE

Holochilus sciureus (Wagner)

Nome local: Rato-da-cana

- Holochilus sciureus* WAGNER, 1842, Weigman's Archiv fur Naturg. Jahrg. 81, pg. 17: localidade típica: rio São Francisco, Bahia .
Holochilus sciureus THOMAS, 1910, On. Mammals from Ceará; Annals and Magazine of Natural History; série 8, vol. 6, pg. 500 (São Paulo, serra de Ibiapaba, Ceará).
Holochilus sciureus MOOJEN, 1943, Alguns mamíferos do Nordeste; Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro; Zoologia, n.º 1, pg. 11 (Crato, Ceará).
Holochilus sciureus ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. II, pg. 462.

6 ♂♂ e 6 ♀♀ de Mangabeiras; XI-1952 (peles cheias e crânios)

Grande rato pardo acinzentado largamente distribuído pelo Brasil oriental e que habita, em geral, nos canaviais, onde fazem seus ninhos entre touceiras de cana.

Como as espécies congêneres, tem predileção pelas proximidades da água, sendo excelente nadador. (1)

Nesta série de exemplares, nota-se que os machos adultos apresentam a coloração das partes superiores mais pardacentas que as das fêmeas.

Oxymycterus angularis (Thomas)

- Oxymycterus angularis* THOMAS, 1909, Annals and Magazine of Natural History, série VIII, vol. 4, pg. 237; localidade típica: São Lourenço, Pernambuco.

1 ♂ de Mangabeira; X-1952 (pele cheia e crânio).

Rato silvestre de focinho muito alongado e móvel, munido de fortes unhas ponteadas indicando hábitos terrícolas.

E' uma das maiores espécies do gênero, atingindo 26 centímetros de comprimento, dos quais 10 pertencem à cauda.

(1) Cf. Moojen, 1943, Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Zoologia, n.º 1, pg. 11.

MURIDAE

Rattus rattus frugivorus (Rafinesque)

Musculus frugivorus RAFINESQUE, 1814, Précis des Découvertes et Travaux Somnologiques, pg. 13; localidade típica: Sicília, Itália.
Rattus rattus frugivorus ELLERMAN, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. I, pg. 175; idem, MOOJEN, 1943, Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Zoologia, n.º 1, pg. 12 (Ceará).

2 ♂♂ de Mangabeiras; X-1952 (peles cheias e crânios)

Esta forma de rato doméstico tem sido constatada no Norte e no Território do Acre. (1)

É caracterizado pelo colorido das partes superiores que são pardas mescladas de cinza amarelado, com longos pelos pretos no dorso, e pelas partes inferiores que são branco-amareladas, nitidamente separadas das partes superiores.

Das espécies exóticas existentes no Brasil, é esta a que mais se adapta à vida silvestre.

PROCYONIDAE

Nasua nasua nasua (Linnaeus)

Nome local: Quati

Niverra nasua LINNAEUS, 1766, Systema Naturae, I, pg. 64, baseado no "Quati" de Marcgrave; localidade típica: Recife, Pernambuco.

Nasua nasua nasua VIEIRA, 1945, Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo, vol. IV, pg. 410.

2 ♂♂ imaturos de São Miguel; X-1951 e 2 ♂♂ adultos de Mangabeiras; X-1952. (peles cheias e crânios)

É esta a raça típica de quati existente no Nordeste, da zona costeira do norte da Bahia ao Maranhão.

Os dois machos adultos apresentam cor uniformemente pardo-acinzentada, bem escura ao longo do dorso, com as partes inferiores amarelo-ferrugineas.

Os dois exemplares imaturos são uniformemente pardos bem avermelhados, com pelos escuros ao longo do dorso.

Potos flavus nocturnus (Wied)

Nome local: "Jupará"

Nasua nocturna WIED, 1826, Beitrage zur Naturgeschichte von Brasilien, band II, pg. 293; localidade típica: São Miguel dos Campos, litoral sul de Alagoas.

Potos flavus nocturnus VIEIRA, 1952, Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia, vol. XII, n.º 3, pg. 33.

2 ♀♀ de São Miguel dos Campos; X-1951 e 1 ♂ e 1 ♀ de Mangabeiras, X-1952. (peles cheias e crânios)

(1) Cf. Vieira, 1952. Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia, vol. VI, n.º 2, pg. 29.

Estes carnívoros de cauda prensil e aparência simiesca cuja área de distribuição abrange toda a Amazonia e o norte do Brasil, chegando para o sul até o estado do Rio de Janeiro, eram considerados como pertencentes a uma única raça *Potos flavus chapadensis* J. A. Allen (= *Potos flavus brasiliensis* H. Ihering), diferente da raça típica *Potos flavus flavus* (Schreber) cuja localidade típica é a Jamaica. (1)

Entretanto, estes exemplares do Nordeste permitem a separação desta raça que se diferencia pela coloração geral pardo-olivácea e pelo crânio mais alongado e de arcadas zigomáticas mais amplas.

Esta forma, própria das matas do litoral do nordeste, hoje devastadas, parece estender-se ainda mais para o sul, até o norte dos estados do espírito Santo e Rio de Janeiro.

DASYPODIDAE

Dasypus novemcinctus novemcinctus (Linnaeus)

Nome local: "Tutu-galinha"

Dasypus novemcinctus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. edição, vol. I, pg. 51; localidade típica: América do Sul.

Dasypus novemcinctus MOOJEN, 1943, Alguns mamíferos do Nordeste; Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro; Zoologia, n.º 1 (Poçoão, Pernambuco).

1 ♂ de Mangabeiras; X-1952 (pele cheia)

De vastíssima distribuição por quase toda a América do Sul, caracteriza-se pelas nove faixas móveis da carapaça.

BRADYPODIDAE

Bradypus tridactylus tridactylus (Linnaeus)

Nome local: Preguiça

Bradypus tridactylus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. edição; vol. I, pg. 34; localidade típica: América do Sul.

2 ♂ ♂ de São Miguel; X-1951 e 2 ♀ ♀ de Mangabeiras; X-1952 (peles abertas).

Esta raça típica de *Bradypus tridactylus* parece ocorrer desde as Guianas e Pará até a Bahia.

Diferencia-se principalmente da raça costeira meridional *Bradypus tridactylus brasiliensis* em apresentar a mancha característica do dorso, vulgarmente chamada "bentinho", muito mais nítida, com o fundo vivamente alaranjado.

MYRMECOPHAGIDAE

Tamandua tetradactyla tetradactyla (Linnaeus)

Nome local: Tamanduá-colete

Myrmecophaga tetradactyla LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. edição; vol. I, pg. 8; localidade típica: Guiana francesa.

(1) J. A. Allen, 1904, Bulletin of American Museum of Natural History, n.º 20, pg. 76.

1 ♂ juv. de Canoas; X-1951 e 1 ♀ juv. de Mangabeiras; X-1952 (peles abertas e crânios)

Estes exemplares imaturos apresentam-se ainda com bastante pêlos amarelados mesclados com os pelos pretos da região dorsal.

Esta raça abrange toda a área oriental do Brasil, do litoral do estado do Pará até Santa Catarina.

Cyclopes didactylus didactylus (Linnaeus)

Nome local: Tamanduá

Myrmecophaga didactyla LINNAEUS, 1767, Systema Naturae, 12a. edição, pg. 51; localidade típica: Surinam.

Cyclopes didactylus didactylus LONNBERG, 1943, Notes on *Xenarthra* from Brasil and Bolivia; Arkiv for Zoologi; band 34a., n.º 9, pg. 45 (Lago Batista e Itacoatiara, Amazonas; Cametá, Pará).

1 ♀ adulto e 2 ♂ ♂ jovens de Mangabeiras; XI-1952 (peles cheias e crânios)

Pela primeira vez é assinalada a presença deste minúsculo tamanduá nas matas ainda existentes no litoral do Nordeste, o que dilata muito sua área de dispersão conhecida.

Não diferem dos exemplares de Cametá, Pará e Miritiba, Maranhão, que em grande numero existem nas coleções deste Departamento e pertencentes a esta raça típica.

Existe um ligeiro dimorfismo sexual, apresentando-se os machos com pelagem um pouco mais curta e listra escura do dorso muito mais nítida e comprida, prolongando-se até a raiz da cauda, o que não acontece nas fêmeas.

ARTIODACTILOS

TAYASSUIDAE

Tayassu tajacu (Linnaeus)

Nome local: Cateto

Sus tajacu LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. edição, vol. I, pg. 50; localidade típica: "Brasil".

1 ♂ de Mangabeiras; X-1952 (pele aberta e crânio)

Parece ser esta a única espécie de suino selvagem que existe nas matas do litoral do Nordeste, pois mesmo Marcgrave, em 1648, não mencionou o "Queixada" (*Tayassu pecari*) em sua Historia Natural do Brasil.

MARSUPIAIS

DIDELPHIIDAE

Didelphis marsupialis (Linnaeus)

Nome local: Cassaco

Didelphis marsupialis LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., vol. I, pg. 54; localidade típica: Surinam.

1 ♂ de São Miguel; X-1951; 1 ♂ de Mangabeiras; XI-1952 (peles cheias e crânios).

Exemplares adultos com os compridos pêlos do dorso inteiramente brancos dando ao animal uma coloração geral cinza-exbranquiçada.

É bem comum por toda a Amazônia e norte do Brasil, sendo encontrado para o sul até no Estado do Rio de Janeiro (1).

Caluromys philander philander (Linnaeus)

Nome local: "Cuica"

Didelphis philander LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., vol. I, pg. 54.

Caluromys philander MIRANDA RIBEIRO, 1936, Didelphia ou Mammalia ovo-vivípara; Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 358 (Maranhão).

1 ♂ e 1 ♀ de Mangabeiras; XI-1952 (peles cheias e crânios)

Compreende o genero *Caluromys* marsupiais de bolsa rudimentar em forma de pregas laterais; pêlos abundantes, lanosos e macios; cabeça pequena; olhos muito grandes; orelhas grandes; cauda mais comprida que a cabeça e o corpo, quase toda nua.

Esta raça típica do norte do Brasil difere da raça do Brasil meridional, *C. philander dichrurus*, em ter a coloração geral mais pardacenta, sobretudo no dorso e a cauda mais comprida, duma só cor em toda sua extensão e não salpicada de branco cárneo.

A área exata de sua distribuição é pouco conhecida, tendo sido constatada desde as Guianas e Pará, até o estado do Rio de Janeiro que parece ser seu limite meridional. (2)

Marmosa murina murina (Linnaeus)

Didelphis murina LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., vol. I, pg. 55; localidade típica: Surinam.

Marmosa murina parata POHLE, 1927, Abhandlung Sckenber. Naturforsch. Gesellsch., XL, pg. 39 (Pernambuco).

Marmosa murina MIRANDA RIBEIRO, 1936, Didelphia ou Marsupialia ovo-vivípara; Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 368 (Pará).

Marmosa murina murina TATE, 1933, A Revision of the Genera *Marmosa*; Bulletin of American Museum of Natural History, vol. LXVI, pg. 92 (Pará, Maranhão, Paraíba e Pernambuco).

1 ♂ de Mangabeiras; X-1952 (pele cheia e crânio)

E' esta a espécie tipo do gênero *Marmosa* que compreende cerca de 50 espécies, das quais a maior parte ocorre dentro dos limites do território brasileiro.

(1) D. Davis em 1947, identificou-o em Terezópolis, Estado do Rio de Janeiro (Notes on some Brazilian Mammals; Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, n.º 76, pg. 2).

(2) Miranda Ribeiro, 1936, *Didelphia ou Marsupialia ovo-vivípara*; Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 358.

Pequeno marsupial de pelagem sedosa, grandes olhos e cauda prensil muito longa, quase tão longa quanto o comprimento da cabeça e do corpo.

Colorido das partes superiores pardo canelino, mais claro na cabeça, onde os olhos são circundados por uma listra vivamente preta. As partes inferiores são cor de creme, mais amarelado no ventre.

É conhecida desde a zona costeira das Guianas e por todo o litoral dos estados do Pará, Maranhão e nordeste, até o Espírito Santo.

BIBLIOGRAFIA

- ALLEN, J. A. — 1915 — Review of South-american *Sciuridae*; Bulletin of American Museum of Natural History, vol. 34, pg. 147.
- DAVIS, D. E. — 1947 — Notes on the life histories of some brazilian Mammals; Boletim do Museu Nacional, Zoologia, n.º 76, pg. 1.
- ELLERMAN, J. R. — 1940 — The Families and Genera of Living Rodents.
- GOELDI, E. — 1893 — Os Mamíferos do Brasil.
- GOELDI e HAGMAN — 1904 — Pródromo dum catálogo crítico da coleção de Mamíferos do Museu Goeldi; Boletim do Museu Goeldi, vol. IV, pg. 107.
- GLYDENSTOLPE, NILS — 1932 — A Manual of Neotropical Sigmodont Rodents; Kungl. Svenska Vetenskapsak. Handlingar, band 11, n.º 3.
- LÖNNBERG, E. — 1943 — Notes on *Xenarthra* of Brazil and Bolivia; Arkiv for Zoologi, band 34a., n.º 9, pg. 1.
- MARCGRAVE — 1648 — História Natural do Brasil; edição do Museu Paulista, 1942.
- MIRANDA RIBEIRO — 1914 — Comissão de Linhas telegráficas e estratégicas Mato Grosso ao Amazonas. Anexo 5, Zoologia.
- MIRANDA RIBEIRO — 1936 — Didelphia ou Marsupialia ovo-vivípara; Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 245.
- MOOJEN, J. — 1943 — Alguns Mamíferos colecionados no Nordeste do Brasil; Boletim do Museu Nacional, nova série, Zoologia, n.º 1.
- OLIVÉRIO PINTO — 1931 — Ensaio sôbre a fauna de ciurídeos do Brasil; Revista do Museu Paulista, tomo XVII, pg. 265.
- TATE, G. H. — 1933 — A Systematic Revision of the Genus *Marmosa*; Bulletin of American Museum of Natural History, vol. LXVI.
- TATE, G. H. — 1939 — The Mammals of the Guiana Region; Bulletin of American Museum of Natural History, vol. LXXVI, pg. 156.
- THOMAS, OLDFIELD — 1910 — On Mammals collected in Ceará; Annals and Magazine of Natural History, série VIII, vol. VI, pg. 500.

MONOGRAFIA DOS GÊNEROS DE
OPILIÕES NEOTRÓPICOS

por

BENEDICTO A. M. SOARES

e

HÉLIA E. M. SOARES

INTRODUÇÃO

Há mais de três anos (30-XII-1949) publicámos o segundo fascículo de nossa monografia dos gêneros de Opiliões neotrópicos, tendo saído a lume o primeiro em 25-VI-1948 (1).

Ao iniciarmos a publicação do presente trabalho, já o tínhamos pronto para o prelo e, se resolvemos publicá-lo por partes, não houve outro motivo senão a impossibilidade de imprimi-lo num todo. (Cf. Arq. Zool. Est. S. Paulo, 1948, 5 (9):553).

Como novos conhecimentos vão surgindo à medida que passam os dias, vimo-nos sempre na contingência de acrescentar à nossa monografia as últimas novidades, para que ela viesse a lume a mais completa possível. Assim o foi até início de 1950, quando deixámos o Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo para exercermos atividades didáticas na Universidade Rural do Ministério da Agricultura.

O grande lapso de tempo decorrente da publicação do segundo fascículo até agora não teve outra causa senão a dificuldade na atualização da obra. No que se refere à acolhida que sempre teve e para conosco conserva o Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, queremos deixar aqui expressos os nossos agradecimentos ao seu diretor, DR. OLIVÉRIO MÁRIO DE OLIVEIRA PINTO, que não só continua a nos reservar algum espaço para publicação, como ainda nos proporciona os meios de prosseguir no estudo do material dos grupos zoológicos de nossa predileção pertencente ao Departamento que dirige.

Neste terceiro fascículo trataremos unicamente da subfamília *Pachylinae*.

P A C H Y L I N A E

Ancas posteriores excedendo o escudo abdominal em tôda a sua extensão. Olhos postos num cômodo ocular no meio do cefalotórax. Cefalotórax muito mais estreito que o escudo abdominal. Queliceras pequenas e semelhantes nos dois sexos. Escudo abdominal com cinco sulcos, I e II quase sempre unidos por um sulco longitudinal mediano. Palpos mais curtos que o corpo, com todos os segmentos da mesma espessura. Fêmures IV do macho com apófises e espinhos. Pernas

(1) Cf. Soares e Soares, Arq. Zool. Est. S. Paulo, 1948, 5 (9): 553-636; id., 1949, 7 (2): 149-240.

curtas e robustas. Tarsos III e IV com duas unhas lisas, com pseudo-niquio e sem escópula.

Pela seguinte chave podemos separar os gêneros desta subfamília, a maior encontrada entre os *Gonyleptidae*: (*)

1.	Todo o escudo abdominal inerte.	2	
	Ao menos uma das áreas do escudo abdominal armada	3	
2.	(1) Tergitos livres inermes.	4	
	Pelo menos um tergito livre armado.	5	
3.	(1) Somente uma área armada.	24	
	Mais de uma área armada.	25	
4.	(2) Cômoro ocular com armação par.	6	
	Cômoro ocular com armação ímpar ou inerte.	7	
5.	(2) Somente um tergito livre armado.	16	
	Dois tergitos livres armados.	17	
6.	(4) Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos. ..	8	
	Tarsos III e IV de 6 ou menos de 6 segmentos.	9	
7.	(4) Fêmur dos palpos inerte.	10	
	Fêmur dos palpos armado.	11	
8.	(6) Fêmur dos palpos inerte		<i>Chaquesta</i> Soares, 1944, e fêmeas de algumas espécies de <i>Parapachyloides</i> Roewer, 1913.
	Fêmur dos palpos armado.		<i>Pachyloides</i> Holmberg, 1878.
9.	(6) Tarsos III e IV de 6 segmentos.		<i>Parabalta</i> Roewer, 1913.
	Tarsos III de 5 segmentos, IV de 6.		<i>Thorellidia</i> Mello-Leitão, 1931
10.	(7) Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos, ou só os tarsos IV de mais de 6 segmentos	13	
	Tarsos III e IV de 6 ou menos de 6 segmentos	12	
11.	(7) Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos, ou só os tarsos IV de mais de 6 segmentos	14	
	Tarsos III e IV de 6 ou menos de 6 segmentos	15	
12.	(10) Tarsos III e IV de 6 segmentos.		<i>Progyndes</i> Roewer, 1916.
	Tarsos III e IV de 5 segmentos	122	
13.	(10) Tarsos IV de mais de 6 segmentos, III de 6 Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos ..		<i>Ibarra</i> Roewer, 1925.
			<i>Liogyndulus</i> Mello-Leitão, 1932
14.	(11) Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos Tarsos IV de mais de 6 segmentos, III de 6		<i>Daguerreia</i> Canals, 1933.
			<i>Bosqia</i> Canals, 1933.
15.	(11) Tarsos IV de 6 segmentos.	119	
	Tarsos III e IV de segmentos		<i>Bunostigma</i> Mello-Leitão, 1935.
16.	(5) Cômoro ocular com armação ímpar.	18	
	Cômoro ocular inerte ou com armação par	19	
17.	(5) Opérculo anal dorsal com um espinho, tergitos livres II e III com um espinho Opérculo anal inerte	22	<i>Allochirus</i> Mello-Leitão, 1942
18.	(16) Tergito livre III com um espinho mediano, e prolongado ou não nos ângulos em robusta apófica acuminada	20	

(*) Apenas o gênero *Tegyra* Soerensen (Henriksen), 1932, não foi incluído nesta chave por não se conhecer a segmentação tarsal.

	Tergito livre III com cinco espinhos, um mediano maior e dois menores de cada lado, fêmur dos palpos inerme, tarsos III e IV de 6 segmentos		<i>Polyacanthoprocta</i> Mello-Leitão, 1927.
19. (16)	Cômoro ocular inerme, tergito livre II armado	117	
	Cômoro ocular com armação par.	21	
20. (18)	Tergito livre III apenas com um espinho mediano		<i>Acrographinotus</i> Roewer, 1929
	Tergito livre III com um espinho mediano e prolongado nos ângulos em longa e robusta apófise acuminada		<i>Biconisoma</i> Roewer, 1936.
21. (19)	Tergito livre I com um ou três espinhos, fêmur dos palpos inerme, tarsos III e IV de mais de 6 segmentos		<i>Parachyloides</i> Roewer, 1913.
	Só o tergito livre II ou só o tergito livre III armado	131	
22. (17)	Cômoro ocular com armação ímpar		<i>Pseudogyndes</i> Mello-Leitão, 1932.
	Cômoro ocular com armação par.	23	
23. (22)	Tarsos III e IV com mais de 6 segmentos		<i>Sibollus</i> Roewer, 1929.
	Tarsos III e IV de 6 segmentos		<i>Nesopachylus</i> Chamberlin, 1925.
24. (3)	Só a área III armada	26	
	Só a área IV ou a área V armada	27	
25. (3)	Todas as áreas armadas	61	
	Pelo menos duas áreas armadas	62	
26. (24)	Área III com armação ímpar ou uma elevação mediana provida de dois espinhos	28	
	Área III com armação par	29	
27. (24)	Só a área V armada	58	
	Só a área IV armada	59	
28. (26)	Fêmur dos palpos inerme	30	
	Fêmur dos palpos armado	31	
29. (26)	Tergitos livres inerme	33	
	Pelo menos um tergito livre armado	34	
30. (28)	Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos ..	124	
	Tarsos III e IV de 6 segmentos	118	
31. (28)	Cômoro ocular com armação ímpar		<i>Mctagraphinotus</i> Mello-Leitão, 1927.
	Cômoro ocular com armação par ou inerme ..	32	
32. (31)	Área III com um tubérculo ou espinho nos dois sexos		<i>Eusarcus</i> Perty, 1832.
	Área III com tubérculo simples na fêmea, com um tubérculo levemente bifido no macho		<i>Melloleitaoëlla</i> Strand, 1932.
33. (29)	Cômoro ocular com armação ímpar ou inerme	35	
	Cômoro ocular com armação par	36	
34. (29)	Só um tergito livre armado	43	
	Mais de um tergito livre armado	44	
35. (33)	Cômoro ocular inerme	37	
	Cômoro ocular com armação ímpar	38	
36. (33)	Fêmur dos palpos inerme	129	
	Fêmur dos palpos armado	57	
37. (35)	Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos ..	127	
	Tarsos III e IV de 5 ou 6 segmentos ...	39	
38. (35)	Fêmur dos palpos inerme	40	
	Fêmur dos palpos armado	41	

39. (37) Tarsos III e IV de 5 segmentos		<i>Iguassua</i> Mello-Leitão, 1935.
Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos ...		<i>Iguassuoides</i> , g. n.
40. (38) Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos.		<i>Gyndoides</i> Mello-Leitão, 1927.
Tarsos III e IV de 6 segmentos	42	
41. (38) Tarsos III e IV de 6 segmentos		<i>Guaraniticus</i> Mello-Leitão, 1933..
Tarsos III de 5 ou 6 segmentos, IV de 6	50	
42. (40) Tergitos livres II e III inermes, cômodo		
ocular com um espinho mediano		<i>Eugyndes</i> Roewer, 1923.
Tergitos livres II e III inermes no macho,		
com pequenino tubérculo mediano na fê-		
mea, cômodo ocular com robustíssima		
apófise acuminada, curva para a frente		<i>Oxyrhina</i> Soares, 1944.
43. (34) Só o tergito livre II armado	125	
Só o tergito livre III armado	45	
44. (34) Todos os tergitos livres armados	51	
Apenas dois tergitos livres armados	52	
45. (43) Tergito livre III com dois espinhos		<i>Eubalta</i> Roewer, 1923
Tergito livre III com um espinho	46	
46. (45) Fêmur dos palpos inerme	47	
Fêmur dos palpos armado	48	<i>Ceropachylinus</i> Mello-Leitão,
		1943.
		<i>Uropachylus</i> Mello-Leitão, 1922.
		e fêmeas de <i>Bunoplus</i> Roewer,
		1927.
47. (46) Cômodo ocular com armação par		
Cômodo ocular com armação ímpar		
48. (46) Cômodo ocular com armação par		<i>Piresa</i> Roewer, 1927.
Cômodo ocular com armação ímpar	49	
49. (48) Opérculo anal inerme	116	
Opérculo anal com dois espinhos no ma-		
cho e com dois tubérculos na fêmea		<i>Soaresia</i> H. Soares, 1945.
50. (41) Tarsos III de 5 segmentos		<i>Gyndesoides</i> Mello-Leitão, 1933.
Tarsos III de 6 segmentos		<i>Pseudogyndesoides</i> Soares, 1944.
51. (44) Cômodo ocula com armação ímpar		<i>Quitete</i> Mello-Leitão, 1936
Cômodo ocular com armação par		<i>Lyopachylus</i> Mello-Leitão, 1936
		e algumas fêmeas de <i>Disco-</i>
		<i>cyrtus</i> Holmberg, 1878.
		<i>Angathisoma</i> Roewer, 1943.
52. (44) Cômodo ocular inerme		
Cômodo ocular armado	53	
53. (52) Cômodo ocular com armação par	54	
Cômodo ocular com armação ímpar	55	
54. (53) Opérculo anal com um espinho mediano,		
tergitos livres II e III com um espinho		
mediano, e prolongados nos ângulos em		
pequenos espinhos		<i>Heteropachylus</i> Roewer, 1913
Opérculo anal inerme	56	
55. (53) Tergitos livres II e III com armação par		<i>Paranaleptes</i> Soares e Soares,
Tergitos livres II e III com armação ímpar	121	1947.
56. (54) Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos,		<i>Carampangue</i> Mello-Leitão,
tergitos livres II e III com dois espinhos		1937.
Tarsos III e IV de 6 segmentos		<i>Triglochynura</i> Mello-Leitão
		1944 e <i>Piresa</i> Roewer, 1927
57. (36) Tarsos III e IV de 6 segmentos		<i>Luederwaldtia</i> Mello-Leitão,
		1922.
Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos		
58. (27) Área V com uma apófise bífida, tergito		<i>Discocyrtus</i> Holmberg, 1878.
livre I com um espinho		<i>Guascaia</i> Mello-Leitão, 1935.
Área V com um espinho ou tubérculo, ter-		<i>Heteropachyloidellus</i> Mello-Lei-
gitos livres e opérculo anal inermes ..		tão, 1927.

59. (27) Área IV com armação ímpar (1 espinho), tergitos livres inermes	60	<i>Arruda</i> Mello-Leitão, 1940.
Área IV com armação par		
60. (59) Tergitos livres I e II inermes, III com um espinho		<i>Ceropachylus</i> Mello-Leitão, 1942.
Tergitos livres inermes		<i>Doelloa</i> Mello-Leitão, 1930.
61. (25) Todos os tergitos livres armados	63	
Pelo menos um tergito livre inerme	64	
62. (25) Tergitos livres inermes	72	
Pelo menos um tergito livre inerme	73	
63. (61) Cômoro ocular com um espinho		<i>Capichabesia</i> Soares, 1944.
Cômoro ocular com armação par	65	
64. (61) Todos os tergitos livres inermes	69	
Tergitos livres II e III com uma elevação I inerme, cômoro ocular com dois es- pinhos geminados		<i>Apembolephaenus</i> Holmberg, 1909.
65. (63) Todas as áreas com armação par, bem co- mo os tergitos livres	66	
Pelo menos uma área com armação ímpar	67	
66. (65) Fêmur dos palpos inerme	68	
Fêmur dos palpos armado		<i>Lycomedicus</i> Roewer, 1923.
67. (65) Fêmur dos palpos inerme		<i>Metapachyloides</i> Roewer, 1916.
Fêmur dos palpos armado		<i>Pachylometoides</i> Mello-Leitão, 1936.
68. (66) Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos.		<i>Nemoribaltia</i> Mello-Leitão, 1941.
Tarsos III e IV de 6 segmentos.		<i>Metabaltia</i> Roewer, 1913.
69. (64) Cômoro ocular inerme		<i>Itatiaicola</i> Soares e Soares, 1946.
Cômoro ocular armado	70	
70. (69) Cômoro ocular com dois espinhos geminados		<i>Apembolephaenus</i> Holmberg, 1909.
Cômoro ocular com dois espinhos não ge- minados	71	
71. (70) Área V com dois tubérculos, fêmur dos pal- pos armado		<i>Oliverius</i> Soares e Soares, 1945.
Área V com um tubérculo ou espinho, fê- mur dos palpos inerme		<i>Cezarella</i> Mello-Leitão, 1932.
72. (62) Só duas reas armadas	74	
Mais de duas áreas armadas	75	
73. (62) Todos os tergitos livres armados	81	
Pelo menos um tergito livre inerme	82	
74. (72) Cômoro ocular com armação ímpar ou inerme	76	
Cômoro ocular com armação par.	77	
75. (72) Três áreas armadas.	88	
Quatro áreas armadas	89	
76. (74) Cômoro ocular inerme, área IV com dois tubérculos, V com um espinho, opérculo anal com um espinho		<i>Acanthoprocta</i> Loman, 1899.
Cômoro ocular com armação ímpar	78	
77. (74) Fêmur dos palpos inerme	99	
Fêmur dos palpos armado	100	
78. (76) Fêmur dos palpos inerme	79	
Fêmur dos palpos armado	80	
79. (78) Só a área IV com armação par, área V com um espinho		<i>Petrocchia</i> Mello-Leitão, 1933.
Só as áreas III e IV com dois tubérculos		<i>Eopachylus</i> Mello-Leitão, 1931.

80. (78) Só as áreas III e IV com dois tubérculos Área I com dois tubérculos, III com dois espinhos ou tubérculos, as outras áreas inermes.		<i>Neopachylus</i> Roewer, 1913. <i>Cobania</i> Roewer, 1913.
81. (73) Cômoro ocular com armação ímpar	83	
Cômoro ocular com armação par	84	
82. (73) Cômoro ocular com armação ímpar	105	
Cômoro ocular com armação par	106	
83. (81) Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos ..	85	
Tarsos IV de 6 segmentos, III de 5 ou 6	86	
84. (81) Opérculo anal inerte	87	
Opérculo anal com dois tubérculos, áreas I e V com dois tubérculos, III com dois espinhos, tergitos livres com dois tubérculos		<i>Discocyrtulus</i> Roewer, 1927.
85. (83) Fêmur dos palpos inerte	128	
Fêmur dos palpos com espinho apical interno		<i>Caldanatus</i> Roewer, 1943.
86. (83) Tarsos III de 5 segmentos, IV de 6, áreas II e V com dois tubérculos, tergitos li- vres com três tubérculos		<i>Metapachylus</i> Cambridge, 1904
Tarsos III e IV de 6 segmentos, área III com dois tubérculos, V e tergitos li- vres com um espinho		<i>Calcarogynodes</i> Mello-Leitão, 1932. <i>Megapachylus</i> Roewer, 1913.
87. (84) Tergitos livres com armação ímpar		
Tergitos livres com armação par	126	
88. (75) Cômoro ocular com armação ímpar	90	
Cômoro ocular com armação par	91	
89. (76) Cômoro ocular com armação ímpar	96	
Cômoro ocular com dois espinhos, áreas I a IV com dois tubérculos, fêmur dos palpos inerte, tarsos III e IV de mais de 6 segmentos		<i>Cearinus</i> Roewer, 1929.
90. (88) Tarsos III e IV de 6 segmentos	92	
Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos, área III com dois espinhos, IV e V com um		<i>Schubartesia</i> Soares, 1944.
91. (88) Tarsos III e IV de 6 segmentos, cômoro ocular com dois espinhos perpendicu- lares à linha dos olhos, área II com dois tubérculos, III e IV com quatro tubérculos.		<i>Riosegundo</i> Canals, 1943.
Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos ..	95	
92. (90) Áreas II, III e IV armadas (II e IV com dois tubérculos, III com um espinho). Área I, II e III armadas	93	<i>Metapucroliia</i> Roewer, 1913.
93. (92) Área I com dois espinhos ou tubérculos, que podem ser confluentes no ápice, II com duas apófises, uma de cada lado, III com dois tubérculos		<i>Anoplogynus</i> Piza, 1938. (só machos)
Áreas I, II e III com armação par	94	
94. (93) Fêmur dos palpos inerte.		<i>Bristoweia</i> Mello-Leitão, 1924. <i>Singram</i> Mello-Leitão, 1937.
Fêmur dos palpos armado.		
95. (91) Fêmur dos palpos inerte		<i>Currula</i> Roewer, 1927. <i>Paradiscocyrtus</i> Mello-Leitão, 1936.
Fêmur dos palpos armado		
96. (89) Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos, fêmur dos palpos armado		<i>Nunduarivus</i> Mello-Leitão, 1936.
Tarsos III e IV de 6 ou 5 segmentos	97	

97. (96) Tarsos III e IV de 5 segmentos, áreas I a IV com dois tubérculos, fêmur dos palpos armado	98	<i>Bissulla</i> Roewer, 1929.
98. (97) Áreas I e II com dois tubérculos, III com quatro ou cinco, IV com seis		<i>Trochanteroceros</i> Canals, 1935.
Áreas I a IV com dois tubérculos		<i>Huralvius</i> Mello-Leitão, 1935.
99. (77) Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos	101	
Tarsos III e IV de 6 segmentos, ou tarsos III de 6 segmentos, IV de mais de 6	102	
100. (77) Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos .	133	
Tarsos III e IV de 6 segmentos, ou III de 6 segmentos e IV de mais de 6	104	
101. (99) Área I com dois tubérculos, II com dois espinhos		<i>Metadiscocyrthus</i> Roewer, 1929.
Áreas III e IV com dois espinhos ou tubérculos		<i>Phalangodus</i> Gervais, 1842.
102. (99) Tarsos III e IV de 6 segmentos	103	
Tarsos III de 6 segmentos, IV de mais de 6, só as áreas I e III com dois espinhos.		<i>Parapucroliia</i> Roewer, 1916.
103.(102) Opérculo anal ventral com alta apófise bifida, áreas IV e V com dois tubérculos. Opérculo anal inerte, áreas III e IV com dois tubérculos		<i>Ypsilonurus</i> Mello-Leitão, 1933.
		<i>Yraguara</i> Mello-Leitão, 1937.
104.(100) Tarsos III e IV de 6 segmentos, áreas III e IV com um espinho		<i>Parcusarcus</i> Roewer, 1929.
Tarsos III de 6 e IV de mais de 6 segmentos, área I com dois tubérculos, III com dois espinhos.		<i>Goitacazia</i> Mello-Leitão, 1942.
105. (82) Tarsos III e IV de 6 segmentos.	107	
Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos	108	
106. (82) Opérculo anal inerte	113	
Opérculo anal armado	114	
107.(105) Opérculo anal inerte	109	
Opérculo anal dorsal com dois tubérculos, opérculo anal ventral com um espinho em cada ângulo, áreas I, II e III com dois espinhos, tergito livre II com um espinho, tergito livre III com longa e robusta apófise bífida na extremidade		<i>Pirunipygus</i> Roewer, 1936.
108.(105) Áreas III e V com armação par, fêmur dos palpos inerte	115	
Áreas I e II com quatro tubérculos, III e IV com dois tubérculos, tergito livre III com um espinho, fêmur dos palpos inerte		<i>Unduavius</i> Roewer, 1929.
109.(107) Fêmur dos palpos inerte	110	
Fêmur dos palpos armado	111	
110.(109) Área III com dois espinhos, IV com um, tergito livre III com um espinho		<i>Berlaia</i> Mello-Leitão 1940.
Área III e IV com armação par	134	
111.(109) Só o tergito livre III com um espinho, áreas I, II e III com dois tubérculos		<i>Prosampycus</i> Mello-Leitão, 1935.
Só o tergito livre I armado ou só os tergitos livres I e II armados	112	
112.(111) Fêmur dos palpos armado, áreas IV e V com dois tubérculos, tergitos livres I e II com dois tubérculos ou espinhos ...		<i>Pachylus</i> C. L. Koch, 1839.

- Fêmur dos palpos armado, área IV com dois tubérculos, V e tergito livre I com um tubérculo
- 113.(106) Área IV inerte, tergito livre II com um espinho mediano, III com um espinho mediano muito longo e robusto
- Área IV com dois tubérculos, tergitos livres II e III com dois tubérculos ...
- 114.(106) Opérculo anal com dois espinhos, áreas I a III com dois tubérculos, tergito livre III com um espinho
- Opérculo anal com um espinho, áreas I a III com dois tubérculos, tergito livre II com um espinho
- 115.(108) Tergitos livres I e II inermes, III com armação par
- Tergitos livres I e II com armação par, III inerte
116. (49) Tergito livre III com altíssimo cone mediano, tarsos I e IV de 6 segmentos ...
- Tergito livre III com um espinho mediano, tarsos III e IV de 6 segmentos
117. (19) Tergito livre II com dois espinhos
- Tergito livre II com um espinho mediano
118. (30) Cômoro ocular com um espinho mediano, área III com forte espinho mediano formado pela fusão de dois espinhos no macho ou com dois espinhos de base muito próxima na fêmea
- Cômoro ocular inerte, área III com um tubérculo mediano em ambos os sexos
119. (15) Tarsos III de 5 segmentos
- Tarsos III de 6 ou mais de 6 segmentos .. 120
- 120.(119) Cômoro ocular com um tubérculo ou espinho
- Cômoro ocular inerte ou com um grânulo
121. (55) Tergitos livres II e III inermes no macho, com pequenino tubérculo mediano na fêmea, espinho do cômoro ocular muito robusto, curvo para diante
- Tergitos livres II e III comum espinho mediano, cômoro ocular com um espinho normal
122. (12) Cômoro ocular com um espinho
- Cômoro ocular inerte
- 123.(122) Tarsos I de 5 segmentos, II de 6
- Tarsos I de 4 segmentos, II de mais de 6
124. (30) Área III com alto espinho mediano
- Área III com larga elevação mediana provida de dois espinhos
125. (43) Tergito livre II com um espinho mediano
- Tergito II com uma elevação mediana romba e com uma elevação angular romba de cada lado
126. (87) Área I com dois tubérculos, área V inerte
- Área I inerte, área V com dois tubérculos
127. (37) Fêmur dos palpos armado, área III com dois longos espinhos confluentes no ápice .
- Fêmur dos palpos inerte, área III com duas elevações rombas
- Sphaleropachylus* Mello-Leitão, 1926.
- Ampycus* Simon, 1879.
- Ariaeus* Soerensen, 1932.
- Neopachyloides* Roewer, 1913
- Hexabumus* Roewer, 1913.
- Camposicola* Mello-Leitão, 1924
- Camposicoloides* Soares, 1944.
- Meteusarcoides* Mello-Leitão, 1922.
- Oglobinia* Canals, 1933.
- Parapachylus* Roewer, 1913.
- Victoriaincola* Soares e Soares, 1946.
- Bunoplus* Roewer, 1937.
- Chavesincola* Soares e Soares, 1946.
- Paraprosontes* Soares e Soares, 1947.
- Pucroliia* Soerensen, 1895.
- Canalsia* Mello-Leitão, 1930.
- Oxyrhina* Soares, 1944.
- Metagyndes* Roewer, 1913.
- Zalanodius* Mello-Leitão, 1936
- Platygyndes* Roewer, 1943.
- Prosontes* Goodnight et Goodnight, 1945.
- Graphinotus* C. L. Koch, 1839
- Spinivomus* Roewer, 1943.
- Meteusarcus* Roewer, 1913.
- Tribunosoma*, Roewer, 1943.
- Harpachylus* Roewer, 1943.
- Metalycomedes* Mello-Leitão, 1927.
- Paraphalangodus* Roewer, 1915
- Juticus* Roewer, 1943.

128. (85) Áreas I, II, III e V tergitos livres e opérculo anal com dois tubérculos *Flangeia* Mello-Leitão, 1933.
 Áreas III e V com dois tubérculos, tergitos livres I e II com dois tubérculos, tergito livre III com dois tubérculos ou inerte
129. (36) Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos 130 *Thaumtopachylus* Roewer, 1929.
 Tarsos III e IV de 6 segmentos *Temucus* Roewer, 1943.
130. (129) Cômoro ocular com dois espinhos separados
 Cômoro ocular elevado em crista transversa, com altíssimo espinho mediano, bifido no macho
131. (21) Tergito livre III com um espinho mediano 132 *Gyndoides* Mello-Leitão, 1927.
 Tergito livre II com um espinho mediano *Hernandarioides* Cambridge, 1905.
132. (131) Fêmur dos palpos com espinho apical interno, tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6 *Mangaratiba* Mello-Leitão, 1940.
 Fêmur dos palpos inerte, tarsos I de 6 segmentos, III e IV de mais de 6 ... *Sokkupia* Mello-Leitão, 1949.
133. (100) Área IV inerte *Discocyrtus* Holmberg, 1878.
 Área IV com tubérculo mediano *Pachylusius* Mello-Leitão, 1949.
134. (110) Área V e tergitos livres I e II com armação ímpar mediana, tergito livre III inerte *Acanthopachylus* Roewer, 1913
 Área V e tergito livre I inerte, tergitos livres II e III com armação ímpar .. *Acanthopachylopsis* Soares e Soares, 1949.

Gênero **ACANTHOPACHYLUS** Roewer.

Acanthopachylus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4): 12, 50; Roewer, 1923, W.: 397, 411; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 118; Mello Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 16 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 183, 190; Mello-Leitão, 1932, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 623.

TIPO: *Gonyleptes aculeatus* Kirby, 1818, por designação original.

Cômoro ocular com um espinho mediano. Áreas I e II do escudo dorsal inermes, III e IV com dois pequenos tubérculos, área V e tergitos livres I e II com uma elevação mediana que diminui de tamanho da área V para o tergito livre II; tergito livre III e placa dorsal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Acanthopachylus aculeatus (Kirby).

Gonyleptes aculeatus Kirby, 1818, Tr. Linn. Soc. London, 12: 452; Butler, 1873, Ann. Nat. Hist., ser. 4, 11: 113.

“*Faucheur acanthure*” Duméril, 1816 — 1830, Dict. Soc. Nat., Atl. Ins., pr. 60, fig. 14-16; Duméril, 1823, Consid. Gén. Ins. pr. 60, fig. 14-16.

Gonyleptes acanthurus, Gervais, 1844, in Walckenaer, Ins. Apt., 3: 105, pr. 46, fig. 2.

Gonyleptes robustus Holmberg, 1876, An. Agric. Argent., 4: 29.

Pachylus robustus, Holmberg, 1878, Natural. Argent., 1: 71.

Pachylus aculeatus, Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 3, 14: 641.

Acanthopachylus aculeatus, Roewer, 1913, Arth. Naturg., 79 A (4): 51, fig. 19, 20;

Roewer, 1923, W.: 412, fig. 507, 508; Mello-Leitão, 1923 (pars), Arq. Mus. Nac.,

24: 118, 183; Roewer, 1929 (pars), Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 190; Mello-

Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 194; Roewer, 1928, Arkiv för

Zoologi, Stockholm. 30 B (10): 6; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 623; Canals,

1943, Notas del Museo de La Plata, Zool., 8 (63): 19; Soares, 1944, Papéis Avul-

sos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17): 273.

HABITAT: Argentina (Rio Salado; Buenos Aires — Sierra Chica; Corrientes); Uruguai (Assunção, Montevideo); Gayenne; Chile (Estreito de Magalhães); tôda a América do Sul, do lado do Atlântico.

TIPO: ♂, no Museu Britânico. No Museu de Viena está o material estudado por SOERENSEN, e no Museu de Paris se encontram os tipos de *Gonyleptes acanthurus*.

Gênero ACANTHOPACHYLOPSIS Soares e Soares.

Acanthopachyloopsis Soares e Soares, 1949, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 9 (4): 51.

TIPO: *Acanthopachyloopsis spectabilis* Soares & Soares, 1949, por designação original.

Cômodo ocular com armação ímpar. Área I dividida. Áreas I, II e V inermes, III e IV com armação par. Tergito livre I inerte, II e III com armação ímpar. Opérculo anal inerte. Fêmur dos palpos inerte. Tarsos III e IV de 6 segmentos, I de 5, II de mais de 6.

***Acanthopachyloopsis spectabilis* Soares e Soares.**

Acanthopachyloopsis spectabilis Soares e Soares, 1949, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 9 (4): 51, figs. 3 e 4.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Marumbí).

TIPO: ♂, na coleção GOFFERJÉ.

Gênero ALLELOCHIRUS Mello-Leitão.

Allelochirus Mello-Leitão, 1942, An. Acad. Bras. Cien., 14 (4): 321.

TIPO: *Allelochirus singularis* Mello-Leitão, 1942, por designação original.

Cômodo ocular inerte. Áreas I a V do escudo dorsal e tergito livre I inermes. Tergitos livres II e III e opérculo anal dorsal armados de um espinho mediano, mais robusto no macho. Fêmur dos palpos sem espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

***Allelochirus singularis* Mello-Leitão.**

Allelochirus singularis Mello-Leitão, 1942, An. Acad. Bras. Cien., 14 (4): 321, fig. 8.

HABITAT: Equador (Milagro).

TIPOS: não há indicação do lugar em que foram depositados.

Gênero AMPYCUS Simon.

Ampycus Simon, 1879, Ann. Soc. Ent. Belgique, 22: 241; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 11, 48; Roewer, 1923, W.: 396, 411; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 117; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 15 (Sep.); Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a parte): 135, 208; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

TIPO: *Gonyleptes telifer* Butler, 1873.

Cômodo ocular com dois pequeninos espinhos. Áreas I, II e III do escudo dorsal com dois tubérculos, IV e V inermes. Tergito livre I inerte, II com um espinho mediano, III com um espinho mediano muito longo e robusto. Fêmur dos palpos sem espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

***Ampycus telifer* (Butler).**

Gonyleptes telifer Butler, 1873, Ann. Nat. Hist., ser. 4, 11: 116, pr. 3. fig. 3. 4.

Ampycus telifer, Simon, 1879, Ann. Soc. Ent. Belgique, 22: 241; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 49, fig. 18; Roewer, 1923, W.: 411, fig. 506; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 117, 183; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 208; Goodnight et Goodnight, 1943, Amer. Mus. Nov., 1234: 10.

HABITAT: Amazonas (Ega); Perú (entre Rios Cenipa e Nieva).

TIPO: ♂, no Museu Britânico.

Gênero ACANTHOPROCTA Loman.

Acanthoprocta Loman, 1899, Zool. Jahrb., Suppl. 5, p. 12; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 12, 55; Roewer, 1923, W.: 396, 413; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 16 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 183, 190; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 135, 193; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

TIPO: *Acanthoprocta postulata* Loman, 1899.

Cômodo ocular inerte. Áreas I, II e III do escudo dorsal e tergitos livres inermes, área IV com dois tubérculos e V com enorme espinho mediano. Placa anal dorsal com um espinho mediano. Fêmur dos palpos inerte. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Acanthoprocta pustulata Loman.

Acanthoprocta pustulata Loman, 1899, Zool. Jahrb., Suppl. 5, p. 12, pr. 1. fig. 10 a, b; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 56, fig. 23, 24; Roewer, 1923, W.: 413, fig. 511, 513; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 190.

Pachylus pustulatus, Soerensen, 1902, Ergebn. Tarburg. Magahl. Sarmlr. (Gonyl.), p. 34.

HABITAT: Chile (Corral; Estreito de Magalhães).

TIPO: ♂, no Museu de Berlim.

Gênero **ACROGRAPHINOTUS** Roewer. (1)

Acrographinotus Holmgren, 1916, Svensk. Vetensk. Akad. Handl., 56 (1): 89, 90; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 186, 240; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 142, 147; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98.

TIPO: *Acrographinotus erectispina* Roewer, 1929, por designação original, de ROEWER, em 1929.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Áreas I a V do escudo dorsal e tergitos livres I e II inermes, tergito livre III com um espinho mediano. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Acrographinotus curvispina Roewer.

Acrographinotus curvispina Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem. 27 (2): 241, 243, fig. 26, c, d, 27; Roewer, 1938, Arkiv för Zoologi, Stockholm, 30B (10): 2, 6.

HABITAT: Perú (S. Mateo — 3.200 metros); Bolívia (Pelechuco).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Paris (n.º 21.154, na coleção SIMON). PARÁTIPOS na coleção ROEWER, n.º 994/51.

Acrographinotus erectispina Roewer.

Acrographinotus erectispina Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 240, 241, fig. 25, 26, a, b.

HABITAT: Bolívia (Unduavi).

TIPOS: ♂ e ♀, na coleção ROEWER, n.º 993/50.

Gênero **ANGATHISOMA** Roewer.

Angathisoma Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1 — 3): 20.

TIPO: *Angathisoma metatarsalis* Roewer, 1943, por monotípia.

Cômodo ocular inermes. Áreas I, II, IV e V inermes, III com um par de tubérculos. Tergito livre I e opérculo anal inermes, tergitos livres II e III com um espinho mediano. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Angathisoma metatarsalis Roewer.

Angathisoma metatarsalis Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1 — 3): 20, est. 1, fig. 7.

HABITAT: Costa Rica.

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 7374/111. PARÁTIPUS ♀, n.º 6195/106, também no Museu Senckenberg (Col. ROEWER).

Gênero **ANOPLYGYNUS** Piza.

Anoplogynus Piza, 1938, Folia Clínica et Biológica, São Paulo, 10 (4): 117; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17): 259 (= *Neotrochanteroceros* Canals, 1943).

Neotrochanteroceros Canals, 1943, Notas del Museo de La Plata, Zool., 8 (63): 4.

TIPO: *Anoplogynus nasutus* Piza, 1938, por designação original.

Cômodo ocular com um espinho mediano dirigido para cima e para diante. Área I com dois tubérculos que podem ser confluentes no ápice ou não, área II inermes ou com

(1) HOLMGREN, em 1916, descreveu o gênero, caracterizando-o muito bem, mas não descreveu a espécie-tipo, nem mesmo lhe deu nome. O material que HOLMGREN teve em mãos serviu para estudos histológico-anatômicos. ROEWER, em 1929, descreveu duas espécies nesse gênero, designando a sua primeira espécie para tipo do gênero. ROEWER considera o gênero como sendo de HOLMGREN. Supomos que o gênero deve pertencer a ROEWER e não a HOLMGREN, uma vez que foi ROEWER quem descreveu a primeira espécie e designou o genótipo, tendo simplesmente aproveitado o nome genérico escolhido por HOLMGREN.

dois tubérculos medianos, e com uma apófise de cada lado, III com dois tubérculos medianos, IV e V inermes. Tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5 segmentos, os outros de 6. Na fêmea todo o escudo dorsal, bem como os tergitos livres, são inermes.

Anoplogynus nasutus Piza.

Anoplogynus nasutus Piza, 1938, Folia Clínica et Biológica, São Paulo, 10 (4): 118, fig. 4, 5; Piza, Jornal de Agronomia, Piracicaba, São Paulo, 1 (5): 455, 456 (Separata sem data); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17): 259; Soares et Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (24): 223; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 512.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Piracicaba, Rio Claro; Emas).
TIPOS. 4 ♂♂ e 2 ♀♀, na coleção PIZA.

Anoplogynus singularis (Canals).

Neotrochanteroceros singularis Canals, 1943, Notas del Museo de La Plata. Zool., 8 (63): 4, fig. 2.

Anoplogynus singularis, Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17): 259.

HABITAT: Argentina (Misiones).

HOLÓTIPO ♂, ALÓTIPO ♀ e PARÁTIPO ♂ (Imaturo), no Museu Argentino de Ciências Naturais "Bernardino Rivadavia"; PARÁTIPOS ♂ e ♀, na coleção CANALS.

Gênero **Apembolephaenus** Holmberg.

Apembolephaenus Holmberg, 1909, Apunt. Hist. Nat. Buenos Aires, 1: 38-39; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4): 139; Frers, 1917, Physis, 3 (15): 405; Roewer, 1923, W.: 449; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3): 449; Mello-Leitão, 1930, An. Acad. Bras. Cien., 2 (3): 137; Mello-Leitão, 1930, An. Acad. Bras. Cien., 2 (4): 211; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 416; Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2): 149; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 624 (= *Proampycus* Roewer, 1916); Canals, 1943, Notas del Museo de La Plata, Zool., 8 (63): 1.

Proampycus Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82 A (2): 111; Roewer, 1923, W.: 397, 410; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 15 (Sep.); Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 136, 214; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 101; Canals, 1943, Notas del Museo de La Plata, Zool., 8 (63): 1.

TIPO: *Apembolephaenus jorgei* Holmberg, 1909.

Cômodo ocular com dois altos espinhos geminados. Áreas I, II e III do escudo dorsal com dois tubérculos, IV com dois ou quatro tubérculos, V com um tubérculo mediano. No escudo dorsal só há linhas de separação do cefalotórax para a área I e entre as áreas IV e V. Área I sem divisão longitudinal. Tergitos livres e opérculo anal inermes, ou os tergitos livres II e III com uma elevação mediana. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5 segmentos, II de mais de 6, III de 6, IV de 6 ou mais de 6.

Apembolephaenus calcaratus Soares e Soares.

Apembolephaenus calcaratus Soares e Soares, 1945, Revista de Agricultura, Piracicaba, 20 (9-12): 367, 271, fig. 3.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Rio d'Areia).

Apembolephaenus jorgei Holmberg.

Apembolephaenus jorgei Holmberg, 1909, Apunt. Hist. Nat. Buenos Aires, 1: 38-39; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4): 139; Frers, 1917, Physis, 3 (15): 405, 2 figuras; Roewer, 1923, W.: 449; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3): 449; Mello-Leitão, 1930, An. Acad. Bras. Cien., 2 (3): 139; Mello-Leitão, 1931, An. Acad. Bras. Cien., 3 (2): 84; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 624 (= *Proampycus spinifrons* Roewer, 1916); Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 369.

Proampycus spinifrons Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82 A (2): 111, fig. 16; Roewer, 1923, W.: 411, f.g. 505.

HABITAT: Argentina (Bahia Blanca, Buenos Aires, Santa Fé, Chaco); Uruguay (Fray Bentos).

O tipo de HOLMBERG está perdido. Na coleção ROEWER está depositado o tipo de *Proampycus spinifrons* Roewer, 1916.

Apembolephaenus setulosus Mello-Leitão.

Apembolephaenus setulosus Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2): 1949, fig. 16; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 111; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8): 193; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 369.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Cachoeirinha).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu Nacional do Rio de Janeiro, n.º 26.924.

Gênero **ARIAEUS** Soerensen.

Ariaeus Soerensen, 1932, in Henriksen, *Descriptiones Laniatorum*, p. 85 (Sep.); Mello-Leitão, 1933, Bol. Mus. Nac., 9 (1): 102; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 101.

TIPO: *Ariaeus tuberculatus* Soerensen, 1932, por monotíпия.

Cômore ocular com dois espinhos. Áreas I a IV do escudo dorsal com dois tubérculos, área V e tergito livre I inermes, tergitos livres II e III com dois tubérculos. Placa anal dorsal inerte. Fêmur dos palpos inerte. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Ariaeus tuberculatus Soerensen.

Ariaeus tuberculatus Soerensen, 1932, in Henriksen, *Descriptiones Laniatorum*, p. 86 (Sep.); Mello-Leitão, 1933, Bol. Mus. Nac., 9 (1): 102.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina (Blumenau).

TIPO: ♀, na coleção KEYSERLING.

Gênero **ARRUDA** Mello-Leitão.

Arruda Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 3.

TIPO: *Arruda insignis* Mello-Leitão, 1940, por designação original.

Cômore ocular com um espinho. Escudo dorsal com cinco sulcos, todos independentes, sulcos I e II não unidos por um sulco longitudinal mediano. Áreas I, II, III e V, tergitos livres e opérculo anal inermes, área IV com um espinho. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, II de mais de 6, III de 4 ou 5, IV de 5. Segmento estigmático do macho com duas apófises.

Arruda insignis Mello-Leitão.

Arruda insignis Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 3, fig. 4; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 369.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Jussara).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 58.322, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Arruda mutilata Mello-Leitão.

Arruda mutilata Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 4, fig. 5.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Jussara).

TIPO: ♂, não encontrado no Museu Nacional do Rio de Janeiro (seu número seria 58.232, segundo a diagnose original).

Arruda pectinata Mello-Leitão.

Arruda pectinata Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 4, fig. 6, 7.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Mangaratiba).

TIPOS: na coleção MELLO-LEITÃO.

Gênero **BERLAIA** Mello-Leitão.

Berlaia Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 9.

TIPO: *Berlaia dissimilis* Mello-Leitão, 1940, por designação original.

Cômore ocular com robusto espinho mediano. Escudo dorsal com cinco sulcos, dos quais os dois primeiros unidos por um sulco longitudinal mediano. Áreas I, II e V, tergitos livres I e II, e opérculo anal inermes, área III com dois espinhos, área IV e tergito livre III com um espinho. Fêmur dos palpos inerte. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Berlaia dissimilis Mello-Leitão.

Berlaia dissimilis Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 10, fig. 12; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 369.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Jussara).

TIPOS: Segundo a diagnose original os tipos (♂ e ♀) estão depositados no Museu

Nacional do Rio de Janeiro, sob n.º 58320. Mas neste Museu foi encontrado apenas um exemplar determinado como *Berlaia dissimilis* Mello-Leitão, 1940, que recebeu o n.º 65, sendo procedente de Mangaratiba.

Berlaia spinulosa Mello-Leitão.

Berlaia spinulosa Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 11, fig. 13.
HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Mangaratiba).
TIPO: ♀, na coleção MELLO-LEITÃO.

Gênero **BICONISOMA** Roewer.

Biconisoma Roewer, 1936, Veröff. Deutsch. Kolon.-u. Uebersee — Mus. Brem., 1 (3): 342.

TIPOS *Biconisoma mirabilis* Roewer, 1936, por monotipia.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Áreas I a V do escudo dorsal e tergitos livres I e II inermes, tergito livre III com um espinho mediano e prolongado nos ângulos em robusta e acuminada apófise. Opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Biconisoma mirabilis Roewer.

Biconisoma mirabilis Roewer, 1936, Veröff. Deutsch. Kolon.-u. Uebersee — Mus. Brem., 1 (3): 342, pr. 14, fig. 5.

HABITAT: Peru (Trama).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER, n.º 6.179/102.

Gênero **BISSULLA** Roewer.

Bissulla Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 182, 214; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 136, 212; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 101.

TIPO: *Bissulla paradoxa* Roewer, 1929, por monotipia.

Cômodo ocular contíguo à borda anterior do cefalotórox e elevado em alto espinho curvo para diante. Área I inteira. Áreas I a IV com dois tubérculos medianos, área V, tergitos livres e placa anal dorsal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 3 segmentos, II de 4, III e IV de 5. Porção terminal dos tarsos I e II de 2 segmentos, tarsos III e IV com grande pseudoníquio.

Bissulla paradoxa Roewer.

Bissulla paradoxa Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 214, fig. 13; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 212; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 512.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Poço Grande (1); São Paulo).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 13.853 da coleção SIMON, no Museu de Paris. PARÁTIPOS na coleção ROEWER, n.º 982/43.

Gênero **BOSQIA** Canals.

Bosqia Canals, 1933, Estudios Aracnológicos, 1: 8; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 620.

TIPO: *Bosqia tucumana* Canals, 1933, por monotipia.

Cômodo ocular inermes. Área I inteira. Todas as áreas do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, II e IV de mais de 6, III de 6.

Bosqia tucumana Canals.

Bosqia tucumana Canals, 1933, Estudios Aracnológicos, 1: 8, fig. 3; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 620.

HABITAT: Argentina, Prov. Tucuman (Anfama).

TIPO: ♀, no Museu Argentino de Ciências Naturais "Bernardino Rivadavia".

Gênero **BRISTOWEIA** Mello-Leitão.

Bristoweia Mello-Leitão, 1924, Ann. Soc. Ent. France, 93: 180; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 16, 44 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27

(1) ROEWER escreve "Paco Grande". Naturalmente, quer-se referir a Poço Grande.

(2): 183, 224; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2—3): 103; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., (2.^a pte.): 135, 203; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

TIPO: *Bristoweia diamantinae* Mello-Leitão, 1924, por designação subsequente de MELLO-LEITÃO, em 1926.

Cômodo ocular com alto espinho mediano. Área I dividida. Áreas I e II com dois tubérculos, III com dois tubérculos ou espinhos, IV e V e tergitos livres inermes. Placa anal dorsal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

***Bristoweia diamantinae* Mello-Leitão.**

Bristoweia diamantinae Mello-Leitão, 1924, Ann. Soc. Ent. France, 93: 180, fig. 1; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul. 14: 45 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 225; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2—3): 103; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 203; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 370.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Diamantina).

TIPO: ♂, n.º 1.402, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

***Bristoweia zorodes* Mello-Leitão.**

Bristoweia zorodes Mello-Leitão, 1924, Ann. Soc. Ent. France, 93: 180; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 46 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 225; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2-3): 103; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 203, 204; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 370.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Diamantina) ou Estado de São Paulo (Santos)?

TIPO: ♀, n.º 1.481, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **BUNOPLUS** Roewer.

Bunoplus Roewer, 1927, Abr. Senckenberg. Naturf. Ges., 40: 342; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 182, 215; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 133, 151; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99; Soares et Soares, 1945, Rev. Brasil. Biol., 5 (3): 343.

TIPO: *Bunoplus pachypalpis* Roewer, 1927, por monotypia.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Área I dividida. Áreas I, II, IV e V do escudo dorsal e tergitos livres I e II inermes, área III com forte espinho mediano formado pela fusão de dois espinhos no macho e com dois espinhos de base muito próxima na fêmea. Tergito livre III com pequeno tubérculo mediano no macho, com um espinho mediano na fêmea. Fêmur dos palpos inermes. Opérculo anal inermes no macho, na fêmea com dois pequeninos espinhos. Tarsos I de 4 ou 5 segmentos, II de mais de 6, III e IV de 6. Porção terminal dos tarsos I de 2 segmentos, dos tarsos II de 3 segmentos.

***Bunoplus pachypalpis* Roewer.**

Bunoplus pachypalpis Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40: 342, fig. 10, 10 a; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 215, pr. 1, fig. 2, 2 a; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 151, fig. 77; Soares et Soares, 1945, Pap. Av. Dep. Zool., S. Paulo, 5 (24): 223; Soares et Soares, 1945, Rev. Brasil. Biol., 5 (3): 342, fig. 3; Soares et Soares, Com. Zool. Mus. Montevideo, 2 (47): 2, 8.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Teresópolis — Serra dos Órgãos; Boa Fé), Estado de São Paulo (Rodrigues Alves).

TIPO: ♂, no Museu de Frankfurt (a.M.). PARÁTIPO ♂, na coleção ROEWER, n.º 269/11. ALÓTIPO ♀, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero **BUNOSTIGMA** Mello-Leitão.

Bunostigma Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 10, 98.

TIPO: *Bunostigma singularis* Mello-Leitão, 1935, por designação original.

Cômodo ocular oval transversal, no terço anterior do cefalotórax, inermes. Área I do escudo abdominal não dividida por um sulco mediano. Áreas I a V do escudo abdominal, tergitos livres e opérculo anal inermes. Área estigmática do macho com duas apófises erectas, atrás dos estigmas traqueais. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 4 segmentos, os outros de 5.

Bunostigma singularis Mello-Leitão.

Bunostigma singularis Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 10, fig. 2; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 370.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Bico do Papagaio).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 41.788, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero CALCAROGYNDES Mello-Leitão.

Calcarogyndes Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paull, 17 (2.ª pte.): 134, 188, 476; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 35 (1934): 100 (*Calcogyndes* err.).

TIPO: *Metagyndes calcar* Roewer, 1913, por designação original.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Fêmur dos palpos sem espinho apical interno. Área I do escudo dorsal dividida. Áreas I, II, IV e placa anal dorsal inermes; área III com dois tubérculos; área V e tergitos livres com um espinho mediano. Tarsos I de 5 segmentos, os outros de 6.

Calcarogyndes calcar (Roewer).

Metagyndes calcar Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 19, 23, fig. 5; Roewer, 1923, W.: 399, 401; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 188.

Calcarogyndes calcar Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 188.

HABITAT: Chile (Concepcion).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Gênero CALDANATUS Roewer.

Caldanatus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 26.

TIPO: *Caldanatus marginalis* Roewer, 1943, por monotipia.

Cômodo ocular elevado em espinho mediano. Áreas I e II inermes, área III com duas elevações cônicas rombas, áreas IV e V e tergitos livres I a III com dois tubérculos. Opérculo anal inerte. Fêmur dos palpos com espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Caldanatus marginalis Roewer.

Caldanatus marginalis Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 26, est. 2, fig. 19.

HABITAT: Brasil (Caldas).

TIPOS: 2 ♂♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 1377/70.

Gênero CAMPOSIKOLA Mello-Leitão.

Camposicola Mello-Leitão, 1924, Ann. Soc. Ent. France, 93: 181; Mello-Leitão, 1926,

Rev. Mus. Paul., 14: 19, 49 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 186, 239; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2—3): 103; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 134, 188; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

TIPO: *Camposicola altifrons* Mello-Leitão, 1924, por monotipia, e designação subsequente de MELLO-LEITÃO, em 1926.

Cômodo ocular elevado em pontudo cone mediano. Escudo Abdominal com cinco sulcos transversais, os dois primeiros reunidos por um sulco longitudinal mediano. Áreas I, II e IV do escudo abdominal inermes, III e V com dois tubérculos ou espinhos. Tergitos livres I e II inermes, III com dois tubérculos ou espinhos. Fêmur dos palpos inerte. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Camposicola altifrons Mello-Leitão.

Camposicola altifrons Mello-Leitão, 1924, Ann. Soc. Ent. France, 93: 182, fig. 2. 3;

Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 49 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 239; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2—3): 103; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 188, fig. 120; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 370.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Campos).

TIPO: ♀, n.º 1.485, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero CAMPOSIKOLOIDES Soares.

Camposicoloides Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (13): 150.

TIPO: *Camposicoloides mendax* Soares, 1944, por designação original.

Cômodo ocular com um espinho baixo. Área I dividida por um sulco longitudinal mediano, inerte, áreas II e IV inermes, III e V com dois tubérculos. Tergito livre I com dois tubérculos, II com dois tubérculos, mais evidentes na fêmea, III inerte ou

com dois tubérculos. Fêmur dos palpos inerme. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Camposicoloides mendax Soares.

Camposicoloides mendax Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (13): 145, 150, fig. 5, 6; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 512.
HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Rio São José — Município de Colatina; Chaves — Município de Santa Leopoldina).
TIPOS: ♂ e ♀, n.º E. 393 C. 242, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Camposicoloides sanctaeteresae Soares et Soares.

Camposicoloides sanctaeteresae Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (15): 198, fig. 2.
HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Santa Teresa).
TIPO: ♂, n.º 2.975, na coleção OTTO SCHUBART.

Gênero **CANALSIA** Mello-Leitão.

Canalsia Mello-Leitão, 1930, An. Acad. Bras. Cien., 2 (3): 139; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 132, 138; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 620.
TIPO: *Capichabesia rarissima* Soares, 1944, por designação original.

Cômoro ocular baixo e inerme ou com pequeno grânulo mediano. Áreas I a V do escudo dorsal, tergitos livres e placa anal dorsal inermes; área I dividida por um sulco longitudinal. Tarsos I, III e IV de 6 segmentos, II de mais de 6. Fêmur dos palpos com robusto espinho apical interno.

Canalsia delicata Mello-Leitão.

Canalsia delicata Mello-Leitão, 1930, An. Acad. Bras. Cien., 2 (3): 140, fig. 1; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 620.
HABITAT: Argentina (Buenos Aires).
TIPO: no Museu Bernardino Rivadavia, ♀ n.º 25.119.

Gênero **CAPICHABESIA** Soares.

Capichabesia Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (13): 154.
TIPO: *Capichabesia rarissima* Soares, 1944, por designação original.

Cômoro ocular dorsal, com um espinho mediano. Área I inteira. Áreas I e II com dois tubérculos, III com um espinho mediano, IV com dois tubérculos, V com dois espinhos. Tergitos livres I a III com um par de espinhos. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Capichabesia rarissima Soares.

Capichabesia rarissima Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (13): 145, 154, fig. 9; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 512.
HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Chaves — município de Santa Leopoldina).
TIPO: n.º E.432 C.556, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero **CAMPANGUE** Mello-Leitão.

Campangue Mello-Leitão, 1937, Rev. Chil. Hist. Nat., año 41: 152; Mello-Leitão, 1949, Bol. Mus. Nac., N. S., Zool., 49: 17 (= *Jighas* Roewer, 1943).
Jighas Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 28.
TIPO: *Campangue ingens* Mello-Leitão, 1937, por designação original.

Cômoro ocular com dois espinhos. Escudo dorsal com cinco sulcos, dos quais os sulcos I e II unidos por um sulco longitudinal mediano. Áreas I, II, IV e V e tergito livre I inermes. Área III com dois espinhos. Tergitos livres II e III com dois espinhos. Opérculo anal inerme. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 ou mais de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Campangue allermayeri Mello-Leitão.

Campangue allermayeri Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 158.
HABITAT: Chile (Concepción).
TIPOS: ♂ e ♀, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Carampangue ingens Mello-Leitão.

Carampangue ingens Mello-Leitão, 1937, Rev. Chil. Hist. Nat., año 41: 152, fig. 14, 15; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 370; Mello-Leitão, 1949, Bol. Mus. Nac., N. S., Zool., 49: 17 (= *Jighas vastus* Roewer, 1943).

Jighas vastus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 28, est. 3, fig. 22.

HABITAT: Chile (Carampangue; Temuco).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (tipos de *Carampangue ingens* Mello-Leitão, 1937); 3 ♂♂ e 2 ♀♀, No Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 1380/73 (tipos de *Jighas vastus* Roewer, 1943).

Carampangue nigronotatum Mello-Leitão.

Carampangue nigronotatum Mello-Leitão, 1943, Rev. Chil. Hist. Nat., 45: 142, fig. 7.

HABITAT: Maullin.

TIPO: ♀, sem indicação do lugar em que foi depositado.

Gênero CEARINUS Roewer.

Cearinus Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 187, 259; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 2.ª pte.): 136, 213; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 101.

TIPO: *Cearinus corniger* Roewer, 1929, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I dividida. Áreas I a IV dos escudo dorsal com dois tubérculos, área V, tergitos livres e placa anal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Cearinus corniger Roewer.

Cearinus corniger Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 259, fig. 34; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 213.

HABITAT: Brasil, Estado do Ceará.

TIPO: ♂, n.º 1.000/57, na coleção ROEWER.

Gênero CEROPACHYLINUS Mello-Leitão.

Ceropachylinus Mello-Leitão, 1943, Com. Zool. Mus. Montevideo, 1 (5): 3.

TIPO: *Ceropachylinus granulatus* Mello-Leitão, 1943, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I, II, IV e V do escudo dorsal, tergitos livres I e II e opérculo anal inermes, área III com dois espinhos, tergito livre III com um espinho. Área I do escudo abdominal dividida por um sulco mediano. Fêmur dos palcos inermes. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Ceropachylinus granulatus Mello-Leitão.

Ceropachylinus granulatus Mello-Leitão, 1943, Com. Zool. Mus. Montevideo, I (5): 3.

HABITAT: Equador (Guayaquil).

TIPO: ♂, sem indicação do lugar em que foi depositado.

Gênero CEROPACHYLUS Mello-Leitão.

Ceropachylus Mello-Leitão, 1942, An. Acad. Bras. Cien., 14 (4): 319.

TIPO: *Ceropachylus frizzellae* Mello-Leitão, 1942, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I e IV bipartidas; áreas II e III trilobadas. Áreas I, II, III e V do escudo abdominal, tergitos livres I e II e opérculo anal inermes. Área IV do escudo dorsal com dois espinhos. Tergito livre III com robusto espinho mediano. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Ceropachylus frizzellae Mello-Leitão.

Ceropachylus frizzellae Mello-Leitão, 1942, An. Acad. Bras. Cien., 14 (4): 319, fig. 4, 5, 6, 7.

HABITAT: Equador (Quito, Estrada de S. Domingos — 2.000 metros).

TIPOS: ♂ e ♀, sem indicação do lugar em que foram depositados.

Gênero CEZARELLA Mello-Leitão.

Cezarella Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 136, 214, 476; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 101.

TIPO: *Cezarella bimaculata* Mello-Leitão, 1932, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I, II, III e IV com dois tubérculos, área

V com um espinho ou tubérculo mediano. Tergitos livres e placa anal dorsal inermes. Fêmur dos palpos sem espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Cezarella bimaculata Mello-Leitão.

Cezarella bimaculata Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 214, 476; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (19): 370.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio Grande do Sul (Pedras Altas).

TIPO: ♀, n.º 1.388, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **CHAQUESIA** Soares.

Chaquesia Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15): 165; Mello-Leitão, 1949, Bol. Mus. Nac., N. S., Zool., 94: 16 (= *Goyazella* Mello-Leitão, 1931).

TIPO: *Goyazella guaranitica* Mello-Leitão, 1935, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I a V do escudo dorsal e tergitos livres inermes. Opérculo anal inerte. Fêmur dos palpos sem espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Chaquesia guaranitica (Mello-Leitão).

Goyazella guaranitica Mello-Leitão, 1933, An. Acad. Bras. Cien., 5 (2): 56; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 621.

HABITAT: Argentina (Chaco).

TIPO: ♂, na coleção da Exposição do Museu de História Natural de Montevideo.

Chaquesia minensis Piza.

Chaquesia minensis Piza, 1946, Anais Esc. Sup. Agr. "Luiz de Queiroz", 3: 364, fig. 1.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Cachoeira do Pajeu — Norte de Minas).

TIPOS: 2 ♂♂ e 3 ♀♀, na coleção PIZA.

Gênero **CHAVESINCOLA** Soares e Soares.

Chavesincola Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (20): 238.

Cômodo ocular inerte. Áreas I, II, IV e V inermes. Área III com um tubérculo mediano. Tergitos livres I e III e opérculo anal inermes. Tergito livre II com um tubérculo mediano. Fêmur dos palpos sem espinho apical interno. Tarsos I, III e IV de 6 segmentos, II de mais de 6.

TIPO: *Chavesincola inexpectabilis* Soares e Soares, 1946, por designação original.

Chavesincola inexpectabilis Soares e Soares.

Chavesincola inexpectabilis Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (20): 239, figs. 4 e 5.

HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Fazenda Chaves — município de Santa Leopoldina).

TIPOS: 2 ♂♂ e 1 ♀, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero **COBANIA** Roewer.

Cobania Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 13, 86; Roewer, 1923, W.: 397, 424; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 123, 184; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 20 (Sep.); Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 135, 196; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

TIPO: *Gonyleptes piceus* Bertkau, 1880, por designação original.

Cômodo ocular com alto espinho mediano. Área I dividida. Área I com dois tubérculos, III com dois tubérculos ou espinhos, II, IV e V, tergitos livres e placa anal dorsal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Cobania olivacea Roewer.

Cobania olivacea Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 87, 88, fig. 38; Roewer, 1923, W.: 425, fig. 529; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 124, 184; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 197, fig. 108.

HABITAT: Brasil Estado de São Paulo.

TIPOS: ♂ e ♀, na coleção ROEWER.

Cobania picea (Bertkau).

Gonyleptes piceu Bertkau, 1880, Mém. Cour. Ac. Belgique, 43 (2): 98, pr. 2, fig. 36.

Cobania picea, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 86, 87; Roewer, 1923, W.: 425; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 123, 184; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 197.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Copacabana). (1)

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Bruxelas.

Gênero CURRALA Roewer.

Currála Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf., 40: 340; Roewer, 1929, Abh. Nat.

Ver. Brem., 27 (2): 187, 260; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 135, 204; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

TIPO: *Currála spinifrons* Roewer, 1927, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I dividida. Áreas I, II e III do escudo dorsal com dois tubérculos, IV, V, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Currála spinifrons Roewer.

Currála spinifrons Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40: 340, fig. 7;

Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 261, pr. 1, fig. 8; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 204, fig. 112; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 371.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Gorduras, Fazenda na Serra do Curral, a sudoeste de V.la Nova de Lima; Belo Horizonte).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Frankfurt (a. M.). PARÁTIPO n.º 258/6, na coleção ROEWER.

Gênero DAGUERREIA Canals.

Daguerreia Canals, 1933, Estudios Aracnológicos, 1: 5; Mello-Leitão, 1935, Arq.

Mus. Nac., 36 (1934): 98; Mello-Leitão, 1929, Physis, 17: 619.

TIPO: *Daguerreia maculata* Canals, 1933, por monotipia.

Cômodo ocular inermes. Todas as áreas do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Daguerreia inermis Soares et Soares.

Daguerreia inermis Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18): 212, 217, fig. 4.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Gruta de Campinhos — Bacaiuva).

TIPO: ♀, na coleção HATSCHBACH.

Daguerreia maculata Canals.

Daguerreia maculata Canals, 1933, Estudios Aracnológicos, 1: 5, fig. 2; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 619.

HABITAT: Argentina, Prov. Tucumán (Anfama).

HOLÓTIPO ♂ e ALÓTIPO ♀, no Museu Argentino de Ciências Naturais "Bernardino Rivadavia". PARÁTIPOS ♂ e ♀, na coleção CANALS.

Gênero DISCOCYRTULUS Roewer.

Discocyrtulus Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40: 338; Roewer, 1929,

Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 187, 251; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 135, 200; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

TIPO: *Discocyrtulus bresslaui* Roewer, 1927, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I dividida. Área I com dois tubérculos, II e IV inermes, III com dois tubérculos ou espinhos, V com dois tubérculos. Tergitos livres e opérculo anal com dois tubérculos. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Discocyrtulus bresslaui Roewer.

Discocyrtulus bresslaui Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40: 338, fig.

4, 5, 6; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 252, pr. 1, fig. 5, 6, 7;

(1) BERTKAU escreve Copa Cobana. Naturalmente, quer-se referir a Copacabana (Rio de Janeiro).

Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 200, fig. 114, 115.
 HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Terzópolis — Serra dos Órgãos).
 TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Frankfurt (a. M.). PARÁTIPO ♂, na coleção ROEWER, n.º 255/4.

***Discocyrtulus marginalis* Roewer.**

Discocyrtulus marginalis Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 252, 254, fig. 32; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 201.
 HABITAT: Brasil (Caraia). (1)
 TIPOS: 2 ♂♂, na coleção ROEWER, n.º 999/56.

Gênero **DISCOCYRTUS** Holmberg.

Discocyrtus Holmberg, 1878, Naturai. Argent, 1: 73, 74; Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 3, 14: 626; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 13, 99; Roewer, 1915, Arch. Naturg., 81A (3): 98; Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82A (2): 113; Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9: 332; Roewer, 1923, W.: 397, 431; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 124, 185; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 20 (Sep.); Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40: 335; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 186, 202; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 133, 167, 452; Mello-Leitão, 1933, An. Acad. Bras. Cien., 5 (2): 58; Mello-Leitão, 1935, An. Acad. Bras. Cien., 7 (1): 6; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 14, 32, 33, 99; Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4): 6; Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 10 (1935-1936): 289; Mello-Leitão, 1939, Bol. Biol., n. s., 4 (3): 346; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 623; Canals, 1939, Notas del Museo de La Plata, Zool., 4 (18): 151; Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 7; Canals, 1943, Notas del Museo de La Plata, Zool., 8 (63): 17; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (12): 180 (= *Discocyrtanus* Roewer, 1929); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17): 267 (= *Pachylobos* Piza, 1940); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (20): 223 (= *Discocyrtulusoma* Piza, 1943); Mello-Leitão, 1949, Bol. Mus. Nac., N. S., Zool., 94: 16, 17 (= *Bunopachylus* Roewer, 1943).

Opisthoplatus Holmberg, 1878, Natural. Argent., 1: 73, 74.

Discocyrtanus Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 186, 250; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 135, 199, 447; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100; Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9: 381.

Pachylobos Piza, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 55.

Discocyrtulusoma Piza, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (3): 56.

Propachylus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 13, 121; Roewer, 1923, W.: 397, 440; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 127; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 20 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem. 27 (2): 186; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 135, 196; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

Heteropucroliia Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 447, 452, 477; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

Bunopachylus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 27.

TIPO: *Gonyleptes testudinens* Holmberg, 1876.

Cômodo ocular com dois tubérculos ou espinhos. Área I dividida. Área I inerte, com dois tubérculos ou com dois espinhos, II e IV inermes, III com dois tubérculos ou espinhos, V com dois tubérculos ou inerte. Tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5, 6 ou mais de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

***Discocyrtus affinis* Roewer.**

Discocyrtus affinis Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 117, fig. 54; Roewer, 1923, W.: 432, 437, fig. 549; Mello-Leitão, 1923 (pars), Arq. Mus. Nac., 24: 124, 185; Roewer, 1929 (pars), Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 204, 205; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 167, 170, fig. 89; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 35; Roewer, 1938, Arkiv för Zoologi, Stockholm, 30B (10): 6; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 623; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 371.

HABITAT: Brasil, — Estado de São Paulo, Estado de Santa Catarina (Humboldt),

(1) MELLO-LEITÃO considera Caraia como sendo localidade do Estado do Ceará.

Estado do Rio de Janeiro (Teresópolis), Estado de Minas Gerais (Diamantina);
Argentina — Buenos Aires, La Plata.
TIPOS: 2 ♂♂, na coleção ROEWER.

Discocyrtus alticola Mello-Leitão.

Discocyrtus alticola Mello-Leitão, 1935, An. Acad. Bras. Cien., 7 (1): 6, fig. 3;
Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 35, 101; Soares, 1945, Arq.
Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 371.
HABITAT: Brasil (Itatiaia).
TIPO: ♂, n.º 18.198, n.º Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Discocyrtus antiquus Soares.

Discocyrtus antiquus Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 513, 532, fig. 6.
HABITAT: Brasil — Estado de São Paulo (Franca).
TIPOS: n.º 475, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado
de São Paulo.

Discocyrtus areolatus Piza.

Discocyrtus areolatus Piza, 1938, Bol. Biol., n. s., 3 (3—4): 138, Est. 4, fig. D;
Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos do Departamento de Zool. São
Paulo, 7 (18): 225 (= *Discocyrtus sulcatus* Soares, 1944).
Discocyrtus sulcatus Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (18):
286, 298, fig. 9; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 518.
HABITAT: Brasil — Estado de São Paulo (São Paulo — Ipiranga; Alto da Serra).
TIPO: ♂, na coleção PIZA; no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura
do Estado de São Paulo há 3 ♂♂, n.º 483-c (tipos de *Discocyrtus sulcatus*).

Discocyrtus argentinus Mello-Leitão.

Discocyrtus argentinus Mello-Leitão, 1930, An. Acad. Bras. Cien., 2 (4): 212; Mel-
lo-Leitão, 1931, An. Acad. Bras. Cien., 3 (2): 83; Mello-Leitão, 1932, Rev.
Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 167; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934):
34; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 623.
HABITAT: Argentina (Buenos Aires).
TIPO: ♂, n.º 11.624, no Museu de Buenos Aires.

Discocyrtus armatissimus Roewer.

Discocyrtus armatissimus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 104, fig. 47, 48;
Roewer, 1923, W.: 432, 434, fig. 542, 543; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac.,
24: 124, 185 (pars); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 203, 204
(pars); Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª parte): 168, 174, fig. 93.
HABITAT: Brasil — São Paulo, Rio Capivari, Minas Gerais.
TIPOS: 1 ♂ no Museu de Hamburgo e 1 ♂ na coleção ROEWER.

Discocyrtus brevifemur Soares e Soares.

Discocyrtus brevifemur Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Pau-
lo, 8 (18): 212, 218, figs. 5 e 6.
HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Banhado — Piraquara).
TIPOS: ♂ e ♀, na coleção HATSCHBATH.

Discocyrtus boraceae Soares.

Discocyrtus boraceae Soares, 1942, Pápeis Avulsos do Dep. Zool., São Paulo, 2 (1):
2, 12; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (12): 177, 178,
fig. 1; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 514.
HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Boraceia — Município de Salesópolis).
HOLOTIPO: ♀ n.º E. 192 C. 114 e ALÓTIPO ♂ n.º E. 364 C. 290, no Departamento
de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Discocyrtus bos Roewer.

Discocyrtus bos Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 203, 210, fig. 11;
Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 168, 174, fig. 92; Mello-Leitão,
1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 35; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo,
4 (9): 371.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina, Estado de Minas Gerais (Três Corações; Varginha).

TIPOS: 2 ♂ e 1 ♀, na coleção ROEWER, n.º 944/28.

Discocyrtus bucki Mello-Leitão.

Discocyrtus bucki Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 33, 35, 101, fig. 26; Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But. 10 (1935-1936): 289; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 372.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina (Itapiranga) e Estado de São Paulo (Desembargador Furtado; Corumbatai; Orlândia).

TIPO: ♂, no Museu Nacional do Rio de Janeiro, n.º 41.949.

Discocyrtus calcarifer Roewer.

Discocyrtus calcarifer Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82A (2): 114, fig. 18; Roewer, 1923, W.: 432, 439, fig. 552; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 203; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 168, 175, fig. 94; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 34.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Santos).

TIPOS: 3 ♂ e 1 ♀ e 1 exemplar jovem, na coleção ROEWER.

Discocyrtus canalsi Roewer.

Discocyrtus canalsi Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 21, est. 1, fig. 9.

HABITAT: Paraguai.

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 5329/87.

Discocyrtus carvalhoi Mello-Leitão.

Discocyrtus carvalhoi Mello-Leitão, 1941, Rev. Brasil. Biol., 1 (4): 437.

HABITAT: Brasil, Estado do Pará (Tapirapés).

TIPO: ♂, sem indicação do lugar em que foi depositado.

Discocyrtus cervus Roewer.

Discocyrtus cervus Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 203, 212, fig. 12; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 168, 182; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 34; Mello-Leitão, 1939, Bol. Biol., n. s., 4 (3): 347.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Tijuca).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER, n.º 981/42.

Discocyrtus clarus Roewer.

Discocyrtus clarus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 24, est. 2, fig. 13.

HABITAT: Brasil (São Paulo).

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 1379/72.

Discocyrtus cornutus Piza.

Pachylobos areolatus Piza, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 55, fig. 3.

Discocyrtus cornutus Piza, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 57, fig. 5; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (18): 284; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (20): 223 (= *Pachylobos areolatus* Piza, 1940 = *Discocyrtulusoma soaresi* Piza, 1943); Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25): 240; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (28): 271; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 514.

Discocyrtulusoma soaresi Piza, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo 3: 56, fig. 10.

Discocyrtus areolatus (Piza, 1940), nec *Discocyrtus areolatus* Piza, 1938, Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17): 267.

Discocyrtus affinis Mello-Leitão, 1923, nec Roewer, 1913 (pars). Arq. Mus. Nac., 24: 124.

Discocyrtus prospicius Mello-Leitão, 1923, nec Holmberg, 1876 (pars), Arq. Mus. Nac., 24: 126.

Discocyrtus rectipes Mello-Leitão, 1923, nec Roewer, 1913 (pars). Arq. Mus. Nac., 24: 126.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Serra da Cantareira; São Paulo — Butantã; Alto da Serra; Mogi das Cruzes; Perus).

TIPOS: 1 ♀, n.º E. 105 C. 54 (tipo de *Discocyrtus cornutus* Piza, 1940) e 1 ♂ e 1 ♀, n.º E.217 C.103 (tipos de *Discocyrtulusoma soaresi* Piza, 1943), no Departamento

de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo; 1 ♂ (parátipo *Discocyrtulusoma soaresi* Piza, 1943), na coleção PIZA.

Discocyrtus coronatus Mello-Leitão.

Discocyrtus coronatus Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 32, 33, 101, fig. 25; Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (24): 233; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 372; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 515.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio Grande do Sul (Pôrto Alegre; São Francisco de Paula).

TIPO: ♂, n.º 41.950, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Discocyrtus coxalis Roewer.

Discocyrtus coxalis Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 203, 206, fig. 8; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 168, 181; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 33; Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3-4): 9 (Sep.); Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 372.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Tijuca); Itatiaia.

TIPOS: 3 ♂ e 1 ♀, n.º 980/41, na coleção ROEWER.

Discocyrtus crenulatus Roewer.

Discocyrtus crenulatus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 100, 111; fig. 51; Roewer, 1923, W.: 432, 435, fig. 546; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 124, 186; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 204, 205; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 168, 178, fig. 99; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 34; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 372.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis; Terezópolis); Estado do Rio Grande do Sul.

TIPOS: 1 ♂, no Museu de Viena e muitos machos e fêmeas na coleção ROEWER.

Discocyrtus curvipes (C. L. Koch).

Gonyleptes curvipes C. L. Koch, 1839, Arach., 7: 36, fig. 555.

Discocyrtus curvipes, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 100, 107, fig. 49; Roewer, 1923, W.: 432, 434, fig. 544; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 124, 185; Mello-Leitão, 1927, Rev. Mus. Paul., 15: 401; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 203, 204; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 167, 170, fig. 88; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 34; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 372.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo, Estado de Santa Catarina (Blumenau; Joinville).

TIPO: ♂, no Museu de Viena.

Discocyrtus dilatatus Soerensen.

Discocyrtus dilatatus Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser 3, 14: 631; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 100, 109, fig. 50; Roewer 1923, W.: 432, 435, fig. 545; Mello-Leitão, 1923 (pars), Arq. Mus. Nac., 24: 125, 186; Roewer, 1929 (pars), Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 204, 205; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 169, 180, fig. 101; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 35; Roewer, 1938, Arkiv för Zoologi, Stockholm, 30B (10): 6; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 623.

HABITAT: Paraguay (La Zanja, Corrientes); Paraguay (San Bernardino, rio Apa); Argentina (Buenos Aires, Rio Salado, Bahia Blanca); Brasil (Santa Catarina); Uruguay.

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Copenhagen.

Discocyrtus dubius H. Soares.

Discocyrtus dubius H. Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (9): 210, 224, fig. 10, 10A, 11; Soares et Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (8): 102; Soares et Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (21): 251.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Banhado — Piraquara).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu Paranaense.

Discocyrtus elegantulus Mello-Leitão.

Discocyrtus elegantulus Mello-Leitão, 1939, Bol. Biol., n. s., 4 (3): 346, fig. 2.

HABITAT: não há indicação.

TIPOS: não encontrados no Instituto Butatã (seu número seria 94, segundo a diagnose original).

Discocyrtus emydeus Soerensen.

Discocyrtus emydeus Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 3, 1 4:629; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 100, 110; Roewer, 1923, W.: 432, 435; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 125, 185 (pars); Mello-Leitão 1927, Rev. Mus. Paul., 15: 401; Roewer, 1929 (pars); Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2) 202, 205; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 168, 172; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 35.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina (Hamonídia).

TIPOS: 2 ♀ ♀, provávelmente no Museu de Copenhagen.

Discocyrtus exceptionalis Mello-Leitão.

Discocyrtus exceptionalis Mello-Leitão, 1933, An. Acad. Bras. Cien., 5 (2): 59; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 35; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 623.

HABITAT: Argentina (Punta Rosa).

TIPO: ♂, n.º 27.593, no Museu Bernardino Rivadavia.

Discocyrtus fazi Piza.

Discocyrtus fazi Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4): 388, fig. 2; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 515.

HABITAT: Chile.

TIPO: ♀, n.º 695, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Discocyrtus fimbriatus Mello-Leitão.

Discocyrtus fimbriatus Mello-Leitão, 1939, Bol. Biol., n. s., 4 (3): 347, fig. 3.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina.

TIPO: não encontrado no Instituto Butantã, onde deveria estar depositado sob n.º 84.

Discocyrtus flavigranulatus Soares.

Discocyrtus flavigranulatus Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (10): 154, 165, fig. 11; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (17): 195; H. Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (23): 210, fig. 2; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 515.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Monte Alegre — município de Amparo).

HOLÓTIPO ♂ e ALÓTIPO ♀, n.º E. 485 C. 569, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Discocyrtus frersi Mello-Leitão.

Discocyrtus frersi Mello-Leitão, 1933, An. Acad. Bras. Cien., 5 (2): 58; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 34; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 623; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 372.

HABITAT: Argentina, Prov. Buenos Aires.

TIPO: n.º 28.200, no Museu Bernardino Rivadavia. PARÁTIPOS n.º 1.416, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Discocyrtus goodnighti Soares e Soares.

Discocyrtus goodnighti Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (27): 253, 260, fig. 7, 8.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Legeado — Iporanga, Serra de Parana-piacaba).

HOLÓTIPO ♂ e ALÓTIPO ♀, n.º E. 611 C. 829, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Discocyrtus goyazius (Roewer).

Discocyrtanus goyazius Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 250, fig. 31; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 199.

HABITAT: Brasil, Estado de Goiás.

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 998/55, na coleção ROEWER.

Discocyrtus guarauna Piza.

Discocyrtus guarauna Piza, 1940, Arq. Zool. Estado São Paulo, 1: 59; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8): 193; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 515.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Guarauna).

TIPOS: 3 ♀♀, n.º E.84 C.49, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Discocyrtus guttatus Roewer.

Discocyrtus guttatus Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40: 335, fig. 2 a, b; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 204, 209, pr. 1, fig. 1 a, b; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 167, 171, fig. 90; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 36.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Ribeirão Pires).

TIPO: ♂, no Museu de Frankfurt (a. M.). PARÁTIPO ♂, n.º 249/2, na coleção ROEWER.

Discocyrtus hamatus Roewer.

Discocyrtus hamatus Roewer, 1915, Arch. Naturg., 81A (3): 98, fig. 53; Roewer, 1923, W.: 432, 438, fig. 550; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 204; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 169; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 35; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 623; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 372.

HABITAT: Argentina (Bahia Blanca); Brasil, Estado do Rio Grande do Sul.

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Discocyrtus heteracanthus Mello-Leitão.

Discocyrtus heteracanthus Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4): 7, fig. 5; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8): 193; H. Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (9): 211; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 372.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Cachoeirinha; Prainha — município de Pôrto de Cima).

TIPO: ♂ e ♀, n.º 42.278, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Discocyrtus iguapei Mello-Leitão.

Discocyrtus iguapei Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 15 (fig. 7), 36, 101; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 372.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Ribeira do Iguape).

TIPO: ♂, n.º 41.812, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Discocyrtus infelix Mello-Leitão.

Discocyrtus infelix Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 7, fig. 9; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15): 172 (= *Discocyrtus textor* Piza, 1943); Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 373; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 516.

Discocyrtus textor Piza, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (3): 53, fig. 8.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Serra da Bocaina; Mangaratiba).

TIPOS: ♂, n.º 181, no Museu Nacional do Rio de Janeiro; ♂ e ♀, n.º 810, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo (tipos de *Discocyrtus textor* Piza, 1943).

Discocyrtus invalidus Piza.

Discocyrtus invalidus Piza, 1938, Bol. Biol., n. s. 3 (3—4): 139, Est. 4, fig. E; Piza, 1943, Rev. Brasil. Biol., 3 (2): 257; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (17): 195; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (13): 108, 111, fig. 3, 4; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25): 239; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (18): 516.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Matão; Piracicaba, São Paulo; Pôrto Cabral).
HOLÓTIPO ♂ e ALÓTIPO ♀, na coleção PIZA.

Discocyrtus laevis Mello-Leitão.

Discocyrtus laevis Mello-Leitão, 1931, An. Acad. Bras. Cien., 3 (2): 83, 87; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 623; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 373.

HABITAT: Argentina (Santa Fé).

TIPO: ♂, n.º 25.212, no Museu Bernardino Rivadavia. PARÁTIPO n.º 1.432, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Discocyrtus langei Mello-Leitão.

Discocyrtus langei Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4): 6, fig. 4 (Sep.); Soares, 1945, Arq. Paranaense, 4 (8): 193; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 373.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Cachoeirinha).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 42.275, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Discocyrtus latus Mello-Leitão.

Discocyrtus latus Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac. 36 (1934): 14 (fig. 5), 36, 101; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17): 260 (= *Discocyrtus dualis* Piza, 1943); Soares 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (17): 195; Soares, 1945, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s., 7 (3—4): 11; H. Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (23): 210; Soares et Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (24): 223; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25): 239; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (16): 516.

Discocyrtus dualis Piza, 1943, Rev. Brasil. Biol., 3 (2): 256, fig. 2.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Guaiana; Rio Claro; Anápolis; São Carlos; Mogi Guaçu; Cachoeira; Escaramuça (perto de Diamantina) — município de Descalvado; Pedra Branca — Pirassununga; Emas; Poço Grande; Franca).

TIPOS: ♂, n.º 2, no Instituto Butantã; ♂ e ♀, na coleção PIZA, 3 ♂♂, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo; 1 ♂ e 2 ♀♀, na coleção OTTO SCHUBART (tipos de *Discocyrtus dualis* Piza, 1943).

Discocyrtus leonardosi Mello-Leitão.

Discocyrtus leonardosi Mello-Leitão, 1935, An. Acad. Bras. Cien., 7 (1): 6, fig. 2; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 36, 101; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8): 193; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 373.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Serro Azul).

TIPO: ♂, n.º 42.208, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Discocyrtus littoralis Mello-Leitão.

Discocyrtus littoralis Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 167, 172 (fig. 91), 476; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 34; Soares, 1944, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s., 7 (1—2): 92; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 373; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 517.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (São Sebastião; Ubatuba; Pinheiro).

TIPO: ♂, n.º 1.422, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Discocyrtus longicornis (Mello-Leitão).

Gonyleptes longicornis Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9: 335; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 142 (fig. 17, 17 a), 189; Roswer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3): 365, 368, fig. 5; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 290, 297, fig. 153.

Discocyrtus longicornis, Soares, 1943, Boletim de Indústria Animal, n. s., 6 (3): 53 (= *Discocyrtus transversalis* Piza, 1940); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (12): 177; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (16): 222; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (18): 285; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 517.

Discocyrtus transversalis Piza, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 58, fig. 6.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Alto de Serra; Boracéia — município de Salesópolis).

TIPOS: 4 ♂♂, n.º 512, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. Neste mesmo Departamento estão depositados os tipos de *Discocyrtus transcorsalis* Piza, 1940: ♂ e ♀, n.º 858, e 2 ♀♀, n.º 1.017.

Discocyrtus longispinus (Mello-Leitão).

Propachylus longispinus Mello-Leitão, 1949, Bol. Mus. Nac., N. S., 94: 19, fig. 6.
HABITAT: Itatiaia (2.100 metros).

TIPO: ♂ e ♀, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Discocyrtus luteipalpis Mello-Leitão.

Discocyrtus luteipalpis Mello-Leitão, 1931, An. Acad. Bras. Cien., 3 (2): 83, 86; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 35; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 624.

HABITAT: Argentina (Concordia — Entre Rios).

TIPO: ♀, n.º 26.730, no Museu de Buenos Aires.

Discocyrtus magnicalcar (Roewer).

Bunopachylus magnicalcar Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 27, est. 3, fig. 20.

HABITAT: Brasil (Nova Teutônia).

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 6426/109.

Discocyrtus melanacanthus Mello-Leitão.

Discocyrtus melanacanthus Mello-Leitão, 1932, Rev., Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 168, 178 (fig. 98), 476; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 36; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 373.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Ouro Preto).

TIPO: ♂, n.º 1.425, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Discocyrtus milloti Roewer.

Discocyrtus milloti Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 22, est. 2, fig. 12.

HABITAT: Brasil (Rio Grande do Sul).

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 1383/76.

Discocyrtus minutus Roewer.

Discocyrtus minutus Roewer 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 115, fig. 53; Roewer, 1923, W.: 431, 437, fig. 548; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 202; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 167; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 34.

HABITAT: Bolívia (Santo Inácio).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Discocyrtus modestus (Walckenaer).

Gonyleptes modestus Walckenaer, 1847, Ins. Apt., 4: 576; Gervais, 1849, in Gay, Hist. Chile, 4: 23, n.º 4; Butler, 1873, Ann. Nat. Hist., ser. 4, 11: 114; Scerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammelr., 2 (Gonyl.): 30.

Discocyrtus modestus, Roewer, 1913, Arth. Naturg., 79A (4): 120; Roewer, 1923, W.: 440; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 624.

HABITAT: Chile — Estreito de Magalhães, Valdívia; Patagônia.

TIPO: O tipo de WALCKENAER, material examinado por GERVAIS, está perdido. No Museu Britânico há dois espécimes determinados por BUTLER.

Discocyrtus moraesianus Mello-Leitão.

Discocyrtus moraesianus Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 125, 185; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 203, 208; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 168, 176, fig. 96; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 36; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 373; Soares et Soares, 1948, Com. Zool. Mus. Montevideo, 2 (47): 2, 9, fig. 8.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Tijuca — Açude Solidão).

TIPO: ♀, n.º 1.429, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. ALÓTIPO, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Discocyrtus mourei (Soares).

Paranaincola mourei Soares, 1943, Arq. Mus. Paranaense, 3: 206, 211, fig. 5; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8): 193.

Lyopachylus mourei, H. Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (9): 229; Soares e Soares, 1945, Rev. de Agric., Piracicaba, 29 (9-12): 368.

Discocyrtus fortis Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8): 196, 203, fig. 8; H. Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (9): 210, 227; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 513, 531, fig. 5; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (5): 66; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18): 212; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (21): 251.

Discocyrtus mourei, Soares e Soares, 1949, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 9 (4): 52 (= *Discocyrtus fortis* Soares, 1945).

HABITAT: Brasil, Estado de Paraná (Morumbi Guaraqueçaba; Banhado - Piraquara; Ruínas de Vila Pinheirinho; Alto da Serra - Estrada da Graciosa; São João da Graciosa; Vale do Ribeira — Paraná; Passagem; Prainha); Estado de São Paulo (Poço Grande).

TIPOS: ♀, no Museu Paranaense (tipo de *Paranaincola mourei* Soares, 1943); ♂, no Museu Paranaense (tipo de *Discocyrtus fortis* Soares, 1945).

***Discocyrtus niger* Mello-Leitão.**

Discocyrtus niger Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 126 (fig. 8), 186; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 204, 208, fig. 10; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 169, 180, fig. 102; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (134): 35; Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 10 (1935-1936): 289; Soares et Soares, 1945, Rev. Brasil. Biol., 5 (3): 340, fig. 2; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 518.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Pinheiro).

TIPO: ♀, n.º 502, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. ALÓTIPO ♂, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

***Discocyrtus nigerrimus* Roewer.**

Discocyrtus nigerrimus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1-3): 21, est. 2. fig. 11.

HABITAT: Brasil (Nova Teutônia).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 6502/110.

***Discocyrtus nigrolineatus* (Mello-Leitão).**

Discocyrtanus nigrolineatus Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9: 381, fig. 11; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 102.

Discocyrtus nigrolineatus, Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 374; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 518.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Angra dos Reis); Estado de São Paulo (Fazenda Poço Grande — Rio Juquiá).

TIPO: ♂, n.º 42.428, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

***Discocyrtus nigrosulcatus* (Mello-Leitão).**

Heteropucroliia nigrosulcata Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 452 (fig. 12), 477; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 378.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Itatiaia).

TIPO: ♀, n.º 1.400, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

***Discocyrtus oliverioi* H. Soares.**

Discocyrtus oliverioi H. Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (23): 211, 214, fig. 3, 3A, 4.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Colômbia — Município de Barretos), Estado de Minas Gerais (Rio Grande — Município de Frutal).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 2.903, na coleção OTTO SCHUBART. PARÁTIPOS ♂ e ♀, na coleção H. SOARES e no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

***Discocyrtus pizai* Mello-Leitão.**

Discocyrtus pizai Mello-Leitão, 1949, Bol. Mus. Nac., N. S., 94: 19, fig. 5.

HABITAT: Agulhas Negras (Itatiaia).

TIPO: ♂, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Discocyrtus pectinifemur Mello-Leitão.

Discocyrtus pectinifemur Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 10 (1935-1936): 290, fig. 1; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (13): 108, 113, fig. 5; Soares, 1945, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s., 7 (3-4): 11; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25): 239.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Cabrália; Pôrto Cabral; Rio Claro; Guaianaz).
TIPO: ♂, não encontrado no Instituto Butantã, onde deveria estar depositado sob n.º 42, segundo a diagnose original. ALÁTIPO ♀, n.º E 595 C.796, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Discocyrtus perfidus Mello-Leitão.

Discocyrtus perfidus Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 169, 181 (fig. 103), 476; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 34; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 374.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Niterói).
TIPOS: 2 ♂, n.º 1.419, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Discocyrtus pertenuis Mello-Leitão.

Discocyrtus pertenuis Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 14 (fig. 6), 34, 101; Soares, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (13): 206; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25): 240.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Guaiana), Estado de Goiaz (Fazenda Monjolinho — município de Corumbá).
TIPO: ♂, n.º 1, no Instituto Butantã.

Discocyrtus prospicius (Holmberg).

Gonyleptes prospicius Holmberg, 1876, An. Agric. Argent., 4, n.º 86.

Opisthroplatus prospicius, Holmberg, 1878, Natural. Argent., 1: 73.

Discocyrtus prospicius, Scerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 3, 14: 630; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 103, fig. 46; Roewer, 1923, W.: 431, 433, fig. 541; Mello-Leitão, 1923 (pars), Arq. Mus. Nac., 24: 126, 185; Roewer, 1925, Boil. Mus. Zool. Anat. Comp. Torino, n. s., 40 (34): 17 (Sep.); Roewer, 1929 (pars), Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 202, 204; Mello-Leitão, 1931, An. Acad. Bras. Cien., 3 (2): 83; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 167; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 35; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 624; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 374.

HABITAT: Argentina (Buenos Aires).

TIPOS: 8 ♂ e 6 ♀, no Museu de Copenhagen.

Discocyrtus rarus Soares.

Discocyrtus rarus Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (18): 286, 297, fig. 7, 8; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 518.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Alto da Serra).

HOLÓTIPO ♂, n.º E.555 C.706, e ALÓTIPO ♀, n.º E.523 C.443, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Discocyrtus rectipes Roewer.

Discocyrtus rectipes Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 114, fig. 52; Roewer, 1923, W.: 432, 436, fig. 547; Mello-Leitão, 1923 (pars), Arq. Mus. Nac., 24: 126, 186; Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40: 335; Roewer, 1929 (pars), Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 204, 205; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 169, 179, fig. 100; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 34.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Ribeirão Pires).

TIPOS: 3 ♂ e 5 ♀, na coleção ROEWER.

Discocyrtus semipartitus Mello-Leitão.

Discocyrtus semipartitus Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 168, 173, 476; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 35; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 374.

HABITAT: Brasil — Itatiaia.

TIPO: ♂, n.º 1.420, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Discocyrtus serrifemur Roewer.

Discocyrtus serrifemur Roewer, 1943, *Senckenbergiana*, 26 (1—3): 21, est. 1, fig. 10
 HABITAT: Brasil (Nova Teutônia).
 TIPOS: 1 ♂ e 8 ♀♀, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 6193/104.

Discocyrtus simplex Soares.

Discocyrtus simplex Soares, 1943, *Arq. Mus. Paranaense*, 3: 206, 208, fig. 3; Soares, 1945, *Arq. Mus. Paranaense*, 4 (8): 193, 196, 202, fig. 7; H. Soares, 1945, *Arq. Mus. Paranaense*, 4 (9): 211.
 HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Curitiba).
 HOLÓTIPO ♂ e ALÓTIPO ♀, no Museu Paranaense.

Discocyrtus singularis (Roewer).

Propachylus singularis Roewer, 1913, *Arch. Natur.*, 79A (4): 121, fig. 55; Roewer, 1923, *W.*: 441, fig. 554; Mello-Leitão, 1923, *Arq. Mus. Nac.*, 24: 127, 185; Mello-Leitão, 1932, *Rev. Mus. Paul.*, 17 (2.ª pte.): 196, fig. 111.
 HABITAT: Brasil (São Paulo).
 TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Discocyrtus spinifemur Soares.

Discocyrtus spinifemur Soares, 1945, *Arq. Mus. Paranaense*, 4 (8): 196, 201, fig. 5; Soares et Soares, 1947, *Papéis Avulsos Dep. Zool.*, São Paulo, 8 (12): 138, 141, fig. 3.
 HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Curitiba — Barigui).
 TIPO: ♂, no Museu Paranaense. ALÓTIPO ♀, na coleção JARAM LEPREVOST.
 PARÁTIPO ♀, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Discocyrtus spinosus Roewer.

Discocyrtus spinosus Roewer, 1916, *Arch. Naturg.*, 82A (2): 113, fig. 17; Roewer, 1923, *W.*: 432, 438, fig. 551; Roewer, 1929, *Abh. Nat. Ver. Brem.*, 27 (2): 203; Mello-Leitão, 1932, *Rev. Mus. Paul.*, 17 (2.ª pte.): 168; Mello-Leitão, 1935, *Arq. Mus. Nac.*, 36 (1934): 34; Mello-Leitão, 1939, *Physis*, 17: 624.
 HABITAT: Argentina (Bahia Blanca).
 TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Discocyrtus subinermis Mello-Leitão.

Discocyrtus subinermis Mello-Leitão, 1936, *Bol. Mus. Nac.*, 12 (3—4): 8, fig. 6 (Sep.); Soares, 1945, *Arq. Mus. Paranaense*, 4 (8): 193; Soares 1945, *Ar. Zool. Est. São Paulo*, 4 (9): 374; Soares et Soares, 1947, *Papéis Avulsos Dep. Zool.*, São Paulo, 8 (12): 138.
 HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Cachoeirinha, Curitiba).
 TIPOS: ♂♂ e ♀♀, no Museu Nacional do Rio de Janeiro, n.º 42.279.

Discocyrtus tenuis Roewer.

Discocyrtus tenuis Roewer, 1916, *Arch. Naturg.*, 82A (2): 116, fig. 19; Roewer, 1923, *W.*: 432, 440, fig. 553; Roewer, 1929, *Abh. Nat. Ver. Brem.*, 27 (2): 203, 207; Mello-Leitão, 1932, *Rev. Mus. Paul.*, 17 (2.ª pte.): 168, 177 (fig. 97); Mello-Leitão, 1935, *Arq. Mus. Nac.*, 36 (1934): 36; Soares, 1945, *Arq. Zool. Est. São Paulo*, 4 (9): 374.
 HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Santos), Estado do Rio de Janeiro (Distrito Federal — Tijuca, Petrópolis).
 TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Discocyrtus terezopolis Soares e Soares.

Discocyrtus terezopolis Soares e Soares, 1948, *Com. Zool. Mus. Montevideo*, 2 (47): 3, 10, fig. 9.
 HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Teresópolis).
 HOLÓTIPO ♂, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Discocyrtus testudineus (Holmberg).

Gonyleptes testudineus Holmberg, 1876, *An. Agric. Argent.*, 4, n.º 87.
Discocyrtus testudineus, Holmberg, 1878, *Natural. Argent.*, 1: 74; Soerensen, 1884.

Naturf. Tidsskr., ser. 3, 14: 627; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 100, fig. 45; Roewer, 1923, W.: 431, 432, fig. 540; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 202; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 167, 169, fig. 87; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 34; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 624.

HABITAT: Paraguay e Argentina — Baredere (localidade-tipo). San Nicolas, Villa Hermandaria, Monte Rita, Riacho del Oro, Gran Chaco.

TIPO de HOLMBERG e espécimes determinados do SOERENSEN, no Museu de Copenhagen.

Discocyrtus vegetus Canals.

Discocyrtus vegetus Canals, 1939, Notas del Musco de La Plata, Zool., 4 (18): 151, fig. 12.

HABITAT: Argentina (Loreto, Misiones).

TIPO: ♂, no Museu Argentino de Ciências Naturais "Bernardino Rivadavia".

Discocyrtus vestitus Mello-Leitão.

Discocyrtus vestitus Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9: 332; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 126, fig. 9; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 203, 307, fig. 9; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 168, 176 (fig. 95), 452; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 36; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 519.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Poço Grande).

TIPOS: ♂♂, n.º 459, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Discocyrtus wygodzinskyi Soares e Soares.

Discocyrtus wygodzinskyi Soares e Soares, 1948, Com. Zool. Mus. Montevideo, 2 (47): 3, 8, fig. 7.

HABITAT: Brasil, Estado do rio de Janeiro, (Itatiaia — Rezende, Fazenda Penedo).

HOLÓTIPO ♂ e **PARÁTIPOS** (2 ♀♀), no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero Doelloa Mello-Leitão.

Doelloa Mello-Leitão, 1930, An. Bras. Cien., 2 (3): 140; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 132, 150; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 622.

TIPO: *Doelloa fulvigranulata* Mello-Leitão, 1930, por designação original.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Área I dividida. Áreas I, II, III e V do escudo dorsal, tergitos livres e placa anal dorsais inermes, área IV com dois tubérculos medianos. Fêmur dos palpos inerte. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Doelloa fulvigranulata Mello-Leitão.

Doelloa fulvigranulata Mello-Leitão, 1939, An. Acad. Bras. Cien., 2 (3): 141, fig. 2, 2 a; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 622.

HABITAT: Argentina (Cordoba).

TIPO: ♂, n.º 10.477, no Museu Bernardino Rivadavia.

Gênero EOPACHYLUS Mello-Leitão.

Eopachylus Mello-Leitão, 1931, Bol. Mus. Nac., 7 (2): 94; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 134, 191; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

TIPO: *Eopachylus ignotus* Mello-Leitão, 1931, por designação original.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Áreas I, II e V do escudo dorsal, segmentos dorsais livres e placa anal inermes; áreas III e IV do escudo dorsal com dois tubérculos medianos. Fêmur dos palpos inerte. Tarsos I, III e IV de 6 segmentos, II de mais de 6.

Eopachylus ignotus Mello-Leitão.

Eopachylus ignotus Mello-Leitão, 1931, Bol. Mus. Nac., 7 (2): 94; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 191; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 374.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Pinheiro). Estado do Paraná (Curitiba).
TIPO: ♂, n.º 1.386, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **EUBALTA** Roewer.

Balta Soerensen, 1902, nec *Balta* Tapper, 1893, *Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammelr.* (Gonyleptiden), p. 21 (Sep.); Roewer, 1913, *Arch. Naturg.*, 79A (4): 11, 45; Mello-Leitão, 1926, *Rev. Mus. Paul.*, 14: 15 (Sep.).

Eubalta Roewer, 1923, *W.*: 396, 409; Roewer, 1929, *Abh. Nat. Ver. Brem.*, 27 (2): 184; Mello-Leitão, 1932, *Rev. Mus. Paul.*, 17 (2.ª pte.): 134, 184; Mello-Leitão, 1935, *Arq. Mus. Nac.*, 36 (1934): 99; Mello-Leitão, 1939, *Physis*, 17: 622; Roewer, 1943, *Senckenbergiana*, 26 (1—3): 16 (= *Baltanata* Strand, 1942).

Baltanata Strand, 1942, *Zolia Zool. Hydrobiol.*, 11 (2): 394.

TIPO: *Balta meridionalis* Soerensen, 1902.

Cômodo ocular com duas elevações. Área I dividida. Áreas I, II, IV e V do escudo dorsal inermes, III com dois tubérculos. Tergitos livres I e II inermes, III com dois espinhos. Placa anal dorsal com um espinho. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Eubalta meridionalis (Soerensen).

Balta meridionalis Soerensen, 1902, *Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammelr.*, 2 (Gonyl.): 22; Roewer, 1913, *Arch. Naturg.*, 79A (4): 46, fig. 16, 17.

Eubalta meridionalis, Roewer, 1923, *W.*: 410, fig. 504; Roewer, 1938, *Arkiv för Zoologi, Stockholm*, 30B (10): 6; Mello-Leitão, 1939, *Physis*, 16: 622.

HABITAT: Sul da Patagônia — Tuesday Bay, Estreito de Magalhães, Canal Smytz, Bahía de Gletscher; Sul do Chile — Lagatovaia.

Gênero **EUGYNDES** Roewer.

Gyndes Soerensen, 1884, nec *Gyndes* Stal, 1862, *Naturh. Tidsskr.*, ser. 3, 14: 637; Roewer, 1913, *Arch. Naturg.*, 79A (4): 10, 14; Mello-Leitão, 1923, *Arq. Mus. Nac.*, 24: 116; Mello-Leitão, 1926, *Rev. Mus. Paul.*, 14: 12 (Sep.).

Eugyndes Roewer, 1923, *W.*: 396, 397; Roewer, 1929, *Abh. Nat. Ver. Brem.*, 27 (2): 182; Mello-Leitão, 1932, *Rev. Mus. Paul.*, 17 (2.ª pte.): 133, 165; Mello-Leitão, 1935, *Arq. Mus. Nac.*, 36 (1934): 99; Mello-Leitão, 1937, *Mem. Inst. But.*, 11: 281.

TIPO: *Gyndes reinhardi* Soerensen, 1884.

Cômodo ocular com a forma de um cône com o ápice acuminado e dirigido para a frente. Áreas I, II, IV e V do escudo dorsal, tergitos livres e placa anal dorsal inermes, área III com dois espinhos. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 4 segmentos, os outros de 6.

Eugyndes flavolimbatus H. Soares.

Eugyndes flavolimbatus H. Soares, 1946, *Rev. Brasil. Biol.*, 6 (3): 386, fig. 2.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Nova Friburgo — 900 metros de altitude).
HOLÓTIPO ♂ e PARÁTIPO ♂, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Eugyndes reinhardi (Soerensen).

Gyndes reinhardi Soerensen, 1884, *Naturh. Tidsskr.*, ser. 3, 14: 638; Roewer, 1913, *Arch. Naturg.*, 79A (4): 14.

Eugyndes reinhardi, Roewer, 1923, *W.*: 397; Mello-Leitão, 1932, *Rev. Mus. Paul.*, 17 (2.ª pte.): 166.

HABITAT: Brasil.

TIPO: ♂, no Museu de Copenhagen.

Gênero **EUSARCUS** Perty.

Eusarcus Perty, 1832, *Delect. An. Artic.*, p. 203; Soerensen, 1884, *Naturh. Tidsskr.*, ser. 3, 14: 624; Gervais, 1844, in Walckenaer, *Ins. Apt.*, 3: 112 (*Eusarchus*); C. L. Koch, 1839, *Arach.*, 7: 1, etc.; Bertkau, 1880, *Mem. Cour. Ac. Belgique*, 43: 106; Roewer, 1913, *Arch. Naturg.*, 79A (4): 12, 67; Roewer, 1923, *W.*: 397, 418, 420, 467, 484; Mello-Leitão, 1923, *Arq. Mus. Nac.*, 24: 121, 184; Mello-Leitão, 1924, *Ann. Soc. Ent. France*, 93: 181; Mello-Leitão, 1926, *Rev. Mus. Paul.*, 14: 18, 47 (Sep.); Roewer, 1927, *Abh. Senckenberg. Naturf. Ges.*, 40: 335; Roewer, 1929, *Abh. Nat. Ver. Brem.*, 27 (2): 185, 196; Mello-Leitão, 1931, *Arq. Mus. Nac.*, 33: 120; Mello-Leitão, 1932, *Rev. Mus. Paul.*, 17 (2.ª pte.): 133, 155; Mello-Leitão, 1935, *Arq. Mus. Nac.*, 36 (1934): 99; Mello-Leitão, 1936, *Bol. Mus. Nac.*, 12 (3—4): 4 (Sep.); Mello-Leitão, 1940, *Arq. Zool. Est.*

- São Paulo, 1: 5, 6; Soares, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (13): 207 (= *Enantiocentron* Mello-Leitão, 1932, = *Pareusarcus* Mello-Leitão, 1935 = *Goyazia* Piza, 1940); Mello-Leitão, 1949, Bol. Mus. Nac., Zool., 94: 15.
- Enantiocentron* Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 447, 450, 475; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99; Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4): 22, 24 (Sep.); Mello-Leitão, 1942, Bol. Mus. Nac., 14-17 (1938-1941): 7.
- Pareusarcus* Mello-Leitão, 1935, nec *Pareusarcus* Roewer, 1929, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 13; Canals, 1943, Notas del Museo de La Plata, Zool., 8 (63): 18.
- Goyazia* Piza, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 54; Piza, 1940, Revista de Agricultura, Piracicaba, São Paulo, 15 (7—8): 312.
- Pindaíba* Canals, 1943, Notas del Museo de La Plata, Zool., 8 (63): 18 (n. n. para *Pareusarcus* Mello-Leitão, 1935, nec *Pareusarcus* Roewer, 1929).
- Neopucroliia* Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 11, 43; Roewer, 1923, W.: 396, 409; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 116; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 14 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 184; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 133, 154; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99.
- Eusarcoïdes* Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 12, 72; Roewer, 1923, W.: 397, 420; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 122; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 18 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 185; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 133, 161; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99.
- Pucrolioides* Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 10, 27; Roewer, 1923, W.: 396, 403; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 13 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 183; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 133, 154; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 622.

Papageia Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 28.

TIPO: *Eusarcus armatus* Perty, 1832.

Cômodo ocular com dois espinhos, às vezes reunidos numa apófise bifida, com dois tubérculos, ou inerte. Área I dividida. Áreas I, II, IV e V do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes, área III com um espinho mediano. Fêmur dos palpos com um ou dois espinhos apicais internos. Tarsos I de 5 ou 6 segmentos, II de 6 ou mais de 6, III e IV de 6.

***Eusarcus aberrans* Mello-Leitão.**

Eusarcus aberrans Mello-Leitão, 1939, Bol. Biol., n. s., 4 (2): 287, 294, fig. 18; Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 7; Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 153, 157, fig. 5.

HABITAT: Brasil, Estado de Mato Grosso (Salobra).

TIPO: ♂, sem indicação do lugar em que foi depositado.

***Eusarcus aduncus* (Mello-Leitão).**

Enantiocentron aduncum Mello-Leitão, 1942, Bol. Mus. Nac., 14-17 (1938-1941): 7, fig. 5.

Eusarcus aduncus, Soares, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (13): 206, 207; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (13): 144, 145; Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 153, 157, fig. 6; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 374; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 519.

HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Colatina — margens do Rio São José Goitazes); Estado de Goiaz (Município de Corumbá — Fazenda Monjolinho).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 58.207, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

***Eusarcus antoninae* Mello-Leitão.**

Eusarcus antoninae Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4): 4, fig. 2 (Sep.); Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 7; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8): 193; Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 153, 158, fig. 7; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 374; Soares e Soares, 1945, Rev. da Agric., Piracicaba, 20 (9—12): 367.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Antonina, Volta Grande).

TIPO: ♂, n.º 42.274, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Eusarcus argentina (Roewer).

Pucrolioides argentina Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 28, fig. 8; Roewer, 1923, W.: 403, fig. 495; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 622.

HABITAT: Argentina (Pampas).

TIPOS: 2 ♂♂, na coleção ROEWER.

Eusarcus armatus Perty.

Eusarcus armatus Perty, 1832, Delect. An. Artic., p. 203, n.º 3; C. L. Koch, 1839, Arach., 7: 1, fig. 541, 542; Gervais, 1844, in Walckenaer, Ins. Apt., 3: 112; Bertkau, 1880, Mem. Cour. Ac. Belgique, 43: 706; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 68, fig. 31; Roewer, 1923, W.: 418, fig. 521; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 121, 184 (pars); Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40: 335; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 197 (pars); Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 155, 157; Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 6; Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 153, 158, fig. 8; Soares, 1945, Arq. Zool. Estado São Paulo, 4 (9): 375.

Eusarcus pumilio Perty, 1832, Delect. An. Artic., p. 203, n.º 2; Gervais, 1844, in Walckenaer, Ins. Apt., 3: 112.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis, P'neiro, Distrito Federal — Tijuca), Estado de São Paulo (Ribeirão Pires), Estado de Minas Gerais (Viçosa).

TIPOS: 1 ♀, no Museu de Múchen, 1 exemplar na coleção STURM e NÜRNBERG e 2 no Museu de Viena (♂ e ♀).

Eusarcus bifidus Roewer.

Eusarcus bifidus Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 196, 199, fig. 6; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 156, 161; Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 6; Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 153, 156, fig. 9; Soares et Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (20): 237, figs. 3, 3-A.

HABITAT: Brasil, Estado de Mato Grosso, Estado do Espírito Santo (Chaves, Município de Santa Leopoldina).

TIPO: ♂, n.º 955/36, na coleção ROEWER. ALÓTIPO ♀, n.º 279, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Eusarcus centromelos (Mello-Leitão).

Pareusarcus centromelos Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 13.

Enantiocentron geniculatus Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4): 22, fig. 18 (Sep.).

Eusarcus centromelos Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15): 174 (= *Enantiocentron geniculatus* Mello-Leitão, 1936); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (17): 196; Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cienc., 17 (2): 154; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 375.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Bico do Papagaio, Petrópolis, Grajaú). TIPOS: ♀, n.º 41.832, no Museu Nacional do Rio de Janeiro; ♀, n.º 42.690, neste mesmo Museu (tipo de *Eusarcus geniculatus* Mello-Leitão, 1936).

Eusarcus curvispinosus Mello-Leitão.

Eusarcus curvispinosus Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 122; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 197, 198; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 155, 157, fig. 81; Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 6; Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 154, 157, fig. 11; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 375.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis).

TIPO: ♂, n.º 1.438, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. PARÁTIPO n.º 954/35, na coleção ROEWER.

Eusarcus doriphorus (Mello-Leitão).

Enantiocentron doriphorus Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 450, fig. 10; Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4): 24 (Sep.).

Eusarcus doriphorus, Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 154, 158, fig. 12; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 375.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Jacarepaguá, Distrito Federal).

TIPO: ♂, n.º 1.931, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Eusarcus dubius Soares.

Eusarcus dubius Soares, 1943, Arq. Mus. Paranaense, 3: 206, 209, fig. 4; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8): 193.

Neopucroliia dubia Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 156.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Vale do Ribeira — Paranai).

TIPO: ♂, no Museu Paranaense.

Eusarcus fulvus Soares e Soares.

Eusarcus fulvus Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (15): 199, fig. 3.

HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Santa Teresa).

TIPO: ♂, n.º 2.975, na coleção OTTO SCHUBART.

Eusarcus furcatus Roewer.

Eusarcus furcatus Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 197, 200, fig. 7; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª Pte.): 155, 160; Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 6; Soares et Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool. São Paulo, 5 (24): 244; Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 154, 157, fig. 13; Soares et Soares, 1948, Com. Zool. Mus. Montevideo, 2 (47): 3, 11.

HABITAT: Brasil, Mato Grosso, São Paulo (Emas — Município de Pirassununga), Estado do Rio de Janeiro (Distrito Federal — Gávea; Angra dos Reis, Japuhya).

TIPO: ♂, n.º 956/37, na coleção ROEWER. —

Eusarcus guimarãesi H. Soares.

Eusarcus guimarãesi H. Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (23): 211, 216, fig. 5; Soares et Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (18): 225 (= *Eusarcus biserratus* Mello-Leitão, 1945).

Eusarcus biserratus Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 150, fig. 3, 4, 10.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Colombia — Município de Barretos; São Sebastião).

TIPO: ♀, n.º 2.896, na coleção OTTO SCHUBART. Os tipos de *Eusarcus biserratus* se encontram no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Eusarcus hastatus Soerensen.

Eusarcus hastatus Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 3, 14: 625; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 68, 71, fig. 32; Roewer, 1923, W.: 418, 420, fig. 523; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 122, 184; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 197; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 156, 160, fig. 84; Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 6; Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 154, 158, fig. 14; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 375; Soares et Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (15): 196.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Lagoa Santa, Viçosa, Lapa Vermelha), Estado de São Paulo, Estado do Espírito Santo.

TIPOS: ♂ e ♀, sem indicação do lugar em que foram depositados.

Eusarcus incus Soares e Soares.

Eusarcus incus Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos, Dep. Zool., São Paulo, 7 (15): 201, figs. 4 e 5.

HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Refúgio Sooretama — Município de Linhares; Lagoa do Macuco — São Mateus).

HOLÓTIPO ♂ e ALÓTIPO ♀, n.º 2.935, na coleção OTTO SCHUBART. PARÁTIPO ♂ e PARÁTIPO ♀ (número 240 e 241) na coleção H. SOARES.

Eusarcus insperatus Soares.

Eusarcus insperatus Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4(16): 222, 228, fig. 4; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (18): 286; Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 154, 157, fig. 15; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 519.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Alto da Serra).

TIPO: ♂, n.º E.523 C.430, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Eusarcus montis (Mello-Leitão).

Enantiocentron montis Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4): 23, fig. 19.
Eusarcus montis, Mello Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 155, 157, fig. 17; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 375; Soares et Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (18): 223, fig. 2; H. Soares, 1946, Rev. Brasil. Biol., 6 (3): 385; Soares et Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (18): 223, fig. 2.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis; — Distrito Federal; Santa Bárbara; Mendes; Nova Friburgo).

TIPO: ♂, n.º 42.693, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. ALÓTIPO ♀, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Eusarcus nigrimaculatus Mello-Leitão.

Eusarcus nigrimaculatus Mello-Leitão, 1924, Ann. Soc. Ent. France, 93: 181; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 47 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 197, 198; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2—3): 102; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 155, 156, fig. 79; Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 7; Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 154, 157, fig. 16 (= *Eusarcus minensis* Mello-Leitão, 1932); Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 376.

Eusarcus minensis Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 155, 158, fig. 82; Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 7; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 375.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Ouro Preto, Diamantina), Estado do Rio de Janeiro (Pinheiro, Jacarepaguá).

TIPO: ♂, n.º 1.436, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. É provável que os exemplares n.º 1.439, do Museu Nacional, sejam os tipos de *Eusarcus minensis*.

TIPOS. É provável que os tipos sejam os dois exemplares, n.º 1.439, depositados no Museu Nacional do Rio de Janeiro. ROEWER diz que na coleção W. S. BRISTOWE há parátipos.

Eusarcus oxyacanthus C. L. Koch.

Eusarcus oxyacanthus C. L. Koch, 1839, Arach., 7: 7, fig. 543, 544; Bertkau, 1880, Mem. Cour. Ac. Belgique, 43: 106; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 68, 70; Roewer, 1923, W.: 418, 419, fig. 522; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 122, 184; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 197, 198; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 155, 156, fig. 78; Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 7; Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 155, 157, fig. 18; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 376; Soares et Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (15): 196.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo, Estado do Rio de Janeiro (Friburgo, Jacarepaguá), Estado do Rio Grande do Sul (Porto Alegre), Estado do Espírito Santo (Goitacazes).

TIPOS: ♂ e ♀, sem indicação do lugar em que foram depositados.

Eusarcus pectinigerus (Roewer).

Neopucroliia pectinigera Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 44; Roewer, 1923, W.: 409.

HABITAT: Argentina (Bahía Blanca).

TIPOS: 2 ♂♂ e 1 ♀, na coleção ROEWER.

Eusarcus pusillus Soerensen.

Eusarcus pusillus Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 3, 14: 625; Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 155.

Eusarcoides pusillus, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 73; Roewer, 1923, W.: 420; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 122; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul. 17 (2.ª pte.): 162.

HABITAT: Brasil (Rio de Janeiro).

TIPOS: 2 ♀♀ no Museu de Copenhagen.

Eusarcus perpusillus Mello-Leitão.

Eusarcus pusillus Mello-Leitão, 1931, nec *Eusarcus pusillus* Soerensen, 1884, Arq. Mus. Nac., 33: 120, fig. 2; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934):

101; Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 6; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 376.

Eusarcus perpusillus Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 155, 158, fig. 19.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina (Rodeio).

TIPO: ♂, n.º 11.376, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

***Eusarcus schubarti* Soares e Soares.**

Eusarcus schubarti Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (15): 203, figs. 6, 7 e 8.

HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Refúgio Sooretama — Município de Linhares; Lagoa do Macuco — São Mateus).

HALÓTIPO ♂, n.º 2.942, na coleção OTTO SCHUBART. ALÓTIPO ♀, n.º 2957, na coleção OTTO SCHUBART. PARÁTIPO ♂, n.º 234, e IDEÓTIPO ♀ no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

***Eusarcus spinimanu* Mello-Leitão.**

Eusarcus spinimanu Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 156, 159, fig. 83; Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 6; Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 155, 158, fig. 20; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 376.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Niterói).

TIPO: ♂, n.º 1428, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

***Eusarcus teresincola* Soares e Soares.**

Eusarcus teresincola Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (15): 205, fig. 9.

HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Penha, Santa Teresa).

TIPO: ♀, n.º 2.981, na coleção OTTO SCHUBART.

***Eusarcus tripes* Mello-Leitão.**

Eusarcus tripes Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 5, 7, fig. 8; Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 156, 158, fig. 21; Soares et Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (18): 224.

Eusarcus armatus Mello-Leitão, 1923, nec Perty, 1832, Arq. Mus. Nac., 24: 121, 184.

Eusarcus armatus Soares, 1944, nec Perty, 1832, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (16): 222.

Eusarcus armatus Soares, 1944, nec Perty, 1832, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (18): 286.

Eusarcus armatus Soares, 1946, nec Perty, 1832, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 519.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Jupuvura; Paço Grande; Alto da Serra).

TIPO: ♂, não encontrado no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, onde deveria estar depositado, segundo a diagnose original (Museu Paulista).

***Eusarcus vervloeti* Soares.**

Eusarcus vervloeti Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (13): 145, 152, fig. 7, 8; Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 156, 157, fig. 22; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 520.

HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Chaves — Município de Santa Leopoldina).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º E.367 C.286, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

***Eusarcus sulcatus* (Piza)**

Goyazia sulcata Piza, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 54, fig. 2.

Eusarcus sulcatus, Mello-Leitão, 1945, An. Acad. Bras. Cien., 17 (2): 156; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 519; Piza, 1947, An. Esc. Sup. Agr. "Luiz de Queiroz", Piracicaba, 4: 264, fig. 1.

HABITAT: Brasil, Estado de Goiás (Anápolis), Estado de Mato Grosso (Jupia, Três Lagoas).

TIPO: ♀, n.º E. 109 C. 57, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo — COTIPOS ♂♂, no Laboratório da Escola Superior da Agricultura "Luiz de Queiroz", Piracicaba, Estado de São Paulo.

Gênero FLANGEIA Mello-Leitão.

Flangeia Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2): 135; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

TIPO: *Flangeia validissima* Mello-Leitão, 1933, por designação original.

Cômoro ocular com um tubérculo mediano. Áreas I, II, III e V do escudo dorsal, tergitos livres e placa anal dorsal com dois tubérculos, área IV inerte. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6. Fêmur dos palpos inerte.

Flangeia validissima Mello-Leitão.

Flangeia validissima Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2): 136, fig. 3; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 101; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8): 193; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 376.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Cachoeirinha).

TIPOS: 2 ♀♀, n.º 27.320, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero GOITACAZIA Mello-Leitão.

Goitacazia Mello-Leitão, 1942, Bol. Mus. Nac., 14-17 (1938-1941): 8.

TIPO: *Goitacazia pulchra* Mello-Leitão, 1942, por designação original.

Cômoro ocular com dois tubérculos ou espinhos. Área I dividida. Área I com dois tubérculos, III com dois espinhos, áreas II, IV e V e tergitos livres inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, III de 6, II e IV de mais de 6.

Goitacazia pulchra Mello-Leitão.

Goitacazia pulchra Mello-Leitão, 1942, Bol. Mus. Nac., 14-17 (1938-1941): 8, fig. 6; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17): 259; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (13): 144, 145; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 376; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 520.

HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Colatina — Rio São José).

TIPO: n.º 58.211, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero GOODNIGHTIELLA Soares e Soares.

Goodnightiella Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (31): 289.

TIPO: *Goodnightiella impar* Soares et Soares, 1945, por designação original.

Cômoro ocular com alto espinho mediano. Área I dividida. Áreas I, II, IV e V, tergitos livres I e II e opérculo anal inermes. Área III com um tubérculo mediano em ambos os sexos. Tergito livre III com um tubérculo mediano no macho, com longo e robusto espinho na fêmea. Fêmur dos palpos com fraco espinho apical interno. Tarsos I no macho de 4 segmentos, na fêmea de 5, II de mais de 6, III e IV de 6.

Goodnightiella impar Soares e Soares.

Goodnightiella impar Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (31): 290, fig. 3, 4.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Campos do Jordão).

HOLÓTIPO ♂ e ALÓTIPO ♀, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero GRAPHINOTUS C. L. Koch.

Graphinotus C. L. Koch, 1839, Arach., 7: 10, fig. 545; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 13, 78; Roewer, 1923, W.: 397, 422; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 123; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 19 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 186; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pt.): 133, 152; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99.

TIPO: *Graphinotus ornatus* C. L. Koch, 1839.

Cômoro ocular com alto espinho mediano. Área I dividida. Áreas I, II, IV e V do escudo dorsal, tergitos livres e placa anal dorsal inermes, área III com alto espinho mediano. Fêmur dos palpos inerte. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Graphinotus ornatus C. L. Koch.

Graphinotus ornatus C. L. Koch, 1839, Arach., 7: 10, fig. 545; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 78; Roewer, 1923, W., 422; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 123, 184; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 152.

HABITAT: Brasil.

TIPO: ♀, no Museu de Viena.

Gênero **GUARANTICUS** Mello-Leitão.

Guarantiticus Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2): 134; Mello-Leitão, 1935, Ar. Mus. Nac., 36 (1934): 99; Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11: 281.

Guaranília Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11: 281.

TIPO: *Guarantiticus lesserti* Mello-Leitão, 1933, por designação original.

Cômodo ocular com alto espinho mediano. Áreas I, II, IV e V do escudo abdominal, tergitos livres e opérculo anal inermes. Área III com dois espinhos. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 ou mais de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Guarantiticus flavimaculatus Soares e Soares.

Guarantiticus flavimaculatus Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (5): 66, 79, fig. 12.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná, Banhado (Piraquara).

TIPO: ♂, na coleção GOFFERJÉ.

Guarantiticus lesserti Mello-Leitão.

Guarantiticus lesserti Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2): 134, fig. 2; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 101; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8): 193; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 377.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Cachoeirinha, Curitiba).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 27.174, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Guarantiticus nigrosulcatus (Mello-Leitão).

Guaranília nigrosulcata Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11: 281, fig. 4; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25): 240; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8): 193; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 377.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Sengés, Carambei).

TIPO: ♂, n.º 72, no Instituto Butantã.

Guarantiticus tetracalcar Soares et Soares.

Guarantiticus tetracalcar Soares e Soares, 1945, Rev. de Agric., Piracicaba 20 (9—12): 375, fig. 6, 7.

HABITAT: Brasil, fronteira entre os estados do Paraná e Santa Catarina.

TIPOS ♂ e ♀, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero **GUASCAIA** Mello-Leitão.

Guascaia Mello-Leitão, 1935, An. Acad. Bras. Cien., 7 (1): 1; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98.

TIPO: *Guascaia ypsilonota* Mello-Leitão, 1935, por designação original.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Áreas I a IV do escudo dorsal inermes; área V com uma apófise mediano, bifida. Tergito livre I com um espinho mediano; tergitos livres II e III e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5 segmentos, os outros de 6.

Guascaia ypsilonota Mello-Leitão.

Guascaia ypsilonota Mello-Leitão, 1935, An. Acad. Bras. Cien., 7 (1): 1, fig. 1; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 101; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 377.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio Grande do Sul (Pôrto Alegre).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 41.936, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **GYNDESOIDES** Mello-Leitão.

Gyndesoides Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2): 133; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99; Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11: 281; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15): 177 (= *Klobinia* Mello-Leitão, 1936).

Klobinia Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4): 5 (Sep.); Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11: 281.

TIPO: *Gyndesoides dispar* Mello-Leitão, 1933, por designação original.

Cômodo ocular com um espinho baixo ou tubérculo mediano. Área III do escudo dorsal com dois espinhos ou tubérculos, áreas I, II, IV e V, tergitos livres e placa anal dorsal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I e III de 5 segmentos, IV de 6, II de 6 ou mais de 6.

Gyndesoides dispar Mello-Leitão.

Gyndesoides dispar Mello-Leitão, 1933, Arq. Esq. Agr. Med. Vet., 10 (2): 133, fig. 1; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1944): 101; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15): 177 (= *Klobinia infusca* Mello-Leitão, 1936); Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (28): 271, 272; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8): 193; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 377.

Klobinia infusca Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4): 5, fig. 3 (Sep.).

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Cachoeirinha, Antonina); Estado de São Paulo (Capital).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 27.066, no Museu Nacional do Rio de Janeiro; ♂, n.º 42.280, neste mesmo Museu (tipo de *Klobinia infusca* Mello-Leitão, 1936).

Gênero **GYNDOIDES** Mello-Leitão.

Gyndoides Mello-Leitão, 1927, Rev. Mus. Paul., 15: 412 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 187, 257; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 133, 164; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99.

TIPO: *Gyndoides elaphus* Mello-Leitão, 1927, por designação original.

Cômodo ocular elevado em crista transversa, com altíssima espinho mediano, bifido no macho. Área I dividida. Áreas I, II, IV e V, tergitos livres e placa anal dorsal inermes, área III com dois espinhos. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Gyndoides elaphus Mello-Leitão.

Gyndoides elaphus Mello-Leitão, 1927, Rev. Mus. Paul., 15: 401, 413; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 257, fig. 33; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 165, fig. 85; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 377.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina (Blumenau).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 1.390, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. PARÁTIPOS ♂ e ♀, na coleção ROEWER, n.º 946/30.

Gyndoides springmanni Soares et Soares.

Gyndoides springmanni Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (21): 251, 255, figs. 4 e 5.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina (Florianópolis).

TIPO: ♂, na coleção GOFFERJÉ.

PARÁTIPOS: 2 ♂♂, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero **HARPACHYLUS** Roewer.

Harpachylus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 25.

TIPO: *Harpachylus tibialis* Roewer, 1943, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas II, IV e V e opérculo anal inermes. Área III com dois espinhos, área I e tergito livre I com dois tubérculos, tergitos livres II e III com dois pequenos espinhos. Fêmur dos palpos com espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Harpachylus tibialis Roewer.

Harpachylus tibialis Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 25, est. 2, fig. 17.

HABITAT: Brasil (Itapocu; Santa Catarina).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 1378/71, PARÁTIPOS (1 ♂ e 3 ♀♀), n.º 3865/84, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER).

Gênero **HERNANDARIOIDES** Cambridge.

Hernandarioides Cambridge, 1905, Biol. Centr. Amer., Arach., 2: 573; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (5): 461, 464; Roewer, 1923, W.: 582, 583; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 43 (Sep.); Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 130; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2-3): 159.

Kaluga Goodnight e Goodnight, Amer. Mus. Nev., 1184: 18.

TIPO: *Hernandarioides plana* Cambridge, 1905, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I inteira. Tôdas as áreas do escudo dorsal, tergitos livres I e III inermes, tergito livre II com um espinho mediano. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I, III e IV de 6 segmentos, II de mais de 6. Porção terminal dos tarsos I e II de 3 segmentos.

Para dar a dagnose do gênero *Hernandarioides*, baseamo-nos na descrição de GOODNIGHT e GOODNIGHT para *Kaluga elongata*, pois ROEWER não chegou a examinar o tipo de CAMBRIDGE. A diagnose dada por ROEWER, baseada apenas na figura de Cambridge, é a seguinte: Cômodo ocular com dois espinhos. Escudo dorsal apenas com dois sulcos, com três pares de tubérculos medianos, área marginal posterior e tergito livre I inermes, tergito livre II com um pequeno espinho mediano, tergito livre III com um tubérculo mediano. Fêmur dos palpos sem espinho apical interno. Tarsos I, III e IV de 6 segmentos.

Hernandarioides plana Cambridge.

Hernandarioides plana Cambridge, 1905, Biol. Centr. Amer., Arach., 2: 573, 574, est. 54, figs. 1, 1 a; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (5): 464; Roewer, 1923, W.: 583; Goodnight e Goodnight, 1947, Amer. Mus. Nov., 1340: 15 (= *Kaluga elongata* Goodnight et Goodnight, 1942).

Kaluga elongata Goodnight e Goodnight, 1942, Amer. Mus. Nov., 1184: 18, fig. 33.

HABITAT: Panamá (Bugaba; Casita Alta, Chiriqui).

TIPO: ♀, na coleção GODMAN & SALVIN. No American Museum of Natural History está depositado o tipo de *Kaluga elongata*, uma fêmea.

Gênero **HETEROPACHYLOIDELLUS** Mello-Leitão.

Heteropachyloidellus Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2): 14, Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 183, 224; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 132, 148, 449; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 622.

TIPO: *Heteropachyloidellus dimorphicus* Mello-Leitão, 1927, por designação original.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Área I dividida. Áreas I a IV do escudo abdominal, tergitos livres e placa anal dorsal inermes. Área V com um espinho mediano (♂) ou com um tubérculo (♀). Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Heteropachyloidellus dimorphicus Mello-Leitão.

Heteropachyloidellus dimorphicus Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2): 15; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 224; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2-3): 103; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 149, 449; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17): 273; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25): 240; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 377; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 520.

Acanthopachylus aculeatus Mello-Leitão, 1923, nec Kirby, 1818 (pars), Arq. Mus. Nac., 24: 118, 119.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio Grande do Sul (Pôrto Alegre, Uruguaiana).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 1.465, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (provavelmente).

Heteropachyloidellus marginatus Mello-Leitão.

Heteropachyloidellus marginatus Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 149, 150, 450; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 377.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio Grande do Sul (Pedras Altas; São Francisco de Paula).

TIPO: ♀, n.º 1.410, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Heteropachyloidellus paucigranulatus Mello-Leitão.

Heteropachyloidellus paucigranulatus Mello-Leitão, 1931, An. Acad. Bras. Cien., 3 (2): 88; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 378; Mello-Leitão, 1949, Bol. Mus. Nac., N. S., Zool., 94: 17. (')

HABITAT: Urugua (Carmelo, Montevideo).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 11.171, no Museu Bernardino Rivadavia. PARÁTIPO ♂, n.º 1.413, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Heteropachyloidellus robustus Roewer.

Heteropachyloidellus robustus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 18, est. 1, fig. 6.

HABITAT: Urugua (Montevideo).

TIPOS: ♂ e 4 ♀♀, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 7734/113.

Heteropachyloidellus serrulatus Mello-Leitão.

Heteropachyloidellus serrulatus Mello-Leitão, 1931, An. Acad. Bras. Cien., 3 (2): 88, fig. 5; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 449; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 622; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 378.

HABITAT: Argentina (Concordia — Entre Rios, Buenos Aires); Brasil, Estado do Rio Grande do Sul (Porto Alegre).

TIPOS: 2 ♂♂ e 1 ♀, n.º 26.730, no Museu Nacional de Buenos Aires. PARÁTIPO n.º 1.412, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **HETEROPACHYLUS** Roewer.

Heteropachylus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 13, 75; Roewer, 1923, W.: 397, 421; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 123; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 18 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 185; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 134, 185; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

TIPO: *Heteropachylus spiniger* Roewer, 1913, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I dividida. Áreas I, II, IV e V inermes, III com dois espinhos. Tergito livre I inerte, II e III com um espinho mediano prolongados nos ângulos em pequenos espinhos. Placa anal dorsal com um pequeno espinho mediano. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I, III e IV de 6 segmentos, II de mais de 6.

Heteropachylus spiniger Roewer.

Heteropachylus spiniger, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 76, fig. 77; Roewer, 1923, W.: 421, fig. 525; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 123, 184; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 186, fig. 113.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Santos).

TIPOS: ♂ e ♀, na coleção ROEWER.

Gênero **HEXABUNUS** Roewer.

Hexabunus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 11, 40; Roewer, 1923, W.: 396, 408; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 14 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 184; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 135, 209; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

TIPO: *Gonyleptes armillatus* Butler, 1873, por monotipia.

Cômodo ocular com duas elevações. Área I dividida. Áreas I, II e III do escudo dorsal com duas elevações, IV e V inermes. Tergitos livres I e III inermes, II e placa anal dorsal com um espinho. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Hexabunus armillatus (Butler).

Gonyleptes armillatus Butler, 1873, Ann. Nat. Hist., ser. 4, 11: 115, pr. 3, fig. 1, 2.
Hexabunus armillatus, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 41, fig. 15; Roewer, 1923, W.: 408, fig. 503.

(*) Mello-Leitão, neste trabalho, considera *Heteropachyloidellus crassus* Roewer, 1943, espécie que não conseguimos encontrar descrita na literatura, tanto quanto pudemos pesquisar, como sinônimo de *Heteropachyloidellus paucigranulatus* Mello-Leitão, 1931. Neste mesmo trabalho a data atribuída a *paucigranulatus* é 1936, naturalmente engano tipográfico.

HABITAT: Equador (entre Banos e Canelos).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu Britânico.

Gênero **HURALVIUS** Mello-Leitão.

Huralvius Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9: 382; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 101 (*Xuraloius* err.).

TIPOS: *Huralvius incertus* Mello-Leitão, 1935, por designação original.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Áreas I, II, III e IV do escudo abdominal com dois tubérculos; área V, tergitos livres e opérculo anal inermes. Tarsos I, III e IV de 6 segmentos, II de mais de 6. Fêmur dos palpos inermes.

Huralvius incertus Mello-Leitão.

Huralvius incertus Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9: 382, fig. 12; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 102; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8): 193; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 378.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Cachoeirinha).

TIPO: ♀, n.º 42.440, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **IBARRA** Roewer.

Ibarra Roewer, 1925, Boll. Mus. Zool. Anat. Comp. Torino, n. s., 40 (34): 17 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 184, 230; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 131, 139, 446; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98.

TIPO: *Ibarra festae* Roewer, 1925.

Cômodo ocular oval transverso, inermes. Área I dividida. Todas as áreas do escudo, dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I e III de 6 segmentos, II e IV de mais de 6. Não há caracteres sexuais secundários no macho.

Ibarra festae Roewer.

Ibarra festae Roewer, 1925, Boll. Mus. Zool. Anat. Comp. Torino, n. s., 40 (34): 17; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 230; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 102.

HABITAT: Equador (Ibarra).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Turim. PARÁTIPOS na coleção ROEWER, n.º 260/7.

Gênero **IGUASSUA** Mello-Leitão.

Iguassua Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9: 380; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99.

TIPO: *Iguassua humilis* Mello-Leitão, 1935, por designação original.

Cômodo ocular inermes, sem tubérculos ou espinhos. Áreas I, II, IV e V do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes, a área III com dois espinhos. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I, II e IV de 5 segmentos, III de 6.

Iguassua humilis Mello-Leitão.

Iguassua humilis Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9: 380, fig. 10; Soares, 1945, Mus. Paranaense, 4 (8): 193; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 378.

HABITAT: Iguassu.

TIPO: ♂, n.º 42.438, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **IGUASSUOIDES**, g. n.

Cômodo ocular inermes. Áreas I, II, IV e V do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes, área III com dois tubérculos ou espinhos. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos III e IV de 6 segmentos, II de mais de 6, I de 5.

TIPO: *Iguassua lucida* Soares, 1944.

Iguassuoides lucidus (Soares).

Iguassua lucida Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (17): 196, 199, fig. 3.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Monte Alegre — Município de Amparo).

TIPO: ♀, n.º 2.781, na coleção OTTO SCHUBART.

Gênero **ITATIAINCOLA** Soares e Soares.

Itatiaincola Soares e Soares, 1948, Com. Zool. Mus. Montevideo, 2 (47): 3, 12.

Cômodo ocular inermes, próximo da borda anterior do cefalotórax. Escudo dorsal

sem sulcos transversais visíveis. Áreas I a V com dois pequeninos tubérculos. Tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 3 segmentos, os outros de 5.

GENÓTIPO: *Itatiaincola nanus* Soares et Soares, 1948, por designação original.

Itatiaincola nanus Soares et Soares.

Itatiaincola nanus Soares e Soares, 1948, Com. Zool. Mus. Montevideo, 2 (47): 3, 12, fig. 10.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Itatiaia).

HOLÓTIPO ♀, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero **JUTICUS** Roewer.

Juticus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 26.

TIPO: *Juticus furcidens* Roewer, 1943, po monotopia.

Cômodo ocular inermes. Área III com duas elevações rombas. As outras áreas, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Juticus furcidens Roewer.

Juticus furcidens Roewer, 1943 Senckenbergiana, 26 (1—3): 26, est. 2, fig. 18.

HABITAT: Brasil (São Paulo).

TIPOS: 3 ♂♂ e 2 ♀♀, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 1376/69.

Gênero **LIOGYNDULUS** Mello-Leitão.

Liogyndulus Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 131, 140, 446, 474; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98.

TIPO: *Liogyndulus luteifemur* Mello-Leitão, 1932, por designação original.

Cômodo ocular inermes, sem tubérculos ou espinhos. Área I do escudo dorsal dividida. Todas as áreas do escudo dorsal, tergitos livres e placa anal dorsal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Liogyndulus bispinifrons Roewer.

Liogyndulus bispinifrons Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 20 est. 1, fig. 8.

HABITAT: Brasil (Itapocu).

TIPO: ♀, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 5330/88.

Liogyndulus luteifemur Mello-Leitão.

Liogyndulus luteifemur Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 140, 475; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 378.

HABITAT: Brasil — Itatiaia.

TIPOS: 2 ♂♂, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (material seco, de exposição).

Gênero **LUEDERWALDTIA** Mello-Leitão.

Luederwaldtia Mello-Leitão, 1922, Rev. Mus. Paul., 13: 518; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 13 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 183, 218; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 133, 166; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99.

Paraluederwaldtia Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2): 15; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 184, 227; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 133, 163; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99.

TIPO: *Luederwaldtia serripes* Mello-Leitão, 1922, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I, II, IV e V, tergitos livres e placa anal dorsal inermes, área III com dois espinhos ou tubérculos. Área I dividida. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de 6 ou mais de 6.

Luederwaldtia bituberculata (Mello-Leitão).

Neopucroliia bituberculata Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9: 329; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 116, fig. 4.

Paraluederwaldtia bituberculata, Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2): 15 (*Iso-pucroliia bituberculata* err.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 227, fig. 19; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 163, fig. 86; Soa-

res, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (18): 286; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 381.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Alto da Serra), Itatiaia.

TIPO: ♀, não encontrada no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, onde estaria depositada, segundo a diagnose original (Museu Paulista). As duas fêmeas, n.º 1.404, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, que correspondem aos caracteres do gênero e da espécie, devem, pois, ser consideradas como NEÓTIPOS, uma vez que o tipo está perdido.

Luederwaldtia serripes Mello-Leitão.

Luederwaldtia serripes Mello-Leitão, 1922, Rev. Mus. Paul., 13: 519; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 218; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 166; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 520.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Ilha dos Alcatrazes).

TIPO: ♂, n.º 550, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero **LYCOMEDICUS** Roewer.

Lycomedes Soerensen, 1902, nec *Lycomedes* Brême, 1844, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammlr. (Gonyleptiden), p. 17 (Sep.); Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 13, 126; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 21 (Sep.).

Lycomedicus Roewer, 1923, W.: 397, 442; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 187, 213; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 136, 216; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 101; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 624; Roewer, 1943, Sanckenbergiana, 26 (1—3): 28 (= *Lycomedius* Strand, 1942).

Lycomedius Strand, 1942, Folia Zool. Hydrabiol., 11 (2): 397.

TIPO: *Gonyleptes asperatus* Gervais, 1847.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I dividida. Áreas I, II, IV e V do escudo abdominal com dois tubérculos, área III com dois espinhos. Tergito livre I com dois tubérculos, II e III com dois espinhos. Opérculo anal inerte. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Lycomedicus asperatus (Gervais).

Gonyleptes asperatus Gervais, 1847, in Walckenaer, Ins. Apt., 4: 577; Gervais, 1849, in Gay, Hist. Chile, 4: 26, pr. 1, fig. 9; Butler, 1873, Ann. Nat. Hist., ser. 4, 11: 113.

Gonyleptes polyacanthoides Gervais, 1847, in Walckenaer, Inst. Apt., 4: 577.

Gonyleptes subsimilis Gervais, 1849, in Gay, Hist. Chile, 4: 25, pr. 1, fig. 8; Butler, 1873, Ann. Nat. Hist., ser. 4, 11: 114.

Discocyrtus calcitrosus Loman, 1899, Zool. Jahrb. Suppl. 4, 2: 7, pr. 1, fig. 5 a, b.

Lycomedes asperatus, Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammlr. (Gonyl.), 6: 16-19; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 127, fig. 57.

Lycomedes calcitrosus Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammlr. (Gonyld.), 6: 16-19.

Sadocus (?) *subsimilis*, Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammlr. (Gonyl.), 6: 16-19.

Lycomedicus asperatus, Roewer, 1923, W.: 442, fig. 556; Roewer, 1925, Boll. Mus. Zool. Anat. Comp. Torino, n. s., 40 (34): 17 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 213; Mello-Leitão, 1931, An. Acad. Bras. Cien., 3 (2): 84; Roewer, 1938, Arkiv för Zoologi, Stockholm, 30B (10): 6; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 624.

HABITAT: Chile (Puerto Montt, Concepcion, Valdivia, Corral, Cordilheira — Traiguén, Valparaiso, Santiago, Akonkagua, Temuco, Coipuc — Villa Rica); Argentina (Prov. Buenos Aires).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Paris (material estudado por GERVAIS). No Museu de Berlim há um macho [tipo de *Lycomedicus calcitrosus* (Loman)]; no Museu de Hamburgo há machos e fêmeas estudadas por LOMAN.

Lycomedicus bicornis (Gervais).

Gonyleptes bicornis Gervais, 1849, in Gay, Hist. Chile, 4: 21, pr. 1, fig. 4, 4 a, 4 b; Butler, 1873, Ann. Nat. Hist., ser. 4, 11: 114.

Lycomedes bicornis, Soerensen, 1902, Ergem. Hamburg. Magalh. Sammlr. (Gonyl.), p. 20 (Sep.); Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 136, fig. 62.

Lycomedicus bicornis, Roewer, 1923, W.: 445, fig. 561.

HABITAT: Chile.

TIPO: perdido.

Lycomedicus brasiliensis Soares e Soares.

Lycomedicus brasiliensis Soares e Soares, 1949, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 9 (4): 52 (figs. 6, 7, 8).

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Banhado — Piraquara).

TIPOS: ♂ e ♀, na coleção GOFFERJÉ.

Lycomedicus calcar (Roewer).

Lycomedes calcar Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 127, 132, fig. 59.

Lycomedicus calcar, Roewer, 1923, W.: 442, 444, fig. 558.

HABITAT: Chile (Concepcion).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Lycomedicus funestus (Butler).

Golyleptes funestus Butler, 1876, J. Linn. Soc., 12: 153, pr. 8, fig. 5.

Discocyrtus funestus, Loman, 1899, Zool. Jahrb. Suppl. 4, 2: 6.

Lycomedes funestus, Scerensen, 1902, Ergebn. Harburg. Magalh. Sammlr. (Gonyl.), p. 20 (Sep.); Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 127, 130, fig. 58.

Lycomedicus funestus, Roewer, 1923, W.: 442, 443, fig. 557; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 214.

HABITAT: Chile (Corral, Valdivia, Santiago); Equador (Riobamba).

TIPO: ♂, no Museu Britânico.

Lycomedicus planiceps (Guérin).

Gonyleptes planiceps Guérin-Méneville, 1830-38, Iconogr. Règne An., 3: 13; Gervais, 1842, Mag. Zool. Arachn., pr. 2; Gervais, 1844, in Walckenaer, Ins. Apt., 3: 105; Gervais, 1849, in Gay, Hist. Chile, 4: 24, pr. 1, fig. 10; Butler, 1873, Ann. Nat. Hist., ser. 4, 11: 113.

Lycomedes (?) *planiceps*, Soerensen, 1902, Ergebn. Harburg. Magalh. Sammlr. (Gonyl.), p. 21 (Sep.).

Pachylus planiceps, Simon, 1884, Miss. Cap. Horn. Arach., p. 25 (Sep.).

Lycomedes planiceps, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 127, 134, fig. 60, 61.

Lycomedicus planiceps, Roewer, 1923, W.: 442, 445, fig. 559, 560.

HABITAT: Chile (Estreito de Magalhães), Ilha Hoste.

TIPO: ♂, no Museu de Paris.

Gênero **LYOPACHYLUS** Mello-Leitão. (1)

Lyopachylus Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 128 (apenas citação); Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 21, 50 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 187, 256; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 134, 187; H. Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (9): 229 (= *Paranaicola* Soares, 1943).

TIPO: *Lyopachylus mitobatoides* Mello-Leitão, 1926, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I dividida. Áreas I, II, IV e V do escudo dorsal inermes, área III com dois espinhos. Tergitos livres I, II e III com dois espinhos. Placa anal dorsal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Liopachylus canalsi H. Soares.

Liopachylus canalsi H. Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (9): 211, 227, fig. 12; Soares et Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (8): 102, 107, fig. 1.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Banhado — Piraguara).

TIPO: ♀, no Museu Paranaense. ALÓTIPO ♂, na coleção GERT HATSCHBACH.

Lyopachylus mitobatoides Mello-Leitão. (1)

Lyopachylus mitobatoides Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 128, 185 (apenas citação); Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 51 (Sep.); Mello-Leitão, 1927, Rev. Mus. Paul., 15: 401; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2):

(1) Tanto o gênero *Lyopachylus* como o seu genótipo, *Lyopachylus mitobatoides*, foram citados em 1923, mas só em 1926 é que foram descritos. Logo, 1926 é a data que deve prevalecer.

256; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 187; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 378.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina.

TIPO: ♀, n.º 1.396, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **MEGAPACHYLUS** Roewer.

Megapachylus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 13, 123; Roewer, 1923, W.: 397, 441; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 128; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 20 (Sep.); Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40: 335; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 187, 213; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 136, 211; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

TIPO: *Megapachylus grandis* Roewer, 1913, por monotipia.

Cômodo ocular com duas elevações. Área I dividida. Áreas I, II e III do escudo dorsal com dois tubérculos, IV inerte, V e tergitos livres I, II e III com um tubérculo mediano. Placa anal dorsal inerte. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Megapachylus grandis Roewer.

Megapachylus grandis Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 124, fig. 56; Roewer, 1923, W.: 441, fig. 555; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 128, 185; Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40: 335; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 213; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 211, fig. 127; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 521.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo, Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis, Teresópolis).

TIPOS: ♂♂, na coleção ROEWER e no Museu de Hamburgo.

Gênero **MANGARATIBA** Mello-Leitão.

Mangaratiba Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 2.

TIPO: *Mangaratiba monstrosa* Mello-Leitão, 1940, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I dividida. Todas as áreas do escudo dorsal, tergitos livres I e II e placa anal dorsal inertes, tergito livre III com um espinho. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Mangaratiba monstrosa Mello-Leitão.

Mangaratiba monstrosa Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 2, fig. 2, 3; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 379.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Mangaratiba).

TIPOS: n.º 90, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **MELLOLEITAOËLLA** Strand.

Canestrinia Mello-Leitão, 1931 (nec *Canestrinia* Berlese, 1881), An. Acad. Bras. Cien., 3 (2): 89.

Melloleिताoëlla Strand, 1932, Folia Zool. Hydrobiol., 4: 135; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 622.

Melloinio Thor, 1933, Zool. Anz., 103: 224.

TIPO: *Canestrinia canalsi* Mello-Leitão, 1931, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área III do escudo abdominal com um tubérculo mediano, menor na fêmea, levemente bifido no macho, áreas I, II, IV e V, tergitos livres e opérculo anal inertes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, os outros de 6.

Melloleिताoëlla canalsi (Mello-Leitão).

Canestrinia canalsi Mello-Leitão, 1931, An. Acad. Bras. Cien., 3 (2): 84, 89.

Melloleिताoëlla canalsi, Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 622; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 379.

HABITAT: Argentina (Buenos Aires).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 1.403, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **METABALTA** Roewer.

Metabalta Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 12, 60; Roewer, 1923, W.: 397, 416; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 17 (Sep.); Roewer 1929, Abh.

Nat. Ver. Brem., 27 (2): 185, 191; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 136; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 101; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 624.

TIPO: *Metabalta tuberculata* Roewer, 1913, por designação original.

Cômodo ocular com dois pequenos espinhos. Área I dividida. Áreas I a V do escudo dorsal e tergitos livres I a III com um par de tubérculos. Opérculo anal inerte. Fêmur dos palpos inerte. Tarsos I, III e IV de 6 segmentos, II de mais de 6.

***Metabalta albipes* Mello-Leitão.**

Metabalta albipes Mello-Leitão, 1931, An. Acad. Bras. Cien., 3 (2): 84, 91; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 624.

HABITAT: Argentina (Buenos Aires).

TIPO: ♂, n.º 27.049, no Museu Bernardino Rivadavia.

***Metabalta efformata* Roewer.**

Metabalia efformata Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 191, 193, fig. 3.

HABITAT: Chile (Sierra de Chillan).

TIPOS: 2 ♂♂, n.º 953/33, na coleção ROEWER.

***Metabalta geniculata* Roewer.**

Metabalta geniculata Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 191, fig. 2.

HABITAT: Chile (Valparaiso).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 951/32, na coleção ROEWER.

***Metabalta hostilis* Roewer.**

Metabalta hostilis Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 61, 63, fig. 29; Roewer, 1923, W.: 416, 417, fig. 519; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 191.

HABITAT: Chile (Concepcion, Magalhães).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

***Metabalta porteri* Mello-Leitão.**

Metabalta porteri Mello-Leitão, 1936, Rev. Chil. Hist. Nat., año 40 (1936): 113, pr. 10; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 379.

HABITAT: Chile (Constitución).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 50.221, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

***Metabalta tuberculata* Roewer.**

Metabalta tuberculata Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 61, fig. 27, 28; Roewer, 1923, W.: 416, fig. 517, 518; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 191.

HABITAT: Chile (Constitución).

TIPOS: 2 ♂♂ e 1 ♀, na coleção ROEWER.

Gênero METADISCOCYRTUS Roewer.

Metadiscocyrtus Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 187, 258; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 135, 198; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

TIPO: *Discocyrtus fornicatus* Soerensen, 1884, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I dividida. Área I com dois tubérculos, III com dois espinhos, II, IV e V, tergitos livres e opérculo anal inerte. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

***Metadiscocyrtus fornicatus* (Soerensen).**

Discocyrtus fornicatus Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 3, 14: 633; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 100, 119; Roewer, 1923, W.: 413, 438; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 125, 185.

Metadiscocyrtus fornicatus, Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 259; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 198; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 379.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis).

TIPO: ♀, no Museu de Copenhagen.

Gênero **METAGRAPHINOTUS** Mello-Leitão.

Metagraphinotus Mello-Leitão, 1927, Rev. Mus. Paul., 15: 411; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 185, 235; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 133, 153, 447; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99.

Jacarepaguana Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 447, 451, 475; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99.

TIPO *Metagraphinotus catharinensis* Mello-Leitão, 1927, por monotipia.

Cômoro ocular um espinho mediano. Área I dividida. Áreas I, II, IV e V do escudo dorsal, tergitos livres e placa anal dorsal inermes, área III com alto espinho mediano. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5 ou 6 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Metagraphinotus arlei Mello-Leitão.

Metagraphinotus arlei Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 12, fig. 4, 4 a; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 379.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Gávea).

TIPO: ♂, n.º 41.569, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Metagraphinotus berlae (Mello-Leitão).

Jacarepaguana berlae Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 451, fig. 11; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (17): 196, 201, fig. 4; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 378.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Jacarepaguá, Grajaú).

TIPO: ♂, n.º 1.395, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. ALÓTIPO ♀, n.º 21583, na coleção OTTO SCHUBART.

Metagraphinotus catharinensis Mello-Leitão.

Metagraphinotus catharinensis Mello-Leitão, 1927, Rev. Mus. Paul., 15: 412; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 235, fig. 23; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 154; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 379.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina (Blumenau).

TIPO: ♀, n.º 1401, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. PARÁTIPO ♀, n.º 945/29, na coleção ROEWER.

Metagraphinotus pectinifemur (Piza).

Jacarepaguana pectinifemur Piza, 1943, Rev. Brasil. Biol., 3 (2): 255, fig. 1; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (17): 196, 201; Soares, 1945, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s., 7 (3-4): 11, 12, fig. 2; Soares et Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (24): 224.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Pirassununga; Porto Ferreira — Matas de Procópio; Emas — município de Pirassununga).

TIPO: ♂, na coleção PIZA. ALÓTIPO ♀, n.º 2.826, na coleção OTTO SCHUBART.

Metagraphinotus sooretamae Soares et Soares.

Metagraphinotus sooretamae Soares et Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (15): 206, fig. 10.

HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Refúgio Sooretama — município de Linhares).

TIPO: ♂, n.º 2.936, na coleção OTTO SCHUBART.

Metagraphinotus trochanterspinosus Soares et Soares.

Metagraphinotus trochanterspinosus Soares et Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18): 212 (*nomen nudum*).

Metagraphinotus trochanterspinosus Soares et Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (21): 251, 256, figs. 6 e 7.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Banhado e Florestal).

TIPO: ♂, na coleção GOFFERJÉ.

Gênero **METAGYNDES** Roewer.

Metagyndes Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 11, 18; Roewer, 1923, W.: 399; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 13 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 182, 188; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 134, 185; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 623; Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1-3): 17 (=

Soerensenopilio Strand, 1942).

Metagyndoides Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33: 121; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99.

Soerensenopilio Strand, 1942, Folia Zool. Hydrabiol., 11 (2): 396.

TIPO: *Pachylus martensii* Soerensen, 1902, por designação original.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Áreas I e II do escudo abdominal inermes; área III com dois tubérculos ou espinhos; área IV inermes; área V e tergito livre I inermes; tergitos livres II e III com um espinho mediano. Placa anal dorsal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de 6 ou mais de 6.

Metagyndes chilensis Roewer.

Metagyndes chilensis Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 17, est. 1, fig. 4.

HABITAT: Chile (Cerro Cristobal).

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 5.384/93.

Metagyndes granulata (Mello-Leitão).

Metagyndoides granulatus Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33: 121, fig. 14A;

Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 101; Soares, 1945, Arq. Zool.

Est. São Paulo, 4 (9): 379.

HABITAT: Brasil (Itatiaia).

TIPO: ♂, n.º 18.209 ou 26.915, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Metagyndes innata Roewer.

Metagyndes innata Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 188, 189, fig. 1.

HABITAT: Chile (Rengo).

TIPO: ♂, n.º 950/31, na coleção ROEWER.

Metagyndes intermedia Roewer.

Metagyndes intermedia Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 19, 26, fig. 7; Roewer, 1923, W.: 399, 402, fig. 493; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2):

188; Mello-Leitão, 1936, Rev. Chil. Hist. Nat., año 40: 117.

HABITAT: Chile (Valdivia).

TIPOS: 2 ♂♂, na coleção ROEWER.

Metagyndes laeviscutata Roewer.

Metagyndes laeviscutata Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 17, est. 1, fig. 4.

HABITAT: Chile (Temuco).

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 1.375/68.

Metagyndes longispina Mello-Leitão.

Metagyndes longispina Mello-Leitão, 1936, Rev. Chil. Hist. Nat., año 40: 115, pr.

11; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 379.

HABITAT: Chile (Papudo).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 50.222, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Metagyndes martensii (Soerensen).

Pachylus martensii Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammelr., p. 32

(Sep.).

Metagyndes martensii, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 19, fig. 2, 3; Roewer, 1923, W.: 399, fig. 488, 489; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2):

188; Mello-Leitão, 1936, Rev. Chil. Hist. Nat., año 40: 117; Roewer, 1938, Arkiv

för Zoologi, Stockholm, 30B (10): 6; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 623;

Mello-Leitão, 1943, Rev. Chil. Hist. Nat., 45: 136.

HABITAT: Chile (Lagatovaia, Ivellon? Maullin); Argentina (Patagônia).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Berlim.

Metagyndes pulchella (Loman).

Gyndes pulchella Loman, 1899, Zool. Jahrb. Suppl. 4, 2: 8.

Pachylus pulchellus, Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammelr. (Gonyl.),

p. 34 (Sep.).

Metagyndes pulchella Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 19, 21, fig. 4; Roewer, 1923, W.: 399, 400, fig. 490; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2):

188; Canals, 1934, Estudios Aracnológicos, 5: 6; Mello-Leitão, 1936, Rev. Chil.

Hist. Nat., año 40: 117; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 623.

HABITAT: Chile (Corral, Contulmo, Valparaíso); Argentina (Patagônia, Correntoso, Nahuel, Huapi).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Berlim.

Metagyndes trifidus Mello-Leitão.

Metagyndes trifidus Mello-Leitão, 1943, Rev. Chil. Hist. Nat., 45: 141, fig. 6.

HABITAT: Maullin.

TIPO: ♂, sem indicação do lugar em que foi depositado.

Gênero **METALYCOMEDES** Mello-Leitão. (1)

Metalycomedes Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 21 (Sep.); Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2): 16; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 187, 255; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 134, 189; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

TIPO: *Metalycomedes perditus* Mello-Leitão, 1927, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I dividida. Áreas I, II e IV do escudo dorsal inermes, III com dois tubérculos ou espinhos, V e tergito livre I com dois tubérculos; tergitos livres II e III com dois espinhos. Opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Metalycomedes perditus Mello-Leitão.

Metalycomedes perditus Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2): 16; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 255; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 190.

HABITAT: Brasil.

TIPO: ♂, não encontrado no Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde estaria depositado, segundo a diagnose original.

Metalycomedes secundus Soares e Soares.

Metalycomedes secundus Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18): 212, 220, fig. 7.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Banhado — Piraquara).

TIPO: ♀, na coleção HATSCHBACH.

Gênero **METAPACHYLOIDES** Roewer.

Metapachyloides Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82A (2): 120; Roewer, 1923, W.: 397, 431; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 19 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 188; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 136, 215; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 101.

TIPO: *Metapachyloides rugosus* Roewer, 1916, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I dividida. Áreas I a IV do escudo dorsal com duas elevações, área V e tergitos livres I a III com um espinho mediano. Placa anal dorsal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Metapachyloides almeidai Soares e Soares.

Metapachyloides almeidai Soares e Soares, 1945, livro de homenagem a R. F. d'Almeida, n.º 38: 317, fig. 2.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Batea — município de Itapeçerica).

TIPO: ♂, n.º E 529 c.883, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Metapachyloides rugosus Roewer.

Metapachyloides rugosus Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82A (2): 121, fig. 22; Roewer, 1923, W.: 431, fig. 539; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 215, fig. 128.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Santos).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

(1) O gênero *Metalycomedes* foi apenas citado em 1926, em chave. Só em 1927 foi descrito e teve o seu genótipo designado, sendo, portanto, esta última data que deve acompanhá-lo.

Gênero **METAPACHYLUS** Cambridge.

Metapachylus Cambridge, 1905, Biol. Centr. Amer., Arach., 2: 574; Roewer, 1923, W.: 449.

TIPO: *Metapachylus gracilis* Cambridge, 1905, por designação original.

Cômodo ocular com um espinho levemente curvo para diante. Escudo dorsal com cinco sulcos transversais. Áreas II, III, IV e V com dois pequenos tubérculos ou espinhos, tergitos livres I, II e III, com três pequenos tubérculos ou espinhos, placa anal dorsal com dois pequenos tubérculos ou espinhos. Fêmur dos palpos sem espinho apical interno. Tarsos I e III de 5 segmentos, IV de 6, II de mais de 6.

Metapachylus gracilis Cambridge.

Metapachylus gracilis Cambridge, 1905, Biol. Centr. Amer., Arach., 2: 574, pr. 54, fig. 2, 2 a — d; Roewer, 1923, W.: 449, fig. 565.

HABITAT: México (Teapa).

TIPO: 1 exemplar, na coleção GODMAN & SALVIN.

Gênero **METAPUCROLIA** Roewer.

Metapucrolia Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 11, 33; Roewer, 1923, W.: 396, 405; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 13 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 183; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 135, 195; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99.

TIPO: *Pucrolia armata* Soerensen, 1895, por designação original.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Área I dividida. Áreas I e V inermes, II com dois tubérculos, III com um espinho mediano, IV com dois tubérculos, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Metapucrolia armata (Soerensen).

Pucrolia armata Soerensen, 1895, Boll. Mus. Torino, 10: 4.

Metapucrolia armata, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 33, fig. 10; Roewer, 1923, W.: 406, fig. 498; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 195, fig. 105.

HABITAT: Paraguai (Colônia Risso, Rio Apa, Puerto Bertoni).

TIPO: no Museu de Turim (provavelmente).

Gênero **METEUSARCOIDES** Mello-Leitão.

Metesarcoides Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9: 330; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 119; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 17 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 185, 234; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 134, 184; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99.

TIPO: *Metesarcoides mutilatus* Mello-Leitão, por designação original.

Cômodo ocular com um tubérculo mediano. Área I dividida. Áreas I e II inermes, III com dois tubérculos, IV e V inermes. Tergitos livres I e II inermes, III com altíssimo cone mediano. Placa anal dorsal inermes. Tarsos I de 6 segmentos, IV de 6. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno.

Metesarcoides mutilatus Mello-Leitão.

Metesarcoides mutilatus Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9: 331; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 120, fig. 6; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): fig. 22; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 184; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 380.

HABITAT: Brasil (Itatiaia).

TIPO: ♀. n.º 1.440, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **METEUSARCUS** Roewer.

Mcteusarcus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 12, 74; Roewer, 1923, W.: 397, 420; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 123; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 18 (Sep.); Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 134, 185; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99.

TIPO: *Mcteusarcus armatus* Roewer, 1913, por monotípia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I dividida. Áreas I, II, IV e V, tergitos livres I e III e opérculo anal inermes; área III com dois tubérculos e tergito livre II

com um espinho mediano. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I, III e IV de 6 segmentos, II de mais de 6.

Meteusarcus armatus Roewer.

Meteusarcus armatus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 74, fig. 33; Roewer, 1923, W.: 420, fig. 524; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 123, 184; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 185, fig. 118.

HABITAT: Brasil (São Paulo).

TIPOS: 2 ♀♀, na coleção ROEWER.

Gênero **NEMORIBALTA** Mello-Leitão

Nemoribalta Mello-Leitão, 1941, Rev. Brasil. Biol., 1 (4): 438.

TIPO: *Nemoribalta plana* Mello-Leitão, 1941, por designação original.

Cômodo ocular com dois pequenos espinhos. Áreas I a V do escudo dorsal e tergitos livres com dois tubérculos. Fêmur dos palpos com espinhos ventrais, mas sem espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Nemoribalta plana Mello-Leitão.

Nemoribalta plana Mello-Leitão, 1941, Rev. Brasil. Biol., 1 (4): 438.

HABITAT: Brasil, Estado do Pará (Serra do Ererê).

TIPOS: ♂ e ♀, sem indicação do lugar em que estão depositados.

Gênero **NEOPACHYLOIDES** Roewer.

Neopachyloides Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 13, 84; Roewer, 1923, W.: 397, 424; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 19 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 187; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 135, 209; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

TIPO: *Neopachyloides spinipes* Roewer, 1913, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I dividida. Áreas I, II e III do escudo dorsal com dois tubérculos, IV e V, tergitos livres I e II inermes, tergito livre III com forte espinho. Fêmur dos palpos inerte. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Neopachyloides spinipes Roewer.

Neopachyloides spinipes Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 84, fig. 37; Roewer, 1923, W.: 424, fig. 528.

HABITAT: Equador (Riobamba).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Gênero **NEOPACHYLUS** Roewer.

Neopachylus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 12, 58; Roewer, 1923, W.: 397, 414; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 119, 183; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 17 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 185; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 134, 192; Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2): 135; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

TIPO: *Neopachylus bellicosus* Roewer, 1913, por monotipia.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Área I dividida. Áreas I, II e V inermes, III e IV com dois tubérculos. Tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I, III e IV de 6 segmentos, II de mais de 6.

Neopachylus bellicosus Roewer.

Neopachylus bellicosus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (A): 58, fig. 25, 26; Roewer, 1923, W.: 414, 415, fig. 514, 515; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 119, 184; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 192, fig. 106; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18): 224.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio Grande do Sul (Porto Alegre), Rio Pardo, Santa Cruz.

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Hamburgo.

Neopachylus herteli Soares e Soares.

Neopachylus herteli Soares e Soares, 1945, Rev. de Agric., Piracicaba, 20 (9—12): 368, 373, fig. 4 e 4A; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18): 224.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Vila Velha).

TIPO: ♂, no Museu Paranaense. Parátipo ♂, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo (n.º E.641 C.941).

Neopachylus imaguirei Soares e Soares.

Neopachylus imaguirei Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (5): 66, 80, fig. 13; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18): 212, 221, 224, fig. 8.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná — Banhado (Piraquara) e Florestal (Piraquara).

TIPO: ♂, na coleção GOFFERJÉ. ALÓTIPO ♀, na coleção HATSCHBACH.

Neopachylus mamillosus Roewer.

Neopachylus mamillosus Roewer, 1915, Arach. Naturg., 81A (3): 99, fig. 54; Roewer, 1923, W.: 414, 415, fig. 516; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 119, 184; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 192, 193, fig. 107; Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2): 135; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 380; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18): 224.

HABITAT: Brasil (Tijucu Preto, Rio Negro), Estado do Paraná (Cachoeirinha).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Neopachylus serrinha Soares e Soares.

Neopachylus serrinha Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18): 213, 222, 224, figs. 9 e 10.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná — Serrinha (Lapa).

TIPO: ♂, na coleção HATSCHBACH. PARÁTIPOS (2 ♂♂), no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero **NESOPACHYLUS** Chamberlin.

Nesopachylus Chamberlin, 1925, Bull. Mus. Comp. Zool., Cambridge, 67 (4): 234; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 184, 228; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 132, 148; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98 (*Neopachylus* err.); Goodnight et Goodnight, 1942, Amer. Mus. Nov., 1.198: 13.

Ampycella Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 184, 229; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 132, 148; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98.

TIPO: *Nesopachylus monoceros* Chamberlin, 1925, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos ou tubérculos. Área I dividida. Todas as áreas do escudo dorsal inermes. Tergito livre I inermes, II com um espinho mediano, III com um tubérculo ou espinho. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Nesopachylus monoceros Chamberlin.

Nesopachylus monoceros Chamberlin, 1925, Bull. Mus. Comp. Zool., Cambridge, 67 (4): 244; Roewer, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 228; Goodnight et Goodnight, 1942, Amer. Mus. Nov., 1.198: 13, fig. 27; Goodnight e Goodnight, 1947, Amer. Mus. Nov., 1.340: 15.

HABITAT: Ilha Barro Colorado; Juan Mina — Canal Zone.

TIPOS: 3 ♂♂, no Mus. Comp. Zool. Cambridge, n.º 1.343.

Nesopachylus spiniventris (Roewer).

Ampycella spiniventris Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 229, fig. 20.

HABITAT: Equador (S. Elena).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 989/47, na coleção ROEWER.

Gênero **NUNDUAVIUS** Mello-Leitão

Nunduavius Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4): 10 (Sep.).

TIPO: *Nunduavius nebulosus* Mello-Leitão, 1936, por designação original.

Cômodo ocular com alto espinho mediano. Áreas I a IV do escudo dorsal com dois tubérculos. Área V, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Nunduavius nebulosus Mello-Leitão.

Nunduavius nebulosus Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4): 11, fig. 8 (Sep.); Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8): 193; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 380.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Cachoeira).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 42.276, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero OGLOBINIA Canals.

Oglobinia Canals, 1933, Estudios Aracnológicos, 1: 3; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99 (*Oglobinius* err.); Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11: 281; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 623; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15): 178.

TIPO: *Oglobinia loretoensis* Canals, 1933, por monotipia.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Área I dividida. Áreas I, II, IV e V e tergitos livres I e II inermes. Área III com dois espinhos medianos e tergito livre III com um espinho mediano. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Oglobinia dentei Soares.

Oglobinia dentei Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (13): 108, 114, fig. 6, 7.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Porto Cabral).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º E.595 C.799, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Oglobinia intermedia Soares.

Oglobinia intermedia Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (16): 222, 231, fig. 6, 7; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (18): 286; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (17): 196, 201; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 521.

Prosamphycus argenteopilosus Soares, 1942, nec Mello-Leitão, 1935, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 2 (1): 2; Soares, 1944, nec Mello-Leitão, 1935, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (12): 177.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Boracéia, Município de Salesópolis; Alto da Serra; Serra Piraquara — Município de Itanhaem).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º E.523 C.434, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Oglobinia loretoensis Canals.

Oglobinia loretoensis Canals, 1933, Estudios Aracnológicos, 1: 4, fig. 1; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 623.

HABITAT: Argentina, Loreto, Gob. Misiones (Selva).

TIPO: ♂, no Museu Argentino de Ciências Naturais "Bernardino Rivadavia". PARÁ-TIPO: ♂, jovem, na coleção CANALS.

Gênero OLIVERIUS Soares et Soares.

Oliverius Soares et Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (27): 263.

TIPO: *Oliverius jordanensis* Soares et Soares, 1945, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I dividida. Áreas I a V com um par de tubérculos, porém na fêmea a área III apresenta em vez de tubérculos um par de espinhos rombos. Tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Oliverius jordanensis Soares e Soares.

Oliverius jordanensis Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (27): 253, 263, fig. 9, 10.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Campos do Jordão).

HOLÓTIPO ♂ e ALÓTIPO ♀, n.º E.622 C.821, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero OXYRHINA Soares.

Oxyrhina Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (12): 181.

TIPO: *Oxyrhina zoppi* Soares, 1944, por designação original.

Cômodo ocular provido de robustíssimo espinho pontudo dirigido para diante. Área

I dividida. Áreas I, II, IV e V do escudo dorsal inermes, III com dois tubérculos. Tergito livre I inermes, II e III inermes no macho e com pequenino tubérculo mediano na fêmea. Opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Oxyrhina zoppei Soares.

Oxyrhina zoppei Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (12): 177, 181, fig. 2; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (16): 222, 230, fig. 5; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (18): 286; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 522; Piza, 1946, Anais Esc. Sup. Agr. "Luiz de Queiroz", 3: 367.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Boracéia — município de Salesópolis; Alto da Sera).

HOLÓTIPO ♀, n.º E.364 C.191, e ALÓTIPO ♂, n.º E.523 C.436, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero **PACHYLOMETOIDES** Mello-Leitão.

Pachylometoides Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4): 24 (Sep.).

TIPO: *Pachylometoides pugnax* Mello-Leitão, 1936, por designação original.

Cômoro ocular com dois espinhos. Áreas I a IV do escudo dorsal com dois tubérculos; área V e tergitos livres com um tubérculo mediano; opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Pachylometoides pugnax Mello-Leitão.

Pachylometoides pugnax Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4): 25, fig. 20 (Sep.); Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 381.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis).

TIPO: ♂, n.º 42.254, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **PACHYLOIDES** Holmberg.

Pachyloides Holmberg, 1878, Natural. Argent., 1: 72; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 13, 90; Roewer, 1923, W.: 397, 426; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 124, 185; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 20 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 186, 201; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., (2.ª pte.): 132, 142, 448; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98; Mello-Leitão, 1937, Mem. inst. But., 11: 279, 280; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 621; Canals, 1943, Notas del Museo de La Plata, Zool., 8 (63): 14.

Planiphalangodus Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 188, 264; Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 122, 123; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 132, 141; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98.

TIPO: *Pachyloides thorelli* Holmberg, 1878.

Cômoro ocular com dois espinhos. Área I dividida. Todas as áreas do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 ou mais de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Pachyloides armatus Roewer.

Pachyloides armatus Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82A (2): 117, fig. 20; Roewer, 1923, W.: 426, 429, fig. 536; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 143 (fig. 70), 448; Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11: 280.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Santos).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Pachyloides bellicosus Roewer.

Pachyloides bellicosus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 91, 94, fig. 42, 43; Müller, 1918, Zool. Anz. 49: 94; Roewer, 1923, W.: 426, 428, fig. 533, 534; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 124, 185; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 201; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 143, 145, 448; Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11: 280; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 621; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 380.

HABITAT: Brasil (São Paulo; Santa Cruz; Rio Grande do Sul — Porto Alegre, Pelotas, Pedras Altas; Rio de Janeiro); Paraguai (San Bernardino, Montevideo); Uruguai (Montevideo); Patagônia; Argentina (Prov. Buenos Aires).

TIPOS: ♂ e ♀, na coleção ROEWER. PARÁTIPO ♂, no Museu de Hamburgo.

Pachyloides calcartibialis Roewer.

Pachyloides calcartibialis Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82A (2): 119, fig. 21; Roewer, 1923, W.: 426, 429, fig. 537; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 143, 144 (fig. 71), 448; Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11: 280.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Santos).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Pachyloides delicatus Mello-Leitão.

Pachyloides delicatus Mello-Leitão, 1931, An. Acad. Cien., 3 (2): 83, 90; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 621.

HABITAT: Patagônia (Puerto Madryn — Chubut).

TIPO: ♂, n.º 11.255, no Museu Bernardino Rivadavia.

Pachyloides fallax Mello-Leitão.

Pachyloides fallax Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 448, fig. 8, 9; Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11: 280; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15): 174 (= *Discocyrtus monstrosus* Mello-Leitão, 1940); Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 380.

Discocyrtus monstrosus Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 8, fig. 10.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio Grande do Sul (São Francisco de Paula); Estado do Rio de Janeiro (Jacarepaguá).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 58.397, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. O tipo de *Discocyrtus monstrosus* Mello-Leitão, 1940, não foi encontrado no Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde estaria depositado sob n.º 58.327, segundo a diagnose original.

Pachyloides fischeri Müller.

Pachyloides fischeri Müller, 1918, Zool. Anz., 49: 91, fig. 1; Roewer, 1923, W.: 430, fig. 538; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 143; Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11: 280.

HABITAT: Paraguai (San Bernardino).

TIPO: ♂, no Museu de Frankfurt a. M.

Pachyloides iheringi Roewer.

Pachyloides iheringi Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 91, 97, fig. 44; Müller, 1918, Zool. Anz., 49: 93; Roewer, 1923, W.: 426, 428, fig. 535; Mello-Leitão, 1923 (pars), Arq. Mus. Nac., 24: 124, 185; Mello-Leitão, 1931, An. Acad. Bras. Cien., 3 (2): 83; Mello-Leitão, 1932 (pars), Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 143, 145, fig. 74; Mello-Leitão, 1939 (pars), Physis, 17: 621; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 380.

HABITAT: Argentina (Buenos Aires); Uruguai (Montevideo).

TIPOS: 2 ♀♀, no Museu de Berlim.

Pachyloides orientalis Roewer.

Pachyloides orientalis Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 91, 93, fig. 41; Müller, 1918, Zool. Anz., 49: 94; fig. 2; Roewer, 1923, W.: 426, 427, fig. 532; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 143, 146, fig. 75; Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11: 280.

HABITAT: Uruguai (Montevideo); Brasil (Rio Grande do Sul).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Berlim.

Pachyloides robustus (Roewer).

Planiphalangodus robustus Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 264, fig. 36; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 141.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina.

TIPO: ♀, n.º 1.002/59, na coleção ROEWER.

Pachyloides spinosus (Canestrini).

Pachylus spinosus Canestrini, 1887, Atti Soc. Veneto-Trent., 11: 108, pr. 9, fig. 1. *Pachyloides spinosus*, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 98; Roewer, 1923, W.: 431; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 621.

HABITAT: Argentina (Chaco).

TIPO: ♀, sem indicação do lugar em que foi depositada.

Pachyloides taurus Mello-Leitão.

Pachyloides taurus Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11: 279 (fig. 3), 281; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25): 240.
 HABITAT: Brasil, Estado do Rio Grande do Sul (Santa Maria).
 TIPOS: ♂ e 3 ♀♀, na coleção do Instituto Butantã, n.º 78.

Pachyloides thorelli Holmberg.

Pachyloides thorelli Holmberg, 1878, Natural. Argent., 1: 72; Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 3, 14: 634; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 91, fig. 39, 40; Müller, 1918, Zool. Anz., 49: 93; Roewer, 1923, W.: 426, fig. 530, 531; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 201; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 143, 144, fig. 72; Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11: 280; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 621; Canals, 1943, Notas del Museo de La Plata, Zool., 8 (63): 16, fig. 7 c, d.
 HABITAT: Argentina (Buenos Aires, Cala, Salta); Uruguay (Montevideo); Brasil.
 TIPOS: ♂ e ♀, sem indicação do lugar em que foram depositados.

Pachyloides tuberculatus Müller.

Pachyloides tuberculatus Müller, 1918, Zool. Anz., 49: 92; Roewer, 1923, W.: 430; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 143; Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11: 280.
 HABITAT: Paraguay (San Bernardino).
 TIPO: ♀, no Museu de Frankfurt a. M.

Pachyloides tucumanus Canals.

Pachyloides tucumanus Canals, 1943, Notas del Museo de La Plata, Zool., 8 (63): 14, fig. 6, 7 a, b.
 HABITAT: Argentina (Siambón, Tucumán).
 TIPOS: ♂ e ♀, na coleção CANALS.

Gênero **PACHYLUS** C. L. Koch.

Pachylus C. L. Koch, 1839, Arach., 7: 20; Thorell, 1877, Period. Zool. Argent., 2: 213; Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 3, 14: 639; Loman, 1899, Zool. Jahrb. Suppl. 4, 2: 9; Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammlr. (Gonyleptiden), p. 31 (Sep.); Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 11, 35; Roewer, 1923, W.: 396, 406; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 14 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 183, 190; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 133, 151; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 622; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17): 268 (= *Acanthopachyloides* Piza, 1942); Mello-Leitão, 1949, Bol. Mus. Nac., Zool., 94: 16.

Acanthopachyloides Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4): 387.
 TIPO: *Gonyleptes chilensis* Gray, 1833.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Área I dividida. Áreas I e II inermes, III, IV e V com um par de tubérculos. Tergitos livres I e II com dois tubérculos ou espinhos, tergito livre III e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Pachylus acanthops (Gervais).

Gonyleptes acanthops Gervais, 1849, in Gay, Hist. Chile, 4: 22, pr. 1, fig. 4 (♀); Butler, 1873, Ann. Nat. Hist., ser. 4, 11: 114.
Pachylus acanthops, Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammlr. (Gonyleptiden), p. 35 (Sep.); Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 40, fig. 14; Roewer, 1923, W.: 408, fig. 502.

HABITAT: Chile.

TIPO: não existe mais no Museu de Paris, segundo ROEWER.

Pachylus chilensis (Gray).

Gonyleptes chilensis Gray, 1833, Anim. Kingdom, 13: 20, fig. 2.
Gonyleptes curvipes Guérin-Méneville, 1830-38, Iconogr. Règne An., 3, pr. 4, fig. 5; Gervais, 1844, in Walckenaer, Ins. Apt., 3: 104, pr. 46, fig. 1; Gervais, 1849, in Gay, Hist. Chile, 6: 20, pr. 1, fig. 5, 6; Butler, 1873, Ann. Nat. Hist., ser. 4, 11: 113.

Pachylus granulatus C. L. Koch, 1839, Arach., 7: 20, fig. 548; Thorell, 1877, Period. Zool. Argent., 2: 213.

Pachylus chilensis, Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 3. 14: 639; Loman, 1899, Zool. Jahrb. Suppl. 4, 2: 9; Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammelr. (Gonyl), p. 31 (Sep.); Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 36, fig. 11, 12; Roewer, 1923, W.: 406, fig. 499, 500; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 190; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 622; Mello-Leitão, 1943, Rev. Chil. Hist. Nat., 45: 136; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17): 268 (= *Acanthopachyloides patellaris* Piza, 1942); Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 381; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. S. Paulo, 4 (13): 522.

Acanthopachyloides patellaris Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4): 387, fig. 1.

HABITAT: Chile (Valparaíso, Santiago, Valdivia, Estreito de Magalhães, Temuco, Talca, Vina del Mar, Casablanca, Maullin; Argentina (Buenos Aires, Córdoba, Aconcagua); Uruguay (Montevideo); Pocillos.

TIPO: no Museu Britânico. No Museu de Paris está o material estudado por GUÉRIN e GERVAIS. O material estudado por KOCH está no Museu de Berlim.

***Pachylus paessleri* Roewer.**

Pachylus paessleri Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 36, 38, fig. 13; Roewer, 1923, W.: 406, 407, fig. 501; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 190; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 381.

HABITAT: Chile (Santiago, Casablanca, El Canedo).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Hamburgo.

Gênero **PACHYLUSIUS** Mello-Leitão.

Pachylusius Mello-Leitão, 1949, Bol. Mus. Nac., N. S., 94: 21.

TIPO: *Pachylusius incus* Mello-Leitão, 1949, por designação original.

Cômodo ocular com armação par. Áreas I e II do mesotergo, limbo posterior, tergitos livres e opérculo anal inermes. Área III do mesotergo com dois tubérculos; área IV com um tubérculo mediano. Fêmur dos palpos com espinho apical interno. Tarsis I de seis segmentos, os outros de mais de 6.

***Pachylusius incus* Mello-Leitão.**

Pachylusius incus Mello-Leitão, 1949, Bol. Mus. Nac., N. S., 94: 21.

HABITAT: Itatiaia (2.300 metros).

TIPO: ♀, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **PARABALTA** Roewer.

Parabalta Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 12, 65; Roewer, 1923, W.: 397, 417; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 18 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 185, 194; Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33: 122, 123; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 132, 141, 447; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 621.

Neopucroliella Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2-3): 102; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 447; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 621; Carals, 1943, Notas del Museo de La Plata, Zool., 8 (63): 6, 19 (= *Ergastria* Mello-Leitão, 1941).

Castallanosia Mello-Leitão, 1937, nec *Castallanosia* Kraglievitch, 1932, Rev. Chil. Hist. Nat., año 41: 149.

Ergastria Mello-Leitão, 1941, An. Acad. Bras. Cien., 13 (4): 322.

TIPO: *Gonyleptes reedii* Butler, 1876, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I dividida. Tôdas as áreas do escudo dorsal tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5 ou 6 segmentos, II de mais de 6, III e IV de 6.

***Parabalta borellii* Roewer.**

Parabalta borellii Roewer, 1925, Boll. Mus. Zool. Anat. Comp. Torino, n. s., 40 (34): 16, pr. 6, fig. 13 c — e (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 194, 196, fig. 5 c — e; Mello-Leitão, 1931, An. Acad. Bras. Cien., 3 (2): 84; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 142; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 621.

HABITAT: Argentina (Cala, Salta, Buenos Aires — San Antonio de Areco).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Turim. PARÁTIPO na coleção ROEWER, n.º 236/8.

Parabalta borgmeieri (Mello-Leitão).

Neopucroliella borgmeieri Mello-Leitão, 1923, Rev. Mus. La Plata, 27: 218, fig. 17.

Neopucroliella borgmeieri, Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2—3): 102; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 448; Canals, 1935, Estudios Aracnológicos, 6: 3, fig. 1; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 621; Canals, 1939, Notas del Museo de La Plata, Zool., 4 (18): 144; Canals, 1943, Notas del Museo de La Plata, Zool., 8 (63): 6, 7; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 380.

HABITAT: Argentina (Cordoba — Alta Gracia, El Sauce — Calamuchita).

TIPO: ♂, n.º 1.393, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. PARÁTIPO, na coleção BRUCH. ALÓTIPO ♂, no Museu Argentino de Ciências Naturais “Bernardino Rivadavia”.

Parabalta bruchi (Canals).

Neopucroliella bruchi Canals, 1935, Estudios aracnológicos, 6: 4, fig. 2; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 621; Canals, 1943, Notas del Museo de La Plata, Zool., 8 (63): 7, 14.

HABITAT: Argentina, Prov. La Rioja (Olta).

HOLÓTIPO ♂ e ALÓTIPO ♀, no Museu Argentino de Ciências Naturais “Bernardino Rivadavia”. PARÁTIPO ♂, na coleção CANALS.

Parabalta calamuchitaensis (Canals).

Neopucroliella calamuchitaensis Canals, 1943, Notas del Museo de La Plata, Zool., 8 (63): 6, 7, 10, fig. 10.

HABITAT: Argentina — Córdoba (Calamuchita).

HOLÓTIPO ♂ e ALÓTIPO ♀, no Museu Argentino de Ciências Naturais “Bernardino Rivadavia”. PARÁTIPOS ♂ e ♀, na coleção CANALS.

Parabalta cristobalia (Roewer).

Neopucroliella cristobalia Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 24, est. 2, fig. 14.

HABITAT: Chile (Cerro Cristobal).

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 5383/92.

Parabalta extraordinaria (Canals).

Neopucroliella extraordinaria Canals, 1943, Notas del Museo de La Plata, Zool., 8 (63): 6, 7, fig. 3.

HABITAT: Argentina — Córdoba (Calamuchita e Alta Gracia).

HOLÓTIPO ♂, ALÓTIPO ♀, e PARÁTIPOS ♂ e ♀, no Museu Argentino de Ciências Naturais “Bernardino Rivadavia”. PARÁTIPOS ♂ e ♀, na coleção CANALS.

Parabalta nonoensis (Canals).

Neopucroliella nonoensis Canals, 1943, Notas del Museo de La Plata, Zool., 8 (63): 7, 12, fig. 5.

HABITAT: Argentina — Córdoba (Nono).

HOLÓTIPO ♂ e ALÓTIPO ♀, no Museu de La Plata.

Parabalta reedii (Butler).

Gonyleptes reedii Butler, 1876, J. Linn. Soc., 12: 154, pr. 8, fig. 3, 3 a.

Lycomedes (?) *reedii*, Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammlr. (Gonyl.), p. 21 (Sep.).

Parabalta reedii, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 66, fig. 30; Roewer, 1923, W.: 418, fig. 520; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 194; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 141.

HABITAT: Chile.

TIPO: ♂, no Museu Britânico.

Parabalta sicaria Roewer.

Parabalta sicaria Roewer, 1925, Boll. Mus. Zool. Anat. Comp. Torino, n. s., 40 (34): 15, pr. 5, fig. 12, pr. 6, fig. 13 a, b (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 194, fig. 4, 5 a, b; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 142; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 621.

HABITAT: Bolívia (Caiza); Argentina (San Lorenzo); Brasil (Caldeirão).
TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Turm. PARÁTIPOS na coleção ROEWER, n.º 256/5.

Gênero **PARADISCOCYRTUS** Mello-Leitão.

Paradiscocyrtus Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2): 15; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 186, 246; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 135, 205; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

TIPO: *Paradiscocyrtus neglectus* Mello-Leitão, 1927, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I dividida. Áreas I e II do escudo abdominal com dois tubérculos; área III com dois espinhos ou tubérculos; áreas IV e V, tergitos livres e placa anal dorsal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Paradiscocyrtus cerayanus Roewer.

Paradiscocyrtus cerayanus Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 247, fig. 29; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2-3): 104; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 206.

HABITAT: Brasil (Ceará).

TIPO: ♂, n.º 996/53, na coleção ROEWER.

Paradiscocyrtus neglectus Mello-Leitão.

Paradiscocyrtus neglectus Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2): 15; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 246, 247; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 206.

HABITAT: Brasil (Itatiaia).

TIPO: ♂, sem indicação do lugar em que foi depositado.

Paradiscocyrtus trochanteralis Roewer.

Paradiscocyrtus trochanteralis Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 247, 248, fig. 30; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 206, 207.

HABITAT: Brasil (Mato Grosso).

TIPO: ♂, n.º 997/54, na coleção ROEWER.

Gênero **PARANALEPTES** Soares e Soares.

Paranaleptes Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18): 225.

Cômodo ocular com forte espinho mediano. Áreas I, II, IV e V inermes. Área III com dois fortes espinhos. Tergito livre I inermes. II com dois tubérculos ou espinhos, III com dois espinhos. Opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5 segmentos, os outros de 6.

TIPO: *Paranaleptes xanthoacanthus* Soares et Soares, 1947, por designação original.

Paranaleptes melanoacanthus Soares et Soares.

Paranaleptes melanoacanthus Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18): 213, 225, fig. 11.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná — Banhado (Piraquara).

TIPO: ♀, na coleção HATSCHBACH.

Paranaleptes xanthoacanthus Soares e Soares.

Paranaleptes xanthoacanthus Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18): 213, 226, fig. 12.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná — Banhado (Piraquara).

TIPO: ♀, na coleção HATSCHBACH.

Gênero **PARAPACHYLOIDES** Roewer.

Parapachyloides Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 13, 80; Roewer, 1923, W.: 397, 422; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 123; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 19 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 188; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 132, 146; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 621; Piza, 1942, Rev. Brasil, Biol., 2 (4): 404 (= *Tabatinguera* Mello-Leitão, 1935); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15): 164 (= *Goyazella* Mello-Leitão, 1931 = *Apophysigerus* Canais, 1935); Mello-Leitão, 1949, Bol. Mus. Nac., N. S., Zool., 94: 16.

Tabatinguera Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But. 9: 377; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98.

Goyazella Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33: 119; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98; Canals, 1943, Notas del Museo de La Plata, Zool., 8 (63): 18 (= *Apophysigerus* Canals, 1935); Mello-Leitão, 1949, Bol. Mus. Nac., N. S., Zool., 94: 16 (= *Chaquesia* Soares, 1944).

Apophysigerus Canals, 1935, Estudios Aracnológicos, 6: 8; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 620.

TIPO: *Gonyleptes uncinatus* Soerensen, 1879, por designação original.

Cômodo ocular com dois pequenos tubérculos ou espinhos. Área I dividida. Tôdas as áreas do escudo dorsal inermes. Tergito livre I do macho com robusto espinho mediano, podendo haver de um lado e de outro do espinho mediano um pequeno espinho lateral; na fêmea o tergito livre I possui pequena elevação mediana ou é inermes. Tergitos livres II e III e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos sem espinho apical interno. Tarços I de 5 ou 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Parapachyloides dentipes Roewer.

Parapachyloides dentipes Roewer, Arch. Naturg., 79A (4): 80, 82, fig. 36; Roewer, 1923, W.: 422, 423, fig. 527; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 123, 184; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 146, fig. 124; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15): 164.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Santos).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Parapachyloides armatus (Mello-Leitão).

Goyazella armata Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33: 120, fig. 1.

Tabatinguera insignis Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But. 9: 377, fig. 8, 8 a.

Parapachyloides insignis, Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4): 404.

Parapachyloides uncinatus Soares, 1943, nec Soerensen, 1879, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (13): 206, 210, fig. 2.

Parapachyloides armatus, Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15): 164 [= *Parapachyloides insignis* (Mello-Leitão, 1935)]; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (13): 108; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25): 241; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 381; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 522.

HABITAT: Brasil, Estado de Goiás (Veadeiros, Corumbá — Fazenda Monjolinho), Estado de São Paulo (Tabatinguera, Pôrto Cabral), Estado de Mato Grosso.

TIPO: ♀, n.º 11.373, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (tipo de *Goyazella armata* Mello-Leitão, 1931); ♂, n.º 42.478, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (tipo de *Tabatinguera insignis* Mello-Leitão, 1935); ♂, n.º 53, no Instituto Butantã (parátipo ♂ de *Tabatinguera insignis* Mello-Leitão, 1935); ♂, na Faculdade de Medicina do Estado de São Paulo (parátipo de *Tabatinguera insignis* Mello-Leitão, 1935).

Parapachyloides fontanensis (Canals).

Apophysigerus fontanensis Canals, 1935, Estudios Aracnológicos, 6: 8, fig. 4; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 621.

Goyazella fontanensis Canals, 1943, Notas del Museo de La Plata, Zool., 8 (63): 18.

Parapachyloides fontanensis, Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15): 164.

HABITAT: Argentina (Fontana — Chaco).

TIPO: ♀, no Museu Argentino de Ciências Naturais "Bernardino Rivadavia".

Parapachyloides uncinatus (Soerensen).

Gonyleptes uncinatus Soerensen, 1879, Naturh. Tidsskr., 12: 214.

Pachyloides uncinatus, Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., 14: 636.

Parapachyloides uncinatus, Rocwer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 80, 81, fig. 35; Roewer, 1923, W.: 422, 423, fig. 526; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 146; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 621; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15): 164.

HABITAT: Argentina (Buenos Aires, Entre Rios); Argentina e Paraguay (Monte Rita, Rio Bermejo, Rio Paraguay, La Zanja, Riacho del Oro).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Copenhagen.

Gênero **PARAPACHYLUS** Roewer.

Parapachylus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 10, 29; Roewer, 1923, W.: 396, 404; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 12 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 182; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 132, 147; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98.

TIPO: *Pachyloides glabrio* Loman, 1899, por designação original.

Cômodo ocular inerte. Todas as áreas do escudo dorsal inermes. Área I dividida. Tergitos livres I e III inermes, tergito livre II com um par de espinhos. Placa anal dorsal com um espinho mediano. Fêmur dos palpos inerte. Tarsos I de 5 segmentos, os outros de 6.

Parapachylus bispinifrons Roewer.

Parapachylus bispinifrons Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 32; Roewer, 1923, W.: 404, 405.

HABITAT: Chile (Corral).

TIPO: ♀, na coleção Roewer.

Parapachylus glabrio (Loman).

Pachyloides glabrio Loman, 1899, Zool. Jahrb. Suppl. 4, 2: 9, pr. 1, fig. 8, 2 a.

Pachylus glabrio, Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammlr. (Gonyl.), p. 35 (Sep.).

Parapachylus glabrio, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 30, fig. 9; Roewer, 1923, W.: 404, fig. 497.

HABITAT: Chile (Quilpué, Concepción).

TIPO: ♀, no Museu de Berlim. Na coleção ROEWER há um macho.

Gênero **PARAPHALANGODUS** Roewer.

Paraphalangodus Roewer, 1915, Arch. Naturg., 81A (3): 101; Roewer, 1923, W.: 397, 447; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 19 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 185; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 133, 163; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99.

TIPO: *Paraphalangodus synacanthus* Roewer, 1915, por monotipia.

Cômodo ocular inerte. Área I dividida. Áreas I, II, IV e V do escudo dorsal inermes, área III com dois longos espinhos confluentes no ápice. Tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Paraphalangodus synacanthus Roewer.

Paraphalangodus synacanthus Roewer, 1915, Arch. Naturg., 81A (3): 102, fig. 55; Roewer, 1923, W.: 447, fig. 563.

HABITAT: Colômbia (Paramo del Tolima, 4.600 metros).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Gênero **PARAPROSONTES** Soares e Soares.

Paraprosontes Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (21): 258.

GENÓTIPO: *Paraprosontes inermis* Soares e Soares, 1947.

Cômodo ocular inerte. Todas as áreas do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos armado. Tarsos I de 4 segmentos, II e IV de 6, III de 5.

Paraprosontes inermis Soares e Soares.

Paraprosontes inermis Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (21): 251, 258, fig. 8.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná — Vila Velha (Ponta Grossa).

TIPO: ♂, na coleção GOFFERJÉ.

Gênero **PARAPUCROLIA** Roewer.

Parapucrolia Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82A (2): 109; Roewer, 1923, W.: 396, 404; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 15 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 184, 190; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 135, 195; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 624.

TIPO: *Parapucrolia ocellata* Roewer, 1916, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I dividida. Áreas I e III com dois espinhos,

áreas II, IV e V inermes. Tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos sem espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, III de 6, II e IV de mais de 6.

Parapucroliia ocellata Roewer.

Parapucroliia ocellata Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82A (2): 109, fig. 15; Roewer, 1923, W.: 404, fig. 496; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 190; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 624; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17): 259.

HABITAT: Argentina (Bahia Blanca, Rio Salado, Corrientes).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Gênero **PAREUSARCUS** Roewer.

Pareusarcus Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 185, 236; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 134, 190; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99; Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 28.

TIPO: *Pareusarcus corniculatus* Roewer, 1929, por monotípia.

Cômodo ocular com dois tubérculos, Área I dividida. Áreas I, II e V, tergitos livres e placa dorsal inermes, áreas III e IV com um espinho mediano. Fêmur dos palpos com um espinho interno. Tarsos I, III e IV de 6 segmentos, II de mais de 6.

Pareusarcus corniculatus Roewer.

Pareusarcus coniculatus Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 237, fig. 24; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 190.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio Grande do Sul (Pôrto Alegre).

TIPO: ♂, n.º 922/49, na coleção ROEWER.

Gênero **PETROCCHIA** Mello-Leitão.

Petrocchia Mello-Leitão, 1933, An. Acad. Bras. Cien., 5 (2): 57; Mello-Leitão 1939, Physis, 17: 622.

TIPO: *Petrocchia lesserti* Mello-Leitão, 1933, por designação original.

Cômodo ocular com alto espinho mediano. Áreas I a III do escudo dorsal inermes, área IV com dois espinhos ou tubérculos cônicos, área V com um espinho mediano. Tergitos livres e placa anal dorsal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Petrocchia lesserti Mello-Leitão.

Petrocchia lesserti Mello-Leitão, 1933, An. Acad. Bras. Cien., 5 (2): 57; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 622.

HABITAT: Argentina (Mesiones).

TIPO: ♂, n.º 25.037, no Museu de Buenos Aires.

Gênero **PHALANGODUS** Gervais.

Phalangodus Gervais, 1842, Mag. Zool., p. 3, pr. 4; Gervais, 1844, in Walckenaer, Ins. Apt., 3: 114, pr. 46, fig. 3; Simon, 1879, Ann. Soc. Ent. Belgique, 22: 241; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 12, 137; Roewer, 1923, W.: 397, 446; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 21 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 188; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 134, 194; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99.

Chaveana Canals, 1939, Notas del Museo de La Plata, Zool., 4 (18): 148.

TIPO: *Phalangodus anacosmetus* Gervais, 1842.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I dividida. Áreas I, II e V inermes, área III e IV com dois espinhos ou tubérculos. Tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos sem espinho apical interno. Tarsos I de 5, 6 ou mais de 6 segmentos, II de 6 ou mais de 6, III e IV de mais de 6.

Phalangodus anacosmetus Gervais.

Phalangodus anacosmetus Gervais, 1842, Mag. Zool., p. 3, pr. 4; Gervais, 1844, in Walckenaer, Ins. Apt., 3: 114, pr. 46, fig. 3; Simon, 1879, Ann. Soc. Ent. Belgique, 22: 241; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 138, fig. 63; Roewer, 1923, W.: 446, fig. 562.

HABITAT: Colômbia (Boca del Monte).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Paris.

Phalangodus nahuelhuapiensis (Canals).

Chaveana nahuelhuapiensis Canals, 1939, Notas del Museo de La Plata, Zool., 4 (18): 149, fig. 11.

HABITAT: Argentina, Território Rio Negro, Bahia López (Nahuel Huapi).

TIPO: ♀, no Museu Argentino de Ciências Naturais "Bernardino Rivadavia". PARÁ-TIPO ♀, na coleção CANALS.

Gênero **PIRESA** Roewer.

Piresa Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40: 341; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 238; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª part.): 132, 183; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99; Canals, 1943, Notas del Museo de La Plata, 8 (63): 19 (= *Itaoca* Mello-Leitão, 1935); Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (28): 274-275 (= *Tayoca* Mello-Leitão, 1937 = *Barbiellinia* Mello-Leitão, 1944); Mello-Leitão, 1949, Bol. Mus. Nac. Zool., 94: 16.

Itaoca Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 16; Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 9.

Tayoca Mello-Leitão, 1937, Rev. Chil. Hist. Nat., año 41: 151.

Barbiellinia Mello-Leitão, 1944, Com. Zool. Mus. Montevideo, 1 (21): 1.

TIPO: *Piresa armata* Roewer, 1927, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I, II, IV e V do escudo dorsal e tergito livre I inermes. Área III com dois espinhos. Tergito livre II inermes ou com pequeno espinho mediano. Tergito livre III com um espinho mediano ou com três espinhos. Opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5 ou 6 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Piresa ancilla (Mello-Leitão).

Tayoca ancilla Mello-Leitão, 1937, Rev. Chil. Hist. Nat., año 41: 151, pr. 5, fig. 2; Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (27): 252.

Piresa ancilla, Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 381

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Campos do Jordão), Estado do Rio de Janeiro (Covanca).

TIPO: ♀, não encontrado no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, onde estaria depositado, segundo a diagnose original (Museu Paulista).

Piresa armata Roewer.

Piresa armata Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40: 341, fig. 8, 9; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 238, pr. 1, fig. 3, 4; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 183, fig. 117.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Ribeirão Pires), Estado do Rio Grande do Sul (Porto Alegre).

TIPO: ♂, no Museu de Frankfurt.

Piresa hirsuta (Mello-Leitão).

Barbiellinia hirsuta Mello-Leitão, 1944, Com. Zool. Mus. Montevideo, 1 (21): 1, fig. 1, 2.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (São Sebastião).

TIPO: ♂, sem indicação do lugar em que foi depositado.

Piresa langei Soares e Soares.

Piresa langei Soares e Soares, 1949, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 9 (4): 53, figs. 9 e 10.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Marumbi), Estado de Santa Catarina (Itajai). TIPOS: ♂ e ♀, na coleção GOFFERJÉ; parátipos de ambos os sexos no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Piresa melanacantha (Mello-Leitão).

Itaoca melanacantha Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 16, fig. 8.

Piresa melanacantha, Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 381.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Jacarspaguá, Gávea).

TIPO: ♂, n.º 58.235, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Piresa sanctipauli Soares.

Piresa sanctipauli Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (28): 271, 272, fig. 1, 2.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Capital).

TIPO: ♂ e ♀, n.º E.556 C.806, no Departamento de Zcologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Piresa timida (Mello-Leitão).

Itaoca timida Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 9, fig. 11.

Piresa timida, Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 381.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Jussaral).

TIPO: ♂ e ♀, n.º 58.321, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **PIRUNIPYGUS** Roewer.

Pirunipygus Roewer, 1936, Veröff. Deutsch. Kolon. — und Ubersee — Mus. Brem., 1 (1935-1936): 341.

TIPO: *Pirunipygus paradoxus* Roewer, 1936, por monotipia.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Áreas I e II com um par de curtos espinhos, III com dois espinhos mais altos, IV e V inermes. Tergito livre I inerme, II com robusto espinho mediano, III com longa apófise bifida na extremidade. Opérculo anal com um par de elevações. Último esternito livre com um espinho curvo para baixo de cada lado, nos ângulos. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Pirunipygus paradoxus Roewer.

Pirunipygus paradoxus Roewer, 1936, Veröff. Deuts. Kolon. — und. Ubersee — Mus. Brem., 1 (3): 341, pr. 14, fig. 4 a, b.

HABITAT: Perú (Trama).

TIPO: ♂, n.º 6.180/85, na coleção ROEWER.

Gênero **PLATYGYNDES** Roewer.

Platygyndes Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 16.

Cômodo ocular, áreas I a V do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inerme. Tarsos I, III e IV de 5 segmentos, II de 6.

TIPO: *Platygyndes titicaca* Roewer, 1943, por monotipia.

Platygyndes titicaca Roewer.

Platygyndes titicaca Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 16, est. 1, fig. 1.

HABITAT: Perú (margem do lago Titicaca).

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 7736/112.

Gênero **POLYACANTHOPROCTA** Mello-Leitão.

Polyacanthoprocta Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2): 16; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 183, 222; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 132, 147; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98.

TIPO: *Pachylus orinus* Chamberlin, 1916, por designação original.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Área I dividida. Todas as áreas do escudo dorsal e tergitos livres I e II inermes; tergitos livres III com 5 grandes espinhos, dos quais o médio muito maior. Fêmur dos palpos inerme. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Polyacanthoprocta orina (Chamberlin).

Pachylus orinus Chamberlin, 1916, Bull. Mus. Comp. Zool. Harvard, 60 (6): 188, pr. 5, fig. 1—3.

Polyacanthoprocta orina, Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2): 16; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 222, fig. 17; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 147.

HABITAT: Perú (Huadquina e S. Miguel).

TIPO: ♂, no Harvard Museum, n.º 131. Parátipo ♂, n.º 132.

Gênero **PROGYNDES** Roewer.

Progyndes Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82A (2): 107; Roewer, 1923, W.: 396, 402; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 12 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 182; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª

pte.); 131, 139; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 11, 98; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 620; Mello-Leitão, 1940, An. Acad. Bras. Cien., 12 (2): 105.

Pachyloidellus Müller, 1918, Zool. Anz., 49: 89; Roewer, 1923, W.: 397, 447; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 16 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 183, 214; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 131, 139; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 620.

Gyndulus Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 182, 218; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 131, 138; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 620.

TIPO: *Progyndes curvibialis* Roewer, 1916, por monotípia.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Tôdas as áreas do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 4 ou 5 segmentos, III e IV de 6, II de 6 ou mais de 6.

***Progyndes basiliscus* Mello-Leitão.**

Progyndes basiliscus Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 11, fig. 3; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 382.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Bico do Papagaio).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 41.786, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

***Progyndes brasiliensis* Mello-Leitão.**

Progyndes brasiliensis Mello-Leitão, 1940, An. Acad. Bras. Cien., 12 (2): 105; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 382.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Santa Bárbara, Jacarepaguá — Pau da Fome, altitude 700 metros).

TIPO: ♂, n.º 414, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

***Progyndes crassus* (Roewer).**

Pachyloidellus crassus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 17, est. 1, fig. 5.

HABITAT: Chile (Santiago).

TIPOS: 3 ♂♂ e 2 ♀♀, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 1382/75.

***Progyndes curvibialis* Roewer.**

Progyndes curvibialis Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82A (2): 107, fig. 14; Roewer, 1923, W.: 403, fig. 494; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 620.

HABITAT: Argentina (Bahia Blanca).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

***Progyndes iporangae* Soares e Soares.**

Progyndes iporangae Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (27): 253, 266, fig. 11.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Lageado, Iporanga — Serra de Paranapiacaba).

TIPO: ♂, n.º E.612 C.830, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

***Progyndes fuscus* (Müller).**

Pachyloidellus fuscus Müller, 1918, Zool. Anz., 49: 90; Roewer, 1923, W.: 447; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 214; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 139; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 620.

HABITAT: Argentina (San Luis, Buenos Aires); Uruguay.

TIPO: ♀, no Museu de Frankfurt (a. M.).

***Progyndes roeweri*, n. n.**

Gyndulus curvibialis Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 16, est. 1, fig. 2.

HABITAT: Chile (Santiago).

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 1374/67.

***Progyndes tricalcaratus* (Roewer).**

Pachyloidellus tricalcaratus Roewer, 1923, W.: 447, 448, fig. 564; Mello-Leitão, 1931, An. Acad. Cien., 3 (2): 84; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 139; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 620.

HABITAT: Argentina (Buenos Aires, Santa Fé).
TIPOS: 2 ♂♂, na coleção ROEWER.

Progyndes trispinifrons (Roewer).

Gyndulus trispinifrons Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 219, fig. 15; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 138; Canals, 1933, Estudios Aracnológicos, 1: 3; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 620; Canals, 1939, Notas del Museo de La Plata, 4 (18): 155.

HABITAT: Brasil, Estado de Mato Grosso.
TIPO: ♂, n.º 984/45, na coleção ROEWER.

Gênero **PROSAMPYCUS** Mello-Leitão.

Prosampycus Mello-Leitão, 1935, An. Acad. Bras. Cien., 7 (1): 5; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

TIPO: *Prosampycus argenteopilosus* Mello-Leitão, 1935, por designação original
Cômoro ocular com um espinho mediano. Áreas I a III do escudo dorsal com dois tubérculos, áreas IV e V e tergitos livres I e II inermes. Tergito livre III com um espinho mediano. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Prosampycus argenteopilosus Mello-Leitão.

Prosampycus argenteopilosus Mello-Leitão, 1935, An. Acad. Bras. Cien., 7 (1): 5, fig. 1; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 101; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8): 193; Soares 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 382.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Serro Azul).
TIPO: ♀, n.º 42.209, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **PROSONTES** Goodnight et Goodnight.

Prosontes Goodnight et Goodnight, 1945, Amer. Mus. Nov., 1.281: 6.

TIPO: *Prosontes phalattes* Goodnight et Goodnight, 1945, per designação original.
Escudo dorsal com cinco áreas. Cômoro ocular dorsal, inermes. Todas as áreas do escudo abdominal e tergitos livres inermes. Opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 4 segmentos, II de mais de 6, III e IV de 5. Porção terminal dos tarsos I e II de 3 segmentos. Tarsos III e IV sem escópula, com duas unhas lisas.

Prosontes phalattes Goodnight et Goodnight.

Prosontes phalattes Goodnight et Goodnight, 1945, Amer. Mus. Nov., 1.281: 7, fig. 14 — 16.

HABITAT: México (Colima).
TIPOS: ♂ e ♀, no American Museum of Natural History.

Gênero **PSEUDOGYNDES** Mello-Leitão.

Pseudogyndes Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 132, 148, 475.

TIPO: *Metagyndes subsimilis* Roewer, 1913, por monotipia.
Cômoro ocular com um espinho mediano. Áreas I a V do escudo abdominal, tergitos livres e placa anal dorsal inermes; tergitos livres II e III com um espinho mediano. Tarsos I de 5 segmentos, os outros de 6. Fêmur dos palpos inermes.

Pseudogyndes subsimilis (Roewer).

Metagyndes subsimilis Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 19, 24, fig. 6; Roewer, 1923, W.: 399, 401, fig. 492; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 188.

Pseudogyndes subsimilis, Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 148, 475.
HABITAT: Chile (Puerto Montt).
TIPOS: ♂ e ♀.

Gênero **PSEUDOGYNDESOIDES** Soares.

Pseudogyndesoides Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo 4 (18): 294.

TIPO: *Pseudogyndesoides latus* Soares, 1944, por designação original.
Cômoro ocular com um espinho mediano. Áreas I, II, IV e V inermes III com um par de tubérculos. Tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno, Tarsos I, II e IV de 6 segmentos, II de mais de 6.

Pseudogyndesoides bariguiensis Soares.

Pseudogyndesoides bariguiensis Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8): 204, fig. 6; H. Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (9): 211, 299, fig. 13; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18): 213.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Barigui — Curitiba, Florestal — Piraquara).

HOLÓTIPO ♂ e ALÓTIPO ♀, no Museu Paranaense.

Pseudogyndesoides latus Soares.

Pseudogyndesoides latus Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (18): 287, 294, fig. 6; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 523; Soares e Soares, 1948, Com. Zool. Mus. Montevideo, 2 (47): 14, fig. 14.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Alto da Serra).

HOLÓTIPO ♂, n.º E.555 C.707 e ALÓTIPO ♀, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo.

Pseudogyndesoides pallidus Soares e Soares.

Pseudogyndesoides pallidus Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (27): 253, 267, fig. 12.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Campos de Jordão).

TIPO: ♂, n.º E.622 C.819, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero **PUCROLIA** Soerensen

Pucrolia Soerensen, 1895, Boll. Mus. Torino, 10: 3, 4; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 11, 15; Roewer, 1923, W.: 396, 398; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 13 (Sep); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 182; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 132, 136; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 620.

Bresslauius Mello-Leitão, 1935, An. Acad. Bras. Cien., 7 (1): 7; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98.

TIPO: *Pachylus minutus* Soerensen, 1884.

Cômoro ocular com um tubérculo ou espinho mediano. Área I dividida ou inteira. Todas as áreas do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5 ou 6 segmentos, III e IV de 6, II de 6 ou mais de 6.

Pucrolia dubitata Soares e Soares.

Pucrolia dubitata Soares e Soares, 1945, Rev. de Agric. Piracicaba, 20 (9—12): 368, 374, fig. 5.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Vila Velha).

TIPO: ♀, no Museu Paranaense.

Pucrolia gracilipes (Canestrini).

Pachylus gracilipes Canestrini, 1888, Atti Soc. Veneto-Trent., 11: 107, pr. 9, fig. 4.

Pucrolia gracilipes, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 16, 17; Roewer, 1923, W.: 398, 399; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 136; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 620.

HABITAT: Argentina (Gran Chaco — Resistência).

TIPO: não há indicação do lugar em que foi depositado.

Pucrolia grandis Mello-Leitão.

Pucrolia grandis Mello-Leitão, 1930, An. Acad. Bras. Cien., 2 (4): 213; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 136; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 620.

HABITAT: Argentina (Buenos Aires).

TIPO: ♀, no Museu Bernardino Rivadavia, n.º 25.116.

Pucrolia hirsuta (Mello-Leitão).

Bresslauius hirsutus Mello-Leitão, 1935, An. Acad. Bras. Cien., 7 (1): 7, fig. 4, 4 a; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 101; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 370.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 42.329, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Pucroliola minuta (Soerensen).

Pachylus minutus Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., 14: 643; Soerensen, 1895, Boll. Mus. Torino, 10: 3.

Pucroliola minuta, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 16, fig. 1; Roewer, 1923, W.: 398, fig. 487; Mello-Leitão, 1927, Rev. Mus. Paul., 15: 401; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 136, fig. 68; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 620.

HABITAT: Paraguay e Argentina (Pampas, Gran Chaco).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Copenhagen. PARÁTIPOS no Museu de Berlim e no Museu de Viena.

Gênero Quitete Mello-Leitão.

Quitete Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4): 9 (Sep.):

TIPO: *Quitete marginata* Mello-Leitão, 1936, por designação original.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Áreas I, II, IV e V do escudo dorsal, e opérculo anal inermes. Área III com dois espinhos. Tergitos livres I, II e III com um espinho mediano. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, II de mais de 6, III e IV de 6.

Quitete marginata Mello-Leitão.

Quitete marginata Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4): 10, fig. 7; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8): 193; H. Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (9): 211, 230; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 382; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (21): 251.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Cachoeira; Barigui — Curitiba), Estado de Santa Catarina (Florianópolis).

TIPO: ♂, n.º 42.281, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero Riosegundo Canals.

Riosegundo Canals, 1943, Notas del Museo de La Plata, Zool., 8 (63): 2.

TIPO: *Riosegundo Birabeni* Canals, 1943, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos medianos, em linha perpendicular à dos olhos. Área I dividida. Áreas I e V, tergitos livres e opérculo anal inermes. Área II com dois tubérculos, III e IV com quatro tubérculos. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, II de mais de 6, III e IV de 6.

Riosegundo Birabeni Canals.

Riosegundo Birabeni Canals, 1943, Notas del Museo de La Plata, Zool., 8 (63): 2, fig. 1.

HABITAT: Argentina (Rio Segundo — Córdoba).

TIPO: ♂, no Museu de La Plata.

Gênero SCHUBARTESIA Soares.

Schubartesia Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (2): 33.

TIPO: *Schubartesia singularis* Soares, 1944, por designação original.

Cômodo ocular com alto espinho mediano. Área I dividida ao meio, inermes, II inermes, III com dois espinhos, V com linguíssimo e robustíssimo espinho horizontal que se prolonga para trás como cauda, IV com um espinho forte e curto, semelhante a um acúleo de roseira, superposto ao espinho da área V. Opérculo anal dorsal e ventral inermes. Tergitos e esternitos livres inermes. Fêmur dos palpos sem espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Schubartesia singularis Soares.

Schubartesia singularis Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (2): 34, fig. 1; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (17): 196.

HABITAT: Brasil, Estado da Bahia (Vale do Rio Branco — Os Gerais).

TIPO: ♂, na coleção OTTO SCHUBART.

Gênero SIBOLLUS Roewer.

Sibollus Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 187, 262; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 132, 148; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98.

TIPO: *Sibollus margaritatus* Roewer, 1929, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I dividida. Tôdas as áreas do escudo dorsal, tergito livre I e opérculo anal inermes. Tergitos livres II e III com um espinho mediano. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Sibollus margaritatus Roewer.

Sibollus margaritatus Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 262, fig. 35.
HABITAT: Vale de Marañon.
TIPO: ♂ e ♀, n.º 1.001/58, na coleção ROEWER.

Gênero **SINGRAM** Mello-Leitão.

Singram Mello-Leitão, 1937, Rev. Chil. Hist. Nat., año 41: 154.
TIPO: *Singram simplex* Mello-Leitão, 1937, por designação original.
Cômodo ocular com um espinho mediano. Área I dividida. Áreas IV e V do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes, áreas I e II com dois tubérculos, III com dois tubérculos ou espinhos. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I, III e IV de 6 segmentos, II de mais de 6.

Singram brasiliensis (Mello-Leitão).

Oglobinia brasiliensis Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 11, fig. 14.
Singram brasiliensis, Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo 6 (15): 178.
HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Mangaratiba).
TIPO: ♂, na coleção MELLO-LEITÃO.

Singram simplex Mello-Leitão.

Singram simplex Mello-Leitão, 1937, Rev. Chil. Hist. Nat., año 41: 154, fig. 16.
HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Ilha de São Sebastião).
TIPOS: ♂ e ♀, não encontrados no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, onde depositados, segundo a diagnose original.

Singram singularis Soares e Soares.

Singram singularis Soares e Soares, 1948, Com. Zool. Mus. Montevideo, 2 (47): 3, 13, figs. 11 e 12.
HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro, Itatiaia (Rezende — Fazenda Penedo).
HOLÓTIPO ♂, ALÓTIPO ♀ e PARÁTIPO ♂, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero **SOARESIA** H. Soares.

Soaresia H. Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (26): 243.
TIPO: *Soaresia uncina* H. Soares, 1945, por designação original.
Cômodo ocular com um espinho mediano. Área I dividida. Áreas I, II, IV e V inermes, III com dois tubérculos. Tergitos livres I e II inermes, III com forte espinho mediano mais fraco na fêmea. Opérculo anal dorsal no macho com dois fortes espinhos, na fêmea com um par de tubérculos. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, II de mais de 6, III e IV de 6.

Soaresia uncina H. Soares.

Soaresia uncina H. Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (26): 244, fig. 1, 2.
HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Rezende — Fazenda Penedo).
HOLÓTIPO ♂ e ALÓTIPO ♀, n.º 39, na coleção H. SOARES.

Gênero **SOKKUPIA** Mello-Leitão.

Sokkupia Mello-Leitão, 1949, Bol. Mus. Nac., N. S., Zool., 94: 17.
TIPO: *Sokkupia olivacea* Mello-Leitão, 1949, por designação original.
Cômodo ocular com armação par. Mesotergo, limbo posterior e tergitos livres I e II inermes; tergito livre III com espinho ou cone mediano. Fêmur dos palpos sem espinho apical interno. Tarsos I de seis segmentos, II, III e IV de mais de seis.

Sokkupia olivacea Mello-Leitão.

Sokkupia olivacea Mello-Leitão, 1949, Bol. Mus. Nac., N. S., 94: 17.
HABITAT: Arredores de Lima — Perú.
TIPO: ♀, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **SPHALEROPACHYLUS** Mello-Leitão.

Sphaleropachylus Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 14, 51 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 183, 220; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2ª pte.): 133, 151; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 622.

TIPO: *Pachylus butleri* Thorell, 1827, por designação original.

Cômodo ocular com altíssimo espinho mediano. Área I dividida. Áreas I a III inermes, IV com dois grandes tubérculos elipsóides, área V e tergito livre I com grande tubérculo elipsóide mediano tergitos livres II e III inermes. Opérculo anal inerme. Fêmur dos palpos com dois espinhos apicais internos. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Sphaleropachylus butleri (Thorell).

Pachylus butleri Thorell, 1877, Period. Zool. Argent., 2: 207.

Acanthopachylus butleri, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 51, 53, fig. 21, 22; Roewer, 1923, W.: 412, 413, fig. 509, 510.

Sphaleropachylus butleri, Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 51 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 220; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2—3): 103; Mello-Leitão, 1931, An. Acad. Bras. Cien., 3 (2): 84; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 622; Canals, 1939, Notas del Museo de La Plata, Zool., 4 (18): 144; Soares, 1944, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 382.

HABITAT: Argentina (San Juan, Córdoba, Buenos Aires, El Sauce — Calamuchita, Falda — Córdoba, Sierra de San Luis — San Luis).

TIPOS: não há indicação do lugar em que foram depositados. No Museu de Viena há um macho e uma fêmea, estudados por ROEWER.

Gênero **SPINIVUNUS** Roewer.

Spinivunus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 24.

TIPO: *Spinivunus adumbratus* Roewer, 1943, por monotípia.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Áreas I, II, IV e V, tergitos livres e opérculo anal inermes, área III com larga elevação mediana munida de um par de pequenos espinhos inclinados para trás. Fêmur dos palpos inerme. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Spinivunus adumbratus Roewer.

Spinivunus adumbratus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 24, est. 2, fig. 15.

HABITAT: sul do Chile.

TIPO: ♀, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 8202/115.

Gênero **TEGYRA** Soerensen (Henriksen).

Tegyra Soerensen, 1932, in Henriksen, Descriptiones Laniatorum, p. 106 (Sep.); Mello-Leitão, 1933, Bol. Bus. Nac., 9 (1): 102; Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 29.

TIPO: *Tegyra cinnamomea* Soerensen, 1932, por monotípia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I inteira, sem sulco longitudinal mediano. Área III com dois espinhos. As outras áreas e os tergitos livres inermes. Fêmur dos palpos inerme. Tarsos III e IV sem escópula.

Tegyra cinnamomea Soerensen.

Tegyra cinnamomea Soerensen, 1932, in Henriksen, Descriptiones Laniatorum, p. 107 (Sep.); Roewer, 1932, Senckenbergiana, 26 (1—3): 29, est. 3, fig. 24.

HABITAT: Estados Unidos (Texas).

TIPO: no Museu de Kopenhagen.

Gênero **TEMUCUS** Roewer.

Temucus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 27.

Gyndesops Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 29.

TIPO: *Temucus palpiconus* Roewer, 1943, por monotípia.

Cômodo ocular com dois pequenos espinhos. Área III com dois espinhos ou tubérculos. As outras áreas, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inerme. Tarsos I de 6 ou mais de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Temucus denisi (Roewer) comb. n.

Gyndesops denisi Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 29, est. 4, fig. 23.

HABITAT: Brasil (Nova Teutônia).

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 8833/117.

Temucus pretiosus (Mello-Leitão) comb. n.

Gyndesops pretiosus Mello-Leitão, 1949, Bol. Mus. Nac., N. S., 94: 20, fig. 7.

HABITAT: Itatiaia (2.300 metros).

TIPO: ♂, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Temucus palpiconus Roewer.

Temucus palpiconus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 27, est. 2, fig. 21.

HABITAT: Chile (Temuco).

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 1381/74.

Gênero **THAUMATOPACHYLUS** Roewer.

Thaumtopachylus Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 182, 216; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 133, 162; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99.

TIPO: *Thaumtopachylus setulosus* Roewer, 1929, por monotípia.

Cômodo ocular com dois tubérculos. Área I dividida. Áreas I, II, IV e V, tergitos livres e opérculo anal inermes, área III com dois tubérculos. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 4 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Thaumtopachylus setulosus Roewer.

Thaumtopachylus setulosus Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 217, fig. 14; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª pte.): 162.

HABITAT: Brasil (prov. Caldeirão).

TIPO: ♂, n.º 983/44, na coleção ROEWER.

Gênero **THORELLIDIA** Mello-Leitão.

Thorellidia Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33: 122; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 98.

TIPO: *Ostracidium pertyi* Thorell, 1877, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I a V do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I e III de 5 segmentos, IV de 6, II de mais de 6.

Thorellidia pertyi (Thorell).

Ostracidium pertyi Thorell, 1876-1877, Period. Zool. Argent., 2: 201-218; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79A (4): 154; Roewer, 1923, W.: 454.

Thorellidia pertyi, Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33: 123.

HABITAT: Argentina (Córdoba).

TIPO: não há indicação do lugar em que foi depositado.

Gênero **TRIBUNOSOMA** Roewer.

Tribunosoma Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 25.

TIPO: *Tribunosoma discrepans* Roewer, 1943, por monotípia.

Cômodo ocular com um par de pequenos espinhos. Tergitos "livres" I e II solidamente ligados à margem posterior do escudo dorsal e somente são perceptíveis por meio de finas suturas, apenas o tergito livre III separado por cutícula mole que o circunda. Áreas I, II, IV e V, tergito "livre" I, tergito livre III e opérculo anal inermes. Área III com um par de espinhos. Tergito "livre" II com uma elevação mediana romba e com uma elevação angular romba de cada lado. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I, III e IV de 6 segmentos, II de mais de 6.

Tribunosoma discrepans Roewer.

Tribunosoma discrepans Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 25, est. 2 fig. 16.

HABITAT: Pernambuco (Brasil).

TIPOS: 4 ♂♂ e 2 ♀♀, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 6194/105.

Gênero **TRIGLOCHINURA** Mello-Leitão.

Triglochinnura Mello-Leitão, 1942, Ann. Soc. Ent. France, 93: 179; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 15, 43 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 184, 226; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 134, 186; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

TIPO: *Triglochinnura curvispina* Mello-Leitão, 1924, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I, II, IV e V do escudo dorsal inermes, III com dois espinhos. Tergito livre I inerme, II com dois espinhos. Tergito livre I inerme, II com dois espinhos, III com robusto espinho mediano e dois laterais menores. Placa anal dorsal inerme. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Triglochinnura curvispina Mello-Leitão.

Triglochinnura curvispina Mello-Leitão, 1924, Ann. Soc. Ent. France, 93: 179; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 44 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 226, fig. 18; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2-3): 103; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 186, fig. 116; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 382.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Santos).

TIPO: ♀, n.º 1.480, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **TROCHANTEROCEROS** Canals.

Trochanteroceros Canals, 1935, Estudios Aracnológicos, 6: 6; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 624.

TIPO: *Trochanteroceros misionicus* Canals, 1935, por monotipia.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Área I dividida. Áreas I e II com dois tubérculos, III com quatro ou cinco tubérculos, IV com seis tubérculos. Área V, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inerme. Tarsos I de 5 segmentos, os outros de 6.

Trochanteroceros misionicus Canals.

Trochanteroceros misionicus Canals, 1935, Estudios Aracnológicos, 6: 6, fig. 3, Canals, 1939, Notas del Museo de La Plata, Zool., 4 (18): 153, fig. 13; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 624.

HABITAT: Argentina (Loreto — Misiones).

HOLÓTIPO e PARÁTIPO ♂, no Museu Argentino de Ciências Naturais "Bernardino Rivadavia". PARÁTIPOS machos, na coleção CANALS. ALÓTIPO ♀, no Museu Argentino de Ciências Naturais "Bernardino Rivadavia" e PARÁTIPO ♀, na coleção CANALS.

Gênero **UNDUAVIUS** Roewer.

Unduavius Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 186, 244; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 136, 214; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 101.

TIPO: *Unduavius ornatus* Roewer, 1929, por monotipia.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Área I dividida. Áreas I e II com quatro elevações, III e IV com duas elevações cônicas, V e tergitos livres I e II inermes, tergitos livre III com um espinho mediano. Opérculo anal inerme. Fêmur dos palpos inerme. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Unduavius ornatus Roewer.

Unduavius armatus Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 244, fig. 28.

HABITAT: Bolívia (Unduavi).

TIPO: ♂ e ♀, no Museu de Viena. PARÁTIPO na coleção ROEWER, n.º 995/52.

Gênero **UROPACHYLUS** Mello-Leitão.

Uropachylus Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9: 329; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 117; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 17 (Sep.); Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 183, 220; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 135, 202; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100; Soares, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (15): 221 (= *Ypiranga* Mello-Leitão, 1922 = *Japyra* Mello-Leitão, 1934 = *Cercopachylus* Piza, 1940); Mello-Leitão, 1949, Bol. Mus. Nac., Zool., 94: 16.

Ypiranga Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9: 331; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 120; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 17, 46

(Sep.): Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 185, 232; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 135, 209; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 100.

Japyra Mello-Leitão, 1934, Mem. Inst. But., 8 (1933-1934): 410; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99.

Cercopachylus Piza, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 53.

TIPO: *Uropachylus striatus* Mello-Leitão, 1922, por designação original.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Área I dividida. Áreas I, II, IV e V do escudo dorsal, tergitos livres I e II e opérculo anal inermes. Área III com dois espinhos medianos e tergito livre III com um espinho mediano. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5 ou 6 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Uropachylus anthophilus (Mello-Leitão).

Ypiranga anthophila Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 46 (Sep.); Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 209, 210, fig. 122.

Uropachylus anthophilus, Soares, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (15): 224; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 382.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Capital — Jardim da Aclimação).

TIPO: ♂, n.º 1.399, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Uropachylus grovesi Soares.

Uropachylus grovesi Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (18): 203, fig. 1; Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (27): 252; Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (31): 292, fig. 5.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Campos de Jordão).

TIPO: ♂, n.º E.582 C.773, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. Alótipo: ♀, no mesmo Departamento.

Uropachylus nasutus Soares e Soares.

Uropachylus nasutus Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18): 213, 227, fig. 13.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná — (Piraquara).

TIPO: ♀, no coleção HATSCHBACH.

Uropachylus striatus Mello-Leitão.

Uropachylus striatus Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9: 330; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 118, fig. 5; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 221, fig. 16; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 202, fig. 123; Soares, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (15): 224; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (21): 312; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 523.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Pinheiro).

TIPO: ♀, n.º 484, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Uropachylus caudatus (Piza).

Cercopachylus caudatus Piza, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 53, fig. 1.

Uropachylus caudatus, Soares, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (15): 223; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 523.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Lussanvira).

TIPO: ♀, n.º E.112 C.60, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Uropachylus ypiranga (Mello-Leitão).

Ypiranga Ypiranga Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9: 331; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 121, fig. 7; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 232, fig. 21; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 209, 210, fig. 121.

Japyra regularis Mello-Leitão, 1934, Mem. Inst. But., 8: 411, fig. 2; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 101.

Cercopachylus fragilis Piza, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (3): 54, fig. 9.

Uropachylus ypiranga Soares, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (15): 221 (= *Japyra regularis* Mello-Leitão, 1934 = *Cercopachylus fragilis* Piza, 1943); Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25): 241; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8): 193; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 523.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Capital — Ipiranga, Pacaembu, Butantã; Mogi das Cruzes, Guarulhos), Estado do Paraná (Japira).

TIPO: ♂, n.º 468, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo; ♂, n.º 7, no Instituto Butantã (tipo de *Japyra regularis* Mello-Leitão, 1934); ♀, n.º E.116 C.64, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo (tipo de *Cercopachylus fragilis* Piza, 1943).

Gênero **VICTORIAINCOLA** Soares e Soares.

Victoriaincola Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (15): 208.

Cômodo ocular inerte. Tôdas as áreas do escudo dorsal, tergitos livres I e III e opérculo anal inermes. Tergito livre II com pequeno espinho mediano. Áreas I e IV divididas por um sulco longitudinal mediano. Fêmur dos palpos inerte. Tarsos I, III e IV de 6 segmentos, II de mais de 6.

TIPO: *Victoriaincola penhae* Soares e Soares, 1946, por designação original.

Victoriaincola penhae Soares e Soares.

Victoriaincola penhae Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (15): 208, fig. 11.

HABITAT: Brasil, Estadô do Espírito Santo (Vitória — Penha).

TIPO: ♀, n.º 2.999, na coleção OTTO SCHUBART.

Gênero **YPSILONURUS** Mello-Leitão.

Ypsilonurus Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2): 136; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 99.

TIPO: *Ypsilonurus mutilatus* Mello-Leitão, 1933, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Fêmur dos palpos inerte. Áreas I a III, inermes; áreas IV e V com dois tubérculos. Tergitos livres e placa anal dorsal inermes. Placa anal ventral com uma alta apófise bifida. Fêmur dos palpos com uma fila ventral de cinco grânulos, sem espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Ypsilonurus mutilatus Mello-Leitão.

Ypsilonurus mutilatus Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2): 137, fig. 18, 19; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 101; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 382.

HABITAT: Brasil, Estado de Goiaz (Ilha do Bananal).

TIPO: ♂, n.º 27.782, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **YRAGUARA** Mello-Leitão.

Yraguara Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 10 (1935-1936): 291; Soares 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (13): 210 (= *Melloleitanius* Piza, 1938).

Melloleitanius Piza, 1938, Folia Clinica et Biológica, São Paulo, 10 (4): 115.

Cômodo ocular com dois espinhos. Fêmur dos palpos inerte. Áreas I, II e V do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes; áreas III e IV com dois tubérculos. Tarsos I de 5 ou 6 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Yraguara annulipes Mello-Leitão.

Yraguara annulipes Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 10 (1935-1936): 291, fig. 2; Soares, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (13): 210; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25): 241; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 383; Piza, 1947, An. Esc. Sup. Agr. "Luiz de Queiroz" Piracicaba, 4: 265, fig. 2 [= *Yraguara barretensis* (Piza, 1938)].

Melloleitanius barretensis Piza, 1938, Folia Clinica et Biológica, São Paulo, 10 (4): 115, fig. 2.

Yraguara barretensis, Soares, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (13): 210.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Araguari), Estado de São Paulo (Barretos).

TIPOS: ♂ e ♀, no Instituto Butantã, n.º 63. O tipo de *Yraguara barretensis* (Riza, 1938) está depositado no Laboratório de Zoologia da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Piracicaba, Estado de São Paulo.

Yraguara fleuryi Soares.

Yraguara fleuryi Soares, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (13): 206, 208, fig. 1; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 524.

HABITAT: Brasil, Estado de Goiaz (Município de Corumbá — Fazenda Monjolinho).
TIPO: ♂, n.º E.335 C.355, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero **ZALANODIUS** Mello-Leitão.

Zalanodius Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4): 21 (Sep.).

TIPO: *Zalanodius bicornutus* Mello-Leitão, 1936, por designação original.

Cômodo ocular com um espinho. Tôdas as áreas do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes; área I inteira, sem sulco longitudinal mediano. Tarsos I de 4 segmentos, II de 6, III e IV de 5. Fêmur dos palpos inerme. Tíbias posteriores muito dilatadas.

Zalanodius bicornutus Mello-Leitão.

Zalanodius bicornutus Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4): 21, fig. 17 (Sep.); Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 383; H. Soares, 1946, Rev. Brasil, Biol., 6 (3): 385.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis; Nova Friburgo).

TIPO: ♀, n.º 42.687, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

OBSERVAÇÕES SÔBRE *CATORAMA HERBARIUM* GORH.
(BESOURO BIBLIÓFAGO) E RESPECTIVA SIMBIOSE

por

MICHEL PEDRO SAWAYA

INTRODUÇÃO

Com a excelente publicação de DIOGO DE FARIA (1919) sôbre “Os inimigos dos nossos livros”, houve esclarecimento quanto possível completo a respeito da maior praga das bibliotecas de S. Paulo e, talvez, também do Brasil. Foi, ao que nos consta, o primeiro trabalho sôbre os besouros destruidores de livros aparecido em S. Paulo, com resumo de tôdas as observações até então publicadas em jornais e revistas do Rio de Janeiro e alguns centros importantes fora do país. A contribuição de Diogo de Faria mereceu e continua a merecer encômios, pois deu feição verdadeiramente científica ao combate à praga dos livros, de vez que começou por descrever pormenores interessantes da biologia dos Anóbios. A atenção do autor voltou-se, entretanto, mais para a maneira de extermínio da praga, chegando mesmo a inventar uma aparelhagem mais ou menos complicada para tal fim. Mais recentemente, MONSENHOR NABUCO (1943) publicou também interessante trabalho sôbre os bibliófagos, adicionando valiosas observações pessoais, principalmente quanto aos métodos preventivos para a debelação das pragas, inclusive as traças, os cupins e as baratas.

Os maiores estragos dos livros, em S. Paulo, correm por conta dos besouros anobiídeos, sendo insignificantes, a meu ver os prejuízos causados por outros animais bibliófagos. Dos dois anobiídeos já conhecidos como pragas, dos livros a saber, *Dorcatoma bibliophaga* MAGALHÃES e *Catorama herbarium* GORHAM (Costa Lima 1953, p. 229), a última espécie é a mais comum que tenho observado em algumas bibliotecas públicas e particulares, de acôrdo, aliás, com observações também feitas por NABUCO (1943, p. 36) quanto ao Rio de Janeiro. Seja dito de passagem que, segundo o Boletim N. 185, parte 3, do U. S. Nat. Museum, o gênero *Dorcatoma* é representado no Brasil unicamente pela espécie de MAGALHÃES, enquanto *Catorama* o é por 16 espécies. Em 1945, data da publicação do citado Boletim, contavam-se 8 espécies e duas variedades de *Dorcatoma*, para 54 espécies e 7 variedades de *Catorama* na América do Sul.

Do mesmo modo que DIOGO FARIA (1. c., p. 15), verifiquei coexistência dos dois citados Anobiídeos num mesmo livro carunchado, isto nas poucas vêzes em que encontrei *Dorcatoma bibliophaga*. Pude diferenciar as duas espécies pelos caracteres dos animais adul-

tos, pois, entre as larvas, adultas ou jovens, encontradas na mesma ocasião, não notei variação de pilosidade que possibilitasse também a separação das duas espécies nessa fase, segundo poderia deprender da afirmação de DIOGO DE FARIA (1 c., p. 6).

O plano inicial de meu trabalho não visou, diretamente, ao combate aos besouros bibliófagos. Ao contrário, interessei-me pela criação dos mesmos, não só para elucidar certos aspectos da biologia desses animais, como, também, verificar a ocorrência, nêles, de microorganismos, baseado, principalmente, nos trabalhos de BUCHNER (1921, 1930) e BREITSPRECHER (1928).

Datam do último quartel do século passado as pesquisas sobre a associação entre Anobiídeos e microorganismos. Segundo BUCHNER (1921, p. 319). CAULLERY (1922, p. 299) e BREITSPRECHER (1928, p. 2), coube a KARAWAIEW, em 1899, a verificação da ocorrência dessa associação, trinta anos depois da descoberta de SCHWENDENER sobre o dualismo dos líquens (CAULLERY, 1. c., p. 309). KARAWAIEW diagnosticou os microorganismos como sendo flagelados. Um ano mais tarde, todavia, ESCHERICH deu outra interpretação ao achado. Tendo conseguido isolar e cultivar os microorganismos, considerou-os como levedos (BUCHNER 1912, p. 36; 1921, p. 319), opinião até hoje aceita.

Quanto ao tipo, tal associação é dum modo geral considerada como simbiose, apesar da diversidade de opiniões entre os autores a respeito do conceito dos vários tipos associativos entre os organismos. Assim, enquanto, em alguns casos, vemos definições mais ou menos precisas para cada tipo (CAULLERY 1922, p. 14 e 259) e até tentativa de sistematização geral dos tipos (BAER 1951, p. 7), em outros vemos a tendência de considerá-los imprecisos e inter-relacionados (GRASSÉ 1935, p. 8; HECHT 1942, p. 161) ou como fases apenas de um mesmo fenômeno (MARTINI 1932).

Sem excluir, a priori, qualquer das hipóteses já emitidas para a explicação do fenômeno, acho que a referente a associação simbiótica ou simbiótica (STEINHAUS 1947, p. 188), no caso dos anóbios e respectivos levedos, é a melhor como hipótese de trabalho, senão no significado atribuído por BUCHNER e sua escola, ao menos no sentido dado por DE BARY, que criou o termo na acepção de "vida em comum entre organismos dissemelhantes" (STEINHAUS, 1. c.).

Consigno aqui meus agradecimentos ao PROF. DR. ERNESTO MARCUS pela orientação do trabalho e revisão do manuscrito e ainda a êle e sua Exma. Esposa, D. EVELINE DU BOIS-REYMOND MARCUS, a entrega de vários animais para pesquisa. Também agradeço ao PROF. DR. PAULO SAWAYA o interesse pelo assunto e demais colaboração no decorrer do trabalho, bem como agradeço de maneira geral a tôdas as pessoas e instituições que enviaram material ou facilitaram a busca em bibliotecas públicas ou particulares.

CATORAMA HERBARIUM Gorham

DESCRIÇÃO GERAL

Besouro de pequeno porte, seu comprimento raramente excede 3-3,2 mm. O adulto possui côr castanha escura. Quando tocado por qualquer objeto estranho ou quando perseguido para captura entre os dedos ou pinças, o besouro imobiliza-se temporariamente, espon-

dendo, também, a cabeça no protorax. Toma, como outros Anóbios, a “atitude de morto” (donde a designação da família), sendo mais conhecido o caso de *Dendrobium (Anobium) pertinax*, que deve o nome específico à capacidade de imobilizar-se de tal modo que resiste a agulhadas ou ao próprio fogo sem mostrar sinais de vida (BUFFON 1828, p. 120; CUVIER 1849, p. 237; GIRARD 1873, p. 551; TASCHEBERG 1880, p. 115; REITTER 1911, p. 318; LÔHNER 1914, p. 382; HEYMONS 1915, p. 419; CALWER 1916, p. 724).

Tal reação, também verificada em outras famílias de Coleópteros (*Carabidae, Meloidae, Coccinellidae, Chrysomelidae*) e em outros Insetos (*Blattariae, Phasmida, Hemiptera*, etc.), bem como em outros Artrópodos (*Crustacea e Diplopoda*), é em geral designada por Thanatose, como uma das modalidades da Acinese (LENGERKEN 1924-1927, p. 162; 1928, p. 80-82; BLEICH 1928, p. 3; WEBER 1933, p. 351; MEIXNER 1935, p. 1236; CHAUVIN 1949, p. 330; WIGGLESWORTH 1950, p. 196).

Não tendo encontrado, na literatura de que dispus, referências sobre alguns pormenores a respeito do fenômeno, quer nos *Anobiinae*, que nos *Dorcatominae*, sub-família esta que inclui o gênero *Catorama*, dou aqui um resumo de minhas observações.

O reflexo de imobilização, na espécie por mim observada, varia segundo o estado do animal. A vida imaginal de *Catorama herbarium* é relativamente curta, não ultrapassando, via de regra, um mês. Esse tempo diz respeito à vida ativa do besouro, isto é, desde o momento em que rompe o “casulo” dentro do qual se metamorfoseou até a morte. Há um período difícil de precisar, que corresponde ao fim da pupação e início da fase imaginal e que ocorre dentro do casulo. Pode, entretanto, avaliar aproximadamente esse período, por ter verificado alguns casos de “pupação livre”, isto é, sem confecção prévia do casulo. Oscilou entre 5-10 dias, tempo em que o besouro fica completamente imóvel, o que equivale a dizer que, nessa época, qualquer estímulo externo provoca no animal, mesmo libertado do casulo, imobilização duradoura. Durante a fase ativa, que, como foi dito, é de ca. de um mês, o reflexo dura alguns segundos, chegando a ser rapidíssima quando os animais chegam à maturidade sexual. Principalmente a fêmea, que se torna excitadíssima na época da postura, o reflexo fica praticamente abolido. No fim da vida imaginal, volta a ser longa a reação de imobilidade, a ponto de, às vezes, ter-se a impressão de que o animal já se encontra morto. Caso houve em que somente depois de ter sido mergulhado o espécime em álcool (a 80%) se mostraram os sinais de vida. Nessa ocasião, isto é, mais ou menos no fim da vida de imago, chega a suportar mesmo seccionamentos, fortes compressões ou lacerações de suas partes. Na água varia a reação segundo a quantidade de líquido. Quando atirado em recipiente com muita água, o animal retrai tôdas as suas partes, deixando-se flutuar na superfície. Colocado em pouca água, com a possibilidade de “tomar pé”, o besouro locomove-se relativamente bem.

CABEÇA E PEÇAS BUCAIS

A cabeça de *Catorama herbarium* apresenta contôrnio aproximadamente arredondado; seu diâmetro corresponde a ca. de 1/4 do comprimento do corpo. É do tipo prognato, isto é, seu plano de estrutura

corresponde ao plano horizontal do animal e as peças bucais são dirigidas para diante.

As mandíbulas (Fig. 1) são falciformes e relativamente fortes. Como nos Insetos Pterigotos em geral, cada mandíbula se articula com o crânio por dicondilia, donde resulta o movimento transversal de adução e abdução (SNODGRASS 1935, p. 138). o côndilo anterior é bem mais forte que o posterior; ambos ficam situados na face dorsal da mandíbula, face em que se encontram também numerosas cerdas, de comprimento variável. Dos dois lóbulos que geralmente ocorrem na mandíbula de tipo triturador, a saber, lóbulo distal incisor e lóbulo proximal molar, apenas se distingue o primeiro, o incisor, na mandíbula do adulto de *Catorama herbarium*. O lóbulo proximal é liso, não exibindo superfície trituradora. A própria zona incisora é constituída de dois dentes e um pequeno tubérculo. Um dos dentes é mais forte e pontiagudo. O ápice do dente menor é um tanto arredondado.

As mandíbulas da larva (Fig. 2) diferem em alguns pormenores das do adulto. Embora, pela forma, se possa comparar a mandíbula, seja larval ou imaginal, a uma pirâmide de base triangular, a peça do adulto é tão achatada que mais parece uma lâmina com duas faces apenas, a dorsal e o ventral. Na mandíbula da larva, a 3.^a face, que chamo de lateral interna, é desenvolvida, dando maior espessura à peça. Além disso, num dos bordos dessa face, salienta-se o lóbulo molar, bem como há acréscimo, no lóbulo incisor, duma lâmina cortante. No bordo dorsal externo de cada mandíbula, ocorrem dois tufo de cerdas compridas, curvadas para frente; na face dorsal, há outras cerdas, porém, curtas.

Das las. maxilas do adulto (Fig. 3) distinguem-se bem o cardo, o estipe, com os dois lóbulos (gálea e lacínia), bem como o palpo (telepodito). A região proximal do cardo é de contôrno irregular, com pequena articulação cônica. Tanto a lacínia quanto a gálea são peças achatadas, com o bordo anterior densamente provido de cerdas finas, na maioria recurvadas como ganchos. Não se nota em qualquer dos lóbulos região denteadamente quitinizada. O palpo é composto de 4 artículos, sendo o último espatulado, tão comprido quanto os três outros juntos. Da região anterior do estipe, que consiste de uma lâmina achatada, destacam-se longas cerdas, cujas extremidades chegam a ultrapassar o bordo da gálea.

Na larva (Fig. 4) o palpo das las. maxilas consiste de 3 artículos, de forma aproximadamente cilíndrica, cujo diâmetro diminue gradativamente do 1.^o ao último. A gálea é também mais ou menos cilíndrica, com o bordo anterior arredondado e guarnecido de cerdas rígidas, arqueadas, semelhando a um pente. A lacínia também exhibe cerdas fortes, pontiagudas e não regularmente dispostas.

Da comparação da mandíbula e das primeiras maxilas nas duas fases, adulta e larval, verifica-se que os dispositivos para a mastigação só existem na larva. Efetivamente, apenas na fase larval o besouro de sua preferência. A vida da imago é relativamente curta, como foi dito, e, nesse estágio, o animal não se alimenta. A ocorrência de alguns dentes incisores na mandíbula do adulto talvez se explique

pela necessidade de ruptura dos casulos, abertura ou limpeza de esconderijos ou possivelmente ainda de defesa contra inimigos naturais.

O lábio (2as. maxilas, exhibe a lígula bifurcada, com muitas cerdas no bordo anterior (Fig. 5). O mento e o sub-mento são peças largas, aproximadamente trianguladas. Os palpos labiais são constituídos de 3 artículos, sendo o último de forma espatulada, com chanfradura anterior.

O labro é achatado e pequeno. Na larva é retráctil e densamente provido de cerdas.

ANTENAS

As antenas (Fig. 6) possuem 10 artículos, tanto no macho quanto na fêmea. O 1.º artículo é achatado, com contórno aproximadamente triangulado; é estreito proximalmente e bastante largo distalmente. O 2.º é tão comprido quanto o 3.º e o 4.º juntos; é mais largo também do que cada um deles. Os artículos 5.º 6.º e 7.º são pequenos, em geral mais largos do que compridos. Os três últimos artículos são conspícuos e bem separados entre si; o 8.º é de contórno mais ou menos trapezoidal, o 9.º e o 10.º são obcônicos, sendo mais comprido o último artículo. Os três juntos dão um aspecto mais ou menos serrilhado à antena. Essa configuração é igual nos dois sexos, de modo que nem pelo número de artículos, nem pela forma dos mesmos, serve a antena para a distinção entre macho e fêmea, ao contrário do que acontece com outras Dorcatominae, por exemplo, *Dorcatoma dresdense* (CUÉRIN-MÉNEVILLE 1850, p. 437).

PERNAS

As pernas (Figs. 7, 8 e 9) do adulto são tipo regular entre os Coleopteros, isto é, constituídas de quadril ou coxa, trocanter, femur, tibia e tarso pentâmero e isômero. Os três pares de pernas são mais ou menos iguais entre si; notei, porém, certa dessemelhança quanto ao femur do 1.º par e o trocanter do 2.º. O femur do primeiro par exhibe (Fig. 7), aproximadamente no meio da face dorsal, pequena interrupção da superfície, semelhando, às vêzes, a uma covinha. Encontrei regularmente tal formação, tanto em machos como em fêmeas, embora com certa variação de aspecto. Tentei fazer cortes histológicos dessa região em animais adultos, porém, dada a pequenez da peça e seu forte esqueleto, não obtive quaisquer resultados. Pela literatura compulsada sôbre a ocorrência dos órgãos dos sentidos nos *Coleoptera*, o achado talvez possa ser comparado a um órgão de estridulação ou a um "scolopophorus", sendo mais conhecido o timpânico de certos *Orthoptera*.

O trocanter do 2.º par de pernas é achatado e apresenta, ventralmente, profundo sulco, que parece dividi-lo em duas peças. Tal sulco é continuação do que ocorre no femur correspondente, servindo o conjunto para o encaixe da tibia da respectiva perna.

GENITÁLIA FEMININA

Quanto à genitália das *Anobiidae*, tem merecido certa atenção a parte feminina, dado o interêsse em se conhecerem os pormenores da transmissão dos simbioses. A genitália feminina de *Catorama*

herbarium consiste, como nos demais Anobiídeos, das transformações do 9.º esternito, de vez que faltam nessa família (NOLTE 1938, p. 148, como nos Coleopteros em geral (COSTA LIMA 1952, p. 41) o primeiro e o décimo esternitos.

O oitavo esternito forma o órgão de apóio para o ovipositor. Tal órgão consiste duma placa interna aposta ao último urosternito visível exteriormente, e de uma peça em forma de forquilha (Fig. 10). A placa é chata e alargada, de contórno aproximadamente semilunar. A borda externa (distal), arredondada, exhibe muitas cerdas finas. A interna (proximal) é membranosa, isto é, o chamado "spiculum ventrale". Os ramos dessa peça são bem quitinizados, curvos e simétricos e apenas unidos num trecho relativamente curto no be-souro em mãos. Nesse trecho existe forte musculatura entre o "spiculum" e o ovipositor. Há dois feixes principais de músculos que se dispõem obliquamente entre a extremidade do espículo e a região superior do ovipositor. Com essa disposição, verifica-se que o "*speculum ventrale*" serve de apóio à inteira face ventral do ovipositor, que é envolvido por um estôjo quitínico, a chamada "bainha do ovipositor" ou simplesmente "bainha" (BREITSPRECHER 1928, p. 506). Dentre dessa bainha ou "cilindro quitínico (METCALFE 1932, p. 91) fica encerrada a parte pròpriamente tubular da genitália, bem como a parte terminal do intestino reto.

Com peças distais do tubo genital distinguem-se duas placas de contórno ovalado, simètricamente dispostas em relação ao plano mediano do órgão. A borda anterior de cada placa é a mais larga e res-salta-se pela sua forte quitinização, em forma de arco. Aproximadamente do meio de cada arco parte um fino bastão quitínico, que se dirige para a região anterior do tubo genital e que mede, em comprimento, mais ou menos o dôbro de cada placa. Os dois bastões quitínicos são também simétricos em relação ao plano mediano, porém, de tal modo orientados que parecem tender a formar um X. Suas terminações anteriores coincidem com a região de desembocadura de dois tubos (Fig. 11), considerados como evaginações da membrana intersegmental e, porisso, chamados de "tubos intersegmentais" (BREITSPRECHER 1928, p. 507); BUCHNER 1930, p. 336). Tais tubos abrigam simbiontes e medem, em *Catorama herbarium*, aproximadamente 0,27 mm. ao comprido e 0,04 mm. de largura máxima. Tais medidas representam um térmo médio entre a grande variação de tamanho encontrada nos Anobiídeos. Pelo que pude verificar, os tubos atingem o maior comprimento em *Anobium punctatum* (BREITSPRECHER 1928, fig. 16*), sendo uma vez e meia, aproximadamente, mais longo que o próprio ovipositor, ao passo que são inconspícuos (talves 1/6 do comprimento do ovipositor) em *Dorcatoma flavicornis* e *Caenocara bovistae* (NOLTE 1938, p. 153, fig. 5).

Na região das placas distais já referidas, ocorrem dois outros reservatórios de simbiontes que, vistos primeiramente por BUCHNER (1921, p. 329), foram depois chamados de bolsas vaginais (BREITSPRECHER 1928, p. 508; BUCHNER 1930, p. 337). Segundo NOLTE (1938, p. 150) tais bolsas ou tubos vaginais não se evidenciam com facilidade em material sêco. A meu vêr, a maior dificuldade reside no fato de

(*) *Anobium punctatum* D: Geer = *A. striatum* Oliv. (BECKER, 1942, p. 98).

dependem a visibilidade do estado de enchimento ou esvaziamento desses reservatórios que, sobretudo, são em geral pequeníssimos. Foi-me difícil verificá-los em *Catorama herbarium*, quer dissecando material fresco, quer examinando genitálias de exemplares colocados em álcool, Carnoy ou outros líquidos fixadores. Com exceção dos exemplares femininos cortados transversalmente, apenas em um entre os animais dissecados foi satisfatório o exame desses órgãos. Segundo mostra a Figura N.º 11, apresentaram-se os reservatórios como formações tubiformes, não ultrapassando, superiormente, o limite do espessamento quitínico em forma de arco, já referido para a região inferior do ovipositor. Os cortes (Fig. 12). evidenciam a comunicação com a vagina, tal como foi vista por BREITSPRECHER (1928) em outros Anobiídeos.

Terminalmente, o ovipositor de *C. herbarium* exibe numerosas cerdas e dois pequenos cercos, também chamados de "palpos genitais" (METCALFE 1932, p. 92). A disposição dos cercos é simétrica, o que, a meu ver, é a regra entre os Anóbios. Afora a falta de cêrco mencionada para *Stagetus pilula* e *St. pellita* (NOLTE 1938, p. 151), continua como exceção e assimetria da genitália de *Stegobium paniceum* (= *Sitodrepa panicea*), por possuir um único cêrco, tanto no adulto (BREITSPRECHER 1928, p. 506; NOLTE 1938, p. 151) como já na fase de pupa (METCALFE 1932, p. 93).

Pelo confronto das descrições ou figuras que pude compulsar, considero as disposições do ovipositor de *C. herbarium*, afora alguns pormenores, semelhantes às do de *Mesocoelopus niger* (NOLTE 1938, p. 147).

GENITALIA MASCULINA

Segundo o número de lóbulos que o formam, o aparelho copulador dos Insetos machos pode apresentar-se da seguinte maneira (METCALFE 1932, p. 57):

- a) com um lóbulo mediano e um par de apêndices laterais;
- b) com um lóbulo mediano e dois pares de apêndices laterais.

O aparelho dos *Coleoptera*, bem como o dos *Dermaptera* e *Odonata* (METCALFE, p. 58), pertence ao primeiro grupo, enquanto o das demais ordens enquadra-se, dum modo geral, no segundo.

Na genitália de *Catorama herbarium* (Fig. 13), distinguem-se o lóbulo mediano e os laterais como peças bem quitinizadas, de côr mais ou menos semelhante à das peças esqueléticas externas (élitros, pernas, etc.) O lóbulo mediano ou penis (VERHOEFF 1893, p. 119) é tubular e bastante curvo, com sua convexidade voltada para o lado ventral do abdome. Os lóbulos laterais ou parâmeros (VERHOEFF, 1. c.) apresentam-se como duas lâminas justapostas, que, em parte, envolvem o penis e, em parte, o flanqueiam.

A região que envolve o penis é ampla e, nela, pode distinguir-se duas faces: uma interna, côncava, onde propriamente se articula o lóbulo mediano e outra externa, convexa, onde se inserem os músculos da genitália.

Os parâmeros são concrecidos em curto trecho do lado ventral, ficando, no restante justapostos. Do lado dorsal, justapõem-se no trecho mais caudal, onde constituem forte apófise para inserção mus-

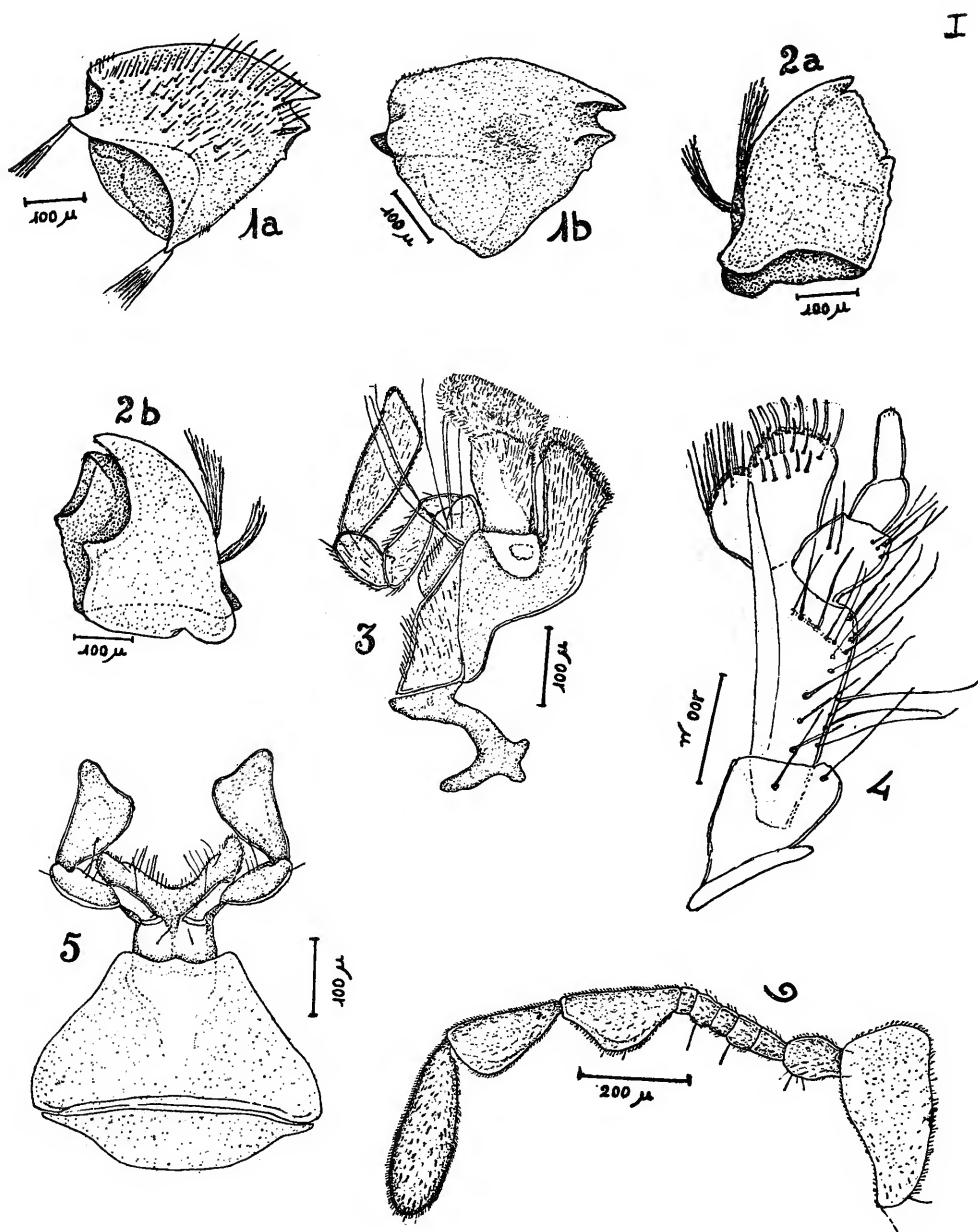
cular, e afastam-se no trajeto restante, dando passagem ao duto ejaculador.

A região que flanqueia o penis é estreita e achatada. Ai, cada parâmero é bifurcado e, no ramo externo dessa bifurcação, exhibe um túbulo ricamente provido de cerdas, o chamado cirrus (VERHOEFF 1893, p. 130). Como os lóbulos laterais constituem a parte essencialmente sensorial do aparelho copulador (JANNEL 1949, p. 832), é muito provável que essa região cerdosa exerça importante papel na justaposição das genitálias durante a cópula.

Através da parede quitínica do penis, distingue-se bem a porção terminal do duto ejaculador, o chamado saco interno (JEANNEL 1911, p. 43; 1949, p. 833), ou saco prepucial (VERHOEFF 1895, seg. JEANNEL 1911, p. 44; 1918, p. 150) ou ainda hexiga (SNODGRASS 1935, p. 590 e 597), principalmente pela presença de alguns espinhos, cujo conjunto forma a armadura genital. Contraído, o saco interno ocupa a maior extensão do penis, porém, em prolapso, o que pude verificar em 3 exemplares dissecados em épocas diferentes, corresponde a 1/3, aproximadamente, do comprimento do lóbulo mediano.

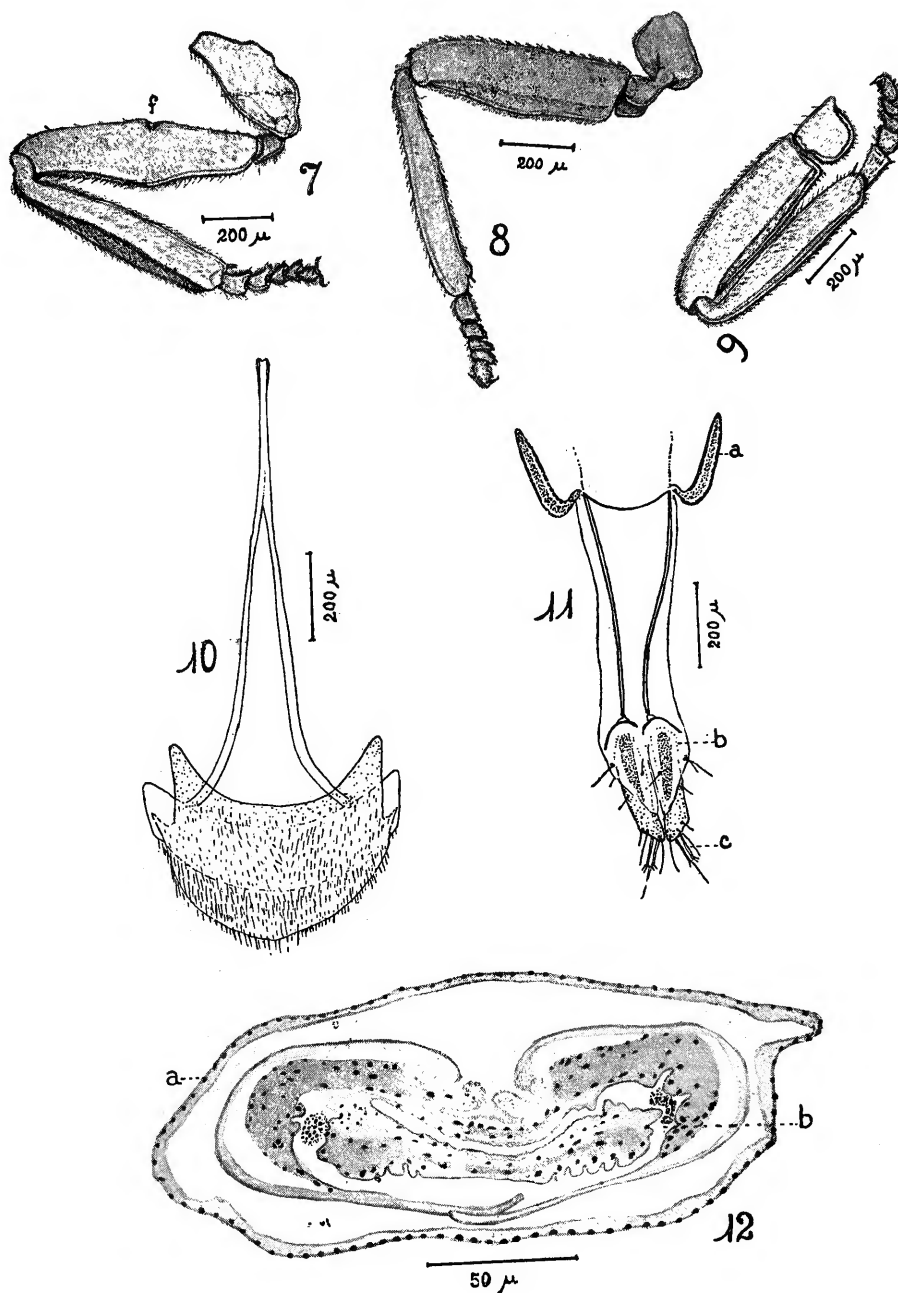
Segundo a definição de JEANNEL (1949, p. 831), os lóbulos ou estiletos laterais constituíram a única parte do tegmem existente na genitália das *Anobiidae*, faltando inteiramente a lâmina basilar, conforme consta da diagnose para *Anobiaría* no sistema dos *Coleoptera* preconizado por JEANNEL e PAULIAN (PAULIAN, 1949, p. 892). Realmente, não verifico a lâmina basilar em *C. herbarium*, a menos que seja esclerito concrescido, no adulto, com o lóbulo mediano e os laterais. Todavia, essa estrutura consta da descrição da genitália de outros Anóbios, como, por exemplo, *Ernobius mollis* (SHARP AND MUIR 1912, p. 534, f. 134, 134 a) e *Stegobium paniceum* (L.) (METCALFE 1932, p. 61 f. 3 do texto). As figuras referentes a *Ernobius mollis* não deixam dúvidas quanto à sutura entre a lâmina basilar e os lóbulos laterais e mediano, porém, o mesmo não acontece com a de *Stegobium*. Além de dar à lâmina a designação de tegmem, dando a este termo acepção, portanto, mais restrita (METCALFE 1932, p. 53), o autor deixa de desenhar a sutura, que daria a idéia de que "the tegmen forging a ring at the base of the median and lateral lobes".

Ao que parece, a disposição das peças da genitália de *Stegobium* figurada por METCALFE assemelha-se, dum modo geral, à ocorrente em *Catorama*, faltando em ambos os casos a lâmina basilar. Com isso, os caracteres do aparelho copulador masculino dos dois besouros concordariam plenamente com a diagnose constante para os *Anobiaría* do sistema já referido de JEANNEL e PAULIAN. Restaria, porém, resolver a dúvida suscitada pelo trabalho desses autores. Ao descrever o aparelho copulador masculino, também chamado de *Aedeagus* (SHARP e MUIR 1912, p. 184; MUIR 1919, p. 407; SNODGRASS 1935, p. 582-607; JEANNEL 1949, p. 830-838) JEANNEL admite 4 tipos, o primeiro dos quais o trilobado, dizendo: "Avec SHARP et MUIR (1912), on peut considérer ce type comme étant primitif (Fig. 505). La lame basale du tegmen est bien développée, étendue du côté sternal; elle porte deux styles latéraux aussi volumineux que le lobe médian, de sorte que l'édéage parait trifide" (JEANNEL 1949, p. 836). Na parte sistemática (PAULIAN 1949, p. 892-1069), os *Anobiaría* constam como terceira seção dos *Dascilloidea* (4.^a divisão dos *Heterogastra*), que apresenta-



ESTAMPA I

- Fig. 1 — Mandíbulas de fêmea adulta: *a*, vista dorsal; *b*, vista ventral.
Fig. 2 — Mandíbulas da larva: *a*, vista dorsal; *b*, vista ventral.
Fig. 3 — 1.^o maxila de fêmea adulta.
Fig. 4 — 1.^o maxila da larva.
Fig. 5 — Lábio (2as. maxilas) de fêmea adulta.
Fig. 6 — Antena duma fêmea.



ESTAMPA II

- Fig. 7 — 1.^a perna: f, covinha do femur.
 Fig. 8 — 2.^a perna.
 Fig. 9 — 3.^a perna.
 Fig. 10 — Spiculum ventrale.
 Fig. 11 — Genitalia feminina: a, tubo intersegmental; b, bolsa vaginal; c, cêrco.
 Fig. 12 — Corte transversal da genitalia feminina: a, bainha; b, bolsa vaginal (com simbioses) em comunicação com a vagina.

riam (p. 925) “Édége de type trilobé, à styles développés et lobe médian articulé par plusieurs condyles sur le tegmen”. Ora, se o aparelho copulador dos *Dascilloidea* é do tipo trilobado e este tipo apresenta a lâmina basilar do tegmen bem desenvolvida, como justificar a posição dos *Anobiaria* no sistema?

A meu vêr, ou a caracterização dos tipos de aparelho copulador é falha ou as diagnoses das entidades sistemáticas propostas devem, em relação ao “aedeagus”, ser mais elásticas, ou, ainda, as estruturas da genitália não se prestam para as disjunções das entidades concebidas.

Circundando os lóbulos descritos, ocorre (Fig. 14), em forma aproximada a um U, o “*spiculum gastrale*” (METCALFE 1932, p. 54, 61,68). A parte arqueada fica contígua e ligada à base dos parâmeros por forte musculatura; a região oposta fica apoiada internamente nos últimos tergitos visíveis, de modo que é possível, na dissecação, retirar os últimos esternitos abdominais sem o risco de lesar o espículo. As extremidades dos ramos do U, que formam essa região de apóio, estão ligadas por estreita faixa quitínica, ligeiramente arqueada, em cuja face côncava repousa a extremidade distal do órgão copulador.

Quer pela forma do “*spiculum gastrale*”, quer pela forma dos parâmeros e do penis, considero simétrica a disposição do aparelho copulador em *C. herbarium*, ao contrário do que foi assinalado para outros Anóbios, com *Ernobius mollis* (SHARP e MUIR 1912, p. 534, aí colocado entre as Ptinidae), em que os parâmeros e o penis são assimétricos e *Stegobium paniceum* (METCALFE 1932, p. 60), em que há assimetria dos parâmeros. O caso *C. herbarium* não é isolado; concorda, segundo a descrição de SHARP e MUIR (1912, p. 535), com o de *Ptilinus pectinicornis*. Outro ponto de concordância com essa espécie refere-se ao esclerito com a aparência dum X (quando manuscrito), regularmente encontrado em *C. herbarium* (Fig. 15). SHARP e MUIR (1. c.) descrevem-no da seguinte maneira: “Along the ventral side of the aedeagus lies a narrow sclerite, bilobed at tip; this appears to pertain at the body segments, and arises from the membrane connecting the aedeagus to the chitinous body wall (second connecting membrane)” É uma lâmina membranosa, mais ou menos larga na região anterior e bifurcada na posterior. Os bordos laterais da lâmina são mais esclerizados que a região central e apresentam muitas cerdas finas. A não ser no ponto de conexão com a membrana segmentar, a peça fica solta, apenas aderida à face ventral dos parâmeros e penis, com a região bifurcada coincidindo com as extremidades dos lóbulos laterais. Constitue, a meu ver, incognita o problema da função, bem como da homologia, dessa estrutura.

INTESTINO E SIMBIONTES

Desde a publicação do trabalho de LÉON DUFOUR (1828) sobre *Anobium punctatum*, ficaram evidenciadas as particularidades do intestino das *Anobiidae*. O que chamou a atenção desse pesquisador foi a ocorrência de divertículos, aos quais deu o nome de apêndices gástricos, na região entre o “papo” e o “ventrículo quilífico”. Surpreendido com o achado, DUFOUR apenas acenou à homologia entre

os "apêndices" dêsse besouro e os existentes nas baratas, grilos e gafanhotos, etc. Coube a KARAWAIEW, segundo foi dito na introdução dêste trabalho, verificar, setenta anos mais tarde, que tais apêndices abrigavam microorganismos, diagnosticados, um ano depois, por ESCHERICH, como levedos simbiônticos.

O intestino de *C. herbarium* exhibe tais divertículos tanto na larva como na pupa e na imago, de ambos os sexos. Como as outras *Anobiidae* observadas por BREITSPRECHER (1928), os divertículos constituem evaginações da região anterior do intestino médio, ou seja, da zona em que termina o papo (Fig. 16). As próprias evaginações são em número de quatro, como observou BREITSPRECHER (p. 499) em *Stegobium paniceum*. Cada evaginação é, por sua vez, constituída de múltiples lóbulos, de modo que o conjunto tem o aspecto de cacho circundando todo o intestino no local indicado. Em relação ao animal total, o órgão simbiótico fica no trecho entre torax e abdome: é mais volumoso, em geral, na larva estendendo-se, então anteriormente, mais para perto da cabeça.

Pelos cortes histológicos, notam-se nos divertículos dois tipos de células, como em outros Anóbios pesquisados (BUCHNER 1921, p. 321; 1930, p. 327; BREITSPRECHER 1928, p. 449). Um tipo é o formado pelas células de revestimento da parede intestinal. O outro é o constituído pelos micetócitos, isto é, pelas células que abrigam os simbiotes (Fig. 17).

Embora tenha usado vários fixadores para o material a ser submetido a cortes, como Carnoy, Bouin e Bouin-Hollande e variado a técnica de desidratação, diafanização e inclusão, ora empregando a série de alcoóis e xilol-parafina, ora introduzindo alcool metílico ou butílico, benzoato ou salicilato de metila, não considero satisfatórias as lâminas obtidas, principalmente quanto ao intestino e respectivos divertículos, quer das larvas, pupas ou imagos. Bom resultado, entretanto, consegui no tocante à evidenciação dos simbiotes, com o emprego de Bouin-Hollande como fixador e Salicilato de metila como diafanizador, corados os cortes com Hematoxilina de Ehrlich e Eosina. Os simbiotes aparecerem distintamente corados em vermelho, num tom inconfundível com o de outros corpúsculos existentes nas células intestinais, cousa que não havia conseguido com as outras técnicas. O mesmo meio facilitou, também, um pouco a obtenção de cortes em que a quitina constituiu obstáculo quase insuperável, como o é o caso dos besouros adultos.

Afora, portanto, a possibilidade de confirmar a existência dos dois tipos de células nos divertículos, ressalto, com as devidas precauções, alguns pormenores histológicos observados no besouro bibliófago. Pelos cortes das larvas, cuja idade não me foi possível estabelecer com exatidão, notei ser variável a relação entre células de revestimento e micetócitos, quer num mesmo indivíduo, quer em espécimes diferentes. Ora predominaram as células livres de simbiotes, que, então, se mostravam cilíndricas, amplas, ocupando quase inteiramente o lume dos divertículos ou lóbulos; nêsses casos, os micetócitos ficavam quase que restritos às paredes do órgão, com aspectos de criptas, aparentemente sem comunicação com o lume. Ora os micetócitos predominaram de tal modo que se tornou difícil, senão impossível, distinguir o outro tipo de células. De qualquer ma-

neira, porém, parece-me possível estabelecer as seguintes características para o órgão simbiótico larval; a) as células de revestimento são aproximadamente cilíndricas, ora, altas, mais compridas que as restantes do intestino médio, ora baixas e, então, semelhantes às demais; seu bordo livre é provido de bastonetes que lembram uma escôva e o núcleo é volumoso, em geral arredondado; b) os micetócitos podem ser cilíndricos, porém, geralmente têm a forma um tanto aproximada ao cône, isto é, sua base é, em geral, larga e seus bordos laterais estreitam-se em direção ao ápice, que é arredondado e liso; seu núcleo tingem-se muito fortemente pela Hematoxilina, é menor que o das células sem simbioses e de forma geralmente irregular.

Nas pupas e imagos, os aspectos foram aproximadamente os mesmos, notando, todavia, ser pequeno o número de micetócitos nas pupas e, ao contrário, muito grande nos besouros adultos. Caracter que não posso confirmar para *Catorama*, como foi descrito em relação a *Stegobium* (BREITSPRECHER 1928, p. 505) é o alongamento dos micetócitos no intestino dos adultos. Embora tenha encontrado os micetócitos sempre repletos de simbioses nas imagos, não me pareceram ser mais extensos, ou, sequer, mais volumosos do que os das larvas possuidoras de órgão também cheio de tais microorganismos.

Raramente vi micetócitos com poucos simbioses, seja no intestino larval, pupal ou imaginal. Nesses casos pude verificar que, em torno a cada simbiote incluído no citoplasma, existe um halo claro, provavelmente o vacúolo visto em *Stegobium* por BREITSPRECHER (p. 500). Quando isolados dos micetócitos e vistos em preparações a fresco, os simbioses exibiram forma oval alongada, semelhando a minúsculas garrafinhas, em movimento característico. Mediram ca. de 0,004mm. de comprimento e 0,0012 mm. de largura máxima, e alguns dentre eles mostraram fases de brotamento junto ao polo mais estreito. Pelos cortes corados pela Hematoxilina de Ehrlich e Eosina, observei ser o conteúdo de cada simbiote constituído de granulações esparsas, entremeadas de zônulas vesiculosas mais claras. Dentre os grânulos mais fortes, às vezes em número de dois, três ou pouco além, um parecia situar-se mais junto ao polo obtuso, podendo, talvez, ser considerado como um núcleo. Tentei a coloração pela Hematoxilina férrica, mais aconselhada. (BREITSPRECHER, p. 498) para o núcleo, porém, o resultado não foi unívoco. Com a ocorrência de vários espaços vesiculosos, muito difícil também se afigurou a possibilidade de confirmar ou não a existência de determinado vacúolo nos simbioses, como descreveu BREITSPRECHER (1928) para outros Anóbios. Pelo menos não notei espaço claro, com diâmetro relativamente grande e localização mais ou menos constante, ao qual pudesse atribuir as características de vacúolo único.

Procurei fazer culturas dos simbioses sobre Agar e Solução de Malte a 2%. Foram usados não somente pedaços dos divertículos do intestino larval, como, também, ovos, cuja postura se deu em condições de controle quanto ao tempo e contaminação externa, utilizando-se, para isso, pequenos insetários e recortes de papelão esterilizado. Em alguns casos não houve crescimento algum e, em outros, cresceram formas de tal modo heterogêneas que se anulou qualquer tentativa de diagnóstico. Não tendo podido contar com especialistas

para a elucidação do assunto, não quero e nem posso negar ou afirmar a possibilidade de cultura dos simbiosites fora do besouro, apesar dos dados em ambos os sentidos constantes da literatura. Como resultados negativos contam-se os de HEITZ (segundo BREITSPRECHER 1928) quanto a *Stegobium paniceum*, os do mesmo autor e MÜLLER (1934) quanto a *Anobium punctatum*. Casos positivos, isto é, de bom crescimento, foram assinalados tanto por HEITZ como por MÜLLER em relação a *Ernobius abietis* e *E. mollis*, bem como em *Xestobium rufovillosum*.

Por analogia, entretanto, com as formas dos simbiosites encontrados em outras Anobidas e com os resultados catalogados por SCHWARTZ (1935, p. 397-399), talvez se possa atribuir aos microorganismos de *C. herbarium* o caracter de "Pseudosaccharomycetos", de vez que mesmo os casos mais favoráveis só muito precariamente podem ser incluídos no gênero *Saccharomyces* (STEINHAUS 1947, p. 336).

SIGNIFICAÇÃO BIOLÓGICA DOS MICROORGANISMOS

Desde a descoberta da ocorrência dos microorganismos nos cecos do intestino médio, vem sendo estudada não só a natureza dos mesmos, mas, também, sua relação com o hospedeiro. Depois dos trabalhos de KARAWAIEW e ESCHERICH, celebrizaram-se as investigações de BUCHNER e sua Escola, orientando-se as pesquisas mais ou menos em tôrno dos seguintes pontos (MÜLLER 1934, p. 85):

1. Ação dos simbiosites em cultura pura, especialmente suas capacidades enzimáticas;
2. Ação dos sistemas nutritivos animais devido às experiências com fermentos e análise comparativa entre alimentação e fezes;
3. Cultura de hospedeiros livres de simbiosites e verificação das deficiências.

Diante do insucesso das culturas dos microorganismos tentadas, em parte junto ao Departamento de Botânica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e, em parte, junto ao Instituto Adolfo Lutz de São Paulo, procurei eliminar os simbiosites do ciclo da vida do hospedeiro. Essa tentativa baseada, principalmente, nos trabalhos de КОГН (1933) foi feita, para *C. herb.*, de duas maneiras: a) pelo processo mecânico e b) pelo processo químico. A primeira técnica consistiu em libertar a larva do "chorio" momentos antes da eclosão natural. Parece ser a única técnica mecânica possível em Anóbios, cujos ovos são enlambuzados por simbiosites ao passarem pelo ovipositor, onde se encontra o aparelho transmissor formado pelos tubos intersegmentares e as bolsas vaginais já descritos. É aqui impraticável o processo de extirpação do órgão simbiótico, tal como se pode fazer com as *Pediculidae* (ASCHNER e RIES 1932), nas quais ocorrem micetomas isolados da parede intestinal. Deve-se evitar que os microorganismos colados ao envólucro ovular sejam comidos pela larva no momento da eclosão. Esta se realiza, em *C. herb.*, num espaço de tempo que vai, geralmente, entre 14 a 18 dias após a postura, segundo observei em Insetários. Além da verificação do número de dias, foi-me possível estabelecer

os instantes próximos da eclosão pela aparência da cabeça larval. Dois a três dias antes de a larva romper o "chorio", nota-se, através dêste, o ponto escuro constituído principalmente pela quitinização mais forte das mandíbulas. Com agulhas bem finas pude perfurar a casca e provocar a saída de algumas larvas (ca. de 15), rejeitando, para as experiências, as que poderiam ter sido prejudicadas pela operação.

O processo químico consistiu no emprêgo da solução de Cloramina T (da Eastman Kodak Company) a 5% em álcool a 70%, segundo a indicação de KOCH (1933 a, p. 202). Os ovos, quando exibiam os sinais típicos da quitinização mandibular e os movimentos próprios das larvas em seu interior, foram mergulhados durante um ou, no máximo, dois minutos nessa solução. Logo em seguida, foram enxugados em papel de filtro ou em mataborrão e depositados em caixinhas de papel preto, onde podiam ser vistos e controlados mais facilmente. Em muitos casos (ca. de 30), as larvas eclodiram aproximadamente 24 horas depois do tratamento. Em outros casos (ca. de 15), o malogro foi total, por morte quase imediata ou depois de 24, 48 e até ca. de 72 horas, embora tenham tais ovos ficado apenas ca. de um minuto em contacto com a solução de Cloramina. Tal perda não deve, a meu vêr, ser atribuída ao possível efeito tóxico da Cloramina, pois, o tempo parece-me curto demais para uma difusão do líquido. Afora a possibilidade de ser ela devida a causas normalmente inexplicáveis, como as que determinam, às vêzes, em uma mesma postura deixada em condições ambientais inalteradas, quotas de aniquilamento calculadas em aproximadamente 50% dos ovos, considero provável ter a solução de Cloramina formado, com as substâncias que besuntam a casca ovular, uma crosta impermeável aos gases respiratórios.

Em alguns casos, tratei os ovos com a solução de Cloramina e retirei depois as larvas pouco antes da eclosão normal. Entende-se que tal combinação das técnicas químicas e mecânica aumenta a probabilidade de obter larvas sem simbioses, evitando os possíveis efeitos da substância tanto sôbre o ovo como sôbre a larvazinha ao engulir os pedaços da casca nos instantes de sua libertação. Todavia, o processo pode diminuir, ao invés de aumentar, a percentagem de larvas que sobrevivem, pela maior desvantagem da intervenção mecânica.

Com tôdas essas técnicas, porém, o resultado positivo foi o mesmo: o máximo de sobrevivência atingido por poucas larvas foi de 15 dias, alcançando a maioria apenas 8 dias, embora se lhes tenham oferecido, como alimento, pedaços de encadernações de livros e papelão acrescido de Vitaminas.

Das Vitaminas, foram empregadas a B₁ (Tiamina), B₂ (Riboflavina) e P. P. (Nicotinamida), que são encontradas em grande quantidade em levedos.

Feita, primeiramente, uma solução a 1% das Vitaminas B₁ e B₂, apliquei-a inteiramente, com auxílio dum pincel, em recorte de papelão medindo um decímetro quadrado; depois de estar o papelão completamente sêco, porém, ao abrigo da luz, seccionei-o em pedaços de um centímetro quadrado e coloquei alguns dêsses recortes junto às larvas jovens. Nenhum dos pedaços de papelão mostrou sinal

de que tivesse sido roído pelas larvas. Notei, todavia, que era frequente e duradouro o contacto dos animais com os papéis untados de Tiamina, ao passo que parecia haver repulsa pela Riboflavina. A fim de precisar melhor o comportamento das larvas, posteriormente usei papelão em cuja superfície se esfregou cada uma das vitaminas e, finalmente, as próprias substâncias secas dentro dos insetários. Pude confirmar, então, a repelência da Riboflavina e registrar a morte das larvas em curto período, isto é, dois a três dias após o contacto com essa vitamina. Não notei repugnância à Tiamina, em cuja proximidade os animais viveram mais tempo, ca. de oito dias. Quanto à Nicotinamida, foi aplicada uma única vez, em estado seco, junto a 3 larvazinhas. A reação destas foi semelhante à das colocadas em contacto com a Tiamina, tendo duas larvas sobrevivido até ao 5.^a dia.

Essas experiências foram realizadas com o objetivo de verificar se o Anóbio bibliófago reagiria da mesma maneira que *Stegobium paniceum* (KOCH 1933 a, b). Este besouro polígrafo tem sido muito investigado no sentido da função dos levedos como supridores de vitaminas do grupo B (FRAENKEL & BLEWETT 1943 a, b; PANT & FRAENKEL 1950; LEMONDE ET BERNARD 1953). Verifiquei ser *Catorama herbarium* material mais difícil para tais pesquisas do que *S. paniceum*. Desta espécie, KOCH conseguiu manter algumas larvas sem simbiotes além de 10 semanas, usando, em uma das experiências, apenas farinha de ervilha.

Diante disso, parece-me lícita a conclusão de serem os simbiotes mais indispensáveis à vida de *Catorama* do que à de *Stegobium*. O número de meus animais correspondeu aproximadamente ao usado por KOCH. A viveza das larvazinhas foi igual à das não descascadas ou das não tratadas pela Cloramina, mostrando que esses processos não prejudicaram os espécimes que a eles sobreviveram. Testei o poder esterilizante da solução usada de Cloramina junto a mofos desenvolvidos nos pequenos insetários, de maneira que posso admitir a morte dos simbiotes na casca dos ovos mergulhados no mesmo líquido. Também as larvas precocemente libertadas do "chorio" não podem ter engulido os levedos durante tal eclosão passiva. Embora, é verdade, não tenha conseguido provar, como pretendi, por meio de cortes histológicos, a ausência completa dos simbiotes nas larvas prematuramente mortas, penso que o uso já referido das técnicas combinadas afasta qualquer dúvida a respeito.

O resultado obtido com o emprego das vitaminas levar-me-ia a admitir, com KOCH (1933 b. p. 144), a inconveniência do uso de substâncias que "ocorrem em grandes quantidades no levedo". Alguns trabalhos posteriores ao de Kock, que incluem as *Anobiidae* no campo da vitaminologia, deixaram, porém, dúvidas principalmente quanto à presença de Tiamina nos levedos. Assim, FRAENKEL & BLEWETT (1943 b, p. 507) e PANT & FRAENKEL (1950, p. 499) empregaram dietas básicas, em que constaram Tiamina e Riboflavina, para a criação de larvas de *Lasioderma* e *Stegobium* esterilizadas ou não. Alguns dos resultados foram: a) tanto as larvas normais como as esterilizadas cresceram muito bem junto à dieta total; b) na ausência de Tiamina, foi nulo o crescimento das larvas de *Stegobium* (normais ou esterilizadas); quanto a *Lasioderma*, os dados não foram concordantes: nulo para as larvas esterilizadas e quase isso para as normais (FRAENKEL

& BLEWETT, 1. c.); sobrevivência de 35% das esterilizadas e 40% das normais (PANT & FRAENKEL, 1. c.). Em outro trabalho, FRAENKEL e BLEWETT (1943 a, p. 668) haviam relatado as experiências feitas com larvas normais de *Stegobium* e *Tribolium* (*Tenebrionidae*) e *Ptinus* (*Ptinidae*), não possuidores de levedos. Verificou-se certo efeito de retardamento nas larvas de *Lasioderma*, porém, com 90% de casos positivos de crescimento na ausência da Tiamina (Aneurina) e pleno retardamento, com apenas 20% de positividade em relação às larvas de *Stegobium*.

Recentemente, LEMONDE e BERNARDI (1953, p. 142) não só chegaram à conclusão de que as larvas de *Stegobium paniceum* exigem a presença da Tiamina e da Biotina em sua alimentação, bem como de um ou mais fatores ainda desconhecidos e presentes na levedura de cerveja.

A tentativa de acrescentar as vitaminas, principalmente a Tiamina, ao substrato alimentício de *Catorama*, usando, em primeiro lugar, larvas livres dos microorganismos e, depois, larvas normais, não logrou êxito. Não dou, porém, a êsse resultado preliminar negativo qualquer interpretação, dada a quantidade de fatores que interferem na criação de *Catorama herbarium* cujo longo ciclo vital, de ca. de um ano, contrasta com a vida larval de 3-4 semanas em *Stegobium paniceum* (BREITSPRECHER, p. 513).

MEIOS ALIMENTÍCIOS COMUNS

Tentei analisar alguns desses fatores. Em primeiro lugar, empreguei papéis e papelões de diversas qualidades, isoladamente. Não foi comido qualquer dos tipos de papel, seja o comum para cartas, assetinado ou de qualidades próximas, seja o de filtro. Larvas de várias idades fechadas em insetários por muito tempo, em alguns casos, ca. de 2 a 3 meses, somente com pedaços dos referidos papéis, preferiram o jejum, terminando ou com a morte ou com a fase de pupação livre, isto é, sem a fabricação prévia do casulo. Isso não só confirma a observação de NABUCO (1943, p. 71), de que os papéis “modernos” não são atacados pelas brocas de livros, como também revela, a meu ver, que *Catorama herbarium* não tem a celulose como alimento preferencial. Do contrário, não se explicaria, ao menos em parte, também o fato de os volumes não encadernados permanecerem geralmente intactos. No Departamento de Zoologia da Faculdade, situado à Al. Glete, as caixas de papelão feitas para guardar as separatas foram intensamente infestadas pelo besouro bibliófago. Nunca, porém, vi estragos produzidos por êsse caruncho em qualquer dessas publicações, embora algumas sejam grossas e a maioria proveniente de várias partes do mundo, portanto impressa em papel de diversas qualidades. Não dispus de papel de linho antigo e nem de outro besouro bibliófago a não ser *Catorama* para as verificações, de modo que deixo de lado o “gosto” de tais brocas pelos “livros antigos” (NABUCO, p. 72).

Quanto aos papelões, sabe-se que não são invariavelmente atacados. Acredita-se que isso seja devido às várias qualidades do material empregado nas encadernações. Pelas minhas experiências, verifiquei ser mais importante o que chamo de qualidades físicas do papelão, isto é, seus vários graus de consistência e de aspereza. Usei

fragmentos de papelão duro e batido, consistente, porém, "felpudo", e mole, inclusive mataborrão verde que serve para cobrir as mesas de escritório. Foi surpreendente o ataque ao mataborrão, enquanto foi rejeitado o papelão duro, solicitado a uma encadernadora da cidade de São Paulo. Ao que parece, falta às larvas força mandibular para corroer substância dura e, evidentemente, não conseguem umidê-la para torná-la mole. Os papelões mais ásperos, isto é, os mais felpudos, que, em geral, coincidem com o tipo mole, são os preferidos, não só para o ataque das larvas, como, também, para a postura dos ovos. Tive a impressão de que, na procura do substrato, o besouro visa tanto à comida para a prole quanto às garantias de esconderijos para esta.

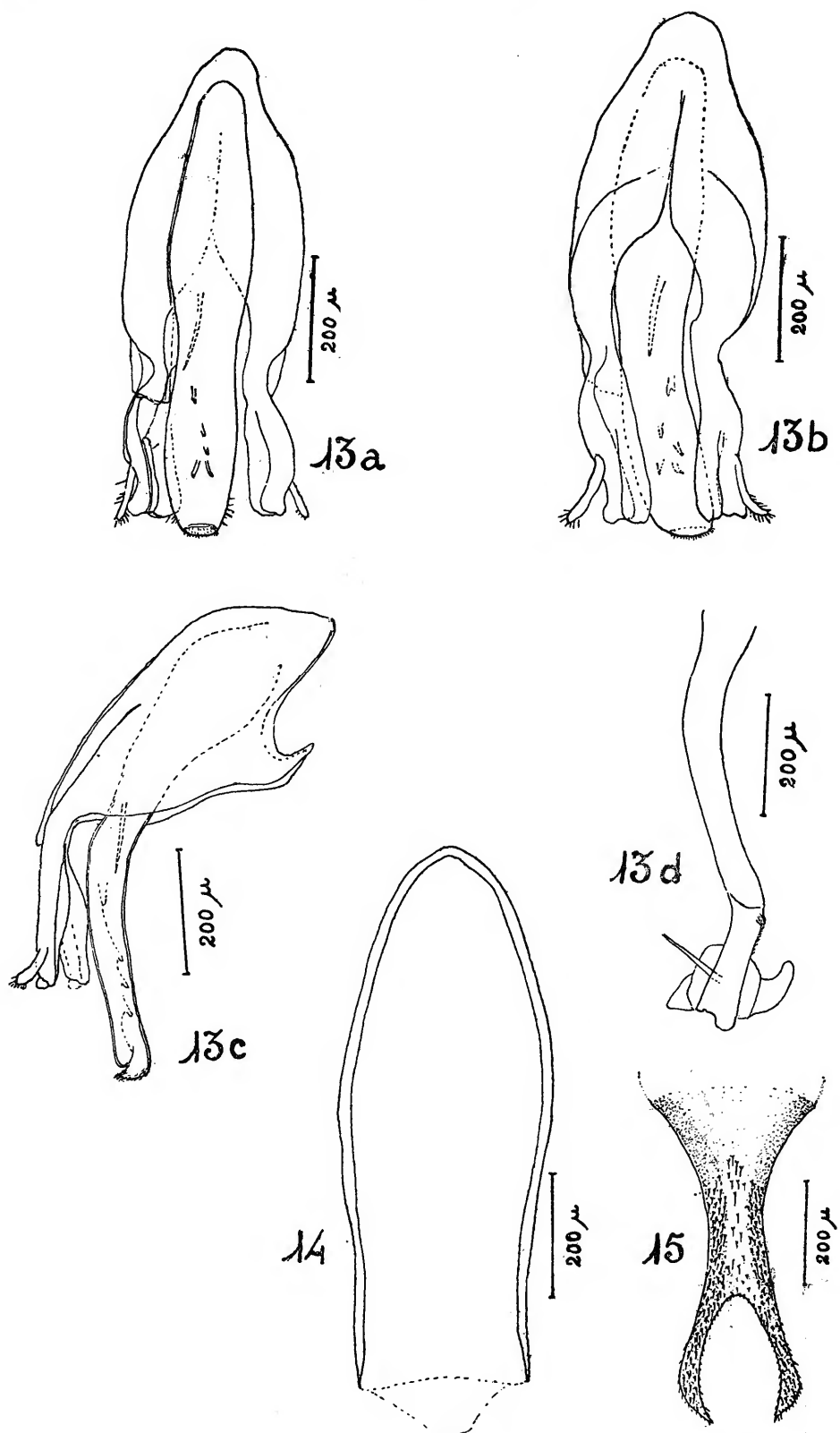
Ao falar da postura, voltarei a este assunto.

Do mesmo modo que com os papelões, comporta-se o animal com os couros. O couro batido, de sola, não foi absolutamente atacado pelas larvas nos insetários, enquanto o foi um pedaço de couro de crocodilo usado em carteiras ou bolsas. Tendo o fragmento duas faces, uma lisa e outra mais áspera, o ataque deu-se por esta, embora estivesse a face lisa virada para o fundo do insetário, em situação de dar melhor abrigo às larvas.

As colas ou gomas por mim usadas não foram comidas pelas larvas. Em primeiro lugar empreguei cola de encadernação. Derreti um fragmento, pois, tal goma é demais dura para ser corroída pelo bibliófago, mergulhei pedaços de papel e papelão e retirei-os em seguida para secagem. Depois de bem secos, foram postos em contato com larvas de diversas idades, porém, não houve o menor sinal de que tivessem sido procurados pelos bichos. Usando mais tarde fitas gomadas, das que servem para fechamento de embrulhos em casas comerciais, notei certas ranhuras e até perfurações. Não se demonstrou, porém, que tenham servido de repasto, pois não houve excrementos característicos.

OUTROS MEIOS ALIMENTÍCIOS

Depois de algumas experiências negativas com amido, caseína, grão de milho e farinha de soja, empreguei açúcar de cana em estado natural. Foi, a meu ver, a substância mais apreciada pelas larvas, quer as recentemente eclodidas, quer as mais velhas. Algumas de meia idade viveram longamente, ca. de 4 meses, outras, mais velhas, metamorfosearam-se normalmente, isto é, puparam com fabricação prévia do casulo com açúcar. Surpreendente foi o protocolo seguinte: algumas larvas estiveram em contacto com papel de filtro durante 1 mês sem que o atacassem; embebi, então, o papel em água açucarada e recolquei-o no insetário depois de estar suficientemente seco; foi visível o ataque das brocas, que permaneceram vivas de 24 de junho a 23 de dezembro, portanto, pelo espaço de 6 meses. Duas se tornaram imagos a 8 de janeiro do ano seguinte. Com estas experiências não pretendo provar ser o açúcar indispensável a *Catorama*, como FRAENKEL e BLEWETT (1943 c, p. 29) fizeram em relação a *Stegobium* e *Lasioderma* usando dietas de glucose e outros carboidratos. Todavia, servem as criações com açúcar para indicar que também *Catorama* deve suprir-se de hidratos de carbono. Confirmar-

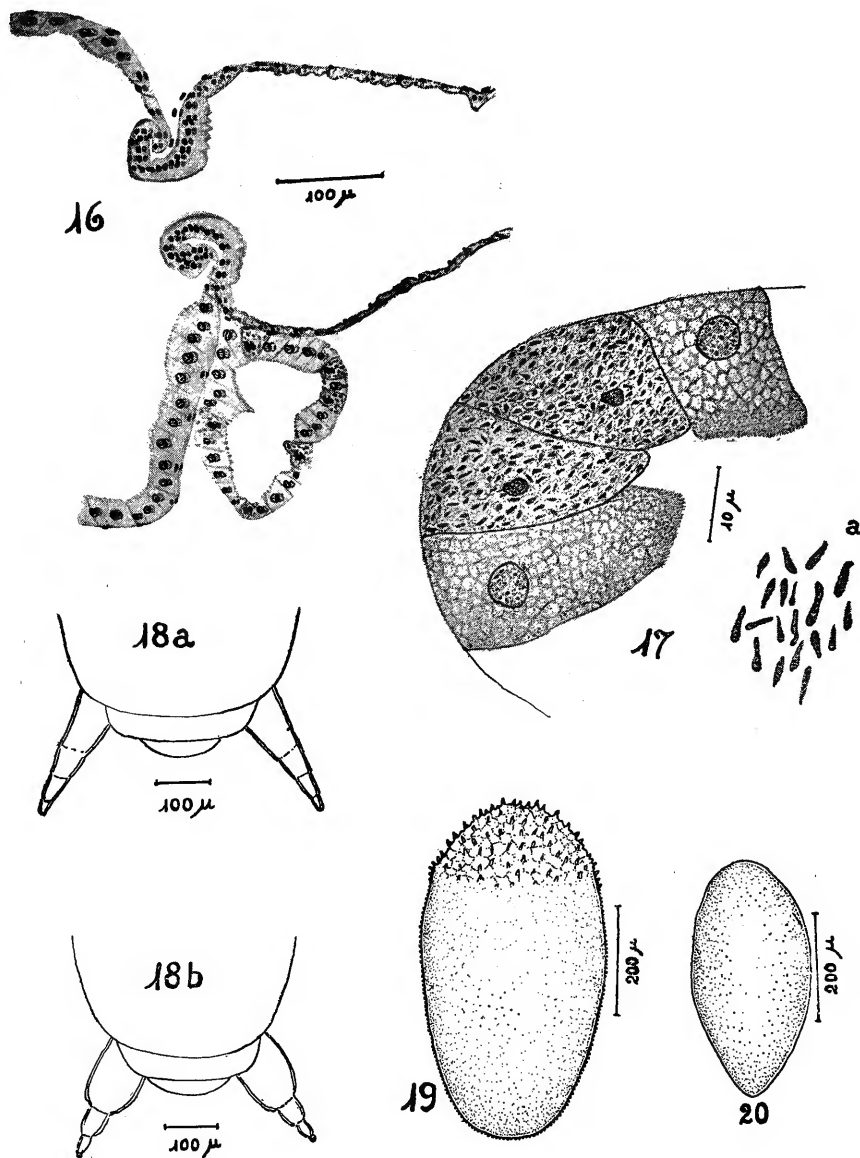


ESTAMPA III

Fig. 13 — Genitalia masculina: *a*, vista ventral; *b*, vista dorsal; *c*, vista lateral; *d*, penis evaginado.

Fig. 14 — Spiculum gastrale.

Fig. 15 — Esclerito membranoso que se apõe à face ventral do órgão copulador.



ESTAMPA IV

- Fig. 16 — Corte sagital da região entre o intestino anterior e o médio. No lado ventral, vê-se um divertículo do intestino médio.
- Fig. 17 — Corte transversal dum divertículo mostrando dois micetócitos ladeados por células sem simbiontes.
 a, alguns simbiontes isolados.
- Fig. 18 — Região posterior (um tanto esquematizada) da pupa: a, de macho; b, de fêmea.
- Fig. 19 — Ovo de *Catorama herbarium*.
- Fig. 20 — Ovo de *Dorcatoma bibliophaga*.

se-ia, destarte, a opinião de ARAUJO (1946), de que “não se conhecem insetos exclusivamente bibliófagos”, sendo “o ataque aos livros adaptação secundária”.

O açúcar constituiu a substância mais apreciada pelas larvas, embora não conseguisse qualquer aceleração no ritmo de vida das mesmas. Por outro lado, devo citar dois inconvenientes observados com o emprêgo do açúcar comum, não com o papel açucarado. Um é a umidade do ar que, depois de certo tempo, acaba por hidratar o açúcar, criando embaraços aos movimentos larvais. O outro é a atração às formigas e também ácaros, que constituem inimigos naturais, quer das larvas, quer dos ovos do besouro. Finalmente, encontrei, nas larvas crescidas no açúcar, alguns casos de infestações por *Gregarinida-Polycystídea*, provavelmente do gênero *Pyxinia*, encontrado também em *Stegobium paniceum* (VINCENT 1922).

ESÔFAGO

Nos cortes, nota-se ser tênue a parede do esôfago larval (Fig. 16) Até o papo, inclusive, o órgão é revestido de fina cutícula, que se apresenta mais ou menos plicada. Não tem, todavia, o caracter encontrado em Anóbios comedores de madeira, cujo intestino anterior exhibe numerosos dentes agudos, funcionando como “estômago de mastigação” (BUCHNER 1921, p. 320). Pela disposição da cutícula e do resto do epitélio, bem como da musculatura, o intestino de *C. herb.* parece concordar mais com o de *Stegobium paniceum*.

Separando o papo do intestino médio, encontra-se a válvula estomodeal ou cardíaca. Sua parede epitelial é grossa e sua cutícula é mais espessa do que a das regiões adjacentes. Quanto à musculatura nada notei de diferente.

POSTURA E OVOS

Com a criação de *Catorama herbarium*, pude verificar alguns pormenores sôbre a postura, bem como os ovos, não relatados em trabalhos de outros autores.

A primeira dificuldade apresentada para a verificação das posturas consistiu na ausência de dimorfismo sexual externo dos adultos. Em vão procurei um caracter externo pelo qual pudesse separar os machos e as fêmeas, cousa que é relativamente fácil com outros Anobiídeos, como por exemplo, *Anobium punctatum* De Geer (KELSEY 1945, p. 60), pela simples inspeção da terminália, o chamado “telson” e o último esternito visível.

Na face de pupa, revela-se um caracter que, embora de observação difícil, permite indicar o sexo. Trata-se da forma dos cercos abdominais (Fig. 18) que, nas fêmeas, possuem os artículos basilares mais dilatados. Esta particularidade não adianta para a verificação posterior do número de fêmeas e, com isso, a contagem dos ovos, etc., pois a metamorfose da larva realiza-se, normalmente, dentro do casulo. O caracter sexual aludido foi observado em pupas artificialmente libertadas ou nos casos raríssimos de pupação livre, circunstâncias em que se registra grande quota de aniquilamento dos animais.

Também com o caruncho em mãos é praticamente difícilimo usar-se a técnica de compressão do abdome até que se aponte externamen-

te a genitália, de modo que foi por tentativas, usando poucos animais, que cheguei à separação dos casais, conseguindo obter ovos de uma só fêmea nos insetários. Mantidos êstes no ambiente natural de uma das salas do Departamento de Zoologia, onde a temperatura oscilou entre 20 a 26°C, e a unidade relativa do ar entre 50 a 75%, cada fêmea pôs ca. de 15 ovos, em média. A postura pode dar-se de uma só vez ou fracionadamente, tendo eu observado ovos postos por um único animal durante ca. de 5 dias consecutivos.

Procurei verificar o papel da água em relação à ovipostura, a exemplo do que fez KELSEY (1. c.) com *Anobium punctatum*. Algumas fêmeas foram postas em contacto com a água da torneira, seja através de papéis umidecidos, seja através de pequenos depósitos junto aos insetários ou em placas de vidro. A água foi-lhes oferecida durante ca. de 15 minutos diariamente, porém, as posturas foram até ligeiramente inferiores (ca. de 10 ovos) às obtidas com os besouros que ficaram sempre em contacto apenas com os papelões secos. Parece, portanto, que entre os adultos de *Catorama* a regra é o jejum absoluto.

A ovipostura não é feita ao acaso, segundo minhas experiências. Já foi dito que os besouros procuram substratos relativamente moles ou "felpudos" não somente para a alimentação como, também, para a deposição dos ovos. Nos insetários, as oviposturas conseguidas sempre se realizaram em substrato áspero, e nunca em superfície lisa, confirmando a preferência demonstrada por outros Coleópteros, como *Rhizopertha dominica* Fab. (CROMBIE 1942, p. 65), aos quais se ofereceu material de textura diversa. Uma experiência, várias vezes repetidas, com *Catorama* foi a seguinte: nos pequenos insetários feitos de latão, coloquei dois pedaços de papelão, sendo um com superfície mais áspera do que o outro. Sempre os ovos foram encontrados no substrato áspero, ficando livres não só o outro papelão como todo o resto da superfície da latinha. Modificando um pouco as disposições, obtive resultados mais significativos. Em vez de fragmentos desiguais quanto à textura, empreguei dois pedaços do mesmo substrato, a saber, mataborrão verde, usando esta côr para melhor contraste com a dos ovos. Dobrei um dos cantos de cada fragmento e aí deixei mais fôfo por separação das camadas do mataborrão. A postura dos ovos foi sempre quase totalmente feita junto ao canto mais "felpudo"; apenas um ou outro ovo foi posto no ângulo mais liso e nenhum no restante do substrato. Tornou-se, a meu vêr, evidente a preferência pelo ponto que oferecia maior facilidade ou garantia à fixação dos ovos, ficando êstes colocados, em geral, nos vãos mais profundos. Além de provarem a escôlha do substrato, talvez essas observações expliquem o fato das reinfestações dos mesmos livros nas bibliotecas, se não forem tomados os devidos cuidados. Entre a perfuração de novas galerias, mesmo em substratos semelhantes, e a utilização das já escavadas, os animais parecem preferir, dum modo geral, a segunda via. É óbvio que a utilização das velhas galerias não é indefinida, pois, no momento em que o substrato não oferece mais a possibilidade de comida, impõe-se a procura de outro campo.

Os ovos de *Catorama herbarium* (Fig. 19) têm mais contôrno elíptico do que prôpriamente ovalado. Seu maior eixo mede ca. de 0,6 mm. enquanto o diâmetro em um dos polos é de 0,36mm. e no polo

é de 0,31mm. aproximadamente. Vê-se, portanto, que a diferença entre o diâmetro dos dois polos é pequena, ao contrário do que verifiquei em ovos de *Dorcatoma bibliophaga* (Fig. 20), dos quais obtive poucos exemplares. Todavia, em *Catorama*, um dos polos diferencia-se do outro pela ocorrência de espinhos e esculturas da casca. Pode distinguir-se, assim, entre um polo rugoso e outro quase liso. A rugosidade assinala o polo mais obtuso e atinge ca. de 1/4 da superfície ovular. Os espinhos são irregulares quanto à forma, tamanho e disposição. O restante da casca não é completamente liso, como parece ao ser visto com aumento fraco. Usando-se aumento forte, nota-se também aí certa irregularidade da superfície, nunca, porém, a presença de espinhos.

Há referências à superfície esculturada do ovo de outros Anobiídeos (BREITSPRECHER 1928, p. 513; BUCHNER 1930, p. 334). Parece mesmo haver certa semelhança entre os espinhos do ovo de *Catorama herbarium* e os de *Anobium punctatum* (BREITSPRECHER, p. 523). A preponderância da rugosidade em um dos polos, porém, parece ser peculiar ao ovo do nosso animal. Entre a superfície ovular uniformemente rugosa de *A. punctatum* e a totalmente lisa de *Dorcatoma bibliophaga*, a de *Catorama herbarium* seria intermediária, nos Anobiídeos.

A ocorrência dos espinhos no “chorio” foi logo relacionada (BREITSPRECHER, p. 513) com a fixação dos simbioses. É óbvia a vantagem da rugosidade. As pequenas reentrâncias entre os espinhos devem oferecer maior segurança à fixação dos microorganismos transmitidos de uma geração para outra. Acrescentando-se a essas criptas naturais o papel da substância gomosa fornecida provavelmente pelo conjunto de glândulas do ovipositor, ver-se-á nitidamente o caráter adaptativo dessa estrutura. Baseando-se nessa interpretação, entender-se-ia a preponderância de *Catorama herbarium* sobre *Dorcatoma bibliophaga* nas bibliotecas vistas por mim, pois, entre espécies concorrentes, a melhor dotada conta com maiores probabilidades de sobrevivência.

Devo, entretanto, referir-me a alguns fatos observados em relação a *C. herbarium* que complicam bastante a compreensão dum fenômeno à primeira vista tão simples como êsse. Em primeiro lugar, o fato de a larva, ao eclodir, comer mais o “chorio” do polo liso. Observando a eclosão de muitos ovos (ca. de 50), em épocas diferentes, e ainda os restos de ovos eventualmente encontrados junto a livros, notei que mais frequentemente fica abandonado pelas larvas o polo com espinhos. Em segundo lugar, o fato de o ovo ser posto com o polo liso orientado para a frente, o que pude deduzir pelos cortes através de fêmeas maduras. Evidentemente, essa disposição em nada impede o enlambusamento de toda a superfície ovular pelos microorganismos instalados no ovipositor, como é sabido. Ela é, porém, decisiva, a meu vêr, para a disposição dos ovos junto ao substrato. É com o polo liso que o ovo se fixa, ficando o rugoso mais ou menos exposto.

Foi pelo menos essa a disposição encontrada nos substratos preparados para a postura nos insetários. Não sei se nas encadernações, junto a pequenas reentrâncias ou às galerias uma vez abertas, os ovos ficam indiferentemente postos, ficando livre a metade da superfície

que abrange ambos os polos, enquanto a outra metade permanece ao substrato. Junto aos insetários, todavia, foi evidente o cuidado com que a fêmea procurou esconder os ovos, deixando exposta em geral apenas parte da calota com espinhos. Surge-me daí a hipótese de que talvez sirva também a rugosidade para auxiliar a fixação dos ovos ao substrato ou para a proteção contra possíveis inimigos naturais. A posição do germe dentro do chorio é de tal modo que a cabeça coincide, quase invariavelmente, com o polo rugoso. Os poucos casos em que a cabeça pareceu estar no polo oposto podem ser relacionados com os deslocamentos, às vészes observados, da larva prestes a eclodir.

ECLOSÃO E UMIDADE

Nos insetários mantidos em ambiente natural, segundo as condições já referidas à p. (24), a eclosão das larvas de *Catorama* deu-se geralmente entre 15 a 20 dias. Pode haver casos de retardamento, talvez relacionados com a época da postura, pois, conquanto esta se tenha dado mais comumente, em São Paulo, nos meses de verão, pode também ocorrer em outros meses, como Junho ou Julho. Há em geral, certa quota de aniquilamento, sem causa evidente. Pude, entretanto, nos insetários, verificar a invasão de pequenos Ácaros, aos quais pude atribuir a perda de alguns ovos do besouro. Pareceu-me também ser importante certo grau de umidade. Embora tenha podido fazer apenas uma experiência, acho os dados, como preliminares, bem sugestivos. De uma postura de ca. de 18 ovos, separei 16 e os dividi em dois lotes de oito. Com a temperatura ambiente mais ou menos constante, ca. de 25.° C, coloquei em um dos insetários com 8 ovos, um frasquinho contendo KOH a 20%, e, no outro, fiz o mesmo com Ascarite (Hidroxido de sódio, óxido de cálcio mais asbesto). Segundo EDWARDS e PEREZ (1952, p. 237), a primeira substância equivalente a 80% e a segunda a 20% RH (umidade relativa). Dos ovos mantidos juntos a KOH, eclodiram tôdas as larvas após ca. de 18 dias. Dos outros, isto é, dos mantidos com Ascarite, não houve eclosão, embora algumas tivessem chegado a movimentar-se dentro do chorio. Naturalmente, apenas pesquisas futuras mais numerosas, com o emprêgo, ainda, de outros meios que não os químicos para a manutenção da umidade em pequenos insetários, poderão apoiar conclusões a respeito.

R E S U M O

O pequeno besouro, quando tocado, apresenta o reflexo de imobilização ou Tanatose. O reflexo varia segundo a idade do adulto, cuja vida é curta, ca. de um mês apenas. No início da fase de imago, o animal quase não se locomove, de modo que, nessa ocasião, qualquer irritação mecânica provoca imobilização duradoura. Na fase de vida ativa ou de maturação sexual (ca. de 15 dias após a saída do casulo), o reflexo dura poucos segundos, chegando a ser praticamente nulo na fêmea, na época da postura. Novamente volta a ser êle duradouro no fim da vida imaginal, aproximadamente nos 10 dias que precedem à morte. Nesse período, o besouro apenas dá sinal de

vida quando sujeito a fortes compressões, agulhadas, seccionamentos ou contacto com álcool forte.

O adulto não se alimenta em cativeiro e provavelmente também em liberdade, parecendo ser suas peças bucais impróprias ao trabalho de mastigação, ao contrário do que ocorre na larva.

No femur do primeiro par de pernas, de ambos os sexos, existe órgão de provável função sensorial (órgão escolopóforo).

Na genitália feminina de *C. herbarium* encontram-se as instalações para transmissão de microorganismos constituídas por tubos intersegmentares e bolsas vaginais. Os tubos são de tamanho médio entre os Anobiídeos, correspondendo a ca. de 1/3 do comprimento do ovipositor. Medem aproximadamente 0,27 mm. de extensão e 0,04 mm. de diâmetro.

Os cercos ou "palpos vaginais" são simétricos em *C. herbarium*, bem como as disposições gerais de genitália feminina, inclusive o órgão de apóio ou spiculum ventrale.

A genitália masculina é constituída do lóbulo mediano ou pênis e de dois lóbulos laterais. Parece faltar-lhe o tegmen, isto é, a peça basilar do aparelho copulador, em desacôrdo com o que foi observado em outros Anobiídeos, como, por exemplo, *Ernobius mollis*. Se se confirmar tal variação na estrutura do *aedeagus* das *Anobiidae*, bastante precária será a utilização dos caracteres da genitália masculina na diagnose dos *Anobiária* entre os *Dascilloidea*, como consta do sistema dos *Coleoptera* preconizado por JEANNEL ET PAULIAN.

Na face ventral do aparelho copulador masculino ocorre um esclerito membranoso, cuja função é ignorada.

São também simétricas as disposições da genitália masculina, inclusive seu respectivo órgão de apóio, o spiculum gastrale.

No início do intestino médio ocorrem evaginações da parede intestinal em forma de cacho. Essas evaginações são, inicialmente, em número de quatro, sendo a forma definitiva resultante de lobulações secundárias. Em cada lóbulo se distinguem dois tipos de células: um constituído pelas células semelhantes às do resto da parede intestinal; o outro, por micetócitos, isto é, células que abrigam microorganismos tidos como simbiontes. Nas células sem simbiontes, o núcleo é volumoso, mais ou menos esférico, e o bordo apical das mesmas é revestido de fina camada de bastonetes. Os micetócitos exibem núcleo pequeno, de contórno irregular e bordo celular livre sem bastonetes.

Tais estruturas ocorrem, em *C. herbarium*, tanto na larva como na pupa e na imago, preponderando apenas ora um, ora outro, tipo de célula. Dum modo geral, os divertículos apresentaram-se repletos de micetócitos em qualquer das fases da vida do besouro, sendo, também, raros os casos de micetócitos com poucos simbiontes.

Com êsses microorganismos são transmitidos pelo chorio ou casca ovular, que se enlambuza no momento da postura, foi tentado o rompimento do ciclo simbiótico por meio de duas técnicas: a do descascamento do ovo na época da eclosão das larvas e a da esterilização do chorio com o uso duma solução de Cloramina.

A eclosão das larvas realiza-se, em geral entre 14 e 18 dias após a postura, sendo denotada pela quitinização mais forte da mandíbula larval.

A falta dos simbioses resultou em sobrevivência muito curta das larvas. Nenhuma delas ultrapassou a 15 dias, embora em contacto com alimentação comum, a saber, os substratos usados nas encadernações do livros. Essa sobrevivência tão curta, para larvas que normalmente vivem um ano, contrasta com o que foi observado em outros Anóbios, principalmente *Stegobium paniceum*. A larva deste besouro onívoro, a qual vive normalmente ca. de 4 semanas, tendo sido submetida por Кочн e outros pesquisadores a tratamento igual ao usado para *C. herbarium*, sobreviveu além de 8 semanas.

Tentou-se fornecer algumas vitaminas às larvas desprovidas dos simbioses, porém, o período de sobrevivência dos animais foi igual e até inferior aos dos mantidos com alimentação comum.

Para observar o comportamento das larvas normais diante dos substratos alimentícios, foram feitas experiências com diversos papéis, papéis, couros, colas, etc. Verificou-se que a consistência e a textura dos papéis e couros são importantes, não sendo atacados os substratos lisos ou duros. A procura do alimento parece estar condicionada também à segurança de bons esconderijos para os ovos.

Utilizadas outras substâncias não comuns como alimento de *C. herbarium*, foi notável a preferência pelo açúcar de cana, quer em pó, quer como solução adicionada a papéis.

A região do papo é revestida por cutícula fina e pregueada, sem, todavia, a ocorrência de dentes agudos referidos a espécies comedoras de madeira.

A postura pode dar-se de uma só vez ou em alguns dias consecutivos. Realizou-se sempre, nos insetários, junto a substratos felpudos, em pontos bem abrigados, nunca em substratos lisos. Em média, cada fêmea põe ca. de 15 ovos. Não teve influência nas posturas o contacto dos animais com a água, que parece não ser absolutamente ingerida.

Os ovos de *C. herbarium* medem ca. de 0,6mm e possuem espinhos em um dos polos, ao contrário dos de *Dorcatoma bibliophaga*, que são totalmente lisos. Tais espinhos talvez sirvam mais como meio de proteção contra inimigos naturais; coincidem com o polo onde se forma a cabeça larval. O chorio desse polo não é, em geral, comido pelas larvas no momento da eclosão.

Parece influir nas eclosões o grau de umidade do ambiente. Em experiência em que a umidade relativa foi apenas de 20%, pelo uso de Ascarite (hidróxido de sódio, óxido de cálcio mais asbesto), não se verificou eclosão, apesar de algumas larvas terem chegado a exibir movimentos dentro do envoltório ovular.

BIBLIOGRAFIA

- ARAUJO, R. L. 1946, Notas sobre os Insetos Bibliófagos. "O Estado de São Paulo", 29 de março, São Paulo.
- ASCHNER, M. & RIES, E. 1932, Das Verhalten der Kleiderlaus bei Ausschaltung ihrer Symbionten. Zeitschr. Morph. Oekol. v. 26 fasc. 4, p. 529-590. Berlin.
- BAER, J. G. 1951, Ecology of animal parasites. P. I. —X+ 1-224. The Univ. of Illinois Press. Urbana.
- BECKER, G. 1942, Oekologische und physiologische Untersuchungen ueber die holzerstörenden Larven von *Anobium punctatum* De Geer. Zeitschr. Morph. Oekol. v. 39, p. 98-152. Berlin.
- BLEICH, O. E. 1928, Thanatose und Hypnose bei Coleopteren. Zeitschr. Morph. Oekol. v. 10, p. 1-61. Berlin.
- BREITSPRECHER, E. 1928, Beiträge zur Kenntnis der Anobiidensymbiose. Zeitschr. Morph. Oekol. v. 11 fasc. 5, p. 495-538. Berlin.
- BUCHNER, P. 1912, Studien an intracellularen Symbionten: Die intracellularen Symbionten der Hemipteren. Arch. f. Protistenk. v. 26, p. 1-116 t. 1-14, Jena, 1921. Studien an intracellularen Symbionten: Die Symbiose der Anobiinen mit Hefepilzen. Arch. f. Protistenk. v. 42 fasc. 3, p. 319-336 t. 14. Jena. 1930, Tier und Pflanze in Symbiose. p. I-XX + 1-900. Gebrüder Borntraeger. Berlin.
- BUFFON, L. de 1728, Histoire Naturelle des Insectes v. 3, p. 1-357. Roret, Libraire. Paris.
- CALWER, C. G. 1916, Käferbuch 6a. ed. v. 1.C. Schaufuss. Stuttgart.
- CAULLERY, M. 1922, La Parasitisme et la Symbiose. P. I-VIII + 1-400. G. Doin. Paris.
- CHAUVIN, R. 1949, Physiologie de l'Insecte. P. 1-619. Inst. Nat. Rech. Agr. Paris.
- COSTA LIMA, A. da 1952, Insetos do Brasil v. 7, 1a. parte, p. 1-372, Esc. Nac. Agron. Rio de Janeiro. 1953, Insetos do Brasil v. 8, 2a. parte, p. 1-323, Esc. Nac. Agron. Rio de Janeiro.
- CROMBIE, A. C. 1942, On oviposition, olfactory conditioning and host selection in *Rhizopertha dominica* Fab. (Insecta, Coleoptera), Journ. Exp. Biol. v. 18 no. 1, p. 62-70. Cambridge.
- CUVIER, G. 1849, Le Règne Animal, Insectes, P. I-XII+1-557. Fortin, Masson & Cie. Paris.
- DUFOUR, M. L. 1828, Appareil digestif de l'*Anobium striatum*. Ann. Scien. Nat. v. 14, sér. 4, p. 219-222, t. 12. Paris.
- EDWARDS, G. & Perez, González, M. D. 1952, Relations of growth and environmental factors to respiration of broca do café, *Hypothenemus hampei* (Ferrari). Bol. Fac. Fil. Ci. Let. Univ. São Paulo, Zool. N. 17, p. 211-248. São Paulo.
- FARIA, D. de 1919, Os inimigos dos nossos livros. Serv. San. Est. São Paulo, N.S. No. 4, p. 1-40. São Paulo.
- FRAENKEL, G. & Blewett, M. 1943, a, The vitamin B — Complex Requirements of Several Insects. Biochem. Journ. v. 37, p. 686-696. Cambridge. 1943, b. Intracellular Symbionte of Insects as a Source of Vitamins. Nature v. 152 No. 3.861, p. 506-507. London. 1943, c. The basic food requirements of several insects. Journ. Exp. Biol. v. 20 No. 1, p. 28-34. Cambridge.

- GRASSÉ, P. P. 1935, Parasites et Parasitisme. P. 1-224. Col. Armand Colin. Paris.
- GIRARD, M. 1873, Traité élémentaire d'Entomologie v. 1, p. I-VIII+1-840. Baillièrre et Fills. Paris.
- GUÉRIN-MENEVILLE, M. F. E. 1850, Coléoptères, *Catorama*. Rev. et Mag. de Zool. sér. 2 v. 2, p. 431-439, t. 8. Paris.
- HECHT, O. 1942, La simbiosis intracelular de insectos con bacterias y hongos y su significación fisiológica en el suministro de vitaminas. Bol. Soc. Venez. Ci. Nat. v. 52, p. 161-179. Caracas.
- HEYMONS, R. 1915, Vielfüssler, Insekten und Spinnenkerfe. Brehms Tierleben ed. 4 v. 2, p. I-XLII + 1-716. Bibliogr. Inst. Leipzig & Wien.
- JEANNEL, R. 1911, Revision des Bathysciinae (Col. Silphides). Arch. Zool. Expér. génér. sér. 5 v. 7, p. 1-641, t. 1-24. Paris.
- 1949, Ordre des Coléoptères, Partie Générale. Traité de Zoologie (sous la direction de P. Grassé) v. 9, p. 771-891, Masson et Cie. Paris.
- KELSEY, J. M. 1945, Biology of *Anobium punctatum*, N. Z. Jour. of Sci. and Techn. v. 27, No. 1, p. 59-68, Wellington.
- KOCH, A. 1933 a, Ueber das Verhalten symbiontenfreier Sitodreparlarven. Biol. Zentralbl. v. 52. fasc. 3/4, p. 199-203. Leipzig. 1933 b, Ueber künstlich symbiontenfrei gemachte Insekten. Verhandl. Deuts. Zool. Gesells., p. 143-150. Leipzig.
- LEMONDE, A. & BERNARD, R. 1853, Aspects nutritifs des larves de *Stegobium panicum* L. (Anobiidae) et d'*Oryzaephilus surinamensis* L. (Cucujidae). Le Naturaliste Canadien v. 80 No. 5 (Sér. 3 v. 24), p. 125-142. Québec, Canada.
- LENGERKEN, H. v. 1924-1927, Coleoptera, Biol. d. Tiere Deutschl. P. (40) 1-346, Berlin. 1928, Lebenserscheinungen der Käfer. P. 1-147. Quelle & Meyer. Leipzig.
- LÖHNER, L. 1914, Untersuchungen ueber den sogenannten Totstellreflex der Arthropoden. Zeit. f. Allg. Physiol. v. 16, p. 373-418, t. 8-10. Berlin.
- MARTINI, E. 1932, Parasitismus in der Zoologie. XI^o Cong. Int. Zool. v. 3 (Arch. Zool. Ital. v. 16), p. 1299-1314. Padova.
- MEIXNER, J. 1935, Coleoptera. W. Kükenthal & Th. Krumbach, Handb. Zool. v. 4, 2a. met., p. 1040-1348. W. de Gruyter & Co. Berlin.
- METCALFE, M. E. 1932, The Structure and Development of the Reproductive System in the Coleoptera with notes on its Homologies. Quart. Jour. Micr. Sci. v. 75, N.S., p. 49-129, t. 7-10. London.
- MUIR, F. 1919, On the Mechanism of the Male Genital Tube in Coleoptera Trans. Ent. Soc. London, p. 404-414. London.
- MÜLLER, W. 1934, Untersuchungen ueber die Symbiose von Tieren mit Pilzen und Bakterien. Arch. f. Mikrobiol. v. 5, fasc. 1, p. 84-147. Berlin.
- NABUCO, M. J. 1943, Bibliofilos versus Bibliofagos, P. 1-87. J. Leite. Rio de Janeiro.
- NOLTE, H-W. 1938, Die Legeapparate der Dorcatominen (Anobiidae) unter besonderer Berücksichtigung der symbiontischen Einrichtungen. Zool. Anz. Suppl. 11, p. 147-154. Leipzig.
- PANT, N. C. & FRAENKEL, G. 1950, The function of the symbiotic yeasts of two Insect species, *Lasioderma serricorne* F. and *Stegobium (Sitodrepa) panicum* L. Science v. 112 No. 2913, p. 498-500. Washington.
- PAULIAN, R. 1949, Ordre des Coléoptères, Partie Systématique. Traité de Zoologie (P. Grassé) v. 9, p. 892-1069. Masson & Cie. Paris.
- REITTER, E. 1911, Die Kaefer. Fauna Germanica v. 3, p. 1-436, t. 81-128. K. G. Lutz. Stuttgart.
- SCHWARTZ, W. 1935, Untersuchungen ueber die Symbiose von Tieren mit Pilzen und Bakterien IV. Arch. Mikrobiol. v. 6, p. 369-460. Berlin.

- SHARP, D. & MUIR, F. 1912, The Comparative anatomy of the male genital tube in Coleoptera. Trans. Ent. Soc. Lond. part. 3, p. 477-642, t. 42-78. London.
- SNODGRASS, R. E. 1935, Principles of Insect Morphology ed. 1, p. I-IX + 1-66. McGraw-Hill Book Co. New York London.
- STEINHAUS, E. A. 1947, Insect Microbiology, P. I-X + 1-763. Comstock Publ. Co. Ithaca, N. Y.
- TASCHENBERG, E. L. 1880, Die Insekten, Tausendfüßler und Spinnen. Brehms Thierleben ed. 2 v. 9 part. 4, p. I-XXX + 1-711. Bibliogr. Inst. Leipzig.
- VERHOEFF, C. 1893, Vergleichende Untersuchungen ueber die Abdominalsegmente und die Copulationsorgane der männlichen Coleoptera, ein Beitrag zur Kenntnis der natürlichen Verwandtschaft derselben. Deut. Ent. Zeitsch. fasc. 1-2, p. 113-170, t. 1-4. Berlin.
- VERHOEFF, K. W. 1918, Zur vergleichenden Morphologie des Abdomens der Coleopteren und ueber die phylogenetische Bedeutung derselben. Zeitschr. wiss. Zool. v. 117 fasc. 1, p. 130-204, t. 1-2. Leipzig.
- VINCENT, M. 1922, On the Life History of a new Gregarine: *Pyximia anobii* n. sp. intestinal parasite of *Anobium paniceum* L. (Coleoptera). Parasitology v. 14, p. 299-306. London.
- WEBER, H. 1933, Lehrbuch der Entomologie. P. I-XII + 1-726. G. Fischer Jene.
- WIGGLESWORTH, V. B. 1950, The Principles of Insect Physiology ed. 4, p. I-VIII + 1-544. Methuen & Co. Ltd. London.

SUMMARY

Catorama herbarium, when touched, presents an immobilization reflex, or tanatose. The reflex varies with the age of the adult, the life span of which averages one month. At the beginning of the imaginal phase the animal practically stops all locomotory movements, thus, at this time, any mechanical irritation provokes extreme immobility. In the phase of active life, or of sexual maturation (approximately 15 days after leaving the cocoon) the lasts for only a few seconds, becoming practically nil in the female at the time of oviposition. The reflex becomes again one of long duration at the end of imaginal life, i.e. in the 10 days preceding death. In this period the beetle little sign of life when subjected to strong compression, needle pricking, section, or contact with strong alcohol.

The adult does not feed in captivity, and probably not in the wild state also, inasmuch as the imaginal mouthparts (in contrast to those of the larva) appear to be inappropriate for mastication.

In both sexes there occurs on the femur of the first pair of legs an organ of probable sensory function (scoloporous organ).

In the female genitalia of *Catorama herbarium* one finds a mechanism of intersegmental tubes and vaginal sacs for the transmission of microorganisms. The tubes are of average size among the *Anobiidae*, measuring approximately 0,27 mm. in length and 0,04 mm. in diameter, thus corresponding to approximately 1/3 the length of the ovipositor.

In *C. herbarium* the cerci, or vaginal palps, are symmetrical, as is also the general disposition of the female genitalia, including the spiculum ventrale, or supporting organ.

The male genitalia comprise the median lobe, or penis, and two lateral lobes. The tegmen, i.e. the basal piece of the copulatory apparatus, appears to be absent, in contrast to that observed in other anobiids, viz. *Ernobius mollis*, for example. This variation in the structure of the aedeagus renders difficult the inclusion of the characters of the male genitalia in the diagnosis of the *Anobiaria* as being among the *Dascilloidea*, as is done in the system of JEANNEL and PAULIAN for the *Coleoptera*.

On the ventral face of the apparatus there appears a membranous sclerite of unknown function. The disposition of the male genitalia, including the supporting organ, the spiculum gastrale, is also found to be symmetrical.

At the beginning of the midgut there occur evaginations of the gut wall in the form of a cluster of grapes. These evaginations are originally four in number, but the resulting definitive form is that of a number of secondary lobulations. In each lobule one can distinguish two types of cells:

(1) cells similar to those of the rest of the gut wall, and (2) mycetocytes, i.e. cells that house microorganisms as symbionts. In the nonsymbiont cells, the nucleus is voluminous, more or less spherical, and with an apical border invested with a thin layer of rods. The mycetocytes show a small nucleus of irregular form and have a cell border free of rods.

In *C. herbarium* the evaginations are common to the larva as well as pupa and adult, no one type of cell being preponderant. In general, the diverticula, replete with mycetocytes appear in any one of the phases of the beetle, being rare those cases of mycetocytes with few symbionts.

The microorganisms spread themselves by contamination of the chorion, or egg case, and are thus transmitted at the moment of oviposition. In view of this fact an attempt was made to break the symbiotic cycle by (a) removal of the egg case at the time of larval eclosion, and (b) sterilization of the chorion with a solution of cloramine. Larval eclosion occurs generally between 14 and 16 days after oviposition, being preceded by a strong chitinization of the larval mandible.

Lack of symbionts resulted in a very short life span in the larvae. None passed 15 days, even in contact with the usual food, viz. the substances used in bookbinding. This life span so short, for larvae that normally live a year, is in distinct contrast to that observed in other anobiids, especially *Stegobium paniceum*. The larva of this latter omnivorous beetle, which normally lives about 4 weeks, has been found to live 8 weeks when submitted (by KOCH and other investigators) to treatment equal to that used for *C. herbarium*.

An attempt was made to furnish certain vitamins to the larvae deprived of symbionts. The resulting life span of these animals was, however, equal to, or even inferior to, that of those animals maintained on ordinary nutrients.

In order to observe the behavior of normal larvae fed upon nutritive substrates, experiments were performed with various cardboards, papers, leathers, glues, etc. It was verified that the consistency and texture of the cardboard and leather are important, i.e. smooth or tough substrates were not attacked. The search for food appears to be conditioned by the security offered by the chosen hiding place for the eggs.

Among substances which are not common to its diet, *C. herbarium* showed a preference for cane sugar, either in the form of powder or in paper impregnated with the sugar solution.

The region of the crop is invested with a cuticle finely rugate. The sharp teeth, usually found in those species that eat wood, do not occur in *C. herbarium*.

Oviposition occurs either once, or several times upon consecutive days. In the insectary the eggs are always laid on felted substrata at points well protected, never on a smooth substratum. On the average each female places around 15 eggs. Contact of the animals with water, which appeared not to be completely ingested, did not influence oviposition.

The eggs of *C. herbarium* measure about 0.6 mm., and possess spines at one pole, in contrast with those of *Dorcatoma bibliophaga*, which are completely smooth. These spines coincide with the pole where the larval bead is to be formed and apparently serve as a means of protection against natural enemies. The chorion of this pole is usually eaten by the larva at the moment of eclosion.

The degree of humidity of the environment appears to influence eclosion. In an experiment in which the relative humidity was only 20% (attained by use of Ascarite, which is a commercial mixture of sodium hydroxide and calcium oxide impregnated into asbestos) eclosion did not take place, in spite of the fact that some larvae had reached the point of showing movements inside the egg membrane.

NOTAS DE NOMENCLATURA
II. PRIORIDADE DE DRUCE (1898) EM ALGUNS GÊNEROS DE
CTENUCHIDAE (LEP.) ATRIBUÍDOS A HAMPSON (1898).

por

Lauro Travassos Filho

Demonstramos na primeira destas notas (Pap. Avulsos Dep. Zool. S. Paulo, 7 (23) : 257-266, 1946), a prioridade de DRUCE para um gênero de *Ctenuchidae* que HAMPSON (1898) se atribuiu; tal caso teve porém de ser estudado independentemente, porque, além da questão de prioridade, havia ainda outras dúvidas que foram esclarecidas.

Nesta nota estudamos os casos de 6 gêneros até então considerados como de HAMPSON, mas que na realidade pertencem a DRUCE, como demonstraremos adiante, gênero por gênero.

Embora já tivéssemos opinião formada sobre estes casos, demos em publicar as conclusões, pois queríamos ouvir opiniões de outros entomologistas. Finalmente, com a viagem à Inglaterra de LINDOLPHO ROCHA GUIMARÃES, em meados de 1952, consultou êle, a nosso pedido, vários entomologistas britânicos, e tivemos muito reforçadas as nossas conclusões, levando-nos a publicá-las. A êsse nosso colega os nossos melhores agradecimentos.

*
**

O fato de DRUCE, em seu trabalho, mencionar nomes que HAMPSON iria publicar oportunamente, faz supor ter DRUCE consultado HAMPSON, quando êste estava ultimando o seu "Catalogue of Lepidoptera Phalaena", para saber em que entidades genéricas devia situar as espécies novas que pretendia descrever. Sòmente tal procedimento explicaria a coincidência de usar DRUCE os nomes que seriam publicados meses depois como novos por HAMPSON, vindo êste último a ser prejudicado posteriormente pelas Regras Internacionais de Nomenclatura Zoológica, como demonstraremos ao justificar a perda de prioridade de HAMPSON nos seis gêneros estudados mais adiante.

Conhecedor pois dos gêneros em que HAMPSON iria dispor suas espécies, DRUCE, cujo trabalho apareceu em maio de 1898, as publicou já sob as futuras designações genéricas; isso não trouxe perturbação nomenclatural alguma para as espécies descritas em gêneros já existentes. Contudo, para 6 espécies de DRUCE, HAMPSON julgara necessário criar novos gêneros em seu "Catalogue", onde os mesmos aparecem sob a indicação de "*new genus*". DRUCE porém, ao publicar as descrições dessas suas novas espécies, meses antes do aparecimento do citado "Catalogue", as designou genêricamente com os nomes dos

gêneros que HAMPSON iria propor, sem contudo mencionar ter havido qualquer entendimento prévio com êste autor.

Embora DRUCE não desse descrições genéricas, ou sequer designasse genótipos, esses nomes genéricos são válidos para DRUCE por serem monotípicos, uma vez que são válidas as espécies novas então propostas, que trazem descrições adequadas (em face da época). Isso veio pois condicionar para HAMPSON a perda da prioridade sobre os gêneros em questão, embora no seu "Catalogue" sejam dadas, para eles, diagnoses e indicados os respectivos genótipos, os quais nem sempre coincidem com os verdadeiros haplótipos, como veremos adiante.

Um desses seis gêneros estudados a seguir assumiu particular interesse — *Phoenicoprocta* — nome que HAMPSON propusera no seu "Catalogue" para substituir um nome de WALKER, invalidado por homonímia; ao tratarmos dêste gênero, explicaremos o caso em todos os seus detalhes. Além disso, das diagnoses genéricas apresentadas por HAMPSON só pode ser considerada segura a do gênero *Pseudopompilia* — em que o pseudogenótipo de HAMPSON é o mesmo que o haplótipo respectivo. Para os demais, como os haplótipos diferem dos genótipos designados por HAMPSON, as diagnoses do seu "Catalogue" devem ser tomadas com reservas, até que estudos minuciosos dos haplótipos e dos pseudo-ortótipos tornem clara a situação sistemática de cada um.

Como a mudança de genótipo traz a possibilidade de modificação do conceito sistemático dos gêneros, resolvemos, ao discutir mais adiante cada caso, referir com detalhe apenas os genótipos e pseudogenótipos, sem apresentar lista completa das espécies atualmente contidas em cada gênero, o que pode ser obtido em ZERNY, 1912 e DRAUDT, 1915, e as seguintes no Zoological Record.

Segue-se pois a relação dos gêneros que motivaram esta nota e indicada a bibliografia de cada um, de modo a ficar bem esclarecida as modificações feitas de acôrdo com as leis de Nomenclatura Zoológica. Para não deixar dúvidas nas discussões, fomos obrigados a repetir muitas vêzes as mesmas questões, o que por vêzes poderá parecer um excesso da insistência. Os conhecimentos filogenéticos em *Ctenuchidae* não nos permitem ainda citar os gêneros em ordem sistemática. Por isso preferimos seguir aqui a ordem alfabética, estudando cada gênero como caso independente.

HOLOPHOEA Druce, 1898.

HAPLÓTIPO: *Holophoea caerulea* Druce, 1898.

PSEUDOGENÓTIPO: *Holophoea lycone* (Druce, 1884).

Referências e sinonímia:

Holophoea Druce, 1898, p. 408 in *Holophoea caerulea*. Neave, 1940, 2:675.

Holophoea Hampson, 1898, p. 265-266; tipo: *H. lycone* (Druce, 1884). Zerny, 1912, p. 78 (cit. sin.). Draudt, 1915, p. 92-93, n. 38, ♂ ♀; p. 209 (cit.). Neave, 1939, 2:675.

COMENTÁRIOS. *Holophoea*, in *Holophoea caerulea* Druce, 1898, tem esta espécie por haplótipo. HAMPSON, 1898, indica *H. lycone* (Druce, 1884) como genótipo, espécie que passa a ser um pseudogenótipo.

A diagnose genérica de HAMPSON, 1898, deve ser considerada com reserva, até que *H. caerulea* seja estudada devidamente e que dela sejam tirados os verdadeiros característicos genéricos.

NEAVE (1939) refere a indicação deste gênero primeiro citando a grafia de HAMPSON, *Holophaea*, e em seguida refere: "Holophaea (*pro-phaea* HAMPSON, 1898) Zerny, 1912, in *Wagner*, Lep. Cat., 1, 155. — Lep."; não conseguimos compreender essa indicação, pois ZERNY também usou a grafia "*phaea*". Todavia a grafia correta é com a terminação "*phoea*" (com *OE*), como se acha no trabalho de DRUCE, ou seja a verdadeira grafia original, deixando por isso de ter razão a dupla indicação de NEAVE. Queremos aqui agradecer ao nosso prezado amigo Rdo. Pd. J. MOURE (Curitiba, Paraná, Brasil), a quem devemos os informes sobre a grafia correta deste gênero.

Holophaea caerulea Druce, 1898.

HOLÓTIPO: ♀, in Mus. Oxford, Inglaterra.

LOCAL-TIPO: Ecuador.

DISTR. GEOG.: EQUADOR.

Referências e sinonímia:

Holophaea caerulea Druce, 1898, p. 408.

Holophaea caerulea Hampson, 1898, p. 266, n. 579, est. 10, fg. 3, ♀. Zerny, 1912, p. 78 (cit. sin. & geog.). Draudt, 1915, p. 93, fg. 15 b.

Holophaea lycone (Druce, 1884).

HOLO e ALÓTIPO: in Col. Godman-Salvin, Museu Britânico.

HOLO e ALÓTIPO: Chiriqui, Panamá.

DISTR. GEOG.: MÉXICO, COSTA RICA e PANAMÁ.

Referências e sinonímia:

Ichoria lycone Druce, 1884, p. 47, n. 2, est. 6, fg. 9, ♂. Druce, 1896, p. 335 (cit. geog.).

Holophaea lycone Hampson, 1898, p. 265, n. 577, ♂ ♀, fg. 118, ♂. Zerny, 1912, p. 78 (cit. sin. & geog.). Draudt, 1915, p. 93, fg. 15 b, ♂.

MESOTHEN Druce, 1898.

HAPLÓTIPO: *Mesothen ignea* Druce, 1898.

PSEUDOGENÓTIPO: *Mesothen pyrrha* (Schaus, 1889).

Referências e sinonímia:

Mesothen Druce, 1898, p. 403, in *Mesothen ignea*. Hampson, 1898, p. 212; tipo *M. pyrrha* (Schaus, 1889). Zerny, 1912, p. 63 (cit. sin.). Draudt, 1915, p. 71, n. 24; 208 (cit.).

COMENTÁRIOS. *Mesothen*, in *Mesothen ignea* Druce, 1898, tem esta espécie por haplótipo. *Mesothen pyrrha* (Schaus, 1889) indicada por HAMPSON (1898) para tipo de *Mesothen* passa a condição de pseudogenótipo.

A diagnose genérica de HAMPSON (1898) deve ser considerada com reserva, até que *M. ignea* seja estudada devidamente e que dela sejam tirados os verdadeiros característicos genéricos.

Mesothen ignea Druce, 1898.

HOLÓTIPO: ♂, in Mus. Oxford, Inglaterra.

LOCAL-TIPO: Merida, México.

DISTR. GEOG.: MÉXICO.

Referências e sinonímia:

Mesothen ignea Druce, 1898, p. 403, ♂. Hampson, 1898, p. 213, n. 442, ♂, est. 8, fg. 21, ♂, Zerny, 1912, p. 64 (cit. sin. & geogr.: a referência "Venezuela" deve ser errada). Draudt, 1915, p. 72, fg. 121.

Mesothen pyrrha (Schaus, 1889).

HOLÓTIPO: ♂, in col. Schaus, in U. S. Nat. Mus., U.S.A.

ALÓTIPO: ♀, in Museu Britânico?

LOCAL-TIPO: Paso de San Juan, Vera Cruz, México.

DIST. GEOG.: MÉXICO, HONDURAS, PANAMÁ, GUIANAS, ILHA TRINDADE, VENEZUELA, COLÔMBIA, EQUADOR, PERU, BOLÍVIA e BRASIL.

Referências e sinonímia:

Dycladia pyrrha Schaus, 1889, p. 89, ♂. Druce, 1897, p. 348, n. 8 (B), est. 71, fg. 27.

Mesothen pyrrha Hampson, 1898, p. 214, n. 445, ♂ ♀, fg. 101, ♂. Zerny, 1912, p. 64 (cit. sin. & geog.). Draudt, 1915, p. 73, ♂ ♀, fg. 12 i, ♂. Hagmann, 1938, p. 190 (cit. geogr.). Travassos Filho, 1940, p. 263, ♂. Travassos Filho, 1940, p. 286, ♂. Travassos Filho, 1944, p. 30, ♂.

PHOENICOPROCTA Druce, 1898.

HAPLÓTIPO: *Phoenicoprocta metachrysea* Druce, 1898.

PSEUDOGENÓTIPO: *Phoenicoprocta sanguinea* (Walker, 1854).

Referências e sinonímia:

Glaucopis Hyela Walker, 1854, *nom. praec.* (*nec Hyela* Stephens, 1850 — Lep. Noctuidae), *haplótipo*: *Hyela sanguinea* Walker, 1854.

Hyela Butler, 1877, p. 37 (cit.); Druce, 1884, p. 63.

Phoenicoprocta Druce, 1898, p. 404, in *Phoenicoprocta metachrysea*. Hampson, 1898, p. 196-197, *nom. nov.*, tipo *P. sanguinea* (Walker, 1854). Zerny, 1912, p. 59 (cit. sin.). Draudt, 1915, p. 62, n. 20, p. 207 (cit.).

COMENTÁRIOS. WALKER, 1854, descreveu *Glaucopis Hyela*, mencionando apenas uma única espécie, *G. H. sanguinea*, de sua própria autoria (na época as entidades com valor de subgêneros não eram escritas entre parêntesis). HAMPSON, 1898, verificando ser *Hyela*, já então com valor genérico, um homônimo, propôs o novo nome "*Phoenicoprocta* n. n.", continuando evidentemente a ser *sanguinea* o genótipo. Contudo antes de HAMPSON, apareceu *Phoenicoprocta metachrysea* de DRUCE, 1898.

Como isso surgiu um curioso caso nomenclatural. Sem dúvida a designação *Phoenicoprocta* pertence a DRUCE e não a HAMPSON, por questão de prioridade; DRUCE porém ligou o nome a *metachrysea*, ao passo que o novo nome de HAMPSON, como substituto de *Hyela*, achasse ligado de maneira indiscutível à *sanguinea*. Tal situação conduz ao seguinte: si *sanguinea* e *metachrysea* forem espécies congêneras, a designação *Phoenicoprocta* prevalecerá para as duas, com a espécie de DRUCE por *haplótipo*. Caso porém um estudo detalhado venha evidenciar serem as duas de gêneros diferentes, *Phoenicoprocta* de DRUCE continuará válido evidentemente, ao passo que *Phoenicoprocta* de HAMPSON passará à condição de *nom. praec.*, sendo necessário propor novamente um "nome novo" para substituir o que havia sido proposto para substituir *Hyela* de WALKER. Isso porém na dependência de estudo morfológico das duas espécies citadas, o que não podemos fazer por falta de material.

Pela análise bibliográfica temos que considerar as duas espécies como congêneras; nestas condições *Phoenicoprocta* Druce, 1898 é que dá nome ao gênero, sendo mantida, com reserva, a diagnose

genérica de HAMPSON, até que sejam estudadas definitivamente as duas espécies em discussão. Como consequência temos *P. sanguinea* (Walker, 1854) na condição de pseudogenótipo.

Considerando que os antigos pesquisadores via de regra limitavam-se a um exame superficial e à descrição de caracteres cromáticos, lícito será supor sejam *sanguinea* e *metachrysea* de gêneros diversos, como já tivemos ocasião de verificar em outras entidades; a falta de material impede-nos de esclarecer em definitivo esta questão, mas deixamos aqui indicados todos os elementos do interessante problema, cuja solução trará também os verdadeiros característicos genéricos de *Phoenicoprocta* Druce, 1898.

Phoenicoprocta metachrysea Druce, 1898.

HOLÓTIPO: ♂, in Museu Oxford, Inglaterra.

LOCAL-TIPO: Cayenna, Guiana Francesa.

DIST. GEOG.: GUIANA FRANCESA.

Referências e sinonímia:

Phoenicoprocta metachrysea Druce, 1898, p. 404, ♂. Hampson, 1898, p. 196, n. 403, est. 7, fg. 12, ♂. Zerny, 1912, p. 60 (cit. sin. & geog.). Draudt, 1915, p. 62, fg. 12 a, ♂.

Phoenicoprocta sanguinea (Walker, 1854).

HOLÓTIPO: ♂, in Museu Britânico, Inglaterra.

LOCAL-TIPO: Honduras.

DIST. GEOG.: HONDURAS, PANAMÁ.

Referências e sinonímia:

Glaucopsis Hyela sanguinea Walker, 1854, p. 172, n. 5.

Hyela sanguinea Butler, 1877, p. 37, est. 11, fg. 13. Druce, 1884, p. 63, n. 1.

Phoenicoprocta sanguinea Hampson, 1898, p. 197-198, n. 406, ♂. Zerny, 1912, p. 60 (cit. sin. & geog.). Draudt, 1915, p. 63, fg. 15 a, ♂.

COMENTÁRIOS. WALKER e BUTLER não referem a distribuição geográfica desta espécie; HAMPSON, 1898, refere ter estudado um ♂, indicando Honduras como "habitat". Como HAMPSON estudou o material do Museu Britânico, onde se achava o tipo, acreditamos que se tenha referido a êle e aceitamos Honduras como localidade tipo da espécie.

PSEUDOPOMPILIA Hampson, 1898.

HAPLÓTIPO: *Pseudopompilia mimica* Druce, 1898.

Referências e sinonímia:

Pseudopompilia Druce, 1898, p. 401, in *Pseudopompilia mimica*. Hampson, 1898, p. 425; tipo *P. mimica* Druce, 1893. Zerny, 1912, p. 123 (cit. sin.). Draudt, 1915, p. 156, n. 114.

COMENTÁRIOS. Êste gênero pertence, pelas mesmas razões já expostas a DRUCE, 1898, que descreveu uma espécie nova denominando-a *Pseudopompilia mimica*, evidentemente o haplótipo do gênero.

Como o gênero possui apenas uma espécie, é aceita com segurança a diagnose que HAMPSON apresenta, evidentemente tirada do haplótipo.

Pseudopompilia mimica Druce, 1898.

HOLÓTIPO: ♀, in Mus. Oxford, Inglaterra.

LOCAL-TIPO: Amazonas, Brasil.

DIST. GEOG.: BRASIL, GUIANA FRANCESA e COLÔMBIA.

Referências e sinonímia:

Pseudopompilia mimica Druce, 1898, p. 401, ♀. Hampson, 1898, p. 425-426, n. 941, ♀, fg. 226, ♀. Zerny, 1912, p. 123 (cit. sin. & geog.). Draudt, 1915, p. 156, fg. 21 k.

PSILOPLEURA Hampson, 1898.

HAPLÓTIPO: *Psilopleura polia* Druce, 1898.

PSEUDOTIPO: *Psilopleura vittata* (Walker, 1864).

Referências e sinonímia:

Psilopleura Druce, 1898, p. 407, in *Psilopleura polia* Hampson, 1898, p. 267; tipo *P. vittata* (Walker, 1864). Zerny, 1912, p. 79 (cit. sin.). Draudt, 1915, p. 94, n. 38, ♂ ♀.

COMENTÁRIOS. DRUCE, 1898 descreveu *Psilopleura polia*; como nos casos anteriores, êste nome apareceu do "Catalogue" de HAMPSON, onde *polia* apareceu citada como *Psilopleura*, o que demonstra claramente o aparecimento do trabalho de DRUCE antes do "Catalogue". Deste modo *polia* é o haplótipo de *Psilopleura* de DRUCE, condicionando para *Psilopleura vittata*, indicada por HAMPSON como genótipo, a situação de um pseudogenótipo.

A diagnose de *Psilopleura* proposta por HAMPSON, e baseada em *vittata*, deve ser tomada com reserva até que estudos morfológicos mostrem serem *polia* e *vittata* congênericas ou não. Não dispondo de exemplares das duas espécies deixamos a questão em suspenso.

Psilopleura polia Druce, 1898.

HOLÓTIPO: ♂, in Mus. Oxford, Inglaterra.

LOCAL-TIPO: Espírito Santo, BRASIL.

DIST. GEOG.: BRASIL.

Referências e sinonímia:

Psilopleura polia Druce, 1898, p. 407, ♂. Hampson, 1898, p. 268, n. 584, est. 10, fg. 8, ♂. Zerny, 1912, p. 79 (cit. sin. & geog.). Draudt, 1915, p. 94, fg. 15 c.

COMENTÁRIOS. DRAUDT, 1915, descreve *Psilopleura polia minax*, subespécie do México; a falta de material das duas subespécies impede-nos de esclarecer se são realmente subespécies ou boas espécies, o que nos parece provável.

Psilopleura vittata (Walker, 1864).

HOLÓTIPO: ♂, in Museu Britânico, Inglaterra.

LOCAL-TIPO: Vera Cruz, México.

DIST. GEOG.: MÉXICO e GUATEMALA.

Referências e sinonímia:

Pheia vittata Walker, 1864, p. 83-84, ♂.

Dycladia vittata Butler, 1876, p. 392 (cit. sin. & geog.). Druce, 1884, p. 61, n. 2, est. 7, fg. 21. Druce, 1897, p. 347 (cit. geog.).

Psilopleura vittata Hampson, 1898, p. 267-268, n. 583, fg. 121, ♂. Zerny, 1912, p. 79 (cit. & geog.). Draudt, 1915, p. 94, f. 15 b.

UROLASIA Druce, 1898.

HAPLÓTIPO: *Urolasia opalocincta* Druce, 1898.

PSEUDOGENÓTIPO: *Urolasia brodea* (Schaus, 1896).

Referências e sinonímia:

Urolasia Druce, 1898, p. 404, in *Urolasia opalocincta*. Hampson, 1898, p. 370; tipo *U. brodea* (Schaus, 1896). Zerny, 1912, p. 108 (cit. sin.). Draudt, 1915, p. 132, n. 80.

COMENTÁRIOS. Este caso é análogo aos precedentes; DRUCE, 1898, descreveu *Urolasia opalocincta*, dando apenas diagnose específica; esta espécie é o haplótipo de *Urolasia*, cujos característicos genéricos até o presente são os mesmos que os descritos para a espécie.

Posteriormente HAMPSON descreveu *Urolasia* como novo gênero seu, e dando uma diagnose genérica baseada em *U. brodea* (Schaus, 1896), por ele indicada como genótipo. Evidentemente esta diagnose genérica deve ser tomada com reserva até que as duas espécies em discussão sejam bem estudadas morfológicamente, e então estabelecidos os verdadeiros caracteres genéricos. O genótipo de HAMPSON, *U. brodea* passa a pseudogenótipo.

Urolasia opalocincta Druce, 1898.

HOLO e ALÓTIPO: in Mus. Oxford, Inglaterra.

LOCAL.-TIPO: Cayena, Guiana Francesa.

DIST. GEOG.: GUIANA FRANCESA.

Referências e sinonímia:

Urolasia opalocincta Druce, 1898, p. 404, ♂. Hampson, 1898, p. 370, n. 820, ♂, est. 12, fig. 15 a, ♀. Zerny, 1912, p. 108 (cit. sin. & geog.). Draudt, 1915, p. 132, fig. 19 g.

Urolasia brodea (Schaus, 1896).

HOLÓTIPO: ♂, in Col. Schaus, U. S. Nat. Mus., U.S.A.

LOCAL.-TIPO: Trinidad.

DIST. GEOG.: TRINIDAD e BRASIL (Pará).

Referências e sinonímia:

Syntrichura brodea Schaus, 1896, p. 132-133.

Urolasia brodea Hampson, 1898, p. 370-371, n. 821, fig. 181, ♂. Zerny, 1912, p. 108 (cit. sin. & geog.). Draudt, 1915, p. 132, fig. 19 g. Hagmann, 1938, p. 192, n. 138 (cit. geog.).

B I B L I O G R A F I A

- BUTLER, A. G. — 1876 — Notes on the *Lepidoptera* of the Family *Zygacnidae*, with Descriptions of new Genera and Species. *J. Linn. Soc. London, Zool.*, 12:342-406, ests. 27-28.
- BUTLER, A. G. — 1877 — Illustrations of typical specimens of *Lepidoptera Heterocera* in the collection of the British Museum. Part I, 62 pp., 20 ests.
- DRAUDT, M. — 1915 — in Seitz, D. Gross-Schmett., II, 6:38-224, ed. francesa, ests. 9-31.
- DRUCE, H. — 1884 — *Biol. C.-Amer., Lep. Het.*, 1:102-116, ests. 10-12.
- DRUCE, H. — 1896 — *Biol. C.-Amer., Lep. Het.*, 2:273-338, ests.
- DRUCE, H. — 1897 — *Biol. C.-Amer., Lep. Het.*, 2:337-440, ests.
- DRUCE, H. — 1898 — Descriptions of some new Species of *Syntomidae*, chiefly in the Oxford Museum. *Ann. Mag. Nat. Hist.*, S. 7, 1(5):401-408, May, 1898.
- HAGMANN, G. — 1938 — *Syntomideos* (= *Euchromideos*) do Estado do Pará. *Liv. Jub. Prof. Travassos, R. Janeiro*, pp. 185-194.
- HAMPSON, G. F. — 1898 — Catalogue of the *Syntomidae* in the collection of the British Museum. *Cat. Lep. Phal.*, 1:559 pp., fgs., ests.
- NEAVE, S. A. — 1939 — *Nomenclator Zoologicus*, 2.

- SCHAUS, W. — 1889 — Descriptions of New Species of Mexican Heterocera. Ent. Amer., 5(5):87-90.
- SCHAUS, W. — 1896 — New species of American Heterocera. J. New York Ent. Soc., 4 (3):130-145.
- TRAVASSOS FILHO, L. — 1940 — *Euchromiidae* de Salobra. Arq. Zool. Est. S. Paulo, 2 (9):261-280, fgs.
- TRAVASSOS FILHO, L. — 1940 — Contribuição à Zoogeografia dos *Euchromidae* Brasileiros. I. — Arq. Zool. Est. S. Paulo, 2 (10):281-298. fotos.
- TRAVASSOS FILHO, L. — 1944 — *Ctenuchidae* de Monte Alegre. Pap. Avulsos Dep. Zool., S. Paulo, 6 (4):29-36.
- TRAVASSOS FILHO, L. — 1946 — Notas de Nomenclatura. I. Pap. Avulsos Dep. Zool., S. Paulo, 7 (23):257-266.
- WALKER, F. — 1854 — List of Lepidop. Ins. British Mus. *Lepidoptera Heterocera*, 1:1-278.
- WALKER, F. — 1864 — List of Lepidop. Ins. Britis Mus. *Lepidoptera Heterocera*, 31:321 pp.

A B S T R A C T

HAMPSON diagnosed in his Catalogue (1898) many new genera of *Ctenuchidae*. Some of the names, however, had already been used earlier in the same year by DRUCE did not publish any generic diagnoses, but for papers published before 1931 the Rules grant validity to monobasic genera for which only specific descriptions have been presented.

We have already (TRAVASSOS FILHO, 1946) discussed the status of the name *Metamyia* Trav. F., 1946 (= *Paramyia* Druce, 1898). Now we take up six more genera of *Ctenuchidae*.

I. *Holophoea*.

DRUCE used this name in the combination *Holophoea caerulea*, which is the haplotype. HAMPSON designated as genotype *Holophoea lycone* (Druce), which becomes a pseudogenotype. The validity of HAMPSON's diagnosis will depend on whether *caerulea* and *lycone* are really co-generic species. If they turn out to be generically distinct, HAMPSON's name must be considered as pre-occupied.

Similarly:

2. *Mesotheren* (Haplotype *H. ignea*, pseudogenotype *M. pyrrha*).
3. *Psilopleura* (Haplotype *Ps. polia*, pseudogenotype *Ps. vittata*).
4. *Urolasia* (Haplotype *U. opalocincta*; pseudogenotype *U. brodea*).
5. *Phoenicoprocta*, which was published by HAMPSON not as a new genus, but only as a *nomen novum* for *Hyela* Walker, preoccupied. In this case *Ph. metachrysea* is the haplotype, and *Ph. sanguinea* (the type species of *Hyela*) a pseudogenotype.

Finally, in the case of

6. *Pseudopompilia*, HAMPSON and DRUCE used the same type species, *Ps. mimica*, which makes HAMPSON's diagnosis perfectly valid for the genus.

LISTA REMISSIVA DOS MAMÍFEROS DO BRASIL

POR

C. DA CUNHA VIEIRA

SINOPSE

Classe Mammalia		Subfamília Phyllostominae	
Infraclasse Metatheria		<i>Phyllostomus</i> Lacépède	358
Ordem Marsupialia		<i>Trachops</i> Gray	359
Superfamília Didelphoidea		<i>Vampyrus</i> Rafinesque	359
Família Didelphidae		<i>Chrotopterus</i> Peters	359
Subfamília Didelphinae		<i>Tonatia</i> Gray	360
<i>Didelphis</i> Linnaeus	344	<i>Mimon</i> Gray	360
<i>Metachirops</i> Matschie	345	<i>Lonchorhina</i> Tomes	361
<i>Metachirus</i> Burmeister	346	<i>Micronycteris</i> Gray	361
<i>Philander</i> Brisson	346	<i>Macrophyllum</i> Gray	362
<i>Chironectes</i> Illiger	347	<i>Glossophaga</i> E. Geoffroy	362
<i>Lutreolina</i> Thomas	348	<i>Lonchophylla</i> Thomas	362
<i>Monodelphis</i> Burnett	348	<i>Choeronycteris</i> Tschudi	362
<i>Marmosa</i> Gray	350	<i>Anoura</i> Gray	363
		<i>Lonchoglossa</i> Peters	363
Infraclasse Eutheria		Subfamília Carollinae	
Cohorte Unguiculata		<i>Carollia</i> Gray	363
Ordem Chiroptera		<i>Rhinophylla</i> Peters	363
Subordem Microchiroptera		Subfamília Sturnirinae	
Superfamília Emballonuroidea		<i>Sturnira</i> Gray	364
Família Emballonuridae		Subfamília Stenoderminae	
Subfamília Emballonurinae		<i>Artibeus</i> Leach	364
<i>Peropteryx</i> Peters	354	<i>Vampyroptus</i> Peters	365
<i>Saccopteryx</i> Illiger	354	<i>Chiroderma</i> Peters	366
<i>Cormura</i> Peters	355	<i>Uroderma</i> Peters	366
<i>Centronycteris</i> Gray	355	<i>Pygoderma</i> Peters	366
<i>Rhynchonycteris</i> Peters	355	<i>Ectophylla</i> H. Allen	366
<i>Peronymus</i> Peters	356	<i>Centurio</i> Gray	366
<i>Myropteryx</i> Miller	356	Família Desmodontidae	
<i>Drepanycteris</i> Thomas	356	<i>Desmodus</i> Wied	367
<i>Cyttarops</i> Thomas	356	<i>Diphylla</i> Spix	367
Subfamília Diclidurinae		Família Natalidae	
<i>Diclidurus</i> Wied	356	<i>Natalus</i> Gray	367
Família Noctilionidae		Família Furipteridae	
<i>Noctilio</i> Linnaeus	357	<i>Furipterus</i> Bonaparte	368
Superfamília Phyllostomoidea		Família Thyropteridae	
Família Phyllostomidae		<i>Thyroptera</i> Spix	368
Subfamília Chilonycterinae			
<i>Pteronotus</i> Gray	358		
<i>Chilonycteris</i> Gray	358		

Família Vespertilionidae		Infraordem Cingulata	
<i>Myotis</i> Kaups	368	Superfamília Dasypodoidea	
<i>Eptesicus</i> Rafinesque	369	Família Dasypodidae	
<i>Histiotus</i> Gervais	370	Subfamília Dasypodinae	
<i>Lasiurus</i> Gray	370	<i>Priodontes</i> Cuvier	402
<i>Dasypterus</i> Peters	371	<i>Cabassous</i> Mac Murtrie	402
Família Molossidae		<i>Euphractus</i> Wagler	403
<i>Molossops</i> Peters	371	<i>Tolypeutes</i> Illiger	404
<i>Molossus</i> E. Geoffroy	372	<i>Dasypus</i> Linnaeus	404
<i>Eumops</i> Miller	372	<i>Scleropleura</i> Milne Edwards	405
<i>Tadarida</i> Rafinesque	373	Cohorte Glires	
<i>Promops</i> Gervais	374	Ordem Lagomorpha	
Ordem Primates		Família Leporidae	
Subordem Anthropeidea		<i>Sylvilagus</i> Gray	405
Sperfamília Ceboidea		Ordem Rodentia	
Família Cebidae		Subordem Sciuromorpha	
Subfamília Aotinae		Família Sciuridae	
<i>Aotes</i> Humboldt	374	<i>Sciurus</i> Linnaeus	406
<i>Callicebus</i> Thomas	375	<i>Guerlinguetus</i> Gray	406
<i>Cacajao</i> Lesson	379	<i>Hadrosorex</i> J. A. Allen	406
<i>Pithecia</i> Desmarest	380	<i>Sciurillus</i> Thomas	409
<i>Chiropotes</i> Lesson	381	<i>Microsciurus</i> J. A. Allen	410
Subfamília Alouattinae		Subordem Myomorpha	
<i>Alouatta</i> Lacépède	381	Família Cricetidae	
Subfamília Cebinae		Subfamília Cricetinae	
<i>Cebus</i> Erxleben	384	<i>Oryzomys</i> Baird	410
<i>Saimiri</i> Voigt	387	<i>Neacomys</i> Thomas	412
Subfamília Atelinae		<i>Oecomys</i> Thomas	412
<i>Ateles</i> E. Geoffroy	389	<i>Thomasomys</i> Coues	413
<i>Brachyteles</i> Spix	390	<i>Nectomys</i> Peters	414
<i>Lagothrix</i> E. Geoffroy	390	<i>Rhipidomys</i> Tschudi	415
Subfamília Callimiconinae		<i>Phaenomys</i> Thomas	415
<i>Callimico</i> Miranda Ribeiro	392	<i>Rhagomys</i> Thomas	416
Família Callithrichidae		<i>Akodon</i> Meyen	416
<i>Callithrix</i> Erxleben	392	<i>Uygodontomys</i> J. A. Allen	417
<i>Mariquina</i> Lesson	394	<i>Microxus</i> Thomas	417
<i>Tamarin</i> Gray	395	<i>Oryzomys</i> Waterhouse	418
<i>Leontocebus</i> Wagner	398	<i>Blarinomys</i> Thomas	419
<i>Cebuella</i> Gray	398	<i>Scapeteromys</i> Waterhouse	419
Ordem Edentata		<i>Hesperomys</i> Waterhouse	419
Subordem Xenarthra		<i>Holochilus</i> Brandt	420
Infraordem Pilosa		Família Muridae	
Superfamília Myrmecophagoidea		<i>Rattus</i> Fischer	421
Família Myrmecophagidae		<i>Mus</i> Linnaeus	421
<i>Myrmecophaga</i> Linnaeus	399	Subordem Hystricomorpha	
<i>Tamandua</i> Frisch	399	Família Erethizontidae	
<i>Cyclopes</i> Gray	400	Subfamília Erethizontinae	
Superfamília Bradypodoidea		<i>Coendou</i> Lacépède	422
Família Bradypodidae		Subfamília Chaetomyiinae	
<i>Choloepus</i> Illiger	400	<i>Chaetomys</i> Gray	423
<i>Bradypus</i> Linnaeus	401	Superfamília Cavioidae	
Superfamília Cavioidae		Família Caviidae	
Família Caviidae		Subfamília Caviinae	
<i>Cavia</i> Pallas	423	<i>Cavia</i> Pallas	

<i>Galea</i> Meyen	424	Subordem Mysticeti	
<i>Kerodon</i> Cuvier	425	Família Balenopteridae	
Família Hydrochoeridae		<i>Sibbaldus</i> Gray	442
Subfamília Hydrochoerinae		<i>Balaenoptera</i> Lacépède	442
<i>Hydrochoerus</i> Brisson	425	<i>Megaptera</i> Gray	443
Família Dinomyidae		Família Balaenidae	
<i>Dinomys</i> Peters	426	<i>Eubalaena</i> Gray	444
Família Dasyproctidae		<i>Neobalaena</i> Gray	444
Subfamília Dasyproctinae		Cohorte Ferungulata	
<i>Dasyprocta</i> Illiger	426	Subordem Ferae	
<i>Myoprocta</i> Thomas	428	Ordem Carnivora	
Subfamília Cuniculinae		Subordem Fissipedia	
<i>Cuniculus</i> Brisson	428	Superfamília Canoidea	
Superfamília Octodontoidea		Família Canidae	
Família Capromyidae		Subfamília Caninae	
<i>Myocastor</i> Kerr	429	<i>Dusicyon</i> H. Smith	444
Família Ctenomyidae		<i>Lycalopex</i> Burmeister	444
<i>Ctenomys</i> Blainville	429	<i>Cerdocyon</i> H. Smith	445
Família Echimyidae		<i>Chrysocyon</i> H. Smith	446
Subfamília Echimyinae		Subfamília Simocyoninae	
<i>Proechimys</i> J. A. Allen	430	<i>Speothos</i> Lund	446
<i>Euryzygomatomys</i> Goeldi	434	Família Procyonidae	
<i>Glyomys</i> Thomas	434	Subfamília Procyoninae	
<i>Carteredon</i> Waterhouse	434	<i>Procyon</i> Storr	446
<i>Cercomys</i> Cuvier	435	<i>Nasua</i> Storr	447
<i>Mesomys</i> Wagner	435	<i>Potos</i> Cuvier & Geoffroy	448
<i>Lonchothrix</i> Thomas	436	Família Mustelidae	
<i>Isothrix</i> Wagner	436	Subfamília Mustelinae	
<i>Echimyis</i> Cuvier	436	<i>Tayra</i> Oken	448
Subfamília Dactylomyinae		<i>Grison</i> Oken	449
<i>Dactylomys</i> I. Geoffroy	438	<i>Grammogale</i> Cabrera	450
<i>Kannabateomys</i> Jentink	438	Subfamília Mephitinae	
Cohorte Mutica		<i>Conepatus</i> Gray	450
Ordem Cetacea		Subfamília Lutrinae	
Subordem Odontoceti		<i>Lutra</i> Erxleben	451
Superfamília Platanistoidea		<i>Pteronura</i> Gray	451
Família Platanistidae		Superfamília Feloidea	
<i>Inia</i> d'Orbigny	439	Família Felidae	
<i>Stenodelphis</i> Gervais	439	Subfamília Felinae	
Superfamília Physeteroidea		<i>Panthera</i> Oken	451
Família Ziphiidae		<i>Jaguaris</i> Severtzow	452
<i>Ziphius</i> Cuvier	439	<i>Felis</i> Linnaeus	452
Família Physeteridae		<i>Puma</i> Jardine	452
<i>Physeter</i>	440	<i>Leopardus</i> Gray	453
Subfamília Kogiinae		<i>Herpailurus</i> Severtzow	454
<i>Kogia</i> Gray	440	<i>Oncifelis</i> Severtzow	454
Família Delphinidae		<i>Lynchailurus</i> Severtzow	454
<i>Delphinus</i> Linnaeus	441	<i>Oncilla</i> J. A. Allen	455
<i>Prodelphinus</i> Gervais	441	<i>Colocolo</i> Pocock	455
<i>Sotalia</i> Gray	441	Subordem Pinnipedia	
<i>Tursiops</i> Gervais	442	Família Otariidae	
		<i>Otaria</i> Peron	456
		<i>Arctocephalus</i> Cuvier	456

Ordem Sirenia		Subordem Paraxonia	
Subordem Trichechiformes		Ordem Artiodactyla	
Família Trichechidae		Subordem Suiformes	
<i>Trichechus</i> Linnaeus	456	Família Tayassuidae	
		<i>Tayassu</i> Fischer	457
Subordem Mesaxonia		Infraordem Pecora	
Ordem Perissodactyla		Superfamília Cervoidea	
Subordem Ceratomorpha		Família Cervidae	
Superfamília Tapiroidea		Subfamília Odocoileinae	
Família Tapiridae		<i>Odocoileus</i> Rafinesque	458
<i>Tapirus</i> Brisson	457	<i>Mazama</i> Rafinesque	458
		<i>Blastocerus</i> Wagner	460
		<i>Ootoceros</i> Ameghino	460

LISTA REMISSIVA

Nesta lista são citadas somente as espécies e subespécies de Mamíferos que foram constatadas até o ano de 1953 dentro dos limites do território nacional, acompanhadas tanto quanto possível de sua principal sinonímia.

Foram assim alistadas 632 formas consideradas até essa data como realmente válidas, incluindo as várias espécies e subespécies exóticas de Roedores aclimatadas no país, ou espécies de Mamíferos que, nele não vivendo, ocorrem entretanto esporadicamente em seu litoral, tais como os Cetáceos e os Carnívoros Pinípedes.

Esta lista é porém ainda bastante incompleta, pois é justamente na fauna brasileira, o grupo dos Mamíferos, o menos conhecido e estudado, dada a vastidão do país onde ainda existem muitas regiões inexploradas cientificamente. Além disso, muitas das formas aqui mencionadas são controversas, podendo ser invalidadas à luz de novas pesquisas sistemáticas, o que acarretará futuras alterações.

Na distribuição geográfica das formas mais raras estão mencionadas as localidades em que foram coletadas, de acordo com as referências de vários autores e as procedências dos exemplares existentes nas coleções do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo.

Classe M A M M A L I A

Infraclasse METATHERIA

Ordem MARSUPIALIA

Superfamília DIDELPHOIDEA

Família DIDELPHIDAE

Subfamília DIDELPHINAE

Gênero DIDELPHIS Linnaeus

Didelphis LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 54. Genótipo: *Didelphis marsupialis* LINNAEUS.

Sarigua MUIRHEAD, 1830. Brewster's Edinb. Encyclop., XIII, pg. 429. Genótipo: *Didelphis marsupialis* LINNAEUS.

Didelphis marsupialis marsupialis Linnaeus
Mucura, Cassaco, Gambá, Sariguê, Saruê

Didelphis marsupialis LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 54; localidade típica: Surinam.

Didelphis karkinothoga ZIMMERMANN, 1780, Geograph. Gesch., II, pg. 206; localidade típica: América do Sul.

Didelphis cancrivora GMELIN, 1788, Systema Naturae, I, pg. 108; localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Desde o litoral norte do golfo do México, por toda a América Central e grande parte da América do Sul; Colômbia, Venezuela, Guianas, Brasil: norte e nordeste até o Estado do Rio de Janeiro.

Didelphis aurita Wied
Gambá, Mucura, Raposa

Didelphis aurita WIED, 1826, Beiträge zur Naturgesch. Brasiliens, II, pg. 393; localidade típica: Vila Viçosa, rio Peruipe, Espírito Santo.

Didelphis koseritzi H. IHERING, 1892, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 99; localidade típica: Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Sudoeste do Brasil, da Bahia ao Rio Grande do Sul e oeste de Mato Grosso; Paraguai, norte da Argentina e leste da Bolívia.

Didelphis paraguayensis Oken
Gambá, Mucura, Raposa

Didelphis paraguayensis OKEN, 1816, Lehrbuch der Naturgesch., Theil III, Abth. II, pg. 1147; localidade típica: Assuncion, Paraguai.

Didelphis azarae TEMMINCK, 1827, Monograph. Mammal., I, pg. 30; localidade típica: Brasil.

Didelphis albiventris LUND, 1841, Blik. Brasil. Dansk. Abhandl., VIII, pg. 326, localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

Didelphis poecilotis WAGNER, 1842, Archiv. Naturg., I, pg. 258; localidade típica: Brasil.

Didelphis lechii H. IHERING, 1892, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 95; localidade típica: Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Do norte da América do Sul, por todo o Brasil, Uruguai e Argentina, até o Rio Negro.

Gênero **METACHIOPS** Matschie

Metachirops MATSCHIE, 1916, Uebersicht d. Untergattungen der Didelphiiden, Sitzb. Gesellschaft. Naturf. Freunde Berlin, n.º 8, pg. 259. genótipo: *Didelphis opossum* LINNAEUS.

Holothylax CABRERA, 1919, Genera Mammalium; Museo Nacional de Ciencias Naturales, Madrid, pg. 47; genótipo: *Didelphis opossum* LINNAEUS.

Metachirops opossum opossum (Linnaeus)
Mucura chichica, Mucura chichita

Didelphis opossum LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 58; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas; Amazônia e norte do Brasil.

Metachirops opossum quica (Temminck)
Cuica, Quaiquica

Didelphys quica TEMMINCK, 1827, Monographies de Mammalogie, I, pg. 36; localidade típica: Sepitiba, Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: Nordeste do Brasil, Brasil central e meridional até o Estado do Rio Grande do Sul.

Gênero **METACHIRUS** Burmeister

Metachirus BURMEISTER, 1854, Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens, I, pg. 155; genótipo: *Didelphis myosurus* TEMMINCK (= *Didelphis nudicaudatus* E. GEOFFROY).

Metachirus nudicaudatus nudicaudatus (E. Geoffroy)

Jupati, Cuica

Didelphis nudicaudatus E. GEOFFROY, 1803, Catalogue des Mammifères Mus. de Paris, pg. 142; localidade típica: Caiena, Guiana Francesa.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas; Pará (Piquiatuba); Maranhão (Miritiba); Bahia (Itabuna); Mato Grosso (Piraculuna).

Metachirus nudicaudatus myosurus (Temminck)

Cuica, Jupati

Didelphis myosurus TEMMINCK, 1829, Monographies de Mammalogie, vol. I, pg. 38; localidade típica: Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Sul da Bahia (rio Pardo); Espírito Santo (Juparanã); Rio de Janeiro; São Paulo (Ipanema, Bauru, Lins), até Santa Catarina (Araranguá).

Metachirus nudicaudatus personatus Miranda Ribeiro

Cuica, Jupati

Metachirus nudicaudatus personatus MIRANDA RIBEIRO, 1936, Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 531; localidade típica: Serra de Piraquara, Realengo.

DISTRIBUIÇÃO: Distrito Federal e região litorânea do Estado do Rio de Janeiro (Angra dos Reis).

Gênero **PHILANDER** Brisson

Philander BRISSON, 1762, Regnum Animale in Classes, 2a. ed., pg. 207; genótipo: *Didelphis philander* LINNAEUS.

Caluromys J. A. ALLEN, 1900, Bull. Amer. Mus. Nat. History, XIII, pg. 188; genótipo: *Didelphis philander* LINNAEUS.

Mallodelphis THOMAS, 1920, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 5, pg. 195; genótipo: *Didelphis laniger* DESMAREST.

Philander laniger laniger (Desmarest)

Didelphys laniger DESMAREST, 1820, Mammalogie, pg. 528; localidade típica: Assuncion, Paraguai.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai; Brasil meridional: Estado de São Paulo (Araraquara). (1)

Philander laniger ochropus (Wagner)

Didelphis ochropus WAGNER, 1842, Archiv für Naturgesch., vol. VIII, pg. 359; localidade típica: Barra do rio Negro, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Santa Cruz, Rio Juruá; Itacoatiara; Igarapé Grande); Pará (Buiussú; Cametá).

(1) Exemplar único, doado ao Dept. de Zoologia pelo Sr. Pio Lourenço Corrêa.

Philander laniger vitalinus (Miranda Ribeiro)

Mallodelphis lanigera vitalina MIRANDA RIBEIRO, 1930, Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 455; localidade típica: Barra do Paraopeba, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Norte do Estado de Minas Gerais.

Philander laniger nattereri (Matschie)

Didelphis nattereri MATSCHIE, 1917, Sitzungsbericht der Gesellschaft Naturforscher der Freunde zur Berlin, no. 4, pg. 288; localidade típica: Rio Jaurú, norte de Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Norte de Mato Grosso.

Philander laniger modestus (Miranda Ribeiro)

Mallodelphis lanigera modesta MIRANDA RIBEIRO, 1936, Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 536; localidade típica: Pantanal de Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Philander philander philander (Linnaeus)

Didelphis philander LINNAEUS, 1754, Systema Naturae, 10a. ed., pg. 54. localidade típica: Surinam.

Didelphis cayapollin BURMEISTER, 1856, Erlaut. Fauna Brasil., pg. 76; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Amazônia (Lago do Batista); Pará (Cametá, Caxirituba, Foz do Curuá) Maranhão (Miritiba); nordeste: Alagoas (Mangabeira); Brasil central: Mato Grosso (Rio Papagaio; Tapira-poã, rio Sepotuba); Estados da Bahia e Espírito Santo, até o Estado do Rio de Janeiro.

Philander philander dichrurus (Wagner)

Didelphys dichrura WAGNER, 1842, Archiv für Naturg., 8, Band. I, pg. 538; localidade típica: Ipanema, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Estado de São Paulo (São Sebastião, Piquete, Tanabi e Monte Alegre).

Philander calmensis (Matschie)

Didelphis calmensis MATSCHIE, 1917, Sitzungsberichte der Gesellschaft Naturf. Freunde zur Berlin, no. 4, pg. 288; localidade típica: rio Caí, Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: É conhecida somente de sua localidade típica.

Gênero **CHIRONECTES** Illiger

Chironectes ILLIGER, 1811; Prodromus Syst. Mammalium, pg. 76; genótipo: *Lutra minima* ZIMMERMANN.

Memina FISCHER, 1814, Zoognosia, III, pg. 611; genótipo: *Lutra minima* ZIMMERMANN.

Chironectes minimus (Zimmermann)**Cuica d'agua, Chichica d'agua, Mucura do fundo**

Lutra minima ZIMMERMANN, 1780, Geographische Geschichte, II, pg. 317; localidade típica: Caiena, Guiana Francesa.

Didelphis paraguensis KERR, 1792, Animal Kingdom, pg. 172; localidade típica: Paraguai.

Didelphis guianensis KERR, 1792, Animal Kingdom, pg. 172; localidade típica: Guianas.

Didelphis variegatus ILLIGER, 1811, Abhandl. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 107; localidade típica: América do Sul.

Didelphis oyapock DESMAREST, 1820, Mammalogie, I, pg. 261; localidade típica: Guiana.
Chironectes menima bresslaui POHLE, 1927, Abhandl. Senckenberg. Naturforsch. Gesellsch., 40, pg. 242; localidade típica: Terezópolis, Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: desde a Venezuela, Guianas e Amazônia, até o Paraguai e norte da Argentina (Misiones).

Gênero **LUTREOLINA** Thomas

Lutreolina THOMAS, 1910, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 5, pg. 247; genótipo: *Didelphis crassicaudatus* (Desmarest).

Lutreolina crassicaudata crassicaudata (Desmarest)

Cuica

Didelphys crassicaudata DESMAREST, 1804, Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle, vol. 24, pg. 18; localidade típica: Paraguai.

Didelphis macroura ILLIGER, 1815, Abhandl. K. Akad. Berlin, pg. 107; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: São Paulo (Ituverava, Franca, Ribeirão Preto, Ribeirão Bonito, Baurú); Estado do Rio de Janeiro (Angra dos Reis).

Lutreolina crassicaudata lutrilla Thomas

Cuica

Lutreolina crassicaudata lutrilla THOMAS, 1923, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 5, pg. 885; localidade típica: São Lourenço, Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Uruguai e Rio Grande do Sul.

Gênero **MONDELPHIS** Burnett

Jupatis, Catitas

Monodelphis BURNETT, 1930, Quart. Journ. Soc. Lit. and Art., XXVIII, pg. 351; genótipo: *Monodelphis brachyura* (SCHREBER).

Peramys LESSON, 1842, Nouv. Tabl. Règne Animal, Mammifères, pg. 187; genótipo: *Peramys brachyurus* ERXLEBEN.

Hemimurus GERVAIS, 1855, Exped. Comte de Castelnau, Mammalogie, pg. 187; genótipo: *Dipelphys brevicaudata* ERXLEBEN.

Microdelphis BURMEISTER, 1850, Erlaut. Fauna Brasil, pg. 83 (em parte).

Mimuania CABRERA, 1919, Genera Mammalium, Marsupialia, Museo Ciencias Naturales de Madrid, pg. 43; genótipo: *Didelphis dimidiata* WAGNER.

Monodelphis domestica (Wagner)

Didelphis domestica WAGNER, 1842, Archiv für Naturgesch., 8, Band I, pg. 359; localidade típica: Cuiabá, Mato Grosso.

Hemimurus hunteri GERVAIS, 1855, Exped. Comte de Castelnau, Mammal., pg. 101 (não de Waterhouse); localidade típica: Goiás.

DISTRIBUIÇÃO: Mato Grosso (Porto Faia, rio Paraná, Miranda); Goiás (Cana Brava; Rio São Domingos); Minas Gerais (Barro alto Rio São Francisco); Bahia (Machado Portela).

Monodelphis brevicaudatus brevicaudatus (Erxleben)

Didelphis brevicaudatus ERXLEBEN, 1797, Systema Regnum Animalium, I, pg. 80; localidade típica: Surinam.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas; Pará (Santarém); Mato Grosso (Rio Mamoré).

Monodelphis henseli (Thomas)

Didelphis henseli THOMAS, 1888, Annals and Magazine of Natural History, ser. 6, vol. I, pg. 159; localidade típica: Taquara, Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Brasil meridional: Estado do Rio de Janeiro (Serra de Macaé); Rio Grande do Sul (Taquara, São Lourenço).

Monodelphis sorex (Hensel)

Microdelphis sorex HENSEL, 1873, Abhandl. Kon. Akad., I, pg. 222; localidade típica: Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Rio Grande do Sul.

Monodelphis scalops (Thomas)

Didelphis (Peramys) scalops THOMAS, 1888, Annals and Magazine of Natural History, ser. 6, vol. I, pg. 158; localidade típica: Terezópolis, Estado do Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: Brasil meridional: Estado de São Paulo (São Sebastião, Piracicaba, Piquete); Estado do Rio de Janeiro (Terezópolis).

Monodelphis maraxina Thomas

Monodelphis maraxina THOMAS, 1923, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 12, pg. 51; localidade típica: Caldeirão, Ilha de Marajó.

DISTRIBUIÇÃO: Ilha de Marajó, Pará.

Monodelphis americanus (Müller)

Sorex americanus MÜLLER, 1776, Natursystem. Supplementum, VII, pg. 36; localidade típica: Brasil.

Didelphis brasiliensis ERXLEBEN, 1777, Systema Regnum Animal, I, pg. 127; localidade típica: Brasil.

Didelphis tristriatus ILLIGER, 1811, Abhandl. Akad. Berlin, pg. 107; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Minas Gerais (Mariana); São Paulo (Piracicaba, Baurú, Ubatuba); Rio de Janeiro (Ilha Grande, Terezópolis).

Monodelphis iheringii (Thomas)

Didelphis (Peramys) iheringii THOMAS, 1888, Annals and Magazine of Natural History, ser. 6, vol. I, pg. 159; localidade típica: Taquara, Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Espírito Santo (Chaves); São Paulo (Iguape); Santa Catarina (Colônia Hansa, Hamonia, Joinville); Rio Grande do Sul (Taquara).

Monodelphis therezae Thomas

Monodelphis therezae THOMAS, 1821, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 8, pg. 441; localidade típica: Terezópolis, Estado do Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Monodelphis unistriatus (Wagner)

Didelphis unistriatus WAGNER, 1842, Archiv für Naturgesch., VII, pg. 360; localidade típica: Itararé, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Sul do Estado de São Paulo.

Monodelphis tricolor tricolor (E. Geoffroy)

Didelphys tricolor E. GEOFFROY, 1803, Catalogue du Museum d'Histoire Naturelle de Paris, pg. 144; localidade típica: Guiana Francesa.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas .Brasil: Amazonas (Itacoatiara).

Monodelphis tricolor rubidus (Thomas)

Didelphys rubidus THOMAS, 1899, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 3, pg. 155; localidade típica: Bahia.

Monodelphis tricolor emiliae Thomas

Monodelphis emiliae THOMAS, 1920, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 6, pg. 283; localidade típica: Vila Braga, Rio Tapajós.

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Pará.

Monodelphis tricolor paulensis Vieira

Monodelphis tricolor paulensis VIEIRA, 1950, Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo, vol. VII, pg. 359; localidade típica: Pirituba, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Estado de São Paulo (Capital, Mogi das Cruzes, Monte Alegre, Piquete).

Monodelphis dimidiatus (Wagner)

Didelphys dimidiata WAGNER, 1847, Abhandl. Math. Phys. Kl. Bayer. Akad. Wiss. München, V, Abth. I, pg. 151; localidade típica: Maldonado, Uruguai.

DISTRIBUIÇÃO: Uruguai; Estado do Rio Grande do Sul (Taquara; São Lourenço).

Monodelphis umbristriatus (Miranda Ribeiro)

Minuania umbristriata MIRANDA RIBEIRO, 1936, Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 422; localidade típica: Goiaz.

DISTRIBUIÇÃO: Leste do Estado de Goiaz.

Gênero **MARMOSA** Gray*Guaiquicas, Catitas*

Marmosa GRAY, 1824, London Medical Repository, XI, pg. 308; genótipo: *Didelphis murina* LINNAEUS.

Micoreus LESSON, 1842, Nouv. Tabl. Règne Animal, Mammif., pg. 186 (em parte).

Thylamys GRAY, 1845, List. Mammal. Brit. Museum, pg. 101; genótipo: *Thylamys elegans* WATERHOUSE.

Grymaeomys BURMEISTER, 1854, Thiere Brasiliens, I, pg. 138; genótipo: *Didelphis murina* LINNAEUS.

Microdelphis BURMEISTER, 1856, Erlaut. zur Fauna Brasiliens, pg. 83 (em parte); genótipo: *Didelphis tristriata* KUHLE.

Marmosops MATSCHIE, 1916, Sitzung. Gesellschaft Naturf. Freunde Berlin, pg. 202; genótipo: *Marmosa incana* (Lund).

Marmosa microtarsus microtarsus (Wagner)

Didelphis microtarsus WAGNER, 1842, Archiv für Naturgesch., VIII, pg. 359; localidade típica: Ipanema, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Minas Gerais; São Paulo (Ituverava; Piracicaba; Perús; Ipiranga); Estado do Rio de Janeiro (Ilha Grande, Terezó-

polis); Paraná (Palmeiras); Santa Catarina (Araranguá, Blumenau; Joinville).

Marmosa microtarsus guahybae Tate

Marmosa microtarsus guahybae TATE, 1931, American Museum Novitates, no. 493; pg. 10; localidade típica: Ilha Guaíba, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Rio Grande do Sul (Taquara; São Lourenço).

Marmosa velutina (Wagner)

Didelphys velutina, WAGNER, 1842, Wiegmann's Archiv für Naturgesch., pg. 360; localidade típica: Ipanema, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Minas Gerais (Lagoa Santa); São Paulo (Capital, Ipanema).

Marmosa cinerea cinerea (Temminck)

Didelphis cinerea TEMMINCK, 1824, Monograph. Mammal., I, pg. 4; localidade típica: Rio Mucuri, Espírito Santo.

DISTRIBUIÇÃO: Pará (Ilha de Marajó); Pernambuco (Dois Irmãos); Espírito Santo (Rio Mucuri, Rio São José); Rio de Janeiro (Angra dos Reis).

Marmosa cinerea paraguayana Tate

Marmosa cinerea paraguayana TATE, 1931, American Museum Novitates, no. 493; localidade típica: Vila Rica, Paraguai.

DISTRIBUIÇÃO: Minas Gerais (Lagoa Santa); São Paulo (Itapetinga, Bauru, Ubatuba, Tambaú); Paraná; Santa Catarina (Joinville, Colônia Hansa).

Marmosa cinerea pfrimeri Miranda Ribeiro

Marmosa cinerea pfrimeri MIRANDA RIBEIRO, 1936, Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 366; localidade típica: Palmas, Goiás.

DISTRIBUIÇÃO: Esta espécie é conhecida unicamente de sua localidade típica.

Marmosa constantiae Thomas

Marmosa constantiae THOMAS, 1904, Proceed. Zool. Soc. London, II, pg. 243; localidade típica: Chapada, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Bolívia (Santa Cruz), Mato Grosso (Chapada, Porto Faia, Campo Grande).

Marmosa murina murina (Linnaeus)

Didelphis murina LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 58; localidade típica: Surinam.

DISTRIBUIÇÃO: Guiana Inglesa; Pará (Igarapé-assu, ilha de Marajó); Maranhão (Turiassu, Codó); Pernambuco (Recife); Paraíba (Penha); Bahia (Ilhéus); Alagoas (Mangabeira).

Marmosa murina madeirensis Cabrera

Marmosa madeirensis CABRERA, 1913, Trab. Mus. Cienc. Nat. Madrid; ser. Zool., no. 9, pg. 12; localidade típica: Rio Madeira, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Rosarinho, Rio Madeira; Rio Javari; Manacapuru); Pará (Santarém, Vila Braga, Rio Tapajós).

Marmosa domina Thomas

Marmosa domina THOMAS, 1920, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 6, pg. 280; localidade típica: Vila Braga, Rio Tapajós, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Pará (Rio Tapajós); Território do Rio Branco (Boa Vista); Amazonas (Lago da Arara; Aiapuá, Rio Purus; Rio Andirá).

Marmosa meridionalis (Miranda Ribeiro)

Marmosa meridionalis MIRANDA RIBEIRO, 1936, Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 371; localidade típica: Paratudal, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Sul de Mato Grosso.

Marmosa blaseri Miranda Ribeiro

Marmosa blaseri MIRANDA RIBEIRO, 1936, Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 373; localidade típica: São Bento, Goiás.

DISTRIBUIÇÃO: Leste do Estado de Goiás (Cana Brava; Nova Roma).

Marmosa stollei Miranda Ribeiro

Marmosa stollei MIRANDA RIBEIRO, 1936, Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 372; localidade típica: Aripuanã, Rio Madeira.

DISTRIBUIÇÃO: Norte de Mato Grosso.

Marmosa moreirae Miranda Ribeiro

Marmosa moreirae MIRANDA RIBEIRO, 1936, Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 380; localidade típica: Itatiaia, Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida unicamente de sua localidade típica.

Marmosa rondoni Miranda Ribeiro

Marmosa rondoni MIRANDA RIBEIRO, 1936, Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 387; localidade típica: Sepotuba, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: norte de Mato Grosso.

Marmosa cauae purui Miller

Marmosa purui MILLER, 1913, Proceed. Biol. Soc. Washington, XXVI, pg. 31; localidade típica: Iutanã, Alto Purus.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Rosarinho, Rio Purus; Rio Madeira).

Marmosa incana incana (Lund)

Didelphis incana LUND, 1841, Det. K. Dansk. Vidensk. Selskabets; afh. VIII, pg. 237; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Marmosa incana bahiensis Tate

Marmosa incana bahiensis TATE, 1931, Amer. Museum Novitates, no. 493, pg. 8; localidade típica: Lamarão, Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Bahia.

Marmosa incana paulensis Tate

Marmosa incana paulensis TATE, 1931, Amer. Museum Novitates, no. 493, pg. 8; localidade típica: Terezópolis, Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Rio de Janeiro (Sumidouro); Paraná (Roça Nova).

Marmosa scapulata (Burmeister)

Grymaeomys scapulatus BURMEISTER, 1856, Fauna Brasiliensis, pg. 79; localidade típica: Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Estado de Minas Gerais.

Marmosa noctivaga collega Thomas

Marmosa collega THOMAS, 1920, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 6, pg. 281; localidade típica: Vila Braga, Rio Tapajós.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida unicamente de sua localidade típica.

Marmosa limae Thomas

Marmosa limae THOMAS, 1920, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 6, pg. 282; localidade típica: Ceará.

DISTRIBUIÇÃO: Nordeste do Brasil.

Marmosa emiliae Thomas

Marmosa emiliae THOMAS, 1909, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 3, pg. 379; localidade típica: Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Pará.

Marmosa agricolai Moojen

Marmosa agricolai MOOJEN, 1943, Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Nova série, Zoologia, no. 1, pg. 2; localidade típica: Crato, Ceará.

DISTRIBUIÇÃO: Nordeste.

Marmosa agilis agilis (Burmeister)

Grymaeomys agilis BURMEISTER, 1854, Thiere Brasiliens, I, pg. 139; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai, Minas Gerais (Lagoa Santa; Brumado); São Paulo (Jaboticabal; Ilha Vitória, Ilha de São Sebastião).

Marmosa agilis beatrix Thomas

Marmosa agilis beatrix THOMAS, 1910, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 6, pg. 502; localidade típica: Ipu, Ceará.

DISTRIBUIÇÃO: Nordeste: Ceará (Ipu, Juá); Piauí (Serra de Ibiapaba).

Infraclasse *EUTHERIA*
 Cohorte *UNGUICULATA*
 Ordem *CHIROPTERA*
 Subordem *MICROCHIROPTERA*
 Superfamília *EMBALLONUROIDEA*
 Família *EMBALLONURIDAE*
 Subfamília *EMBALLONURINAE*
 Gênero *PEROPTERYX* Peters

Peropteryx PETERS, 1867, Monatsb. K. Preuss. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 475; genótipo: *Vespertilio caninus* WIED.

***Peropteryx macrotis macrotis* Wagner**

Peropteryx macrotis WAGNER, 1843, Wiegman's Archiv. Naturg., Jahrg 9, vol. 1, pg. 367; localidade típica: Mato Grosso.

Vespertilio caninus WIED, 1826, Beiträge zur Naturg. Brasil., bd. II, pg. 262; localidade típica: Bahia (pre-ocupado por *Vespertilio caninus* de Blumenbach).

Emballonura brunnea GERVAIS, 1855, Expédition du Comte de Castelnau, Zoologie, pg. 66; pl. XV, fig. 2.

DISTRIBUIÇÃO: América Central (Guatemala e Honduras); Colômbia, Venezuela, Perú; Brasil: Amazonas (Rio Juruá); Pará (Utinga); São Paulo (Iporanga, Iguape, Ubatuba, São Sebastião); Rio de Janeiro (Angra dos Reis); Mato Grosso (Dumbá, Rio das Mortes).

***Peropteryx kappleri* Peters**

Peropteryx kappleri PETERS, 1867, Monatsb. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 473; localidade típica: Surinam.

DISTRIBUIÇÃO: Da Guatemala à Guiana Holandesa; Brasil: Bahia (Salvador); Rio de Janeiro (Terezópolis). São Paulo (São Sebastião).

Gênero ***SACCOPTERYX*** Illiger

Saccopteryx ILLIGER, 1811, Prodrômus Catalogus Mammalium et Avium, pg. 121; genótipo: *Vespertilio lepturus* SCHREBER.

Urocryptus TEMMINCK, 1838, Monograph. Mammalium, II, pg. 294; genótipo: *Urocryptus bilineatus* TEMMINCK.

***Saccopteryx leptura* (Schreber)**

Vespertilio lepturus SCHREBER, 1774, Die Säugethiere, I, pg. 173, pl. 57; localidade típica: Surinam.

DISTRIBUIÇÃO: América Central; norte da Colômbia; Equador; Venezuela; Perú; Brasil: Amazonas (Rio Juruá); Mato Grosso (Tapiapé); Estado do Espírito Santo (Colatina).

***Saccopteryx bilineata* (Temminck)**

Urocryptus bilineatus TEMMINCK, 1838, in Van der Roeven's Tijdsch. Naturgesch., pg. 33; localidade típica: Surinam.

DISTRIBUIÇÃO: Sul do México, através de toda a América Central; Guianas; Colômbia; Bolívia e Brasil: Amazonas (Rio Juruá); Pará

(Buiussu, Cametá, Marajó); Minas Gerais (Rio Doce); Mato Grosso (Barão de Melgaço).

Saccopteryx canescens Thomas

Saccopteryx canescens THOMAS, 1901, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 7, pg. 366; localidade típica: Óbidos, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Norte da Colômbia, Venezuela, Guiana Francesa; Brasil: Amazonas (Rio Juruá); Pará (Santarém, Óbidos).

Saccopteryx gymnura Thomas

Saccopteryx gymnura THOMAS, 1901, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 7, pg. 367; localidade típica: Santarém, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida unicamente de sua localidade típica.

Gênero **CORMURA** Peters

Cormura PETERS, 1867, Monatsb. K. Preuss. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 475; genótipo: *Emballonura brevirostris* WAGNER.

Cormura brevirostris (Wagner)

Emballonura brevirostris WAGNER, 1843, Wiegmann's Archiv, pg. 367. localidade típica: Marabitanas, Rio Negro, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: América Central, Colômbia, Equador, Perú, Venezuela; Brasil: Amazonas (Rio Juruá; Itacoatiara); Pará (Buiussú).

Gênero **CENTRONYCTERIS** Gray

Centronycteris GRAY, 1838, Magazine Zool. Bot., II, pg. 499; genótipo: *Vespertilio maximiliani* FISCHER.

Centronycteris maximiliani maximiliani (Fischer)

Vespertilio maximiliani FISCHER, 1829, Synopsis Mammal., I, pg. 112; localidade típica: Espírito Santo.

Vespertilio calcaratus WIED, 1826, Beitr. zur Naturg. Brasil., Band II, pg. 269; localidade típica: Espírito Santo (pre-ocupado).

Saccopteryx wiedii PALMER, 1898, Proceed. Zool. Soc. Washington, 12, pg. 110; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Amazônia e Brasil oriental até o Estado do Espírito Santo.

Centronycteris maximiliani centralis Thomas

Centronycteris centralis THOMAS, 1912, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 10, pg. 638; localidade típica: Chiriqui, Panamá.

DISTRIBUIÇÃO: Da Guatemala ao Equador e oeste do Brasil.

Gênero **RHYNCHONYCTERIS** Peters

Rhynchonycteris PETERS, 1878, Monatsb. K. Preuss. Akad. Wiss. Berlin, pg. 477; genótipo: *Rhynchonycteris naso* WIED.

Proboscidea SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Bras. Spec. Novae, pg. 61; (pre-ocupado).

Rhynchiscus MILLER, 1907, Proceed. Biol. Washington, vol. XX, pg. 65; genótipo: *Proboscidea saxatilis* SPIX (= *Vespertilio naso* WIED).

Rhynchonycteris naso (Wied)

Vespertilio naso WIED, 1820, Reise nach Brasilien, vol. 1, pg. 251; localidade típica: Morro da Arara, Rio Mucuri, Minas Gerais.

Proboscidea rivalis et *saxatilis* SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensis Species Novae, pg. 62; localidade típica: Rio São Francisco.

DISTRIBUIÇÃO: Do sul do México e América Central ao norte do Perú; Amazônia e Brasil central: Amazonas (Acajatuba, Rio Negro; Rio Iriri, Rio Xingú; Rio Juruá); Pará (Santarém; ilha de Marajó); Alagoas (Mangabeira); Bahia (Salvador, Barra); Espírito Santo (Rio Doce); Mato Grosso (Cuiabá, Chavantina; São Domingos, Rio das Mortes).

Gênero **PERONYMUS** Peters

Peronymus PETERS, 1868, Monatsb. Akad. Berlin, pg. 145; genótipo: *Peropteryx leucoptera* PETERS.

Peropteryx DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 370 (subgênero de *Saccopteryx*).

Peronymus leucopterus leucopterus (Peters)

Peropteryx leucoptera PETERS, 1867, Monatsb. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 474; localidade típica: Surinam.

DISTRIBUIÇÃO: Guiana Holandesa; Brasil: Pará (Cachoeira, ilha de Marajó, Cameté).

Gênero **MYROPTERYX** Miller

Myropteryx MILLER, 1906, Proceed. Biol. Soc. Washington, XIX, pg. 60; genótipo: *Myropteryx pullus* MILLER.

Myropteryx pullus Miller

Myropteryx pullus MILLER, 1906, Proceed. Biol. Soc. Washington, XIX, pg. 60; localidade típica: Surinam.

DISTRIBUIÇÃO: Guiana Holandesa; Brasil: norte de Mato Grosso (Bananeiras, Rio Mamoré).

Gênero **DREPANYCTERIS** Thomas

Drepanycteris THOMAS, 1920, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 6, pg. 271; genótipo: *Drepanycteris isabellae* THOMAS.

Drepanycteris isabellae Thomas

Drepanycteris isabellae THOMAS, 1920, Annals and Magazine of Natural History, ser. 19, vol. 6, pg. 271; localidade típica: Manacapuru, Rio Solimões, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Gênero **CYTTAROPS** Thomas

Cyttarops THOMAS, 1913, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 11, pg. 134. genótipo: *Cyttarops alecto* THOMAS.

Cyttarops alecto Thomas

Cyttarops alecto THOMAS, 1913, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 11, pg. 135; localidade típica: Moca jatuba, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Guiana Inglesa; Brasil: Estado do Pará.

Subfamília **DICLIDURINAE**Gênero **DICLIDURUS** Wied

Diclidurus WIED, 1819, Isis, pg. 1629; genótipo: *Diclidurus albus* WIED.

Diclidurus albus Wied

Diclidurus albus WIED, 1819, Isis, pg. 1630; localidade típica: Rio Pardo, Bahia.
Diclidurus freyreissii WIED, 1838, Abbild. Naturgesch. Brasil., pl. XVI; localidade típica: Rio Pardo, Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Tarauaçá, Rio Negro); Território do Guaporé (Porto Velho); Bahia e Espírito Santo.

Diclidurus scutatus Peters

Diclidurus scutatus PETERS, 1869, Monatsb. K. Preuss., pg. 400; localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas e Pará (Belém).

Família **NOCTILIONIDAE**Gênero **NOCTILIO** Linnaeus

Noctilio LINNAEUS, 1776, Systema Naturae, 12a. ed., I, pg. 88; genótipo: *Vespertilio leporinus* LINNAEUS.

Dirias MILLER, 1906, Proceed. Biol. Soc. Washington, XIX, pg. 84; genótipo: *Noctilio albiventer* SPHX (em parte).

Noctilio leporinus leporinus (Linnaeus)

Vespertilio leporinus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 32; localidade típica: Surinam.

Noctilio americanus LINNAEUS, 1776, Systema Naturae, 12a. ed., pg. 98; localidade típica: América do Sul.

Noctilio rufus SPHX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasil. Spec. Novae, pg. 57; pl. XXXV, fig. 1; localidade típica não designada.

Noctilio unicolor WIED, 1826, Beitr. Naturg. Brasil., pg. 223; localidade típica: Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Norte da Colômbia; Venezuela; Guianas; Brasil: Amazonas (Igarapé Anibá, Rio Amazonas; João Pessoa, rio Juruá; Silves); Ceará (Fortaleza); Bahia (Recôncavo); Goiaz (Cana Brava); Mato Grosso (Cáceres); Porto Joffre, Rio Paraguai; São Domingos, Rio das Mortes).

Noctilio leporinus rufipes d'Orbigny

Noctilio rufipes d'ORBIGNY, 1847, Voyage dans l'Amérique Méridionale, pl. IX, fig. 1-4; localidade típica: Bolívia.

DISTRIBUIÇÃO: Bolívia, Paraguai; norte da Argentina; Brasil: Santa Catarina (São Francisco); Rio Grande do Sul (Porto Alegre).

Noctilio albiventer (Spix)

Noctilio albiventer SPHX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 58; localidade típica: Rio São Francisco, Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Rio Juruá; Silves; Itacoatiara); Pará (Buiussu, Caxiricatuba; ilha de Marajó); Bahia (Joazeiro); Mato Grosso (Cáceres; Corumbá; São Domingos, Rio das Mortes).

Noctilio irex (Thomas)

Dirias irex THOMAS, 1920, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 6, pg. 273. localidade típica: Santa Júlia, Rio Iriri, afluente do Xingú, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida unicamente de sua localidade típica.

Superfamília PHYLLOSTOMOIDEA

Família PHYLLOSTOMIDAE

Subfamília CHILONYCTERINAE

Gênero PTERONOTUS Gray

Pteronotus GRAY, 1838, Magazine Zool. and Bot., pg. 500; genótipo: *Pteronotus davyi* GRAY.
Chilonycteris GRAY, 1839, Ann. Nat. History, IV, pg. 4; genótipo: *Chilonycteris macleayi* GRAY (em parte).

Pteronotus davyi Gray

Pteronotus davyi GRAY, 1836, Magazine Zool. and Bot., pg. 500; localidade típica: Ilha de Trinidad.

DISTRIBUIÇÃO: Antilhas (Trinidad, Dominicana); norte do Brasil; Mato Grosso (Cáceres).

Gênero CHILONYCTERIS Gray

Chilonycteris GRAY, 1839, Ann. Nat. History, IV, pg. 4; genótipo: *Chilonycteris macleayi* GRAY.

Chilonycteris personata Wagner

Chilonycteris personata WAGNER, 1843, Archiv Naturgesch., vol. I, pg. 369; localidade típica: São Vicente, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Da América Central a Mato Grosso.

Chilonycteris rubiginosa rubiginosa Wagner

Chilonycteris rubiginosa WAGNER, 1843, Archiv Naturgesch., vol. I, pg. 367; localidade típica: Caiçara, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: América Central; Amazônia; Mato Grosso (Cuiabá; Tapirapuã).

Subfamília PHYLLOSTOMINAE

Gênero PHYLLOSTOMUS Lacépède

Phyllostomus LACÉPÈDE, 1799, Tableaux des Divisions des Ordres et Genres des Mammifères, pg. 16; genótipo: *Vespertilio hastatus* PALLAS.

Phyllostomus hastatus hastatus (Pallas)

Vespertilio hastatus PALLAS, 1767, Spicileg. Zool., III, pg. 7; localidade típica: América do Sul.

Phyllostomus maximus WIED, Reise nach Brasilien, II, pg. 242; localidade típica: Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Perú; Guianas; Brasil: Amazonas (Itacoatiara); Acre (Plácido de Castro); Alagoas (Canoas; Rio Largo); Espírito Santo (Rio Doce); São Paulo (Itapura; Batatais; Mogi das Cruzes); Mato Grosso (Tapirapuã; Aquidauana).

Phyllostomus hastatus aruma Thomas

Phyllostomus hastatus aruma THOMAS, 1924, Annals and Magazine of Natural History, ser. 13., vol. 9, pg. 236; localidade típica: Taguatinga, Goiás.

DISTRIBUIÇÃO: Estado de Goiás (Cana Brava; Barra do Rio São Domingos; Ilha do Bananal, Rio Araguaia).

Phyllostomus discolor discolor Wagner

Phyllostoma discolor WAGNER, 1843, Archiv Naturges., pg. 366; localidade típica: Cuiabá, Mato Grosso.

Phyllostoma angusticeps GERVAIS, 1855, Expéd. Comte de Castelnau, Zoologie, pg. 47; localidade típica: Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Perú; Guianas; Brasil: Amazonas (Manaus); Mato Grosso (Cuiabá).

Phyllostomus elongatus E. Geoffroy

Phyllostomus elongatus E. GEOFFROY, 1810, Annales du Museum, XV, pg. 102; localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Perú; Guianas; Brasil: Pará (Foz do Curuá; Caxiricatuba; Buiussú); Alagoas (Canoas, Rio Largo); Bahia (Salvador); Mato Grosso (Rio Branco); Rio de Janeiro (Terezópolis).

Gênero TRACHOPS Gray

Trachops GRAY, 1847, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 14; genótipo: *Trachops fuliginosus* GRAY = *Vampyrus cirrhosus* SPIX.

Trachops cirrhosus (Spix)

Vampyrus cirrhosus SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasil. Species Novae, pg. 64, pl. 36, fig. 3; localidade típica: Pernambuco.

Trachops fuliginosus GRAY, 1847, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 14; localidade típica: Pernambuco.

Tylostoma mexicana SAUSSURE, 1860, Rev. et Magazine ool., XII, pg. 484; localidade típica: América Central.

DISTRIBUIÇÃO: Costa Rica; Panamá; norte da Colômbia; Brasil: Pará (Buiussu; Piquiatuba; Boim; Rio Curuá); Ceará (Fortaleza); Minas Gerais (Ipatinga, Rio Doce).

Gênero VAMPYRUM Rafinesque

Vampyrum RAFINESQUE, 1815, Analyse de la Nature, pg. 54; genótipo: *Vespertilio spectrum* LINNAEUS.

Vampyrus LEACH, 1821, Trans. Linn. Soc. London, XIII, pg. 79; genótipo: *Vampyrus spectrum* (Linnaeus).

Vampyrum spectrum spectrum (Linnaeus)

Vespertilio spectrum LINNAEUS, 1766, Systema Naturae, 12a. ed., pg. 46; localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas, Trinidad, Amazônia; Brasil septentrional e central: Mato Grosso (Barra do Aricá).

Gênero CHROPTERUS Peters

Chrotopterus PETERS, 1865, Monatsb. K. Preuss. Wissensch. Berlin, pg. 505; genótipo: *Vampyrus auritus* PETERS.

Chrotopterus auritus guianae Thomas

Chrotopterus auritus guianae THOMAS, 1905, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 16, pg. 308; localidade típica: La Vuelta, baixo Orenoco, Venezuela.

DISTRIBUIÇÃO: Venezuela; Estado do Amazonas.

Chrotopterus auritus australis Thomas

Chrotopterus auritus australis THOMAS, 1905, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 16, pg. 308; localidade típica: Concepcion, Paraguai.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai; norte da Argentina; Brasil: Minas Gerais (Pirapora, Rio São Francisco); Estado do Rio de Janeiro; Estado de São Paulo (Iguape, Monte Alegre); Estado de Santa Catarina (Nova Teotônia); Rio Grande do Sul, São Lourenço).

Gênero TONATIA Gray

Tonatia GRAY, 1827, Griffith's Cuvier Animal Kingdom, V, pg. 71; genótipo: *Vampyrus bidens* SPIX.

Lophostoma D'ORBIGNY, 1855, Voyage dans l'Amérique Méridionale, 2e. part, Mammal., pl. VI; genótipo: *Lophostoma sylviculum* D'ORBIGNY.

Tonatia bidens (Spix)

Vampyrus bidens SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasil., Species Novae, pg. 64; localidade típica: Rio São Francisco, Bahia.

Phyllostoma childreni GRAY, 1836, Magaz. Zool. & Bot., II, pg. 488; localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: América Central; Venezuela; Guianas, Perú; Brasil: Amazonas; Bahia, Estado do Rio de Janeiro; Estado de São Paulo (Ilha de São Sebastião).

Tonatia amblyotis (Wagner)

Phyllostoma amblyotis WAGNER, 1843, Archiv Naturges., pg. 365; localidade típica: Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: América Central; norte da Colômbia, Perú, Brasil: Amazônia, Bahia e norte de Mato Grosso.

Tonatia brasiliensis (Peters)

Lophostoma brasiliensis PETERS, 1866, Monatsb. Akad. Berlin, pg. 674; localidade típica: Bahia.

Lophostoma sylviculum D'ORBIGNY, 1855, Voyage dans l'Amérique du Sud, pg. 48; localidade típica: Bolívia.

DISTRIBUIÇÃO: Bolívia; Brasil: Estado da Bahia.

Gênero MIMON Gray

Mimon GRAY, 1847, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 14; genótipo: *Phyllostoma bennettii* GRAY.

Mimon bennettii (Gray)

Phyllostoma bennettii GRAY, 1838, Magaz. Zool. et Bot., II, pg. 488; localidade típica: Ipanema, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Do sul do México, por toda a América central e sul até o Brasil meridional: Estado de São Paulo, Paraná (Caiohá); Santa Catarina (Col. Hansa).

Mimon crenulatum (E. Geoffroy)

Phyllostoma crenulatum E. GEOFFROY, 1814, Annales du Museum, XV, pg. 183, pl. 10; localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Guiana Inglesa, Brasil: Bahia (Machado Portela).

Mimon longifolium (Wagner)

Phyllostoma longifolium WAGNER, 1843, Archiv Naturges, pg. 365; localidade típica: Vila Maria, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas, Brasil: Amazonas e Pará (Piquiatuba, Rio Tapajós).

Mimon picatum (Thomas)

Anthorhina picata THOMAS, 1903, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 16, pg. 457; localidade típica: Lamarão, Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Gênero **LONCHORHINA** Tomes

Lonchorhina TOMES, 1863, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 81; genótipo: *Lonchorhina aurita* TOMES.

Lonchorhina aurita Tomes

Lonchorhina aurita TOMES, 1863, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 83; localidade típica: Ilha da Trindade.

DISTRIBUIÇÃO: Panamá; Venezuela; Brasil: Pará (Buiussú); Estado de Minas Gerais (Ipatinga; Rio Doce).

Gênero **MICRONYCTERIS** Gray

Micronycteris GRAY, 1866, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 113; genótipo: *Phyllophora megalotis* GRAY.

Schizostoma GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte Castelnau, Zool., pg. 49; genótipo: *Schizostoma minutum* GERVAIS.

Glyphonycteris THOMAS, 1896, Annals and Magazine of Natural History, ser. 6, vol. 18, pg. 301; genótipo: *Glyphonycteris sylvestris* THOMAS.

Micronycteris megalotis megalotis (Gray)

Phyllophora megalotis GRAY, 1842, Annals and Magazine of Natural History, vol. 10, pg. 257; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Colômbia; Brasil: Amazonas (Rio Juruá); Pará (Caxiricatuba); Bahia (Vila Nova); Estado de São Paulo (Piquete; Sorocaba).

Micronycteris minuta (Gervais)

Schizostoma minuta GERVAIS, 1856, Expéd. du Comte Castelnau, Zoologie, pg. 50, pl. VIII, fig. 1; localidade típica: Capela Nova, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Pará (Santarém); Bahia, Minas Gerais (Capela Nova); Santa Catarina.

Micronycteris behni (Peters)

Schizostoma behni PETERS, 1865, Monatsb. Akad. Berlin, pg. 505; localidade típica: Cu'abá, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Perú e norte de Mato Grosso.

Micronycteris pusilla Sanborn

Micronycteris pusilla SANBORN, 1949, Chicago Nat. Hist. Mus.; Fieldiana Zoology, vol. 31, no. 27, pg. 228; localidade típica: Tauapunto, Rio Uaupés, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida unicamente de sua localidade típica.

Gênero **MACROPHYLLUM** Gray

Macrophyllum GRAY, 1838, Mag. Zool. and Botan., II, pg. 489; genótipo: *Macrophyllum newiedii* GRAY = *Phyllostoma macrophyllum* WIED.

Macrophyllum macrophyllum (Wied)

Phyllostoma macrophyllum WIED, 1825, Beiträge zur Naturgesch. Brasilien, II, pg. 183; localidade típica: Rio Mucuri, Bahia.

Macrophyllum newiedii GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte Castelnau, Zool., pl. VIII, fig. 2; localidade típica: Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Desde a Costa Rica e Panamá até o Brasil meridional; Estado de Minas Gerais (Rio Doce); São Paulo (Emas).

Gênero **GLOSSOPHAGA** E. Geoffroy

Glossophaga E. GEOFFROY, 1818, Mémoires du Muséum d'Hist. Nat. Paris, IV, pg. 418; genótipo: *Vespertilio soricinus* PALLAS.

Glossophaga soricina soricina (Pallas)

Vespertilio soricinus PALLAS, 1768, Miscelanea Zoológica, pg. 48, pl. 5; localidade típica: Surinam.

Glossophaga amplexicaudata SPIX, 1823, Simiarum et Vespertil. Brasil. Sp. Novae, pg. 66, pl. 26, fig. 4; localidade típica: Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: Norte da Colômbia; Guianas; Brasil: Amazonas (Manaus; Silves, Itacoatiara, Rio Juruá); Pará (Belém; Abaeté; Buiussu); Bahia (Barra; Vila Nova; Ilheus; ilha Madre de Deus); Espírito Santo (Rio Doce); Minas Gerais (Teofilo Otoni, Paraopeba; Benjamim Constant); Goiás (Rio das Almas); Mato Grosso (Rondonópolis; São Domingos; Urucum; Santana; São Luiz de Cáceres; Palmeiras, Cuiabá); São Paulo (Ipiranga; Piquete; Piracicaba; Franca; Rincão, Rio Preto; Ituverava; Lins; Silvânia; Cajuru; Iguape); Paraná; Santa Catarina; Rio Grande do Sul.

Gênero **LONCHOPHYLLA** Thomas

Lonchophylla THOMAS, 1903, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 13, pg. 458; genótipo: *Lonchophylla mordax* THOMAS.

Lonchophylla mordax Thomas

Lonchophylla mordax THOMAS, 1903, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 12, pg. 459. localidade típica: Lamarão, Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Bahia (Lamarão; Cidade da Barra); Alagoas (Canoas; Rio Largo).

Gênero **CHOERONYCTERIS** Tschudi

Choeronycteris TSCHUDI, 1844, Wieg. Archiv Naturgesch., pg. 247; genótipo: *Choeronycteris mexicana* TSCHUDI.

Choeronycteris minor Peters

Choeronycteris minor PETERS, 1868, Monatsb. Akad. Berlin, pg. 366. localidade típica: Surinam.

DISTRIBUIÇÃO: Guiana Holandesa, Amazonas (Rio Juruá).

Gênero **ANOURA** Gray

Anoura GRAY, 1838, Magaz. Zool. and Botan., II, pg. 490; genótipo: *Anoura geoffroyi* GRAY.
Glossonycteris PETERS, 1868, Monatsb. Akad. Berlin, pg. 366; genótipo: *Glossonycteris lasyopiga* PETERS.

Anoura geoffroyi geoffroyi Gray

Anoura geoffroyi GRAY, 1838, Magazine Zool. Bot., II, pg. 410; localidade típica: Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: Bolívia; Brasil Minas Gerais (Viçosa); São Paulo (Ipiranga; Ipanema, São Sebastião; Monte Alegre; Botucatu); Rio de Janeiro (Novo Friburgo; Angra dos Reis); Santa Catarina.

Gênero **LONCHOGLOSSA** Peters

Lonchoglossa PETERS, 1868, Monatsb. Akad. Berlin, pg. 364; genótipo: *Glossophaga caudifera* E. GEOFFROY.

Lonchoglossa caudifera caudifera (E. Geoffroy)

Glossophaga caudifera E. GEOFFROY, 1818, Mémoires du Muséum, IV, pg. 418; localidade típica: Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: Norte da Colômbia; Venezuela; Guianas, Brasil: Bahia; Minas Gerais (Santo Antonio da Vargem; Pirapora, Ipatinga, Lagoa Santa, Viçosa); Espírito Santo (Rio Doce).

Lonchoglossa ecaudata (Wied)

Glossophaga ecaudata (não de Geoffroy) WIED, 1826, Beitr. zur Naturgesch. Brasiliens, II, pg. 398; localidade típica: Porto Seguro, Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Bahia; Espírito Santo; Minas Gerais; São Paulo (Franca, Sorocaba, Piquete, Itapura, Juquiá, São Sebastião); Mato Grosso (Porto Faia).

Subfamília **CAROLLINAE**Gênero **CAROLLIA** Gray

Carollia GRAY, 1838, Magazine of Zoology and Botany, II, pg. 438; genótipo: *Carollia brasiliensis* GRAY.

Hemiderma GERVAIS, 1865, Expéd. du Comte de Castelnau, Zool., Mammif., pg. 43; genótipo: *Phyllostoma brevicauda* WIED = *Carollia perspicillata* LINNAEUS.

Carollia perspicillata perspicillata (Linnaeus)

Vespertilio perspicillatus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., pg. 31; localidade típica: Surinam.

Phyllostoma brevicaudum WIED, 1825, Beitr. Naturg. Brasil., II, pg. 192; localidade típica: Espírito Santo.

DISTRIBUIÇÃO: Norte da Colômbia; Guianas, Amazonas e Pará; Brasil central e meridional até o Estado do Rio Grande do Sul.

Gênero **RHINOPHYLLA** Peters

Rhinophylla PETERS, 1865, Monatsb. K. Preuss. Wissensch. Berlin, pg. 355; genótipo: *Rhinophylla pumilio* PETERS.

Rhinophylla pumilio Peters

Rhinophylla pumilio PETERS, 1865, Monatsb. K. Preuss. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 521; localidade típica: Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas e Bahia.

Subfamília STURNIRINAE

Gênero STURNIRA Gray

Sturnira GRAY, 1842, Annals and Magazine of Natural History, X, pg. 527; genótipo: *Sturnira spectrum* GRAY = *Phyllostoma lilium* GEOFFROY.

Sturnira lilium (E. Geoffroy)

Phyllostoma lilium E. GEOFFROY, 1810, Annales du Muséum, XV, pg. 181; localidade típica: Paraguai.

Stenoderma (Sturnira) excisum PELZELN, 1883, Brasil. Saugethiere, pg. 35; localidade típica: Ipanema, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai; Brasil: Bahia (Salvador); Minas Gerais (Vargem Alegre); Rio de Janeiro (Serra de Macaé); São Paulo (Ipiranga, Iguape); Santa Catarina (Nova Teotônia); Rio Grande do Sul (São Lourenço).

Subfamília STENODERMINAE

Gênero ARTIBEUS Leach

Artibeus LEACH, 1821, Transactions Linn. Society London, XIII, pg. 75; genótipo: *Artibeus jamaicensis* LEACH.

Pteroderma GERVAIS, 1855, Expéd. Comte Costelnau, Zool., pg. 34; genótipo: *Pteroderma perspicillatum* (Linnaeus).

Artibeus jamaicensis lituratus (Lichtenstein)

Phyllostomus lituratus LICHTENSTEIN, 1825, Verz. Doubl. Berlin Museum, pg. 3; localidade típica: Paraguai.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai, Brasil (Itacoatiara); Pará (Piquiatuba); Alagoas (Canoas); Bahia; Minas Gerais (Itatiaia; Teofilo Otoni, Santo Antonio da Vargem; Matipós); Mato Grosso (Urucum); São Paulo (Araçatuba; Itapura; Baurú; Lins; Iguape; Mogi das Cruzes; Ipiranga); Paraná, Santa Catarina.

Artibeus jamaicensis planirostris (Spix)

Phyllostoma planirostris SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 66, pl. 36; localidade típica: Bahia.

Phyllostoma obscurum WIED, 1826, Beitr. Naturg. Brasil., bd. 11, pg. 203; localidade típica: Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: Bahia (Salvador); Mato Grosso.

Artibeus concolor Peters

Artibeus concolor PETERS, 1865, Monatsb. Akad. Berlin, pg. 357; localidade típica: Surinam.

DISTRIBUIÇÃO: Guiana Holandesa; Amazonas.

Artibeus cinereus cinereus (Gervais)

Dermanura cinerea GERVAIS, 1855, Expéd. Comte de Castelnau, pg. 36, pl. VII, fig. 4; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Venezuela; Guiana Inglesa; Pará.

Artibeus cinereus anderseni Osgood

Artibeus anderseni OSGOOD, 1916, Field Museum Nat. History; Zoology, no. 189, vol. 10, pg. 212; localidade típica: Porto Velho, Rio Madeira, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Artibeus quadrivittatus Peters

Artibeus quadrivittatus PETERS, 1865, Monatsb. Akad. Berlin, pg. 538; localidade típica: Surinam.

DISTRIBUIÇÃO: Venezuela; Equador; Amazonas; Acre (Plácido de Castro); Alagoas (Mangabeiras).

Gênero VAMPYROPS Peters

Vampyrops PETERS, 1865, Monatsb. K. Preuss. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 536; genótipo: *Phyllostoma lineatum* E. GEOFFROY.

Vampyrops lineatus lineatus (E. Geoffroy)

Phyllostoma lineatum E. GEOFFROY, 1810, Annales du Museum, XV, pg. 180; localidade típica: Paraguai.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai; Brasil: Mato Grosso (Serra do Roncador); São Paulo (Jundiá; São Sebastião; Monte Alegre; Piracicaba, Itapura; Ipiranga); Rio de Janeiro (Angra dos Reis); Santa Catarina (Colônia Hansa).

Vampyrops lineatus sacrillus Thomas

Vampyrops lineatus sacrillus THOMAS, 1924, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 13, pg. 236; localidade típica: Rio Doce, Espírito Santo.

DISTRIBUIÇÃO: Leste do Brasil; Bahia (Salvador); Minas Gerais (Vargem Alegre) Goiás (rio da Almas); Espírito Santo (Rio Doce).

Vampyrops zarhinus Allen

Vampyrops zarhinus ALLEN, 1891, Proceed. Acad. Nat. Sc. Philadelphia, pg. 400; localidade típica: Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Pará (Amorim; baixo Tapajós).

Vampyrops recifinus Thomas

Vampyrops recifinus THOMAS, 1902, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 7, pg. 192; localidade típica: Recife, Pernambuco.

DISTRIBUIÇÃO: Pernambuco (Recife, Pesqueira).

Vampyrops fumosus Miller

Vampyrops fumosus MILLER, 1902, Proceed. Acad. Nat. Sc. Philadelphia, pg. 403; localidade típica: Rio Purus, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Equador; Perú; Brasil: Amazonas (Rio Purus).

Vampyrops caraccioli Thomas

Vampyrops caraccioli THOMAS, 1889, Annals and Magazine of Natural History, ser. 6, vol. 4, pg. 167; localidade típica: Trinidad.

DISTRIBUIÇÃO: ilha de Trinidad; Pará (Utinga).

Vampyrops pusillus (Wagner)

Phyllostoma pusilla WAGNER, 1843, Abhandl. Munchen Akad., V, pg. 173; localidade típica: Sapitiba, Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: Brasil meridional: São Paulo (Ipanema); Estado do Rio de Janeiro.

Vampyrops bidens (Dobson)

Chiroderma bidens DOBSON, 1878, Catalogue of Chiroptera in the Collection of British Museum, pg. 535; localidade típica: rio Hualaga, Peru.

DISTRIBUIÇÃO: Leste do Perú; Brasil: Amazonas (Igarapé Anibá).

Gênero CHIRODERMA Peters

Chiroderma PETERS, 1860, Monatsb. K. Preuss. Akad. Wissensch., Berlin, pg. 747; genótipo: *Chiroderma villosum* PETERS.

Chiroderma doriae Thomas

Chiroderma doriae THOMAS, 1891, Annali del Museo Civico di Storia Naturale di Genova, 2a. ser., vol. X, pg. 88; localidade típica: Estado de Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Estado de Minas Gerais.

Gênero URODERMA Peters

Uroderma PETERS, 1865, Monatsb. K. Preuss. Wissensch. Berlin, pg. 587; genótipo: *Uroderma bilobatum* PETERS.

Uroderma bilobatum Peters

Uroderma bilobatum PETERS, 1866, Monatsb. K. Preuss. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 392; localidade típica: Ipanema, São Paulo.

Uroderma personatum PETERS, 1865, Monatsb. K. Preuss. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 587; localidade típica: Ipanema, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Norte da Colômbia, Perú; Guianas; Brasil: Mato Grosso (Cuiabá); Estado de São Paulo.

Gênero PYGODERMA Peters

Pygoderma PETERS, 1863, Monatsb. K. Preuss. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 83; genótipo: *Stenoderma microdon* PETERS.

Pygoderma bilabiatum Wagner

Phyllostoma bilabiatum WAGNER, 1843, Wiegmann Archiv., pg. 366; localidade típica: Ipanema, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Do sul do México ao Brasil meridional; Estado de São Paulo (Ipiranga; Piquete; Monte Alegre); Paraná (Castro); Estado do Rio (Macaé).

Gênero ECTOPHYLLA H. Allen

Ectophylla H. ALLEN, 1892, Proceed. Unit. St. National Museum; XV, pg. 141; genótipo: *Ectophylla alba* H. ALLEN.

Ectophylla macconelli (Thomas)

Mesophylla macconelli THOMAS, 1901, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 8, pg. 145; localidade típica: Guiana Inglesa.

DISTRIBUIÇÃO: Guiana Inglesa; Brasil: Amazonas (Rio Juruá).

Gênero CENTURIO Gray

Centurio GRAY, 1842, Annals and Magazine of Natural History, X, pg. 259; genótipo: *Centurio senex* GRAY.

Centurio centurio (Gray)

Ametrida centurio GRAY, 1847, Annals and Magazine of Natural History, XIX, pg. 407; localidade típica: Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Pará.

Família **DESMODONTIDAE**Gênero **DESMODUS** Wied

Desmodus WIED, 1826, Beiträge zur Naturgesch. Brasil., II, pg. 230; genótipo: *Desmodus rufus* WIED = *Phyllostoma rotundum* E. GEOFFROY.

Diaemus MILLER, 1904, Proc. Biol. Soc. Wash., XIX, pg. 84; genótipo: *Desmodus youngi* Jentink.

Desmodus rotundus rotundus (E. Geoffroy)

Phyllostoma rotundum E. GEOFFROY, 1820, Annales du Museum, tomo XV, pg. 481; localidade típica: Paraguai.

Desmodus rufus WIED, 1826, Beitr. zur Naturg. Brasil., pg. 223; localidade típica: Paraguai.

DISTRIBUIÇÃO: Norte da Colômbia; Perú; Equador; Guianas; Bolívia; Paraguai; Brasil, da Amazônia ao Rio Grande do Sul; Uruguai e norte da Argentina.

Desmodus youngi Jentink

Desmodus youngi JENTINK, 1893, Notes Leyden Museum, XV, pg. 202; localidade típica: Guiana holandesa.

DISTRIBUIÇÃO: Guiana Holandesa; Brasil: Mato Grosso; Estado de São Paulo (Capital); Estado do Paraná (Palmeira).

Gênero **DIPHYLLA** Spix

Diphylla SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Spec. Novae, pg. 68; genótipo: *Diphylla ecaudata* SPIX.

Diphylla ecaudata ecaudata Spix

Diphylla ecaudata SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 68, pl. 36, fig. 7. localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Colômbia; Equador; Brasil: Amazonas e Para até o Estado de São Paulo (São Sebastião).

Família **NATALIDAE**Gênero **NATALUS** Gray

Natalus GRAY, 1838, Magazine Zool. and Botany, II, pg. 496; genótipo: *Natalus stramineus* GRAY.

Nyctiellus GERVAIS, 1855, Expéd. Comte de Castelnau, Zoologie, pg. 84. genótipo: *Vespertilio lepidus* GERVAIS.

Spectrellum GERVAIS, 1856, Comptes Rendus Acad. Scienc. Paris, pg. 507; genótipo: *Spectrellum microurum* GERVAIS.

Natalus stramineus Gray

Natalus stramineus GRAY, 1838, Magaz. Zool. and Botany, 2, pg. 496; localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: República Dominicana; Trinidad; Guiana Inglesa; Brasil: Rio Grande do Norte (Natal); Minas Gerais (Lagoa Santa).

Família **FURIPTERIDAE**Gênero **FURIPTERUS** Bonaparte

- Furipterus* BONAPARTE, 1832, Iconographia Fauna Italiana, I, fasc. XXI, pg. 3; genótipo: *Furipterus horrens* CUVIER.
Furia CUVIER, 1828, (não de Linné), Mem. Mus Hist. Nat. Paris, XVI, pg. 150; genótipo: *Furia horrens* CUVIER.

Furipterus horrens (Cuvier)

- Furia horrens* CUVIER, 1828, Memoires du Muséum, d'Hist. Naturelle de Paris, XVI, pg. 150; localidade típica: Mona, Guiana Francesa.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas; Colômbia; Brasil: Bahia; Santa Catarina (Colônia Hansa).

Família **THYROPTERIDAE**Gênero **THYROPTERA** Spix

- Thyroptera* SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 61; genótipo: *Thyroptera tricolor* SPIX.
Hyonycteris LICHTENSTEIN, 1854, Monatsb. K. Preuss. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 353; genótipo: *Hyonycteris discifera* LICHTENSTEIN.

Thyroptera tricolor tricolor (Spix)

- Thyroptera tricolor* SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 61, pl. XXXVI, fig. 9; localidade típica: Rio Amazonas, Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas; Amazonas; Pará (Caxiricatuba); Bahia.

Thyroptera albiventer albiventer (Tomes)

- Hyonycteris albiventer* TOMES, 1856, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 179; localidade típica: Rio Napo, Equador.

DISTRIBUIÇÃO: Equador; Brasil: Estado do Pará (Aruá).

Thyroptera albiventer juquiaensis Vieira

- Thyroptera albiventer juquiaensis* VIEIRA, 1942, Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo, vol. III, pg. 391; localidade típica: Juquiá, Estado de São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Litoral dos estados de São Paulo (Juquiá) e do Rio de Janeiro (Angra dos Reis).

Família **VESPERTILIONIDAE**Gênero **MYOTIS** Kaup

- Myotis* KAUP, 1829, Skizzirte Entw. Gesch. Natur. Syst. Europ. Thierw., I, pg. 106; genótipo: *Vespertilio myotis* BECHSTEIN.

Myotis nigricans nigricans (Schinz)

- Vespertilio nigricans* SCHINZ, 1821, Das Thierreich, I, pg. 179; localidade típica: Rio Irítiba, Espírito Santo.

DISTRIBUIÇÃO: América Central; Colômbia; Equador; Venezuela; Brasil, da Amazônia ao Rio Grande do Sul.

Myotis guayacuru Proença

Myotis guayacuru PROENÇA, 1943, Revista Brasileira de Biologia, vol. III, pg. 313; localidade típica: Salobra, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Sul de Mato Grosso.

Myotis chiloensis alter Miller

Myotis chiloensis alter MILLER, 1920, Bull. Unit. States Nat. Museum, no. 144, pg. 194; localidade típica: Palmeira, Estado do Paraná.

DISTRIBUIÇÃO: Leste da Argentina; Uruguai; Brasil Meridional.

Myotis ruber (E. Geoffroy)

Vespertilio ruber E. GEOFFROY, 1806, Annales du Museum d'Hist. Nat. Paris, vol. VIII, pg. 204; localidade típica: Paraguai.

Vespertilio polythrix I. GEOFFROY, 1824, Annales des Sciences Naturelles, ser. I, vol. 3, pg. 443. localidade típica: Paraguai.

Vespertilio levis I. GEOFFROY, 1824, Annales des Sciences Naturelles, ser. I, vol. 3, pg. 444; localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Nordeste da Argentina; Paraguai; Brasil: Minas Gerais (Mariana); Estado de São Paulo (Piquete, Iguape, Alto da Serra); Estado do Rio de Janeiro (Nova Friburgo); Rio Grande do Sul (São Lourenço).

Myotis albescens (E. Geoffroy)

Vespertilio albescens E. GEOFFROY, 1806, Annales du Museum d'Hist. Naturelle de Paris, vol. 8, pg. 204; localidade típica: Paraguai.

Vespertilio leucogaster WIED, 1826, Beiträge zur Naturg. Brasil., vol. II, pg. 271; localidade típica: Rio Mucuri, Espírito Santo.

Vespertilio arsimoe DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 328; localidade típica: Surinam.

DISTRIBUIÇÃO: Da Costa Rica às Guianas; Bolívia; Paraguai; norte da Argentina; Uruguai; Brasil: Bahia (Vila Nova, Barra); Estado de São Paulo (Avanhandava).

Myotis simus (Thomas)

Myotis simus THOMAS, 1901, Annales and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 7, pg. 541; localidade típica: Saraiacu, leste do Perú.

DISTRIBUIÇÃO: Equador; Perú; Guianas; Brasil: Amazonas (Itacoatiara; Rio Juruá); Pará (Santarém); Bahia (Salvador).

Gênero **EPTESICUS** Rafinesque

Eptesicus RAFINESQUE, 1820, Annals of Nature, pg. 2; genótipo: *Eptesicus melanops* RAFINESQUE.

Eptesicus hilarii (I. Geoffroy)

Vespertilio hilarii I. GEOFFROY, 1824, Annales des Sciences Naturelles, pg. 441; localidade típica: Goiaz.

Vespertilio derasus BURMEISTER, 1855, Thiere Brasiliens, pg. 77; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Brasil central e meridional, Goiaz; Minas Gerais (Rio Doce); São Paulo (Juquiá, Ubatuba, Iguape, Porto Epitácio); Santa Catarina (Colônia Hansa); Rio Grande do Sul.

Eptesicus diminutus Osgood

Eptesicus diminutus OSGOOD, 1915, Field Museum Natural History, Zoology, vol. X, pg. 197; localidade típica: São Marcelo, Rio Preto, Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Eptesicus brasiliensis (Desmarest)

Vespertilio brasiliensis DESMAREST, 1811, Dictionnaire d'Histoire Naturelle, 2a. ed., XXXV, pg. 478; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Bahia (Salvador); Minas Gerais (Mariana); Goiaz (São Miguel); Rio de Janeiro (Macaé); São Paulo (Aparecida, Ituverava, MonteAlegre); Santa Catarina (Rio das Antas).

Eptesicus chapmani J. A. Allen

Eptesicus chapmani J. A. ALLEN, 1915, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 34, pg. 362; localidade típica: Baixo Solimões.

DISTRIBUIÇÃO: Região do baixo Solimões, Amazonas.

Gênero HISTIOTUS Gervais

Histiopus GERVAIS, 1855, Expéd. Comte du Castelnau, Zoologie, Mammifères, pg. 77; genótipo: *Plecotus velatus* I. GEOFFROY.

Histiopus velatus velatus (I. Geoffroy)

Plecotus velatus I. GEOFFROY, 1824, Annales des Sciences Naturelles, pg. 440; localidade típica: Curitiba, Paraná.

DISTRIBUIÇÃO: Brasil Meridional, do sul de Minas Gerais ao Estado do Rio Grande do Sul.

Histiopus velatus microtis Thomas

Histiopus velatus microtis THOMAS, 1916, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 17, pg. 274; localidade típica: Chapada, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Norte de Mato Grosso.

Gênero LASIURUS Gray

Lasiurus GRAY, 1831, Zoological Miscellany, no. 1, pg. 38; genótipo: *Vespertilio borealis* MILLER.

Atalapha RAFINESQUE, 1814, Précis des Decouvertes et Travaux Somnologiques, pg. 12 (em parte).

Lasiurus cinereus brasiliensis (Pira)

Atalapha cinerea brasiliensis PIRA, 1905, Zoologischer Anzeiger, vol. 28, pg. 12; localidade típica: Iguape, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Estado de São Paulo (Ipiranga, Iguape, Alto da Serra); (Goiaz Rio Verde).

Lasiurus cinereus villosissimus (E. Geoffroy)

Vespertilio villosissimus E. GEOFFROY, 1806, Annales du Museum d'Hist. Nat. de Paris, vol. 8, pg. 204; localidade típica: Paraguai.

DISTRIBUIÇÃO: Chile, Argentina, Paraguai, Uruguai, Brasil: Rio Grande do Sul, (Mundo Novo, Barra do Camaquam).

Lasiurus borealis bonariensis (Lesson & Garnot)

Vespertilio bonariensis LESSON & GARNOT, 1826, Voyage de la Coquille, Zoologie, vol. 1, pg. 137, pl. 2, fig. 1. localidade típica: Buenos Aires.

DISTRIBUIÇÃO: Minas Gerais (Santo Antônio); São Paulo (Ipiranga, Piracicaba); Rio de Janeiro; Santa Catarina (Joinville, Col. Hansa); Rio Grande do Sul (São Lourenço).

Lasiurus enslenii Lima

Lasiurus enslenii LIMA, 1926, Revista do Museu Paulista, tomo XIV, pg. 73; localidade típica: São Lourenço, Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Gênero **DASYPTERUS** Peters

Dasypterus PETERS, 1870, Monatsb. K. Preuss. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 912; genótipo: *Lasiurus intermedius* H. ALLEN.

Dasypterus intermedius (H. Allen)

Lasiurus intermedius H. ALLEN, 1862, Proceed. Acad. Scienc. Philadelphia, pg. 246; localidade típica: Matamoros, México.

DISTRIBUIÇÃO: Do México ao Brasil meridional; Pará (Caxiricabuba); Goiás (Goiânia); Minas Gerais (Pouso Alegre); São Paulo (Ipiranga, Batatais, Ituverava); Rio de Janeiro (Terezópolis).

Dasypterus ega ega (Gervais)

Nycticejus ega GERVAIS, 1855, Expéd. Comte de Castelnau; Zoologie, pg. 73, pp. XIV, fig. 1; localidade típica: Ega, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas; Pará (Santarém); Pernambuco, Mato Grosso (rio Taquari); Rio Grande do Sul (Pelotas, São Lourenço); Uruguai.

Dasypterus egregius (Peters)

Atalapha egregia PETERS, 1870, Monatsb. K. Preuss. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 912; localidade típica: Santa Catarina.

DISTRIBUIÇÃO: Estado de Santa Catarina.

Família **MOLOSSIDAE**Gênero **MOLOSSOPS** Peters

Molossops PETERS, 1869, Monatsb. K. Preuss. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 575; genótipo: *Molossus temminckii* BURMEISTER.

Molossops temminckii (Burmeister)

Disops temminckii BURMEISTER, 1854, Thiere Brasiliens, pg. 72; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Minas Gerais; Goiás (São Miguel); Mato Grosso (São Domingos, Rio das Mortes); Estado de São Paulo (Presid. Epitácio); norte da Argentina.

Molossops mattogrossensis Vieira

Molossops mattogrossensis VIEIRA, 1942, Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo, vol. III, pg. 430; localidade típica: Rio Juruena, norte de Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Molossops planirostris paranus (Thomas)

Molossus planirostris paranus THOMAS, 1901, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 8, pg. 190; localidade típica: Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Pará.

Gênero **MOLOSSUS** E. Geoffroy

Molossus E. GEOFFROY, 1805, Annales du Museum d'Histoire Naturelle de Paris, tomo VI, pg. 153; genótipo: *Molossus rufus* E. GEOFFROY.

Dysopes ILLIGER, 1811, Prodr. Syst. Mammalium, pg. 122; genótipo: *Vespertilio molossus* GMELIN.

Molossus rufus E. Geoffroy

Molossus rufus E. GEOFFROY, 1805, Annales du Museum d'Hist. Naturelle de Paris, vol. VI, pg. 154; localidade típica: América do Sul.

Molossus ursinus SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 58, pl. 18, fig. 4; localidade típica: Pará.

Molossus fluminensis LATASTE, 1890, Anali del Museu Civico di Historia Naturale di Genova, vol. 18, pg. 658; localidade típica: Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: Guiana Francesa; Paraguai; Brasil, da Amazônia ao Rio Grande do Sul.

Molossus obscurus E. Geoffroy

Molossus obscurus E. GEOFFROY, 1805, Annales du Museum d'Hist. Naturelle de Paris, tomo VI, pg. 154; localidade típica: Guiana Francesa.

Dysopes velox BURMEISTER, 1854, Thiere Brasiliens, pg. 71; localidade típica: Brasil.

Molossus olivaceo-fuscus PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 43; localidade típica: Caiçara, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Guiana Francesa; Bolívia; Paraguai; Brasil, da Amazônia ao Rio Grande do Sul; Uruguai.

Molossus crassicaudatus tecticola Osgood

Molossus crassicaudatus tecticola OSGOOD, 1916, Field Museum of Natural History, Zool. series, vol. 10, pg. 213; localidade típica: Igatu, Ceará.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Gênero **EUMOPS** Miller

Eumops MILLER, 1906, Proceed. Zool. Soc. Washington, XIX, pg. 85; genótipo: *Molossus californicus* MERREM.

Promops DOBSON, 1878, Catalogue of Chiroptera in the British Museum, pg. 41 (subgênero de *Molossus*).

Eumops perotis perotis (Schinz)

Molossus perotis SCHINZ, 1821, Das Tierreich, vol. I, pg. 870; localidade típica: Campos dos Goitacazes, Estado do Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: Minas Gerais (Mariana); São Paulo (Ribeirão Preto); Rio de Janeiro.

Eumops perotis trumbulli (Thomas)

Promops trumbulli THOMAS, 1901, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 7, pg. 190; localidade típica: Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Rio Juruá) e Pará. (Cametá).

Eumops abrasus abrasus (Temminck)

Dysopes abrasus TEMMINCK, 1827, Monograph, Mammal., I, pg. 232; localidade típica: Brasil.

Dysopes leucopleura BURMEISTER, 1854, Thiere Brasiliens, pg. 73; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas; Brasil: Amazonas; Pará (Tapajós); Minas Gerais; Espírito Santo (Santa Teresa); Estado de São Paulo (Ipiranga, Emas, Juquiá; ilha de São Sebastião; Iporanga); Estado do Paraná (Paranaguá).

Eumops glaucinus (Wagner)

Dysopes glaucinus WAGNER, 1843, Wiegmann's Archiv fur Naturg., pg. 308; localidade típica: Cuiabá, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: América Central; Colômbia; Brasil: Mato Grosso (Cuiabá; São Domingos, Rio das Mortes).

Eumops bonariensis delticus Thomas

Eumops delticus THOMAS, 1923, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 12, pg. 341; localidade típica: Ilha de Marajó, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Eumops hansae Sanborn

Eumops hansae SANBORN, 1923, Journal of Mammalogy, vol. 13, pg. 350; localidade típica: Colônia Hansa, Santa Catarina.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Gênero TADARIDA Rafinesque

Tadarida RAFINESQUE, 1814, Précis des Decouvertes Somnologiques ou Zoologiques et Botaniques, pg. 55; genótipo: *Tadarida taeniotis* RAFINESQUE.

Nyctinomus I. GEOFFROY, 1814, Description de l'Egypte, vol. 11, pg. 114; genótipo: *Nyctinomus aegyptiacus* E. GEOFFROY.

Tadarida europs (H. Allen)

Nyctinomus europs H. ALLEN, 1889, Proceed. Unit. States Nat. Museum, vol. 26, pg. 558; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Venezuela, Brasil: Mato Grosso (Cuiabá).

Tadarida laticaudata (E. Geoffroy)

Molossus laticaudatus E. GEOFFROY, 1805, Annales du Museum de Paris, vol. VI, pg. 156; localidade típica: Paraguai.

Dysopes gracilis WAGNER, 1843, Wiegmann's Archiv, pg. 368; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai; Brasil meridional: São Paulo (Piracicaba; Iguape).

Tadarida brasiliensis (I. Geoffroy)

Nyctinomus brasiliensis I. GEOFFROY, 1824, Annales des Sciences Naturelles, vol. I, pg. 343; localidade típica: Curitiba, Paraná.

DISTRIBUIÇÃO: América Central e América do Sul até o Uruguai; Brasil: Estado de São Paulo (Iguape; Boracéia; Ipiranga); Santa Catarina (Joinville); Rio Grande do Sul.

Gênero **PROMOPS** Gervais

Promops GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de Castelnau, Zoologie: Mammifères, pg. 58; genótipo: *Promops ursinus* GERVAIS = *Molossus nasutus* SPIX.

Promops nasutus (Spix)

Molossus nasutus SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 58; localidade típica: Rio São Francisco, Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Promops panama Miller

Promops panama MILLER, 1913, Proceed. Biol. Soc. Washington, vol. 26, pag. 33; localidade típica: Alto Purus, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Ordem **PRIMATES**

Subordem **ANTHROPOIDEA**

Superfamília **CEBOIDEA**

Família **CEBIDAE**

Subfamília **AOTINAE**

Gênero **AOTES** Humboldt

Aotes HUMBOLDT, 1811, Recueil d'Observations Zoologiques et d'Anatomie Comparée, I, pg. 306, pl. XXVII; genótipo: *Simia trivirgata* HUMBOLDT.

Nyctipithecus SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 24; genótipo não designado.

Nocthora CUVIER, 1824, Histoire Naturelle des Mammifères, vol. 5, liv. 43, pg. 79; genótipo: *Nocthora trivirgata* HUMBOLDT.

Aotes infulatus (van Hansel et Kuhl)

Macaco da noite, Miriquiná

Callithrix infulatus VAN HANSEL et KÜHL, 1820, Beiträge zur Zoologie und Vergleichenden Anatomie, Abth. 2, pg. 38; localidade típica: Brasil.

Nyctipithecus felinus SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 24, pl. 18; localidade típica: Belém, Pará.

Cheirogaleus commersoni VIGORS, 1828, Zool. Journ. London, vol. 4, no. 13, pg. 112; localidade típica: desconhecida.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Igarapé Grande; João Pessoa, Rio Juruá; Rio Purus); Pará (Belém; Lago Ararai, ilha de Marajó; Aveiros, Rio Tapajós).

Aotes trivirgatus trivirgatus (Humboldt)

Macaco da noite, Cara raiada

Simia (Aotes) trivirgatus HUMBOLDT, 1812, Recueil d'Observations de Zoologie et d'Anatomie Comparée, vol. I, pg. 307; localidade típica: Rio Cassiquiare, Venezuela.

Nyctipithecus duriculi LESSON, 1840, Species des Mammifères Bimanes et Quadrumanes, pg. 109; localidade típica: Pará, Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Venezuela; Guiana Inglesa; Perú; Brasil: Amazonas (Manacapuru, Rio Solimões; Rio Negro).

Aotes trivirgatus azarae (Humboldt)

Macaco da noite

Simia (Pithecia) azarae HUMBOLDT, 1811, Recueil d'Observations Zoologiques, pg. 359; localidade típica: margem leste do Rio Paraguai, Paraguai.

Pithecia miriquoima E. GEOFFROY, 1812, Annales du Muséum d'Histoire Naturelle de Paris, XIX, pg. 177; localidade típica: Paraguai.

Nyctipithecus trivirgatus RENGGER (*nec* HUMBOLDT), 1830, Naturg. Säugethiere von Paraguay, pg. 58; localidade típica: Paraguai.

DISTRIBUIÇÃO: Norte da Argentina (Formosa); Paraguai (Chaco); Brasil: norte de Mato Grosso (Cuiabá; Rio Jaurú; Rio Guaporé).

Aotes vociferans (Spix)

Macaco da noite, Carai

Nyctipithecus vociferans SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 25, pr. 19; localidade típica: Tabatinga, margem norte do Rio Solimões.

Nyctipithecus lemurianus I. GEOFFROY, 1843, Comptes Rendus de l'Académie des Sciences de Paris, vol. 16. no. 21, pg. 1551; localidade típica: Nova Granada.

DISTRIBUIÇÃO: Colômbia; Brasil: alto Amazonas, do Rio Ucaiali até o Rio Negro.

Aotes roberti Dollman

Miriquiná, Macaco da noite, Macaco adufeiro

Aotes roberti DOLLMAN, 1909, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 4, pg. 129; localidade típica: Chapada, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Norte de Mato Grosso (Chapada; alto Rio Paraguai; São Lourenço).

Aotes boliviensis Elliot

Macaco da noite, Macaco adufeiro

Aotes boliviensis ELLIOT, 1907, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 20, pg. 189; localidade típica: Província de Sara, Bolívia.

DISTRIBUIÇÃO: Bolívia central; Brasil: norte de Mato Grosso.

Gênero **CALLICEBUS** Thomas

Callicebus THOMAS, 1903, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 12, pg. 456; genótipo: *Callithrix personatus* I. GEOFFROY.

Callithrix auctorum, não de Erxleben.

Callicebus nigrifrons (Spix)

Sauá, Saá

Callithrix nigrifrons SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasil, Spec. Novae, pg. 15, pl. XV; localidade típica: Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Estado de Minas Gerais (Mato Dentro; Iriçanga); Estado do Rio de Janeiro (Itatiaia); Estado de São Paulo (Itatiba; Monte Alegre; Socorro; Lins).

Callicebus personatus personatus (E. Geoffroy)*Sauá, Saá*

Callithrix personatus E. GEOFFROY, 1812, Annales du Museum d'Hist. Naturelle de Paris, XIX, pg. 113. localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Espírito Santo (Colatina; Sussuí, Rio Doce); norte de Minas Gerais (Teófilo Otoni); Estado do Rio de Janeiro.

Callicebus personatus brunello Thomas*Sauá, Saá*

Callicebus personatus brunello THOMAS, 1913, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 12, pg. 568; localidade típica: Piquete, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Serra da Mantiqueira, divisas entre São Paulo e Minas Gerais.

Callicebus pallescens Thomas*Sauá, Saá*

Callicebus pallescens THOMAS, 1907, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 20, pg. 161; localidade típica: Chaco paraguaio.

Callithrix donacophilus GRAY, 1870, Catalogue Monkeys, Lemurs and Fruit eating Bats in the British Museum, pg. 55 (não de d'Orbigny).

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai; Brasil: Mato Grosso (Corumbá).

Callicebus gigot (Spix)*Guigó, Japuá, Uapuá*

Callithrix gigot SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pl. XVI, pg. 22; localidade típica: Ilhéus, Bahia.

Callithrix gigo GRAY, 1870, Catalogue Monkeys, Lemurs and Fruit eating Bats in the British Museum, pg. 57.

DISTRIBUIÇÃO: Bahia (Ilhéus; Rio Jucuruçu); Espírito Santo; Rio de Janeiro (Novo Friburgo).

Callicebus melanochir (Kuhl)*Guigó, Sauim-quassú*

Callithrix melanochir KÜHL, 1820, Beiträge zur Zoologie und Vergleichender Anatomie, pg. 40; localidade típica: Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Bahia (Rio Belmonte); Espírito Santo (Rio São Matheus); Minas Gerais (Rio Doce).

Callicebus cupreus cupreus (Spix)*Bizogue, Zogue-zogue, Japussá*

Callithrix cupreus SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 23; localidade típica: Rio Solimões, Amazonas.

Callithrix discolor I. GEOFFROY, 1848, Comptes Rendus de l'Académie des Sciences de Paris, vol. 27, pg. 498; localidade típica: Sarayaco, Rio Ucaiali, Perú oriental.

DISTRIBUIÇÃO: Leste do Perú; Brasil: Amazonas (João Pessoa; Santo Antonio, Rio Juruá; Rio Eirú).

Callicebus cupreus ustofuscus Elliot*Bizogue*

Callicebus ustofuscus ELLIOT, 1917, Annals and Magazine of Natural History, serie 7, vol. 20, pg. 191; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Perú (Iquitos); Brasil: baixo Solimões.

Callicebus cupreus acreanus Vieira*Zogue zogue*

Callicebus cupreus acreanus VIEIRA, 1952, Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia, vol. 11, no. 2, pg. 23; localidade típica: Iquiri, Acre.

DISTRIBUIÇÃO: Região limítrofe entre a Bolívia e Território do Acre.

Callicebus cupreus leucometopus (Cabrera)*Zogue zogue*

Callithrix cuprea leucometopa CABRERA, 1900, Annales de la Sociedad Española de Historia Natural de Madrid, série 2, vol. 9, pg. 83, pr. 1; localidade típica: Confluência dos rios Sardina e Aguatico, afluente do Rio Napo; Equador.

DISTRIBUIÇÃO: Leste do Equador; Perú (Iquitos); Brasil: oeste do Amazonas, região limítrofe com o Perú.

Callicebus cupreus egeria Thomas*Zogue zogue*

Callicebus egeria THOMAS, 1908, Annals and Magazine of Natural History, série 8, vol. 2, pg. 89; localidade típica: Tefé, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Jaburú; São Luis de Mamoriá, Rio Purús).

Callicebus emiliae Thomas*Bizogue*

Callicebus emiliae THOMAS, 1911, Annals and Magazine of Natural History, série 8, vol. 7, pg. 606; localidade típica: Baixo Amazonas, Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Callicebus caligatus (Wagner)*Bizogue*

Callithrix caligata WAGNER, 1842, Wiegmann's Archiv Naturgesch., I, pg. 357; localidade típica: Amazonas, Brasil.

Callithrix castaneoveniris GRAY, 1866, Annals and Magazine of Natural History, ser. 3, vol. 17, pg. 58; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Baixo Madeira.

Callicebus brunneus (Wagner)*Bizogue*

Callithrix brunnea WAGNER, 1842, Wiegmann's Archiv Naturgesch., I, pg. 357; localidade típica: Bananeira, Rio Mamoré.

DISTRIBUIÇÃO: Região do alto Rio Madeira (Porto Velho).

Callicebus baptista Lönnberg*Zogó zogó, Bizogue*

Callicebus baptista LÖNNBERG, 1939, Arkiv för Zoologi, Band 31a., no. 13, pr. 7, pg. 1; localidade típica: Lago do Batista, a leste da foz do Rio Madeira, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Callicebus hoffmansi Thomas*Bizogue*

Callicebus hoffmansi THOMAS, 1908, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 2, pg. 89; localidade típica: Urucurituba, Rio Tapajós, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Pará (Patinga; Muruá; Iricanga; Itaituba; Taperinha; Bom Jardim).

Callicebus moloch (Hoffmannsegg)*Arabassú*

Cebus moloch HOFFMANNSEGG, 1807, Mag. Gesells. Naturf. Freunde, Berlin, vol. 1, pg. 86; localidade típica: margens do Rio Pará, baixo Amazonas, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Pará (Itapoã, Aveiros, Santarém, Rio Tapajós).

Callicebus torquatus torquatus (Hoffmannsegg)*Japussá coleira*

Cebus torquatus HOFFMANNSEGG, 1807, Mag. Gesells. Naturf. Freunde, Berlin, vol. I, pg. 86; localidade típica: margem direita do Rio Tocantins, perto de sua embocadura, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Tefé, Codajás, Rio Negro); Pará (Foz do Tocantins).

Callicebus torquatus purinus Thomas*Japussá coleira*

Callicebus torquatus purinus THOMAS, 1907, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 19, pg. 510; localidade típica: Aiapuá, baixo Purus, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Jaburú, Rio Purús).

Callicebus torquatus ignitus Thomas*Japussá coleira*

Callicebus torquatus ignitus THOMAS, 1927, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 20, pg. 287; localidade típica: Rio Tocantins, alto Solimões, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Callicebus torquatus regulus Thomas*Japussá coleira*

Callicebus torquatus regulus THOMAS, 1927, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 19, pg. 510; localidade típica: Fonte Boa, alto Solimões, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Alto Solimões; João Pessoa, Rio Juruá).

Callicebus remulus Thomas*Uapussá, Zogue*

Callicebus remulus THOMAS, 1908, Annals and Magazine of Natural History, série 8, vol. 2, pg. 88; localidade típica: Santarém, Pará.

Callicebus geoffroyi MIRANDA RIBEIRO, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas Mato Grosso ao Amazonas; anexo 5; Zoologia, pg. 19; localidade típica: Urupá, Rio Gi Paraná, afluente do Madeira, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Sudeste do Amazonas; Pará (região entre os rios Tapajós e Xingú; Santarém, Caxiricatuba, Bom Jardim, Piquiatuba; Rio Araguaia).

Callicebus cinerascens (Spix)

Sauá

Callithrix cinerascens SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 20, pr. 14; localidade típica: Rio Içá ou Putumáio, Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Região do Rio Içá, fronteira com o Perú.

Subfamília PITHECINAE

Gênero CACAJAO Lesson

Cacajao LESSON, 1840, Spécies des Mammifères, pg. 81; genótipo: *Simia melanocephala* HUMBOLDT.

Brachyurus SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 11, pr. XVII, pré-ocupado por *Brachyurus* de Fischer, 1813, *Muridae*; genótipo não designado.

Ouakaria GRAY, 1849, Proceed. Zoological Soc. London, pg. 9; genótipo: *Ouakaria spixii* GRAY.

Uacaria LYDDEKKER, 1891, Mammals living and extincts, pg. 712 (correção de *Ouakaria* GRAY).

Cacajao calvus (I. Geoffroy)

Uacari branco, Cacajao

Brachyurus calvus I. GEOFFROY, 1845, Archives du Muséum d'Histoire Naturelle de Paris, pg. 560; localidade típica: Fonte Boa, Rio Solimões, Amazonas.

Pithecia alba SCHLEGEL, 1876, Mus. d'Hist. Naturelle des Pays Bas, vol. 7, liv. 12; Monogr. des Singes, pg. 229; localidade típica: Rio Iquiri, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Região ao norte do Rio Solimões, entre seus afluentes, Japurá e Içá ou Putumayo.

Cacajao rubicundus rubicundus (I. Geoffroy)

Uacari vermelho, Macaco inglês, Macaco acari

Brachyurus rubicundus I. GEOFFROY, 1848, Comptes Rendus Acad. Sciences Paris, vol. 27, no. 20, pg. 498; localidade típica: São Paulo de Olivença, Rio Solimões.

DISTRIBUIÇÃO: Oeste do Estado do Amazonas (Santo Antônio, Rio Eirú; santa Cruz, Rio Juruá).

Cacajao melanocephalus (Humboldt)

Cacajao de cabeça preta; Caruirí

Simia melanocephala HUMBOLDT, 1812, Recueil d'Observations de Zoologie et d'Anatomie Comparée, vol. I, pg. 317, fig. 29; localidade típica: Missão San Francisco Solano, Rio Cassiquiare, Venezuela.

Pithecia melanocephala E. GEOFFROY, 1812, Annales d'Histoire Naturelle de Paris, vol. 19, pg. 117; localidade típica: Guiana Francesa.

Brachyurus ouakari SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 12, pr. 8; localidade típica: Região entre os rios Içá e Solimões.

DISTRIBUIÇÃO: Sul da Venezuela; Brasil: norte do Amazonas (Rio Negro; Rio Branco; Codajás, Rio Solimões).

Cacajao roosevelti J. A. Allen

Cacajao roosevelti J. A. ALLEN, 1914, Bulletin of American Museum of Natural History, vol. XXXIII, pg. 651; localidade típica: Barão de Melgaço, Rio Gi Paraná, norte de Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Gênero PITHECIA Desmarest

Pithecia DESMAREST, 1804, Nouveau Dictionnaire d'Hist. Naturelle, vol. 24; Tableau Methodique des Mammifères, pg. 8; genótipo: *Simia pithecia* LINNAEUS.

Yarkea LESSON, 1840, Species des Mammifères, pg. 276; genótipo: *Simia leucocephala* AUDEBERT.

Pithecia monacha E. Geoffroy**Uapussá, Parauacú, Paraguaçu**

Pithecia monacha E. GEOFFROY, 1812, Annales du Museum de Paris, vol. 19, pg. 116; localidade típica: Rio Tapajós, Pará.

Pithecia hirsuta SPFX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 14, pr. 9; localidade típica: Tabatinga, Rio Solimões.

Pithecia inusta SPFX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 15, pr. 10; localidade típica: Rio Tonantins, afluente do Solimões.

Pithecia irrorata GRAY, 1844, Voyage du Sulphur, pg. 14, pl. III; localidade típica: margem norte do Rio Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Leste do Perú; Brasil: Amazonas (alto Solimões; Rio Juruá, Santa Cruz, Rio Eirú); Pará (Maruá, Vila Braga, Rio Tapajós); Território do Guaporé (Rio Gi-Paraná); norte de Mato Grosso.

Pithecia chrysocephala I. Geoffroy**Parauacú preto**

Pithecia chrysocephala I. GEOFFROY, 1850, Comptes Rendus Acad. Scienc. Paris, vol. 31, no. 27, pg. 875; localidade típica: margens do Orenoco.

Pithecia rufibarbata VON HASSELT e KUHLE, 1820, Beiträge zur Zoologie und Vergleichenden Anatomie, Abth. 2, pg. 44; localidade típica: Surinam.

Pithecia ochrocephala VAN HASSELLE e KUHLE, 1820, Beiträge zur Zoologie und Vergleichenden Anatomie, Abth. 2, pg. 44; localidade típica: Guiana Francesa.

Pithecia monachus lotichiusi MERTENS, 1925, Senckenbergiana Frankfurt, ed. 7, no. 1, pg. 17; localidade típica: Manacapuru, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas; Brasil: Amazonas (Itacoatiara; Lago Serpa; Rio Atabani; Rio Negro).

Pithecia albicans Gray**Macaco cabeludo**

Pithecia albicans GRAY, 1860, Proceed. Zool. Soc. London, pt. 2, pg. 231, pr. 81; localidade típica: Tefé, margem meridional do Solimões, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Oeste do Estado do Amazonas.

Pithecia pithecia (Linnaeus)

Simia pithecia LINNAEUS, 1766, Systema Naturae, 12a. ed., pg. 40; localidade típica: Guiana Francesa.

Simia leucocephala AUDEBERT, 1797, Histoire Naturelle des Singes et Makis; I, pg. 9; localidade típica: Guianas.

Simia (Pithecia) rufiventris HUMBOLDT, 1812, Recueil d'Observations de Zoologie et d'Anatomie Comparée, vol. I, pg. 358; localidade típica: Caiena.

Pithecia capillamentosa SPFX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 16, pr. 13; localidade típica: Caiena.

Pithecia pogonias GRAY, 1842, Annals and Magazine of Natural History, série I, vol. 10, no. 65, pg. 256; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Guiana Inglesa; Guiana Francesa; Brasil: norte do Estado do Amazonas, do Rio Negro às Guianas (Manacapuru, Rio Solimões); Pará (Faro, Óbidos, Macapá, Acajatuba; Igarapé Bravo, Igarapé Buiussú).

Gênero **CHIROPOTES** Lesson

Chiropotes LESSON, 1840, Species des Mammifères, pg. 178; genótipo: *Chiropotes cuxio* LESSON.

Chiropotes chiropotes (Humboldt)

Judeu, Cuxiú

Simia (Pithecia) chiropotes HUMBOLDT, 1815, Recueil d'Observations Zoologiques et d'Anatomie Comparée, vol. I, pg. 311; localidade típica: Alto Orenoco, Venezuela.

Simia sagulata TRAILL, 1821, Mam. Wernerian Nat. Hist. Soc. Edimburgh, vol. III, pg. 167; localidade típica: Demerara, Guiana Inglesa.

Brachyurus israelita SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 11, pr. 7; localidade típica: Rio Japurá, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Perú, Venezuela; Guiana Inglesa; Brasil: Amazonas (Rio Negro; Rio Branco); Pará (Amapá e Rio Jari).

Chiropotes albinasa (I. Geoffroy)

Cuxiú de nariz branco, Piroculú

Pithecia albinasa I. GEOFFROY et DEVILLE, 1848, Comptes Rendus Acad. Sciences de Paris, vol. 27, no. 20, pg. 498; localidade típica: Santarém, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Pará (região entre Tapajós e Xingú; Arapiuns, Caxiricatuba Piquiatuba); norte de Mato Grosso (Piraculuina; São Manoel, Rio Teles Pires).

Chiropotes satanas (Hoffmannsegg)

Cuxiú, Judeu

Cebus satanas HOFFMANNSEGG, 1807, Mag. Gesells. Naturf. Freunde, Berl'n, vol. 10, pg. 93; localidade típica: Cametá, Pará.

Chiropotes cuxio LESSON, 1840, Species des Mammifères Bimanes et Quadrumanes, pg. 179; localidade típica: Pará, Brasil.

Pithecia nigra WAGNER, 1855, Schreber's Säugethiere; Suppl., Abth. 5, pg. 102. localidade típica: não designada.

Chiropotes ater GRAY, 1870, Catalogue Monkeys, Lemurs and Fruit-eating Bats in the British Museum, pg. 61; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Pará (rios Tocantins e Pará; Cametá, Benevides, Castanhal).

Subfamília ALOUATTINAE

Gênero **ALOUATTA** Lacépède

Alouatta LACÉPÈDE, 1799, Tableau Div. Sus Divis. Ordres et Genres, Mammalogie, pg. 4; genótipo: *Simia belzebul* LINNAEUS.

Mycetes ILLIGER, 1811, Prodr. Syst. Mammal. et Avium, pg. 70; genótipo: não designado.

Alouatta caraya (Humboldt)

Bugio preto, Guariba preto, Barbado

Simia (Stentor) caraya HUMBOLDT, 1811, Recueil d'Observations de Zoologie et d'Anatomie Comparée, vol. I, pg. 355; localidade típica: Paraguai.

Stentor niger E. GEOFFROY, 1812, Annales du Museum d'Histoire Naturelle de Paris, XIX, pg. 108; localidade típica: Paraguai.

Mycetes barbatus SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 46, pr. XXXII; localidade típica: Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai; norte da Argentina; Brasil: Mato Grosso (Corumbá, Salobra; Miranda; São Domingos, Rio das Mortes; Uruçum; Palmeiras; Rio Taquari); Goiás (Cana Brava; Inhumas; São José de Tocantins); Bahia; Minas Gerais (Pirapora; Serra do Cabral); São Paulo (Itapura, Barretos), Paraná (Rio Paracai); Santa Catarina.

***Alouatta fusca fusca* (E. Geoffroy)**

Bugio ruivo, Guariba ruivo, Barbado

Stentor fuscus E. GEOFFROY, 1812, Annales Mus. Hist. Naturelle de Paris, pg. 108; localidade típica: Brasil.

Simia ursina HUMBOLDT, 1815, Recueil d'Observations de Zoologie et d'Anatomie Comparée, I, pl. XXX; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Sul da Bahia; Minas Gerais (Teófilo Otoni; Rio Matipó); Espírito Santo (Páu Gigante; Chaves; Rio Doce); Rio de Janeiro.

***Alouatta fusca clamitans* Cabrera**

Bugio ruivo, Guariba, Barbado

Alouatta guariba clamitans CABRERA, 1940, Ciencia, México, ano I, no. 9, pg. 402; localidade típica: Alto da Serra, São Paulo.

Alouatta fusca guariba H. IHERING, 1914, Revista do Museu Paulista, vol. IX, pg. 248; localidade típica: Alto da Serra, São Paulo.

Alouatta fusca iheringii LÖNNBERG, 1941, Arkiv för Zoologi, Band 33a. no. 10, pg. 23; localidade típica: Alto da Serra, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Do litoral do estado do Rio de Janeiro, através do Estado de São Paulo (Alto da Serra; Cantareira; São Sebastião; Lins); Paraná (Pto. Camargo, Rio Paraná); Santa Catarina (Joinville; Colônia Hansa), até o norte do Rio Grande do Sul.

***Alouatta belzebul belzebul* (Linnaeus)**

Guariba de mão ruiva

Simia belzebul LINNAEUS, 1766, Systema Naturae, 12a., ed., pg. 37; localidade típica: Brasil.

Stentor guariba HUMBOLDT, 1815, Recueil d'Observations de Zoologie et d'Anatomie Comparée, I, pg. 355; localidade típica: Brasil.

Mycetes rufimanus VAN HASSELT e KUHL, 1820, Beiträge zur Zoologie und Vergleichenden Anatomie, abth. 2, pg. 31; localidade típica: desconhecida.

DISTRIBUIÇÃO: Pará (ilha de Marajó, Rio Capim, Rio Acará, Rio Tocantins, Vigia).

***Alouatta belzebul discolor* (Spix)**

Guariba

Mycetes discolor SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 48; localidade típica: Gurupá, baixo Amazonas.

Mycetes belzebul mexianae HAGMANN, 1908, Archiv Rass. Gesell-Biol., 5, pg. 6; localidade típica: Ilha Mexiana, Pará.

Alouatta belzebul tapajozensis LÖNNBERG, 1941, Arkiv för Zoologi, band 33a., no. 1, pg. 27; localidade típica: margem do Tapajós, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Pará (baixo Rio Amazonas, Aveiros, Marai, Praia, Itapoama, Gurupá).

Alouatta belzebul ululata* Elliot**Guariba***

Alouatta ululata ELLIOT, 1912, Bulletin American Museum of Natural History, vol. 31, pg. 32; localidade típica: Miritiba, Maranhão.

DISTRIBUIÇÃO: norte do Estado do Maranhão.

Alouatta seniculus seniculus* (Linnaeus)**Guariba vermelho, Bugio labareda***

Simia seniculus LINNAEUS, 1765, Systema Naturae, 2a. ed., I, pg. 37; localidade típica: Cartagena, Colômbia.

Simia ursina HUMBOLDT, 1812, Racueil d'Observations de Zoologie et d'Anatomie Comparée, vol. I, pg. 355, pr. 30; localidade típica: Caracas, Venezuela.

Stentor chrysurus I. GEOFFROY, 1829, Mémoires Mus. d'Hist. Naturelle de Paris, vol. 17, pg. 17; localidade típica: vale do Rio Madalena, Colômbia.

Mycetes laniger GRAY, 1845, Annals and Magazine of Natural History, vol. 15, pg. 45; localidade típica: Colômbia.

DISTRIBUIÇÃO: Oeste do Equador e noroeste da Colômbia; Venezuela; oeste do Perú; Brasil: Amazonas (alto Rio Solimões); Território do Guaporé (Rio Gi Paraná).

Alouatta seniculus puruensis* Lönnberg**Guariba vermelho***

Alouatta seniculus puruensis LÖNNBERG, 1941, Arkiv för Zoologi, band 33a., no. 10, pg. 16; localidade típica: Rio Purus, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Igarapé do Castanha, Arumá, Jaburú; Rio Purús).

Alouatta seniculus juara* Elliot**Guariba***

Alouatta juara ELLIOT, 1910, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 5, pg. 810. localidade típica: Rio Juruá, Amazonas.

Alouatta seniculus juara LÖNNBERG, 1941, Arkiv för Zoologi, band 33a., no. 10, pg. 18; localidade típica: alto Rio Juruá, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (João Pessoa, Igarapé Grande, Santo Antônio; Rio Eirú; Lago Grande, Rio Juruá).

Alouatta seniculus straminea* (Humboldt)**Guariba vermelho, Guariba ruivo***

Simia straminea HUMBOLDT, 1812, Recueil d'Observations de Zoologie, vol. I, pg. 355; localidade típica: Pará, Brasil.

Mycetes auratus GRAY, 1845, Annals and Magazine of Natural History, ser. I, vol. 16, pg. 220; localidade típica: Brasil.

Alouatta macconnelli ELLIOT, 1910, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 5, pg. 80; localidade típica: Demerara, Guiana Inglesa.

Alouatta seniculus amazonica LÖNNBERG, 1941, Arkiv för Zoologi, band 33a., no. 10, pg. 16; localidade típica: Codajás, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Guiana Inglesa; Guiana Francesa; Brasil: Amazonas (Codajás, lago Cuiteua, Patuaú, lago Canaçari, Silves, Igarapés Bravo, Buiussú e Anibá); Pará (Macapá, Rio Jarí, Rio Erepecuru, Rio Trombetas, Óbidos, Alemquer).

Alouatta nigerrima* Lönnberg.**Guariba preto***

Alouatta nigerrima LÖNNBERG, 1941, Arkiv för Zoologi, band 33a., no. 10, pg. 33; localidade típica: baixo Amazonas, Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Pará (Oriximiná, Iroçanga, Patinga; lago do Batista; lago Tapaiuma, Oeste do Rio Tapajós).

Subfamília CEBINAE

Gênero CEBUS Erxleben

Cebus ERXLEBEN, 1777, Systema Regni Animalis, pg. 44; genótipo: *Simia capucina* ERXLEBEN.

Sapajus KERR, 1792, Animal Kingdom, vol. I, Mammal., pg. 74; genótipo não designado.

Calyptrocebus REICHENBACH, 1862, Vollstand. Naturgesch. Affen, pg. 55; genótipo: não designado.

Pseudocebus REICHENBACH, 1862, Vollstand. Naturgesch. Affen, pg. 55; localidade típica: não designada.

Otocebus REICHENBACH, 1862, Vollstand. Naturgesch. Affen, pg. 56; localidade típica: não designada.

Cebus nigrinus* (Goldfuss)**Mico, Mico de topete, Macaco prego***

Cercopithecus nigrinus GOLDFUSS, 1809, Vergleichende Naturbeschreibung Säugethiere, vol. I, pg. 74; localidade típica: Rio de Janeiro.

Cebus cirrifer E. GEOFFROY, 1812, Annales du Muséum d'Histoire Naturelle de Paris, XIX, pg. 110; localidade típica: Brasil.

Cebus niger E. GEOFFROY, 1812, Annales du Muséum d'Hist. Nat. Paris, XIX, pg. 111; localidade típica: Brasil.

Cebus caliginosus ELLIOT, 1913, A Review of the Primates, vol. II, pg. 112; localidade típica: São Paulo, Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Brasil meridional, do Estado do Rio de Janeiro (Serra dos Orgãos) ao Estado de São Paulo e norte do Estado do Paraná.

Cebus frontatus* Kuhl**Macaco prego, Mico***

Cebus frontatus KUHL, 1820, Beiträge zur Zoologie und Vergleichenden Anatomie, pg. 34; localidade típica: desconhecida.

Cebus lunatus KUHL, 1820, Beiträge zur Zoologie und Vergleichenden Anatomie, pg. 37; localidade típica: desconhecida.

DISTRIBUIÇÃO: Regiões montanhosas do litoral sul do Brasil: Estado de São Paulo (Alto da Serra; serra de Paranapiacaba; Cananéia); Estado do Paraná; Estado de Santa Catarina (Col. Hansa); Estado do Rio Grande do Sul.

Cebus vellerosus* I. Geoffroy**Macaco prego, Mico***

Cebus vellerosus I. GEOFFROY, 1851, Catalogue méthodique de la Collection des Mammifères, Primates, pg. 44; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Norte da Argentina (Misiones); Brasil: oeste dos estados do Paraná (Porto Camargo, Rio Paraná) e São Paulo (Valparaíso, Lins; Presidente Epitácio, Porto Cabral, Rio Paraná).

Cebus robustus Kuhl
Macaco prego, Mico

Cebus robustus KUHL, 1820, Beiträge zur Zoologie und Vergleichenden Anatomie, pg. 35; localidade típica: morro da Arara, norte do Rio Mucuri, Minas Gerais.

Cebus cucullatus SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasil. Species Novae, pg. 9, pl. 6; localidade típica: "Província de São Paulo", Brasil.

Cebus subcristatus GRAY, 1865, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 827; localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Sul da Bahia (Rio Jucuruçu); Espírito Santo (Colatina, rios Piracicaba e Sussui); leste de Minas Gerais (Rio Matipós); Estado do Rio de Janeiro.

Cebus variegatus E. Geoffroy
Mico

Cebus variegatus E. GEOFFROY, 1812, Annales du Muséum d'Hist. Naturelle de Paris, XIX, pg. 111; localidade típica: Brasil.

Cebus xanthocephalus SPIX, 1843, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 6, pl. III; localidade típica: Rio de Janeiro.

Cebus xanthosternus KUHL, 1820, Beiträge zur Zoologie und Vergleichenden Anatomie, pg. 35; localidade típica: não mencionada.

DISTRIBUIÇÃO: Bahia (Belmonte; Vila Nova); Espírito Santo (Colatina); Rio de Janeiro.

Cebus libidinosus libidinosus Spix
Mico

Cebus libidinosus SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 5, pl. II; localidade típica: Cuiabá, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Norte do Brasil: Maranhão, (Miritiba); Bahia; Brasil Central: Goiás; Minas Gerais.

Cebus libidinosus versutus Elliot
Mico

Cebus versutus ELLIOT, 1910, Annals and Magazine of Natural History, ser. 5, vol. 8, pg. 17; localidade típica: Araguari, Rio Jordão, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Sudoeste de Minas Gerais e nordeste de São Paulo (Franca).

Cebus libidinosus paraguayanus Fischer
Mico, Caiarara

Cebus apella paraguayanus FISCHER, 1829, Synopsis Mammalium, pg. 47; localidade típica: Paraguai.

Cebus azarae RENGGER, 1830, Natur. Säugethiere von Paraguay, I, pg. 26; localidade típica: Paraguai.

Cebus elegans I. GEOFFROY, 1850, Comptes Rendus de l'Académie des Sciences de Paris, pg. 875; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: norte da Argentina; Paraguai; Mato Grosso (Corumbá, Miranda, Salobra, Rio Piquiri, Chapada, Urucum, Aricá, São Lourenço).

Cebus libidinosus pallidus Gray
Macaco prego, Mico

Cebus pallidus GRAY, 1865, Proceed. Zoological Society of London, pg. 826; localidade típica: Bolívia.

DISTRIBUIÇÃO: oeste da Bolívia; Brasil central: Mato Grosso (Aricá, São Domingos, Rio das Mortes).

***Cebus libidinosus juruanus* Lönnberg**

Macaco prego

Cebus libidinosus juruanus LÖNNBERG, 1941, Arkiv för Zoologi, band 31a, no. 23, pg. 15; localidade típica: João Pessoa, Rio Juruá, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (João Pessoa, Igarapé do Gordão, Igarapé Grande, Lago Grande, Santo Antônio, Rio Eirú; Rio Juruá).

***Cebus albifrons unicolor* Spix**

Caiarara branco

Cebus unicolor SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 7, pl. 4; localidade típica: Tefé, Rio Solimões, Amazonas.

Cebus gracilis SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 7, pl. 4; localidade típica: Tefé, Rio Solimões, Amazonas.

Cebus flavescens GRAY, 1865, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 827; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: sul da Venezuela; sudeste da Colômbia e oeste do Perú e Bolívia; Brasil: Amazonas (João Pessoa, Santa Cruz, Jaburú, Rio Juruá; Codajás, Rio Solimões; Iroçanga e Patinga, Rio Purús); Pará (Rio Tapajós).

***Cebus nigrivittatus nigrivittatus* Wagner**

Caiarara

Cebus nigrivittatus WAGNER, 1847, Abhandl. K. Bayer. Akad. Wissensch. München, vol. 5, abth. 1, pg. 430; localidade típica: São Joaquim, alto Rio Branco, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Venezuela; Guianas; Brasil: norte do Amazonas.

***Cebus apella apella* (Linnaeus)**

Macaco prego

Simia apella LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., vol. I, pg. 28; localidade típica: Surinam, Guiana Holandesa.

Cebus capucinus (nec Linnaeus) ERXLEBEN, 1777, Systema Regnum Animale, pg. 48; localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas; Brasil: Amazonas (Manaus, Rio Negro); Pará (rios Iriri, Counani, Jarí e Capim; baixo Tocantins).

***Cebus fatuellus macrocephalus* Spix**

Macaco prego, Macaco itapua

Cebus macrocephalus SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 3, pr. 2; localidade típica: lago Catuá, próximo ao Rio Solimões, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Codajás, Itacoatiara, Rio Solimões; Arumã, Redenção; Jaburú, Rio Purús); Território do Guaporé (Calama, Rio Madeira); Pará (lago Cuitena, Marai, Aveiros, Maruá, Buiussú, Caxiricatuba, Bom Jardim, Rio Tapajós); norte de Mato Grosso (Palmeiras, perto de Cuiabá).

***Cebus fatuellus tocantinus* Lönnberg**

Caiarara

Cebus fatuellus tocantinus LÖNNBERG, 1939, Arkiv för Zoologi, band 31a., no. 23, pg. 9; localidade típica: Cametá, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida até agora somente de sua localidade típica.

Cebus fatuellus peruanus Thomas

Caiarara

Cebus fatuellus peruanus THOMAS, 1901, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 7, pg. 178; localidade típica: Marcapata, Rio Inambari, Perú.

DISTRIBUIÇÃO: leste do Perú; Brasil: Amazonas (João Pessoa, Santa Cruz, Igarapé Grande, Rio Juruá).

Cebus fatuellus trepidus (Linnaeus)

Caiarara

Simia trepida LINNAEUS, 1766, Systema Naturae, 12a. ed., vol. 1, pg. 39; localidade típica: Surinam.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas; Brasil: Amazonas (margem esquerda do baixo Amazonas).

Gênero **SAIMIRI** Voigt

Saimiri VOIGT, 1831, Cuvier's Thierreich, II, pg. 96; genótipo: *Simia sciurea* LINNAEUS.

Chrysothrix KAUP, 1835, Das Thierreich, I, pg. 50; genótipo: *Simia sciurea* LINNAEUS.

Saimiris E. GEOFFROY, 1843, Comptes Rendus de l'Acad. des Sciences de Paris, XVI, pg. 11; genótipo: *Simia sciurea* LINNAEUS.

Pithesciurus LESSON, 1840, Nouv. Tabl. Règne Animal, Mammalia, pg. 7; genótipo: *Pithesciurus saimiri* LESSON.

Saimiri sciureus sciureus (Linnaeus)

Boca preta, Macaco de cheiro, Jurupari

Saimiri sciurea LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 19; localidade típica: "Índia", restrita por Tate, 1939, à Guiana Inglesa. (1)

DISTRIBUIÇÃO: Leste da Colômbia; Venezuela e Equador; Guianas; Brasil: Amazonas (Manacapuru, Igarapé Anibá, Itacoatiara); Pará (Taperinha; Curral Grande, Buiussú, Bom Jardim, Caxiricatuba, Cametá); norte de Goiás; norte de Mato Grosso (Pirocoluína).

Saimiri sciureus macrodon Elliot

Saimiri macrodon ELLIOT, 1907, Annals and Magazine of Natural History, série 7, vol. 20, pg. 190; localidade típica: Cotapaza, Equador.

DISTRIBUIÇÃO: Leste do Equador e do Perú; Brasil: alto Rio Juruá.

Saimiri sciureus codajazensis Lönnberg

Macaco de cheiro

Saimiri sciurea codajazensis LÖNNBERG, 1944, Arkiv för Zoologi, 32a., no. 21, pg. 3; localidade típica: Codajás, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Saimiri sciureus cassiquiarensis (Humboldt)

Macaco de cheiro

Saimiri sciurea (cassiquiarensis) HUMBOLDT, 1812, Recueil d'Observations de Zoologie et d'Anatomie Comparée, I, pg. 374; localidade típica: Rio Cassiquiare, Venezuela.

(1) Mammals of the Guiana Region; Amer. Mus. Nat. History, 1939, LXXVI, pg. 219.

Saimiris lunatus I. GEOFFROY, 1843, Comptes Rendus de l'Académie de Sciences de Paris, vol. 16, no. 21, pg. 1152; localidade típica: rio Cassiquiare, Venezuela.

Chrysothrix nigrivittata WAGNER, 1846, Wiegmann's Archiv für Naturgeschichte Jahrg 12, vol. 2, pg. 135; localidade típica: Ega, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Venezuela; Brasil: Amazonas (Rio Solimões).

***Saimiri sciureus collinsi* Osgood**

Saimiri sciurea collinsi OSGOOD, 1916, Zool. Ser. Field Museum Nat. Hist., vol. 10, no. 14, pg. 215; localidade típica: Soure, ilha de Marajó, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Pará (Ilha de Marajó).

***Saimiri madeirae madeirae* Thomas**

Macaco de cheiro

Saimiri madeirae THOMAS, 1908, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8. vol. 20, pg. 90; localidade típica: Humaitá, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Humaitá, Rio Madeira; Silves, lago do Batista, Rio Amazonas); Pará (Igarapé, Bravo, Bom Jardim, Marai, Aveiros, Santarém, Itapoama, Rio Tapajós).

***Saimiri madeirae juruanus* Lönnberg**

Macaco de cheiro

Saimiri madeirae juruana LÖNNBERG, 1940, Arkiv för Zoologi, vol. 32a., no. 21, pg. 7; localidade típica: Rio Juruá, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (João Pessoa, Igarapé do Jordão, Rio Juruá).

***Saimiri ustus* I. Geoffroy**

Macaco de cheiro

Saimiri ustus I. GEOFFROY, 1843, Comptes Rendus de l'Académie des Sciences de Paris, vol. 16, no. 21, pg. 1152; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Oeste do Perú e Bolívia; Amazonas (Calama, baixo Madeira).

***Saimiri boliviensis boliviensis* (d'Orbigny)**

Macaco de cheiro

Callithrix boliviensis D'ORBIGNY, 1834, Nouv. Ann. Mus. d'Hist. Nat. Paris, vol. 5, pg. 89; localidade típica: Sierra Guaraya, Bolívia.

Callithrix entomophagus D'ORBIGNY, 1836, Voyage dans l'Amérique Méridionale, vol. 4, pt. 2, Mammifères, pg. 4.

Saimiris entomophagus D'ORBIGNY et GERVAIS, 1847, Voyage dans l'Amérique Méridionale, vol. 4, pt. 2, Mammifères, pg. 10; localidade típica: Santa Cruz de la Sierra, Bolívia.

DISTRIBUIÇÃO: oeste da Bolívia; Brasil: Amazonas (rios Mamoré e Madeira).

***Saimiri boliviensis pluvialis* Lönnberg**

Macaco de cheiro

Saimiri boliviensis pluvialis LÖNNBERG, 1940, Arkiv för Zoologi, band 33a., no. 21, pg. 12; localidade típica: Rio Juruá, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Lago Grande, Santo Antônio, João Pessoa, Rio Juruá).

Saimiri boliviensis jaburuensis Lönnberg
Macaco de cheiro

Saimiri boliviensis jaburuensis LÖNNBERG, 1940, Arkiv för Zoologi, band 32a., no. 21, pg. 10; localidade típica: Jaburú, oeste do Rio Purus, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Subfamília ATELINAE

Gênero ATELES E. Geoffroy

Ateles E. GEOFFROY, 1806, Annales Mus. Hist. Nat. Paris, vol. 7, pg. 262; genótipo: *Simia paniscus* LINNAEUS.
Ateles ELLIOT, 1913, A Review of the Primates, vol. II, pg. 21 (correção).

Ateles belzebuth belzebuth E. Geoffroy
Coatá, Macaco aranha, Maquiçapá

Ateles belzebuth E. GEOFFROY, 1806, Annales Mus. Hist. Nat. Paris, vol. 7, pg. 272, pl. 16; localidade típica, desconhecida, designada por Kellog e Goldman, 1944, Esmeralda, alto Rio Orenoco, Venezuela. (1)
1201; localidade típica: Rio Orenoco.

Ateles marimonda KUHLE, 1816, Lehrbuch der Naturgeschichte, Theil 3, Zool., Abth. 2, pg. Abth. 1, pg. 25; localidade típica: desconhecida.

Ateles variegatus WAGNER, 1840, Schreber's Säugethiere; Suppl. Abth. 1, pg. 313; localidade típica: Cucui, Amazonas.

Ateles bariletti GRAY, 1867, Annals and Magazine of Natural History, ser. 3, vol. 20, pg. 300; localidade típica: Brasil.

Ateles chruva SCHLEGEL, 1876, Mus. Hist. Nat. Pays Bas, vol. 7, liv. 12, pg. 175; localidade típica: não designada.

DISTRIBUIÇÃO: Leste da Colômbia, Equador e Perú; Venezuela (vale do Rio Orenoco desde a sua junção com o Caura); Brasil: Amazonas (alto Rio Negro).

Ateles belzebuth marginatus E. Geoffroy
Coatá de testa branca

Ateles marginatus E. GEOFFROY, 1809, Annales du Muséum d'Hist. Naturelle de Paris, vol. 13, pg. 92, pl. 10. localidade típica: Pará, restrita por Kellog e Goldman a Cametá, Rio Tocantins, Pará. (2)

Ateles frontalis BENNET, 1831, Proceed. Zool. Soc. London, pt. 1, no. 4, pg. 38; localidade típica: desconhecida.

Ateles alfibrons SCHINZ, 1844, Systematische Verzeichniss Säugeth'ere Synopse, Mammalium, vol. I, pg. 68; localidade típica: desconhecida.

DISTRIBUIÇÃO: Pará (Taperinha; Caxiricatuba; Foz do Curuá; Piquiatuba; Santarém; Marau; Aveiros; rios Tapajós e Tocantins).

Ateles paniscus paniscus (Linnaeus)
Coatá de cara vermelha

Simia paniscus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., vol. I, pg. 26; localidade típica: América do Sul, restrita por Kellog e Goldman a Guiana Francesa. (3)

(1) Review of the Spider Monkeys; Proceed. Unit. Stat. Nat. Muséum, 1944, v. 96, n. 3186, pg. 21.

(1) Review of the Spider Monkeys; Proceed. Unit. States Nat. Museum, vol. 96, no. 3186, pg. 23, 1944.

(2) Idem, pg. 11.

- Ateles pentadactylus* E. GEOFFROY, 1806, Annales du Museum d'Hist. Nat. Paris, vol. 7, pg. 269; localidade típica: Guiana Francesa.
Ateles subpentadactylus DESMAREST, 1820, Encyclop. Method. Zoologie, Mammal., pg. 1, pg. 73; localidade típica: Caiena, Guiana Francesa.
Ateles ater CUVIER, 1823, Hist. Naturelle des Mammifères, vol. 3, liv. 39, pg. 1; localidade típica: Caiena, Guiana Francesa.
Cebus paniscus surinamensis FISCHER, 1829, Synopsis Mammalium, pg. 39; localidade típica: não designada.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas; Brasil: Pará (Pataua, Óbidos; Igarapé Bravo).

***Ateles paniscus chamek* (Humboldt)
*Coatá, Macaco aranha***

- Simia chamek* HUMBOLDT, 1812, Recueil d'Observ. de Zoologie et d'Anat. Comparée, vol. 1, pg. 535; localidade típica: Perú, restrita por Kellog e Goldman ao Rio Cumbercito, Cuzco, Perú. (1)
Ateles longimembris J. A. ALLEN, 1914, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 33, pg. 651; localidade típica: Barão de Melgaço, norte de Mato Grosso.
Ateles ater peruvianus LÖNNBERG, 1940, Arkiv för Zoologi, vol. 32a, no. 25, pg. 13; localidade típica: leste do Perú.

DISTRIBUIÇÃO: Leste do Perú e Bolívia; Brasil: Amazonas (João Pessoa, Santa Cruz, Rio Eirú, afl. do Juruá; Jaburú, Rio Purús).

Gênero BRACHYTELES Spix

- Brachyteles* SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 36, pl. XXVII; genótipo: *Brachyteles macrotarsus* SPIX = *Ateles arachnoides* E. GEOFFROY.
Eriodes I. GEOFFROY, 1829, Mem. Mus. Hist. Nat. Paris, XVIII, pg. 166; genótipo: *Ateles arachnoides* E. GEOFFROY.
Brachyteleus ELLIOT, 1913, A. Review of the Primates, tomo II, pg. 49. (correção).

***Brachyteles arachnoides* (E. Geoffroy)**

Muriqui, Buriqui, Muriquina, Mono, Mono carvoeiro

- Ateles arachnoides* E. GEOFFROY, 1806, Annales du Muséum d'Hist. Naturelle de Paris, VII, pg. 271; localidade típica: Rio de Janeiro.
Ateles hypoxanthus KÜHL, 1820, Beitr. Zool., pg. 25; localidade típica: Brasil.
Eriodes hemidactylus E. GEOFFROY, 1828, Mémoires du Museum d'Hist. Nat. de Paris, XVII, pg. 163; localidade típica: Brasil.
Eriodes tuberifer E. GEOFFROY, 1829, Mémoires du Museum d'Hist. Naturelle de Paris, XVII, pg. 163; localidade típica: Brasil.
Brachyteles macrotarsus SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 36, pl. XXVII. localidade típica: São Paulo e Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: Sul do Estado da Bahia (Rio Jucurucú); leste do Estado de Minas Gerais (Rio Matipó); Espírito Santo (Rio Doce); Estado do Rio de Janeiro (Serra dos Orgãos; Itatiaia, serra da Mantiqueira); Estado de São Paulo (Ipanema; Itararé; Juquiá; Ubatuba; Alto da Serra; Piedade).

Gênero LAGOTHRIX E. Geoffroy

- Lagothrix* E. GEOFFROY, 1812, Annales du Museum d'Hist. Nat. Paris, XIX, pg. 106; genótipo: *Lagothrix cana* E. GEOFFROY.
Gastrimargus SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 39; genótipo: não designado.

(1) Idem, pg. 17.

Lagothrix lagotricha lagotricha (Humboldt)***Barrigudo, Barrigudo cinzento***

- Simia lagotricha* HUMBOLDT, 1812, Recueil d'Observations de Zoologie et d'Anatomie Comparée, I, pg. 322; localidade típica: margens do Rio Guaviare, afluente do Orenoco, Colômbia.
- Simia cana* HUMBOLDT, 1812, Recueil d'Observations de Zoologie et d'Anatomie Comparée, I, pg. 354; localidade típica: Brasil.
- Lagothrix humboldtii* E. GEOFFROY, 1812, Annales du Museum d'Hist. Nat. Paris, XIX, pg. 107; localidade típica: Rio Guaviare, Colômbia.
- Gastrimargus olivaceus* SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 39, pr. 28; localidade típica: Pará.
- Lagothrix capparo* LESSON, 1840, Species Mammifères Bimanes et Quadrumanes, pg. 125; localidade típica: rios Guaviare e Orenoco.
- Lagothrix tschudii* PUCHERAN, 1857, Revue et Magazine de Zoologie, série 2, vol. 9, pg. 296; localidade típica: Perú.
- Lagothrix geoffroyi* PUCHERAN, 1857, Revue et Magazine de Zoologie, série 2, vol. 9, pg. 297; localidade típica: Caiena, Guiana Francesa.

DISTRIBUIÇÃO: Sudeste da Colômbia; nordeste do Perú; Brasil: Amazonas (Alto Juruá; Rio Negro); Território do Guaporé (Calama, Rio Madeira; Rio Gi-Paraná).

Lagothrix lagotricha puruensis Lönnberg***Barrigudo***

- Lagothrix lagotricha puruensis* LÖNNBERG, 1940, Arkiv för Zoologi, Band 33a., no. 25, pg. 1; localidade típica: Redenção, margem direita do Rio Purús, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Redenção, lago Berurí, Arumá; Rio Purús).

Lagothrix ubericola Elliot***Barrigudo***

- Lagothrix ubericola* ELLIOT, 1909, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 4, pg. 246; localidade típica: Rio Juruá, Amazonas.
- Lagothrix pappigii* SCHINZ, 1844, Systematische Verzeichniss Säugethiere Mammal., I, pg. 72; localidade típica: região norte do Rio Marañon, Loreto, Perú.
- Lagothrix castelnaui* I. GEOFFROY et DEVILLE, 1848, Comptes Rendus Acad. Scienc. Paris, vol. 27, no. 20, pg. 498; localidade típica: Brasil e Perú.
- Lagothrix ubericola* ELLIOT, 1909, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 4, pg. 246; localidade típica: Rio Juruá, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Leste do Perú; Brasil: Amazonas (Igarapé Grande, Rio Juruá).

Lagothrix infumata (Spix)***Barrigudo pardo***

- Gastrimargus infumatus* SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 41, pr. 29; localidade típica: Rio Içá, alto Solimões, Brasil e Perú.
- Lagothrix infumata* SCHINZ, 1844, Systematische Verzeichniss Synop. Mammal., vol. I, pg. 71; localidade típica: desconhecida.

DISTRIBUIÇÃO: Leste do Perú e Equador; Brasil: Amazonas (Rio Juruá).

Lagothrix caroarensis Lönnberg***Barrigudo***

- Lagothrix caroarensis* LÖNNBERG, 1931, Arkiv för Zoologi, Band 22a., no. 2, pg. 1; localidade típica: Lago Caroaro, baixo Içá, fronteira do Amazonas com o Perú.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Subfamília CALLIMICONINAE

Gênero CALLIMICO Miranda Ribeiro

Callimico MIRANDA RIBEIRO, 1912, Brasilianische Rundschau, vol. 2, no. 1, pg. 21; genótipo: *Callimico snethlageri* MIRANDA RIBEIRO.

Callimico goeldii (Thomas)

Midas goeldii THOMAS, 1904, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 17, pg. 189; localidade típica: Rio Yaco, Território do Acre.

Callimico snethlageri MIRANDA RIBEIRO, 1912, Brasilische Rundschau, vol. 2, no. 1, pg. 21; localidade típica: Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Sudeste do Território do Acre; extremo sudeste do Amazonas (Cerro Azul, Contamana).

Família CALLITHRICHIDAE

Gênero CALLITHRIX Erxleben

Callithrix ERXLEBEN, 1777, Systema Regnum Animale; Mammalia, pg. 55; genótipo: *Simia jacchus* LINNAEUS.

Sagoinus KERR, 1792, Animal Kingdom, vol. I, Mammal., pg. 80; genótipo: *Simia jacchus* LINNAEUS.

Sagouin LACÉPÈDE, 1799, Tabl. des Divisions, Sousdivisions, Ordres et Genres des Mammifères, pg. 4; genótipo: *Sagouin jacchus* LINNAEUS.

Hapale ILLIGER, 1811, Prodr. Syst. Mammalium et Avium, pg. 71; genótipo: *Simia jacchus* LINNAEUS.

Jacchus I. GEOFFROY, 1812, Annales du Muséum d'Hist. Nat. Paris, 19, pg. 118; genótipo: *Jacchus vulgaris* I. GEOFFROY (= *Simia jacchus* LINNAEUS).

Mico LESSON, 1840, Species des Mammifères, pg. 184; genótipo: *Simia argentata* MÜLLER.

Micoella GRAY, 1870, Catalogue of Monkeys British Museum, pg. 130; genótipo: não designado.

Callithrix aurita aurita (E. Geoffroy)*Sauim, Saguí*

Jacchus auritus E. GEOFFROY, 1812, Annales du Muséum d'Hist. Nat. Paris, XIX, pg. 9; localidade típica: Brasil, restrita por Moojen, a Silveira Lobo, Minas Gerais. (1)

Hapale petronius MIRANDA RIBEIRO, 1924, Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, V, ano I, pg. 211; localidade típica: Silveira Lobo, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Sudeste de Minas Gerais, nas matas de pequena altitude e localidades baixas do Estado do Rio de Janeiro.

Callithrix aurita caelestis (Miranda Ribeiro)*Sauim, Saguí*

Hapale caelestis MIRANDA RIBEIRO, 1924, Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, V, pg. 211; localidade típica: Terezópolis, Estado do Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: Localidades de maior altura do Estado do Rio de Janeiro; Estado de São Paulo (Itatiba; Alto da Serra; Ubatuba).

Callithrix penicillata penicillata (E. Geoffroy)*Sauim, Saguí*

Jacchus penicillatus E. GEOFFROY, 1812, Annales du Muséum d'Hist. Naturelle de Paris, XIX, pg. 119; localidade típica: Brasil.

Jacchus trigonifer REICHENBACH, 1862, Vollstand. Naturg. Affen, pg. 4, fig. 10; localidade típica: desconhecida.

(1) Moojen, 1950, Revista Brasileira de Biologia, no. 10, vol. 4, pg. 501.

DISTRIBUIÇÃO: Leste da Bahia (Vila Nova; Itabuna; Ilhéus; Rio Jucurucú); leste de Minas Gerais e Espírito Santo.

***Callithrix penicillata jordani* (Thomas)**
Sauim, Sagui

Callithrix penicillata jordani THOMAS, 1904, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 14, pg. 188; localidade típica: Rio Jordão, Estado de Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Brasil central: Goiás (Goiânia; Catalão; Ipê Aracado; Canabrava; Jaraguá; Inhumas; Goiabeiras; Rio das Almas); Minas Gerais (Pirapora, Rio São Francisco); norte do Estado de São Paulo (Barretos, margens do Rio Grande).

***Callithrix jacchus* (Linnaeus)**
Sauim, Sagui

Simia jacchus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 27; localidade típica: "América", restrita por Thomas, 1911, a Pernambuco. (1)

Jacchus humeralifer E. GEOFFROY, 1811, Annales du Muséum de Paris, XIX, pg. 120; localidade típica: Brasil.

Jacchus vulgaris E. GEOFFROY, 1812, Annales du Muséum d'Hist. Nat. Paris, XIX, pg. 199; localidade típica: Brasil.

Jacchus albicollis SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 33, pl. XXV; localidade típica: Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Litoral norte do Brasil, desde o Maranhão até o Recôncavo da Bahia; Pernambuco (Tapera); Alagoas (São Miguel; Mangabeiras).

***Callithrix flaviceps* (Thomas)**
Sagui, Sauim

Hapale flaviceps THOMAS, 1903, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 12, pg. 240; localidade típica: Engenheiro Reeve, Espírito Santo.

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Rio de Janeiro (serra de Macaé); Espírito Santo.

***Callithrix leucocephala* (E. Geoffroy)**
Sauim caratinga

Jacchus leucocephalus E. GEOFFROY, 1812, Annales du Muséum de Paris, XIX, pg. 119; localidade típica: Brasil.

Jacchus maxmilianii REICHENBACH, 1862, Vollstand. Naturg. Affen, pg. 5, fig. 17; localidade típica: Espírito Santo.

DISTRIBUIÇÃO: Oeste de Minas Gerais (Teófilo Otoni; São José da Lagoa, Rio Doce); Espírito Santo (Colatina, Rio Doce).

***Callithrix emiliae* (Thomas)**
Sagui

Hapale emiliae THOMAS, 1920, Annals and Magazine of Natural History, série 9, vol. 6, pg. 269; localidade típica: Curuá, alto Rio Curuá, afl. da margem esquerda do Xingú, sudoeste do Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida unicamente de sua localidade típica.

(1) Proceed. Zoological Soc. of London, pg. 127.

Callithrix argentata argentata (Linnaeus)**Saui**

Simia argentata LINNAEUS, 1771, Mantissa, pt. 2, pg. 521; localidade típica: Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Pará (Cametá, Santarém, Rio Tocantins; Altamira, Rio Xingú; Marau, Uapoam, Aveiro; Caxiricatuba; Piquiatuba, Rio Tapajós).

Callithrix argentata melanura (E. Geoffroy)**Sagui**

Jacchus melanurus E. GEOFFROY, 1812, Annales du Muséum d'Hist. Nat. Paris, XIX, pg. 120; localidade típica: Cuiabá.

Jacchus leucomerus GRAY, 1846, Annals and Magazine, XVIII, pg. 212; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Oeste da Bolívia; Brasil: Mato Grosso (Corumbá, Guiabá, Rio Aricá; Urucum).

Callithrix santaremensis (Matschie)**Saguim**

Hapale santaremensis MATSCHIE, 1893, Sitz-Ber. Gesells. Naturf. Freunde Berlin, no. 9, pg. 27; localidade típica: Santarém, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Pará (Boim, Paricatuba, Vila Braga, Iroçanga, Itaituba, Rio Tapajós).

Callithrix chrysoleucos (Wagner)**Saguim**

Hapale chrysoleucos WAGNER, 1842, Wiegmann's Archiv für Naturgeschichte Jahrg. 8, vol. 1, pg. 357; localidade típica: Borba, Rio Madeira, Amazonas.

Mico sericeus GRAY, 1868, Proceed. Zool. Soc. London, no. 16, pg. 257, pg. 24; localidade típica: América do Sul.

Mico leucippe THOMAS, 1922, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 8, pg. 199; localidade típica: Pimentel, Rio Tapajós, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Iago Batista; baixo Madeira); Pará (Monte Cristo, Santarém, Rio Tapajós).

Gênero MARIKINA Lesson

Marikina LESSON, 1840, Species des Mammifères Bimanes et Quadrumanes, Paris, pg. 199; genótipo: *Marikina bicolor* LESSON.

Oedipus LESSON, 1840, Species des Mammifères Bimanes et Quadrumanes, Paris, pg. 184; zenótipo: *Oedipus titi* LESSON.

Oedipomidas REICHENBACH, 1862, Die Vollständigste Naturgesch. der Affen, pg. 5; genótipo: *Simia oedipus* LINNAEUS.

Hapanelia GRAY, 1870, Catalogue of Monkeys, Lemurs and Fruit eating Bats, pg. 65; genótipo: *Oedipus geoffroyi* PUCHERAN.

Seniocebus GRAY, 1870, Catalogue of Monkeys, Lemurs and Fruit eating Bats, pg. 65; genótipo: *Midas bicolor* SPIX.

Subgênero Marikina Lesson**Marikina (Marikina) bicolor (Spix)****Sagui, Sauim, Saim**

Midas bicolor SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 30, pl. 24, fig. 1; localidade típica: Manaus, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (margem oriental do Rio Negro).

Marikina (Marikina) martinsii (Thomas)*Sagui, Saim, Soim*

Leontocebus martinsii THOMAS, 1912, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 9, pg. 85; localidade típica: Faro, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Pará (baixo Rio Amazonas, entre os rios Iamundá e Erepecurú).

Subgênero **Tamarin** Gray

Tamarin GRAY, 1870, Catalogue of Monkeys, Lemurs and Fruit eating Bats, pg. 68 (subgênero de *Midas*); genótipo: *Midas ursulus* GEOFFROY.

Cercopithecus GRONOV, 1763, Zoophylaxium Gronovianum, fasc. I, pg. 5; genótipo: *Simia midas* LINNAEUS (Nome genérico eliminado de consideração por suspensão de regras, conforme decisão da Comissão de Nomenclatura Zoológica, opinião 89).

Midas HUMBOLDT, 1812, Recueil d'Observations de Zoologie et d'Anatomie Comparée, pg. 361; genótipo: *Simia midas* LINNAEUS (pré-ocupado por *Midas* de LATREILLE, 1796, gênero de Diptera).

Mystax GRAY, 1870, Catalogue of Monkeys, Lemurs and Fruit eating Bats; pg. 66 (subgênero de *Midas*); genótipo: *Mystax mystax* SPIX (pré-ocupado por Stephens, 1829, gênero de Trichoptera).

Tamarinus TROUESSART, 1904, Catalogue Mammalium, Supplementum, pg. 29; genótipo: *Midas mystax* SPIX.

Marikina (Tamarin) midas midas (Linnaeus)*Sagui, Sauim*

Simia midas LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 28; localidade típica: não declarada. Índias Ocidentais, determinado por Thomas, 1911. (1)

Simia lacepedii FISCHER, 1806, Bull. Soc. Imp. Nat. Moscow, pg. 23; localidade típica: desconhecida.

Midas rufimanus E. GEOFFROY, 1812, Annales du Muséum d'Hist. Nat. Paris, XIX, pg. 121; localidade típica: Guiana Francesa.

Leontocebus midas egens THOMAS, 1912, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 10, pg. 44; localidade típica: Óbidos, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Itacoatiara; lago Canaçari); Pará (Óbidos; Macapá, Monte Alegre, Rio Jarí; ilha de Marajó).

Marikina (Tamarin) midas inustus (Schwarz)

Leontocebus midas inustus ERNST SCHWARZ, 1951, American Museum Novitates, no. 1508, pg. 1; localidade típica: Tabocal, entre os rios Jupará e Negro, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Marikina (Tamarin) tamarin tamarin (Link)*Sagui, Souim*

Cebus tamarin LINK, 1795, Beiträge zur Naturgesch., pt. 2, pg. 63; localidade típica: desconhecida.

Sanguinus ursulus HOFFMANNSEGG, 1807, Mag. Gesellsch. Naturforsch. Freunde, Berlin, vol. I, pg. 102; localidade típica: embocadura do Tocantins, Pará.

Jacchus tamarin WALLACE, 1854, Annals and Magazine of Natural History, ser. 2, vol. 14, pg. 84; localidade típica: Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Pará (Belém; Peixe-boi, Conceição, Rio Tocantins).

(1) Proceed. Zool. Soc. London, 1911, no. 9, pg. 128.

Marikina (Tamarin) tamarin umbratus (Thomas)*Sagui, Saguim*

Mystax ursulus umbratus THOMAS, 1922, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 9, pg. 265. localidade típica: Cameté, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Pará (margem esquerda do Rio Tocantins).

Marikina (Tamarin) melanoleuca (Miranda Ribeiro)*Sagui branco*

Mico melanoleucus MIRANDA RIBEIRO, 1912, Brasilianische Rundschau, vol. 2, no. 1, pg. 22; localidade típica não mencionada (provavelmente Amazonas). (1)

Leontoebus hololeucus OLIVÉRIO PINTO, 1937, Boletim Biológico, vol. 2, no. 5, pg. 22; localidade típica: Santo Antônio, Rio Eirú, afluente do Juruá, Amazonas.

Callithrix melanoleuca ELÁDIO LIMA, 1944, Mamíferos do Brasil, vol. I, Primatas, pg. 248.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Santa Cruz, Santo Antônio, Igarapé Grande, Rio Juruá).

Mirikina (Tamarin) imperator imperator (Goeldi)*Sagui de bigode*

Midas imperator GOELDI, 1907, Proceed. Zool. Soc. London, pt. 1, no. 6, pg. 93, fig. 23; localidade típica: rios Acre e alto Purús, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Bolívia (região limítrofe com o Brasil); Brasil: Amazonas (rios Acre e Purús).

Marikina (Tamarin) imperator subgriseus (Lönningberg)*Sagui de bigode*

Mystax imperator subgriseus LÖNNBERG, 1940, Arkiv för Zoologi, Band 32a., no. 10, pl. 9; localidade típica: Santo Antônio, Rio Juruá, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Santa Cruz, Santo Antônio; alto Juruá).

Marikina (Tamarin) pluto (Lönningberg)*Sagui*

Mystax pluto LÖNNBERG, 1926, Arkiv för Zoologi, vol. 18b., no. 9, pg. 1; localidade típica: Lago Aiapuá, Rio Purus, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Jaburú, alto Purús).

Marikina (Tamarin) pileata pileata (I. Geoffroy)*Sagui*

Midas pileatus I. GEOFFROY et DEVILLE, 1848, Comptes Rendus Acad. Sc. Paris, vol. 27, no. 20, pg. 499; localidade típica: Rio Javari, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Perú, (fronteira com o Brasil); Amazonas (Rio Javari).

Marikina (Tamarin) pileata juruana (H. Ihering)*Sagui*

Midas pileatus juruanus H. IHERING, 1904, Revista do Museu Paulista, tomo VI, pg. 416; localidade típica: Rio Juruá.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (João Pessoa, alto Rio Juruá).

(1) Eladio Lima, 1944, Mamíferos da Amazônia, v. I, Primatas, pg. 248.

Marikina (Tamarin) nigricollis (Spix)**Sagui**

- Midas nigricollis* SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 28, pr. 21; localidade típica: São Paulo de Olivença, Rio Solimões, Amazonas.
- Midas rufoniger* I. GEOFFROY et DEVILLE, 1848, Comptes Rendus Acad. Sc. Paris, vol. 27, no. 20, pg. 499; localidade típica: Pebas, Rio Marañon, Perú.
- Hapale devilli* I. GEOFFROY, 1850, Comptes Rendus Acad. Sc. Paris, vol. 31, no. 27, pg. 875; localidade típica: Brasil.
- Midas leucogenys* GRAY, 1866, Proceed. Zool. Soc. London, no. 77, pg. 735; localidade típica: Brasil.
- Leontocebus purillus* THOMAS, 1914, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 3, pg. 317; localidade típica: Rio Xapuri, Acre.

DISTRIBUIÇÃO: Perú; Amazonas (região fronteira ao Perú); Território do Acre (Rio Xapuri).

Marikina (Tamarin) mystax (Spix)**Sagui de bigode branco**

- Midas mystax* SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 29, pr. 22; localidade típica: São Paulo de Olivença, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Leste do Perú; Brasil: Amazonas (Rio Purús; João Pessoa, Igarapé Grande, Rio Juruá).

Marikina (Tamarin) labiata (E. Geoffroy)**Sagui de bigode branco**

- Midas labiatus* E. GEOFFROY, 1812, Annales Muséum d'Hist. Nat. Paris, vol. 19, pg. 121; localidade típica: Brasil.
- Midas elegantulus* SLACK, 1861, Proceed. Acad. Nat. Sc. Philadelphia, vol. 13, pg. 463; localidade típica: Amazonas.
- Midas erythrogaster* REICHENBACH, 1862, Vollstand. Naturgesch. Affen, pg. 14, pr. 29; localidade típica: Brasil.
- Midas thomasi* GOELDI, 1907, Proceed. Zool. Soc. London, vol. 1, no. 6, pg. '89; localidade típica: Rio Tonantins, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Perú; Brasil: Amazonas (Rio Solimões, Rio Javari); Território do Acre (Rio Acre).

Marikina (Tamarin) labiata griseovortex (Goeldi)**Saguim**

- Midas griseovortex* GOELDI, 1907, Proceed. Zool. Soc. London, pt. 1, no. 6, pg. 92, fig. 22; localidade típica: rios Purus e Acre, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Rio Purús); Território do Acre (Iquiri).

Marikina (Tamarin) fuscicollis (Spix)**Sagui**

- Mystax fuscicollis* SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 27, pr. 20; localidade típica: região entre o Rio Içá e o Rio Solimões, Amazonas.
- Midas flavifrons* I. GEOFFROY et DEVILLE, 1848, Comptes Rendus Acad. Sc. Paris, vol. 27, no. 20, pg. 499; localidade típica: Pebas, Rio Marañon, Perú.
- Midas nigrifrons* I. GEOFFROY, 1850, Comptes Rendus Acad. Sc. Paris, XXXI, pg. 875; localidade típica: desconhecida.
- Midas nigrifrons pebilis* THOMAS, 1928, Annals and Magazine of Natural History, ser. 10, vol. 2, pg. 286; localidade típica: Perú.

DISTRIBUIÇÃO: Leste do Perú; Brasil: Amazonas (Rio Javari; João Pessoa, Rio Juruá; Rio Purús).

Marikina (Tamarin) weddelli purillus (Thomas)**Saguim**

Leontocebus purillus THOMAS, 1913, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 13, pg. 347; localidade típica: Rio Xapuri, Território do Acre.

Mystax imberbis LÖNNBERG, 1940, Arkiv för Zoologi, Band 32a., pg. 11; localidade típica: Vitória, Bolívia.

DISTRIBUIÇÃO: Norte da Bolívia; Brasil: Território do Acre (Iquiri).

Gênero **LEONTOCEBUS** Wagner

Leontocebus WAGNER, 1839, Die Säugethiere in Abbildungen nach der Natur. Supplem., vol. I, Uebersicht., pp. IX; genótipo: *Midas leoninus* GEOFFROY = *Simia rosalia* LINNAEUS.

Leontopithecus LESSON, 1840, Species des Mammifères, Bimanes et Quadrumanes, pg. 184 (subgênero de *Midas*); genótipo: *Simia leonina* HUMBOLDT = *Simia rosalia* LINNAEUS.

Leontocebus chrysomelas (Kuhl)**Sauim-una**

Midas chrysomelas KUHLE, 1920, Beiträge zur Zoologie und Vergleichenden Anatomie, pg. 51. localidade típica: Ilheus, Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Sul da Bahia (Ilheus; Rio Pardo; Rio Gongogi).

Leontocebus rosalia (Linnaeus)**Sauim-piranga, Mico-leão**

Simia rosalia LINNAEUS, 1776, Systema Naturae, 12a. ed., pg. 41; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Litoral sudeste do Brasil, do Estado do Espírito Santo ao Estado do Rio de Janeiro.

Leontocebus chrysopygus (Wagner)**Saguí, Sauim**

Hapale chrysopygus WAGNER, 1840, Schreber's Säugethiere, Supplem., I, pg. 245; localidade típica: Ipanema, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Estado de São Paulo (Ipanema, Botucatu, Baurú).

Gênero **CEBUELLA** Gray

Cebuella GRAY, 1866, Proceed. Zool. Soc. London, no. 47, pg. 734. genótipo: *Hapale pygmaea* (Spix).

Cebuella pygmaea pygmaea (Spix)**Saguí leãozinho**

Iacchus pygmaeus SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, pg. 24, pr. 32, fig. 2; localidade típica: Tabatinga, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Leste do Perú; Brasil: Amazonas (Rio Solimões; João Pessoa, Rio Juruá).

Cebuella pygmaea niveiventris Lönnberg**Saguí leãozinho**

Cebuella pygmaea niveiventris LÖNNBERG, 1940, Arkiv för Zoologi, vol. 32a, no. 10, pg. 21; localidade típica: lago Ipexuna, Rio Solimões, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida até agora unicamente de sua localidade típica.

Ordem EDENTATA

Subordem XENARTHRA

Infraordem PILOSA

Superfamília MYRMECOPHAGOIDEA

Família MYRMECOPHAGIDAE

Gênero MYRMECOPHAGA Linnaeus

Myrmecophaga LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 35; genótipo: *Myrmecophaga tridactyla* LINNAEUS.

Myrmecophaga tridactyla tridactyla Linnaeus*Tamanduá bandeira, Tamanduá açú, Tamanduá cavalo*

Myrmecophaga tridactyla LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., pg. 35; localidade típica: Pernambuco. (1)

Myrmecophaga jubata LINNAEUS, 1766, Systema Naturae, 12a. ed., I, pg. 52; localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Regiões tropicais e subtropicais da América do Sul, do leste da Colômbia até o norte da Argentina (Salta; Misiones) e norte do Rio Grande do Sul Serra dos Taipés). (2)

Gênero TAMANDUA Frisch

Tamandua FRISCH, 1775, Natur. System. Vierfuss. Thiere in Tabl., pl. V; genótipo: *Myrmecophaga tridactyla* LINNAEUS.

Tamanduas CUVIER, 1829, Dict. Sciences Naturelles, vol. LIX, pg. 501; genótipo: *Tamandua tetradactyla* LINNAEUS.

Uropletes WAGLER, 1930, Nat. Syst. Amph., pg. 36; genótipo: *Tamandua tetradactyla* LINNAEUS.

Dryoryx GLOGER, 1841, Hand.-u. Hilfsbuch Naturgesch., I, pg. 112; genótipo: *Tamandua tetradactyla* LINNAEUS.

Tamandua tetradactyla tetradactyla (Linnaeus)*Tamanduá colete, Tamanduá mirim, Jaleco, Melete*

Myrmecophaga tetradactyla LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., pg. 35; localidade típica: América do Sul (= Guianas). (3)

Myrmecophaga bivittata DESMAREST, 1817, Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle, vol. XII, pg. 107; localidade típica: América do Sul.

Tamandua bivittata opisthomelas GRAY, 1873, Hand list of Edentata, pg. 27; localidade típica: Brasil.

Myrmecophaga bivittata straminea COPE, 1889, American Naturalist, vol. 13, pg. 132; localidade típica: incerta.

DISTRIBUIÇÃO: Guiana Francesa; Brasil: Pará (Óbidos, Cameté); Maranhã (Primeira Cruz); nordeste do Brasil meridional até o estado de Santa Catarina.

Tamandua tetradactyla chapadensis J. A. Allen*Tamanduá colete; Tamanduá mirim*

Tamandua tetradactyla chapadensis J. A. ALLEN, 1904, Bull. Amer. Mus. Nat. History, vol. 20, pg. 392; localidade típica: Chapada, Mato Grosso.

(1) Seleccionada por Thomas, 1912, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 132.

(2) Cf. H. Ihering, 1927, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, im Revista do Museu e Arquivo Público do Rio Grande do Sul, no. 19, pg. 52.

(3) Seleccionada por Tate, 1939, Bull. Amer. Mus. Nat. History, vol. LXXVI, pg. 171.

DISTRIBUIÇÃO: Bolívia; Brasil central: norte de Mato Grosso (Chapada; Rio Aricá); Goiás.

Tamandua tetradactyla longicaudata (Wagner)

Tamanduá mirim

Myrmecophaga longicaudata WAGNER, 1844, Schreber's Säugethiere, Suppl., IV, pg. 211; localidade típica: Rio Solimões, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Venezuela; Guiana Inglesa; Brasil: Amazonas (Lago do Batista; Rio Solimões; João Pessoa, Igarapé Grande; Santa Cruz; Rio Juruá); Território do Acre (Iquirí).

Tamandua tetradactyla kriegi Krumbiegel

Tamanduá mirim

Tamandua kriegi KRUMBIEGEL, 1940, Zoological Anzeiger, Band 101, pg. 161; localidade típica: Paraguai.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai; norte da Argentina; Rio Grande do Sul.

Gênero **CYCLOPES** Gray

Cyclopes GRAY, 1821, London Medical Repository, VX, pg. 305; genótipo: *Myrmecophaga didactyla* LINNAEUS.

Cyclothurus LESSON, 1842, Nouveau Tableau Règne Animal, pg. 152; genótipo: *Myrmecophaga didactyla* LINNAEUS.

Cyclopes didactylus didactylus (Linnaeus)

Tamanduá-i

Myrmecophaga didactyla LINNAEUS, 1766, Systema Naturae, 12a. ed., pg. 61; localidade típica: Surinam.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas; Brasil: Pará (Santarém; Caxiricatuba, Rio Tapajós; Cametá, Rio Tocantins); Maranhão (Miritiba); Alagoas (Mangabeiras).

Cyclopes didactylus codajazensis Lönnberg

Tamanduá-i

Cyclopes didactylus codajazensis LÖNNBERG, 1943, Arkiv för Zoologi, Band 34a., no. 9, pg. 46; localidade típica: Codajás, Rio Solimões.

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Amazonas (Itacoatiara, Manacapuru, Codajás).

Cyclopes didactylus juruanus Lönnberg

Tamanduá-i

Cyclopes juruanus LÖNNBERG, 1943, Arkiv för Zoologi, Band 34a., no. 9; pg. 47; localidade típica: João Pessoa, Rio Juruá, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (alto Juruá, Santo Antônio, Rio Eirú; João Pessoa).

Superfamília **BRADYPODOIDEA**

Família **BRADYPODIDAE**

Gênero **CHOLOEPUS** Illiger

Choloepus ILLIGER, 1811, Prodrromus Systematis Mammalium et Avium, Berlin, pg. 108; genótipo: *Bradypus tridactylus* LINNAEUS.

Choloepus didactylus didactylus (Linnaeus)*Aí, Preguiça real*

Bradypus didactylus LINNAEUS, 1758, System Naturae, 10a. ed., pg. 35; localidade típica: Surinam. (1)

Choloepus brasiliensis FITZINGER, 1817, Sitz. K. Akad. Wissenschaft Wien, vol. 63, pg. 403; localidade típica: Rio Xié, Estado do Amazonas, fronteira com a Colômbia.

DISTRIBUIÇÃO: Leste da Venezuela e Colômbia; Guianas; Brasil: Amazonas (Itacoatiara); Pará (Cametá, Igarapé Grande); Maranhão (Miritiba).

Choloepus didactylus juruanus Lönnberg*Aí, Preguiça real*

Choloepus juruanus LÖNNBERG, 1942, Arkiv för Zoologi, Band 34a., pg. 29; localidade típica: Santo Antônio, Rio Eirú, afluente do Juruá, Estado do Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Amazonas (Alto Juruá: João Pessoa, Santa Cruz, Igarapé Grande).

Gênero **BRADYPUS** Linnaeus

Bradypus LINNAEUS, 1758, System Naturae, 10a. ed., pg. 34; genótipo: *Bradypus tridactylus* LINNAEUS.

Arctopithecus GRAY, 1849, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 69 (em parte); genótipo: não designado.

Scaepus PETERS, 1865, Monatsb. K. Preuss. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 678 (em parte); genótipo: *Bradypus torquatus* ILLIGER.

Bradypus tridactylus tridactylus Linnaeus*Aí, Preguiça, Preguiça de bентinho*

Bradypus tridactylus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., pg. 34; localidade típica: América do Sul, restrita por Thomas à Guiana Inglesa. (1)

Arctopithecus marmoratus GRAY, 1849, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 71; localidade típica: Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas; leste do Amazonas; Pará, norte e nordeste do Brasil.

Bradypus tridactylus brasiliensis Blainville*Aí, Preguiça, Preguiça de bентinho*

Bradypus brasiliensis BLAINVILLE, 1839, Osteographie, Brad., r. 2 e 3; localidade típica: Rio de Janeiro. (2)

Bradypus pallidus WAGNER, 1844, Schreber's Säugethiere, pg. 97; localidade típica: Ipanema, São Paulo.

Arctopithecus blainvillii GRAY, 1849, Proceed. Zool. Soc. London, t. 11, pg. 71; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Brasil meridional, do sul de Minas e Espírito Santo ao norte de Santa Catarina.

Bradypus tridactylus infuscatus Wagler*Aí, Preguiça*

Bradypus infuscatus WAGLER, 1851, Isis, Heft 6, pg. 610; localidade típica: Amazonas, perto da fronteira peruana.

(1) Fixada por Thomas, 1911, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 132.

(2) Fixada por Thomas, 1917, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 352.

Bradypus brachydactylus WAGNER, 1844, Schreber's Säugethiere, Suppl. IV, pg. 149; localidade típica: Borba, Rio Madeira, Amazonas.

Bradypus problematicus GRAY, 1849, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 73; localidade típica: Pará.

Bradypus unicolor FITZINGER, 1871, S. B. Akad. Wien, pg. 25; localidade típica: Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Oeste do Estado do Amazonas (Santa Cruz, Rio Eirú; João Pessoa, rio Juruá).

***Bradypus tridactylus miritibae* Lönnberg**

Aí, Preguiça

Bradypus miritibae LÖNNBERG, 1943, Arkiv för Zoologi, Band 34a., pg. 34; localidade típica: Miritiba, Maranhão.

DISTRIBUIÇÃO: Nordeste do Brasil.

***Bradypus tridactylus tocantinus* Lönnberg**

Aí, Preguiça da beira

Bradypus tocantinus LÖNNBERG, 1942, Arkiv för Zoologi, Band 34a., no. 9, pg. 5; localidade típica: Cametá, Rio Tocantins, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida unicamente de sua localidade típica.

***Bradypus torquatus* (Illiger)**

Aí pixuna, Preguiça de coleira

Bradypus torquatus ILLIGER, 1811, Prodrum Syst. Mammalium et Avium, pg. 110; localidade típica: Brasil.

Bradypus crinitus GRAY, 1849, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 67; localidade típica: Brasil.

Bradypus affinis GRAY, 1851, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 208; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Bahia (Itabuna); Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Infraordem CINGULATA

Superfamília DASYPODOIDEA

Família DASYPODIDAE

Subfamília DASYPODINAE

Gênero PRIODONTES Cuvier

Priodontes CUVIER, 1822, Histoire Naturelle des Mammifères, IV, tomo XXVIII, pg. 2; genótipo: *Priodontes giganteus* (E. Geoffroy).

Cheloniscus WAGNER, 1830, Nat. Syst. Amph., pg. 35; genótipo: *Dasybus gigas* CUVIER.

Prinodon GRAY, 1843, List. Spec. Mamm. British Museum, pg. 27; genótipo: *Prinodon giganteus* (E. Geoffroy).

***Priodontes giganteus* (E. Geoffroy)**

Tatu canastra, Tatuçu

Dasybus giganteus E. GEOFFROY, 1803, Catalogue du Muséum de Paris, pg. 107; localidade típica: América do Sul (provavelmente Guiana Francesa).

Dasybus gigas CUVIER, 1822, Oss. Foss., vol. V, pg. 128; localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas; Brasil; Bolívia; Paraguai, até o norte da Argentina.

Gênero CABASSOUS Mac Murtrie

Cabassous MAC MURTRIE, 1831, Cuvier's Animal Kingdom, vol. I, pg. 164; genótipo: *Dasybus uncinatus* LINNAEUS.

Xenurus WAGLER, 1830, Nat. Syst. Amph., pg. 36; genótipo: *Dasypus unicinctus* LINNAEUS (pré-ocupado por *Xenurus* de Boie, gênero de Ave).

Lysiurus AMEGHINO, 1891, Revista Argentina de Historia Natural, vol. I, pg. 254; genótipo: *Dasypus unicinctus* LINNAEUS.

Cabassous unicinctus (Linnaeus)

Tatu atã, Tatu peba, Tatu xima, Tatu de rabo mole, Papa defunto, Cabassú

Dasypus unicinctus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., no. 56; localidade típica: Brasil.

Dasypus undeminctus ILLIGER, 1819, Ueb. Säugeth., pg. 70. localidade típica; não designada.

Xenurus gymnurus WAGLER, 1830, Nat. Syst. Amph., pg. 36; localidade típica: não designada.

Dasypus 12 cinctus SCHREBER, 1854, Säugethiere, II, pg. 225; localidade típica: não designada.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas; Bolívia; Paraguai; Brasil; norte da Argentina.

Cabassous loricatus (Pelzeln)

Tatu de rabo mole

Xenurus loricatus PELZELN, 1883, Verhandl. Zool. Bot. Gesell. Wien, pg. 102; localidade típica: Cabeça de Boi, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai; norte da Argentina; Brasil central: Mato Grosso (Aricá; São Domingos, Rio das Mortes).

Cabassous hispidus (Burmeister)

Tatu de rabo mole

Dasypus hispidus BURMEISTER, 1854, Thiere Brasiliens, pg. 287; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Sudeste do Brasil.

Cabassous lugubris (Gray)

Tatu de rabo mole

Xenurus lugubris GRAY, 1873, Hand-list of Edentata, pg. 23; localidade típica: Colômbia.

DISTRIBUIÇÃO: Sudeste da Colômbia; Guianas; Brasil: Amazonas.

Gênero **EUPHRACTUS** Wagler

Euphractus WAGLER, 1830, Nat. Syst. Amph., pg. 36; genótipo: *Dasypus sexcinctus* LINNAEUS.

Euphractus sexcinctus sexcinctus (Linnaeus)

Tatu peba, Tatupoitú, Tatu peludo

Dasypus sexcinctus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., pg. 154; localidade típica: Pará. (1)

DISTRIBUIÇÃO: Guianas, Amazonas e Pará.

(1) Seleccionada por Thomas, 1907, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7; vol. 20; pg. 165.

Euphractus sexcinctus flavimanus (Desmarest)

Tatu peludo, Tatu aiva, Tatu de mão amarela, Tatu milheiro, Papa-defunto, Tatu cascudo

Loricatus flavimanus DESMAREST, 1804, Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle, vol. XXIV, pg. 28; localidade típica: Paraguai.

Dasypus gilvipes ILLIGER, 1811, Abhandl. Akad. Berlin, pg. 215; localidade típica: Paraguai.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai; Mato Grosso (Chapada, Corumbá, Arica); Goiás (Ipê Arcado); São Paulo (Franca, Avanhanda, Cajurú, Itatinga); Paraná; Santa Catarina; Rio Grande do Sul (São Lourenço); norte da Argentina; Uruguai.

Euphractus sexcinctus setosus (Wied)

Tatu peba, Tatu peludo

Dasypus setosus WIED, 1826, Beiträge zur Naturg. Brasil., II, pg. 520; localidade típica: Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Nordeste; Bahia (Vila Nova, Barra); Minas Gerais (Pirapora).

Gênero TOLYPEUTES Illiger

Tolypeutes ILLIGER, 1811, Prodr. Syst. Mammal. et Avium, pg. 111; genótipo: *Dasypus tricinctus* GMELIN.

Apara (subgênero de *Dasypus*) MAC MURTRIE, 1831, Animal Kingdom, I, Mammif., pg. 163; genótipo: *Dasypus tricinctus* LINNAEUS.

Sphaerocormus FITZINGER, 1871, Sitzungsber. Math. Nat. K. Akad. Wiss. Wien, LXIV, pt. I, pg. 376; genótipo: *Tolypeutes conurus* I. GEOFFROY.

Tolypeutes matacos Desmarest

Tatu apara, Tatu bola, Mataco

Tolypeutes matacos DESMAREST, 1804, Nouveau Dictionnaire d'Hist. Naturelle, vol. XXIV, Tabl. Method., pg. 28; localidade típica: Tucuman, Argentina.

Dasypus conurus I. GEOFFROY, 1847, Comptes Rendus Acad. Sc. Paris, vol. XXIV, pg. 575; localidade típica: Bolívia.

DISTRIBUIÇÃO: Bolívia; Paraguai; norte da Argentina; Brasil: sul de Mato Grosso.

Tolypeutes tricinctus tricinctus (Linnaeus)

Tatu bola; Tatu apara

Dasypus tricinctus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., pg. 51; localidade típica: Pernambuco. (1).

Dasypus quadricinctus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., pg. 51; localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Nordeste do Brasil; Brasil Central.

Gênero DASYPUS Linnaeus

Dasypus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., pg. 50. genótipo: *Dasypus novemcinctus* LINNAEUS.

Tatu FRISCH, 1775, Nat. Syst. Vierf. Thier., in Tab., tab. 5.

Tatusia LESSON, 1827, Man. Mamm., pg. 309.

Praopus (subgênero de *Dasypus*) BURMEISTER, 1854, Syst. Übers. Thiere Brasiliens, vol. I, pg. 295; genótipo: *Dasypus longicaudatus* WIED.

(1) Fixada por Sanborn, 1931, Journal of Mammalogy, pg. 66.

Muletia GRAY, 1874, *Proceed. Zool. Soc. London*, pg. 244; genótipo: *Dasypus septemcinctus* LINNAEUS.

***Dasypus novemcinctus novemcinctus* Linnaeus.**

Tatu galinha, Tatu verdadeiro, Tatu de folha, Tatu veado, Tatuetê

Dasypus novemcinctus LINNAEUS, 1758, *Systema Naturae*, 10a. ed., pg. 51; localidade típica: América do Sul.

Dasypus longicaudatus WIED, 1826, *Beitr. zur Naturgesch. Brasilien*, vol. II, pg. 331; localidade típica: Bahia.

Dasypus peba DESMAREST, 1820, *Mammalogie*, pg. 32; localidade típica: não designada.

Dasypus novemcinctus mexianae HAGMANN, 1908, *Archiv Rossenbiol. München*, V, pg. 29; localidade típica: Ilhas Mexianas.

DISTRIBUIÇÃO: Venezuela; Guianas; Bolívia; Paraguai; Brasil; norte da Argentina; Uruguai.

***Dasypus septemcinctus* Linnaeus**

Tatuetê, Mulita, Tatu galinha

Dasypus septemcinctus LINNAEUS, 1758, *Systema Naturae*, 10a. ed., vol. I, pg. 51; localidade típica: América Meridional.

Dasypus hybridus DESMAREST, 1804, *Nouveau Dictionnaire d'Hist. Naturelle*, vol. XXVI, pg. 28; localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Mato Grosso (Chapada; São Domingos, Rio das Mortes); Minas Gerais; São Paulo até o Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina.

Gênero SCLEROPLEURA Milne Edwards (1)

Scleropleura MILNE EDWARDS, 1871, *Nouvelles Archives du Muséum de Paris*, VII, 4, fasc., pg. 147; genótipo: *Scleropleura bruneti* MILNE EDWARDS.

***Scleropleura bruneti* Milne Edwards**

Scleropleura bruneti MILNE EDWARDS, 1872, *Annales des Sciences Naturelles*, 5 ser., *Zoologie*, tome XVI, pg. 8; localidade típica: Santo Antônio, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecido unicamente o exemplar típico.

C o h o r t e G L I R E S

Ordem LAGOMORPHA

Família LEPORIDAE

Gênero SYLVILAGUS Gray

Sylvilagus GRAY, 1887, *Annals and Magazine of Natural History*, serie III, vol. 20, pg. 221; genótipo: *Lepus sylvaticus* BUCHANAN.

***Sylvilagus brasiliensis brasiliensis* (Linnaeus)**

Tapeti, Candimba, Lebre, Coelho

Lepus brasiliensis LINNAEUS, 1758, *Systema Naturae*, 10a. ed., I, pg. 58; localidade típica: Pernambuco. (2)

(1) Este gênero é duvidoso. O tipo parece ser um exemplar taratológico de *Euphractus*. Cf. Simpson, 1945, *Bull. Amer. Mus. Nat. History*, vol. 85, pg. 72.

(2) Fixada por Thomas, 1911, *Proceed. Zool. Soc. London*, pg. 146.

Lepus tapeti PALLAS, 1778, *Novae Species Quadrupedum et Glirina Ordine*, pg. 30; localidade típica: Brasil.

Lepus nigricaudatus LESSON, 1842, *Nouveau Tableau du Règne Animal, Mammifères*, pg. 100; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Norte e nordeste do Brasil.

***Sylvilagus brasiliensis minensis* Thomas**

Tapeti, Cândia, Lebre, Coelho

Sylvilagus minensis THOMAS, 1901, *Annals and Magazine of Natural History*, ser. 7, vol. 8, pg. 534; localidade típica: Araguari, Rio Jordão, sudeste de Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Goiás (Rio das Almas, Cana Brava; Barro Alto; São Domingos); Minas Gerais; Espírito Santo (rios São José e Susui, afluentes do Rio Doce).

***Sylvilagus brasiliensis paraguensis* Thomas**

Tapeti, Lebre

Sylvilagus paraguensis THOMAS, 1901, *Annals and Magazine of Natural History*, ser. 7, vol. 8, pg. 539; localidade típica: Sapucaí, Paraguai.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai, Bolívia; Brasil: Mato Grosso (Miranda; Chapada; Chavantina); norte da Argentina (Corrientes; Misiones).

***Sylvilagus brasiliensis tapetillus* Thomas**

Tapeti, Candimba, Lebre

Sylvilagus tapetillus THOMAS, 1901, *Annals and Magazine of Natural History*, ser. 7, vol. 8, pg. 535; localidade típica: Porto Real, perto de Rezende, Estado do Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: Sudeste do Brasil: estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Ordem RODENTIA

Subordem SCIUROMORPHA

Família SCIURIDAE

Gênero SCIURUS Linnaeus

Sciurus LINNAEUS, 1758, *Systema Naturae*, 10a. ed., pg. 63; genótipo: *Sciurus vulgaris* LINNAEUS.

Subgênero Guerlinguetus Gray

Guerlinguetus GRAY, 1821, *London Medical Repository*, XV, pg. 394; genótipo: *Microxus guerlingus* SHAW (= *Sciurus aestuans* LINNAEUS).

***Sciurus (Guerlinguetus) ingrami ingrami* (Thomas)**

Serelepe, Caxinguelê, Caxixe, Caxinguengue, Caticoco

Guerlinguetus ingrami THOMAS, 1901, *Annals and Magazine Nat. History*, ser. 7, vol. 3, pg. 368; localidade típica: Túnel, sul de Minas Gerais.

Sciurus aestuans WIED (não de Linnaeus), 1826, *Beiträge Naturg. Brasilien*, II, pg. 431; localidade típica: Sudeste do Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Do sul do Estado da Bahia até o norte do Estado do Paraná.

Sciurus (Guerlinguetus) ingrami henseli (Miranda Ribeiro)*Serelepe, Coaticoco*

Guerlinguetus ingrami henseli MIRANDA RIBEIRO, 1941, "O Campo", Rio de Janeiro, no. 139, pg. 10; localidade típica: Porto Feliz, Rio Uruguai, Santa Catarina.

DISTRIBUIÇÃO: Do sul do Estado do Paraná ao Estado do Rio Grande do Sul.

Sciurus (Guerlinguetus) garbei (Oliveira Pinto)*Caxinguelê*

Guerlinguetus aestuans garbei OLIVEIRA PINTO, 1931, Revista do Museu Paulista, vol. 17, pg. 294; localidade típica: Vila Colatina, Espírito Santo.

DISTRIBUIÇÃO: Espírito Santo e Bahia.

Sciurus (Guerlinguetus) alphonsei Thomas*Caxinguelê*

Sciurus alphonsei THOMAS, 1906, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 18, pg. 442; localidade típica: Pernambuco.

DISTRIBUIÇÃO: região costeira do Nordeste até o Espírito Santo.

Sciurus (Guerlinguetus) rufus (Moojen)*Coatipuru*

Guerlinguetus rufus MOOJEN, 1942, Boletim do Museu Nacional, no. 1, Zoologia, pg. 14; localidade típica: São João, Rio Aripuanã, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecido somente de sua localidade típica.

Sciurus (Guerlinguetus) aestuans venustus (J. A. Allen)

Guerlinguetus aestuans venustus J. A. ALLEN, 1915, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 34, pg. 260; localidade típica: Monte Duida, Venezuela.

DISTRIBUIÇÃO: Venezuela, Amazonas (São Gabriel, Rio Negro).

Sciurus (Guerlinguetus) poaiae (Moojen)*Caxinganga*

Guerlinguetus poaiae MOOJEN, 1942, Boletim do Museu Nacional, no. 1, Zoologia, pg. 11; localidade típica: Mata da Poia, Tapirapoã, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Norte de Mato Grosso.

Sciurus (Guerlinguetus) gilvicularis gilvicularis Wagner*Coatipuru*

Sciurus gilvicularis WAGNER, 1843, Wiegmann's Archiv fur Naturg. Berlin, Bd. 2, pg. 43; localidade típica: Borba, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas, Para e norte de Mato Grosso.

Sciurus (Guerlinguetus) gilvicularis paraensis Goeldi*Coatipurú*

Sciurus paraensis GOELDI, 1904, Boletim do Museu Goeldi, vol. 4, pg. 70; localidade típica: Belém, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Margem sul do Rio Amazonas, do Rio Xingú ao norte do Maranhão.

Sciurus (Guerlinguetus) ignitus irroratus (Gray)*Coatipurú*

Microxus irroratus GRAY, 1867, Annals and Magazine of Natural History, ser. 3, vol. 20, pg. 439; localidade típica: Alto Ucaiale, Perú.

DISTRIBUIÇÃO: Leste do Perú; Amazonas (alto Juruá).

Sciurus (Guerlinguetus) ignitus iquiriensis Vieira*Coatipurú roxo*

Sciurus ignitus iquiriensis VIEIRA, 1952, Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia, vol. XI, no. 2, pg. 28; localidade típica: Plácido de Castro, Território do Acre.

DISTRIBUIÇÃO: Sul do Território do Acre (Rio Branco, Iquiri, Plácido de Castro).

Subgênero **HADROSCIURUS** J. A. Allen

Hadrosciurus J. A. ALLEN, 1915, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 4, pg. 265; genótipo: *Sciurus flammifer* THOMAS.

Sciurus (Hadrosciurus) pyrrhonotus pyrrhonotus Wagner*Coatipuru vermelho*

Sciurus pyrrhonotus WAGNER, 1842, Wiegmann's Archiv Naturgesch. Berlin, 1, pg. 360; localidade típica: Borba, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Vale do Rio Madeira, Amazonas.

Sciurus (Hadrosciurus) pyrrhonotus juralis Thomas*Coatipuru*

Sciurus pyrrhonotus juralis THOMAS, 1926, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 17, pg. 636; localidade típica: João Pessoa, Amazonas.

Urosciurus nigratus OLIVEIRA PINTO, 1931, Revista do Museu Paulista, tomo XVII, pg. 309; localidade típica: João Pessoa, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Santa Cruz, Rio Eirú; Igarapé Grande, João Pessoa, alto Rio Juruá); Território do Acre (Iquiri).

Sciurus (Hadrosciurus) pyrrhonotus purusianus (Moojen)*Coatipuru*

Hadrosciurus pyrrhonotus purusianus MOOJEN, 1942, Boletim do Museu Nacional, no. 1, Zoologia, pg. 31; localidade típica: Lago Aiapuá, Rio Purus, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida até agora somente de sua localidade típica.

Sciurus (Hadrosciurus) pyrrhonotus taparius Thomas*Coatipuru*

Sciurus pyrrhonotus taparius THOMAS, 1926, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 7, pg. 638. localidade típica: Urucurituba, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: região do baixo Tapajós.

Sciurus (Hadrosciurus) igniventris igniventris Wagner*Coatipuru*

Sciurus igniventris WAGNER, 1842, Wiegmann's Archiv Naturgesch. Berlin, VIII, pg. 360; localidade típica: Marabitanas, Rio Negro, Amazonas.

Sciurus morio WAGNER, 1850, Abhandl. K. Akad. Wissensch. München, V, pg. 275; localidade típica: Perú.

Sciurus variabilis J. A. ALLEN, 1877, Monograph. North. Amer. Rodents, pg. 768 (em parte).

Urosciurus duida J. A. ALLEN, 1915, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. XXXIV, pg. 270, localidade típica: Monte Duida, Venezuela.

DISTRIBUIÇÃO: Leste da Colômbia e Venezuela (alto Orenoco); Brasil (alto rio Negro).

***Sciurus (Hadrosциurus) igniventris fulminatus* Thomas
*Coatipuru***

Sciurus igniventris fulminatus THOMAS, 1926, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 17, pg. 637; localidade típica: Manacapuru, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Região da foz do Rio Negro, Amazonas.

***Sciurus (Hadrosциurus) igniventris manhanensis* (Moojen)
*Coatipuru***

Hadrosциurus igniventris manhanensis MOOJEN, 1942, Boletim do Museu Nacional, no. 1, Zoologia, pg. 24; localidade típica: Paraná do Manhã, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Região do baixo rio Negro, Amazonas.

***Sciurus (Hadrosциurus) langsdorffii langsdorffii* Brandt
*Coatipuru***

Sciurus langsdorffii BRANDT, 1835, Mem. Acad. St. Petesbourg, pg. 245; localidade típica: Cuiabá, Mato Grosso.

Sciurus variabilis J. A. ALLEN, 1877, Monograph North American Rodents, pg. 768 (em parte).

DISTRIBUIÇÃO: Norte de Mato Grosso.

***Sciurus (Hadrosциurus) langsdorffii urucumus* J. A. Allen
*Coatipuru***

Sciurus langsdorffii urucumus J. A. ALLEN, 1914, Bull. Amer. Museum Nat. History, XXXVIII, pg. 595; localidade típica: Urucum, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Região do Pantanal do norte de Mato Grosso, vizinha à embocadura do Rio Taquari, afluente do Rio Paraguai.

***Sciurus (Hadrosциurus) langsdorffii rondoniae* (Moojen)
*Coatipuru***

Hadrosциurus langsdorffii rondoniae MOOJEN, 1942, Boletim do Museu Nacional, no. 1, Zoologia, pg. 39; localidade típica: Cabeceiras do Rio Aripuana, Rondonia, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Norte de Mato Grosso.

Gênero **SCIURILLUS** Thomas

Sciurillus THOMAS, 1914, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 36; genótipo: *Sciurillus pusillus* DESMAREST.

***Sciurillus pusillus glaucinus* Thomas
*Coatipuruzinho***

Sciurillus pusillus glaucinus THOMAS, 1914, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 13, pg. 575; localidade típica: Demerara, Guiana Inglesa.

Microsciurus pusillus hoehnei MIRANDA RIBEIRO, 1914. O Campo, pg. 10; localidade típica: Rio Teles Pires, norte de Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Guiana Inglesa (região do Rio Demerara); Pará (alto Tapajós); norte de Mato Grosso (Rio São Manoel).

Gênero **MICROSCIURUS** J. A. Allen

Microsciurus J. A. ALLEN, 1895, Bull. Amer. Museu Nat. History, VII, pg. 332; genótipo: *Sciurus alfari* J. A. ALLEN.

Microsciurus manarius Thomas

Coatipuru bigodeiro

Microsciurus manarius THOMAS, 1920, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 6; localidade típica: Acajutuba, Rio Negro, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas, do baixo rio Negro ao rio Juruá (João Pessoa; Igarapé Grande).

Subordem **MYOMORPHA**

Família **CRICETIDAE**

Subfamília **CRICETINAE**

Gênero **ORYZOMYS** Baird

Oryzomys BAIRD, 1857, Mammals of North America, XVI, pg. 482; localidade típica: *Mus palustris* HARLAN.

Oryzomys flavescens (Waterhouse)

Rato do bambu, Camondongo do mato

Mus flavescens WATERHOUSE, 1837, Proceed. Zool. Soc. London, pt. 5; no. 50, pg. 19; localidade típica: Maldonado, Uruguai.

DISTRIBUIÇÃO: Argentina; Uruguai; Brasil meridional: sul de São Paulo ao Rio Grande do Sul.

Oryzomys eliurus (Wagner)

Rato de praga, Calunga

Hesperomys eliurus WAGNER, 1845, Wiegmann's Archiv für Naturgesch. Berlin, XI, no. 1, pg. 147. localidade típica: Itararé, São Paulo.

Hesperomys pygmaeus WAGNER, 1845, Archiv für Naturgesch., pg. 147; localidade típica: Ipenema, São Paulo.

Hesperomys nigripes DESMAREST, 1819, Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle, XXIX, pg. 64; localidade típica: Paraguai.

DISTRIBUIÇÃO: Do sul de Mato Grosso, Minas Gerais e Bahia ao Estado do Paraná.

Oryzomys ratticeps ratticeps (Hensel)

Rato do mato

Mus ratticeps HENSEL, 1872, Abhandl. K. Akad. Wissensch. Berlin, no. 1, pg. 36; localidade típica: Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Paraná ao Rio Grande do Sul.

Oryzomys ratticeps tropicius Thomas

Rato do mato

Oryzomys ratticeps tropicius THOMAS, 1924, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 14, pg. 143; localidade típica: Piquete, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Goiás, São Paulo.

Oryzomys subflavus subflavus (Wagner)

Rato da cana

Hesperomys subflavus WAGNER, 1842, Archiv für Naturgesch., I, pg. 362; localidade típica: Brasil.

Mus vulpinus LUND (não de Brants), 1841, K. Danske Vidensk. Selsk. Afhandl., VIII, pg. 279; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

Mus vulpinoides SCHINZ, 1845, Syn. Mamm., II, pg. 193; localidade típica: Brasil.

Calomys laticeps WINGE, (não de Lund), 1888, E. Museo Lundii, pg. 51; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Norte e nordeste do Brasil, até o estado de Minas Gerais.

Oryzomys angouya (Desmarest)

Rato do mato

Mus angouya DESMAREST, 1819, Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle, pg. 29; localidade típica: Paraguai.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai; norte da Argentina; Brasil meridional.

Oryzomys laticeps laticeps (Lund)

Mus laticeps LUND, 1841, K. Danske Vidensk. Selsk. Afhandl., VIII, pg. 279; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

Colomys saltator WINGE, 1888, E. Museo Lundii, I, no. 3, pg. 48; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Oeste de Minas Gerais, sul de Goiás e de Mato Grosso.

Oryzomys laticeps intermedius (Leche)

Hesperomys laticeps var. *intermedius* LECHE, 1886, Zool. Jaharb., I, pg. 693; localidade típica: Taquara do Mundo Novo, Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Zona costeira do Brasil meridional, do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul.

Oryzomys oniscus Thomas

Oryzomys oniscus THOMAS, 1904, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. XIII, pg. 142; localidade típica: São Lourenço, Pernambuco.

DISTRIBUIÇÃO: Zona costeira de Pernambuco ao sul da Bahia.

Oryzomys goeldii Thomas

Oryzomys goeldii THOMAS, 1897, Annals and Magazine of Natural History, ser. 6, vol. 19, pg. 494; localidade típica: Itaituba, rio Tapajós, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida unicamente de sua localidade típica.

Oryzomys lamia Thomas

Oryzomys lamia THOMAS, 1901, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 8; pg. 528; localidade típica: Paranaíba, Rio Jordão, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: sudeste de Minas Gerais e Goiás.

Oryzomys mottogrossae J. A. Allen

Oryzomys (Oligoryzomys) mottogrossae J. A. ALLEN, 1916, Bull. Amer. Mus. Nat. History, vol. 35, pg. 528; localidade típica: Utiariti, norte de Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Goiás e norte de Mato Grosso.

Oryzomys microtis J. A. Allen

Oryzomys (Oligoryzomys) microtus J. A. ALLEN, 1916, Bull. Amer. Mus. Nat. History, XXXV, pg. 525; localidade típica: Baixo Solimões, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Oeste do Estado do Amazonas.

Oryzomys utiaritensis (J. A. Allen)

Oryzomys (Oligoryzomys) utiaritensis J. A. ALLEN, 1916, Bull. Amer. Mus. Nat. History, vol. 35, pg. 327; localidade típica: Utiariti, norte de Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Norte de Mato Grosso.

Gênero NEACOMYS Thomas

Neacomys THOMAS, 1900, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 5, pg. 153; genótipo: *Hesperomys spinosus* THOMAS,

Neacomys spinosus amoenus Thomas*Rato d'espinho*

Neacomys spinosus amoenus THOMAS, 1904, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 239; localidade típica: Chapada, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Norte de Mato Grosso.

Gênero OECOMYS Thomas

Oecomys THOMAS, 1906, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 18, pg. 444; genótipo: *Rhipidomys benevolens* THOMAS,

Oecomys paricola (Thomas)

Rhipidomys paricola THOMAS, 1904, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 14, pg. 194; localidade típica: Igarapé assu, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Região de Belém, Pará.

Oecomys milleri J. A. Allen

Oecomys milleri J. A. ALLEN, 1916, Bullet. Amer. Mus. Nat. History, vol. 35, pg. 523; localidade típica: Barão de Melgaço, norte de Mato Grosso.

Oecomys catharinae Thomas

Oecomys catharinae THOMAS, 1903, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 4, pg. 234; localidade típica: Joinville, Santa Catarina.

DISTRIBUIÇÃO: Litoral de Santa Catarina.

Oecomys tapajinus Thomas

Oecomys tapajinus THOMAS, 1909, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 3, pg. 378; localidade típica: Santa Rosa, Rio Tapajós, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Oecomys cinnamomeus (Pictet & Pictet)

Mus cinnamomeus PICTET, 1844, Notice sur les Animaux nouveaux ou peu connus du Museum de Genève, ser. 1, Mammifères, pg. 64; localidade típica: Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Litoral sul da Bahia.

Oecomys emiliae J. A. Allen

Oecomys emiliae J. A. ALLEN, 1916, Bull. Amer. Mus. Nat. History, no. 35, pg. 225; localidade típica: rio Moju, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Oecomys roberti (Thomas)

Rhipidomys roberti THOMAS, 1903, Proceed. Zool. Soc. London, II, pg. 237; localidade típica: Chapada, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Norte de Mato Grosso.

Gênero **THOMASOMYS** Coues

Thomasomys COUES, 1884, American Naturalist, XVIII, pg. 1275; genótipo: *Hesperomys cinereus* THOMAS.

Thomasomys pyrrhorhinus (Wied)*Rato de fava, Rato de palmatória*

Mus pyrrhorhinus WIED, 1826, Beiträge Naturgesch. Brasiliens, II, pg. 418; localidade típica: Sul da Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Nordeste; Brasil central; Brasil meridional, do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul.

Thomasomys dorsalis dorsalis (Hensel)

Hesperomys dorsalis HENSEL, 1872, Abhandl. K. Akad. Wissensch. Berlin, vol. I, pg. 42; localidade típica: Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Rio Grande do Sul.

Thomasomys dorsalis collinus (Thomas)

Calomys dorsalis collinus THOMAS, 1917, Annals and Magazine of Nat. History, ser. 8, vol. 2, pg. 197; localidade típica: Itatiaia, Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Rio de Janeiro, (Itatiaia: Serra de Macaé); Estado de São Paulo (Alto da Serra, Campos do Jordão; Cantareira; Boracéia); Estado do Paraná (Monte Alegre).

Thomasomys dorsalis lechei (Trouessart)

Acodon dorsalis lechei TROUESSART, 1904, Catalogues Mammalium, Supplementum, fasc. 2, pg. 434; localidade típica: Taquara, Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Litoral do Estado do Rio Grande do Sul.

Thomasomys sublineatus (Thomas)

Oryzomys sublineatus THOMAS, 1903, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 12, pg. 240; localidade típica: Engenheiro Reeve, Estado do Espírito Santo.

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Espírito Santo e Estado do Rio de Janeiro (Terezópolis).

Thomasomys oenax Thomas

Thomasomys oenax THOMAS, 1928, Annals and Magazine of Natural History, ser. 10, vol. I, pg. 154; localidade típica: São Lourenço, Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Rio Grande do Sul.

Gênero **NECTOMYS** Peters

Nectomys PETERS, 1861, Abhandl. K. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 151; genótipo: *Mus squamipes* BRANTS.

Sigmodontomys J. A. ALLEN, 1897, Bull. Amer. Museum Natural History, IX, pg. 30; genótipo: *Sigmodontomys alfari* J. A. ALLEN.

Nectomys squamipes squamipes (Brants)*Rato d'agua; Quaiquica*

Mus squamipes BRANTS, 1827, Het Geslacht der Muizen door Linnaeus opgesteld, Berlin, pg. 138; localidade típica: Província de São Paulo, restrita por Hershkovitz, 1944, à ilha de São Sebastião, São Paulo. (1)

Hesperomys robustus BURMEISTER, 1854, Syst. Uebers. Thiere Brasiliens, I, pg. 164; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Do Estado de São Paulo (São Sebastião, Iguape, Ubatuba, Ipiranga, Rio das Pedras, Piquete, Piedade, Franca, Ituverava) até o Rio Grande do Sul.

Nectomys squamipes olivaceus Hershkovitz*Rato d'agua, Quiara*

Nectomys squamipes olivaceus HERSHKOVITZ, 1944, Miscellaneous Publicat. Mus. Zool. Univers. Michigan, no. 58, pg. 41; localidade típica: Terezópolis, Estado do Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Rio de Janeiro (Terezópolis, Serra de Macaé, Angra dos Reis); Espírito Santo (Santa Tereza, Chaves); leste de Minas Gerais (Rio Matipó).

Nectomys squamipes aquaticus (Lund)*Rato d'agua*

Mus squamipes aquaticus LUND, 1841, Blik paa Brasiliens Dyreverd., pg. 217; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Vale do Rio São Francisco.

Nectomys squamipes mattensis Thomas*Rato d'agua*

Nectomys squamipes mattensis THOMAS, 1904, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 328; localidade típica: Chapada, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Norte de Mato Grosso.

Nectomys squamipes pollens Hollister*Rato d'agua*

Nectomys pollens HOLLISTER, 1914, Proceed. Zool. Soc. Washington, XXVII, pg. 104; localidade típica: Sapucaí, Paraguai.

(1) Miscellaneous Public. Mus. Univers. Michigan, Zool., 1944, no. 58, pg. 38.

DISTRIBUIÇÃO: Sul do Paraguai; norte da Argentina; Mato Grosso (Maracajú, Salobra); Goiaz (Canabrava).

Nectomys squamipes rattus (Pelzeln)

Rato d'agua

Hesperomys rattus PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 73; localidade típica: Marabitanas, Rio Negro.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Nectomys squamipes amazonicus Hershkovitz

Rato d'agua

Nectomys squamipes amazonicus HERSHKOVITZ, 1944, Miscellaneous Public. Mus. Zool. Univers. Michigan, no. 58, pg. 47; localidade típica: Tauarê, baixo Tapajós, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Rio Juruá); Pará (Aveiros); Maranhão; norte de Goiaz e Mato Grosso.

Gênero **RHIPIDOMYS** Tschudi

Rhipidomys TSCHUDI, 1844, Unters. u. d. Fauna Peruana, I, pg. 183; genótipo: *Hesperomys leucodactylus* TSCHUDI.

Rhipidomys mastacalis (Lund)

Mus mastacalis LUND, 1841, K. Danske Vidensksselsk. Afhandl. Kjobenhaven, VIII, pg. 240; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Minas Gerais; Rio de Janeiro (Terezópolis); São Paulo (São Sebastião).

Rhipidomys macrurus (Gervais)

Mus (Hesperomys) macrurus GERVAIS, 1855, Expéd. dans l'Amérique du Sud, Zool., vol. I, Mammal., pg. 3; localidade típica: Crixás, Goiaz.

DISTRIBUIÇÃO: Norte do Estado de Goiaz.

Rhipidomys maculipes (Pictet & Pictet)

Mus maculipes PICTET & PICTET, 1844, Notice sur les Animaux nouveaux ou peu connus du Musée de Genève, ser. 1, Mammifères, pg. 67; localidade típica: Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Litoral sul da Bahia.

Rhipidomys cearanus Thomas

Rato de algodão

Rhipidomys cearanus THOMAS, 1910, Annals and Magazine of Natural History, ser. 6, vol. 8, pg. 501; localidade típica: Serra de Ibiapaba, Ceará.

DISTRIBUIÇÃO: Nordeste do Brasil.

Gênero **PHAENOMYS** Thomas

Phaenomys THOMAS, 1917, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 20; pg. 186; genótipo: *Oryzomys ferrugineus* THOMAS.

Phaenomys ferrugineus (Thomas)

Oryzomys ferrugineus THOMAS, 1894, Annals and Magazine of Natural History, ser. 6, vol. 14, pg. 352; localidade típica: Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Rio de Janeiro (Terezópolis).

Gênero RHAGOMYS Thomas

Rhagomys THOMAS, 1917, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 20, pg. 192; genótipo: *Hesperomys rufescens* THOMAS.

***Rhagomys rufescens* (Thomas)**

Oryzomys rufescens THOMAS, 1866, Annals and Magazine of Natural History, ser. 5, vol. 18, pg. 250; localidade típica: Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Gênero AKODON Meyen

Akodon MEYEN, 1833, Verhandl. Kaiserl. Leopold. Carol. Akad. Wissensch., XVI, pt. 2, pg. 599; genótipo: *Akodon boliviense* MEYEN.

***Akodon arenicola arenicola* (Waterhouse)**

Mus arenicola WATERHOUSE, 1873, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 18; localidade típica: Maldonado, Uruguai.

DISTRIBUIÇÃO: Uruguai; Rio Grande do Sul (São Lourenço, Taquara).

***Akodon arviculoides arviculoides* (Wagner)**

Hesperomys arviculoides WAGNER, 1842, Wiegmann's Archiv für Naturgesch., I, pg. 361; localidade típica: Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Estado da Bahia (Vila Nova).

***Akodon arviculoides cursor* (Winge)**

Habrothrix cursor WINGE, 1885, E. Museo Lundii, I, no. 3, pg. 25; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Minas Gerais; Espírito Santo (Chaves, Santa Teresa); Rio de Janeiro (Nova Friburgo; Serra de Macaé; Itatiaia), Estado de São Paulo (Cantareira; Piquete; Boracéia; Mogi das Cruzes; Piracicaba; Baurú; Itapura; Ubatuba, Rio Feio; Franca; Ituverava); Paraná (Monte Alegre).

***Akodon serrensis serrensis* Thomas**

Akodon serrensis THOMAS, 1902, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 9, pg. 61; localidade típica: Roça Nova, Paraná.

DISTRIBUIÇÃO: Sudeste do Estado de São Paulo (Ubatuba, São Sebastião, Alto da Serra); Paraná (Serra do Mar).

***Akodon serrensis leucogula* Miranda Ribeiro**

Akodon serrensis var. *leucogula* MIRANDA RIBEIRO, 1905, Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, XIII, pg. 188; localidade típica: Retiro do Ramos, Itatiaia.

DISTRIBUIÇÃO: Estado de São Paulo (Campos do Jordão, São Francisco Xavier, Pinhalsinho; Serra da Mantiqueira).

***Akodon lasiotis* (Lund)**

Mus lasiotis LUND, 1841, Kong Dansk. Videnske Selsk. Naturvid. Afhandl. Kjobenhaven, VIII, pg. 280; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Estado de Minas Gerais; Estado de São Paulo (Noroeste).

Akodon nigrita (Lichtenstein)

Mus nigrita LICHTENSTEIN, 1829, Darstellung Neuer Säugethiere, VII, pl. XXXV, fig. 1; localidade típica: Rio de Janeiro.
Hesperomys fuliginosus WAGNER, 1845, Archiv für Naturg., XVI, pg. 148; localidade típica: São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Bahia; Espírito Santo; Rio de Janeiro (Serra de Macaé); São Paulo (Campos do Jordão; Alto da Serra, Cantareira, Boracéia, Itararé); Paraná e Santa Catarina.

Akodon subterraneus (Hensel)

Hesperomys subterraneus HENSEL, 1872, Abhandl. K. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 44; localidade típica: Rio Grande do Sul.
Hesperomys subterraneus var. *Henseli* LECHE, 1886, Zool. Jahrb., I, pg. 697; localidade típica: Taquara, Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Estado de São Paulo (Piracicaba; Campos do Jordão; Itatiaia); Paraná; Santa Catarina; Rio Grande do Sul.

Gênero **ZYGODONTOMYS** J. A. Allen

Zygodontomys L. A. ALLEN, 1897, Bull. Amer. Museum of Nat. History, vol. IX, pg. 58; genótipo: *Oryzomys cherrie* J. A. ALLEN.

Zygodontomys lasiurus (Lund)

Mus lasiurus LUND, 1941, K. Dansk. Vidensk. Selsk. Naturvid. Afhandl., VIII, pg. 280; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.
Hesperomys brachyurus WAGNER, 1845, Wiegmann's Archiv Naturgesch., I, pg. 147; localidade típica: Itararé, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Goiaz, Minas Gerais, São Paulo (Capital; Piracicaba; Itararé).

Zygodontomys fuscinus (Thomas)

Akodon fuscinus THOMAS, 1897, Annals and Magazine of Natural History, ser. 6, vol. 9, pg. 496; localidade típica: Ilha de Marajó, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Zygodontomys pixuna Moojen

Zygodontomys pixuna MOOJEN, 1942, Boletim do Museu Nacional, no. 1, Zoologia, pg. 8, fig. 2; localidade típica: Crato, Ceará.

DISTRIBUIÇÃO: Ceará e Pernambuco.

Zygodontomys pirapoanus J. A. Allen

Zygodontomys pirapoanus J. A. ALLEN, 1916, Bull. Amer. Museum of Nat. History, vol. 35, pg. 528; localidade típica: Pirapoã, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Região do rio Sepotuba, norte de Mato Grosso.

Gênero **MICROXUS** Thomas

Microxus THOMAS, 1909, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 4, pg. 237; genótipo: *Oxymycterus mimus* THOMAS.

Microxus iheringi (Thomas)

Oxymycterus iheringi THOMAS, 1896, Annals and Magazine of Natural History, ser. 6, vol. 18, pg. 308; localidade típica: Taquara, Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Uruguai, Rio Grande do Sul.

Gênero OXYMYCTERUS Waterhouse

Oxymycterus WATERHOUSE, 1837, Proceed. Zool. Soc. London, vol. 5, pg. 21; genótipo: *Mus nasutus* WATERHOUSE.

Oxymycterus nasutus (Waterhouse)

Mus nasutus WATERHOUSE, 1837, Proceed. Zool. Soc. London, vol. V, pg. 16; localidade típica: Maldonado, Uruguai.

DISTRIBUIÇÃO: Norte da Argentina (Entre Rios); Uruguai; Brasil: Estado de São Paulo (Campos do Itatiaia); Paraná (Castro), Rio Grande do Sul.

Oxymycterus angularis Thomas

Oxymycterus angularis THOMAS, 1909, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 4, pg. 237; localidade típica: São Lourenço, Pernambuco.

DISTRIBUIÇÃO: Nordeste do Brasil.

Oxymycterus hispidus Pictet

Oxymycterus hispidus PICTET, 1843, Mem. Soc. Phys. et d'Hist. Naturelle de Genève, X, pg. 212; localidade típica: Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Zona costeira da Bahia; Espírito Santo; Rio de Janeiro (Ilha Grande); Estado de São Paulo (São Sebastião).

Oxymycterus judex Thomas

Oxymycterus judex THOMAS, 1909, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 4, pg. 258; localidade típica: Joinville, Santa Catarina.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida até agora somente de sua localidade típica.

Oxymycterus quaestor Thomas

Oxymycterus quaestor THOMAS, 1903, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 11, pg. 226; localidade típica: Roça Nova, Paraná.

DISTRIBUIÇÃO: De Santa Catarina ao Estado do Rio de Janeiro.

Oxymycterus roberti Thomas

Oxymycterus roberti THOMAS, 1901, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 8, pg. 530; localidade típica: Paranaíba, rio Jordão, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Sudeste de Minas Gerais até o Estado do Rio de Janeiro.

Oxymycterus rostellatus (Wagner)

Hesperomys (Oxymycterus) rostellatus WAGNER, 1842, Wiegmann's Archiv für Naturgesch., I, VIII, pg. 362; localidade típica: Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Da Bahia ao Estado de São Paulo.

Oxymycterus rufus (Desmarest)

Mus rufus DESMAREST, 1819, Nouveau Dictionnaire d'Hist. Naturelle, 2a. ed., pg. 23; localidade típica: Paraguai.

Oxymycterus desytrichos WIED, 1826, Beiträge zur Naturgesch. Brasiliens, pg. 425; localidade típica: Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai, Brasil: Bahia; Estado de São Paulo (Perús, São Sebastião); Santa Catarina (Colônia Hansa).

Gênero **BLARINOMYS** Thomas

Blarinomys THOMAS, 1896, Annals and Magazine of Natural History, ser. 6, vol. 18, pg. 310; genótipo: *Oxymycterus breviceaudatus* WINGE.

Blarinomys breviceps (Winge)

Oxymycterus breviceps WINGE, 1888, K. Museo Lundii, I, no. 3, pg. 34; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Leste de Minas Gerais, sul da Bahia; Estado do Rio de Janeiro (Terezópolis).

Gênero **SCAPTEROMYS** Waterhouse

Scapteromys WATERHOUSE, 1837, Proceed. Zool. Soc. London, no. 1, pg. 20; genótipo: *Mus tumidus* WATERHOUSE.

Scapteromys gnambiquarae Miranda Ribeiro*Arantacu*

Scapteromys gnambiquarae MIRANDA RIBEIRO, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, pg. 36; localidade típica: Campos Novos, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Norte de Mato Grosso.

Scapteromys modestus Miranda Ribeiro

Scapteromys modestus MIRANDA RIBEIRO, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, pg. 39; localidade típica: Cáceres, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Norte de Mato Grosso.

Gênero **HESPEROMYS** Waterhouse

Hesperomys WATERHOUSE, 1839, Zool. Voyage of Beagle, Mammal., pg. 75; genótipo: *Mus bimaculatus* WATERHOUSE.

Hesperomys leucodactylus Wagner

Hesperomys leucodactylus WAGNER, 1848, Abhandl. Akad. Wissensch. München, 5, Abth. 2, pg. 310; localidade típica: Rio Paraná, Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Brasil meridional.

Hesperomys expulsus (Lund)

Mus expulsus LUND, 1841, K. Dansk. Vidensk. Selsk. Afhandl., VIII, pg. 280; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Sudeste de Minas Gerais.

Hesperomys tener Winge

Hesperomys tener WINGE, 1888, E. Museo Lundii, I, no. 3, pg. 15; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Sudeste de Minas Gerais.

Gênero HOLOCHILUS Brandt

Holochilus BRANDT, 1835, Mem. Acad. Imp. Sci. St. Petesbourg, 6, III, pt. II, pg. 428; genótipo: *Mus (Holochilus) leucogaster* BRANDT.

Holochilus amazonicus Osgood

Holochilus amazonicus OSGOOD, 1915, Field Museum Nat. History, Zool. séries, no. 13, pg. 188; localidade típica: Itacoatiara, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Leste do Amazonas.

Holochilus vulpinus (Lichtenstein)*Rato d'agua*

Mus vulpinus LICHTENSTEIN, 1827, in Brants Het Geslacht der Muizen door Linnaeus opgesteld Berlin, pg. 137; localidade típica: Maldonado, Uruguai.

Holochilus canelinus WAGNER, 1843, Schreber's Säugethiere, Supplem., III, pg. 582; localidade típica: Uruguai.

DISTRIBUIÇÃO: Norte da Argentina; Uruguai; Rio Grande do Sul (São Lourenço).

Holochilus sciureus Wagner*Rato da cana, Rato capivara*

Holochilus sciurus WAGNER, 1842, Wiegmann's Archiv für Naturgesch., I, VIII, pg. 17; localidade típica: Rio São Francisco, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Ceará (Crato); Alagoas (Mangabeira); Bahia; Minas Gerais.

Holochilus physodes physodes (Lichtenstein)

Mus physodes LICHTENSTEIN, 1827, Het Geslacht der Muizen door Linnaeus opgesteld Berlin, pg. 139; localidade típica: Ipanema, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: De São Paulo ao Espírito Santo.

Holochilus physodes leucogaster (Brandt)

Mus (Holochilus) leucogaster BRANDT, 1835, Mem. Acad. Imp. St. Petesbourg, VI, no. 1, pg. 428; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Desconhecida.

Holochilus russatus (Wagner)

Hesperomys russatus WAGNER, 1850, Abhandl. Akad. Wissensch. München, 5, abt. 2, pg. 313; localidade típica: Ipanema, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Estado de São Paulo (Ipanema; Monte Alegre).

Holochilus nanus Thomas

Holochilus nanus THOMAS, 1897, Annals and Magazine of Natural History, ser. 6, vol. 19, pg. 495; localidade típica: Soure, ilha de Marajó, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Ilha de Marajó, Pará.

Família **MURIDAE**Gênero **RATTUS** Fischer

Rattus FISCHER, 1803, Das National Museum der Naturgesch. zur Paris, II, pg. 128; genótipo: *Mus decumanus* PALLAS = *Mus norvegicus* BERKENHOUT.

Rattus norvegicus norvegicus (Berkenhout)*Rato d'egoto, Rato de couro, Ratazana*

Mus norvegicus BERKENHOUT, 1769, Outlines Nat. History Great Brit. & Ireland, I, pg. 5; localidade típica: Grã Bretanha.

Mus decumanus PALLAS, 1778, Nov. Spec. Quadr. Glir. Ord., pg. 91; localidade típica: Oeste da China.

DISTRIBUIÇÃO: Cosmopolita, ocorre por quase todo o Brasil, principalmente no litoral.

Rattus rattus rattus (Linnaeus)*Rato preto, Rato de casa, Gabiru*

Mus rattus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., vol. I, pg. 61; localidade típica: Upsala, Suécia.

DISTRIBUIÇÃO: Ocorre nos dois hemisférios e em quase todo o Brasil.

Rattus rattus alexandrinus (E. Geoffroy)*Rato de casa, Rato pardo*

Mus alexandrinus E. GEOFFROY, 1803, Catalogue des Mammifères du Museum d'histoire Naturelle de Paris, pg. 192, localidade típica: Alexandria, Egito.

DISTRIBUIÇÃO: A mesma da raça precedente.

Rattus rattus frugivorus (Rafinesque)*Rato de paiol, Gabiru*

Musculus frugivorus RAFINESQUE, 1814, Précis des Decouvertes et Travaux Somnologiques, pg. 13; localidade típica: Palermo, Itália.

Mus tectorum SAVI, 1825, Nuovo Giornale de Lett., Pisa, X, pg. 74; localidade típica: Itália.

DISTRIBUIÇÃO: No Brasil, principalmente nas zonas rurais.

Gênero **MUS** Linnaeus

Mus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., vol. I, pg. 59; genótipo: *Mus musculus* LINNAEUS.

Mus musculus brevirostris (Waterhouse)*Camondongo, Morganho, Catito*

Mus brevirostris WATERHOUSE, 1837, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 19; localidade típica: Maldonado, Uruguai.

Drymomys parvulus TSCHUDI, 1844, Fauna Peru, pg. 178, lam. 13, fig. 1; localidade típica: Perú.

Mus musculus brevirostris CABRERA, 1914, Fauna Ibérica, Mamíferos, pg. 252.

DISTRIBUIÇÃO: Existente em todas as regiões habitadas do país.

Subordem **HYSTRICOCOMORPHA**
 Superfamília **ERETHIZONTOIDEA**
 Família **ERETHIZONTIDAE**
 Subfamília **ERETHIZONTINAE**
 Gênero **COENDOU** Lacépède

- Coendou* LACÉPÈDE, 1799, Tableau des Divisions des Mammifères, pg. 11; genótipo: *Hystrix prehensilis* LINNAEUS.
Sphigurus CUVIER, 1825, Dents des Mammifères, pg. 256; genótipo *Sphigurus spinosus* CUVIER.
Sinoetheres CUVIER, 1825, Dents des Mammifères, pg. 256; genótipo: *Hystrix prehensilis* LINNAEUS.
Cercolabes BRANDT, 1835, Mém. Acad. St. Petesbourg, 6, III, pg. 391 (novo nome para *Coendou* de LACÉPÈDE).

Coendou prehensilis prehensilis (Linnaeus)
Coendou, Ouriço cacheiro

- Hystrix prehensilis* LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 57; localidade típica: Pernambuco.
Coendou longicaudatus LACÉPÈDE, 1799, Tableau des Divisions des Mammifères, pg. 19. localidade típica: Caiena.
Coendou coendu DESMAREST, 1822, Encyclop. Meth. Mammal., II, pg. 346; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas; Amazônia, norte e nordeste do Brasil até o estado de Minas Gerais.

Coendou prehensilis centralis Thomas
Coandu

- Coendou centralis* THOMAS, 1904, Proceed. Zool. Soc. London, II, pg. 240; localidade típica: Chapada, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Norte de Mato Grosso (Chapada, Palmeiras, Dumbá, Rio Araguaia).

Coendou tricolor (Gray)
Coandu

- Cercolabes tricolor* GRAY, 1850, Annals and Magazine of Natural History, ser. 2, vol. 5, pg. 381; localidade típica: Belém, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Pará (região do baixo Amazonas: Cametá, Caxiricatuba).

Coendou brandtii (Jentink)
Coendu

- Hystrix brandtii* JENTINK, 1879, Notes Royal Soc. Zool. Mus. Netherl. Leyden, I, pg. 96; localidade típica: Surinam.

DISTRIBUIÇÃO: Mato Grosso (Rio Jaurú). (1)

(1) Apud. Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 43.

Coendou melanurus (Wagner)*Coandu, Coendu*

Cercolabes melanurus WAGNER, 1842, Arkiv für Naturgesch. Berlin, I, pg. 360; localidade típica: Barra, Rio Negro, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Região do baixo Rio Negro, Amazonas.

Coendou affinis (Brandt)*Coendu, Coandu*

Cercolabes affinis BRANDT, 1835, Mém. Acad. Imp. Sc. St. Petesbourg, 3, pg. 412; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Desconhecida.

Coendou villosus (Cuvier)*Ouriço cacheiro*

Spphigurus villosus CUVIER, 1822, Mém. Mus. d'Hist. Naturelle Paris, vol. 9, pg. 434; localidade típica: Brasil.

Cercolabes insidiosus KUHLE, 1820, Beitr. Zool., Mammal., pg. 71; localidade típica: Brasil.

Coendou sericeus COPE, 1889, American Naturalist, no. 23, pg. 136; localidade típica: São João do Montenegro, Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: De Minas Gerais ao Rio Grande do Sul.

Coendou roberti Thomas*Ouriço cacheiro*

Coendou roberti THOMAS, 1902, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 9, pg. 63; localidade típica: Roça Nova, Serra do Mar, Paraná.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida unicamente de sua localidade típica.

Subfamília CHAETOMYINAE

Gênero CHAETOMYS Gray

Chaetomys GRAY, 1843, List Specimens Mammal. coll. British Museum, pg. 123; genótipo: *Hystrix subspinosus* KUHLE.

Chaetomys tortilis (Olfers)*Ouriço preto*

Hystrix tortilis OLFERS, 1818, Neus Bibliothek, Wichtig. Reisebesch. Envelt. der Exd. Volkerk. Weimar, pg. 15; localidade típica: Ilheus, Bahia. (1)

Hystrix subspinosus KUHLE, 1820, Beitr. zur Zoologie und Vergleichender Zoologie, Anatomie, pg. 71; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Sudeste da Bahia e norte do Espírito Santo.

Superfamília CAVIOIDEA

Família CAVIIDAE

Subfamília CAVIINAE

Gênero CAVIA Pallas

Cavia PALLAS, 1766, Misc. Zoologica, pg. 30; genótipo: *Cavia cobaya* PALLAS = *Mus. porcellus* LINNAEUS.

(1) Designada por Moojen, 1952, Os Roedores do Brasil, pg. 100.

Cavia aperea aperea Erxleben*Preá*

Cavia aperea ERXLEBEN, 1777, Syst. Regn. Animal., Mammalia, pg. 348; localidade típica: Brasil.

Cavia leucopyga BRANDT, 1835, Mem. Acad. Sc. Petersbourg, 6, III, pg. 138; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: De Pernambuco para o sul até o norte do Estado de São Paulo.

Cavia aperea azarae Lichtenstein*Preá, Coelho*

Cavia azarae LICHTENSTEIN, 1823, Verzeichniss der Doubletten des Zoologische Mus. Kon. Univers. Berlin, pg. 3; localidade típica: Ipanema, São Paulo.

Cavia fulgida WAGLER, 1831, Isis, 24, (Heft 4), pg. 511; localidade típica: "rio Amazonas".

Cavia rufescens LUND, 1841, K. Dansk Vidensk Selsk. Naturvid., VIII, pg. 284; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

Cavia rosida THOMAS, 1917, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 19, pg. 184; localidade típica: Roça Nova, Paraná.

DISTRIBUIÇÃO: Do este de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro até São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Cavia porcellus (Linnaeus)*Cobaia, Porquinho da Índia*

Mus porcellus LINNAEUS, 1759, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 59; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente em estado doméstico.

Gênero **GALEA** Meyen

Galea MEYEN, 1833, Nova Acta Acad. Caes. Leop. Carl., XVI, pg. 597. genótipo: *Galea musteloides* MEYEN.

Galea wellsi (Osgood)*Preá*

Cavia wellsi OSGOOD, 1915, Zool. Ser. Field Museum Nat. History, ser. X, no. 13, pg. 196; localidade típica: São Marcelo, Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Nordeste e sudeste da Bahia até o norte do Estado do Espírito Santo.

Galea spixii spixii (Wagler)*Preá*

Cavia spixii WAGLER, 1831, Isis, vol. 24, pg. 512; localidade típica: São Felipe, Rio São Francisco, Minas Gerais.

Cavia sexatilis LUND, 1841, Aftn. K. Dansk. Vidensk. Selsk., 4, VIII, pg. 286; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Maranhão (Primeira Cruz); Pernambuco (São Lourenço); Bahia (Joazeiro; Ilha Madre de Deus, Recôncavo); Goiás (Barra do Rio São Domingos); Minas Gerais (Pirapóira, Rio São Francisco; Barro Alto, Rio São Domingos).

Galea spixii palustris (Thomas)*Preá*

Kerodon palustris THOMAS, 1911, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 7, pg. 608; localidade típica: Cametá, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Região do baixo Tocantins, Pará.

Galea flavidens (Brandt)

Cavia flavidens BRANDT, 1835, Mém. Acad. Imp. St. Petersbourg, 3, pt. 2, pg. 439; localidade típica: Brasil.

Cavia obscura LICHTENSTEIN, 1823, Doubl. Z. Mus. Berlin, pg. 3; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Nordeste do Brasil.

Gênero **KERODON** Cuvier

Kerodon CUVIER, 1823, Dents des Mammifères, pg. 151; genótipo: *Cavia rupestris* WIED.

Kerodon rupestris (Wied)*Mocó*

Cavia rupestris WIED, 1820, Isis, VI, pg. 43; localidade típica: Vereda, Rio Pardo, Bahia.

Kerodon moco CUVIER, VRBE, Dents des Mammifères, pg. 151; localidade típica: Brasil.

Kerodon rupestris E. GEOFFROY, 1826, Dict. Class., IX, pg. 120; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Nordeste do Brasil; Bahia; norte de Minas Gerais
Goiaz (Cana Brava).

Família **HYDROCHOERIDAE**Subfamília **HYDROCHOERINAE**Gênero **HYDROCHOERUS** Brisson

Hydrochoerus BRISSONS, 1762, Regnum Animale, 2a. ed., pg. 12; genótipo: *Sus hydrochoeris* LINNAEUS.

Hydrochoerus hydrochoeris hydrochoeris (Linnaeus)*Capivara*

Sus hydrochoeris LINNAEUS, 1762, Systema Naturae, 12a. ed., pg. 103; localidade típica: Brasil.

Hydrochoerus capybara ERXLEBEN, 1777, Systema Regnum Animale, pg. 193; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Colômbia; Venezuela; Guianas; Brasil: Amazônia até o Brasil central e meridional.

Hydrochoerus hydrochoeris notialis Hollister*Capivara*

Hydrochoerus hydrochoeris notialis HOLLISTER, 1914, Proceed. Biol. Soc. Washington; Mammal., no. 27, pg. 58; localidade típica: Paraguai.

Hydrochoerus hydrochoeris uruguayensis ROVERETTO, 1914, Anales Mus. Hist. Natural Buenos Aires, XXV, pg. 144; localidade típica: Uruguai.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai; norte da Argentina; Uruguai; extremo sul do Brasil.

Família **DINOMYIDAE**

Gênero **DINOMYS** Peters

Dinomys PETERS, 1873, Monatsb. Kön. Preuss. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 551; genótipo: *Dinomys branickii* PETERS.

Dinomys branickii Peters

Pacarana

Dinomys branickii PETERS, 1873, Monatsber. K. Preuss. Wissensch., Berlin, pg. 552. localidade típica: Colônia Amable Maria, Andes do Perú.

Dinomys pacarana MIRANDA RIBEIRO, 1918, Arquivos da Escola Superior de Agricultura e Veterinária, vol. 2, pg. 13; localidade típica: Amazonas.

Dinomys gigas ANTHONY, 1921, American Museum Novitates, vol. 19, pg. 6; localidade típica: Colômbia.

Dinomys branickii occidentalis LÖNNBERG, 1921, Arkiv för Zoology, XIV, no. 4, pg. 49; localidade típica: Equador.

DISTRIBUIÇÃO: Colômbia; Equador; Perú; Brasil: Amazonas (Paraná do Natal, Rio Juruá); Território do Acre (Iquiri).

Família **DASYPROCTIDAE**

Subfamília **DASYPROCTINAE**

Gênero **DASYPROCTA** Illiger

Dasyprocta ILLIGER, 1811, Podr. Syst. Mammal. et Avium, pg. 93; genótipo: *Mus aguti* LINNAEUS.

Dasyprocta azarae azarae Lichtenstein

Cotia

Dasyprocta azarae LICHTENSTEIN, 1823, Verzeichniss der Doubletten des Zoolog., Mus. Kön. Univ. Berlin, pg. 3; localidade típica: São Paulo.

Dasyprocta caudata LUND, 1841, Det Kongel Dansk Vidensk, VIII, pg. 297; localidade típica: Rio das Velhas, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai; Bolívia; Brasil: sul de Mato Grosso; oeste de São Paulo; norte do Paraná.

Dasyprocta azarae aurea Cope

Cotia

Dasyprocta aurea COPE, 1889, American Naturalist, vol. 23, pg. 138; localidade típica: Chapada, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Mato Grosso (Salobra; Aricá; Corumbá, São Domingos, Rio das Mortes).

Dasyprocta azarae catrinae Thomas

Cotia

Dasyprocta azarae catrinae THOMAS, 1917, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 20, pg. 311; localidade típica: Santa Catarina.

DISTRIBUIÇÃO: Sul do Paraná; Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Dasyprocta fuliginosa fuliginosa Wagler

Cotia preta

Dasyprocta fuliginosa WAGLER, 1832, Isis, vol. 25, pg. 1220; localidade típica: Borba, Amazonas.

Dasyprocta nigra GRAY, 1842, Annals and Magazine of Natural History, I, X, pg. 264; localidade típica: Brasil.

Dasyprocta nigricans WAGNER, 1942, Arkiv für Naturg., I, pg. 362; localidade típica: Borba, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Baixo Madeira, alto Juruá: João Pessoa, Igarapé Grande).

Dasyprocta croconota Wagler

Cotia vermelha

Dasyprocta croconota WAGLER, 1831, Isis, heft 6, pg. 618; localidade típica: Foz do Rio Madeira, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Baixo Madeira); Pará: (Baixo Tapajós; Cameta, Piquiatuba, Bom Jardim, Taperinha, Caxiricatuba).

Dasyprocta prymnolopha Wagler

Cotia

Dasyprocta prymnolopha WAGLER, 1831, Isis, vol. 24, pg. 619; localidade típica: Guiana.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Baixo Madeira, Lago do Batista); Pará; Nordeste: Ceará (Crato); Alagoas (Canoas).

Dasyprocta aguti aguti (Linnaeus)

Cotia

Mus aguti LINNAEUS, 1766, Systema Naturae, 12a. ed., pg. 80; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Baixo Madeira; Lago do Batista; Igarapé Anibá); Pará (Óbidos; Igarapé Bravo, Vila Braga, baixo Tapajós); faixa costeira do nordeste, até o litoral do Estado de São Paulo (Ubatuba, São Sebastião).

Dasyprocta aguti maraxica Thomas

Cotia

Dasyprocta aguti maraxica THOMAS, 1923, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 12, pg. 341; localidade típica: Caldeirão, ilha de Marajó.

DISTRIBUIÇÃO: Ilha de Marajó, Pará.

Dasyprocta nigroclunus Osgood

Cotia

Dasyprocta nigroclunus OSGOOD, 1915, Field Museum Nat. History, Zool., ser. X, pg. 192; localidade típica: São Marcelo, Rio Preto, Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Oeste da Bahia (Rio Preto, divisa de Goiás; Vila Nova).

Dasyprocta variegata urucuma J. A. Allen

Cotia

Dasyprocta variegata urucuma J. A. ALLEN, 1915, Bull. Amer. Mus. Nat. History, vol. 35, pg. 634; localidade típica: Urucum, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Alto Rio Paraguai, Mato Grosso.

Gênero **MYOPROCTA** Thomas

Myoprocta THOMAS, 1903, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 12, pg. 464; genótipo: *Cavia acouchi* ERXLEBEN.

Myoprocta acouchy (Erxleben)*Cotiara, Cotiaí, Acuchi*

Cavia acouchy ERXLEBEN, 1777, Syst. Regnum Animale, cl. I, Mammal., pg. 354; localidade típica: Caiena.

DISTRIBUIÇÃO: Guiana Francesa; Pará (região do baixo Amazonas).

Myoprocta leptura (Wagner)*Cotiara vermelha*

Dasyprocta leptura WAGNER, 1844, Schreber's Säugethiere, Supplem., abt. 4, pg. 49; localidade típica: Rio Negro, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Baixo Rio Negro e baixo Madeira: Igarapé Anibá, Lago Serpa).

Myoprocta exilis exilis (Wagler)*Cotiara*

Dasyprocta exilis WAGLER, 1831, Isis, XXIV, pg. 621; localidade típica: Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas: foz do Rio Negro e Rio Madeira.

Myoprocta pratti puralis Thomas*Cotiara*

Myoprocta pratti puralis THOMAS, 1926, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 17, pg. 639; localidade típica: Aiapuá, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Região do baixo Purús; alto Rio Juruá (João Pessoa).

Myoprocta pratti limanus Thomas*Cotiara*

Myoprocta pratti limanus THOMAS, 1920, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 6, pg. 279; localidade típica: Acajatuba, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Região do Baixo Rio Negro, Amazonas.

Myoprocta pratti caymanus Thomas*Cotiara*

Myoprocta pratti caymanus THOMAS, 1926, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 17, pg. 638; localidade típica: Paraná do Jacaré, Rio Solimões, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Baixo Solimões (Codajaz).

Subfamília CUNICULINAE

Gênero **CUNICULUS** Brisson

Cuniculus BRISSON, 1762, Regnum Animale, 2a. ed., pg. 13; genótipo: *Mus paca* LINNAEUS.
Aguti LACÉPÈDE, 1799, Ordres et Genres des Mammifères, pg. 9; genótipo: *Aguti paca* LINNAEUS.

Coelogenys CUVIER, 1807, Annales du Muséum d'Hist. Naturelle de Paris, X, pg. 203; genótipo: *Mus paca* LINNAEUS.

Cuniculus paca paca (Linnaeus)***Paca***

Mus paca LINNAEUS, 1760, Systema Naturae, I, pg. 81; localidade típica: Guiana Francesa. (1)

Cavia paca alba KERR, 1792, Animal Kingdom, pg. 217; localidade típica: Rio São Francisco, Brasil.

Coelogenys fulvus CUVIER, 1807, Annales du Muséum, X, pg. 207; localidade típica: América do Sul.

Coelogenys subniger CUVIER, 1807, Annales du Muséum, X, pg. 206; localidade típica: Bogotá, Colômbia.

DISTRIBUIÇÃO: Quase tôda a América do Sul, da Colômbia e Venezuela até o Paraguai e norte da Argentina.

Cuniculus para mexianae (Hagmann)***Paca***

Coelogenys paca mexianae HAGMANN, 1908, Archiv Dassen-und Gesellsch. Biol., 5, pg. 25; localidade típica: Ilha Mexiana, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida até agora sòmente de sua localidade típica.

Superfamília OCTODONTOIDEA**Família CAPROMYIDAE****Gênero MYOCASTOR Kerr**

Myocastor KERR, 1792, Animal Kingdom, I, Mammal., pg. 225; genótipo: *Mus coypus* MOLINA.

Myopotamus E. GEOFFROY, 1805, Annales du Muséum d'Hist. Naturelle de Paris, VI, pg. 82; genótipo: *Myopotamus bonariensis* E. GEOFFROY.

Myocastor coypus bonariensis* (E. Geoffroy)**Nutria, Ratão do banhado***

Myopotamus bonariensis E. GEOFFROY, 1805, Annales du Muséum d'Hist. Naturelle de Paris, VI, pg. 82; localidade típica: Paraguai.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai, Uruguai e Rio Grande do Sul.

Família CTENOMYIDAE**Gênero CTENOMYS Blainville**

Ctenomys BLAINVILLE, 1826, Bull. Soc. Philom. Paris, 3, pg. 62; genótipo: *Ctenomys brasiliensis* BLAINVILLE.

Ctenomys brasiliensis* Blainville**Tuco-tuco***

Ctenomys brasiliensis BLAINVILLE, 1826, Bull. Soc. Philom. Paris, 3, pg. 62; localidade típica: Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Estado de Minas Gerais.

(1) Fixada por Hollister, 1913, Proceed. Biol. Soc. Washington, no. 241, pg. 79.

Ctenomys bicolor Miranda Ribeiro

Ctenomys bicolor MIRANDA RIBEIRO, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, pg. 41; localidade típica: Norte de Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Ctenomys rondoni Miranda Ribeiro

Ctenomys rondoni MIRANDA RIBEIRO, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, pg. 39; localidade típica: Molina, norte de Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Ctenomys minutus Nehring*Tuco-tuco*

Ctenomys minutus NEHRING, 1889, Sitz. Ber. Gesells. Naturf. Freunde Berlin, 4, pg. 47; localidade típica: Mundo Novo, Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Rio Grande do sul (Mundo Novo, Conceição do Arroio).

Ctenomys torquatus Lichtenstein*Tuco tuco, Cúrucuru*

Ctenomys torquatus LICHTENSTEIN, 1830, Darstellung Neuer Order Säugethiere, Berlin, pl. 31, fig. 1; localidade típica: Rio Uruguai, Uruguai.

DISTRIBUIÇÃO: Argentina, Uruguai, Rio Grande do Sul.

Família ECHIMYIDAE

Subfamília ECHIMYINAE

Gênero PROECHIMYS J. A. Allen

Proechimys J. A. ALLEN, 1899, Bull. Amer. Museum Nat. History, XII, pg. 257; genótipo: *Echims trinitatis* CHAPMAN.

Proechimys iheringi iheringi Thomas

Proechimys iheringi THOMAS, 1911, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 8, pg. 252; localidade típica: ilha de São Sebastião, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Litoral dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Proechimys iheringi gratiosus Moojen

Proechimys iheringi gratiosus MOOJEN, 1948, University Kansas Publications, Museum of Natural History, vol. I, no. 19, pg. 379; localidade típica: Santa Tereza, Espírito Santo.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Proechimys iheringi bonafidei Moojen

Proechimys iheringi bonafidei MOOJEN, 1948, University Kansas Publications, Museum of Natural History, vol. I, no. 19, pg. 378; localidade típica: Terezópolis, Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Proechimys iheringi panema Moojen

Proechimys iheringi panema MOOJEN, 1948, University Kansas Publications, Museum of Natural History, vol. I, no. 19; localidade típica: Colatina, Espírito Santo.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Proechimys iheringi denigratus Moojen

Proechimys iheringi denigratus MOOJEN, 1948, University Kansas Publications, Museum of Natural History, vol. I, no. 19, pg. 381; localidade típica: Itabuna, Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Proechimys iheringi paratus Moojen

Proechimys iheringi paratus MOOJEN, 1948, University Kansas Publications, Museum of Natural History, vol. I, no. 19, pg. 382; localidade típica: Santa Tereza, Espírito Santo.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Proechimys iheringi albispinus (I. Geoffroy)

Proechimys iheringi albispinus I. GEOFFROY, 1838, Comptes Rendus Acad. Scienc. Paris, VI, pg. 886; localidade típica: Ilha Madre de Deus, Bahia.

Echimys fuliginosus WAGNER, 1843, Schreber's Säugethiere, Supplem., 3, pg. 343; localidade típica: Brasil.

Echimys albispinus WATERHOUSE, 1848, Nat. History, Mammalia, II, pg. 341; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Recôncavo da Bahia.

Proechimys albispinus sertoniui Thomas

Proechimys albispinus sertoniui THOMAS, 1921, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 8, pg. 142; localidade típica: Lamarão, Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Norte da Bahia.

Proechimys guyannensis villicauda Moojen

Proechimys guyannensis villicauda MOOJEN, 1948, University Kansas Publications, Museum of Natural History, I, no. 19, pg. 380; localidade típica: Tapiraporã, norte de Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Serra dos Parecis, norte de Mato Grosso.

Proechimys guyannensis ribeiroi Moojen

Proechimys guyannensis ribeiroi MOOJEN, 1948, University Kansas Publications, Museum of Natural History, I, no. 19, pg. 380; localidade típica: Rio 12 de Outubro, afluente do Rio Camarari, norte de Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Proechimys guyannensis hilae Moojen

Proechimys guyannensis hilae MOOJEN, 1948, Univers. Kansas Publication, Museum of Natural History, vol. I, no. 19, pg. 361; localidade típica: Tauari, Rio Tapajós, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Região do baixo Tapajós e margens do Amazonas até o Jamundá.

***Proechimys guyannensis nesiotis* Moojen**

Proechimys guyannensis nesiotis MOOJEN, 1948, Univers. Kansas Public., Museum of Natural History, no. I, vol. 19, pg. 363; localidade típica: Ilha de Marapiri, Rio Tocantins, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

***Proechimys guyannensis leioprimna* Moojen**

Proechimys guyannensis leioprimna MOOJEN, 1948, Univers. Kansas Publicat., Mus. Nat. History, no. I, vol. 19, pg. 364; localidade típica: Cameté, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Baixo rio Tocantins.

***Proechimys guyannensis arescens* Osgood**

Proechimys guyannensis arescens OSGOOD, 1944, Field Museum of Natural History, Zool. series, vol. 20, no. 13, pg. 198; localidade típica: Vitória do alto Parnaíba, Maranhão.

DISTRIBUIÇÃO: Vale dos rios Turiassú e Parnaíba, Maranhão.

***Proechimys guyannensis riparum* Moojen**

Proechimys guyannensis riparum MOOJEN, 1948, Univers. Kansas Publications, Museum of Natural History, vol. I, no. 19, pg. 367; localidade típica: Manaus, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida unicamente de sua localidade típica.

***Proechimys guyannensis arabupu* Moojen**

Proechimys guyannensis arabupu MOOJEN, 1948, Univers. Kansas Publicat., Museum of Natural History, vol. I, no. 19, pg. 369; localidade típica: Arabupu, Monte Roraima, Território do Rio Branco.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

***Proechimys guyannensis oris* Thomas**

Proechimys oris THOMAS, 1904, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 24, pg. 195; localidade típica: Igarapé Assu, Belém, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Região à margem direita do Amazonas, entre os rios Tocantins e Gurupi.

***Proechimys dimidiatus* (Gunther)**

Echimys dimidiatus GUNTHER, 1877, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 477; localidade típica: Rio de Janeiro

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Rio de Janeiro e Distrito Federal.

***Proechimys goeldii goeldii* Thomas**

Proechimys goeldii THOMAS, 1905, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 15; pg. 587; localidade típica: Santarém, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Margens do Amazonas até os rios Jamundá e Tapajós.

***Proechimys goeldii steerei* Goldman**

Proechimys steerei GOLDMAN, 1911, Biol. Soc. Washington, no. 23, pg. 238; localidade típica: Lábrea, alto Purus, Amazonas.

***Proechimys semispinosus liminalis* Moojen**

Proechimys semispinosus liminalis MOOJEN, 1948, Univers. Kansas Publicat., Museum of Natural History, vol. I, no. 19, pg. 343; localidade típica: Benjamim Constant, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida unicamente de sua localidade típica.

***Proechimys semispinosus amphichoricus* Moojen**

Proechimys semispinosus amphichoricus MOOJEN, 1948, Univers. Kansas Public. Museum of Natural History, vol. 4, no. 19, pg. 344; localidade típica: Monte Duida, Venezuela.

DISTRIBUIÇÃO: Limites do Brasil com a Venezuela.

***Proechimys semispinosus kermi* J. A. Allen**

Proechimys semispinosus kermi J. A. ALLEN, 1915, Bull. Amer. Mus. Nat. History, vol. 34, pg. 629; localidade típica: Manacapuru, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Baixo Solimões, Amazonas.

***Proechimys longicaudatus longicaudatus* (Rengger)**

Echimys longicaudatus RENGGER, 1830, Naturgesch. der Säugethiere von Paraguai, pg. 236; localidade típica: norte do Paraguai.

DISTRIBUIÇÃO: Norte do Paraguai e oeste de Mato Grosso.

***Proechimys longicaudatus brevicauda* (Gunther)**

Echimys brevicauda GUNTHER, 1877, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 748, fig. 9; localidade típica: Chamicuro, Perú.

DISTRIBUIÇÃO: Este do Perú e noroeste do Brasil: Rio Juruá, Amazonas.

***Proechimys longicaudatus boimensis* J. A. Allen**

Proechimys boimensis J. A. ALLEN, 1916, Bull. Amer. Museum of Natural History, vol. 37, no. 27, pg. 523; localidade típica: Boim, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Baixo Tapajós, Pará.

***Proechimys longicaudatus leucomystax* Miranda Ribeiro**

Proechimys leucomystax MIRANDA RIBEIRO, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, pg. 42; localidade típica: Utiariti, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Serra dos Parecis, norte de Mato Grosso.

***Proechimys longicaudatus roberti* Thomas**

Proechimys roberti THOMAS, 1901, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 7, pg. 531; localidade típica: Rio Jordão, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Oeste de Minas Gerais e Goiaz.

***Proechimys setosus setosus* (Desmarest)**

Echimys setosus DESMAREST, 1817, Nouveau Dictionnaire d'Hist. Naturelle, vol. 10, pg. 59; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Sul da Bahia.

Proechimys setosus elegans (Lund)

Echimys elegans LUND, 1841, Kong. Dansk Vidensk. Selsk. Naturvid. Kjobenhaven, I, pg. 99; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida unicamente de sua localidade típica.

Proechimys myosurus (Lichtenstein)

Loncheres myosurus LICHTENSTEIN, 1820, Abhandl. K. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 192; localidade típica: Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Sul da Bahia.

Gênero EURYZYGOMATOMYS Goeldi

Euryzygomatomys GOELDI, 1901, Boletim do Museu Paraense, III, pg. 179; genótipo: *Echimys spinosus* RENGGER.

Euryzygomatomys guirara (Brandt)**Guirará**

Hypudaeus guirara BRANDT, 1835, Mem. Acad. Sc. St. Petersburg, 3, pt. II, pg. 432, pl. 14; localidade típica: Ipanema, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Leste de Minas Gerais; Espírito Santo; Rio de Janeiro (Angra dos Reis); São Paulo (Ipanema, Limeira).

Euryzygomatomys spinosus spinosus (Desmarest)

Echimys spinosus DESMAREST, 1817, Nouveau Dictionnaire d'Hist. Naturelle. 2a. ed., X, pg. 57; localidade típica: Assunção, Paraguai.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai, Bolívia, sul de Mato Grosso.

Euryzygomatomys spinosus catellus Thomas

Euryzygomatomys catellus THOMAS, 1916, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 18, pg. 301; localidade típica: Joinville, Santa Catarina.

DISTRIBUIÇÃO: Brasil meridional.

Gênero CLYOMYS Thomas

Clyomys THOMAS, 1916, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 18, pg. 300; genótipo: *Echimys laticeps* THOMAS.

Clyomys laticeps (Thomas)

Echimys laticeps THOMAS, 1909, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 4, pg. 240; localidade típica; Joinville, Santa Catarina.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Gênero CARTERODON Waterhouse

Carterodon WATERHOUSE, 1843, Natural History Mammalia, II, pg. 351; genótipo: *Echimys sulcidens* LUND.

Carterodon sulcidens (Lund)

Echimys sulcidens LUND, 1841, Kong. Dansk. Vidensk. Selsk. Naturvid. Kjobenhaven, 8, ser. 4, pg. 99; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Brasil central.

Gênero CERCOMYS Cuvier

Cercomys CUVIER, 1829, Hist. Nat. Mammifères, III, pl. 60; genótipo: *Cercomys cunicularius* CUVIER.

Thricomys TROUËSSART, 1881, Cat. Mammal., Bull. Soc. Et. Sc. Angers, pg. 179; genótipo: *Nelomys antricola* LUND.

Cercomys cunicularius cunicularius* CuvierPunaré*

Cercomys cunicularius CUVIER, 1829, Hist. Naturelle des Mammifères, III, fig. 276; localidade típica: Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Região do alto São Francisco; Minas Gerais; norte de São Paulo (Franca).

Cercomys cunicularius pachyurus* (Wagner)Punaré*

Isothrix pachyura WAGNER, 1845, Wiegmann's Archiv Naturg: Berlin, I, pg. 146; localidade típica: Cuiabá, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai, Mato Grosso.

Cercomys cunicularius inermis* (Pictet)Punaré*

Echimys inermis PICTET, 1841, Notice sur les Animaux Nouveaux du Musée de Genève, ser. 1, Mammifères, pg. 33; localidade típica: Jacobina, Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Estado da Bahia (Vila Nova).

Cercomys cunicularius apereoides* (Lund)Rabudo*

Echimys apereoides LUND, 1841, Kong. Danske Vidensk. Selsk. Naturvid. Kjobenhaven, 8, ser. 4, pg. 98; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Região oeste de Minas Gerais até Goiás (Cana Brava, Barra do Rio São Domingos).

***Cercomys cunicularius laurentius* (Thomas)**

Thricomys laurentius THOMAS, 1904, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 13, pg. 254; localidade típica: São Lourenço, Pernambuco.

DISTRIBUIÇÃO: Nordeste, do Ceará a Pernambuco.

Gênero MESOMYS Wagner

Mesomys WAGNER, 1845, Wiegmann's Archiv Naturg., I, pg. 145; genótipo: *Mesomys ecaudatus* WAGNER.

***Mesomys didelphoides* (Desmarest)**

Echimys didelphoides DESMAREST, 1817, Nouveau Dictionnaire d'Hist. Naturelle, 2a. ed., X, pg. 58; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Norte do Brasil.

***Mesomys hispidus* (Desmarest)**

Echimys hispidus DESMAREST, 1817, Nouveau Dictionnaire d'Hist. Naturelle, 2a. ed., pg. 58; localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Borba e Rio Madeira).

Mesomys stimulax Thomas

Mesomys stimulax THOMAS, 1911, Annals and Magazine Nat. History, ser. 8, vol. 7, pg. 607; localidade típica: Cametá, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Gênero LONCHOTHRIX Thomas

Lonchothrix THOMAS, 1911, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 7; genótipo: *Lonchothrix emiliae* THOMAS.

Lonchothrix emiliae Thomas**Rato d'espinho, Toró d'espinho**

Lonchothrix emiliae THOMAS, 1920, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 6, pg. 144; localidade típica: Vila Braga, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Região do baixo Rio Tapajós: Pará (Caxiricatuba).

Gênero ISOTHRIX Wagner

Isothrix WAGNER, Archiv für Naturgesch., I, pg. 145; genótipo: *Isothrix bistrata* WAGNER. *Lasiuromys* DEVILLE, 1852, Rev. Mag. Zool., 2, IV, pg. 353; genótipo: *Lasiuromys villosus* DEVILLE.

Isothrix bistrata bistrata Wagner

Isothrix bistrata WAGNER, 1845, Wiegmann's Archiv für Naturg. Berlin, I, pg. 146; localidade típica: Rio Guaporé, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Norte de Mato Grosso; Amazonas (Santa Cruz, João Pessoa, Rio Juruá).

Isothrix bistrata negrensis (Thomas)

Isothrix bistrata negrensis THOMAS, 1920, Annals and Magazine of Natural History, ser. 6, vol. 9, pg. 27; localidade típica: Acajutuba, Rio Negro, Amazonas.

Isothrix pagurus Wagner

Isothrix pagurus WAGNER, 1845, Wiegmann's Archiv Naturg. Berlin, I, pg. 146; localidade típica: Borba, Rio Madeira, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: região do baixo Madeira.

Gênero ECHIMYS Cuvier

Echimys CUVIER, 1809, Nouv. Bull. Soc. Philom. Paris, no. 24, pg. 394; genótipo: *Myoxus chrysurus* ZIMMERMAN.

Loncheres ILIGER, 1811, Prodr. Syst. Mammal. et Avium, pg. 90; genótipo: *Myoxus chrysurus* ZIMMERMAN.

Nelomys CUVIER, 1837, Ann. Sc. Nat. Paris, VIII, pg. 37; genótipo: *Nelomys blainvilliei* CUVIER.

Phyllomys LUND, Ann. Sci. Nat. Paris, 2a. ser., pg. 226; genótipo: *Phyllomys brasiliensis* WATERHOUSE.

Echimys thomasi (H. Ihering)

Mesomys thomasi H. IHERING, 1897, Revista do Museu Paulista, vol. II, pg. 171; localidade típica: Ilha de São Sebastião, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Echimys medius (Thomas)

Loncheres medius THOMAS, 1909, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 4, pg. 239; localidade típica: Roça Nova, Paraná.

DISTRIBUIÇÃO: Litoral do Brasil meridional, de Santa Catarina ao Espírito Santo.

Echimys kerri Moojen

Echimys kerri MOOJEN, 1950, Revista Brasileira de Biologia, no. 10, pg. 89; localidade típica: Ubatuba, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Litoral norte do Estado de São Paulo.

Echimys nigrispina (Wagner)

Loncheres nigrispina WAGNER, 1842, Wiegmann's Archiv Naturg. Berlin, I, pg. 361; localidade típica: Ipanema, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Zona costeira de São Paulo e Rio de Janeiro.

Echimys unicolor (Wagner)

Loncheres unicolor WAGNER, 1842, Wiegmann's Archiv Naturgesch. Berlin, I, pg. 361; localidade típica: Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Sul da Bahia e Espírito Santo.

Echimys brasiliensis (Lund)

Loncheres brasiliensis LUND, 1841, Kong. Dansk. Vidensk. Naturvid. Kjobenhaven, VIII, 3, pg. 294; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Leste de Minas Gerais; região costeira do Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Echimys dasythrix (Hensel)

Phyllomys dasythrix HENSEL, 1872, Abhandl. Akad. Wissensch. Berlin, I, pg. 49, pl. I, localidade típica: Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Rio Grande do Sul.

Echimys lamarum (Thomas)
Rato d'espinho, Rato coandu

Nelomys lamarum THOMAS, 1916, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 18, pg. 297; localidade típica: Lamarão, Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Ceará e Bahia.

Echimys blainvillei (Cuvier)

Nelomys blainvillei CUVIER, 1837, Ann. Soc. Sc. Paris, 2, VIII, pg. 371; localidade típica: Ilha Madre de Deus, Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Região costeira de Pernambuco ao sul da Bahia.

Echimys macrurus (Wagner)

Loncheres macrurus WAGNER, 1842, Wiegmann's Archiv für Naturg. Berlin, I, pg. 360; localidade típica: Borba, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Rio Madeira e curso médio do Amazonas.

Echimys grandis (Wagner)**Toró preto, Coró**

Loncheres grandis WAGNER, 1845, Wiegmann's Archiv für Naturg., Berlin, I, pg. 146; localidade típica: Manaus, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Região do médio Amazonas (Silves, Lago Batista, Lago Cuiteua; Igarapé Bravo).

Echimys armatus (I. Geoffroy)**Toró, Coró, Saujá**

Nelomys armatus I. GEOFFROY, 1839, Annal. Sc. Natur. Paris, ser. 2, pg. 125; localidade típica: Caiena, Guiana Francesa.

Loncheres guianae THOMAS, 1888, Annals and Magazine of Natural History, ser. 2, vol. 6, pg. 326; localidade típica: Guiana Inglesa.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas e baixo Amazonas, até o Estado do Ceará.

Echimys paleaceus (Lichtenstein)**Saujá bandeira**

Loncheres paleacea LICHTENSTEIN, 1820, Abhandl. K. Akad. Wissensch. Berlin, pl. I, fig. 1, pg. 191; localidade típica: Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Região do baixo Amazonas.

Subfamília DACTYLOMYINAE

Gênero DACTYLOMYS I. Geoffroy

Dactylomys I. GEOFFROY, 1838, Ann. Sc. Nat. Paris, I, ser. 2, pg. 126; genótipo: *Dactylomys typus* I. GEOFFROY = *Dactylomys dactylinus* (DESMAREST).

Dactylomys dactylinus dactylinus (Desmarest)

Echimys dactylinus DESMAREST, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Naturelle, 2a. ed., pg. 57; localidade típica: Brasil.

Dactylomys typus I. GEOFFROY, 1838, Ann. Sc. Nat. Paris, X, pg. 127; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Região do Alto Amazonas.

Dactylomys dactylinus canescens Thomas

Dactylomys dactylinus canescens THOMAS, 1912, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 9, pg. 67; localidade típica: Itacoatiara, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Médio e baixo Amazonas.

Gênero KANNABATEOMYS Jentink

Kannabateomys JENTINK, 1891, Notes Leyden Museum, XIII, pg. 139; genótipo: *Dactylomys amblyonyx* WAGNER.

Kannabateomys amblyonyx amblyonyx (Wagner)**Rato da taquara**

Dactylomys amblyonyx WAGNER, 1845, Wiegmann's Archiv für Naturgesch., Berlin, I, pg. 148; localidade típica: Ipanema, São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Região costeira do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul.

Cohorte MUTICA

Ordem CETACEA

Subordem ODONTOCETI

Superfamília PLATANISTOIDEA

Família PLATANISTIDAE

Subfamília INIINAE

Gênero INIA d'Orbigny

- Inia* d'ORBIGNY, 1834, Mem. Mus. d'Hist. Naturelle de Paris, III, pg. 31; genótipo: *Inia boliviensis* d'ORBIGNY.
Delphinorhynchus CUVIER, 1829, Dict. Sc. Naturells, LIX, pg. 517; genótipo: *Delphinus geoffroyensis* BLAINVILLE.

Inia geoffroyensis (Blainville)*Boto, Bufeó, Iara, Uiara*

- Delphinus geoffroyensis* BLAINVILLE, 1817, Nouveau Dictionnaire d'Hist. Naturelle, IX, pg. 151; localidade típica: América Meridional.
Delphinus amazonicus SPIX & MARTIUS, 1823, Reise Brasil., III, pg. 1119; localidade típica: Amazonas.
Inia boliviensis d'ORBIGNY, 1834, Nouv. Annales du Muséum, III, t. 28, pg. 3; localidade típica: Bolívia.

DISTRIBUIÇÃO: Venezuela (alto Orenoco); Perú (alto Amazonas); oeste da Bolívia (rios Madeira, Beni e Guaporé); Brasil: Amazonas (Rio Amazonas e alto Juruá); Goiás (rios Araguaia e Tocantins); Mato Grosso (Rio das Mortes).

Gênero STENODELPHIS Gervais

- Stenodelphis* GERVAIS in d'Orbigny, 1847, Voyage dans l'Amérique Méridionale, IV, 2a. parte, Mammal., pg. 31, pl. XXIII; genótipo: *Delphinus blainvillei* GERVAIS.
Pontoporia GRAY, 1846, Zool. Voy. Erebus & Terror, pg. 46; genótipo: *Pontoporia blainvillei* (GERVAIS).

Stenodelphis blainvillei (Gervais)*Bôto, Franciscano, Toninha*

- Delphinus blainvillei* GERVAIS, 1844, Bull. Soc. Philom., pg. 38; localidade típica: Montevideu, Uruguai.

DISTRIBUIÇÃO: Costa do Brasil meridional; Uruguai e Argentina.

Superfamília PHYSETEROIDEA

Família ZIPHIIDAE

Gênero ZIPHIUS Cuvier

- Ziphius* CUVIER, 1823, Recherches sur les Ossements Fossiles, 2a. ed., 5, pt. 1, pg. 352; genótipo: *Ziphius cavirostris* CUVIER.
Petrorhynchus GRAY, 1865, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 524; genótipo: *Hyperodon capensis* GRAY = *Ziphius cavirostris* CUVIER.
Ziphiorrhynchus BURMEISTER, 1866, Revista Farmacêutica; genótipo: *Ziphorrhynchus cryptodon* BURMEISTER = *Ziphius cavirostris* CUVIER.

Ziphius cavirostris Cuvier

- Ziphius cavirostris* CUVIER, 1823, Recherches sur les Ossements Fossiles, 2a. ed., 5, pt. I, pg. 352; localidade típica: Bouches du Rhone, França.
- Ziphius indicus* VAN BENEDEEN, 1864, Mém. Acad. Royale de Sciences Belgique, 16, art. I, pl. 1, pg. 23; localidade típica: Cabo da Boa Esperança.
- Ziphiorrhynchus cryptodon* BURMEISTER, 1866, Annals and Magazine of Natural History, série 3, vol. 17, pl. 3, pg. 94; localidade típica: Buenos Aires, Argentina.
- Hyperodon capensis* GRAY, 1865, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 359; localidade típica: Cabo da Boa Esperança.

DISTRIBUIÇÃO: Oceanos Índico, Pacífico e Atlântico; Brasil: Estado de São Paulo (Santos).

Família **PHYSETERIDAE**Subfamília **PHYSETERINAE**Gênero **PHYSETER** Linnaeus

- Physeter* LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 76; genótipo: *Physeter catodon* LINNAEUS.
- Catodon* LINNAEUS, 1761, Fauna Sueca, 2a. ed., pg. 18; genótipo: *Catodon macrocephalus* LINNAEUS = *Physeter catodon* LINNAEUS.
- Physalus* LACÉPÈDE, 1804, Histoire Naturelle des Cetacés, pl. XI, pg. 219; genótipo: *Physalus cylindricus* LACÉPÈDE = *Physeter catodon* LINNAEUS.

Physeter catodon Linnaeus*Cachalote*

- Physeter catodon* LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 76; localidade típica: Ilhas Orkney, Inglaterra. (1)
- Physeter macrocephalus* LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 76; localidade típica: Mares da Europa.
- Physeter microps* LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 76; localidade típica: Mares setentrionais.
- Physeter tursio* LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 77; localidade típica: Mares setentrionais.

DISTRIBUIÇÃO: Cosmopolita; tôda a costa do Brasil.

Subfamília **KOGIINAE**Gênero **KOGIA** Gray

- Kogia* GRAY, 1846, Voyage H.M.S. Erebus & Terror, I, Mammals, pg. 22; genótipo: *Physeter breviceps* BLAINVILLE.
- Euphysetes* WALL, 1851, Mem. Austral. Museum Sidney, no. 1, pg. 46; genótipo: *Euphysetes grayi* WALL = *Kogia breviceps* (BLAINVILLE).

Kogia breviceps (Blainville)*Cachalote pequeno*

- Physeter breviceps* BLAINVILLE, 1858, Ann. franç. et étrangères d'Anatomie et de Physiologie; 2, pg. 337; localidade típica: Cabo da Boa Esperança, África Austral.
- Euphysetes grayi* WALL, 1851, Mem. Australian Mus. Sidney, no. 1, pg. 37, pl. 2; localidade típica: Nova Gales do Sul, Austrália.
- Kogia floweri* GILL, 1871, American Naturalist, 4, pg. 736; localidade típica: Moztatlan, México.

DISTRIBUIÇÃO: Oceanos Pacífico e Atlântico; costa do Brasil: Cananéa, Estado de São Paulo.

(1) Fixada por Thomas, 1911, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 157.

Família DELPHINIDAE

Gênero DELPHINUS Linnaeus

- Delphinus* LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 177; genótipo: *Delphinus delphis* LINNAEUS.
Rhinodelphis WAGNER, 1846, Schreber's Säugethiere; Supplem., 7, pg. 181; genótipo: *Delphinus delphis* LINNAEUS.

Delphinus delphis Linnaeus

Delfim, Golfinho, Bôto

- Delphinus delphis* LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 77; localidade típica: Mares da Europa.
Delphinus moorei GRAY, 1866, Catal. Seals and Whales Brit. Museum, 2a. ed., pg. 396; localidade típica: Atlântico Sul.
Delphinus forsteri GRAY, 1866, Catal. Seals and Whales Brit. Museum, 2a. ed., pg. 248; localidade típica: Oceano Pacífico.

DISTRIBUIÇÃO: Cosmopólita; costa do Brasil.

Gênero PRODELPHINUS Gervais

- Prodelphinus* GERVAIS, 1880, Ostéologie des Cétacés, pg. 604, pl. 38; genótipo: não designado.
Stenella GRAY, 1866, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 213; genótipo: *Steno attenuatus* GRAY.

Prodelphinus longirostris (Gray)

- Delphinus longirostris* GRAY, 1828, Spicilegia Zoologica, I, pg. 1; localidade típica: não designada.
Delphinus microps GRAY, 1846, Zool. Voyage Erebus and Terror, I, Mammal., pg. 42, pl. 25; localidade típica: não designada.
Delphinus stenorhynchus GRAY, 1866, Catal. Seals and Whales British Museum, 2a. ed., pg. 396; localidade típica: não designada.

DISTRIBUIÇÃO: Oceanos Pacífico e Atlântico, provavelmente ocorrendo nas costas do Brasil meridional.

Gênero SOTALIA Gray

- Sotalia* GRAY, 1866, Catal. Seals and Whales in the British Museum, 2a. ed., pg. 401; genótipo: *Delphinus guianensis* VAN BENEDEN.

Sotalia brasiliensis Van Beneden

Bôto, Toninha

- Sotalia brasiliensis* VAN BENEDEN, 1874, Mém. Acad. Royale de Belgique, art. 1, pl. 1 e 2; localidade típica: Baía do Rio de Janeiro.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida até agora somente de sua localidade típica.

Sotalia fluviatilis (Gervais)

Boto

- Delphinus fluviatilis* GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de Castelnau à l'Amérique du Sud, Mammal., I, pg. 92; localidade típica: Rio Amazonas, perto de Pebas, Perú.

DISTRIBUIÇÃO: rios Amazonas e Negro.

Sotalia guianensis (Van Beneden)**Boto, Bufo, Iara, Uiara**

Delphinus guianensis VAN BENEDEN, 1862, Mém. Acad. Royale de Bruxelles, vol. 16, art. 2, pl. 1; localidade típica: Costas das Guianas.

DISTRIBUIÇÃO: Costa norte e oriental da América do Sul.

Sotalia pallida (Gervais)**Boto, Bufo, Iara, Uiara**

Delphinus pallidus GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de Castelnau à l'Amérique du Sud, Zoologie, I, pg. 94; localidade típica: Amazonas.

Steno tucuxi GRAY, 1857, Annals and Magazine of Natural History, XVIII, pg. 158; localidade típica: Santarém, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Perú. Brasil: Rio Amazonas e afluentes.

Gênero **TURSIOPS** Gervais

Tursiops GERVAIS, 1855, Histoire Naturelle des Mammifères, II, pg. 323. genótipo: *Delphinus tursio* FABRICIUS = *Tursiops truncatus* (MONTAGU).

Tursiops truncatus (Montagu)**Bôto, Toninha**

Delphinus truncatus MONTAGU, 1821, Mém. Wern. Nat. Hist. Soc. Edinburgh, 3, pg. 75, pl. 3; localidade típica: Duncannon Pool, Escócia.

Delphinus eurynome GRAY, 1846, Zool. Voyage Erebus and Terror, I, Mammal., pg. 38, pl. 17; localidade típica: não designada.

DISTRIBUIÇÃO: Oceano Atlântico; costas do Brasil e Argentina.

Subordem **MYSTICETI**Família **BALAENOPTERIDAE**Gênero **SIBBALDUS** Gray

Sibbaldus GRAY, 1864, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 222; genótipo: *Sibbaldus borealis* LESSON.

Balaenoptera LACÉPÈDE, 1804, Hist. Nat. des Cétacés, 4a. ed., pl. XXXVI, pg. 144; genótipo: *Balaenoptera acutorostris* LACÉPÈDE (em parte).

Sibbaldus musculus (Linnaeus)**Baleia azul, Rorqual gigante**

Balaena musculus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., pg. 76; localidade típica: Firth of Forth, Escócia.

Balaenoptera jubartes LACÉPÈDE, 1804, Hist. Nat. des Cétacés, 4a. ed., pl. XXXVI, pg. 120; localidade típica: Groelândia.

Physalis (*Rorqualus*) *sibbaldii* GRAY, 1847, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 92; localidade típica: costa do Yorkshire, Inglaterra.

Balaenoptera gigas REINHARDT, 1857, Grönland Geografisk og Satatisk Beskrevet Bidrag., I, pt. 2, pg. 10; localidade típica: Mares da Groelândia.

Balaenoptera patagonica BURMEISTER, 1865, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 191; localidade típica: Rio da Prata, perto de Buenos Aires.

DISTRIBUIÇÃO: Oceanos Atlânticos e Pacífico; costa do Brasil: Estado de São Paulo (Santos).

Gênero **BALAENOPTERA** Lacépède

Balaenoptera LACÉPÈDE, 1804, Hist. Naturelle des Cétacés, 4a. ed., pr. XXXVI, pg. 114; genótipo: *Balaenoptera acutorostrata* LACÉPÈDE.

Rorqual CUVIER, 1829, Règne Animal, 2a. ed., I, pg. 298; genótipo: não designado.
Rudolphius GRAY, 1866, Catal. Seals and Whals British Museum, 2a. ed., pg. 170; genótipo: *Balaenoptera borealis* LESSON.

Balaenoptera acutorostrata Lacépède
Baleote, Baleia anã

Balaenoptera acuto-rostrata LACÉPÈDE, 1804, Hist. Nat. des Cétacés, 4a. ed., pr. XXVII, fig. 3, pg. 134; localidade típica: Cherbourg, França.
Balaena minima RAFF, 1837, Die Cetaceen zool.-anatom. Dargestellt, pg. 52; localidade típica: desconhecida.

DISTRIBUIÇÃO: Oceano Atlântico; costa do Brasil: Estado de São Paulo (Santos).

Balaenoptera borealis Lesson
Baleia, Rorqual

Balaenoptera borealis LESSON, 1828, Hist. Nat. des Mammifères et Oiseaux, vol. I, Cétacés, pg. 342; localidade típica: América do Norte.
Balaenoptera rostrata RUDOLPHI, 1832, Abhandl. K. Wissensch. Akad. Berlin, pg. 27, pl. 1; localidade típica: Mar do Norte.
Balaenoptera laticeps GRAY, 1846, Voyage Erebus and Terror, I, Mammal., pg. 20; localidade típica: Capetown, África do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Todo o Atlântico; costas do Brasil.

Balaenoptera physalus (Linnaeus)
Baleia, Rorqual

Balaena physalus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 75. localidade típica: Mares da Europa.
Balaena boops LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 75; localidade típica: Mares da Europa.
Balaenoptera rorqual LACÉPÈDE, 1804, Histoire Naturelle des Cétacés, 4a. ed., pl. XXXVII, pg. 126; localidade típica: Atlântico Norte.
Balaena antiquorum FISCHER, 1829, Synopsis Mammalium, pg. 525; localidade típica: Mar Mediterrâneo.

DISTRIBUIÇÃO: Cosmopolita: todo o Oceano Atlântico. Parece ser a mais comum das baleias que frequentam as costas do Brasil.

Gênero **MEGAPTERA** Gray

Megaptera GRAY, 1864, Annals and Magazine of Natural History, ser. 3, vol. 14, pg. 350; genótipo: *Balaena longimana* RUDOLPHI.

Megaptera novaeangliae (Borowski)
Baleia, Jubarte

Balaena novaeangliae BOROWSKI, 1781, Gemeinnuzuz. Naturgesch. des Terreichs, Berlin, 2 pt., I, pg. 21; localidade típica: Costa da Nova Inglaterra.
Balaena nodosa BONNATERRE, 1789, Tabl. Encycl. et Méthod. des Trois Règnes de la Nature, Cétologie, pg. 5; localidade típica: Costa da Nova Inglaterra.
Balaenoptera australis LESSON, 1828, Hist. Nat. des Mammifères et Oiseaux; Cétacés, pg. 372; localidade típica: Cabo da Boa Esperança.
Balaena longimana RUDOLPHI, 1832, Abh. K. Akad. Wiss. Berlin, pg. 133, pl. 1; localidade típica: não designada.
Balaenoptera capensis A. SMITH, 1834, South African Quart. Journ., 2, pg. 130; localidade típica: Cabo da Boa Esperança.
Megaptera americana GRAY, 1846, Zool. Voy. Erebus and Terror, I, Mamm., pg. 17; localidade típica: Bermudas.

DISTRIBUIÇÃO: Cosmopolita, tôda a costa do Brasil.

Família **BALAENIDAE**Gênero **EUBALAENA** Gray

Eubalaena GRAY, 1864, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 201; genótipo: *Eubalaena australis* (DESMOULINS).

Eubalaena australis (Desmoulins)*Baleia lisa*

Balaena australis DESMOULINS, 1822, Dict. Class. d'Hist. Nat., 2, pg. 161; localidade típica: Cabo da Boa Esperança, África.

Balaena sibboldii GRAY, 1864, Annals and Magazine of Natural History, série 3, vol. 14, pg. 349; localidade típica: Norte do Pacífico.

DISTRIBUIÇÃO: Oceanos Índico, Pacífico e Atlântico.

Gênero **NEOBALAENA** Gray

Neobalaena GRAY, 1870, Annals and Magazine of Natural History, ser. 4, vol. 6, pg. 154; genótipo: *Balaena marginata* GRAY.

Neobalaena marginata (Gray)

Balaena marginata GRAY, 1848, Zool. Voy. Erebus and Terror; tomo I, fig. 1. localidade típica: Oceanos Pacífico e Atlântico Sul.

Cohorte **F E R A N G U L A T A**Superordem **F E R A E**Ordem **CARNIVORA**Subordem **FISSIPEDIA**Superfamília **C A N O I D E A**Família **CANIDAE**Subfamília **CANINAE**Gênero **DUSICYON** H. Smith

Dusicyon H. SMITH, 1839, Jardine's Nat., Mammal., IX, pg. 248 (subgênero de *Chaon*); genótipo: *Canis antarcticus* SHAW.

Sugênero **DUSICYON** H. Smith**Dusicyon (Dusicyon) gymnocercus gymnocercus** (Fischer)

Procyon gymnocercus FISCHER, 1814, Zoognosia, III, pg. 179; localidade típica: Paraguai.
Canis brasiliensis SCHINZ, 1821, Das Thierreich, I, pg. 220; localidade típica: América do Sul.

Canis azarae (não de Wied) vários autores.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai; Argentina; Uruguai; Brasil: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, sul do Paraná.

Subgênero **LYCALOPEX** Burmeister

Lycalopex BURMEISTER, 1854, Systema Ueber-Thiere Brasiliens, I, pg. 93; genótipo: *Canis vetulus* LUND.

Dusicyon (Lycalopex) vetulus vetulus (Lund)***Raposa do campo, Jaguapitanga, Jaguamitinga***

Canis vetulus LUND, 1842, Fortssats Remerkinger over Brasiliens; Blik paa Brasiliens Dyreverden, vol. 2, pg. 4, localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

Canis azarae (não de Wied) LUND, 1839, Blik paa Brasiliens Dyreverden, II, pg. 31; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

Canis parvidens MIVART, 1890, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 108; localidade típica: Brasil.

Canis urostictus MIVART, 1890, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 112; localidade típica: Brasil.

Canis sladeni THOMAS, 1903, Proceed. Zool. Soc. London, II, pg. 235, pl. 17; localidade típica: Chapada, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Brasil central e meridional.

Subgênero **CERDOCYON** H. Smith

Cerdocyon H. SMITH, 1839, Jardine's Nat. Library, vol. 9, pg. 209; genótipo: *Canis brasiliensis* WIED.

Dusicyon (Cerdocyon) thous thous (Linnaeus)***Raposa, Cachorro do mato***

Canis thous LINNAEUS, 1766, Systema Naturae, 12a. ed., I, pg. 60; localidade típica: Surinam.

Viverra cancrivorus BRONGNIART, 1792, Acta Soc. Hist. Nat. Paris, I, pg. 115; localidade típica: Guiana Francesa.

Canis rudis GUNTHER, 1868, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 316; localidade típica: Demerara, Guiana Inglesa.

Canis cancrivorus savannarum THOMAS, 1901, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 8, pg. 146; localidade típica: Guiana Inglesa.

Canis thous lunaris THOMAS, 1914, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 13, pg. 356; localidade típica: Guiana Inglesa.

DISTRIBUIÇÃO: Colômbia; Venezuela; Guianas; Brasil: Amazonas e Pará.

Dusicyon (Cerdocyon) thous azarae (Wied)***Cachorro do mato, Lobinho***

Canis azarae WIED, 1824, Abbildungen Naturgeschichte Brasilien, texto; localidade típica: Bahia.

Canis brasiliensis WIED (não de Schinz), 1824, Abbildungen Naturgeschichte Brasilien, pr. 23; localidade típica: Bahia.

Cerdocyon guaraxa H. SMITH, 1839, Jardine's Naturalist Library, vol. 9, pg. 262, pr. 28; localidade típica: Norte do Brasil.

Canis melampus WAGNER, 1843, Archiv für Naturgesch., IX, Jahrg., I, pg. 357; localidade típica: Mato Grosso.

Canis melanostomus WAGNER, 1843, Archiv für Naturgesch., IX, Jahrg. I, pg. 358; localidade típica: Norte de Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Nordeste do Brasil; Brasil centro-ocidental e meridional.

Dusicyon (Cerdocyon) thous entrerianus (Burmeister)***Guaraxaim, Graxaim, Cachorro do mato***

Canis entrerianus BURMEISTER, 1861, Reise La Plata Staten, 2, pg. 400; localidade típica: Entre Rios, Argentina.

Canis thous riograndensis H. IHERING, 1911, Mamíferos do Brasil meridional; Revista do Museu Paulista, vol. VIII, pg. 217; localidade típica: Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Norte da Argentina; Uruguai e Rio Grande do Sul.

Dusicyon (Cerdocyon) microtis (Sclater)***Cachorro do mato***

Canis microtis SCLATER, 1882, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 367, pl. 47; localidade típica: Amazonas.

Canis thous sclateri J. A. ALLEN, 1905, Rep. Princeton University Expedition Patagonia, Zoology, pg. 153 (novo nome para *Canis microtis* Sclater).

DISTRIBUIÇÃO: Pará (alto Tapajós); Amazonas (alto Juruá).

Gênero **CRHYSOCYON** H. Smith

Chrysocyon H. SMITH, 1839, Jardine's Naturalist Library, Mammal., X, pg. 241 (subgênero de *Chaon*); genótipo: *Canis jubatus* DESMAREST.

Chrysocyon brachyurus (Illiger)***Lobo, Guará, Aguará, Aguaracú***

Canis brachyurus ILLIGER, 1811, Abhandl. K. Akad. Wiss. Berlin, pg. 109; localidade típica: Paraguai.

Canis jubatus DESMAREST, 1820, Mammalogie, pg. 198; localidade típica: América do Sul.

Canis campestris WIED, 1824, Beiträge zur Naturgesch. Brasiliens, II, pg. 334; localidade típica: Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai; norte da Argentina; Brasil central, norte e meridional.

Subfamília **SIMOCYONINAE**Gênero **SPEOTHOS** Lund

Speothos LUND, 1839, Blik. Bras. Dyreverden Kjobenhaven, II, pg. 35; genótipo: *Speothos venaticus* LUND.

Cynogale LUND, 1843, Blik. Bras. Dyreverden Kjobenhaven, V, pg. 61; genótipo: *Cynogale venatica* LUND.

Icticyon LUND, 1843, Blik. Bras. Dyreverden Kjobenhaven, V, pg. 61; genótipo: *Icticyon venaticus* LUND.

Speothos venaticus Lund

***Cachorro do mato, Jaguaracambé* (Amazonas); *Januaira* (Amazonas); *Vinagre* (Mato Grosso).**

Cynogale venatica LUND, 1842, Blik. Brasiliens Dyreverden, vol. IV, pg. 67; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

Speothos wingei H. IHERING, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional, Revista do Museu Paulista, vol. VIII, pg. 222; localidade típica: Santa Catarina.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas; Bolívia; Paraguai; Brasil: Amazônia; centro e sul, até o Estado de Santa Catarina.

Família **PROCYONIDAE**Subfamília **PROCYONINAE**Gênero **PROCYON** Storr

Procyon STORR, 1780, Prodrum Methodi Mammalium, pg. 35; genótipo: *Ursus lotor* LINNAEUS.

Procyon cancrivorus cancrivorus (Cuvier)***Mão pelada, Guaxinim, Jaguaracambê***

Ursus cancrivorus CUVIER, 1798, Tableau Élémentaire d'Hist. Naturelle, pg. 113; localidade típica: Guiana Francesa.

DISTRIBUIÇÃO: Colômbia; Venezuela; Equador; Guianas; Bolívia; Brasil: Amazonas e Pará.

***Procyon cancrivorus nigripes* Mivart**
Mão pelada, Guaxinim, Jaguaracambê

Procyon cancrivorus nigripes MIVART, 1885, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 347; localidade típica: Brasil.

Procyon cancrivorus brasiliensis H. IHERING, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional; Revista do Museu Paulista, tomo VIII, pg. 228; localidade típica: Brasil meridional.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai, norte da Argentina, Uruguai; Brasil central e meridional.

Gênero **NASUA** Storr

Nasua STORR, 1780, Prodromus Methodi Mammalium, pg. 35; genótipo: *Viverra nasua* LINNAEUS.

***Nasua nasua nasua* (Linnaeus)**
Coati, Coati mundo, Coati de bando

Viverra nasua LINNAEUS, 1766, Systema Naturae, I, pg. 64; localidade típica: Pernambuco.

DISTRIBUIÇÃO: Do Maranhão até a Bahia.

***Nasua nasua juruana* H. Ihering**
Coati, Coati de bando

Nasua narica juruana H. IHERING, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional; Revista do Museu Paulista, vol. VIII, pg. 419; localidade típica: Rio Juruá.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas: Rio Juruá (João Pessoa e Igarapé Grande).

***Nasua nasua mexiana* Hagmann**
Coati

Nasua mexiana HAGMANN, 1908, Archiv Rasseund Gesells. Biol., vol. 5, pg. 12; localidade típica: Ilha Mexiana, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Litoral do Estado do Pará e ilhas adjacentes.

***Nasua nasua rufa* Desmarest**
Coati, Coati mundo

Nasua rufa DESMAREST, 1820, Mammalogie, pg. 170; localidade típica: Guianas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas, norte de Mato Grosso.

***Nasua nasua solitaria* Schinz**
Coati, Coati de bando, Coati mundo

Nasua solitaria SCHINZ, 1821, Das Thierreich, vol. I, pg. 199; localidade típica: Brasil:

Nasua socialis WIED, 1820 Beiträge zur Naturgeschichte Brasil., vol. II, pg. 283, localidade típica: Espírito Santo.

DISTRIBUIÇÃO: Brasil meridional: Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo e Paraná.

***Nasua nasua aricana* Vieira**
Coati, Coati de bando

Nasua nasua aricana VIEIRA, 1944, Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo, vol. IV, pg. 404; localidade típica: Rio Aricá, norte de Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Norte de Mato Grosso (Cuiabá; Rio Aricá).

Nasua nasua henseli Lönnberg**Coati**

Nasua henseli LÖNNBERG, 1921, Arkiv för Zoologi, Band 14, pg. 102; localidade típica: Estado de Santa Catarina.

DISTRIBUIÇÃO: Estado de Santa Catarina e norte do Estado do Rio Grande do Sul.

Gênero POTOS Cuvier & Geoffroy

Potos CUVIER & GEOFFROY, 1795, Méthode Mammalogique Mag. Encyclopedique, Ie. année, II, pg. 187; genótipo: *Viverra caudivolvula* SCHREBER.

Kinkajou LACÉPÈDE, 1799, Tabl. Mammalogie, pg. 7; genótipo: *Viverra caudivolvula* SCHREBER.

Cercoleptes ILLIGER, 1811, Prodrum Systematis Mammalium et Avium, pg. 127; genótipo: *Viverra caudivolvula* SCHREBER.

Potos flavus chapadensis J. A. Allen**Jupará, Jururupará, Macaco da meia noite**

Potos flavus chapadensis J. A. ALLEN, 1904, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 20, pg. 76; localidade típica: Chapada, Mato Grosso.

Potos flavus brasiliensis H. IHERING, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional; Revista do Museu Paulista, vol. VIII, pg. 228; localidade típica: Mato Grosso de Goiaz, Estado de Goiaz.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas, Pará, norte de Mato Grosso e Goiaz.

Potos flavus nocturnus (Wied)**Jurupará, Jupará**

Nasua nocturna WIED, 1826, Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien, Band 11, pg. 298; localidade típica: Sul da Bahia.

DISTRIBUIÇÃO: Zona costeira norte do Brasil, até o Estado do Rio de Janeiro (Terezópolis).

Família MUSTELIDAE**Subfamília MUSTELINAE****Gênero TAYRA** Oken

Tayra OKEN, 1816, Lehrbuch Naturgeschichte, 3ter. Theil. Zool., XI, pg. 1001; genótipo: *Mustela barbara* LINNAEUS.

Galera BROWNE, 1789, Civ. and Nat. Hist. Jamaica, 2a. ed., pg. 485 (invalidado) (1).

Galictis I. GEOFFROY, 1837, Comptes Rendus d'Acad. Sciences Paris, V, no. 17, pg. 581; genótipo: *Mustela striata* I. GEOFFROY (pré-ocupado).

Eira H. SMITH, 1839, Jardine's Library Mammal., 2a. ed., I, pg. 201; genótipo: *Mustela barbara* LINNAEUS.

Tayra barbara barbara (Linnaeus)**Irara, Para-mel**

Mustela barbara LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 6; localidade típica: Pernambuco.

DISTRIBUIÇÃO: Norte e nordeste do Brasil.

(1) Cf. Hershkovitz, 1949, Journal of Mammalogy, pg. 295.

Tayra barbara madeirensis Lönnberg
Irara, Papa-mel

Tayra barbara madeirensis LÖNNBERG, 1914, Arkiv för Zoologi, Band 8, pg. 19; localidade típica: Humaitá, Rio Madeira, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Santa Cruz, Rio Juruá, Rio Madeira).

Tayra barbara gulina (Schinz)
Irara, Papa-mel

Mustela gulina SCHINZ, 1821, Das Thierreich, vol. I, pg. 209; localidade típica: Morro da Arara, Espírito Santo.

Mustela barbara WIED, 1826, Beiträge zur Naturg. Brasil., vol. II, pg. 283; localidade típica: Espírito Santo.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai; Brasil central e meridional.

Tayra barbara kriegi Krumbiegel
Irara, Papa-mel

Tayra barbara kriegi KRUMBIEGEL, 1942, Die Säugethiere der Sudamerika Expedition Krieg, Zoologische Anzeiger, Band 139, pg. 94; localidade típica: Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Estado do Rio Grande do Sul.

Gênero GRISON Oken

Grison OKEN, 1816, Lehrbuch Naturgesch., 3t., Theil, Zool., 2 te. Abth., pg. 100; genótipo: *Viverra vittata* SCHREBER.

Grisonia GRAY, 1865, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 122; genótipo: *Grisonia vittata* SCHREBER.

Grison vittatus vittatus (Schreber)
Furão grande

Viverra vittata SCHREBER, 1775, Säugethiere, III, pg. 447; localidade típica: Surinam.

Mustela brasiliensis D'ORBIGNY, 1843, Voyage dans l'Amérique du Sud, pg. 20, pl. XIII, fig. 3; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Costa da Venezuela; Guianas; Brasil: Amazonas e Pará, sudoeste do Brasil

Grison vittatus brasiliensis (Thunberg)
Furão

Ursus brasiliensis THUNBERG, 1820, Mem. Acad. St. Petersburg, VI, pg. 401, t. XIII; localidade típica: Brasil.

Galictis allamandi BELL, 1841, Trans. Zool. Soc. London, II, pg. 204, t. 37; localidade típica: Brasil.

Galictis intermedia LUND, 1843, Brasiliens Dyreverden, pg. 78; localidade típica: Lagoa Santa, Minas Gerais.

Galictis crassidens NEHRING, 1885, Sitz. Gesells. Naturf. Freund Berlin, pg. 168; localidade típica: Santa Catarina.

Grison allamandi intermedia H. IHERING, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional, Revista do Museu Paulista, tomo VIII, pg. 247; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Brasil central e meridional.

Grison furax furax (Thomas)
Furão, Cachorrinho do mato

Grisonella furax THOMAS, 1907, Annals and Magazine of Natural History, série 7, vol. 20, pg. 162; localidade típica: São Francisco dos Campos, Minas Gerais.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai e Brasil meridional.

Gênero **GRAMMOGALE** Cabrera

Grammogale CABRERA, 1940, Notas sobre Carnívoros sudamericanos; Notas del Museu de La Plata, tomo V, Zoologia, no. 29, pg. 15; genótipo; *Mustela africana* DESMAREST.

Grammogale africana africana (Desmarest)*Furão*

Mustela africana DESMAREST, 1818, Nouveau Dictionnaire d'Hist. Naturelle, vol. 19, pg. 376; localidade típica: África.

Putorius (Mustela) brasiliensis paraensis GOELDI, 1897, Zool. Jahrb. Syst., pg. 562, pl. X; localidade típica: Marco da Légua, Murutucu, Pará.

Putorius paraensis GOELDI, 1904, Boletim do Museu Goeldi (Museu Paraense), tomo IV, pg. 61; localidade típica: Belém, Pará.

Mustela stolzmanni paraensis HALL, 1939, Physis, pg. 171, tomo XVI, pl. I, fig. 1-4; localidade típica: Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Esta forma tem sido encontrada até agora somente à margem direita do rio Pará, foz do Tocantins, Estado do Pará.

Subfamília **MEPHITINAE**Gênero **CONEPATUS** Gray

Conepatus GRAY, 1837, Magazine Natural History, I, pg. 581; genótipo: *Mephitis humboldtii* GRAY.

Marputius GRAY, 1837, Magazine Natural History, I, pg. 581; genótipo: *Marputius chilensis* GEOFFROY.

Thiosmus LICHTENSTEIN, 1838, Abhandl. Akad. Berlin, pg. 114; genótipo: *Mephitis mapurito* GMELIN.

Mephitis CUVIER, 1800, Tabl. Élément. d'Hist. Nat. Anim., pg. 116; genótipo: *Viverra putorius* LINNAEUS.

Conepatus suffocans suffocans (Illiger)*Zorrilho*

Mephitis suffocans ILLIGER, 1815, Abhandl. K. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 109; localidade típica: Paraguai.

Mephitis americana DESMAREST, 1820, Mammalogie, I, pg. 186; localidade típica: Montevideo, Uruguai.

Mephitis feuillei GERVAIS, 1840, Voyage de la "Bonite", Mammalogie, pl. III, fig. 1-3; localidade típica: Montevideo, Uruguai.

DISTRIBUIÇÃO: Norte da Argentina; Uruguai, Brasil: Rio Grande do Sul.

Conepatus chilensis chilensis (Desmarest)*Jaritataca, Maritataca, Iritataca*

Mephitis chilensis DESMAREST, 1818, Nouveau Dictionnaire d'Hist. Naturelle, vol. XXI, pg. 515; América do Sul (pátria típica: Brasil meridional).

DISTRIBUIÇÃO: Brasil meridional: Sul de Minas Gerais; São Paulo (Franca); Paraná.

Conepatus chilensis amazonicus (Lichtenstein)*Cangambá, Maritataca, Jaritataca, Iritataca*

Mephitis (Thiosmus) amazonica LICHTENSTEIN, 1838, Abhandl. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 275; localidade típica: não mencionada.

Conepatus chilensis bahiensis H. IHERING, 1911. Os Mamíferos do Brasil Meridional; Revista do Museu Paulista, tomo VIII, pg. 257; localidade típica: Baía (= Banfim, antiga Vila-Nova da Rainha).

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas; Pará; nordeste e Brasil central.

Subfamília LUTRINAE

Gênero LUTRA Erxleben

Lutra ERXLEBEN, 1777, Systema Regnum Animal., pg. 448; genótipo: *Mustela lutra* LINNAEUS.

Lutra platensis Waterhouse*Lontra*

Lutra platensis WATERHOUSE, 1838, Zoology of the Voyage of the Beagle; Mammalogie, pg. 21, pl. XXXV, fig. 4; localidade típica: Maldonado, Uruguai.

Lutra solitaria WAGNER, 1842, Archiv für Naturg., pg. 358; localidade típica: Ipanema, São Paulo.

Lutra paranensis (não de Rengger) H. IHERING, 1911. Os Mamíferos do Brasil Meridional; Revista do Museu Paulista, tomo VIII, pg. 260; localidade típica: Brasil Meridional.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai; norte da Argentina; Uruguai; Brasil central e meridional.

Lutra enudris enudris Cuvier*Lontra*

Lutra enudris CUVIER, 1823, Dictionnaire des Sciences Naturelles, vol. 27, pg. 242; localidade típica: Guiana Francesa.

Lutra mitis THOMAS, 1908, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. I, pg. 393; localidade típica: Guianas, Brasil: Amazônia e nordeste do Brasil.

Gênero PTERONURA Gray

Pteronura GRAY, 1937, Annals and Magazine of Natural History, I, pg. 580; genótipo: *Pteronura sandbachii* GRAY.

Pteronura brasiliensis brasiliensis (Zimmermann)*Ariranha*

Lutra brasiliensis ZIMMERMANN, 1777, Specimen Zoologicae, Geographicae Quadrupedum, pg. 485; localidade típica: Brasil.

Pteronura sandbachii GRAY, 1837, Magazine Natural History, I, pg. 580; localidade típica: Guiana Inglesa.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas, Brasil: Amazonas; Pará até a Bahia e norte de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais.

Pteronura brasiliensis paranensis (Rengger)*Ariranha*

Lutra paranensis RENGGER, 1826, Lehrbuch der Naturgeschichte Thiel. 3, Zool. Abth., pg. 990; localidade típica: Paraguai.

DISTRIBUIÇÃO: Argentina; Uruguai; Brasil: São Paulo ao Rio Grande do Sul.

Superfamília F E L O I D E A

Família FELIDAE

Subfamília FELINAE

Gênero PANTHERA Oken

Panthera OKEN, 1816, Lehrbuch Naturgeschichte, 3 ter. Theil Zool., 2 Abth., pg. 1052; genótipo: *Panthera vulgaris* OKEN.

Subgênero *Jaguarius* Severtzow

Jaguarius SEVERTZOW, 1858, Revue et Magazine de Zoologie, Paris, 2e. serie, X, pg. 386; genótipo: *Panthera (Jaguarius) onca* (LINNAEUS).

***Panthera (Jaguarius) onca onca* (Linnaeus)**
Onça, Onça pintada, Pintada, Jaguar, Jaguaretê,
Canguçu, Tigre (forma melânica).

Felis onca LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., pg. 42, localidade típica: Pernambuco. (1)

Felis onca mexicanae HAGMANN, 1908, Archiv. Russen. und Gesselsch. Biol., 5, pg. 10; localidade típica: ilha Mexiana, Pará.

Felis onca coxi NELSON & GOLDMAN, 1933, Journal of Mammalogy, pg. 225; localidade típica: Espírito Santo.

Felis onca boliviensis NELSON & GOLDMAN, 1933, Journal of Mammalogy, pg. 229; localidade típica: Santa Cruz, Bolívia.

Felis onca ucayale NELSON & GOLDMAN, 1933, Journal of Mammalogy, pg. 230; localidade típica: Sarayacou, Rio Ucayale.

Felis onca madeirae NELSON & GOLDMAN, 1933, Journal of Mammalogy, pg. 233; localidade típica: Igarapé Auará, Borba, Rio Madeira.

DISTRIBUIÇÃO: Venezuela; Guianas; Bolívia; Brasil: Amazonas; Pará; Nordeste do Brasil até o Estado do Espírito Santo.

***Panthera (Jaguarius) onca paulensis* (Nelson & Goldman)**
Onça, Onça pintada, Pintada

Panthera onca paulensis NELSON & GOLDMAN, 1933, Journal of Mammalogy, no. 4, pg. 225; localidade típica: Baurú, Estado de São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO: Brasil meridional até o norte do Estado do Rio Grande do Sul.

***Panthera (Jaguarius) onca palustris* (Ameghino)**

Onça, Onça pintada, Jaguar, Jaguaretê, Canguçu, Tigre

Felis palustris AMEGHINO, 1888, Rápidas Diagnoses de Mamíferos Fósseis, pg. 6; localidade típica: Lujan, Argentina.

Felis paraguensis HOLLISTER, 1915, Proceed. Unit. Staten Nat. Museum, 48, pg. 170; localidade típica: Paraguai.

Felis notialis HOLLISTER, 1915, Proceed. Unit. States Nat. Museum, 48, pg. 170; localidade típica: São José, Entre Rios, Argentina.

Felis onca milneri NELSON & GOLDMAN, 1933, Journal of Mammalogy, 14, pg. 226; localidade típica: Descalvados, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Norte da Argentina; Paraguai; Bolívia; Brasil central: pantanal de Mato Grosso e norte de Goiás.

Gênero **FELIS** Linnaeus

Felis LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 41; genótipo: *Felis catus* LINNAEUS,

Subgênero **Puma** Jardine

Puma JARDINE, 1834, Jardine's Natural Library, Mammal., II, pg. 266; genótipo: *Felis concolor* LINNAEUS.

(1) Designado por Thomas, 1911, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 136.

Felis (Puma) concolor concolor Linnaeus
Onça parda, Suçuarana, Leão (Rio Grande do Sul)

Felis concolor LINNAEUS, 1771, Mantissa, pg. 522; localidade típica: Brasil. (1)
Felis discolor SCHREBER, 1778, Säugethiere, III, pg. 393; localidade típica: América do Sul.
DISTRIBUIÇÃO: Brasil meridional.

Felis (Puma) concolor borbensis Nelson & Goldman
Onça parda, Suaçuarana

Felis concolor borbensis NELSON & GOLDMAN, 1933, Journal of Academy Science, vol. III, pg. 524; localidade típica: Borba, Amazonas.
DISTRIBUIÇÃO: Amazonas e Pará.

Felis (Puma) concolor greeni Nelson & Goldman
Onça parda, Suaçuarana

Puma concolor greeni NELSON & GOLDMAN, 1931, Journal of Washington Academy of Sciences, vol. 21, pg. 211; localidade típica: Currais Novos, Rio Grande do Norte.
DISTRIBUIÇÃO: Nordeste do Brasil.

Subgênero **Leopardus** Gray

Leopardus GRAY, 1842, Annals and Magazine of Natural History, X, pg. 260; genótipo:
Felis pardalis LINNAEUS.

Felis (Leopardus) pardalis brasiliensis (Oken)
Jagatirica, Maracajá

Lynx brasiliensis OKEN, 1816, Lehrbuch, Naturg. Zool., III, pg. 1050; localidade típica: Santo Inácio, Paraguai.
Felis chibiguazou GRAY in Griffith's Animal Kingdom, 1827, 5, pg. 167; localidade típica: Paraguai.
Felis maracaya WAGNER, 1841, Schreber Säugethiere, Supplementum, 2, pg. 492; localidade típica: Paraguai.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai; norte da Argentina; Brasil: da Amazônia ao Rio Grande do Sul.

Felis (Leopardus) wiedii wiedii Schinz
Gato do mato, Maracajá

Felis wiedii SCHINZ, 1821, Das Thierreich, I, pg. 235; localidade típica: Espírito Santo, Brasil.

Felis macroura WIED, 1826, Beitr. Natur. Brasil., pg. 312; localidade típica: Espírito Santo.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai; norte da Argentina; Brasil: do Sul da Bahia ao norte do Rio Grande do Sul.

Felis (Leopardus) wiedii vigens Thomas
Maracajá

Felis wiedii vigens THOMAS, 1904, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 14, pg. 192; localidade típica: Igarapé-açu, Pará.

DISTRIBUIÇÃO: Leste do Pará (baixo Tapajós).

(1) Nelson & Goldman, 1929, List of the Pumas, Journal of Mammalogy, vol. 10, pg. 345, designaram Piracicaba, São Paulo, como localidade típica desta raça.

Felis (Leopardus) wiedii pardictis Pocock**Maracajá**

Leopardus wiedii pardictis POCCOCK, 1941, The Races of Ocelot and Margay; Field Museum of Natural History, Zoological series, vol. 27, pg. 357;; localidade típica: São Lourenço, Pernambuco.

DISTRIBUIÇÃO: Nordeste do Brasil.

Subgênero **Herpailurus** Severtzow

Herpailurus SEVERTZOW, 1858, Revue et Magazine de Zoologie, Paris, 2e. serie, X, pg. 385; genótipo: *Felis yaguarondi* DESMAREST.

Felis (Herpailurus) yaguarondi yaguarondi Lacépède**Gato mourisco, Eirá, Jaguaracambé**

Felis yaguarondi LACÉPÈDE, 1808, in Azara, Voyage dans l'Amérique Meridionale, pl. X; localidade típica: Paraguai.

Felis eyra FISCHER, 1814, Zoognosia, pg. 228; localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Brasil central e meridional.

Felis (Herpailurus) yaguarondi unicolor Trail**Gato mourisco, Maracajá preto**

Felis unicolor TRAIL, 1818, Mem. Wernerian, Soc. Nat. History, vol. 3, pg. 170, pl. 10; localidade típica: Demerara, Guiana Inglesa.

DISTRIBUIÇÃO: Guiana Inglesa; Brasil: norte do Amazonas (Co-dajaz) e leste do Pará (Rio Tapajós).

Subgênero **Oncifelis** Severtzow

Oncifelis SEVERTZOW, 1858, Revue et Magazine de Zoologie, Paris, 2a. ser., X, pg. 386; genótipo: *Felis geoffroyi* D'ORBIGNY et GERVAIS.

Felis (Oncifelis) geoffroyi geoffroyi d'Orbigny et Gervais**Gato do mato**

Felis geoffroyi D'ORBIGNY et GERVAIS. 1844. Bull. Soc. Phylomel. Paris, pg. 40; localidade típica: Rio Negro, Argentina.

Pardalina warwickii GRAY, 1867, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 267; localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Argentina, Uruguai, Rio Grande do Sul.

Subgênero **Lynchailurus** Severtzow

Lynchailurus SEVERTZOW, 1858, Revue et Magazine Zoologie de Paris, 2a. ser., X, pg. 369; genótipo: *Felis pajeros* DESMAREST.

Felis (Lynchailurus) pajeros pajeros Desmarest**Gato palheiro, Gato dos Pampas**

Felis pajeros DESMAREST, 1816, Nouveau Dictionnaire d'Hist. Naturelle, VI, pg. 144. localidade típica: Pampas do sul de Buenos Aires.

Pajeros pampanus GRAY, 1867, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 269; localidade típica: Buenos Aires.

DISTRIBUIÇÃO: Nordeste da Argentina; Uruguai; Estado do Rio Grande do Sul (São Lourenço).

Felis (Lynchailurus) pajeros braccatus Cope
Gato palheiro, Gato dos Pampas

Felis braccata COPE, 1889, American Naturalist, XXIII, pg. 144; localidade típica: Chapada, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai; Brasil: Mato Grosso (Chapada; Aquidauana); Goiaz (Palmas).

Subgênero **Oncilla** J. A. Allen

Oncilla J. A. ALLEN, 1919, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 41, pg. 358; genótipo: *Felis pardinoides oncilla* THOMAS.

Felis (Oncilla) pardinoides pardinoides Gray
Gato do mato pequeno

Felis pardinoides GRAY, 1867, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 400; localidade típica: América do Sul.

Felis guigna HENSEL, 1872, Abhandl. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 74; localidade típica: Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Brasil meridional, do Estado do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul: Estado de São Paulo (Cantareira; Capital; Santo Amaro; Alto da Serra; Ubatuba; Iguape; Valparaíso; Lins; Franca).

Felis (Oncilla) guttula guttula Hensel
Gato do Mato

Felis guttula HENSEL, 1872, Abhandl. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 73; localidade típica: Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida até agora somente de sua localidade típica.

Felis (Oncilla) guttula emiliae Thomas
Gato do mato

Felis emiliae THOMAS, 1914, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 13, pg. 345; localidade típica: Ipú, Ceará.

DISTRIBUIÇÃO: Nordeste do Brasil.

Felis (Oncilla) guttula amazonica Cabrera
Gato do mato

Felis guttula amazonica CABRERA, 1917, Trabajos del Museu de Ciencias Naturales de Madrid, série Zoológica, no. 3, pg. 28; localidade típica: Tabatinga, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Subgênero **Colocolo** Pocock

Colocolo POCCOCK, 1941, Annals and Magazine of Natural History, ser. 11, vol. 7, pg. 269; genótipo: *Felis colocolo* MOLINA.

Felis (Colocolo) colocolo neumayeri Matschie
Gato do mato

Felis (Lynchailurus) colocolo neumayeri MATSCHIE, 1912, Sitzungsber. Ges. Natur. Freunde. Berlin, pg. 259; localidade típica: Rio das Mortes, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Conhecida somente de sua localidade típica.

Subordem *PINNIPEDIA*Família *OTARIIDAE*Gênero *OTARIA* Peron

Otaria PERON, 1816, Voyage aux Terres Australes, II, pg. 40, nota 37; genótipo; *Otaria leonina* PERON.

Otaria flavescens (Shaw)*Lobo marinho, Leão marinho*

Phoca flavescens SHAW, 1800, General Zoology, I, pt. II, pg. 260; localidade típica: Estreito de Magalhães.

Phoca jubata SCHREBER, 1776, Säugethiere, 3, pg. 300, pl. 73; localidade típica: América do Sul.

Phoca leonina MOLINA, 1782, Saggio de la Historia Naturale de Chile, pg. 282; localidade típica: costa do Chile.

Phoca byronia BLAINVILLE, 1820, Jour. Phys., 91, pg. 287; localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Costa do Perú e do Chile banhadas pelo Pacífico; costas da Argentina e do Uruguai banhadas pelo Atlântico, até o litoral do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Esporadicamente alcança, para o norte, o litoral de São Paulo e Rio de Janeiro.

Gênero *ARCTOCEPHALUS* Cuvier

Arctocephalus CUVIER, 1824, Mémoires du Museum d'Hist. Naturelle de Paris, XI, pg. 205; genótipo: *Phoca ursina* FORSTER.

Arctocephalus australis (Zimmermann)*Leão marinho, Lobo marinho*

Phoca australis ZIMMERMANN, 1782, Geogr. Gesch., 3, pg. 276; localidade típica: ilhas Falkland.

Phoca falklandica SHAW, 1800, General Zoology, I, pg. 256; localidade típica: ilhas Falkland.

DISTRIBUIÇÃO: Da costa sul do Chile às costas atlânticas da Argentina e Uruguai, de onde acidentalmente alcança o litoral do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

Ordem *SIRENIA*Subordem *TRICHECHIFORMES*Família *TRICHECHIDAE*Gênero *TRICHECHUS* Linnaeus

Trichechus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 34; genótipo; *Trichechus manatus* LINNAEUS.

Manatus BRUNNICH, 1772, Zoologie Fundamenta, pg. 34; genótipo: *Trichechus manatus* LINNAEUS.

Trichechus inunguis (Natterer)*Peixe boi, Manatí, Goarabá*

Manatus inunguis NATTERER, in Pelzeln, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 89; localidade típica: Borça, Rio Madeira, Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Rios das bacias do Orenoco e do Amazonas. Outra descia pela costa do Brasil até a embocadura do Rio Doce, no Estado do Espírito Santo. Atualmente parece não passar da ilha de Marajó.

Trichechus manatus manatus Linnaeus
Peixe boi, Manatí, Goarabá

Trichechus manatus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 34; localidade típica: Índias Ocidentais.

DISTRIBUIÇÃO: Antilhas; costas da Venezuela e Guianas até o litoral do Estado do Pará.

Superordem M E S A X O N I A

Ordem PERISSODACTYLA

Subordem CERATOMORPHA

Superfamília T A P I R O I D E A

Família TAPIRIDAE

Gêneros TAPIRUS Brisson

Tapirus BRISSON, 1762, Regnum Animale in Classes, pg. 81; genótipo: *Tapirus tapirus* BRISSON = *Hippopotamus terrestris* LINNAEUS.

Tapirus terrestris terrestris (Linnaeus)

Anta, Anta xuré, Anta sapateira, Anta gameleira, Batuvira, Tapira, Pororóca

Hippopotamus terrestris LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 174; localidade típica: Recife, Pernambuco. (1)

Tapir suillus BLUMENBACH, 1779, Handbuch der Naturgesch., 1a. ed., vol. I, pg. 129; localidade típica: Surinam.

Tapir americanus LINNAEUS, 1788, Systema Naturae, 13a. ed., Gmelin, vol. I, pg. 216; localidade típica: América do Sul.

Tapira sabatyra LIAIS, 1872, Climats, Geologie, Fauna et Geographie Botanique du Brésil; localidade típica: Brasil.

Tapirus americanus var. *mexicanae* HAGMANN, 1908, Archiv. Rass. Ges. Biol., vol. 5, pg. 22, fig. 1; localidade típica: ilha Mexiana, foz do Amazonas, Pará.

Tapirus spagazzini AMEGHINO, 1909, Anales Mus. Nac. Buenos Aires, vol. 20, pg. 31; localidade típica: Salta, Argentina.

Tapirus terrestris guianae J. A. ALLEN, 1916, Bull. Amer. Mus. Nat. History, vol. 35, pg. 566; localidade típica: Tumutari, Guiana Inglesa.

Tapirus amulipes HERMANN, 1924, Mitt. Zool. Mus. Berlin, vol. 11, pt. 1, pg. 167, localidade típica: Corumbá, Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Do leste da Colômbia, Perú e Equador, por todo o Brasil, até o norte da Argentina.

Superordem P A R A X O N I A

Ordem ARTIODACTYLA

Subordem SUIFORMES

Família TAYASSUIDAE

Gênero TAYASSU Fischer

Tayassu FISCHER, 1814, Zoognosia, III, pg. 284; genótipo: *Sus tajacu* LINNAEUS.

Dicotyles CUVIER, 1817, Règne Animal, I, pg. 237; genótipo: *Dicotyles torquatus* CUVIER.

Notophorus FISCHER, 1817, Mem. Soc. Moscow, vol. V, pg. 373; genótipo: *Dicotyles torquatus* CUVIER.

(1) Fixada por Thomas, 1911, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 155.

Adenonotus BROOKES, 1828, Prodr. Synop. Animalium, Cat. Zoot., pg. 11; genótipo: *Dicotyles labiatus* CUVIER.

Pecari REICHENBACH, 1835, Bilder gallerie der Thierwelt Abbildungen Thierreich, 2te., heft VI, taft 21, fig. 2. genótipo: *Sus torquatus* CUVIER.

Tayassu pecari pecari (Link)

Queixada, Canela ruiva, Tanhaçú, Tajaçú, Tanhocati

Sus pecari LINK, 1795, Beitr. Naturg. Zweytuk, pg. 109; localidade típica: América do Sul.

Tayassu pecari FISCHER, 1813, Zoognosia, vol. 2, pg. 286; localidade típica: América do Sul.

Sus albirostris ILLIGER, 1811, Abhandl. Akad. Sc. Berlin, pg. 115; localidade típica: América do Sul.

Dicotyles labiatus CUVIER, 1817, Règne Animal, vol. I, pg. 237; localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Perú, Venezuela; Guianas; Paraguai; Bolívia; Brasil: da Amazônia ao norte do Rio Grande do Sul).

Tayassu tajacu tajacu (Linnaeus)

Porco do mato, Cateto, Tateto, Caetetu, Pecari

Sus tajacu LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., I, pg. 50; localidade típica: Brasil.

Dicotyles torquatus CUVIER, 1817, Règne Animal, vol. I, pg. 237; localidade típica: Brasil.

DISTRIBUIÇÃO: Leste da Colômbia; Perú; Venezuela; Bolívia; Paraguai; Brasil; norte da Argentina e Uruguai.

Infraordem PECORA

Superfamília CERVOIDEA

Família CERVIDAE

Subfamília ODOCOILEINAE

Gênero ODOCOILEUS Rafinesque

Odocoileus RAFINESQUE, 1832, Atlant. Journal, vol. I, pg. 109; genótipo; *Odocoileus speleus* RAFINESQUE, = *Cervus virginianus* BODDAERT.

Gymnotis FITZINGER, 1789, Sitzber. K. Akad. Wissensch. Wien, vol. LXVIII, pt. 1, pg. 343; genótipo: *Gymnotis wiegmanni* FITZINGER.

Odocoelus ALLEN, 1901, American Naturalist, vol. XXXV, pg. 449; genótipo: *Odocoelus virginianus* (BODDAERT).

Odocoileus virginianus cariacus (Boddaert)

Suaçú apara, Cariacú, Veado galheiro

Cervus cariacou BODDAERT, 1784, Elenchus Animalium, vol. I, pg. 136; localidade típica: Guiana Francesa.

Cervus gymnotis WIEGMANN, 1833, Isis, pg. 965; localidade típica: Baixo Orenoco, Venezuela.

Cervus satannarum CABANIS & SCHOMBURGK, 1848, Reise Br.t. Guiana, III, pg. 785; localidade típica: Guiana Inglesa.

Odocoelus suacuapara (Kerr), MIRANDA RIBEIRO, 1919, Revista do Museu Paulista, tomo XI, pg. 1; localidade típica: Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Leste da Venezuela; Guianas; Amazonas: (Rio Branco) e Pará (Amapá).

Gênero MAZAMA Rafinesque

Mazama RAFINESQUE, 1817, Ann. Monthly Magazine, I, no. 5, pg. 363; genótipo: *Mazama rufa* ILLIGER.

- Subulo* H. SMITH, 1827, Griffith's Animal Kingdom, vol. V, pg. 318; genótipo: *Cervus rufus* ILLIGER.
Coassus GRAY, 1843, List Mammals British Museum, pg. 174; genótipo: *Cervus rufus* ILLIGER.
Manelaphus FITZINGER, 1873, Sitzb. K. Akad. Wissensch. Wien, vol. LXVIII, pt. 1, pg. 360; genótipo: *Cervus namby* NATTERER (em parte).
Doryceros FITZINGER, 1879, Sitzb. K. Akad. Wissensch. Wien, vol. LXVIII, pt. 1, pg. 360; genótipo: *Cervus tschudii* WAGNER.

Mazama americana americana (Erxleben)

Veado pardo, Veado mateiro, Mateiro, Guatapará, Guaçú pitã

- Moschus americanus* ERXLEBEN, 1777, Systema Regnum Animal, vol. I, pg. 324; localidade típica: Caiena, Guiana Francesa.
Cervus rufus ILLIGER, 1811, Abhandl. K. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 108; localidade típica: Paraguai.
Mazama pita RAFINESQUE, 1817, Amer. Monthl. Magazine, vol. I, pg. 363; localidade típica: América do Sul.
Cervus (Subulo) dolichurus WAGNER, 1844, Supplem. Schreber's Säugethiere, IV, pg. 389; localidade típica: Caiena, Guiana Francesa.
Mazama americana jucunda THOMAS, 1913, Annals and Magazine, ser. 8, vol. 11, pg. 587; localidade típica: Roça Nova, Paraná.

DISTRIBUIÇÃO: Leste da Colômbia e Venezuela; Guianas; todo o Brasil, do Amazonas ao norte do Rio Grande do sul; norte da Argentina.

Mazama simplicicornis simplicicornis (Illiger)

Veado virá, Virote, Catingueiro, Guaçú tinga

- Cervus simplicicornis* ILLIGER, 1811, Abhandl. K. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 107; localidade típica: Brasil.
Mazama bira RAFINESQUE, 1817, Amer. Monthl. Magazine, vol. I, pg. 368; localidade típica: América do Sul.
Cervus nemorivagus CUVIER, 1817, Dict. Sc. Nat., vol. VII, pg. 485; localidade típica: América do Sul.
Mazama simplicicornis mexicanae HAGMANN, 1908, Archiv. Rasseumund Gesells. Biol., vol. V, pg. 14, pt. 1; localidade típica: ilha Mexiana, Pará.
Mazama simplicicornis var. *Koseritzi* MIRANDA RIBEIRO, 1919, Revista do Museu Paulista, tomo XI, pg. 56; localidade típica: Rio Grande do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Leste da Colômbia e Venezuela; Guianas; todo o Brasil, da margem direita do Rio Amazonas ao Rio Grande do Sul; Uruguai e norte da Argentina.

Mazama rufina (Bourcier & Pucheran)

Veado caracú, Camocica, Mão curta, Bororó, Pororóca

- Cervus rufinus* BOURCIER & PUCHERAN, 1852, Archives du Muséum de Paris, vol. VI.
Cariacus nanus LESSON, 1842, Nouv. Tableau du Règne Animal, Mammal., pg. 173; localidade típica: América do Sul.
Nanelaphus namby FITZINGER, 1873, Sitzb. Akad. Wissensch. Wien, vol. LXVIII, pg. 361; localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Equador, Venezuela; Brasil: Mato Grosso (Caiçara; Vila Maria); Estado de São Paulo (Rio Paranapanema); Rio Grande do Sul (Nova Wurttemberg).

Mazama rondoni Miranda Ribeiro

Veado roxo, Veado pequeno, Guarupú, Fobóca

- Mazama rondoni* MIRANDA RIBEIRO, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas; ANEXO 5; Zoologia, pg. 33. localidade típica: Rio Cabixi, norte de Mato Grosso.

DISTRIBUIÇÃO: Amazonas (Lago Serpa); Pará (Foz do Curuá; Caxiricatuba); norte de Mato Grosso.

Gênero **BLASTOCERUS** Wagner

Blastocerus WAGNER, 1844, Supplem. Schreber's Säugethiere, IV, pg. 360; (subgênero);
genótipo: *Cervus dichotomus* ILLIGER.

Blastocerus dichotomus (Illiger)

Cervo, Veado galheiro, Suaçuetê, Suaçuapara, Guaçuapucú

Cervus dichotomus ILLIGER, 1811, Abhandl. Akad. Scienc. Berlin, pg. 168; localidade típica: Paraguai.

Cervus paludosus DESMAREST, 1822, Mammalogie, vol. II, pg. 443; localidade típica: América do Sul.

Cervus palustris DESMOULINS, 1823, Dict. Class. d'Hist. Naturelle, vol. III, pg. 379; localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Bolívia; Paraguai; norte da Argentina; Uruguai; Brasil: Mato Grosso, Goiás, Bahia e Minas Gerais, do vale do São Francisco até o Estado do Rio Grande do Sul.

Gênero **OZOTOCEROS** Ameghino

Ozotoceros AMEGHINO, 1891, Revista Argentina de História Natural, I, pg. 243; genótipo: *Blastocerus campestris* GRAY.

Ozotoceros bezoarticus bezoarticus (Linnaeus)

Veado branco, Campeiro, Suaçutinga, Suaçuapara

Cervus bezoarticus LINNAEUS, 1766, Systema Naturae, I, pg. 67; localidade típica: Pernambuco.

Cervus campestris CUVIER, 1817, Dict. de Sciences Naturelles, vol. VII, pg. 484 (em parte); localidade típica: América do Sul.

DISTRIBUIÇÃO: Norte e nordeste do Brasil.

Ozotoceros bezoarticus leucogaster (Goldfuss)

Veado branco, Veado campeiro, Suaçutinga,

Cervus leucogaster GOLDFUSS, 1817, in Schreber's Säugethiere, vol. V, pg. 1127; localidade típica: Assuncion, Paraguai.

Cervus azarae WIEGMANN, 1833, Isis, pg. 954; localidade típica: Paraguai.

DISTRIBUIÇÃO: Paraguai; norte da Argentina; Brasil central e meridional até o Estado do Rio Grande do Sul.

B I B L I O G R A F I A

ACOSTA Y LARA, EDUARDO

- 1950 — *Los Quiropteros del Uruguay, Comunicaciones zoológicas del Museo de Historia Natural de Montevideo*, no. 58, vol. III, pg. 1

ALLEN, JOEL ASAPH

- 1911 — *Mammals from Venezuela collected by A. Carriker*, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 30, pg. 239.
 1915 — *A Review of South-american Sciuridae*, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 34, pg. 147.
 1916 — *Mammals collected on Roosevelt Braz. Expedition*, Bull. Amer. Museum History, vol. 35, pg. 559.
 1916 — *A List of Mammals collected for the American Museum in Ecuador*, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 35, pg. 113.
 1919 — *Notes on small spotted Cats of South-America*, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 41, pg. 341.
 1919 — *A List of Mammals collected in Colombia*, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 39, pg. 191.

ALLEN, GLOVER

- 1939 — *Check-list of African Mammals: Cetacea*, Bull. Mus. Comparative Zoology at Harvard College, vol. 83, pg. 258.

ANTHONY

- 1921 — *Mammals from British Guiana and Colombia*, American Museum Novitates, no. 19, pg. 6.

BODDARD, F. E.

- 1900 — *A Book of Whales*.

CABREIA, ANGEL

- 1919 — *Genera Mammalium: Monotremata, Marsupialia*, Museo Nacional de Ciencias Naturales, Madrid, pg. 1 - 177.
 1934 — *Los Yaguares vivientes y extintos*, Notas preliminares del Museo de La Plata, no. 2, pg. 9.
 1939 — *Los Monos de la Argentina*, Physis, tomo XVI, pg. 1.
 1943 — *Sobre la Systematica del venado*, Revista del Museo de La Plata, tomo III, Zoología, pg. 5.

CABRERA & YEPES

- 1940 — *Mamíferos Sud-americanos*, Historia Natural Ediar, Buenos Aires.

COPE, E. D.

- 1889 — *Mammalia of southern Brazil*; American Naturalist, vol. 256, pg. 128.

CRESPO, JORGE

- 1950 — *Notas sobre Mamíferos de Misiones*; Comunicaciones del Instituto Nacional de Investigaciones de las Ciencias Naturales, tomo I, no. 14.

DAVIS, DAVID

- 1947 — *Notes on the life Histories of some Brazilian Mammals*, Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Zoologia, no. 76, pg. 1.

DEVICENZI, GARIBALDI

- 1932 — *Mamíferos del Uruguay*, Anales del Museo de Historia Natural de Montevideo, tomo IV, no. 10, pg. 1 - 96.

ELLERMAN, J. R.

- 1940 — *The Families and Genera of Living Rodents*.

ELLIOT, D. G.

- 1904 — *The Land and Sea Mammals of Middle American and West Indies*, Field Columbian Museum, Zoological series, vol. IV, part 1.^a, pg. 441.
1913 — *A Review of the Primates*.

GOELDI, EMILIO

- 1893 — *Os Mamíferos do Brasil*.

GOELDI & HAGMANN

- 1904 — *Pródromo de Catálogo crítico da coleção de Mamíferos do Museu Paulista*, Boletim do Museu Goeldi, vol. IV, no. 1, pg. 38.

GOODWIN, G.

- 1946 — *Mammals of Costa Rica*, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 87, pg. 275.

GYLDENSTOLPE, NILS

- 1932 — *A Manual of Neotropical Sigmodontes Rodents*, K. Svenska Vetenskapskad. Handl. Stockholm, ser. 3, vol. 11, no. 3, pg. 1 - 164.

HERSHKOVITZ, PHILIP

- 1947 — *Mammals of Northern Colombia: Scuridae*, Proceed. Unit. States Nat. Museum, vol. 97, no. 3208, pg. 1.
1948 — *The technical name of the Virgin Deer with a list of the south american forms*, Proceed. Zool. Soc. Washington, vol. 61, pg. 41.
1949 — *Mammals of Northern Colombia: Chiropteras*, Proceed. Unit. States Nat. Museum, vol. 99, no. 3246, pg. 429.
1949 — *Mammals of Northern Colombia: Primates*, Proceed. Unit. States Nat. Museum, vol. 98, no. 3232, pg. 323.
1950 — *Mammals of Northern Colombia: Leporidae*, Proceed. Unit. States Nat. Museum, vol. 100, no. 3265, pg. 327.
1951 — *Mammals from British Honduras, Mexico, Jamaica and Haiti*, Fieldiana, Zoology, vol. 31, no. 47, pg. 547.
1954 — *Mammals of Northern Colombia: Genus Tapirus*, Proceed. Unit. States Nat. Museum, vol. 103, no. 3329, pg. 465.

HARRIS

- 1945 — *A List of Mammals from Costa Rica*, Occasional Papers Mus. Zool. Univ. Michigan, no. 476, pg. 15.

HATT, R.

- 1934 — *Observations on recent Manatees*, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 66, pg. 538.

IHERING, H.

- 1893 — *Os Mamíferos de São Paulo*, Catálogo.
1904 — *O rio Juruá*, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 406.
1911 — *Os Mamíferos do Brasil Meridional*, Revista do Museu Paulista, vol. VIII, pg. 147.
1927 — *Os Mamíferos do Rio Grande do Sul*, Revista do Museu e Arquivo Público do Rio Grande do Sul, no. 19, pg. 49.

KELLOG, REMINGTON

- 1940 — *Whales, Giants of the Sea*, The National Geographic Magazine, January, pg. 35.

KELLOG & GOLDMAN

- 1944 — *Review of the Spiders Monkeys*, Proceed. Unit. States Nat. Museum, vol. 96, no. 3180, pg. 1.

KRUMBIEGEL

- 1940 — *Die Säugethiere der Sudamerika*, Zool. Anz., Bd. 131.

- LIMA, ELADIO
1944 — *Mamíferos da Amazônia, vol. I: Primatas.*
- LÖNNBERG, E.
1914 — *Mammals from Ecuador*, Arkiv för Zoologi, Band 8, no. 16, pg. 52.
- MELO LEITÃO
1947 — *Zoogeografia do Brasil*, 2a. edição.
- MENDEZ, JOSÉ
1951 — *Estudio de los Mamíferos coletados en la region de Baruta El Hatillo, Venezuela*, Memorias de la Sociedad de Ciencias Naturales La Salle, tomo XI, no. 30, pg. 264.
1953 — *Estudio de los Mamíferos coletados en la Sierra de Perijá, Venezuela*, Memorias de la Sociedad de Ciencias Naturales La Salle, tomo XIII, no. 34, pg. 81.
- MIRANDA RIBEIRO
1914 — *Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas*, Anexo 5, Zoologia.
1919 — *Os veados do Brasil*, Revista do Museu Paulista, tomo XI, pg. 213.
1935 — *Fauna de Terezópolis*, Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, XI, pg. 121.
1936 — *Didelphia ou Marsupialia ovo-vivípara*, Revista do Museu Paulista, vol. XX, pg. 245.
- MOOJEN DE OLIVEIRA, JOÃO
1942 — *Sobre os Curiídeos das coleções do Museu Nacional, Dep. de Zoologia e Museu Goeldi*, Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Zoologia, no. 1, pg. 1.
1943 — *Mamíferos do Nordeste*, Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Zoologia, no. 1, pg. 1.
1948 — *Speciation in the Brazilian Spiny Rats (Genus Proechimys)*, University Kansas Publications Mus. Nat. History, vol. 1, no. 19.
1952 — *Os Roedores do Brasil*, Instituto Nacional do Livro, Biblioteca Científica Brasileira.
- NELSON & GOLDMAN
1933 — *Revision of the Jaguars*, Journal of Mammalogy, vol. 14, pg. 221.
- NORMAN & FRASER
1938 — *Les Géants de la Mer.*
- OSGOOD, W. H.
1912 — *Mammals from Western Venezuela and Western Colombia*, Public. Field Museum Nat. History, Zool. series, vol. 10, pg. 33.
1943 — *Mammals of the Chile*, Field Museum Nat. History, Zoology, vol. 30, pub. 542, pg. 1.
- ORTIZ DE LA PUENTE, JAVIER
1951 — *Estudio Monografico de los Quirópteros de Lima y alrededores*, Publicaciones del Museo de Historia Natural Javier, Prado, série A, no. 7, pg. 1.
- PINTO, OLIVÉRIO
1931 — *Ensaio sobre a Fauna de Sciurídeos do Brasil*, Revista do Museu Paulista, tomo XVII, pg. 263.
- POCOCK
1939 — *The Races of Jaguars*, Novitates Zoologicae, no. 41, pg. 406.
1941 — *The Races of Ocelot and Margay*, Field Museum Nat. History, Zoological Series, vol. 127, pg. 318.
- SANBORN, C. C.
1929 — *The Land Mammals of Uruguai*, Field Museum Publications Chicago, Zoological series, no. 17, pg. 147.
1941 — *Description and Records of Neotropical Bats*, Field Mus. Nat. History, Zoological series, vol. 27, pg. 371.

- 1949 — *Mammals from the Ucayale, Perú*, Journal of Mammalogy, vol. 30, no. 3, pg. 277.
- 1953 — *Mammals from Depart. Cusco and Puno, Perú*, Publicaciones del Museo de Historia Natural Javier Prado, série A, Zoologia, no. 12, pg. 1.
- SANDERSON
- 1949 — *A brief review of the Mammals of Surinam based upon a collection made in 1938*, Proceed. Zool. Soc. London, vol. 119, pt. III, pg. 755.
- SIMPSON, G. G.
- 1945 — *The Principles of Classification and a Classification of Mammals*, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 85.
- TATE, G. H.
- 1933 — *A Systematic Review of the Genus Marmosa*, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. LXVI, pg. 1.
- 1939 — *On the Mammals of the Guiana Region*, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. LXXVI, pg. 156.
- THOMAS, OLDFIELD
- 1902 — *On Mammals from Serra do Mar*, Annals and Magazine of Natural History, ser. 7, vol. 9, pg. 59.
- 1903 — *On the Mammals collected by Mr. Robert at Chapada, Mato Grosso*, Proceed. Zoological Society London, vol. V, pg. 236.
- 1910 — *On Mammals collected in Ceará*, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 6, pg. 500.
- 1920 — *On Mammals from the lower Amazon in Goeldi Museum*, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 6, pg. 266.
- 1926 — *On some Mammals from the Middle Amazonas*, Annals and Magazine of Natural History, ser. 9, vol. 17, pg. 365.
- 1928 — *The Mammals of Ucayali*, Annals and Magazine of Natural History, ser. 10, vol. 12, pg. 249.
- TROUESSART, E. L.
- 1904-1905 — *Catalogues Mammalium tam viventium quam fossilium, Supplementum*.
- VIEIRA, C.
- 1945 — *Sobre uma coleção de Mamíferos de Mato Grosso*, Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo, vol. IV, pg. 395.
- 1946 — *Carnívoros do Estado de São Paulo*, Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo, vol. V, pg. 553.
- 1949 — *Nova contribuição ao conhecimento dos Mamíferos do rio Juruá*, Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, tomo X, pg. 239.
- 1950 — *Xenartros e Marsupiais do Estado de São Paulo*, Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo, vol. VIII, pg. 325.
- 1951 — *Notas sobre os Mamíferos obtidos pela expedição Butantã ao rio das Mortes*, Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia de São Paulo, vol. X, no. 4, pg. 105.
- 1952 — *Resultados de uma expedição científica ao Território do Acre: Mamíferos*, Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia de São Paulo, vol. XI, no. 2, pg. 21.
- 1953 — *Roedores e Lagomorfos do Estado de São Paulo*, Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo, vol. VII, pg. 129.
- 1953 — *Sobre uma coleção de Mamíferos do Estado de Alagoas*, Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo, vol. VIII, pg. 209.
- YEPES, JOSÉ
- 1928 — *Los Edentata Argentinos: Sistemática y Distribución*, Revista de la Universidad de Buenos Aires, ser. 2, pt. 5, vol. 1, pg. 361.

INDICE

NOMES TÉCNICOS

abrasus, Eumops	382	aricana, Nasua	447
acouchy, Myoprocta	428	armatus, Echimys	438
acreanus, Callicebus	337	Artibeus	364
acutorostrata, Balaenoptera	443	aruma, Phyllostomus	358
aestuans, Sciurus	407	arviculoides, Akodon	416
affinis, Coendou	423	Ateles	389
africana, Grammogale	450	aurea, Dasyprocta	426
agilis, Marmosa	353	aurita, Callithrix	392
agricolai, Marmosa	353	aurita, Didelphis	345
aguti, Dasyprocta	427	aurita, Lonchorhina	361
Akodon	416	auritus, Chrotopterus	359
albescens, Myotis	303	australis, Arctocephalus	456
albicans, Pithecia	380	australis, Chrotopterus	359
albifrons, Cebus	386	australis, Eubalaena	444
albinasa, Chiropotes	381	azarae, Aotes	375
albispinus, Proechimys	431	azarae, Cavia	424
albiventer, Noctilio	357	azarae, Dasyprocta	426
albiventer, Thyroptera	368	azarae, Dusicyon	445
albus, Didelidurus	357	bahiensis, Marmosa	352
alecto, Drepanycteris	356	Balaenoptera	442
alexandrinus, Rattus	421	baptista, Callicebus	378
Alouatta	381	barbara, Tayra	448
alphonsei, Sciurus	407	beatrice, Marmosa	353
alter, Myotis	369	behni, Micronycteris	361
amazonica, Felis	455	belzebul, Alouatta	382
amazonicus, Conepatus	450	belzebuth, Ateles	389
amazonicus, Holochilus	420	bennettii, Mimon	360
amazonicus, Nectomys	415	bezoarticus, Blastocerus	460
amblyonyx, Kannabateomys	438	bicolor, Ctenomys	430
amblyotis, Tonatia	360	bicolor, Marikina	394
americana, Mazama	459	bidens, Tonatia	360
americanus, Monodelphis	349	bidens, Vampyrops	366
amoenus, Oryzomys	412	bilabiatum, Pygoderma	366
amphichoricus, Proechimys	433	bilineata, Saccopteryx	354
anderseni, Artibeus	364	bilobatum, Chiroderma	366
angouya, Oryzomys	411	bistriata, Isothrix	436
angularis, Oxymycteris	418	blainvillei, Echymys	437
Anoura	363	blainvillei, Stenodelphis	439
Aotes	374	Blarinomys	419
apella, Cebus	386	blaseri, Marmosa	352
aperea, Cavia	424	Blastocerus	460
aperoides, Cercomys	435	boimensis, Proechimys	433
aquaticus, Nectomys	414	boliviensis, Aotes	375
arabupu, Proechimys	432	boliviensis, Saimiri	388
arachnoides, Brachyteles	390	bonafidei, Proechimys	430
Arctophalus	456	borbensis, Felis	453
arenicola, Akodon	416	bonariensis, Eumops	373
arescens, Proechimys	432	bonariensis, Lasiurus	370
argentata, Callithrix	394	bonariensis, Myocastor	429

borealis, Balaenoptera	443	Cercomys	435
borealis, Lasiurus	371	Chaetomys	423
Brachyteles	390	chameck, Ateles	390
brachyurus, Chrysocyon	446	chapidensis, Potos	448
braccatus, Felis	454	chapidensis, Tamandua	399
Bradypus	401	chapmani, Eptesicus	370
brandtii, Coendou	422	chilensis, Conepatus	450
branickii, Dinomys	426	chiloensis, Myotis	369
brasiliensis, Bradypus	401	Chilonycteris	358
brasiliensis, Ctenomys	429	Chiroderma	366
brasiliensis, Echimys	437	Chironectes	347
brasiliensis, Eptesicus	370	Chiropotes	381
brasiliensis, Felis	453	chiropotes, Chiropotes	381
brasiliensis, Grison	449	Choeronycteris	362
brasiliensis, Lasiurus	370	Choloepus	400
brasiliensis, Pteronura	451	Chrotopterus	359
brasiliensis, Sotalia	441	chrysocephala, Pithecia	380
brasiliensis, Tadarida	373	Chrysocyon	446
brasiliensis, Tonatia	360	chrysoleucos, Callithrix	394
brasiliensis, Sylvilagus	405	chrysomelas, Leontocebus	398
brevirostris, Cormura	355	chrysopygus, Leontocebus	398
brevicaudatus, Monodelphis	348	cinerascens, Callicebus	379
bruneti, Scleropleura	405	cinerea, Marmosa	351
brunneus, Callicebus	377	cinereus, Artibeus	364
breviceps, Blarinomys	419	cinereus, Lasiurus	370
breviceps, Kogia	440	cinnamomeus, Oecomys	413
breviceps, Mus	421	cirrhosus, Trachops	359
brevicauda, Proechimys	433	clamitans, Alouatta	382
brunello, Callicebus	376	Clyomys	434
Cabassous	402	codajazensis, Cyclopes	400
Cacajao	379	codajazensis, Saimiri	387
caelestis, Callithrix	392	Coendou	422
caligatus, Callicebus	377	colinus, Thomasomys	413
calmensis, Philander	347	collega, Marmosa	353
Callicebus	375	collinsi, Saimiri	388
Callimico	392	colocolo, Felis	455
Callithrix	392	concolor, Artibeus	364
calvus, Cacajao	379	concolor, Felis	453
cancrivorus, Procyon	446	Conepatus	450
canescens, Dactylomys	438	constantiae, Marmosa	351
canescens, Saccopteryx	355	Cormura	355
caraccioli, Vampyrops	366	coypus, Myocastor	429
caraya, Alouatta	381	crassicaudata, Lutreolina	348
caracus, Odocoileus	458	crassicaudatus, Molossus	372
caroarenis, Lagotrix	391	crenulatum, Mimon	360
Carollia	363	croconota, Dasyprocta	427
Carteredon	434	Ctenomys	429
cassiquiarensis, Saimiri	387	cunicularius, Cercomys	435
catellus, Euryzygomatomys	434	Cuniculus	428
catharinae, Oecomys	412	cupreus, Callicebus	376
catodon, Physter	437	cursor, Akodon	416
catrinae, Dasyprocta	426	Cyclopes	400
caucae, Marmosa	352	Cyttarops	356
caudifera, Lonchoglossa	363	Dactylomys	438
Cavia	423	dactylinus, Dactylomys	438
cavirostris, Ziphis	440	Dasyprocta	426
caymanus, Myoprocta	428	Dasypterus	371
cearantus, Rhipidomys	415	Dasytus	404
Cebuella	398	dasythrix, Echimys	437
Cebus	384	davyi, Pteronotus	358
centralis, Centronycteris	355	delphis, Delphinus	441
centralis, Coendou	422	Delphinus	441
Centronycteris	355	denigratus, Proechimys	431
Centurio	366	delticus, Eumops	373
centurio, Centurio	367	Desmodus	367

dichotomus, Blastocerus	460	fusca, Alouatta	382
dichrurus, Philander	347	fuscicollis, Marikina	397
Diclidurus	356	fuscinus, Zygodontomys	417
didactylus, Choloepus	401	Galea	424
didactylus, Cyclopes	400	garbei, Sciurus	407
Didelphis	344	geoffroyi, Anoura	363
didelphoides, Mesomys	435	geoffroyi, Felis	454
dimidiatus, Monodelphis	350	geoffroyensis, Inia	439
dimidiatus, Proechimys	432	giganteus, Priodontes	402
diminutus, Eptesicus	370	gigot, Callicebus	376
Dinomys	426	gilvularis, Sciurus	407
Diphylla	367	glaucinus, Eumops	373
discolor, Alouatta	382	glaucinus, Sciurillus	409
discolor, Phyllostomus	359	Glossophaga	362
domestica, Monodelphis	348	gnambiquarae, Sapteromys	419
domina, Marmosa	352	goeldii, Callimico	392
doriae, Chiroderma	366	goeldii, Oryzomys	411
dorsalis, Thomasomys	413	goeldii, Proechimys	432
Drepanycteris	356	Grammogale	450
Dusicyon	444	grandis, Echimys	438
ecaudata, Diphylla	367	gratiosus, Proechimys	430
ecaudata, Lonchoglossa	363	greeni, Felis	453
Echimys	436	griseovertex, Marikina	397
Ectophylla	366	Grison	449
ega, Dasypterus	371	guahybae, Marmosa	351
egeria, Callicebus	377	guaycuru, Myotis	369
egregius, Dasypterus	371	guianae, Chrotopterus	359
elegans, Proechimys	434	guiara, Euryzygomatomys	434
eliurus, Oryzomys	410	guanensis, Sotalia	442
elongatus, Phyllostomus	359	gulina, Tayra	449
emiliae, Callicebus	377	guttula, Felis	455
emiliae, Callithrix	393	guyanensis, Proechimys	431
emiliae, Felis	455	gymnocercus, Dusicyon	444
emiliae, Lonchothrix	436	gymnura, Saccopteryx	355
emiliae, Marmosa	353	hansae, Eumops	373
emiliae, Monodelphis	350	hastatus, Phyllostomus	358
emiliae, Oecomys	413	henseli, Monodelphis	349
enslenii, Lasiurus	370	henseli, Nasua	448
entrerianus, Dusicyon	445	henseli, Sciurus	407
enudris, Lutra	451	Hesperomys	419
Eptesicus	369	hilae, Proechimys	431
Eubalaena	444	hilarii, Eptesicus	369
Eumops	372	hispidus, Cabassous	403
Euphractus	403	hispidus, Mesomys	435
Euryzygomatomys	434	hispidus, Oxymycterus	418
europis, Tadarida	373	Histiopus	370
exilis, Myoprocta	428	hofmannsi, Callicebus	378
expulsus, Hesperomys	419	Holochilus	420
fatuellus, Cebus	386	horrens, Furipterus	368
Felis	452	hydrochoeris, Hydrochoerus	425
ferrugineus, Phaenomys	415	Hydrochoerus	425
flavescens, Oryzomys	410	ignitus(Callicebus	378
flavescens, Otaria	456	ignitus, Callicebus	378
flaviceps, Callithrix	393	igniventris, Sciurus	408
flavidens, Galea	425	iheringii, Monodelphis	349
flavimanus, Euphractus	404	iheringi, Microxus	418
flavus, Potos	448	iheringi, Proechimys	430
fluviatilis, Sotalia	441	imperator, Marikina	396
frontatus, Cebus	384	incana, Marmosa	352
frugivorus, Rattus	421	inermis, Cercomys	435
fuliginosa, Dasyprocta	426	infulatus, Aotes	374
fulminatus, Sciurus	409	infumata, Lagothrix	391
fumosus, Vampyrops	366	infucatus, Bradypus	401
furax, Grison	449	ingrami, Sciurus	406
Furipterus	368	Inia	439

intermedius, <i>Dasypterus</i>	371	lituratus, <i>Artibeus</i>	364
intermedius, <i>Oryzomys</i>	411	<i>Lonchoglossa</i>	363
inunguis, <i>Trichechus</i>	456	<i>Lonchophylla</i>	362
inustus, <i>Marikina</i>	395	<i>Lonchorhina</i>	361
iquiriensis, <i>Sciurus</i>	408	<i>Lonchothrix</i>	436
irex, <i>Noctilio</i>	357	longicaudatus, <i>Proechimys</i>	433
irroratus, <i>Sciurus</i>	408	longicaudata, <i>Tamandua</i>	400
isabellae, <i>Drepanycteris</i>	356	longifolium, <i>Mimon</i>	361
<i>Isothrix</i>	436	longirostris, <i>Prodelphinus</i>	441
jaburuensis, <i>Saimiri</i>	389	loricatus, <i>Cabassous</i>	403
jordani, <i>Callithrix</i>	393	lugubris, <i>Cabassous</i>	403
jamaicensis, <i>Artibeus</i>	364	<i>Lutra</i>	451
jordani, <i>Gallithrix</i>	393	<i>Lutreolina</i>	348
juara, <i>Alouatta</i>	383	lutrilla, <i>Lutreolina</i>	348
judex, <i>Oxymycteris</i>	418	macconelli, <i>Ectophylla</i>	366
juquiaensis, <i>Thyroptera</i>	368	macrocephalus, <i>Cebus</i>	386
juralis, <i>Sciurus</i>	408	macrodon, <i>Saimiri</i>	387
juruaana, <i>Marikina</i>	396	<i>Macrophyllum</i>	362
juruaana, <i>Nasua</i>	447	macrophyllum, <i>Macrophyllum</i>	362
juruanus, <i>Choloepus</i>	401	macrotis, <i>Peropteryx</i>	354
juruanus, <i>Cebus</i>	386	macrurus, <i>Echimys</i>	437
juruanus, <i>Cyclopes</i>	400	macrurus, <i>Rhipidomys</i>	415
juruanus, <i>Saimiri</i>	388	maculipes, <i>Rhipidomys</i>	415
<i>Kannabateomys</i>	438	madeirae, <i>Saimiri</i>	388
kappleri, <i>Peropteryx</i>	354	madeirensis, <i>Marmosa</i>	351
<i>Kerodon</i>	425	madeirensis, <i>Tayra</i>	448
kermiti, <i>Proechimys</i>	433	manarius, <i>Microsciurus</i>	410
kerri, <i>Echimys</i>	437	manatus, <i>Trichechus</i>	457
<i>Kogia</i>	440	manhanensis, <i>Sciurus</i>	409
kriegi, <i>Tamandua</i>	400	marax'ca, <i>Dasyprocta</i>	427
kriegi, <i>Tayra</i>	449	maraxina, <i>Monodelphis</i>	349
lagotricha, <i>Lagothrix</i>	391	marginata, <i>Neobalaena</i>	444
<i>Lagothrix</i>	390	marginatus, <i>Ateles</i>	389
labiata, <i>Marikina</i>	397	<i>Marikina</i>	394
lamarum, <i>Echimys</i>	437	<i>Marmosa</i>	350
lamia, <i>Oryzomys</i>	411	marsupialis, <i>Didelphis</i>	345
langsdorffii, <i>Sciurus</i>	409	martinsii, <i>Marikina</i>	395
laniger, <i>Philander</i>	346	mastacalis, <i>Rhipidomys</i>	415
lasiotis, <i>Akodon</i>	416	matacos, <i>Tolypeutes</i>	404
lasiurus, <i>Zygodontomys</i>	417	mattensis, <i>Nectomys</i>	414
<i>Lasiurus</i>	370	mattogrossae, <i>Oryzomys</i>	412
laticaudata, <i>Tadarida</i>	373	mattogrossensis, <i>Molossops</i>	372
laticeps, <i>Glycomys</i>	434	max'miliani, <i>Centronycteris</i>	355
laticeps, <i>Oryzomys</i>	411	<i>Mazama</i>	458
laurentius, <i>Cercomys</i>	435	medius, <i>Echimys</i>	437
lechei, <i>Thomasomys</i>	413	megalotis, <i>Micronycteris</i>	361
leioprimna, <i>Proechimys</i>	432	<i>Megaptera</i>	443
<i>Leontocebus</i>	398	melanoleuca, <i>Marikina</i>	397
leporinus, <i>Noctilio</i>	357	melanura, <i>Callithrix</i>	394
leptura, <i>Myoprocta</i>	428	melanurus, <i>Coendou</i>	423
leptura, <i>Saccopteryx</i>	354	melanochir, <i>Callicebus</i>	376
leucocephala, <i>Callithrix</i>	393	melanocephalus, <i>Cacajao</i>	379
leucodactylus, <i>Hesperomys</i>	419	meridionalis, <i>Marmosa</i>	352
leucogaster, <i>Blastocerus</i>	460	<i>Mesomys</i>	435
leucogaster, <i>Holochilus</i>	420	<i>Metachirops</i>	345
leucometopus, <i>Callicebus</i>	377	mexianae, <i>Cuniculus</i>	429
leucogula, <i>Akodon</i>	416	mexianae, <i>Nasua</i>	447
leucomystax, <i>Proechimys</i>	433	<i>Metachirus</i>	345
leucopterus, <i>Peromyscus</i>	356	<i>Micronycteris</i>	361
libidinosus, <i>Cebus</i>	385	<i>Microsciurus</i>	410
lilium, <i>Sturnira</i>	364	microtarsus, <i>Marmosa</i>	350
limanus, <i>Myoprocta</i>	428	microtis, <i>Dusicyon</i>	446
limae, <i>Marmosa</i>	353	microtis, <i>Histiotes</i>	370
liminalis, <i>Proechimys</i>	433	microtis, <i>Oryzomys</i>	412
lineatus, <i>Vampyrops</i>	365	<i>Microxus</i>	417

midas, Marikina	395	Odocoileus	458
milleri, Oecomys	412	Oecomys	412
Mimon	360	oenax, Thomasomys	414
m.nensis, Sylvilagus	406	olivaceus, Nectomys	414
minimus, Chironectes	347	onca, Panthera	452
minor, Choeronycteris	362	oniscus, Oryzomys	411
minuta, Micronycteris	361	opossum, Metachirops	345
minutus, Ctenomys	430	oris, Proechimys	432
miritiba, Bradypus	402	Oryzomys	410
modestus, Philander	347	Otaria	456
modestus, Scapteromys	419	Oxymycterus	418
moloch, Callicebus	378	Ozotoceros	460
Molossops	371	paca, Cuniculus	429
Mollossus	372	pachyurus, Cercomys	435
monacha, P.thecia	380	pagurus, Isothrix	436
Monodelphis	348	pajeros, Felis	454
mordax, Lonchophylla	362	paleaceus, Echimys	438
moreirae, Marmosa	352	pallescens, Callicebus	376
murina, Marmosa	351	pallida, Sotalia	442
Mus	421	pallidus, Cebus	385
musculus, Mus	421	palustris, Galea	425
musculus, Sibbaldus	442	palustris, Panthera	451
Myocastor	429	panema, Proechimys	431
Myoprocta	428	panama, Promops	373
myosurus, Metachirus	346	paniscus, Ateles	389
myosurus, Proechimys	434	Panthera	451
Myotis	368	paraensis, Sciurus	405
Myropteryx	356	paraguayana, Marmosa	351
Myrmecophaga	399	paraguayensis, Didelphis	345
mystax, Marikina	397	paraguensis, Sylvilagus	406
manus, Holochilus	420	paranensis, Pteronura	451
naso, Rhynchonycteris	356	paranus, Molossops	372
Nasua	447	paraguanus, Cebus	385
nasua, Nasua	447	paratus, Proechimys	431
nasutus, Oxymycterus	418	pardalis, Felis	453
nasutus, Promops	373	pardincides, Felis	455
Natalus	367	pardictis, Felis	454
nattereri, Philander	347	paricola, Oecomys	412
Neacomys	412	paulensis, Marmosa	353
Nectomys	414	paulensis, Panthera	452
negrensis, Isothrix	436	paulensis, Monodelphis	350
Neobalaena	444	pecari, Tayassu	458
nesiotis, Proechimys	432	penicillata, Callithrix	392
neumayryi, Felis	455	Peropteryx	354
nigerrima, Alouatta	384	perotis, Eumops	382
nigricans, Myotis	368	personata, Chilonycteris	358
nigricollis, Marikina	397	personatus, Callicebus	376
nigrifrons, Callicebus	375	personatus, Metachirus	346
nigripes, Procyon	447	Peronymus	356
nigrispina, Echimys	437	persp.cillata, Carollia	363
nigrita, Akodon	417	peruanus, Cebus	387
nigrivittatus, Cebus	386	pfrimeri, Marmosa	351
nigritus, Cebus	384	Phenomys	415
nigroclunis, Dasypsecta	427	Philander	346
niveiventris, Cebuella	398	philander, Philander	347
Noctilio	357	Phyllostomus	358
noctivaga, Marmosa	353	physalus, Balenoptera	443
nocturnus, Potos	448	Physeter	440
norvegicus, Rattus	421	physodes, Holochilus	420
noialis, Hydrochoerus	425	picatum, Mimon	361
novaeangliae, Megaptera	443	pileata, Marikina	396
novemcinctus, Dasypus	405	pirapoanus, Zygodontomys	417
nudicaudatus, Metachirus	346	Pithecia	380
obscurus, Molossus	372	p.thecia, Pithecia	380
ochropus, Philander	346	pixuna, Zygodontomys	417

panirostris, Artibeus	364	rubicundus, Cacajao	379
planirostris, Molossops	372	rubidus, Monodelphis	350
platensis, Lutra	451	rubiginosa, Chilonycteris	358
pluto, Marikina	396	rufa, Nasua	447
pluvialis, Saimiri	388	rufescens, Rhagomys	416
poaiae, Sciurus	407	rufina, Mazama	459
pollens, Nectomys	414	rufipes, Noctilio	357
porcellus, Cavia	424	rufus, Molossus	372
Potos	448	rufus, Sciurus	407
practi, Myoprocta	428	rufus, Oxymycteris	419
prehensillis, Ceendou	422	rupestris, Kerodon	425
Prionotis	402	russatus, Holochilus	420
Procyon	446	Rhynchonycteris	355
Prodelphinus	441	Saccopteryx	354
Proechymys	450	sacrillus, Vampyrops	365
Promops	373	Saimiri	387
prymnolopha, Dasyprocta	427	santaremensis, Callithrix	394
puralis, Myoprocta	428	satanas, Chiropotes	381
puruensis, Lagotherops	391	Scalops, Monodelphis	349
purusianus, Sciurus	408	Scapteromys	419
Pteronura	451	scapulata, Marmosa	353
Pteronotus	358	Sciurus	406
pullus, Myroteryx	356	sciureus, Saimiri	387
pumilio, Rhynophylla	363	sciureus, Holochilus	420
purillus, Marikina	398	Sciurillus	409
purinus, Callicebus	378	Scleropleura	405
puruensis, Alouatta	383	scutatus, Didelphus	357
purui, Marmosa	352	semispinosus, Proechimys	433
pusilla, Micronycteris	361	seniculus, Alouatta	383
pusillus, Vampyrops	365	septemcinctus, Dasylops	405
pusillus, Sciurillus	409	serrensis, Akodon	416
pygmaea, Cebuella	398	sertonius, Proechimys	431
Pygoderma	366	setosus, Euphractus	404
pyrrhonotus, Sciurus	408	setosus, Proechimys	433
pyrrhorhinus, Thomasomys	413	sexcinctus, Euphractus	403
quadrivittatus, Artibeus	365	Sibbaldus	442
quaestor, Oxymycteris	418	simplicicornis, Mazama	459
quica, Metachirops	345	simus, Myotis	369
ratticeps, Oryzomys	410	soitaria, Nasua	447
Rattus	421	sorex, Monodelphis	349
rattus, Rattus	421	sericina, Glossophaga	362
rattus, Nectomys	415	Sotalia	441
recifinus, Vampyrops	365	spectrum, Vampyrum	359
regulus, Callicebus	378	Speothos	446
remulus, Callicebus	378	spinosus, Euryzygomatomys	434
Rhagomys	416	spinosus, Neacomys	412
Rhynophylla	363	spixii, Galra	424
Rhipidomys	415	squamipes, Nectomys	414
ribeiroi, Proechimys	431	steerei, Proechimys	432
riparium, Proechimys	432	Stenodelphis	439
roberti, Aotes	375	stimulax, Mesomys	436
roberti, Ceendou	423	stollei, Marmosa	352
roberti, Oecomys	413	straminea, Alouatta	383
roberti, Oxymycteris	418	stramineus, Natalus	367
roberti, Proechimys	433	Sturnira	364
robustus, Cebus	385	subflavus, Oryzomys	411
rondoni, Ctenomys	430	sublineatus, Thomasomys	413
rondoni, Mazama	459	subgriseus, Marikina	396
rondoni, Marmosa	352	subterraneus, Akodon	417
rondoniae, Sciurus	409	suffocans, Conepatus	450
roosevelti, Cacajao	380	suicidens, Carteredon	434
rosalia, Leontocebus	398	Sylvilagus	405
rostellatus, Oxymycteris	418	Tadarida	373
rotundus, Desmodus	367	tajacu, Tayassu	458
ruber, Myotis	369	Tamandua	399

Tamarin	395	ululata, Alouatta	383
tamarin, Marikina	395	umbratus, Marikina	396
tapajinus, Oecomys	412	umbristriatus, Monodelphis	350
taparius, Sciurus	408	unicinctus, Cabassous	403
tapetillus, Sylvilagus	406	unicolor, Cebus	386
Tapirus	457	unicolor, Echimys	437
Tayra	448	unicolor, Felis	454
tecticola, Molossus	372	unistriatus, Monodelphis	349
temminckii, Mollisops	371	Uroderma	366
tener, Hesperomys	420	urucima, Dasyprocta	427
terrestris, Tapirus	457	urucumus, Sciurus	409
tetradactyla, Tamandua	399	ustofuscus, Callicebus	377
therezae, Monodelphis	349	ustus, Saimiri	388
thomasi, Echimys	436	utiaritensis, Oryzomys	412
thous, Dusicyon	445	Vampyrops	365
Thomasomys	413	Vampyrum	359
Thyroptera	368	variegata, Dasyprocta	427
tocantinus, Bradypus	402	variegatus, Cebus	385
tocantinus, Cebus	386	velutina, Marmosa	351
Tolypeutes	404	velatus, Histiotus	370
Tonatia	360	vellerosus, Cebus	384
torquatus, Bradypus	402	venaticus, Speothos	446
torquatus, Callicebus	378	venustus, Sciurus	407
torquatus, Ctenomys	430	versutus, Cebus	385
tortilis, Chaetomys	423	vetulus, Dusicyon	445
Trachops	359	vicens, Felis	453
trepidus, Cebus	387	villicauda, Proechimys	431
Trichechus	455	villosus, Coendou	423
tricolor, Monodelphis	350	villosissimus, Lasurus	370
tricolor, Thyroptera	368	virginianus, Odoicoles	458
tricinctus, Tolypeutes	404	vitalinus, Philander	347
tridactylus, Bradypus	401	vittatus, Grison	449
tridactyla, Myrmecophaga	399	vociferans, Aotes	375
tricolor, Coendou	422	vulpinus, Holochilus	420
trivirgatus, Aotes	374	yaguaroundy, Felis	454
tropicius, Oryzomys	411	youngi, Desmodus	367
trumbulli, Eumops	373	zarhinus, Vampyrops	365
truncatus, Tursiops	442	Ziphius	439
Tursiops	442	Zygodontomys	417
Tayassu	457	weddelli, Marikina	398
ubericola, Lagotherix	391	wellsi, Galea	424
		wiedii, Felis	453

NOMES VULGARES

Acuchi	428	Barrigudo	391
Aguará	446	Barrigudo cinzento	391
Aguaraçu	446	Barrigudo pardo	391
Ai	401	Batuvira	457
Ai pixuna	402	Bizogue	376-377 378
Anta	457	Boca preta	387
Anta gameleira	457	Bororó	459
Anta Sapateira	457	Boto	439-441 442
Anta xuré	457	Bufeo	439 442
Arabassú	378	Bugio labareda	383
Arantacu	419	Bugio preto	381
Ariranha	451	Bugio ruivo	382
Baleia	403	Buriqui	390
Baleia anã	443	Cabassú	403
Baleia azul	442	Cacajao	379
Baleia lisa	444	Cacajao de cabeça preta	379
Baleote	443	Cachalote	440
Barbado	381 382	Cachalote pequeno	340

Cachorrinho do mato	449	Gato do mato	453	455
Cachorro do mato	445	Gato do mato pequeno	455	455
Cachorro do mato vinagre	446	Gato dos Pampas	454	454
Caiarara	385-386	Gato mourisco	454	454
Caiarara branco	386	Gato palheiro	454	455
Calunga	410	Goará	456	457
Camocca	459	Guaçu pitã	459	459
Camondongo	421	Guaçupucu	460	460
Camondongo do mato	410	Guaçu tinga	459	459
Canela ruiva	458	Guaiúcas	350	350
Cangambá	450	Guará	446	446
Cangaçú	452	Guaraxaim	445	445
Candimba	405	Guariba	382	382
Capivara	425	Guariba de mão ruiva	382	382
Carai	375	Guariba preto	381	384
Cara raiada	374	Guariba ruivo	382	383
Caruíri	379	Guariba vermelho	383	383
Cariacú	458	Guarupu	459	459
Cassaco	345	Guataparã	459	459
Cateto	458	Guaxinim	446	446
Catingueiro	459	Guigá	376	376
Caticoco	406	Guigó	376	376
Catitas	345	Guirá	434	434
Catito	421	Iara	439	442
Caxinganga	407	Irara	448	449
Caxinguelê	406	Iritataca	450	450
Caxixe	406	Jaguamitanga	445	445
Cervo	460	Jaguapitanga	445	445
Chichica d'água	347	Jaguar	452	452
Coandu	422	Jaguaracambã	447	447
Coatá	389	Jaguaracambé	446	454
Coatá de cara vermelha	389	Jaguaretê	452	452
Coatá de testa branca	389	Jaguatirica	453	453
Coati	447	Jaleco	399	399
Coaticoco	407	Januaira	446	446
Coati de bando	447	Japuçá	376	376
Coati mundeú	447	Japuçá coleira	378	378
Coatipuru	407-408	Jaritataca	450	450
Coatipuru bigodeiro	410	Jubarte	443	443
Coatipuru roxo	408	Judeu	381	381
Coatipuru vermelho	408	Jupará	448	448
Coatipuruzinho	409	Jupati	346	346
Cobaia	424	Jupatis	346	346
Coelho	405	Jurupará	448	448
Coendou	422	Leão	453	453
Coendu	423	Leão marinho	456	456
Coró	438	Lebre	405	406
Cotia	426	Lobinho	445	445
Cot'ai	428	Lobo	446	446
Cotia preta	428	Lobo marinho	456	456
Cotiara	428	Lontra	451	451
Cotia vermelha	427	Macaco acari	379	379
Cuica	345-346	Macaco adufeiro	375	375
Cuica d'água	347	Macaco aranha	389	390
Carucuru	430	Macaco cabeludo	380	380
Cuxiú	381	Macaco da meia noite	448	448
Cuxiú de nariz branco	381	Macaco da noite	374	374
Delfim	441	Macaco de cheiro	384-385	386
Eirá	454	Macaco inglês	379	379
Foboca	459	Macaco itapuí	386	386
Franciscano	439	Macaco prego	384-385	386
Furão	449	Manati	456	456
Furão grande	449	Mão curta	459	459
Gabiru	421	Mão pelada	446	447
Gambá	345	Maquicapá	389	389

Maracajá	453	454	Rato do algodão	415
Maracajá preto		454	Rato do bambu	410
Maritaca		450	Rato do mato	410
Mataco		404	Rato pardo	421
Mateiro		459	Rato preto	421
Metele		399	Rorqual	443
Mico		384	Rorqual gigante	442
Mico leão		398	Saá	375 376
Mico de topete		384	Sagui	392-393-395-396-397 398
Miriquiná	374	375	Sagui branco	396
Mocó		425	Sagui de bigode	396
Momo		390	Sagui de bigode branco	397
Mono carvoeiro		390	Sagui leãozinho	398
Morganho		421	Saguim	398
Mucura		345	Saim	394
Mucura chichica		345	Saruê	345
Mucura do fundo		347	Sauá	375-376 379
Murqui		390	Sauíá	438
Muriquina		390	Sauíá bandeira	438
Nutria		429	Sauim	392-394-395-396 398
Onça		452	Sauim caratinga	393
Onça parda		453	Sauim-guaçú	376
Onça pintada		452	Sauim piranga	398
Ouriço cacheiro	422	423	Sauim una	398
Ouriço preto		423	Serelepe	406 407
Paca		429	Soim	395
Pacarana		426	Suaçuapara	458 460
Papa defunto	403	404	Suçuarana	453
Papa mel	448	449	Suaçuetê	460
Paraguaçu		380	Tajaçu	458
Parauacú		380	Tamanduá açú	399
Parauacú preto		380	Tamanduá bandeira	399
Peixe boi	456	457	Tamanduá cavalo	399
Piroculú		381	Tamanduá colete	399
Porco do mato		458	Tamanduá-i	400
Pororoca	457	459	Tamanduá mirim	399
Porquinho da Índia		424	Tanhaçu	458
Preá		424	Tanhocati	458
Preguiça	401	402	Tapeti	405 406
Preguiça da beira		402	Tapira	457
Preguiça de bentinho		401	Tateto	458
Preguiça da coleira		402	Tatu aiva	403 404
Preguiça real		401	Tatu apara	404
Punaré		435	Tatu bola	404
Quaiquica	444	445	Tatu canastra	402
Queixada		458	Tatu cascudo	404
Quiara		414	Tatu de mão amarela	404
Rabudo		435	Tatu de folha	405
Raposa		345	Tatu de rabo mole	403
Raposa do campo		445	Tatuetê	405
Ratão do banhado		429	Tatu galinha	405
Ratazana		421	Tatu milheiro	404
Rato capivara		420	Tatu peba	403
Rato coandu		437	Tatu peludo	403 404
Rato da cana	411	420	Tatu poiú	403
Rato d'água	414-415	420	Tatuuçú	402
Rato da taquara		438	Tatu veado	405
Rato de casa		421	Tatu verdadeiro	405
Rato de couro		421	Tatu xima	403
Rato de fava		413	Tigre	452
Rato de paiol		421	Toninha	439-441 442
Rato de palmatoria		413	Toró	438
Rato de praga		410	Toró d'espinho	436
Rato d'esgoto		421	Toró preto	438
Rato d'espinho	412-436	437	Tuco tuco	429 430

Uapuça	376-378	380	Veado roxo	459
Úiara	439	442	Veado virá	459
Veado branco	460		Virote	459
Veado campeiro	460		Zogue	378
Veado galheiro	458	460	Zogue zogue	376 377
Veado mateiro	459		Zogó zógo	378
Veado pardo	459		Zorrilho	450
Veado pequeno	459			

Aratinga	24	berlae, Metagrathinotus	274
Archiplanus	48	Berlaia	237, 238
Ardea	17	berlepschi, Polioptila	45
areolatus, Discocyrtus	246	bellicosa, Hirundinea	42
argenteopilosus, Prosampycus	293	bertae, Megalobulimus	117
argentina, Eusarcus	259	bibliophaga, Dorcatoma	305
argentinus, Discocyrtus	246	bicolor, Pseudoryctus	61
Ariaeus	237	Biconisoma	238
ariel, Ramphastos	30	bicornis, Lycomedicus	270
atricapillus, Herpsilochmus	36	bicornutus, Zalanodius	302
arlei, Metagrathinotus	274	bidentatus, Harpagus	19
armata, Metapucroliia	277	bifasciatus, Diogmites	174, 192
armata, Piresa	290	bifidus, Eusarcus	259
armatissimus, Discocyrtus	246	bigoti, Diogmites	175
armatus, Eusarcus	259	bilineatus, Diogmites	175
armatus, Meteusarcus	278	bilophum, Heliactin	28
armatus, Pachyloides	281	bimaculata, Cezarella	243
armatus, Parapachyloides	287	bimaculatus, Cnemotriccus	41
armillatus, Hexabunus	267	bimaculatus, Diogmites	174, 196
Arruda	237	bimaculatus, Mus	148
Arremon	50	Birabeni, Riosegundo	295
Artibeus	209, 212	biscutata, Streptoprocne	26
Arundinicola	40	bispinifrons, Liogynulus	265
Asilus	61	bispinifrons, Parapachylus	288
Asio	25	Bissulla	238
asperatus, Lycomedicus	270	bituberculata, Luederwaldtia	269
Astylum	60	bivittatus, Lepidocolaptes	33
Attila	12, 38	blumenbachii, Crax	20
atricapillus, Donacobius	44	boliviensis, Akodon	139
atricapillus, Philydor	34	bonariensis, Molothrus	48
atricaudus, Myiobius	14, 41	boraceae, Discocyrtus	246
atricollis, Saltator	49	boraceana, Senobasis	60, 74
atra, Tijuca	38	borelli, Parabalta	284
atriapex, Diogmites	174, 192	borelliana, Ciccaba	25
Augastes	28	borgmeieri, Parabalta	285
auranticollis, Tanagra	47	bos, Discocyrtus	246
aurantio-atro-cristatus, Empidonomus	40	Bosquia	238
aurantius, Trogon	29	bouvreuil, Sporophila	49
aurea, Aratinga	24	bovinae, Caenocara	310
aureata, Tanagra	46	Brachygalba	29
auricapillus, Basileuterus	46	brachypterus, Dasypogon	64
auricularis, Myiornis	14, 42	Bradypus	210, 218
auriculata, Heliathryx	28	brasilianum, Glaucidium	25
aurifrons, Aratinga	24	brasiliensis, Procyndes	292
aurifrons, Neopelma	39	brasiliensis, Anas	13
aurulentus, Piculus	31	brasiliensis, Caryothraustes	49
australis, Myiarchus	41	brasiliensis, Chelidoptera	30
australis, Pteroglossus	31	brasiliensis, Lycomedicus	271
Automolus	35	brasiliensis, Sicalis	50
axillaris, Chlorophanes	46	brasiliensis, Singram	295
azarae, Cavia	156	brasiliensis, Sylvilagus	209, 213
azarae, Dasypocta	158	brasiliensis, Tityra	38
badius, Furnarius	33	bresslaui, Discocyrtulus	244
baeri, Columba	22	brevicauda, Chamaeza	14
bahiae, Leptotila	23	brevifemur, Discocyrtus	246
bahiae, Myiarchus	41	brevirostris, Agyrtrina	27
bailloni, Baillonius	30	brevirostris, Phyllomyias	43
Baillonius	30	Bristoweia	238, 239
barbatus, Myiobius	14, 41	brodea, Urolasia	339
bariguiensis, Pseudogyndesoides	294	bromleyi, Diogmites	174, 198
Bartramia	22	bromleyana, Senobasis	56, 60, 57
Basileuterus	14, 46	bronzina, Penelope	20
basiliscus, Procyndes	292	bruchi, Parabalta	285
bellardi, Diogmites	175	brunneus, Diogmites	175
bellicosus, Neopachylus	278	brunneus, Tachyphonus	47
bellicosus, Pachyloides	281	bucki, Discocyrtus	247
Belonopterus	21	Bunoplus	239
bereniceae, Psiloicus	124	Bunostigma	239, 240

<i>Buteo</i>	19	<i>centromelos</i> , <i>Eusarcus</i>	259
<i>butleri</i> , <i>Sphaleropachylus</i>	297	<i>Ceophloeus</i>	31
<i>Butorides</i>	17	<i>cerayanus</i> , <i>Paradisocorytus</i>	286
<i>Cacicus</i>	48	<i>Cercomys</i>	161, 165
<i>cactorum</i> , <i>Aratinga</i>	24	<i>Ceropachylinus</i>	242
<i>cadeadensis</i> , <i>Strophanthodes</i>	114	<i>Ceropachylus</i>	242
<i>Caenocara</i>	310	<i>Certhiaxis</i>	34
<i>caerulea</i> , <i>Holophoea</i>	334, 335	<i>cervus</i> , <i>Discocorytus</i>	247
<i>caerulescens</i> , <i>Porphyrospiza</i>	49	<i>Ceryle</i>	29
<i>caerulescens</i> , <i>Sporophila</i>	49	<i>Cezarella</i>	242, 243
<i>caerulescens</i> , <i>Thamnophilus</i>	36	<i>chacuru</i> , <i>Nystalus</i>	30
<i>caesius</i> , <i>Thamnomanes</i>	36	<i>Chaetura</i>	26
<i>caesius</i> , <i>Thamnophilus</i>	12	<i>chalybea</i> , <i>Pronomopsis</i>	60
<i>Cairina</i>	18	<i>Chamaeza</i>	14, 37
<i>cajanea</i> , <i>Aramides</i>	21	<i>Chaquesia</i>	243
<i>calamuchitaensis</i> , <i>Parabuteo</i>	285	<i>Charadrius</i>	22
<i>calcar</i> , <i>Calcarogynodes</i>	240	<i>Charitospiza</i>	50
<i>calcar</i> , <i>Lycomedicus</i>	271	<i>Chavesincola</i>	243
<i>calcaratus</i> , <i>Apembolephaenus</i>	236	<i>Chelidoptera</i>	12, 30
<i>calcarifer</i> , <i>Discocorytus</i>	247	<i>cherrie</i> , <i>Oryzomys</i>	146
<i>Calcarogynodes</i>	240	<i>chilensis</i> , <i>Elaenia</i>	43
<i>calcartibialis</i> , <i>Pachyloides</i>	282	<i>chilensis</i> , <i>Metagynodes</i>	275
<i>Caldanatus</i>	240	<i>chilensis</i> , <i>Pachylus</i>	283
<i>Calliphlox</i>	29	<i>chimachima</i> , <i>Milvago</i>	20
<i>Callithrix</i>	209, 210	<i>chiriri</i> , <i>Tirica</i>	24
<i>Caluromys</i>	210, 220	<i>Chiroxiphia</i>	39
<i>campanisoma</i> , <i>Chamaeza</i>	37	<i>chivi</i> , <i>Vireo</i>	39
<i>campestris</i> , <i>Colaptes</i>	31	<i>Chloroceryle</i>	29
<i>campestris</i> , <i>Uropelia</i>	23	<i>Chlorophanes</i>	14, 46
<i>Camposicola</i>	240	<i>Chlorophonia</i>	46
<i>Camposicoloides</i>	240, 241	<i>chloropoda</i> , <i>Phaëtusa</i>	22
<i>Camptostoma</i>	43	<i>chloroptera</i> , <i>Ara</i>	24
<i>Campylorhamphus</i>	33	<i>chloroptera</i> , <i>Tangara</i>	47
<i>canalsi</i> , <i>Discocorytus</i>	247	<i>Chloropyga</i> , <i>Coereba</i>	46
<i>canalsi</i> , <i>Liopachylus</i>	265	<i>Chlorostilbon</i>	28
<i>canalsi</i> , <i>Melolobitae</i>	272	<i>chochi</i> , <i>Tapera</i>	23
<i>Canalsia</i>	241	<i>Chondrohierax</i>	19
<i>canellatus</i> , <i>Dendrocopos</i>	32	<i>chopi</i> , <i>Gnorimopsar</i>	49
<i>candidus</i> , <i>Leucoconerpes</i>	31	<i>Chordeiles</i>	26
<i>caniceps</i> , <i>Miopagis</i>	43	<i>chrysauchenia</i> , <i>Zenaidura</i>	22
<i>Capella</i>	22	<i>chrysochloris</i> , <i>Trogon</i>	29
<i>Capichabesia</i>	241	<i>chrysostris</i> , <i>Coereba</i>	89, 90, 91, 93, 95, 97, 99
<i>capistratus</i> , <i>Thamnophilus</i>	35	<i>Chrysolampis</i>	23
<i>Capsiempis</i>	42	<i>chrysolophum</i> , <i>Neopelma</i>	39
<i>Caprimulgus</i>	26	<i>Chrysoptilus</i>	31
<i>capueira</i> , <i>Odontophorus</i>	20	<i>chrysurus</i> , <i>Hylocharis</i>	28
<i>Cariama</i>	21	<i>chrysurus</i> , <i>Myoxus</i>	162
<i>Carampangue</i>	241, 242	<i>Ciccaba</i>	25
<i>cardosoi</i> , <i>Strophanthodes</i>	119	<i>cinerea</i> , <i>Poospiza</i>	50
<i>Carollia</i>	209, 213	<i>cinerea</i> , <i>Xolmis</i>	39
<i>carvalhoi</i> , <i>Discocorytus</i>	247	<i>cinereicollis</i> , <i>Myiornis</i>	42
<i>Caryothraustes</i>	49	<i>cinereiventris</i> , <i>Chaetura</i>	26
<i>Casiornis</i>	38	<i>cinereus</i> , <i>Contopus</i>	41
<i>Casmerodius</i>	17	<i>cinereus</i> , <i>Hesperomys</i>	147
<i>castaneus</i> , <i>Diogmites</i>	173, 185	<i>cinnamomea</i> , <i>Tegyra</i>	297
<i>castaneus</i> , <i>Pachyramphus</i>	38	<i>cirratus</i> , <i>Picumnus</i>	32
<i>Cathartes</i>	18	<i>cirrhosus</i> , <i>Trachops</i>	209, 213
<i>catharinensis</i> , <i>Metagraphinotus</i>	274	<i>cirrochloris</i> , <i>Aphantochroa</i>	27
<i>Catorama</i>	305 a, 326	<i>Cissopis</i>	48
<i>caudata</i> , <i>Chiroxiphia</i>	39	<i>Cistothorus</i>	44
<i>caudatus</i> , <i>Theristicus</i>	18	<i>citrina</i> , <i>Sicalis</i>	50
<i>Cavia</i>	155, 156	<i>clamator</i> , <i>Rhinopteryx</i>	25
<i>cayanensis</i> , <i>Hoploxypterus</i>	22	<i>claripennis</i> , <i>Senobasis</i>	60, 67
<i>cayanensis</i> , <i>Leptodon</i>	19	<i>clarus</i> , <i>Discocorytus</i>	247
<i>cayanensis</i> , <i>Myiozetetes</i>	41	<i>Claravis</i>	23
<i>Cezarinus</i>	242	<i>claviger</i> , <i>Astylum</i>	60
<i>Celeus</i>	31	<i>clavigera</i> , <i>Senobasis</i>	60, 70
<i>centralis</i> , <i>Ramphocelus</i>	47		

climazura, <i>Fluvicola</i>	40	cyanus, <i>Hylocharis</i>	28
Clytolaema	28	cyanovertris, <i>Tangara</i>	47
Cnemotriccus	41	<i>Cyclarhis</i>	45
Cobania	243, 244	<i>Cyclopes</i>	210, 219
Coccyzus	23	<i>Cypsnagra</i>	48
cocoi, <i>Ardea</i>	17	<i>Dacnis</i>	46
Coendou	152, 153, 209, 214	<i>Dactylomys</i>	163
Coereba	46	<i>Daguerreia</i>	244
coffeatus, <i>Diogmites</i>	172, 180	d'andrettae, <i>Pseudorus</i>	56, 61, 81, 82
Colaptes	31	<i>Daptrius</i>	20
Colibri	28	<i>Dasypogon</i>	64, 65
collaris, <i>Charadrius</i>	22	<i>Dasyprocta</i>	157, 158, 214
collaris, <i>Sporophila</i>	49	<i>Dasyptus</i>	210, 218
collinus, <i>Thomasomys</i>	147	decipiens, <i>Leptotila</i>	23
Colonia	39	decumanus, <i>Mus</i>	149
colonus, <i>Colonia</i>	39	decussatus, <i>Otus</i>	25
coloreum, <i>Todirostrum</i>	42	delalandi, <i>Corythopis</i>	37
<i>Columba</i>	22	delicata, <i>Canalsia</i>	241
<i>Columbigallina</i>	22	delicatus, <i>Pachyloides</i>	282
Conirostrum	46	<i>Dendrocincla</i>	33
Conopophaga	37	<i>Dentocolaptes</i>	32
Contopus	41	<i>Dendrocopos</i>	32
Coragyps	18	<i>Dendrocyna</i>	18
Corematura 89, 90, 91, 93, 95, 97, 99,	102, 103	denisi, <i>Temucus</i>	293
corniculatus, <i>Pareusarcus</i>	289	dentei, <i>Oglobinia</i>	280
corriger, <i>Cearimus</i>	242	dentipes, <i>Parapachyloides</i>	287
cornuta, <i>Anhima</i>	18	derbyanus, <i>Nyctidromus</i>	26
cornutus, <i>Discocyrtus</i>	247	diadematus, <i>Stephanophorus</i>	47
coronatus, <i>Discocyrtus</i>	248	diamantinae, <i>Bristoweia</i>	239
coronatus, <i>Tachyphonus</i>	47	dicolorus, <i>Ramphastos</i>	30
<i>Coryphospingus</i>	50	didactylus, <i>Cyclopes</i>	210, 219
<i>Corythopis</i>	37	<i>Didelphis</i>	210, 219
<i>Coryphasiza</i>	50	dilatatus, <i>Discocyrtus</i>	248
<i>Cotinga</i>	14, 38	dimorphicus, <i>Heteropachyloidellus</i> ..	266
coxalis, <i>Discocyrtus</i>	248	diodon, <i>Harpagus</i>	19
<i>Cranioleuca</i>	34	<i>Diogmites</i>	169 a 203
crassitarsis, <i>Doryclus</i>	56, 61, 81	discolor, <i>Dendrocyna</i>	18
crassus, <i>Progyndes</i>	292	<i>Discocyrtus</i>	245 a 256
craverii, <i>Diogmites</i>	175	<i>Discocyrtulus</i>	244, 245
<i>Crax</i>	20	discrepans, <i>Tribunosoma</i>	298
cruentata, <i>Pyrrhura</i>	24	dispar, <i>Gyndesoides</i>	265
cremulatus, <i>Discocyrtus</i>	248	dissimilis, <i>Berlaia</i>	237
cristata, <i>Cariama</i>	21	distendens, <i>Asilus</i>	61
cristatus, <i>Oxyruncus</i>	44	distendens, <i>Doryclus</i>	80
crystalia, <i>Parabatta</i>	285	<i>Doelloa</i>	256
<i>Crotophaga</i>	23	domestica, <i>Progne</i>	44
<i>Crypturellus</i>	16	domesticus, <i>Passer</i>	45
cuadatus, <i>Uropachylus</i>	300	dominica, <i>Pluvialis</i>	22
cuantlensis, <i>Diogmites</i>	173, 189	dominica, <i>Rhizopertha</i>	322
cucullatus, <i>Ampelion</i>	38	dominicana, <i>Paroaria</i>	49
cunicularius, <i>Cercomys</i>	165	dominicus, <i>Nomonyx</i>	18
<i>Cuniculus</i>	159, 160	<i>Donacobius</i>	44
<i>Currula</i>	244	<i>Donacospiza</i>	50
curitybanus, <i>Strophocheilus</i>	115	<i>Dorcatoma</i>	305, 310
cursor, <i>Akodon</i>	139	<i>Doryclus</i>	54, 56, 58, 61, 77, 80, 81
curvipes, <i>Discocyrtus</i>	248	doriphorus, <i>Eusarcus</i>	259
curvispina, <i>Acrographinotus</i>	235	<i>Driocistites</i>	34
curvispina, <i>Triglochinnura</i>	299	<i>Dromococcyx</i>	23
curvispinosus, <i>Eusarcus</i>	259	<i>Drymophila</i>	37
curvitalialis, <i>Progyndes</i>	292	dubius, <i>Diogmites</i>	175, 200
cuspidens, <i>Strophocheilus</i>	116	dubius, <i>Discocyrtus</i>	248
cyanea, <i>Chlorophonia</i>	46	dubius, <i>Eusarcus</i>	260
cyanirostris, <i>Knipolegus</i>	40	dubitata, <i>Pucrolia</i>	294
<i>Cyanocompsa</i>	49	dulcis, <i>Neomorphus</i>	23
<i>Cyanocorax</i>	44	<i>Dysithamnus</i>	12, 36
cyanoleuca, <i>Pygochelidon</i>	44	<i>Echimys</i>	161, 162, 163, 164
cyanopogon, <i>Cyanocorax</i>	44	eidos, <i>Falco</i>	20
		effornata, <i>Metabatta</i>	273

<i>egretta</i> , <i>Casmerodius</i>	17	<i>fleuryi</i> , <i>Yraguara</i>	302
<i>Elaenia</i>	14, 43	<i>flukei</i> , <i>Senobasis</i>	60, 68
<i>Elanoides</i>	19	<i>Fluvicola</i>	40
<i>Elanus</i>	19	<i>foetens</i> , <i>Coragyps</i>	18
<i>elaphus</i> , <i>Gyndoides</i>	265	<i>fontanensis</i> , <i>Parapachyloides</i>	287
<i>elegantulus</i> , <i>Discocyrtus</i>	248	<i>forcipata</i> , <i>Macropsalis</i>	26
<i>Eleothreptus</i>	26	<i>Formicarius</i>	37
<i>elatus</i> , <i>Chrysolampis</i>	28	<i>Formicivora</i>	36
<i>eliurus</i> , <i>Oryzomys</i>	138	<i>fornicatus</i> , <i>Metadiscocyrtus</i>	273
<i>elongatum</i> , <i>Phyllostomus</i>	209, 212	<i>Forpus</i>	24
<i>Emberizoides</i>	50	<i>franciscanus</i> , <i>Knipolegus</i>	40
<i>Embernagra</i>	50	<i>franciscanus</i> , <i>Xiphocolaptes</i>	32
<i>Empidonax</i>	41	<i>frater</i> , <i>Mimus</i>	44
<i>Empidonomus</i>	40	<i>frersi</i> , <i>Discocyrtus</i>	249
<i>emydeus</i> , <i>Discocyrtus</i>	249	<i>frizzellae</i> , <i>Ceropachylus</i>	242
<i>enalincia</i> , <i>Dendrocincla</i>	33	<i>frontalis</i> , <i>Pyrrhura</i>	24
<i>Eopachylus</i>	256	<i>frontalis</i> , <i>Synallaxis</i>	33
<i>eriphile</i> , <i>Thalurania</i>	28	<i>frugivorus</i> , <i>Rattus</i>	210, 217
<i>Ernobius</i>	312	<i>fucata</i> , <i>Alopocheilidon</i>	44
<i>erythroptosis</i> , <i>Piculus</i>	31	<i>fuliginosus</i> , <i>Pitylus</i>	49
<i>erythropterus</i> , <i>Myiozetetes</i>	41	<i>fulvigranulata</i> , <i>Doelloa</i>	256
<i>Eubalta</i>	257	<i>fulvus</i> , <i>Eusarcus</i>	260
<i>eucosma</i> , <i>Charitospiza</i>	50	<i>funestus</i> , <i>Lycomedicus</i>	271
<i>Eugyndes</i>	257	<i>furcatus</i> , <i>Eusarcus</i>	260
<i>erectispina</i> , <i>Acrographinotus</i>	235	<i>furcidens</i> , <i>Juticus</i>	269
<i>erythronemius</i> , <i>Accipiter</i>	19	<i>Furnarius</i>	33
<i>erythroptus</i> , <i>Ceophloeus</i>	31	<i>fusca</i> , <i>Phaeoprogne</i>	44
<i>erythrophthalmus</i> , <i>Driocistis</i>	34	<i>fusco-caerulescens</i> , <i>Falco</i>	20
<i>euleri</i> , <i>Empidonax</i>	41	<i>fuscus</i> , <i>Anabazenops</i>	34
<i>Eupetomena</i>	27	<i>fuscus</i> , <i>Lepidocolaptes</i>	33
<i>Euryzygomatomys</i>	161	<i>fuscus</i> , <i>Melanotrochilus</i>	27
<i>Eusarcus</i>	257 a 262	<i>fuscus</i> , <i>Progyndes</i>	292
<i>Euscarthmornis</i>	14, 42	<i>Galbula</i>	29
<i>Euscarthmus</i>	42	<i>Galea</i>	210, 215
<i>exceptionalis</i> , <i>Discocyrtus</i>	249	<i>galeata</i> , <i>Antilophia</i>	39
<i>Euxenura</i>	18	<i>galeata</i> , <i>Euxenura</i>	18
<i>eximius</i> , <i>Pogonotriccus</i>	14, 42	<i>galeata</i> , <i>Gallinula</i>	21
<i>extraordinaria</i> , <i>Parabalta</i>	285	<i>Gallinula</i>	21
<i>Falco</i>	20	<i>Gampsonyx</i>	20
<i>falcularius</i> , <i>Campylorhamphus</i>	33	<i>genei</i> , <i>Drymophila</i>	37
<i>fallax</i> , <i>Pachyloides</i>	282	<i>genibarbis</i> , <i>Thryothorus</i>	44
<i>farinosa</i> , <i>Amazona</i>	24	<i>geniculata</i> , <i>Metabalta</i>	273
<i>fasciata</i> , <i>Neothraupis</i>	48	<i>Geobates</i>	33
<i>fasciolata</i> , <i>Crax</i>	20	<i>Geothlypis</i>	46
<i>fazi</i> , <i>Discocyrtus</i>	249	<i>Geranospiza</i>	20
<i>ferruginea</i> , <i>Drymophila</i>	37	<i>gigantea</i> , <i>Capella</i>	22
<i>ferrugineus</i> , <i>Diogmites</i>	173, 183	<i>glabrio</i> , <i>Parapachylus</i>	288
<i>festae</i> , <i>Ibarra</i>	268	<i>Glaucis</i>	27
<i>figulus</i> , <i>Furnarius</i>	33	<i>Glaucidium</i>	25
<i>fimbriatus</i> , <i>Discocyrtus</i>	249	<i>glaucopis</i> , <i>Thalurania</i>	28
<i>fischeri</i> , <i>Pachyloides</i>	282	<i>Gnorimopsar</i>	49
<i>flammiceps</i> , <i>Myiophobus</i>	41	<i>godefrida</i> , <i>Claravis</i>	23
<i>Flangeia</i>	263	<i>Goitacazia</i>	263
<i>flaveola</i> , <i>Capsiempis</i>	42	<i>goniostigma</i> , <i>Diogmites</i>	175
<i>flaveolus</i> , <i>Basileuterus</i>	46	<i>goodnighti</i> , <i>Discocyrtus</i>	249
<i>flavescens</i> , <i>Ceelus</i>	31	<i>Goodnightiella</i>	263
<i>flavescens</i> , <i>Oryzomys</i>	138	<i>goyazius</i> , <i>Discocyrtus</i>	249
<i>flavicornis</i> , <i>Dorcatoma</i>	310	<i>gracilipes</i> , <i>Pucrolia</i>	294
<i>flavifrons</i> , <i>Tripsurus</i>	31	<i>gracilis</i> , <i>Geranospiza</i>	20
<i>flavigranulatus</i> , <i>Discocyrtus</i>	249	<i>gracilis</i> , <i>Metapachylus</i>	277
<i>flavimaculatus</i> , <i>Guaraniticus</i>	264	<i>grallaria</i> , <i>Speotyto</i>	25
<i>flavipes</i> , <i>Platycichla</i>	45	<i>grandis</i> , <i>Megapachylus</i>	272
<i>flavipes</i> , <i>Tringa</i>	22	<i>grandis</i> , <i>Nyctibius</i>	26
<i>flaviventer</i> , <i>Porzana</i>	21	<i>grandis</i> , <i>Pucrolia</i>	294
<i>flavirostris</i> , <i>Arremon</i>	50	<i>granulata</i> , <i>Metagyndes</i>	275
<i>flavirostris</i> , <i>Porphyrula</i>	21	<i>granulosus</i> , <i>Ceropachylinus</i>	242
<i>flavogaster</i> , <i>Elaenia</i>	43	<i>Graphinotus</i>	263, 264
<i>flavolimbatus</i> , <i>Eugindes</i>	257	<i>griseus</i> , <i>Nyctibius</i>	26

grovesi, Uropachylus	300	Hydropsalis	26
guaranitica, Chaquesia	243	Hyela	336
Guaraniticus	264	Hylocharis	28
guarauna, Aramus	21	Hylocryptus	35
guarauna, Discocyrtus	250	hylophilum, Ciccaba	25
guarauna, Plegadis	18	Hylophilus	45
Guascaia	264	Hypoedaleus	55
Gubernetes	39	hypoleucus, Basilienterus	46
Guerlinguetus	131	Hypomorphnus	19
guirara, Euryzygomatomys	161	Hystrix	152
guimarãesi, Eusarcus	260	Ibarra	268
Guira	23	ictericus, Spinus	50
guira, Guira	23	icterophrys, Satrapa	40
guira, Hemithraupis	48	Icterus	48
guirahuró, Pseudoleistes	49	Ictinia	19
gularis, Myrmotherula	36	idaliae, Phaethornis	27
guttatus, Discocyrtus	250	ignea, Mesothen	335
guttifer, Picumnus	32	ignotus, Eopachylus	256
gutturatus, Manacus	39	iguapei, Discocyrtus	250
Gyndesoides	265	Iguassua	268
Gyndoides	265	Iguassuoides	268
gyrophora, Senobasis	60, 70	iheringii, Microxus	145
Habia	47	iheringi, Pachyloides	282
hamatus, Discocyrtus	250	iheringi, Proechimys	164
Haplospiza	14, 51	Ilicurc	39
Harpachylus	271	imaguirei, Neopachylus	279
Harpagus	19	imitator, Diogmites	174, 191
Harpia	19	impar, Goodnightiella	263
harpyja, Harpia	19	incertus, Huralvius	268
hastatus, Eusarcus	260	inclusus, Diogmites	174, 199
hastatus, Phyllostomus	209, 211	incus, Eusarcus	260
Heliactin	28	incus, Pachylusius	284
Heliomaster	28	indigoticus, Scytalopus	38
Heliothyx	28	inermis, Daguerreia	244
Hemithraupis	48	inermis, Paraprosontes	288
herbarium, Catorama	305 a 326	infelix, Discocyrtus	250
herbicola, Emberizoides	50	infumatus, Diogmites	176
hermanni, Pseudorus	61	ingens, Carampangue	242
Hernandarioides	271	ingrami, Sciurus	131
Herpetotheres	20	innata, Metagyndes	275
Herpilochmus	14, 36	inquisitor, Tityra	38
herteli, Neopachylus	278	intactus, Diogmites	173, 187
Hesperomys	133, 148, 147	intercedens, Rhynchops	22
heteracanthus, Discocyrtus	250	intermedia, Metagyndes	275
Heteropachyloideilus	266	intermedia, Oglobinia	280
Heteropachylus	267	intermedius, Oryzomys	137
Heterospizias	19	inexpectabilis, Chavesincola	243
heydeni, Diogmites	176	insignis, Arguda	237
Hexabunus	267	insignis, Hemithraupis	48
Himantopus	22	insperatus, Eusarcus	260
hirsuta, Glaucis	27	invalidus, Discocyrtus	250
hirsuta, Piresa	290	iporangae, Progyndes	292
hirsuta, Pucroli	294	Iridoprocne	44
hispidus, Oxymycterus	143	Itatiaicola	268, 269
hirundinacea, Cypsnagra	48	Jabiru	18
Hirundinea	42	Jacamalcyon	30
hoactli, Nycticorax	17	Jacana	21
Holochilus	133, 134, 135, 210, 216	jacana, Jacana	21
Holophoea	334, 335	jacarina, Volatinia	50
Hoploxypterus	22	jacchus, Callithrix	209, 210
hostilis, Metabalta	273	jacupemba, Penelope	20
huhula, Ciccaba	25	jalapensis, Diogmites	175, 200
humeralis, Myospiza	50	jamacaii, Icterus	48
humilis, Iguassua	268	jordanensis, Oliverius	280
Huralvius	268	jorgei, Apembolephaenus	236
hydrochoeris, Hydrochoerus	154	Juticus	269
Hydrochoerus	154	Kannabateomys	161, 163, 164
hydrochoerus, Sus	154	Kerodon	210, 214

Knipolegus	40	lopesis, Senobasis	60
koenigswaldiana, Pulsatrix	25	lophotes, Knipolegus	40
labiata, Laphria	60	Lophornis	29
labiata, Megapoda	56, 60, 62, 63	Lophotriccus	14, 42
lacernulata, Leucopternis	19	loretoensis, Oglobinia	280
lactea, Agyrtrina	27	loricata, Myrmeciza	37
laevis, Discocyrtus	251	lucidus, Iguassuoides	263
laeviscutata, Metagyndes	275	luctuosa, Myrmotherula	36
lanei, Senobasis	60, 73	Luederwaldtia	269, 270
langei, Discocyrtus	251	luteifemur, Liogyndulus	269
langei, Piresa	290	luteipalpis, Discocyrtus	252
lalandi, Stephanoxis	29	luteiventris, Sicalis	50
lampronotus, Belonopterus	21	lutescens, Anthus	45
lanioides, Lipaugus	38	Lycomedicus	270, 271
Laphria	60, 65	lycone, Holophoea	335
lasiotis, Akodon	141	Lyopachylus	271
lasiurus, Zigodontomys	146	Mackenziaena	35
lateralis, Poospiza	13, 51	macroura, Eupetomena	27
Laterallus	21	macroura, Piaya	23
latirostris, Hylocharis	28	Macropsalis	26
latus, Discocyrtus	251	maculata, Cotinga	14, 38
latus, Pseudogyndesoides	294	maculata, Daguerreia	244
leachii, Mackenziaena	35	maculata, Terenura	37
Legatus	40	maculatus, Diognites	176
Lepidocolaptes	32	maculatus, Nystalus	30
Leptodon	19	maculifrons, Veniliornis	32
Leptopogon	43	maculosus, Ostinops	43
Leptotila	23	maculirostris, Selenidera	31
Lepus	129	major, Cissopsis	48
leonardosi, Discocyrtus	251	major, Crotophaga	23
leonardosi, Psiloicus	125	major, Nothura	17
lesserti, Guaraniticus	264	major, Tetrao	17
lesserti, Petrochhia	269	major, Tinamus	17
leucocephala, Arundinicola	40	magnicalcar, Discocyrtus	252
leucodactylus, Hesperomys	148	magnificus, Lophornis	29
leucogaster, Hypoedaleus	35	magnirostris, Buteo	19
Leucochloris	28	malachitacea, Triclaria	25
leucomelas, Turdus	45	Malacoptila	30
Leucomerpes	31	mamillosus, Neopachylus	279
leucophaius, Legatus	40	Manacus	39
leucophthalma, Aratinga	24	Mangaratiba	272
leucophthalmus, Automolus	35	maracana, Ara	24
Leucophoyx	17	margaritaceivent, Euscarthmornis ..	42
leucoptera, Sperophila	49	margaritatus, Sibollus	296
leucoptera, Pyriglena	37	marginalis, Caldanatus	240
Leucopternis	19	marginalis, Columba	22
leucopyrrhus, Laterallus	21	marginalis, Discocyrtulus	245
leucorrhoea, Iridoprocne	44	marginata, Quitete	295
leucorrhous, Buteo	19	marginatus, Heteropachyloidellus ...	266
leucotis, Pyrrhura	24	marginatus, Pachyramphus	38
leucus, Elanus	19	marmoratum, Tigrisoma	17
lichtensteini, Philydor	34	Marmosa	210, 220
lindigii, Diognites	173, 188	marcupialis, Didelphis	210, 219
lineata, Conopophaga	37	martensii, Metagyndes	275
lineatus, Ceophloeus	31	martinica, Porphyrola	21
lineola, Diognites	176	mastacalis, Myiobius	41
Lipaugus	38	mastacalis, Rhipidomys	149
Liogyndulus	269	mathewsi, Chloroceryle	29
littoralis, Diognites	172, 182	maximiliani, Anodorhynchus	23
littoralis, Discocyrtus	251	maximiliani, Pitangus	41
litturatus, Artibeus	209, 212	maximiliani, Oryzoborus	49
Lochmias	35	maximus, Saltator	49
Lonchophylla	209, 212	megacephalus, Ramphotrigon	42
longicauda, Bartramia	22	Megalobulimus	111, 112, 117, 118
longicornis, Discocyrtus	251	Megapachylus	272
longipennis, Ara	24	Megapoda	55, 56, 58, 60, 61, 62, 75
longispinus, Discocyrtus	252	Megarhynchus	41
longispina, Metagyndes	275	melanacantha, Piresa	290

melananthus, Discocyrtus	252	morei, Discocyrtus	252
melanoacanthus, Paranaleptes	286	mundata, Senobasis	56, 61, 72
melanonota, Pipraeidea	47	mundatus, Dasypogon	65
Melanoparesa	38	murina, Marmosa	210, 220
melanophaius, Laterallus	21	murina, Phaeomyias	43
melancholicus, Tyrannus	40	Mus 136, 142, 148, 149, 151, 155, 157,	158
melanochloros, Chrysoptilus	31	Muscipipra	40
melanops, Conopophaga	37	Muscivora	40
melanops, Trichothraupis	48	musculus, Mus	151
Melanotrochilus	27	musculus, Troglodytes	44
melacoryphus, Coccyzus	23	mutilata, Arruda	237
melanoleucos, Scapanus	32	mutilatus, Meteusarcoides	277
melanopterus, Trogon	29	mutilatus, Ypsilonurus	301
melanosterna, Brachygalba	29	Mycteria	13
melanotis, Coryphaspiza	50	mycteria, Jabiru	18
melanurus, Himantopus	22	Myiarchus	41
melanurus, Ramphocaenus	14, 37	Myiobius	14, 41
Melloleitaöella	272	Myiodynastes	41
meloryphus, Euscarthmus	42	Myiopagis	43
memnon, Diogmites	176	Myiornis	14, 42
mendax, Camposicoloides	241	Myiophobus	41
mendax, Senobasis	61, 67	Myiozetetes	41
meridionalis, Chaetura	26	Myospiza	50
mentalis, Dysithamnus	36	Myoxus	162
meridionalis, Eubalta	257	Myrmeciza	37
meridionalis, Heterospizias	19	Myrmotherula	36
mesoleuca, Elaenia	14, 43	mystaceus, Platyrinchus	42
Mesothen	335, 336	nacunda, Podager	26
Metabalta	272, 273	nahuelhuapiensis, Phalangodus	290
metachrysea, Phoenicoprocta	336, 337	naevius, Ramphodon	27
Metadiscocyrtus	273	Nannochordeiles	26
Metagraphinotus	274	nanus, Itatiaicola	269
Metalycomedes	276	Nasua	210, 217
Metagyndes	274, 275, 276	nasua, Nasua	210, 217
Metapachyloides	276	nasutus, Anoplogynus	236
Metapachylus	277	nasutus, Mus	142
Metapucrolia	277	nasutus, Oxymycterus	143
metatarsalis, Angathisoma	235	nasutus, Uropachylus	300
Meteusarcoides	277	nattereri, Chrysoptilus	31
Meteusarcus	277, 278	naso, Rhynchiscus	209, 211
Micrastur	20	nebulosus, Nunduavius	280
Microxus	133, 145	Nectomys	133, 135
militaris, Ilicura	39	neglectus, Paradiscocyrtus	286
milloti, Discocyrtus	252	nematura, Lochmias	35
Milvago	20	Nemoribalta	278
mimica, Pseudopompilia	337, 338	Neomorpus	23
Mimus	44	Nemosia	48
minensis, Chaquesia	243	Neopachyloides	278
minimus, Oxymycterus	145	Neopachylus	278, 279
minor, Nothura	17	Neopelma	39
minuta, Pucrolia	295	Neothraupis	48
minutus, Discocyrtus	252	Nesopachylus	279
minutus, Xenops	35	nidifrons, Phimosus	18
mirabilis, Biconisoma	238	niger, Discocyrtus	253
misionicus, Trochanteroceros	299	nigerrimus, Discocyrtus	253
mitobatoides, Liopachylus	269	nigerrimus, Knipolegus	40
modestus, Discocyrtus	252	nigricans, Rallus	21
modestus, Sublegatus	43	nigricans, Serpophaga	43
mollis, Ernobius	312	nigricauda, Agyrtrina	27
Molossus	209, 213	nigrimaculatus, Eusarcus	261
Molothrus	48	nigricollis, Anthracothorax	28
monoceros, Nesopachylus	279	nigricollis, Sporophila	49
montana, Oreopeleia	23	nigripes, Diogmites	176
monstrosa, Mangaratiba	272	nigripennis, Diogmites	176
montis, Eusarcus	261	nigrispina, Echimys	162
moraesianus, Discocyrtus	253	nigrita, Akodon	141
mordax, Lonchophylla	209, 212	nigrolineatus, Discocyrtus	253
moschata, Cairina	18	nigronotatus, Carampangue	242

nigrosulcatus, <i>Discoecyrtus</i>	253	pachypalpis, <i>Bunopus</i>	239
nigrosulcatus, <i>Guaraniticus</i>	264	<i>Pachyramphus</i>	38
noctivagus, <i>Crypturellus</i>	16	paessleri, <i>Pachylus</i>	284
nocturnus, <i>Potos</i>	210, 217	pallescens, <i>Neopelma</i>	39
nodaj, <i>Megalobulimus</i>	120	pallescens, <i>Tolmomyias</i>	42
<i>Nomonyx</i>	18	pellatus, <i>Thamnophilus</i>	35
<i>Nonnula</i>	30	pellida, <i>Cranioleuca</i>	34
nonoensis, <i>Parabalta</i>	285	pallidiventris, <i>Myiozetetes</i>	41
norvegicus, <i>Rattus</i>	150	pallidus, <i>Pseudogynodesoides</i>	294
<i>Netharchus</i>	30	palmarum, <i>Thraupis</i>	47
<i>Nothura</i>	17	palpiconus, <i>Temucus</i>	298
norvegicus, <i>Mus</i>	149	palustris, <i>Mus</i>	136
novencinctus, <i>Dasypus</i>	210, 218	paniceum, <i>Stegobium</i>	311, 312, 321
nudicollis, <i>Procnias</i>	38	papa, <i>Sarcoramphus</i>	18
<i>Nunduavius</i>	279, 280	<i>Parabalta</i>	284, 285
<i>Nyctibius</i>	26	<i>Paradiscoecyrtus</i>	286
<i>Nycticorax</i>	17	paradoxa, <i>Bissulla</i>	238
<i>Nyctidromus</i>	26	paradoxus, <i>Pirunipygus</i>	291
<i>Nyctiphrynus</i>	26	paraguayiae, <i>Capella</i>	22
<i>Nystalus</i>	30	paraguayensis, <i>Dacnis</i>	46
obsoletum, <i>Camptostoma</i>	43	paraguayensis, <i>Nemosia</i>	48
obsoletus, <i>Crypturellus</i>	16	<i>Paranaleptes</i>	286
obscurus, <i>Diognites</i>	173, 185	<i>Paraphalangodus</i>	288
ocellata, <i>Parapucrolia</i>	289	<i>Parapachyloides</i>	286, 287
ocellatus, <i>Nyctiphrynus</i>	26	<i>Parapachylus</i>	288
ochrocephala, <i>Cyclarhis</i>	45	<i>Paraprosontes</i>	288
ochrogaster, <i>Penelope</i>	20	<i>Parapucrolia</i>	288, 289
ochropyga, <i>Drymophila</i>	37	<i>Pareusarcus</i>	289
<i>Odontophorus</i>	20	<i>Paroaria</i>	49
<i>Oglobinia</i>	280	<i>Parula</i>	46
olivacea, <i>Cobania</i>	243	parvirostris, <i>Crypturellus</i>	16
olivacea, <i>Sokkupia</i>	296	<i>Passer</i>	45
olivaceus, <i>Phalacrocorax</i>	17	paucigranulatus, <i>Heteropachyloides</i>	267
olivaceus, <i>Rhynchocyclus</i>	42	pectinata, <i>Arruda</i>	237
oliverioi, <i>Discocyrtus</i>	252	pectinifemur, <i>Discocyrtus</i>	254
<i>Oliverius</i>	280	pectinifemur, <i>Metagraphinotus</i>	274
olivina, <i>Schistochlamys</i>	48	pectinigerus, <i>Eusarcus</i>	261
omissus, <i>Campylorhamphus</i>	33	pectoralis, <i>Accipiter</i>	19
<i>Onychorhynchus</i>	42	pectoralis, <i>Tanagra</i>	47
opalocincta, <i>Urolasia</i>	339	pellita, <i>Stagetus</i>	311
ophryophanes, <i>Falco</i>	20	<i>Penelope</i>	20
orbitatus, <i>Euscarthmonis</i>	14, 42	pelzelni, <i>Thamnophilus</i>	36
<i>Orchesticus</i>	48	penhae, <i>Victoriaincola</i>	301
<i>Oreopeleia</i>	23	perditus, <i>Metalycomedes</i>	275
orientalis, <i>Pachyloides</i>	282	perfidus, <i>Discocyrtus</i>	254
orina, <i>Polyacanthoprocta</i>	291	perpusillus, <i>Eusarcus</i>	261
ornata, <i>Senobasis</i>	61	perspicillata, <i>Carollia</i>	209, 213
ornata, <i>Thraupis</i>	47	pertenuis, <i>Discocyrtus</i>	254
ornatus, <i>Graphinotus</i>	264	pertyi, <i>Thorellidia</i>	298
ornata, <i>Laphria</i>	60, 65	petersi, <i>Schoeniophylax</i>	33
ornatus, <i>Spizaetus</i>	19	<i>Petrocchia</i>	289
ornatus, <i>Unduavius</i>	299	<i>Phacellodomus</i>	34
<i>Ortalis</i>	20	<i>Phaeomyias</i>	43
<i>Oryzoborus</i>	49	<i>Phacoprogne</i>	44
<i>Oryzomys</i>	133, 136, 137, 138, 146	<i>Phaethormis</i>	27
<i>Ostinops</i>	48	<i>Phaëtusa</i>	22
<i>Otus</i>	25	<i>Phalacrocorax</i>	17
oxyacanthus, <i>Eusarcus</i>	261	<i>Phalangodus</i>	289, 290
<i>Oxymycterus</i> 133, 142, 143, 144, 145, 210, 216		phalattes, <i>Prosonetes</i>	293
<i>Oxyrhina</i>	280, 281	phasianellus, <i>Dromococcyx</i>	23
<i>Oxyruncus</i>	44	philander, <i>Caluromys</i>	210, 220
paca, <i>Cuniculus</i>	160	<i>Phloeocastes</i>	32
paca, <i>Mus</i>	159	<i>Phylloscartes</i>	42
<i>Pachyloides</i>	281, 282, 283	<i>Phyllomyias</i>	43
<i>Pachylometoides</i>	281	<i>Philydor</i>	34
<i>Pachylus</i>	283, 284	<i>Phimosus</i>	18
<i>Pachylusius</i>	284	phoenicoprocta	336, 337
		<i>Phyllostomus</i>	209, 211

physodes, <i>Holochilus</i>	134	<i>Procnias</i>	38
<i>Piaya</i>	23	<i>Proechimys</i>	161, 164
<i>picea</i> , <i>Cobania</i>	244	<i>Progne</i>	44
<i>piceus</i> , <i>Pseudorus</i>	61	<i>Progyndes</i>	291, 292, 293
<i>Piculus</i>	31	<i>Pronomopsis</i>	55, 56, 58, 60, 64
<i>Picumnus</i>	32	<i>Prosampycus</i>	293
<i>pileatus</i> , <i>Accipiter</i>	19	<i>Prosontes</i>	293
<i>pileatus</i> , <i>Coryphospingus</i>	50	<i>prospicius</i> , <i>Discocyrtus</i>	254
<i>pileatus</i> , <i>Pilherodius</i>	17	<i>prymnolopha</i> , <i>Dasyprocta</i>	209, 214
<i>Pilherodius</i>	17	<i>Pseudogyndes</i>	293
<i>pilula</i> , <i>Stagetus</i>	311	<i>Pseudogyndesoides</i>	293, 294
<i>pintoi</i> , <i>Megalobulimus</i>	121	<i>Pseudoleistes</i>	49
<i>pintoi</i> , <i>Pulsatrix</i>	25	<i>pseudojalapensis</i> , <i>Diogmites</i>	176
<i>Pionus</i>	25	<i>Pseudopompilia</i>	337, 338
<i>Pipra</i>	39	<i>Pseudorus</i>	54, 56, 58, 61, 81
<i>Pipraeidea</i>	47	<i>Pseudoryctus</i>	54, 55, 56, 58, 61, 75
<i>Pipromorpha</i>	14, 43	<i>Psiloicus</i>	112, 113, 124, 125
<i>Piranga</i>	47	<i>Psilopleura</i>	338
<i>Piresa</i>	290	<i>Pteroglossus</i>	30
<i>Pirunipygus</i>	291	<i>pucherani</i> , <i>Chlorostilbon</i>	28
<i>pitangua</i> , <i>Megarhynchus</i>	41	<i>Pucrolia</i>	294, 295
<i>Pitangus</i>	41	<i>pugnax</i> , <i>Pachylometoides</i>	281
<i>pitiayumi</i> , <i>Parula</i>	46	<i>pulchella</i> , <i>Metagyndes</i>	275
<i>Pitylus</i>	49	<i>pulchra</i> , <i>Goitacazia</i>	263
<i>pizai</i> , <i>Discocyrtus</i>	253	<i>Pulsatrix</i>	25
<i>plana</i> , <i>Hernandarioides</i>	266	<i>pulsatrix</i> , <i>Pulsatrix</i>	25
<i>plana</i> , <i>Nemoribalta</i>	278	<i>punctatum</i> , <i>Anobium</i>	310, 313
<i>planiceps</i> , <i>Lycomedicus</i>	271	<i>pusillus</i> , <i>Eusarcus</i>	261
<i>platensis</i> , <i>Embernagra</i>	50	<i>pusillus</i> , <i>Nannochordeiles</i>	26
<i>Platycichla</i>	45	<i>pustulata</i> , <i>Acanthoprocta</i>	235
<i>Platygynodes</i>	291	<i>pygmaeus</i> , <i>Picumnus</i>	32
<i>Platypsaris</i>	14, 38	<i>Pygochelidon</i>	44
<i>Platyrinchus</i>	42	<i>Pyriglena</i>	37
<i>platyrostris</i> , <i>Dendrocolaptes</i>	32	<i>Pyrocephalus</i>	40
<i>Plegadis</i>	18	<i>Pyroderus</i>	38
<i>plumbea</i> , <i>Columba</i>	22	<i>pyrrha</i> , <i>Mesothera</i>	336
<i>plumbea</i> , <i>Ictinia</i>	19	<i>Pyrrhura</i>	24
<i>plumbea</i> , <i>Sporophila</i>	49	<i>quadrivittatus</i> , <i>Artibeus</i>	209, 212
<i>plumbeiceps</i> , <i>Todirostrum</i>	14, 42	<i>quæstor</i> , <i>Oxymycterus</i>	144
<i>plumbeus</i> , <i>Dysithamnus</i>	12	<i>queribundus</i> , <i>Herpetotheres</i>	20
<i>Pluvialis</i>	22	<i>Quitete</i>	295
<i>Podager</i>	26	<i>Rallus</i>	21
<i>poecilopterus</i> , <i>Geobates</i>	33	<i>Ramphastos</i>	30
<i>Poecilurus</i>	34	<i>Ramphocaenus</i>	14, 37
<i>Pogonotriccus</i>	14, 42	<i>Ramphocelus</i>	47
<i>poicilotis</i> , <i>Hylophilus</i>	45	<i>Ramphodon</i>	27
<i>polia</i> , <i>Psilopleura</i>	338	<i>Ramphotrigon</i>	42
<i>Policcephalus</i>	17	<i>rarissima</i> , <i>Capichabesia</i>	241
<i>poliocephalum</i> , <i>Todirostrum</i>	14, 42	<i>rarus</i> , <i>Discocyrtus</i>	254
<i>polionotz</i> , <i>Leucopternis</i>	19	<i>Rattus</i>	149, 150, 151, 210, 217
<i>Polioptila</i>	45	<i>rattus</i> , <i>Rattus</i>	150
<i>Polyacanthoprocta</i>	291	<i>rectipes</i> , <i>Discocyrtus</i>	254
<i>Polyborus</i>	20	<i>rectirostris</i> , <i>Hylocryptus</i>	35
<i>polyglottus</i> , <i>Cistothorus</i>	44	<i>reedii</i> , <i>Parabalta</i>	285
<i>Polytmus</i>	28	<i>reichenbachii</i> , <i>Leptotila</i>	23
<i>Poospiza</i>	13, 50, 51	<i>Reinarda</i>	26
<i>porcellus</i> , <i>Mus</i>	155	<i>reinhardi</i> , <i>Eugyndes</i>	257
<i>Porphyrospiza</i>	49	<i>reticulatus</i> , <i>Diogmites</i>	172, 173, 181
<i>Porphyrula</i>	21	<i>Rhinopteryx</i>	25
<i>porteri</i> , <i>Metabalta</i>	273	<i>Rhipidomys</i>	133, 148, 149
<i>Porzana</i>	21	<i>Rhizopertha</i>	322
<i>postflava</i> , <i>Corematura</i>	90, 102, 103	<i>rhodocorytha</i> , <i>Amazona</i>	25
<i>Potus</i>	210, 217	<i>rhombugulata</i> , <i>Senobasis</i>	61
<i>prehensilis</i> , <i>Coendou</i>	209, 214	<i>Rhynchiscus</i>	209, 211
<i>prehensilis</i> , <i>Histrix</i>	152	<i>Rhynchops</i>	22
<i>pretiosa</i> , <i>Claravis</i>	23	<i>Rhynchotus</i>	16
<i>pretiosus</i> , <i>Temucus</i>	298	<i>Rhynchocyclus</i>	42
<i>pretrei</i> , <i>Phaethornis</i>	27	<i>Rhytipterna</i>	12, 38

ridgwayi, <i>Myiobius</i>	41	scarlatina, <i>Pipra</i>	39
Riosegundo	295	Schiffornis	39
robustus, <i>Heteropachyloides</i>	267	Schistochlamys	48
robustus, <i>Pachyloides</i>	282	Schoeniophylax	33
robustus, <i>Phloeocastes</i>	32	Schubartesia	295
roeweri, <i>Progyndes</i>	292	schubarti, <i>Eusarcus</i>	262
rolandianus, <i>Megalobulimus</i>	122	sciureus, <i>Holochilus</i>	210, 216
roquettei, <i>Phylloscartes</i>	42	Sclerurus	35
rostellatus, <i>Oxymycterus</i>	144	Sciurus	131, 210, 215
Rostrhamus	19	scutatus, <i>Augastes</i>	28
rubecula, <i>Nonnula</i>	39	scutatus, <i>Poecilurus</i>	34
ruber, <i>Phacellodomus</i>	34	scutatus, <i>Pyroderus</i>	38
ruber, <i>Phaethornis</i>	27	Scytalopus	37
rubica, <i>Habia</i>	47	secundus, <i>Metalycomedes</i>	275
rubescens, <i>Coryphospingus</i>	50	seledon, <i>Tanagra</i>	12, 47
rubescens, <i>Diogmites</i>	176	Selenidera	31
rubinus, <i>Pyrocephalus</i>	40	semipartitus, <i>Discocyrtus</i>	254
rubricauda, <i>Clytolaema</i>	28	semitorquatus, <i>Micrastur</i>	20
rubripes, <i>Pronomopsis</i>	60	Senobasis	55, 56, 58, 60, 64
rufa, <i>Casiornis</i>	38	Serpophaga	43
rufa, <i>Formicivora</i>	36	serrana, <i>Formicivora</i>	36
rufescens, <i>Melanopareia</i>	38	serrinha, <i>Neopachylus</i>	279
rufescens, <i>Rhynchotus</i>	16	serrifemur, <i>Discocyrtus</i>	255
rufibasis, <i>Diogmites</i>	177	serrensis, <i>Akodon</i>	142
ruficapilla, <i>Hemithraupis</i>	48	serripes, <i>Luederwaldtia</i>	270
ruficapilla, <i>Synallaxis</i>	33	serrirostris, <i>Colibri</i>	28
ruficapillus, <i>Schistochlamys</i>	48	serrirostris, <i>Tanagra</i>	46
ruficapillus, <i>Thamnophilus</i>	36	serrulatus, <i>Heteropachyloides</i>	267
ruficauda, <i>Myrmeciza</i>	37	setulosus, <i>Apembolephaenus</i>	237
ruficeps, <i>Formicarius</i>	37	setulosus, <i>Thaumatopachylus</i>	298
ruficollis, <i>Cathartes</i>	18	severa, <i>Mackenziaena</i>	35
ruficollis, <i>Micrastur</i>	20	sibilator, <i>Sirystes</i>	41
ruficollis, <i>Stelgidopteryx</i>	44	Sibollus	295, 296
rufifrons, <i>Phacellodomus</i>	34	Sicalis	50
rufipalpis, <i>Diogmites</i>	173, 190	sicaria, <i>Parabata</i>	285
rupestris, <i>Kerodon</i>	210, 214	similis, <i>Saltator</i>	49
rufiventris, <i>Megapoda</i>	61, 75	simplex, <i>Discocyrtus</i>	255
rufiventris, <i>Pipromorpha</i>	14, 43	simplex, <i>Rhytipterna</i>	12, 38
rufiventris, <i>Pseudorychus</i>	56, 61, 76	simplex, <i>Singram</i>	296
rufiventris, <i>Thryothorus</i>	44	Singram	296
rufiventris, <i>Turdus</i>	45	singularis, <i>Allelochirus</i>	234
rufomarginatus, <i>Herpsilochmus</i>	14	singularis, <i>Anoplogynus</i>	236
rufoviridis, <i>Galbula</i>	29	singularis, <i>Bunostigma</i>	240
rufu, <i>Molossus</i>	209, 213	singularis, <i>Discocyrtus</i>	255
rufus, <i>Attila</i>	12, 38	singularis, <i>Schubartesia</i>	295
rufus, <i>Oxymycterus</i>	145	singularis, <i>Singram</i>	296
rufus, <i>Philydor</i>	34	Sittasomus	33
rufus, <i>Platypsaris</i>	14, 38	Sirystes	41
rufus, <i>Tachyphonus</i>	47	siy, <i>Pionus</i>	25
rugosus, <i>Metapachyloides</i>	276	spilogaster, <i>Veniliornis</i>	32
russatus, <i>Holochilus</i>	135	spinifemur, <i>Discocyrtus</i>	255
russeola, <i>Certhiaxis</i>	34	spinifrons, <i>Currala</i>	244
rutilans, <i>Xenops</i>	35	spinimanu, <i>Eusarcus</i>	262
rutilus, <i>Caprimulgus</i>	26	spiniger, <i>Heteropachylus</i>	267
rivularis, <i>Basileuterus</i>	14, 46	Spinivunus	297
saira, <i>Piranga</i>	47	Scaesia	296
sallei, <i>Diogmites</i>	177	sociabilis, <i>Rostrhamus</i>	19
Saltator	49	Sekkupia	296
sanctaeteresae, <i>Camposicoloides</i>	241	solitaria, <i>Tringa</i>	22
sanctipauli, <i>Pirena</i>	291	solitarius, <i>Archiplanus</i>	48
sanguinea, <i>Phoenicoprocta</i>	337	solitarius, <i>Myiodynastes</i>	41
saracura, <i>Aramides</i>	21	solitarius, <i>Tinamus</i>	16
Sarcoramphus	18	sooretamae, <i>Metagraphinotus</i>	274
Satrapa	40	sordida, <i>Elaenia</i>	43
scansor, <i>Sclerurus</i>	35	sordida, <i>Thlypopsis</i>	48
Scapanus	32	speciosum, <i>Conirostrum</i>	46
scapularis, <i>Herpsilochmus</i>	36	speciosus, <i>Polioccephalus</i>	17
Scardafella	22	spectabilis, <i>Acanthopachylopsis</i>	234

speluncae, Scytalopus	37	taciturnus, Arremon	50
Speotyto	25	tajacu, Tayassu	210, 219
Sphaleropachylus	297	talpacoti, Columbbigallina	22
spinipes, Neopachyloides	278	Tamandua	210, 218
spinosus, Discocyrtus	255	Tanagra	12, 46, 47
spinosus, Echimys	161	Tapera	23
spinosus, Pachyloides	282	tapetillus, Sylvilagus	130
spiniventris, Nesopachylus	279	Taraba	35
spinulosa, Berlaia	238	tataupa, Crypturellus	16
Spinus	50	tau, Diogmites	174, 197
spixi, Synallaxis	34	taurus, Pachyloides	283
spixii, Galea	210, 215	Tayassu	210, 219
spixii, Pachyramphus	38	Tegyra	297
spiza, Chlorophanes	14	telifer, Ampycus	234
Spizaetus	19	Temucus	297, 298
Sporophila	49	tenebrosa, Chelidoptera	12
springmanni, Gyndoides	265	tener, Hesperomys	148
squalidus, Phaethornis	27	tenuis, Discocyrtus	255
squamata, Drymophila	37	Terenura	37
squamata, Reinarda	26	Tersina	46
squamatus, Lepidocolaptes	32	teresincola, Eusarcus	262
squamipes, Nectomys	135	terezopolis, Discocyrtus	255
squamata, Scardafella	22	ternatus, Diogmites	174, 198
squamosus, Heliomaster	28	tetracalcar, Guaraniticus	264
Stagetus	311	tetradactyla, Tamandua	210, 218
stagurus, Taraba	35	Tetrao	17
staurophora, Senobasis	61	testudineus, Discocyrtus	255
Stegobium	311, 312, 321	Thalurania	28
Stelgidopteryx	44	Thamnomanes	36
Stephanophorus	47	Thamnophilus	12, 35, 36
Stephanoxis	29	thaumantias, Polytmus	28
sterea, Cyanocompsa	49	Thaumatopachylus	298
Sterna	22	Theristicus	18
stictothorax, Dysithamnus	36	Thlypopsis	48
Streptoprocne	26	Thomasomys	133, 147
striata, Malacoptila	30	thoracicus, Hylophilus	45
striatus, Butorides	17	thorelli, Pachyloides	283
striatus, Uropachylus	300	Thorellidia	298
Strophocheilus	110, 112, 113, 114, 115, 116, 119	Thraupis	47
stygius, Asio	25	Thryothorus	44
subcristata, Serpophaga	43	thula, Leucophoyx	17
subflavus, Oryzomys	137	tibialis, Harpachylus	266
subinermis, Discocyrtus	255	tibialis, Senobasis	61
Sublegatus	43	Tigrisoma	17
subsimilis, Pseudogyndes	293	Tijuca	38
subterraneus, Akodon	140	timida, Piresa	291
subtorquata, Zonotrichia	50	Tinamus	16, 17
Suiriri	43	Tirica	24
suiriri, Suiriri	43	tirica, Tirica	24
sulcatus, Eusarcus	262	titicaca, Platygyndes	291
sulphurescens, Tolmomyias	42	Tityra	38
superbus, Diogmites	172, 177, 178	Tolmomyias	42
superciliaris, Sterna	22	Tcdirostrum	14, 42
superciliosus, Accipiter	12, 19	thomasi, Echimys	163
surrucura, Trogon	29	torquata, Ceryle	29
Sus	154	torquata, Hydropsalis	26
sylvaticus, Lepus	129	torquatus, Thamnophilus	36
sylvestris, Columba	22	Trachops	209, 213
sylviellus, Lophotriccus	14, 42	transfluvialis, Veniliornis	32
sylviellus, Sittasomus	35	Tribunosoma	298
Sylvilagus	129, 130, 209, 213	tricalcaratus, Progyndes	292
synacanthus, Paraphalangodus	288	Triclaria	25
Synallaxis	33	Trichothraupis	48
swainsoni, Myiarchus	41	tricolor, Alectrurus	40
swainsoni, Notharchus	30	tricolor, Diogmites	177
swainsoni, Onychorhynchus	42	tricolor, Myiarchus	41
Tachyphonus	47	tridactyla, Jacamaralcyon	30
		tridactylus, Bradypus	210, 218

trifidus, <i>Metagyndes</i>	276	vestitus, <i>Discocyrtus</i>	256
<i>Triglochinnura</i>	299	vetula, <i>Muscipipra</i>	40
<i>Tringa</i>	22	<i>Victoriaincola</i>	301
trinitatis, <i>Echimys</i>	164	viduata, <i>Dendrocygna</i>	18
tripos, <i>Eusarcus</i>	262	villosus, <i>Coendou</i>	153
<i>Tripsurus</i>	31	vinacea, <i>Amazona</i>	24
trispinifrons, <i>Progyndes</i>	293	violacea, <i>Oreopeleia</i>	23
trochanteralis, <i>Paradiscocyrtus</i>	286	<i>Vireo</i>	45
<i>Trochanteroceros</i>	299	virescens, <i>Diogmites</i>	172, 182
trochanterspinosus, <i>Metagraphinotus</i> ..	274	virescens, <i>Schiffornis</i>	39
<i>Troglodytes</i>	44	virescens, <i>Xanthomyias</i>	43
<i>Trogon</i>	29	viridicata, <i>Myiopagis</i>	43
tuberculata, <i>Metabalta</i>	273	viridis, <i>Pachyramphus</i>	38
tuberculatus, <i>Ariaeus</i>	237	viridis, <i>Tersina</i>	46
tuberculatus, <i>Pachyloides</i>	283	vittata, <i>Psilopleura</i>	338
tucumana, <i>Bosqia</i>	238	vividus, <i>Forpus</i>	24
tucumanus, <i>Pachyloides</i>	283	<i>Volatinia</i>	50
tuidara, <i>Tyto</i>	25	vulgaris, <i>Conopophaga</i>	37
<i>Turdus</i>	45	vulgaris, <i>Diogmites</i>	174, 194
turdinus, <i>Schiffornis</i>	39	weyrauchi, <i>Senobasis</i>	61, 72
<i>Tyrannus</i>	40	wiedii, <i>Pteroglossus</i>	30
tyrannus, <i>Muscivora</i>	40	winthemi, <i>Diogmites</i>	174, 196
tyrannus, <i>Spizaetus</i>	20	wohlersi, <i>Megalobulimus</i>	123
<i>Tyto</i>	25	wygodzinskyi, <i>Diogmites</i>	174, 198
uncina, <i>Soaresia</i>	296	wygodzinskyi, <i>Discocyrtus</i>	256
uncinatus, <i>Chondrohierax</i>	19	ypecaha, <i>Aramides</i>	21
uncinatus, <i>Parapachyloides</i>	287	yetapa, <i>Elanoides</i>	19
<i>Unduavius</i>	299	yetapa, <i>Gubernetes</i>	39
unicolor, <i>Haplospiza</i>	14, 51	ypiranga, <i>Uropachylus</i>	300
<i>Urolasia</i>	339	ypsilonota, <i>Guascaia</i>	264
<i>Uropachylus</i>	299, 300	<i>Ypsilonurus</i>	301
<i>Uropelia</i>	23	<i>Yraguara</i>	301, 302
urosticta, <i>Myrmotherula</i>	36	xanthoacanthus, <i>Paranaleptes</i>	286
urubitinga, <i>Hypomorphnus</i>	19	xanthogaster, <i>Tanagra</i>	46
valencio-buenoi, <i>Icterus</i>	48	<i>Xanthomyias</i>	43
validissima, <i>Flangeia</i>	263	<i>Xenops</i>	35
variegatus, <i>Crypturellus</i>	16	<i>Xiphocolaptes</i>	32
varipennis, <i>Ampyx</i>	61	<i>Xolmis</i>	32
varius, <i>Empidonomus</i>	40	<i>Zalanodius</i>	302
vegetus, <i>Discocyrtus</i>	256	<i>Zenaidura</i>	22
velata, <i>Geothlypis</i>	46	zonaris, <i>Streptoprocne</i>	26
velata, <i>Xolmis</i>	39	zoppeii, <i>Oxyrhina</i>	281
<i>Veniliornis</i>	32	<i>Zonotrichia</i>	50
ventralis, <i>Phylloscartes</i>	42	zorodes, <i>Bristoweia</i>	239
vervloeti, <i>Eusarcus</i>	262	<i>Zygodontomys</i>	133, 146
vermiculatus, <i>Crypturellus</i>	16		

